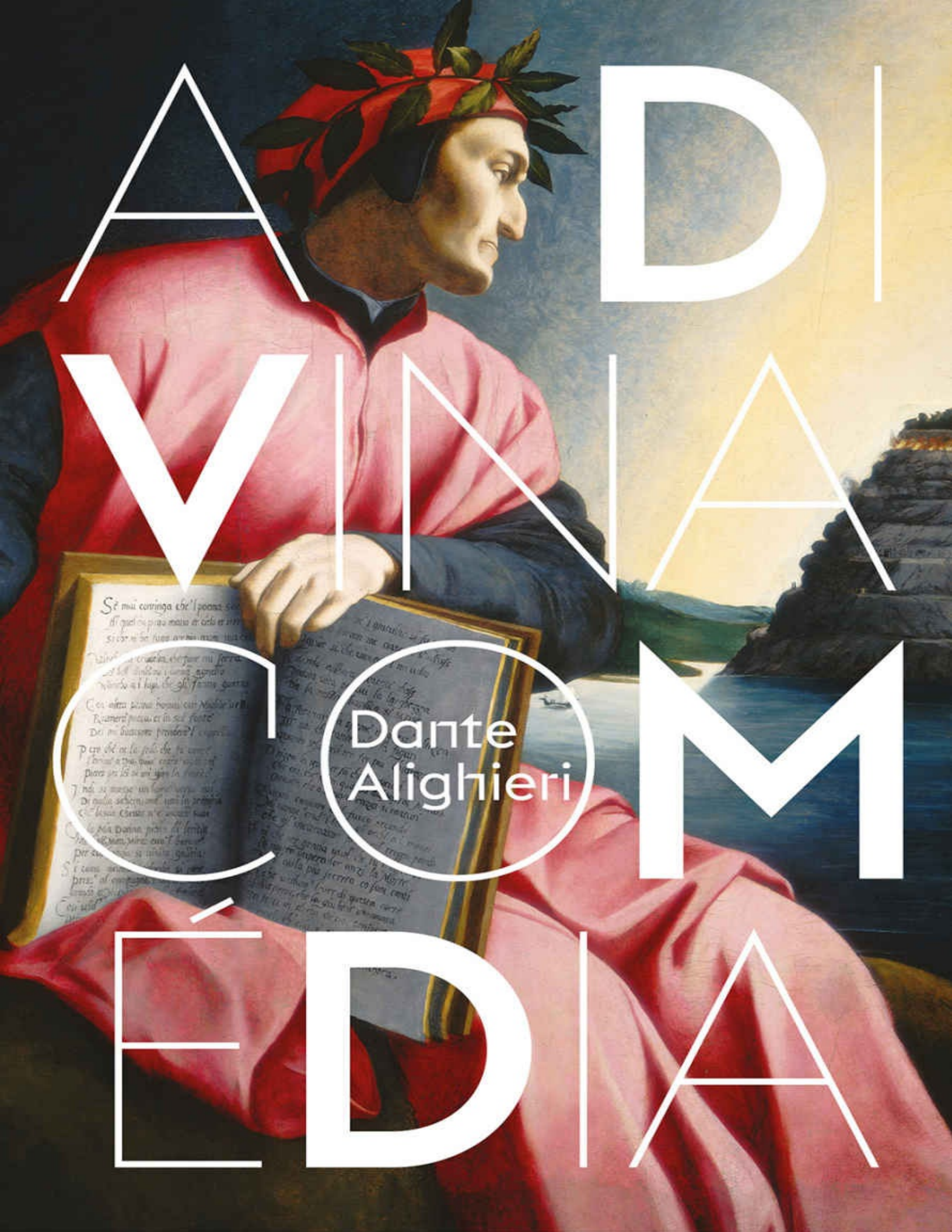




Dante
Alighieri



A divina comédia

13ª edição

Dante
Alighieri

vol. 1
Inferno

vol. 2
Purgatório

vol. 3
Paraíso

ilustrações
Gustave Doré

introdução
Otto Maria Carpeaux

tradução
Xavier Pinheiro



Inferno

A divina comédia

12ª edição

Dante
Alighieri

vol. I
Inferno

ilustrações
Gustave Doré

estudo introdutório
Otto Maria Carpeaux

tradução
Xavier Pinheiro



Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A.
Rua Nova Jerusalém, 345 – Bonsucesso – 21042-235
Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Tel.: (21) 3882-8200 – Fax: (21) 3882-8212/8313

Imagem de capa: Allegorical Portrait of Dante / Wikimedia Commons.

CIP-Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

A399d
12. ed.
v. 1

Alighieri, Dante, 1265-1321

A divina comédia: inferno/Dante Alighieri; ilustração Gustave Doré; tradução Xavier Pinheiro; introdução Otto Maria Carpeaux . – 12. ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.
176 p. : il.

Tradução de: Divina commedia: inferno
ISBN: 9788520941584

1. Poesia italiana. I. Doré, Gustave. II. Pinheiro, Xavier. III. Carpeaux, Otto Maria. IV. Título.

17-41759

CDD 851
CDU 821.131.1-1

Escrever uma introdução para uma edição de *A Divina Comédia* significa assumir grave responsabilidade. Pois trata-se do maior poema da literatura universal.

O maior? Nietzsche advertiu, certa vez, contra o uso de superlativos: o superlativo sempre provoca protestos. Então, vamos ver os argumentos de quem pretende protestar. Os argumentos seriam, no caso, outros títulos, outras obras consideradas maiores ou, pelo menos, iguais a *A Divina Comédia*: *Ilíada*, *Odisseia*, *Dom Quixote*, *Hamlet* ou *Macbeth*, *Fausto*, *Guerra e Paz*, *Os Irmãos Karamázov*, *Ulysses*. São obras máximas. Mas cada uma delas, quando comparadas com a obra de Dante, revela certa unilateralidade: representam este ou aquele aspecto do Universo literário; mas *A Divina Comédia* é o Universo literário inteiro. Como pode alguém ter a audácia de abusar da paciência de quem pretende abrir este volume, prendendo-o à porta e querer obrigá-lo a ler um prefácio?

Tenho para mim, apenas, que o prefácio não é desnecessário. A leitura de *A Divina Comédia* não é fácil. Não basta lê-la. É preciso lê-la e relê-la. Certa vez, eu disse a um repórter, em entrevista, que costumo reler, todos os anos, *A Divina Comédia* inteira. Sei de cor muitos trechos e conheço de sobra, talvez mais, certas explicações e interpretações; mas, por outro lado, a *Comédia* virou parte das minhas experiências de vida, como se eu tivesse acompanhado o poeta na viagem pelos três reinos do outro mundo: Inferno, Purgatório, Paraíso. Esses dois aspectos de minha leitura de Dante inspiram-me a dividir a presente introdução em duas partes. Na primeira parte pretendo comunicar o máximo de informação sobre Dante, no mínimo de palavras. Na segunda parte transmitirei minhas experiências de leitor de Dante.

* * *

Dante Alighieri nasceu em 1265 em Florença. A experiência fundamental de sua juventude foi o amor por Beatriz Portinari, um amor platônico à moda dos trovadores provençais, amor inesquecível que chegará a colocar a Beatriz no Paraíso. Seguiram-se anos de estudo de filosofia escolástica, em Florença e em Bolonha, e, provavelmente, algum tempo de vida desregrada, boêmia. Depois, Dante entrou na luta política. Não pretendo perturbar o leitor com detalhes sobre a guerra civil permanente, na cidade, entre os “Guelfi” e os “Ghibellini”, os “pretos” e os “brancos”. É preciso ler as crônicas contemporâneas, de Compagna ou a de Villani, para formar-se opinião sobre a fúria desenfreada que essa luta inspirou aos militantes. Dante também foi um combatente furioso; e experimentou as vicissitudes de esplendor e miséria. Chegou a desempenhar altas funções políticas. Mas, depois da derrota do seu partido, foi, em 1302, exilado, para sempre, de sua cidade. Encontrou refúgio em Verona, na corte do Con. Grande delle Scala. Fez várias tentativas, frustradas todas elas, de mobilizar outros príncipes contra Florença. Encontrou o último refúgio em Ravena, onde em 1321 morreu. Seu túmulo, na parede exterior da Igreja de S. Francisco, é o monumento do exilado *par excellence*; pois nem na morte quis voltar para sua infiel cidade natal. Mas em Florença realizaram-se, já em 1324, preleções públicas sobre *A Divina Comédia*. A imortalidade tinha começado.

A *Comédia* é a grande obra de Dante, mas não é a única. Nem são desimportantes as outras. Antes de tudo, *La Vila Nuova*, a coleção de poesias de amor, em louvor a Beatriz, escritos ou reunidos, com texto explicativo em prosa, por volta de 1232. É a primeira grande poesia lírica em língua italiana.

Contrastam com ela as *Canzoni Pietrose* ou “Canções de Pedra”, poesias de um realismo duro como pedra. A *Vila Nuova* lembra o *Paraíso*; as *Canzoni Pietrose*, o *Inferno*. Juntos, formam a base de *A Divina Comédia*. As obras em prosa servem para explicar ou justificar certos aspectos da obra máxima.

Dante foi, como se sabe, estudioso da filosofia escolástica de seu tempo. As lições cosmológicas e éticas de São Tomás de Aquino forneceram-lhe a estrutura ou, por assim dizer, o andaime do poema. Ele próprio, não sendo arquiteto de um sistema filosófico, expôs as ideias básicas do seu pensamento

em *Convivio*, escrito entre 1306 e 1309. Essa filosofia parecia ao poeta indiscutível; e ficou mesmo indiscutida em seu tempo. Em compensação, nem todos os contemporâneos estavam dispostos a aceitar o pensamento político de Dante. O poeta insistiu na doutrina medieval dos dois poderes: o Poder Temporal, representado pelo Imperador, e o Poder Espiritual, representado pelo Papa, sendo que Dante repeliu com veemência as intervenções do Papado na esfera profano-política, atribuindo ao Imperador a superioridade. Mas Dante foi um utopista às avessas, adepto teimoso das instituições de um passado já perempto: pois, em seu tempo, o Imperador já tinha perdido o poder real e o do Papa cedeu aos novos reinos, sobretudo ao da França. *De Monarchia* foi escrita entre 1314 e 1318, para justificar as atividades políticas de Dante — e seu poema. Obra de justificação também é *De Vulgari Eloquentia*, isto é, “Sobre a Língua do Povo”; nesse tratado pretende Dante explicar por que, ao escrever sua obra máxima, tinha desprezado a língua latina, então considerada a única capaz de exprimir sentimentos e pensamentos elevados, e por que tinha preferido escrever na língua do povo, em italiano. Redigiu o *De Vulgari Eloquentia*, paradoxalmente, em latim, para que os eruditos o ouvissem e lhe compreendessem os motivos. Mas já não era necessário pedir o consentimento dos eruditos da época. Foram os fatos que justificaram, com eloquência ainda maior que a sua, a resolução do poeta. Dante criou a língua literária italiana. Dante criou a própria literatura italiana. A primeira grande obra da literatura italiana é, ao mesmo tempo, a maior obra da literatura italiana: é *A Divina Comédia*.

É um poema *sui generis* que não se parece com nenhum outro. Será epopeia? Ou poema lírico? Ou poema dramático? *A Divina Comédia* parece epopeia, pelo grande tamanho, pela forma narrativa. Mas não é uma epopeia, porque não conta um enredo coerente — compõe-se de centenas de episódios — e porque não é uma narração objetiva: no centro do poema não se encontra um personagem principal, mas o próprio poeta, que fala, durante a obra toda, em seu próprio nome, manifestando seus pensamentos, seus sentimentos, seus sofrimentos, suas denúncias veementes e sua confissão humilde. Esse subjetivismo é próprio da poesia lírica. Mas será *A Divina Comédia* um poema lírico? O próprio Dante não estaria de acordo. Pode-se admirar um poema lírico sem aceitar a verdade do pensamento manifestado nele. Mas Dante exigiu que se acreditasse na veracidade teológica, filosófica, ética e

política de seu pensamento. Em sua obra pretendia representar o grande drama cósmico. Seria — embora não destinado para o palco — um poema dramático; e porque o fim, no *Paraíso*, não era trágico, deu-lhe ou permitiu que outros lhe conferissem o nome de *Comédia*.

A posteridade tem aceito esse ponto de vista do poeta. Sempre tem admirado sobretudo o *Inferno*, cheio de episódios altamente dramáticos. A crítica moderna acaba de redescobrir o alto valor poético do *Paraíso*. Mas não vamos desprezar o *Purgatório*. A *Divina Comédia* é um conjunto indivisível. Um colosso gigantesco. Difícil é o acesso. Vista de longe, a montanha parece inacessível. Quando se chega mais perto, o espírito do leitor se perde em mil pormenores maravilhosos ou estranhos. Dante precisava de um guia, na pessoa de Virgílio, para conduzi-lo. Também precisamos de um guia. O próprio poeta reconheceu essa necessidade. Mas em vez de facilitar-nos o caminho, contribuiu para torná-lo mais árido. Acreditava nas teorias da exegese escolástica. E afirma que seu poema tem nada menos que quatro sentidos ou níveis de interpretação: o nível literal ou histórico, aquilo que as palavras e os versos dizem diretamente; o sentido alegórico e tipológico, isto é, aquilo que as palavras e os versos significam ao leitor oculto; o sentido tropológico ou moral, isto é, aquilo que podemos aprender de proveitoso ao estudar a obra: e, enfim, o sentido anagógico ou místico que só se abre ao iniciado. Quero ver o leitor moderno que não fique perturbado por artes exegéticas dessas. Talvez nenhuma crítica literária as aceite. Mas vendo mais de perto percebemos que a crítica literária de todos os tempos não tem feito outra coisa que aplicar os critérios de Dante, talvez sem sabê-lo ou sem admiti-lo.

Durante grande parte do século XIX e até o nosso tempo inúmeros eruditos estudaram a fundo *A Divina Comédia*, explicando as alusões a personalidades e acontecimentos contemporâneos do poeta, esclarecendo dificuldades gramaticais e lexicológicas, expondo o pensamento teológico, ético, filosófico, político do poeta, já remoto das nossas crenças e convicções; e reconhecemos nesse trabalho imenso e útil a interpretação literal-histórica, o primeiro dos quatro níveis de Dante. Depois, vieram os românticos e os estetas. Pouco se importavam com as dificuldades e os detalhes. Dispensavam o comentário erudito, preferindo ficar impressionados pela beleza dos famosos episódios e trechos líricos; e reconhecemos o sentido “tropológico”. Depois veio o grande filósofo Benedetto Croce, rejeitando

tudo, no poema, que só teve importância para a época de Dante, para conservar apenas o que é geralmente humano e válido para todos os tempos: o sentido “tipológico”. Hoje em dia já não se admite essa desintegração da obra que é estudada e admirada como uma grandiosa estrutura coerente, da qual cada verso e cada palavra contêm em germe o sentido global, inteiro; o que é o critério “anagógico”.

Nessa altura, o leitor que comprou o presente volume dirá, um pouco aborrecido: — “Mas que poema é este que não posso ler como a qualquer outro livro? Que obra é esta que precisa de tantas interpretações e comentários e explicações? Que tenho eu com tudo isso? Com uma obra tão árida, tão difícil, escolástica?”

Não estou de acordo. *A Divina Comédia* não se me afigura difícil nem árida. Sempre a releio, há muitos anos. E cada vez mais essa leitura se integra na minha própria vida, nas minhas próprias experiências. Vou referi-las, com inteira franqueza.

* * *

Quem já esteve perante o túmulo de Dante em Ravena ou ao pé de sua estátua na “Piazza Santa Croce”, em Florença, sabe instintivamente que esse grande homem também foi — assim como os contemporâneos o descrevem — um homem intratável, irascível e orgulhoso. Tenho a convicção íntima do seu direito de ser lembrado e venerado por todos os séculos futuros. Uma pretensão enorme. Mas, afinal, ele não estaria presente, materialmente, a esse seu culto. E embora seja Dante o único leigo — e não canonizado como santo — ao qual foi dedicada uma encíclica do Papa, em 1921, no seiscentésimo aniversário de sua morte, apesar disso não foi Dante levado aos altares. Aquela pretensão enorme se reduz à exigência de ser lido e relido.

Realmente, como poderíamos condignamente venerar as cinzas guardadas no túmulo de Ravena senão pela leitura e releitura do “*poema sacro, al quale ha posto mano e cielo e terra*”? Essa exigência de Dante transparece nas palavras em que Brunetto Latini, o autor do *Tesoro*, se dirige a Dante no Inferno.

“*Sieti raccomandato il mio Tesoro
nel qual io vivo ancora, e più non chaggio*”.

“Que te fique recomendado meu Tesouro, em que ainda vivo; não estou pedindo mais”. Dante “não pede mais”. Mas é imensa nossa responsabilidade, nós, a que o tesouro inesgotável de *A Divina Comédia* está “recomendado”: para lê-la e relê-la.

Um grande crítico italiano, Tommaseo, disse: “Ler Dante é um dever; relê-lo é uma necessidade.” Mas por que e como?

Por que reler sempre a *Comédia*, se nossa memória é capaz de guardar mais ou menos fielmente os pontos mais altos do poema, os versos que se gravaram indelevelmente na consciência do gênero humano? Não há quem ignore os famosos grandes episódios: Francesca da Rimini e Paolo que se perderam no amor adúltero; Pier delle Vigne, que chora durante toda a eternidade seu suicídio; Farinato, o altivo, desafiando Deus e o mundo e, agora, “desprezando o próprio Inferno” (“*com’avesse l’Inferno in gran dispritto*”); Ugolino, que morreu tão tragicamente, junto com os seus filhos; Ulisses, que tentou os fins do mundo e encontrou seu próprio fim no mar; e tantos outros. E não há quem não guarde na memória os muitos versos citáveis, a começar por aqueles dizeres no pórtico do Inferno, que viraram, quase, lugar-comum: “*Lasciate ogni speranza, voi ch’entrate*”, até, enfim, o último verso: “*L’amor che move il sole e l’altre stelle*”. Ou esse outro verso, menos conhecido, que tantas vezes, durante a vida toda, me fortaleceu contra o tédio das controvérsias e contra a maledicência dos covardes e contra hostilidades e elogios efêmeros: “*Non ragioniam di lor, ma guarda e passa*”.

Mas será esta a maneira certa de ler Dante? Conforme uma lenda antiga, o poeta teria escolhido o metro de “terzina”, com sua sequência ferrenha de rimas, para que ninguém pudesse tirar nem acrescentar um verso. *A Comédia* é, em que pese a opinião contrária do meu grande e venerado mestre Benedetto Croce, uma estrutura unitária, uma totalidade. Tirar dela algo seria criminoso, assim como seria tolo querer acrescentar algo. Mas essa estrutura, essa totalidade não se revela a ninguém na primeira leitura, nem na segunda. Todas as leituras servem, embora só parcialmente. Servem as leituras erradas dos primeiros anos e servem as leituras erráticas dos anos de vida ativa e as leituras distraídas das horas de ócio, até que em boa hora se nos abrem os olhos, “*nel mezzo del cammin di nostra vita*”.

Meu primeiro Dante era uma edição para a mocidade, fartamente ilustrada por um artista medíocre qualquer, do qual não guardo o nome, mas, em

compensação, cuidadosamente expurgada. Passaram-se desde então tantos anos, tantos decênios, cujo número não quero confessar, de modo que só me resta recordação frágil daquela edição e, no entanto, por motivo especial que vou logo revelar, consegui já então verificar os expurgos feitos pelo editor moralista. No episódio de Francesca da Rimini e Paolo, no Canto IV do *Inferno*, o editor sacrificou os “desejos duvidosos” do verso 119 e o “prazer tão forte” do verso 104; e o verso 136, em que ocorre o “beijo tremendo”, caiu totalmente fora. Mas o expurgador também tremeu ao mutilar assim o poema. E para tranquilizar sua consciência, reuniu num apêndice todos os trechos suprimidos, para maior comodidade dos leitores juvenis. Se ele tivesse editado assim um Rabelais ou mesmo um Shakespeare, teria saído um dos livros mais pornográficos do mundo; e isto *ad usum Delphini*. Mas Dante é casto. Tanto mais aquele ilustrador soltou as rédeas de sua imaginação sádica. Lembro-me, como se fosse hoje, de suas gravuras, de mediocridade incrível: Francesca e Paolo, perseguidos pelo vendaval, estavam suspensos no ar como executados na forca; os “Malebolge” pareciam-se com ruas sinistras de subúrbio; os diabos, cozinheiros que com colheres compridas remexiam os condenados em panelas ferventes; até os santos no Paraíso assustavam o leitor juvenil com barbas de tamanho sobrenatural. Quem me dera reaver agora esse livro feio, desaparecido junto com Robinson e Gulliver no naufrágio e esquecimento da infância para sempre perdida. Talvez conseguisse ressuscitar um pouco da fé ingênua com que o jovem leitor tomava tudo aquilo por verdade absoluta, as penas do Inferno, as nuvens que se desprendem do Purgatório e os esplendores divinos do Paraíso. Pois naquele tempo — mais remoto para mim, hoje, que o século XIII de Dante — eu era realista, mais realista que a doutrina escolástica do poeta, e o outro mundo era mais verdadeiro que este que eu, feliz, então ainda não conhecia. Era a realidade.

Desaparecido aquele livro, surgiu outro Dante, o das edições de *A Divina Comédia* para uso no ensino secundário, inexpurgado e sem ilustrações, mas com muitas notas explicativas ao pé das páginas, agora avidamente lidas por um estudante que já tinha lido Flaubert e um ou outro romance de Zola e estava estupefato por encontrar num poeta medieval o mais sugestivo realismo poético: o murmurar das águas frias do Adige (*Inferno*, XII, 5); e a primeira metáfora, em toda a literatura universal, tirada do trabalho industrial, os versos sobre o arsenal dos venezianos; e o adjetivo *l’aere bruno*, que

antecipa as *correspondances* de Baudelaire e as sinestesias da poesia moderna. O outro mundo de Dante é tão real como este nosso mundo porque os dois são propriamente idênticos. É o exercício de Galilei, na mocidade, medindo mentalmente e calculando a altura de Lúcifer no mais baixo círculo do Inferno, foi boa preparação para o calcular e medir a velocidade dos corpos na queda e a distância da Lua.

Não somente o *Inferno* de Dante é realidade. Realidade, embora um pouco antecipada, também é seu *Paraíso*, que é uma espécie de *science fiction* da Idade Média, mas com uma diferença. Esta *science fiction* medieval está muito perto da astronomia ptolomaica, em que aquela época acreditava; mas os *science-fictionistas* de hoje costumam ignorar soberanamente a astronomia moderna. Também há outra diferença: pois as imaginações de hoje são inspiradas pela técnica, mas a *science fiction* de Dante estava iluminada pela

“Luce intellettuale, piena d’amore”

Quem diz realismo também diz humorismo. São inseparáveis. Pois sem uma boa dose de humor ninguém aguentaria a realidade. Mas em Dante havia algo de Farinata e do seu “grande desprezo” pelo Inferno e em sua ira indignada contra todas as injustiças terrestres havia algo de fúria vingativa dos demônios e o poeta parece ter sentido uma simpatia secreta com os diabos que castigaram no Inferno seus inimigos. E inventou, para esses diabos, nomes tão humorísticos como Malacoda e Scarmiglione. Alichino e Calcabrina, Cagnazzo e Barbariccia, Draghignazzo e Ciriatto, Graffiacane, Rubicante e Farfarello. Parecem-se com os sinistros-humorísticos servidores do *Castelo*, de Kafka, desse Castelo cujo dono tem alguma semelhança com o da *città di Dite*. Mas também poderiam ser os nomes de malandros num *racconto* romano de Moravia ou de Pasolini. São, esses diabos dantescos, humoristas *sui generis* como os *buffoni* e os frades devassos e os vigaristas que povoavam as ruas da Florença de Boccaccio, formando o coro humorístico de acontecimentos grandiosos e trágicos que ensanguentaram as mesmas ruas; e foram essas ruas que me ensinaram o verdadeiro realismo de Dante Alighieri.

Quando me encontrei pela primeira vez em Florença, confesso que a mais forte impressão não foi a maravilhosa cúpula do Duomo nem a estupenda

fachada do Palazzo Pitti nem o Panteão de Santa Croce nem os quadros dos Uffizi nem as esculturas de Bargello — foram, sim, os túmulos michelangelescos dos Medici em San Lorenzo e o panorama da cidade, vista do alto de San Miniato —, mas logo depois certos letreiros que uma administração municipal ilustrada tinha mandado colocar nas esquinas das ruas e ao lado do portão de certos prédios: são pequenos ladrilhos de mármore com dizeres relativos a acontecimentos e personagens da história florentina, relacionados com aquelas ruas e prédios; e os dizeres são versos de *A Divina Comédia*. Foram esses letreiros que me ensinaram o realismo de Dante: a identidade do Inferno com a vida turbulenta, odiosa, vingativa do século XIII em Florença; a identidade da vida de Dante com o Purgatório, e, em sua fé católica e filosofia escolástica, a realidade do Paraíso.

Em uma das paredes laterais da Catedral de Florença existe um afresco, não é de alta qualidade artística e seu pintor, Domenico de Michelino, não deixou nome imortal. Mas imortal é o assunto do quadro: à direita, a cidade de Florença, circunvalada de seus muros medievais dentro dos quais se reconhecem as silhuetas características do Duomo e do Palazzo Vecchio; à esquerda, embaixo, o abismo aberto do Inferno e, mais em cima, o monte do Purgatório e o Paraíso terrestre; no alto, as esferas do céu; no meio, o altíssimo Poeta, com seu livro aberto na mão, olhando serena mas severamente para sua cidade e apontando-lhe, com a outra mão, a porta do Inferno. É um admirável resumo pictórico da *Comédia* e não sei por que os guias, em Florença, não mostram esse quadro, antes de tudo, aos turistas desejosos de compreender algo da incomparável grandeza dessa cidade em vez de persegui-los por toda a parte com seus alto-falantes idiotas, chamando *very nice* a Noite de Miguel Ângelo e *invalua* as telas do humilde Fra Angélico e perturbando a paz dos Giardini Boboli e de San Miniato. Só o barulho infernal que fazem lembra o Trecento e o Inferno.

Muitas vezes me demorei na quase vazia catedral de Savonarola, contemplando o quadro de Domenico di Michelino, e acreditava ver o poeta abrir a boca e lançar a terrível maldição contra a volubilidade política da Florença trecentesca, as Constituições violadas e governos derrubados, as revoltas e os golpes, as inflações, as convulsões de doença da vida pública. E diz o poeta que, desde quando ele se lembra *del tempo che rimembre*, a cidade lhe parecia uma enferma que não consegue encontrar descanso em sua cama e se volta para este e para aquele lado sem que a dor a abandone.

Del tempo che rimembre! O Trecento, o século XIII, é uma remota recordação histórica, mas os versos dantescos são de uma perfeita e terrível atualidade. Quando eu, pela primeira vez, os recordei no silêncio do Duomo de Florença, já tinha recomeçado lá fora a luta fratricida, apenas que os Guelfos e os Ghibellinis do século XX ostentavam outros rótulos e que tinham outras cores suas bandeiras. Foram os anos de 1930: violação de Constituições, revoltas, golpes, inflações, convulsões e enfim milhares e mais milhares foram atingidos pelo mesmo destino de Dante e de tantos outros italianos nobres: o exílio.

Também experimentei o exílio:

.....
.....

*“Nel mezzo del cammin di nostra vita
mi ritrovai per una selva oscura
chè la diritta via era smarrita”.*

.....
.....

“No meio do caminho da vida, nos recebeu uma floresta escura, e não se encontrava a saída”.

.....
.....

No Evangelho, Jesus aconselha os discípulos a rezar “para que sua fuga não aconteça no inverno”. Pois bem, minha fuga aconteceu no inverno, e tão impiedosa foi a perseguição que nem sequer consegui levar comigo meu Dante, o exemplar tão usado que a encadernação barata já estava em pedaços. Mas eu já não precisava do livro para recordar certos versos gravados para sempre na memória, e entre esses versos também aqueles que descrevem o calvário do exilado, o sabor amargo do pão no estrangeiro e a dura vergonha de bater em vão a portas fechadas e descer as escadas subidas com o último resto de esperança:

.....
.....

*“Tu proverai sì come sa di sale
lo pane altrui, e come è duro calle,
lo scendere a ‘l salir per l’altrui scale”.*

.....
.....

Mas achei minha Verona: no Brasil.

Tenho para mim que sem essas experiências teria ficado incompleta minha experiência de Dante. Só passando pelos *Malebolge* desse mundo sem perder a vista para os *stelle* se tem o Dante inteiro: o *Inferno*, o *Purgatório* e o *Paraíso*. Só então se compreende o sentido vital de *A Divina Comédia*, autobiografia espiritual do poeta e biografia permanente da existência humana.

Foi essa compreensão que me livrou, enfim, da leitura episódica, mas também do mero esteticismo que se esgota na admiração boquiaberta da perfeição formal do poema, do qual não se pode tirar um verso sem mutilar o todo.

Olhando para trás, para o caminho percorrido, acredito perceber que as fases da minha leitura de Dante coincidem, embora em diferente ordem cronológica, com as fases que a crítica dantesca percorreu. A leitura cheia de curiosidade de fatos reais mas remotos e estranhos corresponde à crítica histórica. O relacionamento dos episódios e versos emocionantes corresponde à crítica romântica. A compreensão do poema como um todo corresponde à crítica moderna, que certamente não será a última. E quando terei eu compreendido dos sentidos literal, tipológico, tropológico e místico do poema? Será mesmo o sentido místico de *A Divina Comédia* jamais acessível a nós outros?

Minha ambição não voa tão alto. Como Petrarca, *pace non trovo*, a não ser que a encontre na última hora, quando — no dizer de Dante — “a noite surgirá chamando para partir de tudo que temos visto”:

.....

.....

*“Ma la notte risurge, e oramai
è de partir, chè tutto avem veduto”.*

Capa

Folha de rosto principal

Volume 1

Folha de rosto

Créditos

Inferno

Canto I

Canto II

Canto III

Canto IV

Canto V

Canto VI

Canto VII

Canto VIII

Canto IX

Canto X

Canto XI

Canto XII

Canto XIII

Canto XIV

[Canto XV](#)

[Canto XVI](#)

[Canto XVII](#)

[Canto XVIII](#)

[Canto XIX](#)

[Canto XX](#)

[Canto XXI](#)

[Canto XXII](#)

[Canto XXIII](#)

[Canto XXIV](#)

[Canto XXV](#)

[Canto XXVI](#)

[Canto XXVII](#)

[Canto XXVIII](#)

[Canto XXIX](#)

[Canto XXX](#)

[Canto XXXI](#)

[Canto XXXII](#)

[Canto XXXIII](#)

[Canto XXXIV](#)

[Volume 2](#)

Folha de rosto

Purgatório

Canto I

Canto II

Canto III

Canto IV

Canto V

Canto VI

Canto VII

Canto VIII

Canto IX

Canto X

Canto XI

Canto XII

Canto XIII

Canto XIV

Canto XV

Canto XVI

Canto XVII

Canto XVIII

Canto XIX

[Canto XX](#)

[Canto XXI](#)

[Canto XXII](#)

[Canto XXIII](#)

[Canto XXIV](#)

[Canto XXV](#)

[Canto XXVI](#)

[Canto XXVII](#)

[Canto XXVIII](#)

[Canto XXIX](#)

[Canto XXX](#)

[Canto XXXI](#)

[Canto XXXII](#)

[Canto XXXIII](#)

[Volume 3](#)

[Folha de rosto](#)

[Paraíso](#)

[Canto I](#)

[Canto II](#)

[Canto III](#)

[Canto IV](#)

[Canto V](#)

[Canto VI](#)

[Canto VII](#)

[Canto VIII](#)

[Canto IX](#)

[Canto X](#)

[Canto XI](#)

[Canto XII](#)

[Canto XIII](#)

[Canto XIV](#)

[Canto XV](#)

[Canto XVI](#)

[Canto XVII](#)

[Canto XVIII](#)

[Canto XIX](#)

[Canto XX](#)

[Canto XXI](#)

[Canto XXII](#)

[Canto XXIII](#)

[Canto XXIV](#)

[Canto XXV](#)

[Canto XXVI](#)

[Canto XXVII](#)

[Canto XXVIII](#)

[Canto XXIX](#)

[Canto XXX](#)

[Canto XXXI](#)

[Canto XXXII](#)

[Canto XXXIII](#)

[Colofão](#)

[Caderno extra com ilustrações de Gustave Doré](#)

Inferno

CANTO I

Dante, perdido numa selva escura, erra nela toda a noite. Saindo ao amanhecer, começa a subir por uma colina, quando lhe atravessam a passagem uma pantera, um leão e uma loba, que o repelem para a selva. Aparece-lhe então a imagem de Virgílio, que o reanima e se oferece a tirá-lo de lá, fazendo-o passar pelo Inferno e pelo Purgatório. Beatriz, depois, o guiará ao Paraíso. Dante o segue.

Da nossa vida, em meio da jornada,
Achei-me numa selva tenebrosa,
3 Tendo perdido a verdadeira estrada.
Dizer qual era é cousa tão penosa,
Desta brava espessura a asperidade,
6 Que a memória a relembra inda cuidadosa.
Na morte há pouco mais de acerbidade;
Mas para o bem narrar lá deparado
9 De outras cousas que vi, direi verdade.
Contar não posso como tinha entrado;
Tanto o sono os sentidos me tomara,
12 Quando hei o bom caminho abandonado.
Depois que a uma colina me cercara,
Onde ia o vale escuro terminando,
15 Que pavor tão profundo me causara.
Ao alto olhei, e já, de luz banhando,
Vi-lhe estar às espaldas o planeta,
18 Que, certo, em toda parte vai guiando.
Então o assombro um tanto se aquieta,
Que do peito no lago perdurava,
21 Naquela noite atribulada, inquieta.
E como quem o anélito esgotava

Sobre as ondas, já salvo, inda medroso
24 Olha o mar perigoso em que lutava,
O meu ânimo assim, que treme ansioso,
Volveu-se a remirar vencido o espaço
27 Que homem vivo jamais passou ditoso.
Tendo já repousado o corpo lasso,
Segui pela deserta falda avante;
30 Mais baixo sendo o pé firme no passo.
Eis da subida quase ao mesmo instante
Assoma ágil e rápida pantera
33 Tendo a pele por malhas cambiante.
Não se afastava de ante mim a fera;
E em modo tal meu caminhar tolhia,
36 Que atrás por vezes eu tornar quisera.
No céu a aurora já resplandecia,
Subia o sol, dos astros rodeado,
39 Seus sócios, quando o Amor divino um dia
A tais primores movimento há dado.
Me infundiam desta arte alma esperança
42 Da fera o dorso alegre e mosqueado,
A hora amena e a quadra doce e mansa.
De um leão de repente surge o aspecto,
45 Que ao meu peito o pavor de novo lança.
Que me investisse então cuido inquieto;
Com fome e raiva atroz fronte levanta;
48 Tremer parece o ar ao seu conspetto.
Eis surge loba, que de magra espanta;
De ambições todas parecia cheia;
51 Foi causa a muitos de miséria tanta!
Com tanta intensa torvação me enleia
Pelo terror, que o cenho seu movia,
54 Que a mente à altura não subir receia,
Como quem lucro anela noite e dia,
Se acaso o tempo de perder lhe chega,
57 Rebenta em pranto e triste se excrucia,
A fera assim me fez, que não sossega;

Pouco a pouco me investe até lançar-me
60 Lá onde o sol se cala e a luz me nega.
Quando ao vale eu já ia baquear-me
Alguém fraco de voz diviso perto,
63 Que após largo silêncio quer falar-me.
Tanto que o vejo nesse grão deserto,
— “Tem compaixão de mim” — bradei transido —
66 “Quem quer que sejas, sombra ou homem certo!”
“Homem não sou” — tornou-me — “mais hei sido,
Pais lombardos eu tive; sempre amada
69 Mântua lhes foi; haviam lá nascido.
“Nasci de Júlio em era retardada,
Vivi em Roma sob o bom Augusto,
72 Quando em deuses havia a crença errada.
“Poeta, decantei feitos do justo
Filho de Anquíses, que de Troia veio,
75 Depois que Ilion soberbo foi combusto.
“Mas por que tornas da tristeza ao meio?
Por que não vais ao deleitoso monte,
78 Que o prazer todo encerra no seu seio?”
“— Oh! Virgílio, tu és aquela fonte
Donde em rio caudal brota a eloquência?”
81 Falei, curvando vergonhoso a fronte. —
“Ó dos poetas lustre, honra, eminência!
Valham-me o longo estudo, o amor profundo
84 Com que em teu livro procurei ciência!
“És meu mestre, o modelo sem segundo;
Unicamente és tu que hás-me ensinado;
87 O belo estilo que honra-me no mundo.
“A fera vês que o passo me há vedado;
Sábio famoso, acude ao perseguido!
90 Tremo no pulso e veias, transtornado!”
Respondeu, do meu pranto condoído:
“Te convém outra rota de ora avante
93 Para o lugar selvagem ser vencido.
“A fera, que te faz bradar tremante,

Aqui passar não deixa impunemente;
96 Tanto se opõe, que mata o caminhante.
“Tem tão má natureza, é tão furente,
Que os apetites seus jamais sacia,
99 E fome, impando, mais que de antes sente.
“Com muitos animais se consorcia,
Há-de a outros se unir té ser chegado
102 Lebréu, que a leve à hórrida agonia.
“Por ouro ou por poder nunca tentado
Saber, virtude, amor terá por norte,
105 Sendo entre Feltro e Feltro potentado.
“Será da humilde Itália amparo forte,
Por quem Camila a virgem dera a vida,
108 Turno Eurialo, Niso acharam morte.
“Por ele, em toda parte, repelida
Irá lançar-se no infernal assento,
111 Donde foi pela Inveja conduzida.
“Agora, por teu prol, eu tenho o intento
De levar-te comigo; ir-te-ei guiando
114 Pela estância do eterno sofrimento,
“Onde, estridentes gritos escutando,
Verás almas antigas em tortura
117 Segunda morte a brados suplicando.
“Outros ledos verás, que, em prova dura
Das chamas, inda esperam ter o gozo
120 De Deus no prêmio da imortal ventura.
“Se lá subir quiseses, um ditoso
Espírito, melhor te será guia,
123 Quando eu deixar-te, ao reino glorioso.
“Do céu o Imperador, a rebeldia
Minha à lei castigando, não consente
126 Que eu da cidade haja a alegria.
“Em toda parte impera onipotente,
Mas tem no Empíreo sua augusta sede:
129 Feliz, por ele, o eleito à glória ingente!”
— “Vate, rogo-te” — eu disse — “me concede,

Por esse Deus, que nunca hás conhecido,
132 Porque este e maior mal de mim se arrede.
“Que, até onde disseste conduzido,
A porta de São Pedro eu vá contigo
E veja os maus que houveste referido”.
136 Move-se o Vate então, após o sigo.

1. *Em meio* etc. Aos 35 anos. Dante tinha 35 anos no dia 25 de março de 1300, ano no qual o papa Bonifácio VIII proclamou o primeiro Jubileu. — 2. *Tenebrosa* etc., simbólica selva dos vícios humanos. — 32. *Pantera*, símbolo da luxúria e da fraude; politicamente, de Florença. — 44. *Um leão*, símbolo da soberba e da violência; politicamente, da França. — 49. *Loba*, símbolo da avareza e da incontinência; politicamente da Cúria Romana. — 62. *Alguém* etc., o poeta Virgílio Maro, símbolo da razão humana. — 105. *Entre Feltro e Feltro*, entre Montefeltro e Feltro. — 122. *Espírito melhor*, Beatriz, a mulher que Dante amou.

CANTO II

Depois da invocação às Musas, Dante, considerando a sua fraqueza, duvida de aventurar-se na viagem. Dizendo-lhe, porém, Virgílio, que era Beatriz quem o mandava, e que havia quem se interessava pela sua salvação, determina-se segui-lo e entra com o seu guia no difícil caminho.

- Fora-se o dia; e o ar, se enevoando,
Aos animais, que vivem sobre a terra,
3. As fadigas tolhia; eu só, velando,
Me aparelhava a sustentar a guerra
Da jornada, assim como da piedade,
6 Que vai pintar memória, que não erra.
Ó Musas! Ó do gênio protestade!
Valei-me! Aqui, ó mente, que guardaste
9 Quanto vi, mostra a egrégia qualidade.
“Poeta”, — assim falei, — “que começaste
A guiar-me, vê bem se em mim persiste
12 Calor que, à empresa que me fias, baste.
“Que o pai do Sílvio fora, referiste,
Corrutível ainda, até o inferno
15 Sem perder o que em corpo humano existe.
“Se do mal assim quis o imigo eterno,
Origem vendo nele do alto efeito,
18 O que e o qual, segundo o que discerno,
“Pela razão bem pode ser aceito;
Que para Roma e o império se fundarem
21 Fora no céu por genitor eleito;
“A qual e ao qual cabia aparelharem,
Dizendo-se a verdade, o lugar santo
24 Aos que do maior Pedro o sólio herdaram.

“Nessa empresa, em que o hás louvado tanto,
 Cousas ouviu, de que surgiu motivo
 27 Ao seu triunfo e ao pontifício manto.
 “Lá foi o Vaso Eleito ainda vivo:
 Conforto ia buscar, à fé, que à estrada
 30 Da salvação princípio é decisivo.
 “Por que irei? Quem permite esta jornada?
 Eneias, Paulo sou? Essa ventura
 33 Nem eu, nem outrem crê ser-me adatada.
 “Receio, pois, seja ato de loucura,
 Se eu me resigno a cometer a empresa.
 36 Supre, és sábio, o que digo em frase escura”.
 Como quem ora quer, ora despreza,
 Sua alma a ideias novas tem disposta,
 39 Mostrando aos seus desígnios estranheza,
 Assim fiz eu na tenebrosa encosta,
 Porque, pensando, abandonava o intento,
 42 Formando à pressa, que ora me desgosta,
 “Do teu dizer se atinjo o entendimento”
 — Do magnânimo a sombra me tornava, —
 45 “Eivado estás de ignóbil sentimento,
 “Que do homem muita vez faz alma ignava,
 Das honrosas ações o desviando,
 48 Qual sombra, que o corcel ao medo trava.
 “Desse temor livrar-te desejando,
 Por que vim te direi e quanto ouvido
 51 Hei logo ao ver-te mísero lutando.
 “No Limbo era suspenso: eis requerido
 Por Dama fui tão bela, tão donosa,
 54 Que as ordens suas presto lhe hei pedido.
 “Brilhavam mais que a estrela radiosa
 Os seus olhos; suave assim dizia
 57 De anjo com voz, falando-me piedosa:
 — “De Mântua alma cortês, que inda hoje em dia
 No mundo gozas fama tão sonora,
 60 Que, enquanto existir mundo, mais se amplia,

“Amigo meu, que a sorte desadora,
 Pela deserta falda indo, impedido
 63 De medo, atrás os passos volta agora.
 “Temo que esteja tanto já perdido,
 Que tarde eu tenha vindo a socorrê-lo,
 66 Pelo que lá no céu dele hei sabido.
 “Parte, pois, e com teu discurso belo
 E quanto o salvar possa do perigo
 69 Lhe acode; e me console o teu desvelo.
 “Sou Beatriz, que envia-te ao que digo,
 De lugar venho a que voltar desejo:
 72 Amor conduz-me e faz-me instar contigo.
 “Voltando ao meu Senhor, em todo o ensejo
 Repetirei louvor, que hás merecido”. —
 75 “Tornei-lhe, quando já calar-se a vejo:
 — “Senhora da virtude, a quem tem sido
 Dado só que proceda a espécie humana
 78 Quanto é no mundo sublunar contido,
 “Tanto praz-me a ordem que de ti dimana,
 Que, já cumprida, houvera inda demora:
 81 Em me abrir teu querer não mais te afana.
 “Diz-me, porém, por que razão, Senhora,
 Baixar a este centro hás resolvido
 84 Do céu, a que ardes por voltar agora”.
 — “Se queres tanto ser esclarecido
 Eu te direi” — tornou-me — “frase breve
 87 Por que sem medo às trevas hei descido.
 “Somente as cousas reçar se deve
 Que a outrem podem ser causa de dano
 90 Não das mais: a temor a causa é leve.
 “De Deus favor criou-me soberano
 Tal, que a vossa miséria não me empece
 93 Nem deste incêndio assalta o fogo insano.
 “Nobre Dama há no céu, que compadece
 O mal, a que te envio; e tanto implora,
 96 Que lá decreto austero se entenece.

— Volvendo-se a Luzia, assim a exora:
 “O teu servo fiel tanto periga,
 99 Que teu amparo o recomendo agora”. —
 “Luzia, sempre do que é mau imiga
 Ergue-se e ao lugar foi, em que eu sentada
 102 Ao lado estava de Raquel antiga.
 “De Deus vero louvor!” — diz-me apressada—
 “Por que não socorrer quem te amou tanto,
 105 Que só por ti deixou do vulgo a estrada?
 “Não lhe ouves, Beatriz, o amargo pranto?
 Não vês que junto ao rio é combatido,
 108 Que ao mar não corre, por mortal espanto?” —
 “Os danos, tão veloz, não tem fugido
 Ninguém, nem procurado o que deseja,
 111 Como eu, em tendo vozes tais ouvido;
 “O trono meu deixei, por que te veja,
 Fiada em teus discursos eloquentes,
 114 Honra tua e de quem te ouvindo esteja”. —
 “Assim falava e os olhos refulgentes
 Com lágrimas a mim ela volvia,
 117 Para apressar-me a vir assaz potentes.
 “A ti vim, pois, como ela requeria;
 Da fera te livrei, que da colina
 120 Tão perto já, teus passos impedia.
 “Que fazes, pois? Por que, por que domina
 Tanta fraqueza o peito espavorido?
 123 Por que ao valor tua alma não se inclina,
 “Quando és pelas três santas protegido,
 Que na corte do céu por ti se esmeram,
 126 E gozar tanto bem lhe é prometido?”
 Quais flores, que, fechadas, se abateram
 Da noite ao frio, e, quando o sol aquece,
 129 Erguem-se abertas na hástrea, tais como eram,
 Tal meu valor renova e fortalece.
 Tanto ardimento o coração me aviva,
 132 Que exclamei, como quem jamais temesse:

“Ó Dama em socorrer-me compassiva!
E tu, que a voz lhe ouvindo, obedeceste,
135 Cortês ao rogo e com vontade ativa,
“Por teu dizer no peito me acendeste
Desejo tal de vir, que sou tornado
138 Ao propósito, a que antes me trouxeste.
“Vai, pois nosso querer ‘stá combinado.
Serás meu guia, meu senhor, meu mestre!”
Disse-lhe assim. Moveu-se ele; ao seu lado
142 Pelo caminho entrei alto e silvestre.

13. O *pai de Sílvio*, *Eneias*. — 28. O *Vaso*, São Paulo que nos Atos dos Apóstolos é chamado o Vaso de eleição. — 76. *Senhora da virtude*, Beatriz simboliza a teologia. — 94. *Nobre Dama*, Maria, mãe de Jesus, símbolo da misericórdia divina. — 97. *Luzia*, mártir e santa, símbolo da graça iluminante. — 102. *Raquel*, filha de Labão e mulher do patriarca Jacó, simboliza a vida contemplativa.

CANTO III

Chegam os Poetas à porta do Inferno, na qual estão escritas terríveis palavras. Entram e no vestíbulo encontram as almas dos ignavos, que não foram fiéis a Deus nem rebeldes. Seguindo o caminho, chegam ao Aqueronte, onde está o barqueiro infernal, Caron, que passa as almas dos danados à outra margem, para o suplício. Treme a terra, lampeja uma luz e Dante cai sem sentidos.

“Por mim se vai das dores à morada,
“Por mim se vai ao padecer eterno,
3 “Por mim se vai à gente condenada.
“Moveu Justiça o Autor meu sempiterno,
“Formado fui por divinal possança,
6 “Sabedoria suma e amor supremo.
“No existir, ser nenhum a mim se avança,
“Não sendo eterno, e eu eternal perduro:
9 Deixai, ó vós que entraís, toda a esperança!”
Estas palavras, em letreiro escuro,
Eu vi, por cima de uma porta escrito.
12 “Seu sentido” — disse eu — “Mestre me é duro”.
Tornou Virgílio, no lugar perito:
— “Aqui deixar convém toda suspeita;
15 Todo ignóbil sentir seja proscrito.
“Eis a estância, que eu disse, às dores feita,
Onde há de ver atormentada gente,
18 Que da razão à perda está sujeita”.
Pela mão me travando diligente,
Com ledo gesto e coração me erguia,
21 E aos mistérios guiou-me incontinenti.
Por esse ar sem estrelas irrompia
Soar de pranto, de ais, de altos gemidos:

24 Também meu pranto, de os ouvir, corria.
Línguas várias, discursos insofridos,
Lamentos, vozes roucas, de ira os brados,
27 Rumor de mãos, de punhos estorcidos,
Nesses ares, pra sempre enevoados,
Retumbavam girando e semelhando
30 Areais por tufão atormentados.
A mente aquele horror me perturbando,
Disse a Virgílio: — “Ó Mestre, que ouço agora?
33 “Quem são esses, que a dor está prostrando?” —
“Deste mísero modo” — tornou — “chora
Quem viveu sem jamais ter merecido
36 Nem louvor, nem censura infamadora.
“De anjos mesquinhos coro é-lhes unido,
Que rebeldes a Deus não se mostraram,
39 Nem fiéis, por si sós havendo sido”,
“Desdouro aos céus, os céus os desterraram;
Nem o profundo inferno os recebera,
42 De os ter consigo os maus se gloriaram”.
— “Que dor tão viva deles se apodera,
Que aos carpidos motivo dá tão forte?” —
45 “Serei breve em dizer-to” — me assevera. —
“Não lhes é dado nunca esperar morte;
É tão vil seu viver nessa desgraça,
48 Que invejam de outros toda e qualquer sorte.
“No mundo o nome seu não deixou traça;
A Clemência, a Justiça os desdenharam.
51 Mais deles não falemos: olha e passa”.
Bandeira então meus olhos divisaram,
Que, a tremular, tão rápida corria,
54 Que avessa a toda pausa a imaginaram.
E após, tão basta multidão seguia,
Que, destruído houvesse tanta gente
57 A morte, acreditado eu não teria.
Alguns já distinguira: eis, de repente,
Olhando, a sombra conheci daquele

60 Que a grã renúncia fez ignobilmente.
 Soube logo, o que ao certo me revele,
 Que era a seita das almas aviltadas,
63 Que os maus odeiam e que Deus repele.
 Nunca tiveram vida as desgraçadas;
 Sempre, nuas, estando, as torturavam
66 De vespas e tavões as ferroadas.
 Os rostos seus as lágrimas regavam,
 Misturadas de sangue: aos pés caindo,
69 A imundos vermes o repasto davam.
 De um largo rio à margem dirigindo
 A vista, de almas divisei cardume.
72 — “Mestre, declara, aos rogos me anuindo,
 “Que turba é essa” — eu disse — “e qual costume
 Tanto a passar a torna pressurosa,
75 Se bem discirno ao duvidoso lume?”
 Tornou-me: — “Explicação minuciosa
 Darei, quando tivermos atingido
78 Do Aqueronte a ribeira temerosa”.
 Então, baixos os olhos e corrido
 Fui, de importuno a culpa receando,
81 Té o rio, em silêncio recolhido.
 Eis vejo a nós em barca se acercando,
 De câs coberto um velho — “Ó condenados,
84 Ai de vós! — alta grita levantando.
 “O céu nunca vereis, desesperados:
 Por mim à treva eterna, na outra riva,
87 Sereis ao fogo, ao gelo transportados.
 “E tu que estás aqui, ó alma viva,
 De entre estes que são mortos, já te ausenta!”
90 Como não lhe obedeço à voz esquiva,
 “Por outra via irás” — ele acrescenta —
 “Ao porto, onde acharás fácil transporte;
93 Lá passarás em barca menos lenta”.
 “Não te agastes, Caronte! Desta sorte
 Se quer lá onde” — disse-lhe o meu Guia —

96 “Quem pode ordena. E nada mais te importe”.
Serenos, ouvido, o gesto se fazia
Da lívida lagoa ao nauta idoso,
99 Que em círculos de fogo olhos volvia.
Às desnudadas almas doloroso
O gesto descorou; dentes rangeram
102 Logo em lhe ouvindo o vozear raivoso.
Blasfemaram de Deus e maldisseram
A espécie humana, a pátria, o tempo, a origem
105 Da origem sua, os pais de quem nasceram.
Todas no pranto acerbo, em que se afligem,
Se acolhem juntas ao lugar tremendo,
108 Dos maus destinos, que se não corrigem.
Caronte, os ígneos olhos revolvendo,
Lhes acenava e a todos recebia:
111 Remo em punho, as tardias vai batendo.
Como no outono a rama principia
As flores a perder té ser despida,
114 Dando à terra o que à terra pertencia,
Assim de Adão a prole pervertida,
Da praia um após outro se enviavam,
117 Qual ave dos reclamos atraída.
Sobre as túrbidas águas navegavam;
E pojado não tinham no outro lado,
120 Mais turbas já no oposto se apinhavam.
“Aqui meu filho” — disse o Mestre amado —
“concorrem quantos há colhido a morte,
123 De toda a terra, tendo a Deus irado.
“O rio prontos buscam desta sorte,
De Deus tanto a justiça os punge e excita,
126 Tornando-se o temor anelo forte!
“Alma inocente aqui jamais transita,
E, se Caronte contra ti se assanha,
129 Patente a causa está, que tanto o irrita”.
Assim falava; a lúrida campanha
Tremeu e foi tão forte o movimento,

132 Que do medo o suor ainda me banha.
 Da terra lacrimosa rompeu vento,
 Que um clarão respirou avermelhado;
 Tolhido então de todo o sentimento,
136 Caí, qual homem que é do sono entrado.

37. *De anjos* etc., que não tomaram posição na luta entre os fiéis e os rebeldes a Deus. — 59-60. *Daquela* etc., Celestino V que renunciou ao papado, tendo por sucessor Bonifácio VIII, inimigo de Dante e do seu partido. — 136. *Caí* etc. Dante perdendo os sentidos, atravessa o Aqueronte, sem saber de que modo.



CANTO IV

Dante é despertado por um trovão e acha-se na orla do primeiro círculo. Entra depois no Limbo, onde estão os que não foram batizados, crianças e adultos. Mais adiante, num recinto luminoso, vê os sábios da Antiguidade, que embora não cristãos, viveram virtuosamente. Os dois poetas descem depois ao segundo círculo.

Desse profundo sono fui tirado
Por horrído estampido, estremecendo
3 Como quem é por força despertado.
Ergui-me, e, os olhos quietos já volvendo,
Perscruto por saber onde me achava,
6 E a tudo no lugar sinistro atendo.
A verdade é que então na borda estava
Do vale desse abismo doloroso,
9 Donde brado de infindos ais troava.
Tão escuro, profundo e nebuloso
Era, que a vista lhe inquirindo o fundo,
12 Não distinguia no antro temeroso.
“Eia! Baixemos, pois, da treva ao mundo!” —
O Poeta então disse-me enfiando —
15 “Eu descerei primeiro, tu segundo”. —
Tornei-lhe, a palidez sua notando:
“Como hei de ir, se és de espanto dominado,
18 Quando conforto estou de ti’sperando?” —
“Dos que lá são o angustioso estado
Causa a que vês no rosto meu impressa,
21 Piedade, medo não, como hás cuidado.
“Vamos: longa a jornada exige pressa”.
Entrou, e eu logo, o círculo primeiro
24 Em que o abismo a estreitar-se já começa,
Escutei: não mais pranto lastimeiro
Ouvi; suspiros só, que murmuravam,
27 Vibrando do ar eterno o espaço inteiro.

Pesares sem martírio os motivavam
De varões e de infantes, de mulheres
30 Nas multidões, que ali se apinhoavam.
“Conhecer” — meu bom Mestre diz — “não queres
Quais são os que assim vês ora sofrendo?
33 Antes de avante andar convém saberes
“Que não pecaram: boas obras tendo
Acham-se aqui; faltou-lhes o batismo,
36 Portal da fé, em que és ditoso crendo.
“Na vida antecedendo o Cristianismo,
Devido culto a Deus nunca prestaram:
39 Também sou dos que penam neste abismo.
“Por tal defeito — os mais nos não mancharam —
Perdemo-nos: a pena é desesp’rança,
42 Desejos, que para sempre se frustaram”.
Ouvi-lo, em dor o coração me lança,
Pois muitos conheci de alta valia,
45 A quem do Limbo a suspensão alcança.
“O Mestre! Ó meu Senhor! diz-me — inquiria,
Para ter da certeza o firme esteio
48 A fé, que os erros todos desafia.
“Por seu merecimento ou pelo alheio
Daqui alguém ao céu já tem subido?”
51 Da mente minha ao alvo o Mestre veio,
E falou-me: “Des’pouco aqui trazido,
Descer súbito vi forte guerreiro;
54 De triunfal coroa era cingido.
“Almas levou — do nosso pai primeiro,
Abel, Noé, Moisés, que legislara,
57 Abraão na fé, na obediência inteiro,
“Davi, que sobre o povo hebreu reinara,
Israel com seu pai e a prole basta,
60 E Raquel, por quem tanto se afanara.
“Para a glória outros muitos mais afasta
Do Limbo; e sabe tu que antes não fora
63 Salvo quem pertencera à humana casta”.

Andávamos, enquanto isto memora,
 Sem parar, pela selva penetrando,
 66 Selva de almas, que aumenta de hora em hora,
 E da entrada não longe ainda estando,
 Eis um clarão brilhante divisamos
 69 Das trevas o hemisfério alumando.
 Dali distantes ainda nos achamos
 Não tanto, que eu não discernisse em parte
 71. Que à sede de almas nobres caminhamos.
 “Ó tu, que és honra da ciência e da arte,
 Quem são” — disse — “os que, aos outros preferidos,
 75 Privilégio tamanho assim disparte?”
 Falou Virgílio: “— Assim são distinguidos
 Do céu, que atende à fama alta e preclara,
 78 Com que foram na terra engrandecidos”.
 Eis voz escuto sonora e clara:
 “Honrai todos o altíssimo poeta!
 81 “A sombra sua torna, que ausentara”.
 Quatro sombras notei, quando aquieta
 O rumor, que a nós vinham: nos semblantes
 84 Nem prazer, nem tristeza se interpreta.
 E disse o Mestre, após alguns instantes:
 “Aquele vê, que, qual monarca ufano,
 87 Empunha espada e os três deixa distantes.
 É Homero, o poeta soberano;
 O satírico Horácio é o outro, e ao lado
 90 Ovídio, em lugar último Lucano.
 Como lhes cabe o nome assinalado
 Que soou nessa voz há pouco ouvida,
 93 Me honrando, honrosa ação têm praticado”.
 A bela escola assim vi reunida
 Do Mestre egrégio do sublime canto,
 96 Águia em seu voo além dos mais erguida.
 Discursado entre si tendo algum tanto,
 A mim volveram gracioso o gesto:
 99 Sorriu Virgílio, dessa mostra ao encanto.

Mais foi-me alto conceito manifesto,
Quando acolher-me ao grêmio seu quiseram,
102 Entre eles me cabendo o lugar sexto.
Té o clarão comigo se moveram,
Prática havendo, que omitir é belo,
105 Sublime no lugar, onde a teceram.
Chegamos junto a um fúlgido castelo
Sete vezes de muro alto cercado:
108 Cinge-o ribeiro lindo, mas singelo.
Passei-o a pé enxuto; acompanhado
Entrei por sete portas, caminhando
111 De fresca relva até ameno prado.
Graves, pausados olhos meneando
‘Stavam sombras de aspecto majestoso,
114 Com voz suave rara vez falando.
A um lado, sobre viso luminoso
Subimo-nos: de lá se divisava
117 Dessas almas o bando numeroso.
No verde esmalte o Mestre me indicava
Egrégias sombras: inda me extasia
120 O prazer com que vê-los exultava.
Eletra vi de heróis na companhia,
Eneias com Heitor e guarnecido
123 Grifanhos olhos César nos volvia.
Pentesileia vi e o rosto ardido
De Camila, e sentado o rei Latino
126 Junto a Lavínia estava enternecido.
Notei Márcia, Lucrecia e o que Tarquino
Lançou, Cornélia e Júlia; retirado
129 De todos demorava Saladino.
Alçando os olhos, de respeito entrado,
O Mestre vejo dos que mais se acimam
132 Em saber, de filósofos cercado.
Todos com honra e acatamento o estimam.
Aqui Platão e Sócrates estavam,
135 Que na grandeza mais se lhe aproximam.

Demócrito, o atomista, acompanhavam
 Tales, Zeno, Heráclito e Anaxagora.
 138 Empédocle e Diógenes falavam,
 Dióscoris, o que a natura outrora
 Sábio estudara, Orfeu, Túlio eloquente,
 141 Sêneca, o douto, que a moral explora,
 Lívio, Euclides, Hipócrates ingente,
 Ptolomeu, Galeno e o Avicena;
 144 Averróis, nos comentos sapiente.
 Resenha não me é dado fazer plena
 De todos; longo o assunto está-me urgindo,
 147 E a ser omisso muita vez condena.
 A companhia então se dividindo,
 Comigo o Mestre outra vereda trilha,
 Do ar sereno ao ar, que treme, vindo:
 151 Chegados somos onde luz não brilha.

95. *Mestre egrégio* etc., Homero, príncipe da poesia épica. — 121. *Eletra*, mãe de Dardano, fundador de Troia. — 122. *Eneias*, príncipe troiano, filho de Anquise e de Vênus. — *Heitor*, filho de Príamo, rei de Troia. — 124. *Pentesileia*, rainha das Amazonas, morta por Aquiles.— 125. *Camila*, filha de Metabo, rei latino. — *O rei Latino*, rei dos aborígenes, pai de Lavínia, que foi mulher de Eneias. — 127. *Márcia*, mulher de Catão Uticense. — *Lucrecia*, mulher de Colatino que, ao ser violado por Sesto Tarquínio, se matou. — 128. *Cornélia*, mãe dos Gracos. — *Júlia*, filha de César e mulher de Pompeu. — 129. *Saladino*, sultão do Egito e da Síria, que conquistou Jerusalém. — 131. *O mestre* etc., Aristóteles. — 140. *Orfeu* de Trácia, poeta e músico. — Túlio, eloquente, Marco Túlio Cícero. — 143. *Ptolomeu*, o autor do sistema do mundo que se chamou sistema ptolemaico. — *Galeno e Avicena*, famosos médicos, o primeiro de Pérgamo, no Ponto, o segundo árabe.

CANTO V

No ingresso do segundo círculo está Minos, que julga as almas e designa-lhes a pena. No repleto desse círculo estão os luxuriosos, que são continuamente arrebatados e atormentados por um horrível turbilhão. Aqui Dante encontra Francisca de Rimini, que lhe narra a história do seu amor infeliz.

Desci desta arte ao círculo segundo,
Que o espaço menos largo compreendia,
3 Onde o pungir da dor é mais profundo.
Lá ‘stava Minos e feroz rangia:
Examinava as culpas desde a entrada,
6 Dava a sentença como ilhais cingia
Ante ele quando uma alma desditada
Vem, seus crimes confessa-lhe em chegando,
9 Com perícia em pecados consumada.
Lugar no inferno, Minos, lhe adaptando,
Do abismo o circ’lo arbitra, a que pertença,
12 Pelas voltas da cauda graduando.
Sempre muitas se lhe acham na presença;
Cada qual tem sua vez de ser julgada,
15 Diz, ouve, cai, se some sem detença.
Minos, logo me vendo, iroso brada,
Do grave ofício no ato sobrestando:
18 — “Ó tu, que vens das dores à morada;
“Olha como entras e em quem’stás fiando:
Não te engane do entrar tanta largueza!”
21 — “Por que falar” — meu guia diz — “gritando?”
“Vedar não tentes a fatal empresa:
Assim se quer lá onde o que se ordena
24 Se cumpre. Assaz te seja esta certeza!”

Eis já começo da infernal geena
A ouvir os lamentos: sou chegado
27 Onde intenso carpir me aviva a pena.
Em lugar de luz mudo tenho entrado:
Rugia, como faz mar combatido
30 Dos ventos, pelo ímpeto encontrado.
Da tormenta o furor, nunca abatido,
Perpetuamente as almas torce, agita,
33 Molesta, em seus embates recrescido.
Quando à borda do abismo as precipita,
Ais, soluços, lamentos vão rompendo.
36 Blasfema a Deus a multidão maldita.
Ouvi que estão no padecer horrendo
Os que aos vícios da carne se entregavam,
39 Razão aos apetites submetendo.
Quais estorninhos, que a voar se travam
Em densos bandos na estação já fria,
42 Em rodopio as almas volteavam,
Ao capricho do vento, que as trazia.
De pausa não, de menos dor a esp'rança
45 Conforto lhes não dá nessa agonia.
Como nos ares longa série avança
De grous, que vão cantado o seu grasnido,
48 Assim no gemer seu, que não descansa,
Traz o tufão as sombras desabrido.
— “Mestre” — disse eu — “quais almas são aquelas
51 Que o vendaval fustiga denegrido?”
— “A primeira — tornou Virgílio — “entre elas
De quem notícias ter desejarias,
54 Regeu nações, diversas nas loquelas.
“De luxúria fez tantas demasias
Que em lei dispôs ser lícito e agradável
57 Para desculpa às torpes fantasias.
“Semíramis chamou-se: o trono estável
Herdou de Nino e foi a sua esposa.
60 Do Soldão teve a terra memorável.

“A morte deu-se a outra, de amorosa,
 Às cinzas de Siqueu traidora e infida;
 63 Cleópatra após vem luxuriosa”.
 Helena vi, a causa fermentada
 De tanto mal, e Aquiles celebrado
 66 Que teve por amor a extrema lida.
 Páris, Tristão e um bando assinalado
 De sombras me indicou, nomes dizento,
 69 Que à sepultura amor tinha arrojado.
 A compaixão me estava confrangendo,
 Dessas damas e antigos cavaleiros
 72 Nomes ouvindo e mágoas conhecendo.
 Então disse eu: — “Poeta, aos companheiros
 Dois, que ali vêm, falar muito desejo:
 75 Ao vento ser parecem tão ligeiros!”
 “Hás de ter” — me tornou — “azado ensejo,
 Quando forem mais perto; então lhes pede
 78 Pelo amor que nos uniu: virão sem pejo”. —
 Quando acercar-se o vento lhes concede
 A voz alcei: — “Ó! vinde, almas aflitas,
 81 Falar-nos, se alta lei não vo-lo impede”. —
 Quais pombas, que saudosas de asas fitas,
 Ao doce ninho, em voo despedido,
 84 Vão pelo ar, aos desejos seus adstritas:
 Tais saíram da turba, em que era Dido,
 A nós as duas sombras se inclinando,
 87 Tanto as moveu da voz o tom sentido!
 — “Entre beni’no, compassivo e brando,
 Que nos vem visitar por este ar perso,
 90 Tendo nós dado o sangue ao mundo infando,
 “Seu amigo o Senhor fosse do universo,
 Da paz aos rogos nossos, gozarias,
 93 Pois te entenece o nosso mal perverso.
 “Enquanto o vento é quedo, o que dirias
 Havemos nós de ouvir atentamente;
 96 Diremos quanto ouvir desejarias.

“Onde, a paz desejando, o Pado ingente
Com seus vassalos para o mar descende,
99 A terra, em que hei nascido, está jacente.
“Amor, que os corações súbito prende,
Este inflamou por minha formosura,
102 Que roubaram-me: o modo inda me ofende.
“Amor, em paga exige igual ternura,
Tomou por ele em tal prazer meu peito,
105 Que, bem o vês, eterno me perdura.
“Amor nos igualou da morte o efeito:
A quem no-la causou, Caína, esperas”.
108 Após tais vozes foi silêncio feito.
Daquelas almas as angústias feras
Em meditar amargo a fronte inclino
111 Té que o Mestre exclamou: “Que consideras?”
Quando pude, falei: “Cruel destino!
Que doce cogitar! Que meigo encanto,
114 Precederam do par o fim maligno!” —
Aos dois voltei-me e disse-lhes, entanto:
“Teus martírios, Francesca, me angustiam,
117 Movem-me o triste, compassivo pranto.
“Quando os doces suspiros só se ouviam,
Como, em que Amor mostrar-vos há querido
120 Os desejos, que ainda se escondiam?” —
— “Não há” — disse — “tormento mais dorido
Que recordar o tempo venturoso
123 Na desgraça. Teu Mestre o tem sentido.
“Mas porque de saber és desejoso,
Como nasceu a flor do nosso afeto,
126 Direi chorando o lance lastimoso.
“Por passatempo eu lia e o meu dileto
De Lanceloto extremos namorados;
129 Éramos sós, de coração quieto.
“Nossos olhos, por vezes encontrados,
Cessam de ler; ao gesto a cor mudara.
132 Um ponto só deu causa aos nossos fados.

“Ao lermos que nos lábios osculara
O desejado riso, o heroico amante,
135 Este, que mais de mim se não separa,
“A boca me beijou todo tremante,
De Galeotto fez o autor e o escrito.
138 Em ler não fomos nesse dia avante”.
Enquanto a história triste um tinha dito,
Tanto carpia o outro, que eu, absorto
Em piedade, senti letal conflito,
142 E tombei, como tomba corpo morto.

4. *Minos*, rei de Creta e que na mitologia pagã era juiz do Inferno. — 58. *Semíramis*, rainha de Babilônia, viúva do rei Nino. — 61. *Dido*, rainha de Cartago, que amou a Eneias. — 63. *Cleópatra*, rainha do Egito. — 64. *Helena*, mulher de Menelau, rei de Esparta que causou a guerra de Troia. — 67. *Páris* e *Tristão*, cavaleiros dos romances medievais. — 73. *Companheiros dois*, Francisca de Rimini e Paulo Malatesta, que foram mortos por Gianciotto Malatesta, marido de Francisca e irmão de Paulo, por eles terem ficado apaixonados um pelo outro.



CANTO VI

No terceiro círculo estão os gulosos, cuja pena consiste em ficarem prostrados debaixo de uma forte chuva de granizo, água e neve, e ser dilacerados pelas unhas e dentes de Cérbero. Entre os condenados Dante encontra Ciaco, florentino, que fala com Dante acerca das discórdias da pátria comum.

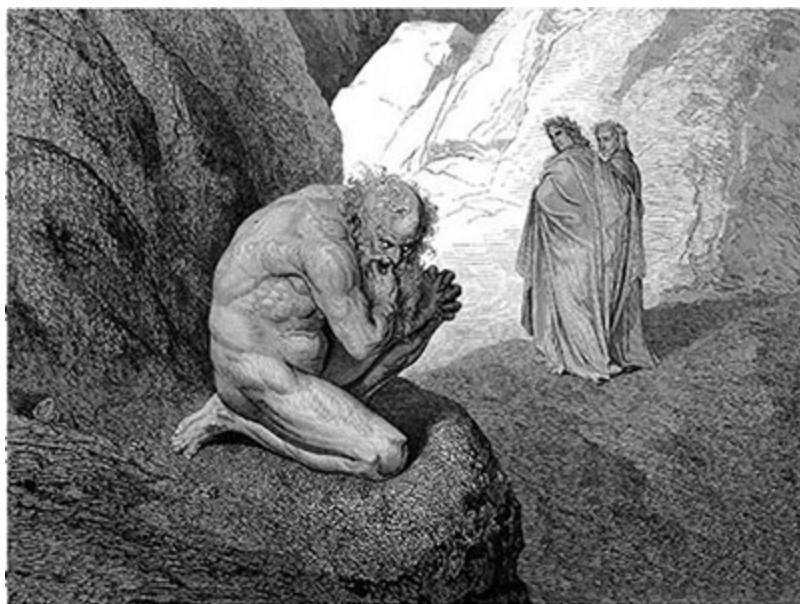
Do sossobro tornando a aflita mente,
Que da cópia infelice contristado
3 Havia tanto o padecer pungente,
Achei-me novamente circundado
De outros míseros, de outras amarguras,
6 Que via em toda parte, ao longe e ao lado.
Sou no terceiro círculo, onde escuras,
Eternas chuvas, gélidas caíam,
9 Pesadas, sempre as mesmas, sempre impuras.
Saraiva grossa, neve, água desciam
Desse ar pelas alturas tenebrosas:
12 No chão caindo infeto odor faziam.
Latia com três fauces temerosas,
Cérbero, o cão multíface e furente,
15 Contra as turbas submersas, criminosas.
Sanguíneos olhos tem, o ventre ingente,
Barba esquálida, as mãos de unhas armadas;
18 Rasga, esfola, atassalha a triste gente.
Uivam à chuva, quais lebréus, coitados!
Mudam de lado sem cessar, buscando
21 Defesa e alívio, as almas condenadas.
Cérbero, o grão réptil, nos divisando
Os dentes mostra, as bocas escancara,
24 De sanha os membros todos convulsando.
Meu Guia, as mãos abrindo, se prepara:
Enche-as de terra, e às goelas devorantes
27 Lança da fera essa iguaria amara.

Qual mastim, que em latidos retumbantes
 Brada de fome, e, apenas a sacia
 30 Devorando, aquieta as iras de antes:
 Tal, aplacando a fúria, parecia
 O demônio que as almas atordoa:
 33 Surdez de ouvi-lo o mal lhes pouparia.
 O solo, onde pisamos, se povoa
 Das sombras, que essas chuvas derrubavam:
 36 Forma e aparência tinham de pessoa.
 Sobre a terra estendidas, a alastravam;
 Mas uma surge, súbito sentada,
 39 Aos passos que adiante nos levavam.
 “Tu” — disse — “que és guiado pela estrada
 Do inferno, vê se acaso me conheces:
 42 Nasceste antes de eu ser nesta morada”.
 Tornei-lhe: “A grande angústia em que padeces,
 Tua feição lembrar-me não consente:
 45 Inota face aos olhos me ofereces.
 “Quem és que em tal lugar tão duramente
 Pelos pecados teus’ stás dando a pena?
 48 Se há maior, nenhuma é tão displicente”. —
 — “Em tua pátria” — responde — “que tão plena
 Já é de inveja, que transborda o saco,
 51 Existência gozei leda e serena.
 “Vós, Florentinos, me chamastes Ciaco:
 Por ter da gula a intemperança amado,
 54 À chuva peno enregelado e fraco.
 “Mas sou nesta miséria acompanhado;
 Pois quantos aqui estão de igual castigo
 57 Punidos foram por igual pecado”. —
 — “Com dor sincera” — lhe falei — “te digo
 Que esse tormento o peito me enternece.
 60 Saberás se os partidos a perigo
 “Florença levarão, que já padece?
 Algum justo ali vive? A que motivo
 63 A sizânia se deve, que ali cresce?” —

— “Virão a sangue após ódio excessivo;
 E o partido selvagem triunfante
 66 O outro lançará feroz e esquivo.
 “Três sóis passados, chegará o instante
 De ser pelos vencidos suplantado,
 69 Que esforça alguém, que aos dois faz bom semblante.
 “Por algum tempo o vencedor ousado
 A cerviz calcará do outro partido
 72 Que se aflige oprimido e envergonhado.
 “Justos há dois: ninguém lhes presta ouvido.
 Três brandões — Avareza, Orgulho, Inveja,
 75 Incêndio têm nos peitos acendido”. —
 Assim a flébil narração boqueja.
 Eu lhe respondo: “A informação completa;
 78 Favor farás a quem te ouvir almeja.
 “Farinata e Tegghiaio, de alma reta,
 Jacopo Rusticucci, Mosca, Arrigo,
 81 E os mais que da virtude o amor inquieta,
 “Onde estão? Diz e franco sê comigo!
 Saber qual seja anelo a sorte sua:
 84 ‘Stão no céu, ou no inferno têm castigo?’ —
 “Entre os que sofrem punição mais crua
 Estão, por seus maus feitos, lá no fundo:
 87 Se lá desces, verão a face tua.
 “Quando tornares ao saudoso mundo,
 De mim aviva aos meus o pensamento...
 90 Não mais: volto ao silêncio meu profundo”
 Os olhos que não tinham movimento,
 Torcendo fita em mim; já curva a frente
 93 E cai entre os mais cegos num momento.
 E disse, o Vate: “Em sono permanente
 Hão de aguardar a angélica chamada,
 96 Quando os julgar severo o Onipotente.
 “Cad’um, a triste sepultura achada,
 Ressurgindo na carne e na figura,
 99 Voz ouvirá pra sempre reboada”. —

A passo lento assim pela mistura
Das sombras e da chuva caminhando.
102 Falávamos da vida, que é futura.
— “Mestre” — lhe disse então — “irá medrando
Depois da grã sentença esse tormento?
105 Igual pungir terá? Será mais brando?” —
— “Do teu saber recorre ao documento:
Verás que ao ente quando mais se eleva
108 Do bem, da dor mais cresce o sentimento.
“Bem que esta raça condenada à treva
Jamais da perfeição se eleve à altura
111 Ressurgindo, há de ter pena mais seva”. —
Perlustramos do círculo a cintura,
De cousas praticando que não digo,
Té descer um degrau na estância escura.
115 Ali’stá Pluto, o nosso grande imigo.

14. *Cérbero*, monstro, meio cão, meio dragão, com três cabeças, que, segundo a mitologia antiga, estava à guarda do inferno. — 52. *Ciacco*, parasita florentino. — 65. O *partido selvagem*, os Brancos. — 80. *Farinata* etc., nomes de florentinos ilustres.



CANTO VII

Plutão, que está de guarda à entrada do quarto círculo, tenta amedrontar a Dante com palavras irosas. Mas Virgílio o faz calar-se, e conduz o discípulo a ver a pena dos pródigos e dos avarentos, que são condenados a rolar com os peitos grandes pesos e trocarem-se injúrias. Os Poetas discorrem sobre a Fortuna, e, depois, descem ao quinto círculo e vão margeando o Estiges, onde estão mergulhados os irascíveis e os acidiosos.

Pape Satan, pape Satan, aleppe:

- Pluto com rouca voz, ao ver-nos brada.
3 Para que eu do conforto não discrepe,
Virgílio, em tudo sábio: — “Da aterrada
Mente” — me diz — “se desvaneça o susto!
6 Poder Pluto não tem, que tolha a entrada”.
E, se volvendo ao vulto, de ira adusto,
Lhe grita: — “Cal’-te, ó lobo abominoso!
9 Em ti consome esse furor injusto!
“Se ao abismo descemos tenebroso,
A lei se cumpre do alto, onde, em castigo,
12 Suplantara Miguel bando orgulhoso”. —
Como o mastro, abatendo, traz consigo
Velas, que o vento de feição tendia.
15 Baqueou-se por terra o monstro imigo.
E, pois que o quarto círculo se abria,
Mais penetramos pela estância horrenda,
18 A que todo seu mal o mundo envia.
Ah! justiça de Deus! Que lei tremenda,
Dores, penas, quais vi, tanto amontoa?
21 Por que da culpa nos obceca a venda?
Como em Caribde a vaga que ressoa
Embate noutra, e quebram-se espumantes:
24 Assim turba com turba se abalroa,
Almas em cópia, nunca vista de antes,
Fardos de um lado e de outro, em grita ingente,

27 Rolavam com seus peitos ofegantes.
Batiam-se encontrando rijamente,
E gritavam depois, atrás voltando:
30 “Por que tens?” “Por que empurras loucamente?”
Assim no tetro circ’lo volteando
Iam de toda parte ao ponto oposto,
33 Por injúria o estribilho apregoando.
Nos semicirc’los novamente rosto
Faziam, té o embate reiterarem.
36 Eu, me sentindo à compaixão disposto,
— “Quem são? Que razão há para aqui estarem?”
Ao Mestre disse — “À esquerda os colocados
39 Clérigos são para tonsura usarem?”
— “Da mente sendo vesgos, transviados”
— Tornou — “andaram na primeira vida,
42 Sempre os bens aplicando desregrados.
“Quem seus clamores ouve não duvida:
Levantam grita aos termos dois chegados,
45 Onde oposta os separa a culpa havida:
“Os que então de cabelos despojados
Clérigos, papas, cardeais hão sido,
48 Pela nímia avareza subjugados”. —
— “Entre eles” — respondi — “Mestre querido,
Muitos serão, por certo, que eu conheça,
51 Imundos desse mal aborrecido”. —
— “Te enganas, quando assim — diz — “te pareça:
Da sua ignóbil vida a obscuridade
54 Vestígio não deixou, que ora apareça:
“Eles se hão de embater na eternidade:
Ressurgindo, uns terão as mãos fechadas,
57 Os outros de cabelos pouquidade.
“Por dar mal, por mal ter, viram cerradas
Do céu as portas; penam nesta lida,
60 Com mágoas, que não podem ser contadas.
“Vês quanto é de vaidade iludida
A ambição, em que os homens a porfiam,

63 Da Fortuna anelando os bens na vida.
“Todo o ouro, que as entranhas conteriam
Da terra, não pudera dar repouso
66 A um dos que em fadiga se cruciam”. —
— “Quem é, Mestre” — falei — “o portentoso
Ser, que chamas Fortuna, que à vontade
69 Bens distribui ao mundo cobiçoso?” —
— “Responde o Vate: — “Ó cega humanidade,
Quanta ignorância a mente vos ofende.
72 Do meu pensar direi toda a verdade.
“Quem pelo seu saber tudo transcende.
Os céus criando, guias elegeu-lhes;
75 E toda parte a toda parte esplende,
“Pela luz que igualmente concedeu-lhes.
Assim fez aos mundanos esplendores,
78 Geral ministra e diretora deu-lhes,
“Que em tempo os bens mudasse enganadores
De nação a nação, de raça a raça
81 Contra esforços de humanos sabedores.
“A pujança de um povo é grande ou escassa
Segundo o seu querer, que, se escondendo
84 Qual serpe em erva triunfante passa.
“Contra ela o saber vosso não valendo,
No seu reino ela tem poder e mando,
87 Como os outros o seu estão regendo.
“Mudanças incessante efetuando,
Se apressa por fatal necessidade,
90 E assim tantas no mundo vai formando.
“Tal é Fortuna, a quem por má vontade
Insulta o que louvá-la deveria,
93 Censurando-a com dura iniquidade.
“Mas, feliz, não escuta a vozeria,
E entre iguais criaturas primitivas,
96 Volvendo a esfera, em paz goza alegria.
“Desçamos ora a dores mais esquivas;
Estrelas baixam, que ao partir surgiram;

99 Demoras são defesas, são nocivas”. —
 Os nossos passos através seguiram
 Do círculo até fonte, que, fervendo,
 102 As águas brota, que torrente abriram,
 A cor mais negra do que persa tendo.
 Ao longo do seu curso nós baixamos,
 105 Por caminho diverso nos movendo.
 Lagoa, dita Stígia, deparamos,
 Junto à encosta maligna produzida
 108 Pelo triste ribeiro, que notamos.
 Eu, que tinha a atenção toda embebida,
 Vi sombras, nesse pântano, lodosas,
 111 Desnudas, e de face enfurecida.
 Não só co’as mãos batiam-se raivosas;
 Peitos, cabeças, pés armas lhes sendo,
 114 Com dentes laceravam-se espantosas.
 — “As almas, filho meu, que ora estás vendo
 São dos que” — disse o mestre — “venceu ira.
 117 Como certo também fica sabendo
 “Que sob as águas multidão suspira,
 E em borbulhões as águas intumesce
 120 Por toda essa extensão, que vista gira”. —
 — “Nos doces ares, a que o sol aquece”
 — No ceno imersas dizem — “tristes fomos:
 123 Dentro em nós fumo túrbido recresce.
 “Ora no lodo inda mais triste somos”. —
 Com voz cortada assim gargarejavam,
 126 De palavras somente havendo assomos.
 “Os passos, em grande arco, nos levavam.
 De paul sobre a borda seca; o bando,
 Tendo à vista, que assim lodo tragavam,
 130 E junto de uma torre alfim chegando.

1. *Pape Satan* etc., verso obscuro. Muitos comentadores o entendem: “Como

Satã, como Satã, príncipe do Inferno”... um mortal ousa penetrar aqui?” — 30. *Por que* etc. , “por que seguras tanto?” é a interrogação dos pródigos; “por que jogas fora?” é a interrogação dos avaros. — 78. *Geral ministra*, a Fortuna.

CANTO VIII

Flégias corre com a sua barca para os dois Poetas serem conduzidos, passando à lagoa, à cidade de Dite. No trajeto encontram a Filipe Argenti, florentino, que discute com Dante. Chegando às portas de Dite, os demônios não o querem deixar entrar. Virgílio, porém, diz a Dante que não lhe falte a coragem, pois vencerão a prova e que não há de estar longe quem os socorra.

Acrescentar eu devo, prosseguindo,
Que da torre inda estávamos distantes,
3 Quando os olhos ao cimo dirigindo,
Dois fanais brilhar vemos vacilantes,
A que outro de tão longe respondia,
6 Que mal se avistam seus clarões tremantes.
E eu de todo o saber ao mar dizia:
— “Os lumes dois por quê? Por que o terceiro?
9 Para acendê-los quem razão teria?” —
— “Pela onda impura” — me tornou — “ligeiro
Quem se aguarda já vês, se não te empece
12 A vista do paul o nevoeiro”. —
Qual seta, que pelo ar veloz corresse
Da corda arremessada, discernimos
15 Tênuê batel, que vir pra nós parece.
A regê-lo um arrais distinguimos:
— “Alfim chegaste, espírito execrando!”
18 Em retumbante grita nós lhe ouvimos,
— “Flégias, Flégias, estás em vão bradando!” —
Disse-lhe o Mestre — “nos terás somente
21 Enquanto formos o paul passando.” —
Como quem reconhece, e pesar sente,
Um grande engano, que se lhe há tecido,

24 Flégias assim na sua ira ardente.
Tendo Virgílio à barca descendido,
Eu segui-o: somente aos meus pesados
27 Passos mostrou ter carga recebido.
Em sendo o Mestre e eu no lenho entrados,
O lago foi cortando a antiga proa
30 Com sulcos mais que de antes profundados,
Enquanto assim corremos, eis me soa
De lutulenta sombra voz que exclama:
33 — “Quem és que em vida vens para a lagoa?”
— “Sim, venho, mas não fico nesta lama.
E tu quem és que imundo te hás tornado?” —
36 — “Bem vês: um sou que lágrimas derrama”
E eu então: — “Fica em lodo mergulhado.
Em dor, em pranto, espírito maldito!
39 Sei quem és, se bem’stás desfigurado”. —
Tendeu à barca as mãos aquele aflito,
Mas por Virgílio, que o repele presto
42 — “Com teus iguais vai, cão, te unir!” — foi dito.
Abraçando-me então com ledto gesto
Me oscula e diz: — “Abençoado seja,
45 Quem tão altivo te gerou e honesto!
“Essa alma, que de orgulho inda esbraveja,
Avessa ao bem, de raiva possuída,
48 Deixou em si memória, que negreja,
Quantos reis, grandes na terrena vida,
Virão, quais cerdos, se atascar no lodo,
51 Fama de si deixando poluída!” —
— “Mestre, grato me fora sobremodo
Vê-lo no ceno mergulhar profundo,
54 Antes de eu ter daqui saído em todo”. —
— “Antes que a margem — respondeu jucundo —
Avistes, gozarás dessa alegria,
57 Verás penar o espírito iracundo”. —
E logo ao pecador, como à porfia,
Tanta aflição causou a imunda gente,

60 Que ainda louvo a Deus, que o permitia.
Gritavam todos: — “A Filipe Argenti!” —
E a florentina sombra, se volvendo
63 Contra si, se mordida insanamente:
Lá o deixei, não mais nele entendendo.
Súbito, ouvindo um lamentar amaro,
66 Os olhos fitos para além e atendo.
E o bom Mestre me disse: — “Ó filho caro,
‘Stá perto Dite, de Satã cidade,
69 Que há povo infindo para o bem avaro”. —
— “Lá do vale no fundo em quantidade
Mesquitas” — respondi — “rubras discerno
72 De flama, creio, pela intensidade”.
E o mestre a mim: — “As faz o fogo eterno
Vermelhas, que lá dentro está lavrando
75 Como tens visto neste baixo inferno”. —
Já nos profundos fossos penetrando
De que o triste alcaçar é circundado,
78 Me estavam ferro os muros semelhando.
Mas, após grande giro, hemos tocado
Na parte, onde o barqueiro com voz forte
81 — “Sai” — gritou — “à entrada haveis chegado!”
À porta vi daqueles grã coorte
Que o céu choveu; bramiam de despeito:
84 “Este quem é que, antecipando a morte,
“Tem dos mortos no reino sido aceito?” —
Meu sábio Mestre então lhes fez aceno
87 Para, em secreto, expor-lhes seu conceito.
Contendo um pouco às sanhas o veneno
Disseram: — Vem tu só; vá-se o imprudente,
90 Que neste reino entrou, de audácia pleno;
“Só deixe a empresa em que embarcou demente;
Tente-o, se sabe; ficarás no entanto;
93 Pois és seu guia à região nocente”. —
Imagina, ó leitor, qual fosse o espanto
Meu escutando a horrífica ameaça:

96 Não deixar a mansão temi do pranto,
 “Ó Mestre meu, que tanta vez a graça
 Fizeste de alentar-me o peito aflito
 99 No perigo iminente e atroz desgraça,
 “Não me deixes” — disse eu — “neste conflito!
 E, se avante passar é defendido,
 102 Ambos voltemos do lugar maldito!” —
 Quem tão longe me havia conduzido
 — “Não temas” — diz — “não pode ser vedado
 105 O passo, que por Deus foi permitido.
 “Aqui me espera e o ânimo prostrado
 Fortalece e alimenta de esperança:
 108 Não hás de ser no inferno abandonado”. —
 O doce pai se afasta e à porta avança.
 Ficando assim na dúvida e incerteza,
 111 No pró, no contra a mente se abalança.
 Não pude o que propôs ouvir; na empresa
 Curta há sido a detença: de repente
 114 Esquivam-se os precitos com presteza.
 De roldão cerra a porta a imiga gente
 Do Mestre à face, que, ficando fora,
 117 A mim se restitui mui lentamente.
 De olhos baixos, faltava-lhe a de outrora
 Afouteza, e dizia suspirando:
 120 “Quem me tolhe da dor a estância agora?” —
 E logo a minha alteração notando
 “Não te aflijas; que os óbices te digo
 123 Hei de vencer que a entrada estão vedando.
 “Não é nova esta audácia do inimigo;
 Em mais patente porta há já mostrado,
 126 Que sem ferrolho está: viste-a comigo,
 “E a lúgubre inscrição lhe hás contemplado.
 Deixou atrás e desce a penedia,
 Pelos circ’los passando não guiado,
 130 Abrir quem pode esta cidade ímpia”. —

19. *Flégias*, personagem da antiga mitologia, que incendiou o templo de Apolo, por ter este violado a sua filha. — 61. *Filipe Argenti*, dos Adimari de Florença, inimigo político de Dante.



CANTO IX

Dante pergunta a Virgílio se havia já percorrido outra vez o Inferno. Virgílio responde que já percorreu todo o Inferno e narra como e quando. Na torre de Dite se apresentam, no entanto, as três Fúrias e depois Medusa, que ameaçam a Dante. Virgílio, porém, o defende. Chega um anjo do Céu que abre aos Poetas as portas da cidade rebelde.

Do medo a cor, que o gesto me alterara,
Ao ver tornar Virgílio em retirada,
3 Serenou turvação, que o seu mudara.
Como escutando, espreita; que a cerrada
Névoa os ares em torno enegrecia,
6 E a vista, incerta, achava-se atalhada.
— “Mas é mister vencer nesta porfia ...” —
Lhe ouvi — “se não... socorro é prometido...
9 Oh! quanto a vinda sua é já tardia!” —
Bem vi que das palavras o sentido,
Que a declarar apenas começava,
12 Fora por outros logo confundido.
Porém maior receio me assaltava,
Na reticência auspício triste vendo,
15 Que na expressão talvez não se encerrava.
— “A esta hórrida estância, descendendo
Do limbo, pode vir quem só padece,
18 A esperança”, — inquiri — “toda perdendo?”
O Mestre respondeu: — “Raro aparece
Ensejo, que um de nós a andar obriga
21 Pelo caminho, que aos abismos desce.
“Ali, porém, já fui, quando inimiga
Esconjurou-me Ericto, que os esp’ritos
24 Constrangia a fazer cos corpos liga.
“Des’pouco eu me finara: por seus ritos
Ao círculo de Judas fui trazido
27 Para a sombra tirar de um dos precitos.

“É o lugar mais fundo e denegrado,
 Mais remoto do céu, que os orbes gira.
 30 Sei o caminho: esforça-te, ó querido!
 “Este paul, que o bruto cheiro expira,
 A cidade circunda do tormento,
 33 Onde entrar não podemos já sem ira”.
 Deslembro o que mais disse: o pensamento
 Da torre altiva ao cimo chamejante,
 36 Que os olhos me prendia, estava atento.
 Lá o aspecto se erguia horripilante
 De fúrias três; de sangue eram tingidas,
 39 Feminis no meneio e no semblante.
 De hidras verdes mostravam-se cingidas,
 Cerastes, serpes cada uma tinha
 42 Por coma, em torno à fronte entretecidas.
 Virgílio, que conhece da rainha
 Do eterno pranto essas ancilas cruas,
 45 — “Nas Érinis atenta” diz-me asinha.
 “Megera à esquerda está das outras duas,
 Chora à direita Aletó e fica ao meio
 48 “Tisífone”. — E pôs termo às vozes suas.
 Co’as unhas cada qual rasgava o seio,
 Com seus punhos batiam-se, em tal brado,
 51 Que ao Vate me acerquei, de pavor cheio.
 Olhando-me dizia: — “Transformado
 Em pedra seja por Medusa; o assalto
 54 Do ímpio Teseu não foi assaz vingado.
 — “Volta a face; de luz o rosto falto
 Conserva; que, se a Górgona encarar-te,
 57 Tu não mais tornarás da terra ao alto” —
 Disse o Mestre, e volveu-me à oposta parte;
 E as mãos juntando às minhas que não bastam,
 60 Os olhos amparar-me quis dessa arte.
 Ó vós cujas ideias não se afastam
 Das leis de sã razão, vede os preceitos
 63 Que destes versos sobre o véu se engastam.

Eis sobre as águas túrbidas desfeitos
Troam sons de fracasso temeroso;
66 Tremendo, as margens sentem-lhe os efeitos.
O tufão assim freme impetuoso,
Que, de ardores contrários se excitando,
69 Sem pausa fere a selva, e furioso,
Quebrando ramas, flores arrancando,
Entre nuvens de pó soberbo assalta
72 Feras, pastores e lanoso bando.
Os olhos descobriu-me e disse: “Exalta
A vista agora até a espuma antiga,
75 Onde mais acre a cerração ressalta”.
Quais rãs, divisando a cobra imiga,
Todas da água no seio desaparecem,
78 E cada qual no lodo entra e se abriga,
Tais milhares de espíritos parecem,
Em derrota fugindo ante a figura
81 Que passa; nágua os pés não se umedecem.
Movendo a esquerda mão, a névoa escura,
Que lhe era em torno ao vulto, dissipava:
84 Só este afã lhe altera a face pura.
Ser ele conheci que o céu mandava;
A Virgílio voltei-me, e mudo e quieto
87 Ao aceno, que fez, eu me acurvava.
Quantos lumes reflete o iroso aspecto!
À porta chega: ao toque de uma vara
90 Abre-se a entrada do alcaçar infecto.
— Ó turba vil, que o céu de si lançara!” —
Ao limiar falou da atroz cidade:
93 — “Donde vos vem da audácia a insânia rara?
“Por que recalcitrais à alta vontade,
Que sempre cumpre o seu excelso intento,
96 E à dor já vos cresceu a intensidade?
“Cuidais pôr ao destino impedimento?
Cérbero, o vosso, na memória tende:
99 Trilhados inda estão-lhe o colo e o mento”.

Então pelo caminho imundo estende,
Sem nos falar, os passos semelhante
102 A quem outros cuidados a alma prende,
Daqueles, que há presentes, bem distante.
Nós à cidade afoutos caminhamos:
105 Deu-nos esforço o seu falar pujante.
Já, removido todo o pejo, entramos.
Eu, que sentia de saber desejo
108 Quanto o forte contém que franqueamos.
Como fui dentro, a tudo pronto, vejo
Campanha em toda parte ilimitada,
111 Mas não espaço às punições sobejo.
Como em Arle, onde o Rhône faz parada
Ou junto a Pola, de Quernaro perto,
114 De que à Itália a fronteira está banhada,
‘Stá de sepulcros desigual e incerto
O solo: outros assim a estância feia,
117 Mas de modo mais agro, tem coberto.
Entre eles chama horrífica serpeia
E os abrasa inda mais que frágua ardente
120 Que arte para amolgar o ferro ateia.
Alçada a tampa, é cada qual patente.
Dali surgia um lamentar profundo,
123 De miséreo gemido permanente.
— “Ó Mestre meu, quais foram lá no mundo” —
Eu disse — “aqueles, que no duro encerro
126 Denunciam tormento sem segundo? —
“Aqui stão os hereges por seu erro,
Com seus sequazes dos diversos cultos:
129 São mais do que tu crês em cada enterro.
“Iguais com seus iguais estão sepultos,
Uns túmulos mais que outros são candentes”.
À destra então voltou: com tristes vultos
133 Passamos entre o muro e os padecentes.

22-27. *Ali, porém* etc.: a alma de Virgílio já desceu no mais profundo do Inferno acompanhada pela bruxa Eriton. — 43. *A rainha*, Prosérpina. — 53-54. *O assalto* etc., Teseu desceu no Inferno para raptar Prosérpina. — 45. *Érinis*, ou as três Fúrias, filha de Érebo e da Noite. — 56. *Górgona*, o rosto de Medusa que petrificava quem o olhasse. — 98. *Cérbero*, guardião do Inferno, que foi vencido por Hércules, quando este desceu ao Inferno. — 112-15. *Em Arles* etc., alusão aos túmulos romanos, numerosos na Provença perto de Arles e em Pola, na Ístria.

CANTO X

Caminhando os Poetas entre as arcadas, onde estão penando as almas dos heresiarcas, Dante manifesta a Virgílio o desejo de ver a gente nelas sepultada e de falar a alguém. Nisto ouve uma voz chamá-lo. É Farinata degli Uberti. Enquanto o Poeta conversa com ele, é interrompido por Cavalcante Cavalcanti, que lhe indaga por seu filho Guido. Continua Dante o começado discurso com Farinata, que lhe prediz obscuramente o exílio.

Entra Virgílio por vereda estreita,
Que entre o muro e os martírios vai seguindo:
3 Após os seus meu passo se endireita.
— “Virtude suma! ó tu, que, dirigindo
Me estás, ao teu sabor na estância triste,
6 Me instrui, ao meu desejo deferindo.
“A gente ver se pode que ora existe
Naquelas sepulturas descobertas,
9 A que nem guarda, nem defesa assiste?” —
— “Serão” — me respondeu — “todas cobertas
No dia, em que, de Josafá tornando,
12 Os corpos tragam, de que estão desertas.
“Epicuro aqui jaz com todo o bando
Dos discípulos seus, que professaram
15 Que alma fenece, a vida em se acabando.
“O que as tuas palavras declararam
Satisfeito há de ser, como o que vejo
18 Dos votos que em teu peito se ocultaram”. —
— “Não te expus, meu bom Mestre, quanto almejo,
Porque de breve ser tenho o cuidado,
21 E a mais longo dizer não deste ensejo”. —
— “Ó Toscano, que, vivo hás penetrado

Do fogo na cidade e és tão modesto,
 24 Detém-te um pouco, se te for de agrado.
 “Por teu falar me está bem manifesto
 Que nessa nobre pátria tens nascido,
 27 A que fora eu talvez assaz molesto”. —
 Ouço este som, de súbito saído
 De um dos jazigos: tanto eu me torvara,
 30 Que ao Mestre me achegava espavorido.
 — “Que temes tu?” — Virgílio diz — “Repara:
 É Farinata em seu sepulcro alçado,
 33 Do busto em toda a altura, se depara”. —
 Na sombra os olhos tinha eu já fitado:
 Altiava levantava a fronte e o peito,
 36 Como em desprezo do infernal estado.
 Por entre as tumbas me levou direito
 Ao vulto o Mestre com seu braço presto,
 39 Dizendo-me: — “Sê claro em teu conceito!” —
 Junto ao sepulcro apenas fui, com gesto
 Severo um pouco olhou-me e desdenhoso
 42 — “Teus maiores?” — falou — “Faz manifesto”.
 Eu, já de obedecer-lhe desejoso,
 Quanto sabia expus-lhe francamente.
 45 O sobrolho arqueava um tanto iroso,
 E tornou: — “Guerra crua fez tua gente
 A mim, aos meus avós, e ao partido;
 48 Mas duas vezes bani-os justamente”. —
 — “Mas todos os que expulsos tinham sido
 Se hão, de uma e de outra vez repatriado:
 51 Não têm essa arte os vossos aprendido”. —
 Surgindo então de Farinata ao lado
 Somente o rosto um vulto nos mostrava,
 54 Sobre os joelhos, cheio, levantado.
 Com ansiosos olhos me cercava
 A ver se alguém viera ali comigo.
 57 Mas, perdida a esperança, que o animava,
 Pranteando inquiriu: — “Se ao reino imigo

Por prêmio baixas do teu alto engenho,
 60 Onde é meu filho? Pois não vem contigo?
 — “Por moto próprio aqui” — volvi — “não venho;
 Perto me aguarda quem meus passos guia,
 63 Vosso Guido talvez teve-o em desdenho”.
 A pena sua e as vozes, que lhe ouvia,
 Denunciado haviam-me o seu nome:
 66 Pude assim responder quanto cumpria.
 Súbito ergueu-se o espírito e gritou-me:
 “Teve disseste: não mais vive agora?
 69 O corpo seu a terra já consome?
 Como eu tivesse em responder demora
 À pergunta, de costas recaía,
 72 E novamente não mostrou-se fora.
 Mas esse outro magnânimo, que havia
 De antes falado não mundou de aspeito;
 75 No colo e busto imóvel persistia.
 — “Se aquela arte não dera ao meu proveito” —
 Prosseguiu — “me produz esta certeza
 78 Maior tormento no adurente leito.
 “Porém vezes cinquenta a face acesa
 Não mostrará do inferno a soberana
 81 Sem que tu saibas quanto essa arte pesa.
 “Assim possas voltar à vida humana!
 Contra os meus, diz, por que tanta maldade
 84 Em cada lei, que desse povo emana” —
 Eu respondi: — “O estrago, a mortandade,
 Que do Árbia as águas de rubor tingira
 87 A cúria nossa move à austeridade”. —
 Inclinando a cabeça então, suspira
 E diz: — “não fui lá só naquele dia,
 90 Nem sem motivo aos outros eu seguira.
 “Porém achei-me só, quando exigia
 De Florença a ruína o geral brado:
 93 A peito descoberto eu defendia-a”. —
 — “Seja o descanso à vossa prole dado:

Mas, vos suplico, de penoso enleio
 96 Fique o juízo meu descativado.
 “Se bem percebo, do futuro ao seio
 Subindo e ao tempo o curso antecipando,
 99 Do presente ignorais todo o rodeio”. —
 — “Os que têm vista má nos semelhando” —
 Tornou-me — “as cousas mais distantes vemos,
 102 De Deus última luz em nós raiando.
 “Quando estão perto ou no presente as temos
 Se apaga a lucidez, e a mente aprende
 105 Por outrem só o que de vós sabemos.
 “Ciência nossa do porvir depende;
 Em sendo a porta do porvir cerrada,
 108 Essa luz morre em nós, não mais se acende”.
 Então minha alma, de remorso entrada,
 “Dize” — replico — à sombra, a quem falava,
 111 Que o filho inda entre os vivos tem morada.
 Se presto lhe não disse o que exorava,
 Da dúvida, que, há pouco, heis-me explicado
 114 Pela influência dominado eu’stava”. —
 Se bem fosse do Mestre apelidado,
 Rogando a sombra a me dizer prossigo
 117 As almas, de quem’stava acompanhado.
 Respondeu: — “Muitos mil jazem comigo
 Aqui dentro, o Segundo Frederico,
 120 Com ele o cardeal, de outros não digo”. —
 Dos olhos se apartou. A cismar fico,
 Voltando ao sábio Mestre, na ameaça
 123 Desse, que ouvira, vaticínio único.
 Ele caminha, e, enquanto avante passa,
 Me diz: “Por que és torvado?” — Eu tudo conto
 126 Expondo o que me inquieta e me embaraça.
 — “Do que ouviste a memória cada ponto
 Conserva!” — o sábio ordena; e, logo, alçando
 129 O dedo, segue: — “Agora escuta pronto.
 “Ante o doce raiar daquela estando,

Que tudo aos belos olhos tem presente,
132 Se irão da vida os transe revelando”. —
Moveu-se logo à esquerda diligente;
Deixando o muro, ao centro caminhava
Por senda, que descia ao vale horrendo,
136 Que hediondos vapores exalava.

32. *Farinata* degli Uberti, nobre florentino, chefe dos gibelinos, que combateu os guelfos em Montaperti (1260); e depois, com a sua autoridade, impediu que a cidade fosse destruída. — 48. *Mas duas vezes* etc., os ascendentes de Dante, guelfos, duas vezes foram banidos de Florença. — 53. *Um vulto*, Cavalcante Cavalcanti, pai de Guido, poeta e amigo de Dante. — 111. *Que o filho*, Guido Cavalcanti ainda está vivo. — 119. *O segundo Frederico*, Frederico II da Suábia, tido como herege. — 120. *O cardeal*, Otavio degli Ubaldini, também tido como herege.

CANTO XI

Os Poetas chegam à beira do sétimo círculo. Sufocado pelo mau cheiro que se levanta daquele bátrio, param atrás do sepulcro do papa Anastácio. Virgílio explica a Dante a configuração dos círculos infernais. O primeiro, que é o sétimo, é o círculo dos violentos. Como a violência pode dar-se contra o próximo, contra si próprio e contra Deus, o círculo é dividido em três compartimentos, cada um dos quais contém uma espécie de violentos. O segundo círculo, que é o oitavo, é o dos fraudulentos e se compõe de dez círculos concêntricos. O terceiro, que é o nono, se divide em quatro compartimentos concêntricos. Fala-lhe também acerca dos incontinentes e dos usuários. Movem-se depois para o lugar de onde se desce para o precipício.

À borda de alta riba assim chegamos,
Que em circ'lo rotas penhas conformavam:
3 De lá mais crus tormentos divisamos.
Do fundo abismo exalações brotavam,
Tão acres, que a fugir nos obrigaram
6 Para trás das muralhas elevadas
De um sepulcro, em que os olhos decifraram:
“Sou do papa Anastácio a sepultura,
9 Que de Fotino os erros transviaram”.
“Lentamente desçamos desta altura:
Assim, o olfato ao mau odor afeito,
12 Não hemos de sentir-lhe a ação impura”.
A Virgílio tornei: “Proceda a jeito,
Ó Mestre, por que o tempo consumido
15 Na demora, não corra sem proveito”. —
— “Já’stava o meio, ó filho, apercebido.
Nestas penhas três circ’los há menores,

18 Por degraus, como os outros, que hás descido.
“Plenos’stão de malditos pecadores.
Por que, em vendo, os conheças logo, atende:
21 Direi seus crimes e da pena as dores.
“Todo mal, que no céu cólera acende,
Injustiça há por fim, que o dano alheio,
24 Usando fraude ou violência, tende.
“Próprio do homem por ser da fraude o meio
Mais descontenta a Deus; mores tormentos
27 Em lugar sofre de aflições mais cheio.
“Dos circ’los o primeiro é dos violentos;
Mas, força a três pessoas se fazendo,
30 Foi construído em três repartimentos.
“A Deus, a si, ao próximo ofendendo,
Nas pessoas, nos bens a força fere,
33 Como hás de convencer-te, mas entendendo.
“Morte ou dor força ao próximo confere.
Com ruína, com fogo os bens lhe invade,
36 Quando pela extorsão não se apodere.
“Homicidas, os que usam feridade,
Ladrões, devastadores, torturados
39 ‘Stão no primeiro, em turmas, sem piedade.
“Homens há contra si cruéis, irados
Ou contra os próprios bens: pois no segundo
42 Recinto jazem sempre amargurados,
“Quem se privara do terreno mundo,
Os que seus cabedais malbarataram,
45 Quem chora onde pudera estar jucundo.
“Contra Deus violência homens preparam,
Se o negam, se o blasfemam, desdenhando
48 Natura e os dons, que nela se deparam.
“No recinto menor sinal nefando
Caors marca igualmente com Sodoma,
51 E os que pecaram contra Deus falando.
“A fraude em que o remorso tanto assoma,
Ou trai a confiança ou premedita

54 Danos a quem desprevenido toma.
 “A fraude desta espécie se exercita
 Contra os laços de amor, que faz natura:
57 Portanto no segundo circ’lo habita
 “Adulação com simonia impura,
 Hipócritas, falsários, feiticeiros,
60 Rufiães e outros dessa laia escura.
 “Transforma a outra afetos verdadeiros,
 Que inspira a natureza e os que origina
63 A mútua fé nos ânimos inteiros.
 “E, pois, no circ’lo extremo, que domina
 Da terra o centro e onde Dite pesa,
66 Eterna pena aos tredos se destina”. —
 “Tem, Mestre” — eu disse — “o cunho da clareza
 O que expões, distinguindo exatamente
69 A geena do inferno e a gente presa.
 “Diz-me: os que jazem na lagoa ingente,
 Os que flagela o vento ou chuva imiga,
72 Os que se encontram em frêmito insolente,
 “Por que Deus lá em Dite os não castiga,
 Se a ira a Deus seus feitos acenderam?
75 Se não, por que a aflição tanto os fustiga?” —
 “Deliras? Da tua mente se varreram
 Princípios são” — tornou — “a que és afeito?
78 A que rumo as ideias se volveram?
 “Olvidas, porventura, esse preceito,
 De que houveste na *Ética* a ciência,
81 Das três disposições, que em mau conceito
 “Estão do céu, — malícia, incontinência
 E furor bestial? — como a segunda
84 Importa a Deus menor irreverência?
 “Se atentas em verdade tão profunda,
 Se lembras quais são esses que padecem
87 Acima da mansão, que o fogo inunda,
 “Verás então ser justo não sofressem
 Daqueles maus a par, menos pesada

90 Punição culpas suas merecessem”. —
 “Sol, que me aclara a vista perturbada,
 Às lições tuas dou tamanho apreço,
 93 Que o duvidar, como o saber, me agrada.
 “Tornando ao que disseste, expliques peço,
 Por que motivo, Mestre, usura ofende
 96 A divina bondade em tanto excesso”. —
 “Filosofia” — disse — “quem a atende
 Tem demonstrado, quase em toda parte,
 99 Que a natureza a sua origem prende
 “Do divino intelecto e da sua arte.
 Da Física em princípio hás conhecido
 102 Preceito, que hei mister recomendar-te:
 Que é da vossa arte ir sempre que há podido
 Após natura — à mestra obediente; —
 105 Neta de Deus chamá-la é permitido.
 “Da natureza e da arte, se tua mente
 O Gênese em começo lembra, colhe
 108 O seu sustento e haver a humana gente.
 “Usura bem diversa estrada escolhe
 Natura e a aluna sua menospreza,
 111 Esperança e cuidado e mal recolhe.
 Mas andemos; prossiga a nossa empresa.
 Vão no horizonte os Peixes assomando;
 Voltando sobre o coro o culto pesa
 115 E, além, a rocha está passagem dando”. —

8-9. *Anastácio*, engano de pessoa em que cai Dante, em conformidade com as crônicas do seu tempo. Não foi o papa Anastácio II, mas o imperador grego Anastácio I que foi transviado pela heresia de Fotino. — 80. *Ética*, a *Ética* de Aristóteles.



CANTO XII

O Minotauro está de guarda ao sétimo círculo. Vencida a ira dele, chegam os Poetas ao vale, em cujo primeiro compartimento veem um rio de sangue fervendo, no qual são punidos os que praticaram violências contra a vida ou as coisas do próximo. Uma esquadra de Centauros anda em volta do paul vigiando os condenados, flechando-os se tentam sair do rio de sangue. Alguns desses Centauros pretendem deter os Poetas, porém, Virgílio os domina, conseguindo que um deles os escolte e transporte na garupa a Dante. Na passagem o Centauro, que é Nesso, fala a respeito dos danados que sofrem a pena no rio de sangue.

Da descida era o passo tão fragoso
E tal por quem lá estava à guarda e atento,
3 Que se fazia à vista pavoroso.
Como a ruína, que daquém de Trento,
O Ádige feriu, por terremoto
6 Ou por faltar de chofre o fundamento;
Do viso ao val do monte, que foi roto,
Tão derrocada vê-se a penedia,
9 Que a descê-la o caminho é quase imoto.
A ribanceira assim nos parecia.
E à borda do penedo fracassado
12 De Creta o monstro infame se estendia,
Da falsa vaca torpemente nado.
Apenas viu-nos, se mordeu fremente,
15 Como quem pela raiva é devorado.
“Cuidas” — bradou-lhe o sábio incontinente —
“Ser de Atenas o príncipe, o que à morte
18 Lá sobre a terra te arrojou valente?
“Arreda, bruto! Que este é de outra sorte;
Da tua irmã não receberá ensino;
21 De vós outros vem ver a pena forte”.
Qual touro desprendido, quando o tino
Mortal golpe lhe rouba, que não pode

24 Correr, mas salta a vacilar mofino:
Assim o Minotauro. O Mestre acode
Dizendo-me: “Demanda presto a entrada
27 E desce, enquanto em vascas se sacode”. —
A quebrada descíamos formada
De pedras soltas; cada qual, movida,
30 Cedia, em sendo por meus pés calcada.
E eu cismava. Ele disse: — “Tens sorvida
A mente na ruína, que do horrendo
33 Monstro a ira defende já vencida.
“Deves saber que, de outra vez descendo
Até o extremo lá do baixo inferno,
36 Esta rocha não vi, como a estas vendo,
“Mas, pouco antes de vir se bem discerno,
Aquele que há tomado a grande presa,
39 A Dite, lá no círculo superno,
“Deste val tremeu tanto a profundeza,
Que sentisse pensei todo o universo
42 O amor, com que alguém diz ter certeza
“De que ao caos muita vez será converso.
Foi aqui, noutras partes, nesse instante,
45 Roto o velho penhasco em treva imerso.
“Mais olha o vale: o rio é não distante
De sangue, onde verás fervendo aquele,
48 Que violência exerceu no semelhante.
“Ó ira louca, ó ambição, que impele
Na curta vida nossa, ao inferno arrasta
51 E para sempre nos submerge nele!” —
“Eis uma cava divisei mui vasta,
Que abrangia, arqueada, o plano inteiro,
54 Como dissera quem do mal me afasta.
No espaço, a que o penhasco é sobranceiro,
Centauros correm, setas agitando,
57 Como soíam no viver primeiro.
Descer nos vendo, para o árdido bando.
Três de entre eles então nos demandaram,

60 Os arcos e arremessos preparando.
Os brados de um de longe nos soaram:
— “Vós, que desceis, dizei a pena vossa;
63 De lá falai, ou tiros se disparam!” —
Virgílio respondeu: — “Resposta nossa
Terá Quiron de perto, sem demora.
66 Sempre te dana a pressa que te apossa”. —
Tocou-me e disse: — “Quem nos fala agora
E’ Nesso, o que morreu por Dejanira;
69 Mas se vingou de quem fatal lhe fora.
“Esse do meio, que o seu peito mira,
Aio de Aquiles, é Quiron famoso;
72 “Esse outro é Folo, sempre aceso em ira”. —
Aos mil em volta ao rio sanguinoso
As almas seteavam, que excediam,
75 Mais do que é dado, o líquido horroroso.
Àqueles monstros que ágeis se moviam,
Chegam-nos. Quiron com seta ajeita
78 Os cabelos, que os lábios lhe encobriam.
Quando desta arte a larga boca afeita,
Disse à companha: — “Haveis já reparado
81 Que move aquele tudo, em que os pés deita?
“Nunca assim pés de morto hão caminhado”.
O Guia meu, que junto já lhe estava
84 Do peito, onde era um ser noutro enleado,
— “Vivo está, vem comigo” — lhe tornava —
“A visitar o val maldito, escuro
87 Para cumprir dever, que lho ordenava.
“Deixando de cantar o hosana puro
Alguém me há cometido o cargo novo.
90 Não é ladrão, nem eu esp’rito impuro:
“Em nome do poder, por quem eu movo
Os passos meus em tão medonha estrada,
93 Envia algum, que escolhas no teu povo,
“Por nos mostrar a parte acomodada
Ao vau, e no seu dorso haver transporte

96 Quem não é sombra ao voo aparelhada”.
Quiron volveu-se à destra e a Nesso forte
— “Torna atrás” — disse — “e serve-lhes de guia:
99 Que outro bando o caminho lhes não corte!” —
Já partimos na fida companhia,
As ondas costeando rubras, quentes,
102 Onde agudo estridor ao ar subia.
Té os cílios no sangue os padecentes
Eu vi. Disse o Centauro: — “São tiranos
105 Truculentos e em roubo preminentes.
“Chora-se aqui por feitos desumanos.
Alexandre aqui está, Dionísio antigo
108 Que gemer fez Sicília tantos anos.
“De negra coma, aqui sofre o castigo
Azzolino; e o que está, louro, ao seu lado
111 Obizzio d’Este, ao qual (verdade eu digo)
“Roubara a vida o pérfido enteado”. —
E o Vate, a quem voltei-me, assim dizia:
114 — “O segundo lugar me é reservado”. —
Pouco além parou Nesso: olhar queria
Uma turba, que, estando submergida,
117 Toda a cabeça para fora erguia,
Disse, indicando uma alma retraída:
“Perante Deus um coração ferira,
120 Que inda Londres venera estremecida”. —
A cabeça vi de outros, que subira
Do rio à superfície e o inteiro busto,
123 Suas feições no mundo eu distinguira:
Ia baixando o sangue até que a custo
Os pés cobria a quem passar quisesse:
126 O fosso ali vencemos já sem custo.
“Se desta parte o borbulhão parece
Do rio escassear, eu te asseguro”
129 — Disse Nesso — “que mais engrossa e desce
“Na parte oposta até juntar-se ao escuro
Pego em que, como hás visto, a tirania

- 132 As penas dá no seu tormento duro.
“A divina justiça lá crucia
Esse Átila, que açoite foi da terra,
135 Pirro e Sexto; e redobra-se a agonia
“Dos dois Renatos, que tamanha guerra
Fizeram nas estradas, salteando,
— O Pazzo e o de Corneto”. — E a fala cerra.
139 Voltou depois do rio o vau passando.

12-13. *De Creta o monstro infame*, o Minotauro, nascido de um touro e de Pasifae, o qual foi morto por Teseu. — 65. *Quiron* — centauro morto por Hércules, quando do rapto de Dejanira. — 107. *Alexandre*, tirano de Fere na Tessália ou Alexandre de Macedônia. — *Dionísio*, tirano de Siracusa. — 110. *Azzolino*, Ezzelino III de Romano, tirano da Marca Trevisana. — 111. *Obizzio*, d’Este, tirano de Ferrara. — 118-120. *Uma alma* etc. Guido de Monfort, que matou a Arrigo, irmão de Eduardo I, rei da Inglaterra, cujo coração foi colocado num monumento. — 134. *Átila*, rei dos Hunos, chamado o flagelo de Deus. — 135. *Pirro*, filho de Aquiles que matou a Príamo.



CANTO XIII

Os dois Poetas entram no segundo compartimento, onde são punidos os violentos contra si mesmos e os dilapidadores dos próprios bens. Os primeiros são transformados em árvores, cujas negras folhas as Harpias dilaceram; os outros são punidos por cães famintos que os despedaçam. Dante encontra Pedro des Vignes, de quem ouve os motivos pelos quais se suicidou e as leis divinas em relação aos suicidas. Vê depois o senense Lano e o paduano Jacob de Sant'Andrea. Ouve, enfim, de um suicida florentino, qual é a causa dos males da sua pátria.

3 Não ‘stava ainda Nesso do outro lado,
 Quando nós por um bosque penetramos,
 Dos vestígios de passos não marcado.
 Não fronde verde, mas escura, ramos
 Não lisos, mas travados e nodosos,
6 Não pomos, puas com veneno achamos.
 Por silvados mais densos, mais umbrosos,
 Do Cecina a Corneto, a besta brava,
9 Não foge, agros deixando deleitosos.
 Das Harpias o bando aqui pousava.
 Que expeliram de Strófade os Troianos,
12 Vaticinando o mal, que os aguardava.
 Asas têm largas, colo e rosto humanos,
 Garras nos pés, plumoso o ventre enorme,
15 Soam na selva os uivos seus insanos.
 E disse o Mestre: “Convém já te informe
 Que o recinto segundo vais entrando,
18 Onde verás’spetáculo disforme,
 “Até que ao areal chegues infando.
 Atenta! E darás fé à narrativa,
21 Que fiz, ainda lá no mundo estando”.
 Em toda parte ouvi grita aflitiva:
 Como não via quem assim gemesse,
24 Parei e a torvação se fez mais viva.

Creio que o Mestre cria então que eu cresse
Que esses lamentos enviava aos ares
27 Uma turba, que aos olhos se escondesse;
Pois disse-me: “De um tronco se quebrares
Um só raminho, ficarás ciente
30 Desse erro em que se enleiam teus pensares”. —
O braço estendo então e prontamente
Vergôntea quebro. O tronco, assim ferido
33 “Por que razão me arrancas?” diz fremente.
De sangue negro o ramo já tingido,
“Por que me rompes?” — prosseguiu gemendo —
36 “Assomos de piedade nunca hás tido?” —
“Fui homem, hoje o lenho, que estás vendo!
Mais compassiva a tua mão seria
39 Se alma aqui fosse de um dragão tremendo”.
Como acha verde, quando se incendia
Numa extremo se estorce, no outro estala,
42 Chiando e a umidade fora envia:
Daquela árvore assim brotava a fala,
E o sangue; a minha mão já desprendera
45 O ramo, e, entanto, o horror no peito cala.
“Se de antes ele acreditar pudera”
Lhe torna o sábio Mestre “alma agravada,
48 O que eu nos versos meus lhe descrevera,
“Por te ferir sua mão não fora alçada.
Não crera eu mesmo, e tanto que o induzira
51 Ao feito, que me pesa e desagrada.
“Diz-lhe quem foste e as dúvidas lhe tira.
O mal te compensando, a fama tua
54 Há de avivar no mundo, a que retira”. —
E o tronco: “Alívio tanto à dor, que atua,
Causais, que de bom grado eu já explico:
57 Ao triste dai que a mágoa exprima sua.
“Fui quem do coração de Frederico
As chaves tive e usei com tanto jeito,
60 Fechando e desfechando que era rico

“Da fé com que a mim só rendeu seu peito.
 No glorioso cargo fui constante,
 63 Força, alento exauri por seu proveito.
 “A torpe meretriz, que, a todo instante
 Ao régio paço olhos venais volvendo,
 66 Morte comum, das cortes mal flagrante,
 “Contra mim ódio em todos acendendo,
 Por eles acendeu iras de Augusto,
 69 Que honras ledas tornou-me em luto horrendo.
 “Ressentindo-me então do mundo injusto,
 Por fugir seus desdéns, buscando a morte,
 72 Comigo iníquo fui eu, que era justo.
 “Pelo tronco em que peno desta sorte,
 Que jamais infiel hei sido, juro,
 75 Ao Rei meu, que houve a glória por seu norte,
 “De vós o que voltar à luz adjuro
 Que a memória me salve ao nome honrado,
 78 Que vulnerou da inveja o golpe duro”. —
 O vate inda esperou. — “Pois se há calado”. —
 Disse-me “fala, se tu mais desejas
 81 E pede-lhe: do tempo és apressado”. —
 Tornei: “Tu mesmo inquires quanto vejas
 Mais convir-me; que eu sinto-me inibido
 84 Por mágoas, que em minha alma são sobejas”.
 Ele então: “— Se o desejo teu cumprido
 For por este homem, nobremente usando,
 87 Te apraza, encarcerada alma, ao pedido
 “Nosso atender, e como nos mostrando
 Se liga ao tronco o esp’rito e se é factível
 90 Soltar-se um dia, o vínculo quebrando”. —
 Soprou de rijo o lenho; e perceptível
 Aquele som desta arte nos dizia:
 93 — “Resposta breve dou quanto é possível.
 “Quando os laços do corpo uma alma impia
 Destrói por si, do seu furor no enleio
 96 Ao circ’lo sete Minos logo a envia.

“Na selva tomba e aonde acaso veio,
E como o seu destino lhe consente,
99 Aí, qual grão germina de centeio,
“Vai crescendo até ser árvore ingente:
As Harpias, que a fronde lhe devoram,
102 Causam-lhe dor, que rompe em voz plangente.
“Hemos de ir onde os corpos nossos moram,
Como as outras, mas sem que os revistamos,
105 Mor pena aos que em perdê-los prestes foram.
“Arrastados serão por nós: aos ramos
Pendentes ficarão nesta floresta
108 Nos troncos, em que, assim, vedes, penamos”. —
Ouvíamos ainda a sombra mesta,
De mais dizer cuidando houvesse o intento.
111 Eis sentimos rumor, que nos molesta.
Assim monteiro, à caça pouco atento,
Do javardo e dos cães ouve o estrupido
114 E das ramadas o estalar violento.
Súbito vejo à esquerda, espavorido,
Fugindo esp’ritos dois nus, lacerados,
117 Ramos rompendo ao bosque denegrido.
“Ó morte!” uma clama — “acode aos desgraçados!”
O segundo, que tardo se julgava:
120 “Ninguém, ó Lano, os pés tanto apressados
“De Toppo nas refregas te observava!”
Porém, de todo já perdido o alento,
123 Numa sarça acolheu-se que ali’stava.
Corria, enchendo a selva, em seguimento
De famintas cadelas negro bando,
126 Quais alões da cadeia ao todo isento
À sombra homiziada se enviando,
A fez pedaços a matilha brava,
129 E logo após levou-os ululando.
Então meu Guia pela mão me trava,
Conduz-me à sarça, que se em vão carpia
132 Pelas roturas, que o seu sangue lava.

“Ó Jacó Santo André!” triste dizia —
 Podia eu ser-te acaso amparo certo?
 135 Em mim por crimes teus que culpa havia?” —
 Disse-lhe o Mestre, quando foi mais perto:
 “Quem és tu, que o teu sangue e mágoa exalas
 138 Por golpes tantos, de que estás coberto?” —
 Tornou-lhe: “Ó alma que dessa arte falas
 E tu que o dano vês, que me separa,
 141 Da fronde minha, agora amontoá-las
 “Dignai-vos junto à rama, que as brotara.
 Na cidade nasci que por Batista
 144 Deixou prisco patrão, que da arte amara
 “Sempre pelos efeitos a contrista.
 E se do Arno na ponte não restasse
 147 Um vestígio, que traz seu culto à vista
 “Talvez ela à existência não tornasse,
 E quem das cinzas, que Átila há deixado,
 Levantou-a os esforços malograsse.
 151 “Na minha própria casa hei-me enforcado”. —

58. *Fui quem do coração de Frederico* etc., Pedro des Vignes, secretário de Frederico II, que se suicidou por ter sido acusado de trair o seu rei. — 118. *Um clama* etc., Lano de Siena, que morreu em Pieve del Toppo, na batalha entre Senenses e Aretinos. — 119. *O segundo* etc., Giacomo di S. Andrea, morto por Ezzelino de Romano. — 143. *Por Batista* etc., Florença, antes de tornar-se cidade protegida por S. João Batista, tinha como protetor Marte, do qual restava uma estátua sobre a ponte Vecchio.

CANTO XIV

O terceiro compartimento no qual agora chegam os Poetas é um campo de areia ardente, devastado por grandes chamas de fogo. Aí estão os violentos contra Deus, contra a natureza e contra a arte. Entre os primeiros está Capaneo, que desafia a Deus. Seguindo, Dante e Virgílio chegam a um regato sanguíneo. Deste e dos outros rios do Inferno, Virgílio narra a origem misteriosa.

De amor do pátrio ninho comovido,
Essas dispersas folhas reunindo,
3 À sarça as dei, que tinha a voz perdido.
Ao limite, dali, fomos seguindo,
Em que parte o recinto co terceiro,
6 Onde a justiça horrível'stá punindo.
Para expressar-lhe o aspecto verdadeiro,
Eu digo que à charneca então chegamos,
9 De plantas nua em seu espaço inteiro.
Da dor a selva a cerca dos seus ramos,
Como o fosso a torneia sanguinoso:
12 Ali, rente co'a borda, os pés firmamos.
O plaino era tão árido e arenoso,
Como o que de Catão os pés outrora
15 Na jornada calcaram fadigoso,
Ó vingança de Deus, quem não te adora
Nos tremendos efeitos meditando,
18 Que eu próprio olhei, que a minha voz memora!
De almas nuas eu via infindo bando,
Por modos diferentes torturadas,
21 Miseráveis, mesquinhas pranteando.
Jaziam sobre o dorso umas deitadas,

Outras, dobrando os membros, se assentavam,
24 Muitas andavam sempre aceleradas.
Maior a turba destas se mostrava,
Menor a que, prostrada no tormento,
27 Maior dor nos lamentos denotava.
Largas flamas com tardo movimento
Choviam do areal em todo o espaço,
30 Qual neve em serra, quando é mudo o vento.
Na Índia sobre o exército, já lasso,
Fogos cair viu Alexandre outrora,
33 No chão ardendo livres de embaraço.
Que aos pés no solo os calquem sem demora
Suas falanges avisado ordena:
36 Matá-los um por um fácil lhes fora.
Assim baixava, para agravo à pena,
Lume eterno que à areia se prendia,
39 Como à isca a fagulha mais pequena.
Cada qual sem repouso se estorcia,
A um lado e a outro os braços revolvendo
42 A cada chama, que do ar chovia.
“Mestre” — falei — “que vais tudo vencendo,
Somente exceto a legião furente,
45 Que em Dite a entrada estava-nos tolhendo,
“Diz quem seja a grã sombra, que não sente,
Ao parecer, o incêndio, e não domado
48 Pela chuva, já rápido, insolente?” —
Reconhecendo o próprio condenado
Que da minha pergunta fora objeto,
51 “Morto sou qual fui vivo!” clama irado.
“Que Jove canse o armeiro seu diletto,
De quem tomou fremente o agudo raio
54 Para em mim saciar rancor abjeto;
“Que os seus ciclopes sintam já desmaio
De Mongibello na oficina negra,
57 Aos gritos — “Bom Vulcano, acode ou caio!” —
“Como fez na peleja lá de Flegra;

Que me fulmine de ódio e sanha cheio:
60 No gozo da vingança em vão se alegra”. —
Virgílio então, com voz, como não creio
Lhe ter ouvido, sonora e forte,
63 Bradou-lhe: “Capaneu, pois no teu seio
“Não mitiga a soberba a própria morte,
Sofre mor pena; igual não há castigo
66 Ao que a raiva te inflige desta sorte!” —
Para mim se voltou; com gesto amigo
Falou: — “Dos Reis que Tebas sitiaram
69 Foi um; de Deus se declarou imigo.
“Os crimes seus no inferno se agravaram;
Já disse-lhe, as blasfêmias, os furores
72 Digno prêmio em seu peito lhe deparam.
“Vem agora após mim; pelos fervores
Não caminhes da areia incandescente;
75 Da selva ao longo evita-lhe os ardores”. —
Fomos andando, cada qual silente,
Até onde jorrar do bosque eu via
78 Rubro arroio, que lembro inda tremente.
Do Bulicame qual o que saía,
Das pecadoras em serviço usado:
81 Tal pela adusta areia este corria.
As margens e orlas são de cada lado
Feitas de pedra e assim também seu leito:
84 Caminho ali notei ao passo azado.
“De quanto aqui te conhecer hei feito,
Depois que atrás deixamos essa porta,
87 A cujo ingresso todos têm direito,
“Não se há mostrado à tua vista absorta
Maravilha que iguale a desta veia,
90 Em que a flama adurente fica morta”. —
O Mestre diz e assim desejo ateia
De rogar-lhe me preste esse alimento,
93 Que excitado, o apetite haver anseia.
“Domar em meio jaz — ouvi-lhe atento —

“Destruído país, Creta afamada.
 96 Com seu rei foi do maio mundo isento.
 “Alça-se ali montanha outrora ornada
 De fontes e verdor: chama-se Ida:
 99 Erma está, como cousa desprezada.
 “Foi ao filho pra berço preferida
 De Reia, que abafava o seu vagido
 102 Fazer mandando grita desmedida.
 “Nas entranhas do monte um velho erguido
 Está: voltando à Damietta as costas,
 105 Como a espelho, olha Roma embevecido.
 “De ouro faces e fronte são compostas,
 De pura prata são braços e peito,
 108 Eneias do busto as partes bem dispostas.
 “De ferro estreme tudo o mais foi feito,
 O pé direito exceto, que é de argila,
 111 Mas o corpo sustém, sendo imperfeito.
 “Salvo do ouro, do mais sempre destila
 De lágrimas por fenda crebro fio,
 114 Que fura a gruta e rápido desfila.
 “Aos negros vales vem correndo em rio,
 Forma Stige, Aqueronte e Flegetonte,
 117 Desce depois neste canal esguio
 “Até do inferno o fundo, aonde é fonte
 Do Cocito, O que o rio acaso seja
 120 Verás: mister não é que ora te conte”. —
 — “Se desde o nosso mundo ele serpeja,
 Dize, ó Mestre, a razão por que a torrente
 123 Só neste abismo lôbrego se veja”. —
 “É circular este lugar horrendo,
 E posto haja vencido extenso trato,
 126 Descendo tu à esquerda, inteiramente
 “Não hás feito inda ao circ’lo o giro exato.
 Não revele o teu rosto maravilha
 129 Novas cousas em vendo e estranho fato”. —
 Ainda eu perguntei: — “Por onde trilha

O Flegetonte e o Letes? De um te calas,
132 E do outro a veia é dessa origem filha”. —
Tornou: — “Muito me agrada quanto falas;
Da água rubra o fervor, porém, solvera
135 Uma dessas questões, que me assinalas.
“Do inferno fora o Letes ver espera:
Na linfa sua as almas vão lavar-se
138 Depois que a penitência o perdão gera”. —
Disse depois: “É tempo de deixar-se
A selva; os passos meus sempre acompanha,
Pela margem caminho há para andar-se.
142 Do fogo ali se extingue toda sanha”. —

32. *Alexandre*, alusão a uma aventura de Alexandre Magno. — 55. *Ciclopes*, gigantes com um só olho no meio da testa, que fabricavam armas para Júpiter. — 56. *Mongibello*, o vulcão Etna, na Sicília. — 63. *Capaneu*, um dos sete reis que sitiaram Tebas. — 79. *Balicame*, fonte de água quente perto de Roma. — 101. *Reia*, mulher de Saturno e mãe de Júpiter. — 103-105. *Velho de Creta*, símbolo da humanidade e, segundo outros da monarquia, que, em princípio boa e reta, vai depois degenerando.



CANTO XV

Prosseguindo os Poetas, encontram um grupo de violentos contra a natureza. Entre estes está Brunetto Latini, que reconhece o discípulo e lhe pede para aproximar-se dele, a fim de conversarem. Falam de Florença e das desventuras reservadas a Dante. Brunetto dá ao Poeta ligeiras notícias a respeito das almas que estão danadas com ele e foge para reunir-se a elas.

Por uma dessas margens empedradas
Imos: vapor do rio resguardava
3 Das chamas o álveo e as bordas elevadas.
Como do mar temendo a força brava
De Bruge a Cadsand, Flamengos fazem
6 Os diques, com que o mal se desagrava;
Ou como o dano atalha, que lhe trazem
Do Brenta as invasões de Pádua a gente,
9 Se em Quiarentana os gelos se desfazem,
Assim as bordas desse rio horrendo,
Posto altura e grossura lhes não desse
12 Iguais, quem quer que fosse artista ingente.
A selva já distante de nós era
Tanto, que eu divisá-la não podia,
15 Quando os olhos por vê-la atrás volvera,
Eis encontramos multidão sombria,
Que a margem costeava, nos olhando,
18 Como sói caminhante, ao fim do dia,
Que vai, por lua nova, outro encarando:
Para nos ver os cílios contraindo,
21 Qual a agulha o artesano aparelhando.
Assim, de mira à turba nós servindo,
Conhecido fui de um que me travava
24 Da roupa — “Ó maravilha!” — repetindo.
Quando o seu braço para mim se alçava,
Atentei-lhe no rosto requeimado;
27 Posto que demudado, não vedava

Que de mim fosse nas feições lembrado.
 À sua face inclinando a mão, lhe digo,
 30 — “Messer Brunetto! vós aqui!” — torvado.
 “Filho meu! complacente sê comigo!
 Vir Brunetto Latini ora consente,
 33 Deixando a turba, um pouco assim contigo!” —
 Tornei: — “muito vos rogo; e que me assente
 Convosco se quereis, prazendo ao guia
 36 Dos passos meus, assentirei contente”. —
 “Se um momento um de nós” — me respondia —
 Aqui parasse, imóvel anos cento,
 39 Pelo fogo ferido jazeria.
 “Caminha: que eu te irei no seguimento.
 Depois hei de juntar-me à companhia
 42 Dos que pranteiam no eternal tormento”. —
 Eu da estrada a descer não me atrevia
 Por ir com ele; mas a fronte inclino
 45 Reverente; e, falando prosseguia.
 — “Que fortuna” — me disse — ou que destino
 Antes da morte aqui te há conduzido?
 48 De quem recebes na jornada ensino?
 — “Antes de haver da idade o tempo enchido
 Sobre a terra na vida sossegada,
 51 Num vale” — respondi — “fiquei perdido.
 “Ontem costas lhe dei por madrugada;
 Ele acudiu-me, quando atrás voltava,
 54 E me conduz assim por esta estrada”. —
 — “Se bem vaticinei, quando gozava,
 Da vida bela, glorioso porto
 57 Te há de o teu astro conduzir” — tornava.
 “Se antes do tempo eu não’stivesse morto.
 Vendo que tanto o céu te era benigno,
 60 Te dera nos trabalhos o conforto.
 “Mas esse ingrato povo é tão maligno,
 Que outrora de Fiésolo viera
 63 E tem de penha o coração ferino,

“Em ti, por seres bom, mal considera.
E’ justo: que entre acerbos soberiros
66 Crescer doce figueira não se espera.
“Velha fama os diz cegos, sempre useiros
Na soberva, na inveja, na avareza.
69 Deles te esquiva; em vícios são vezeiros.
“Te guarda a sorte de honras tal grandeza,
Que hás de ser dos partidos cobiçado;
72 Mas das garras lhes fica longe a presa.
“Ceve em si própria o fiesolano gado
Os instintos brutais; não toque a planta,
75 Que inda haja em tal nateiro germinado,
“E em que a semente ressuscite santa
Dos romanos, que ali restaram, quando
78 Teceu-se o ninho de malícia tanta”. —
“Se o céu” — tornei — “meus votos escutando,
Deferisse, da vida o lume agora
81 Ainda aos olhos vos raiara brando;
“Que a doce imagem vossa inda memora
Saudosa a mente e o paternal desvelo
84 Com que me heis ensinado de hora em hora
“Como homem faz-se eternamente belo.
Enquanto eu vivo for, agradecido
87 Ao mundo bem patente hei de fazê-lo.
“O vaticínio vosso, reunido
A outro, há de explicar-me sábia Dama,
90 Quando à sua presença houver subido.
“E como a consciência me não clama,
Sabei que, quando a sorte avessa esteja,
93 A todo o mal sou prestes, que ela trama.
“O que ouvi não cuideis novo me seja:
Volva-se a toda como a sorte a lança,
96 Lavre a terra o vilão como deseja”. —
Então meu douto Mestre, que se avança,
Girando à destra e me encarando, disse:
99 “Bem compreende quem tem boa lembrança!” —

Não me vedou, porém, que eu prosseguisse
 Na prática; e a Brunetto os mais famosos
 102 Pedi que dos seus sócios referisse.
 — “Alguns convém saber, mais numerosos
 Em silêncio deixar louvável sendo:
 105 Míngua o tempo aos discursos copiosos.
 “Sabe, em suma, que clérigos havendo
 Todos sido e letrados mui famosos,
 108 Se mancharam num só pecado horrendo.
 “Vão na turba daqueles desditosos
 Acúrio e Prisciano; alguns protervos
 111 Se ver quiseses, por tal lepra ascosos.
 “Olha o que, como quis servo dos servos,
 Pra Bacchiglione foi do Arno mudado
 114 E ali deixou seus deformados nervos.
 “Não mais dizer, nem ir posso ao teu lado,
 Pos do areal já vejo de repente
 117 Vapor novo surgir afogueado.
 “Não devo andar com bando diferente.
 O meu *Tesouro* eu muito te encomendo:
 120 Nele inda vivo, e rogo isto somente”. —
 Voltou-se; e foi tão rápido correndo,
 Como os que correm pelo pálio verde
 No campo de Verona, parecendo
 124 Mais ser quem vence do que ser quem perde.

30. *Messer Brunetto*, Brunetto Latino, autor do “Tesouro” e mestre de Dante.
 — 62 *Fiésole*, pequena cidade perto de Florença. — 110. *Acúrio*, Francesco
 d’Accursio; jurisconsulto bolonhês. *Prisciano*; — gramático de Cesareia. —
 112. *Olha o que*, etc. Andreia de Mozzi, bispo de Florença e, depois, de
 Vicência.

CANTO XVI

Perto do limite do terceiro compartimento do sétimo círculo os Poetas encontram outro bando de almas de sodomitas, no qual se destacam três ilustres compatriotas de Dante. Reconhecendo-o, falam da decadência das virtudes políticas e civis de Florença. Chegam depois à orla de outro precipício, onde a um sinal de Virgílio, sobe, voando pelos ares, uma figura estranhíssima.

Em lugar'stava já donde se ouvia
Rumor, igual de abelhas ao zumbido,
3 De água, que noutro círculo caía:
Eis três sombras partir vi comovido,
Correndo, de uma turba que passava
6 Debaixo do martírio desmedido.
Vinham a nós, e cada qual gritava:
“Detém-te; por teus trajos se afigura
9 Seres alguém da nossa terra prava”. —
Ah! que chagas nos membros, na figura
O fogo lhes abriu, novas e antigas!
12 Só recordando, eu sinto mágoa pura.
O mestre, que escutara — “Não prossigas!
Cumpre-te” — disse, o rosto me voltando, —
15 “Aguardando, lhes dar mostras amigas.
“Não estivesse o fogo dardejando,
Como o lugar requer, te caberia
18 Mais pressa do que estão manifestando”. —
Paramos. Renovando a vozeria
Um circ'lo junto a nós os três formaram,
21 Em que as mãos cada qual dos três unia.
Como atletas, que, nus, de óleo se untaram,

Mas, antes de lutar, dos adversários
24 No fraco atentam, no seu prol reparam:
Eles, se revolvendo em giros vários,
Olhavam-me em tal modo colocados,
27 Que os colos aos seus pés'stavam contrários.
"Se a miséria, em que somos trateados,
Se o triste aspecto da tostada face
30 Te move a desdenhar súplices brados,
"Nossa fama o teu ânimo traspasse;
E pois, dize quem és que, ufano, o inferno
33 Calcas antes que a vida se finasse.
"Este, por quem os passos meus governo,
Escoriado e nu, que oras estás vendo,
36 Mais do que o crês no mundo foi superno.
"Da famosa Gualdrada o neto sendo,
Chamou-se Guido Guerra, e foi na vida
39 Por esforço e prudência reverendo.
A Tegghiaio Aldobrandi, que em seguida
Me vai, por sua voz, por seus bons feitos
42 Devera ser a pátria agradecida.
Eu que também da pena sofro efeitos
Jacopo Rusticucci fui: da esposa
45 O maior mal causaram-me os defeitos". —
Se houvesse amparo à chuva pavorosa
(Virgílio o consentira), eu me lançara
48 Entre eles, da alma na expansão piedosa;
Porém naqueles fogos me abrasara,
Sobrepujou temor vivo desejo,
51 Que de abraçá-los súbito me entrara.
"Não desdém, mais piedade neste ensejo,
Que não se extinguirá, me tem movido,
54 Lhes disse — o padecer em que vos vejo,
"Tanto que o Senhor meu há proferido
Palavras, que a presença me indicaram
57 De almas quais sois neste lugar temido.
"Da vossa terra sou: sempre exaltaram

Meu apreço e o dos que vos conheceram
60 Ações que os nomes vossos tanto honraram.
“Por meu Guia veraz esperançado,
Deixo o fel por doçura permanente
63 Tendo primeiro o centro visitado”. —
“Que no teu corpo a vida longamente
Persista!” — a sombra disse. — “Dure a fama
66 Do nome teu com lume resplendente!
Na pátria nossa inda revive a flama
Da honra, do valor, que ali brilhara,
69 Ou de todo a expeliu ódio que inflama?
“Pois Guilherme Borsiere, que baixara,
Há pouco, e vai chorando nesta ardência,
72 Cruciou-nos contando o que notara”. —
“Íncolas novos, súbita opulência,
— Florença, orgulho e vícios te acenderam,
75 De que tu própria temes a influência!” —
Gritei alçando a fronte; e os três, que me eram
Atentos, à resposta se encararam,
78 Como se essas verdades lhes provoveram.
“Se tão pouco te custa” — me tornaram —
“Sempre aos outros expor teu pensamento,
81 Feliz tu! Vozes tais assaz te honraram.
“E, pois, voltando a luz do firmamento,
Se alfim saíres desta estância horrenda,
84 Quando — “Lá fui!” — disseres, de contente,
“Nos olvidar não deixa a humana gente”. —
Então, rompendo o círculo, fugiram,
87 Como se asas tiveram, velozmente.
Em menos tempo aos olhos se esvaíram
Do que proferir *amen* se gasta.
90 Logo aos passos do Mestre os meus seguiram.
Dali distância curta nos afasta,
Eis da água os sons ouvimos, tão de perto,
93 Que a voz forçar para se ouvir não basta.
Como o rio que, no álveo próprio aberto,

Em Veso nasce e vai para o oriente,
 96 Ao lado esquerdo do Apenino, e ao certo
 Aquaqueta se chama, da eminente
 Parte enquanto não desce, mas, tomando
 99 Nome diverso em Forli de repente,
 Ribomba e cai pela quebrada, quando
 Acerca-se a S. Bento, o grão mosteiro
 102 Que dar a mil pudera asilo brando:
 Assim desde um penhasco sobranceiro
 Da água rubra troava alto estampido,
 105 Que fora de surdez risco certo.
 De uma corda eu me achava então cingido
 Com que outrora prender quis a pantera,
 108 De pelo em malhas várias repartido.
 Que a tirasse Virgílio me dissera:
 Eu descingi-me presto, lha entregando
 111 Enrolada, como ele prescrevera.
 Então ele à direita se voltando,
 A distância da borda alcantilada
 114 Lançou-a longe para o abismo infando.
 — “Àquela ação não de antes praticada,
 — Pensei — há de seguir-se estranho efeito,
 117 Que do Mestre a atenção tem despertada”. —
 Quanta cautela deve haver e jeito,
 Tratando-se com quem vê não somente
 120 Os atos, mas também o que há no peito!
 — “Surgirá” — disse o Mestre — brevemente
 O que espero: o que tens no pensamento
 123 Logo aos teus olhos ficará patente.
 Verdade, que pareça fingimento,
 Evita proferir homem discreto:
 126 Sofre desar, de culpa estando isento.
 Nada posso omitir, leitor diletto:
 Desta comédia pelos cantos juro
 129 (Sejam assim de longo aplauso objeto!)
 Que subir por aquele ar grosso, escuro

Nadando vi figura temerosa
132 Ao peito mais intrépido e seguro:
Tal quem desceu pela onda perigosa
A desprender de ocultos embaraços,
Lá no fundo, a fateixa vagarosa,
136 Subindo, encolhe as pernas, tende os braços.

38. *Guido Guerra*, florentino, combateu em Montaperti. — 40. *Tegghiaio Aldobrandi*, também patriota florentino. — 44. *Jacopo Rusticucci*, valoroso cavaleiro florentino que combateu também na batalha de Montaperti. — 70. *Guilherme Borsiere*, gentil-homem florentino. — 135. *Fateixa*, pequena âncora.

CANTO XVII

Enquanto Virgílio fala com Gerion, para convencer essa horrível fera a levá-los ao fundo do abismo, Dante se aproxima das almas dos violentos contra a Arte. Dante reconhece alguns deles. A cada um pende do peito uma bolsa na qual são desenhadas as armas da sua família. Volta depois o Poeta para o lugar onde está Virgílio, que assentado já sobre o dorso de Gerion, põe-se diante de si, e assim descem ao oitavo círculo.

“Eis a fera, que a horrenda cauda enresta,
Que arneses, montes, muros atravessa
3 E com seu bafo impuro o mundo empesta!”
Assim Virgílio a me falar começa.
Para acercar-se logo lhe acenava
6 Ao marmóreo anteparo que ali cessa.
Da fraude o vulto imundo aproximava!
A cabeça avançou e o torpe busto,
9 Porém pendente a cauda lhe ficava
A cara assomos tinha de homem justo,
Tanto era o parecer benino e brando!
12 No mais serpe, movia horror e susto.
Grandes, hirsutos braços dilatando,
Alçava peito, ilhais, dorso malhados,
15 Mil rodela e nós se entrelaçando.
Mais cores nos estofos recamados
Tártaros, Turcos nunca misturaram,
18 Nem Aracne em tecidos variegados.
Como os batéis, que à praia se amarram,
No mar a popa têm, a proa em terra;
21 E, como em regiões, que se deparam
Sob o voraz Tudesco, a fazer guerra

Embosca-se o castor: assim se via
24 O monstro à orla, que as areias cerra.
No ar a extensa cauda revolvia;
E a venenosa ponta bipartida,
27 Do escorpião qual dardo, se erigia
Té onde a fera atroz jaz estendida.
Convém seja o caminho desviado
30 Da senda” — disse o Vate “prosseguida”. —
Descendo, pois, pelo direito lado
Para ao fogo fugir e à areia ardente
33 Passos dez pela borda hemos andado.
Chegados nós de Gerião em frente,
Um tanto além sentado um bando achamos
36 Na areia, perto desse abismo ingente.
— “Do recinto por teres, em que estamos” —
Virgílio disse — a experiência inteira
39 A sorte vai saber dos que avistamos.
“Os discursos, porém, filho, aligeira.
Entanto impetrarei da fera infanda
42 Que prestar-nos seus ombros fortes queira”. —
Só pela borda, como o Vate manda,
Vou do círculo sétimo seguindo,
45 Dos mestos pecadores em demanda.
A dor, que brota em lágrimas, sentindo,
Socorre-se das mãos a aflita gente
48 Contra o solo e o vapor, que está caindo.
Assim lebréus, durante a calma ardente
Dos dentes e unhas valem-se, mordidos
51 De tavões por enxame impertinente.
Quando encarei nos rostos doloridos
De alguns, que os fogos tanto cruciavam,
54 Que eram todos achei desconhecidos.
Bolsas pendentes dos seus colos’stavam,
Pelos sinais distintas, pelas cores:
57 Contemplando-as, seus olhos se enlevavam.
E vi já me acercando aos pecadores

Bolsa, na qual em campo de ouro havia
60 Azul, que era leão nos seus labores,
A vista, que já noutra se embebia,
Em sanguíneo rubor ganso eu notava,
63 Que a brancura do leite escurecia.
Grávida, azul jardava um, que ostentava,
Broslada sobre cândida escarcela,
66 — “Que buscas neste abismo?” perguntava.
“Retira-te! Se a vida gozas bela,
Sabe que à sestra mão Vitaliano,
69 Vizinho meu terá condigna sela.
“Entre estes Florentinos sou Paduano;
A todo instante aturdem-me os ouvidos,
72 Bradando: — O nobre venha, o soberano,
“Que os três bicos na bolsa traz’sculpidos”. —
Depois, torcendo a boca, a língua tira,
75 Qual boi, que os beijos lambe, ressequidos.
Não querendo mover desgosto ou ira
Em quem mor brevidade me ordenara,
78 Os mesquinhos deixei: assaz ouvira.
Disse-me o Guia então, que cavalgara
O dorso do animal fero e possante:
81 “Sê forte, a tudo o ânimo prepara,
“Se desce em tal escada de ora avante;
Sobe-te ao colo; ao meio irei sentado:
84 Que não te ofenda a cauda penetrante.
De quartã qual doente, que, chegado
Supondo o acesso, lívido estremece
87 Somente ao ver lugar fresco, assombrado
Tal quando ouvi, meu peito, desfalece.
Ante o Mestre dá-me o pejo alento:
90 Bom amo o servo esforça que esmorece.
Já sobre a espalda do animal cruento,
Quero ao vate gritar: “Senhor, me abraça!
93 A voz, porém, não corresponde ao intento.
Ele, que a mente espavorida e lassa

Em circuito mais alto me animara,
96 Sustendo-me, nos braços seus me enlaça,
E disse a Gerião: Vai, mais não para.
Em circuitos largos sem ter pressa,
99 Na carga, que ora tens, nova, repara!” —
Bem como esquife, que voar começa,
Manso e manso recua: assim moveu-se.
102 Quando ao largo sentiu-se, eis endereça
A cauda aonde o peito seu tendeu-se.
Meneando-a, a retesa como enguia;
105 Das patas agitado o ar fendeu-se.
Feton, quando as rédeas já perdia,
Ao ver do céu o incêndio, ainda aparente;
108 Ícaro, quando lhe cair sentia
Da cera cada pluma ao sol ardente,
Gritando o pai; — “Ai! filho! Erraste a’strada!”
111 De pavor não se entraram mais veemente,
Do que eu nessa viagem desusada,
No ar quando me vi, quando enxergava
114 Só a cerviz da fera maculada:
Com tardo movimento ela nadava,
Que gira e baixa pelo vento eu sinto
117 Que em torno ao rosto e abaixo se agitava.
Já ouvia à direita bem distinto,
Troar da catadupa fragorosa:
120 Olhos inclino ao fundo do recinto.
A mente estremeceu mais temerosa
Ao chamejar de fogo, ao som de pranto:
123 Encolhi-me ante a cena pavorosa.
De que descia então, com mor espanto,
Pelos males, que via, fiquei certo,
126 A mim se avizinhar a cada canto.
Qual falcão que no ar pairava incerto,
Sem ver reclamo ou cobiçada presa
129 Perdida a esp’rança ao caçador experto,
Descamba, fatigado e sem presteza,

Em voltas mil por onde se arrojara,
132 E longe pousa, ou de ira, ou de tristeza:
Tal Gerião, enfim, no fundo para
Ao pé da penedia alcantilada.
Livre do peso já que carregara,
136 Sumiu-se como seta disparada.

18. *Aracne*, personagem da mitologia grega, transformada por Minerva em aranha. — 68. *Vitaliano*, usurário paduano, ainda vivente. — 72. *O nobre venha*, Giovanni Baiamonti, florentino, que tinha como brasão três bicos de pássaro. — 106. *Feton*, filho de Apolo, que, no guiar o carro do Sol, precipitou-se. — 108. *Ícaro*, filho de Dédalo, que, voando com as asas de cera fabricadas pelo pai, precipitou ao solo.



CANTO XVIII

Encontram-se os Poetas no oitavo círculo, chamado Malebolge, o qual é dividido em dez compartimentos concêntricos. Em cada um deles é punida uma espécie de pecadores, condenados por malícia ou fraude. No primeiro compartimento são punidos com açoites pela mão de demônios os alcoviteiros; e entre eles Dante reconhece Venedico Caccianemico e Jasão. No segundo jazem em esterco os aduladores e as mulheres lisonjeiras, entre outros, Alésio Interminelli de Lucca e Taís.

Tem o inferno, de rocha construído,
De férrea cor, de muro igual cercado
3 Um lugar: Malebolge o nome havido.
Lá no centro do plaino inficionado
Se escancara grão poço, amplo e profundo:
6 Direi a compostura em tempo asado.
Espaço em torno estende-se rotundo
Entre o poço e o penhasco pavoroso:
9 Reparte-se em dez cavas o seu fundo.
Qual de fossos dobrados, cauteloso,
Se apercebendo, o alcáçar se assegura
12 Dos assaltos de imigo poderoso:
De abismos tais o aspecto se afigura.
Como da levadiça ponte entrada,
15 Aos de fora, do mundo na cintura,
Assim, do val no fundo começada,
Cada cava uma rocha atravessava
18 Em arco, para o poço concentrada.
De nós o monstro aqui se descargava:
À sestra mão seguiu logo o poeta,
21 E eu de perto fiel o acompanhava.
Novo tormento à destra me inquieta,
Novos algozes vejo, novas dores,
24 De que a primeira cava era repleta.
‘Stão lá no fundo nus os pecadores:

Do meio contra nós muitos caminham,
27 Outros conosco, em passos já maiores.
Em Roma, assim, às turbas, que se apinham
Do jubileu no tempo, sobre a ponte
30 Se abriu aos que iam trânsito e aos que vinham:
De um lado andavam, os que tendo em frente
O castelo, a S. Pedro se endereçam,
33 E do outro lado os que iam para o monte.
Daqui, dali nas bordas, os apressam
Cornígeros demônios, açoitando
36 Com grandes azorragues, que não cessam,
Como aos golpes primeiros cada bando
Se apressa! Como cada qual evita
39 Que se repita o estímulo execrando!
Nesse andar minha vista num se fita,
Da parte oposta vindo, e logo eu disse:
42 — “Hei conhecido esta figura aflita”. —
Atentei mais, por que melhor o visse;
Deteve-se comigo o doce Guia
45 E deu que atrás o passo eu dirigisse.
Aos olhos esquivar-se-me queria,
Os seus baixando; mas foi vão o intento.
48 — “Tu, que te curvas, já te hei visto um dia.
“Se as feições não mudou-te o passamento
Venedico tu és Caccianemico.
51 Por que trato padeces tão cruento?” —
— “De mau grado o que exiges significo;
Mas cedo ao claro som dessa loquela,
54 Que à memória me traz o mundo inico.
“Eu fui aquele que Ghisola bela
Do Marquês entreguei ao vil desejo:
57 Ora a verdade a minha voz revela.
“Comigo de Bolonha muitos vejo;
Com tantos nesta cava choro e peno,
60 Que a menos lá no mundo dá-se ensejo.
“De dizer *sipa* entre o Savena e o Reno,

Se a prova queres, lembra-te somente
63 De que em nós da avareza influi veneno”. —
Mas um demônio o atalhou. Furente,
Disse tangendo: — “Ó rufião, avante!
66 Mulher não há que vendas impudente!” —
Ao Mestre me tornei; — pouco distante
Era um rochedo, a que nos acercamos;
69 Da riba se elevava pra diante.
Assaz ligeiramente nos alçamos;
Fomos pela fragura à mão direita
72 E o eterno recinto assim deixamos.
Chegados onde a curva estava feita
Para passagem dar aos fustigados,
75 O sábio Guia disse: — “A face espreita
“Agora desses outros malfadados,
Em que ainda atender não conseguiste,
78 Porque não ‘stavam para nós voltados”. —
Da antiga ponte divisamos triste,
Longe fileira: contra nós andava.
81 Cruel açoite em flagelar persiste.
Virgílio, quando eu nada perguntava,
— “Repara bem” — me diz — “na sombra altiva,
84 A quem pranto de dor faces não lava.
“De Rei conserva a majestade viva!
É Jasão: conquistou por força e manha
87 O velocino em Colcos fera e esquiva.
“A Lenos foi, depois que horrenda sanha
Feminil aos varões cortara a vida,
90 Nenhum poupando aquela fúria estranha.
“Ali, de amor no enlevo embevecida,
Hipsífile enganou, que já iludira
93 Suas irmãs, de compaixão movida.
“Grávida e só deixou-a: atroz mentira
Mereceu-lhe dos tratos a amargura.
96 Vingada está Medeia, a quem traíra.
“Quem perjurou como ele, há pena dura.

Do val primeiro baste o que sabemos
99 E de quantos aqui sofrem tortura”. —
Numa estreita vereda já nos vemos,
Que co’a borda segunda se cruzava,
102 Sustentando outra ponte, a que tendemos.
Turba dali ouvimos, que chorava
De outra cava no encerro e que, assoprando,
105 Com suas próprias mãos se arrepelava.
Estava-lhe as paredes incrustando
A exalação que sobe e ali se prende,
108 Ferindo o olfato e a vista horrorizando.
E tanto pelo abismo a cava estende,
Que só divisa quanto está no fundo
111 Quem lá do cimo, perscrutando, atende.
Subimo-nos: então no fosso imundo
Vi gente em tal cloaca mergulhada,
114 Que a sentina figura ser do mundo.
Enquanto olhava ali tão conspurcada
Cara notei, que distinguir não pude,
117 Se padre ou leigo fora a alma danada.
— “Dizei por que tua vista não se mude
De mim, a imundos tantos desatenta!” —
120 Gritou-me. — E eu: — “Se a mente não me ilude,
“Te vi sem cabeleira tão nojenta.
Aléssio Interminei de Lucca hás sido:
123 Em ti por isso a vista é mais atenta”. —
Ferindo a face, disse-me o descrido:
— “Aqui lisonjas vis me submergiram;
126 Língua indefessa em bajular hei tido”. —
Logo depois que vozes tais se ouviram,
Meu Guia: — “Olhos dirige um pouco avante,
129 E as feições me declara se atingiram
“De mulher desgrenhada e petulante
Que de unhas asquerosas se lacera,
132 Mudando de postura a cada instante.
“É Taís, a meretriz, que respondera

Ao namorado seu, quando dizia:

— “Te devo gratidão?” — “Muita e sincera!”

136 Mas vamos: temos visto em demasia”. —

50. *Venedico Caccianemico*, bolonhês, que induziu sua irmã Ghisola a entregar-se a Obizzo d’Este, marquês de Ferrara. — 61. *Dizer sípa* etc., palavra do dialeto bolonhês que vale por *sim* ou *seja*. — 86. *Jasão*, chefe dos argonautas, que, auxiliado por Medeia, que ele seduziu e depois enganou, conquistou em Cólquida o velocino de ouro. — 92. *Hipsífiles*, enganada por Jasão. — 122. *Aléssio Interminei*, patrício de Lucca. — 133. *Taís*, meretriz, personagem de uma peça de Terêncio.



CANTO XIX

No terceiro compartimento, onde os Poetas chegam, são punidos os simoníacos. Estão eles, de cabeça para dentro, metidos em furos feitos no fundo e nas encostas dos compartimentos. As plantas dos pés, que estão fora dos buracos, são queimadas por chamas. Dante quer saber quem era um danado que mais do que os outros agitava os pés. E o papa Nicolau III da Casa Orsini, o qual diz que estava à espera de ser rendido por outros papas simoníacos. O Poeta, indignado, rompe numa veemente invectiva contra a avareza e os escândalos dos papas romanos. Virgílio, depois, o leva novamente para a ponte.

Ó Simão Mago, ó míseros sequazes
Por quem de Deus os dons só prometidos
3 À virtude, em rapina contumazes,
Por ouro e prata estão prostituídos!
Por vós tange ora a tuba sonora:
6 Jazeis na tércia cava subvertidos.
À outra tumba chegamos temerosa,
Da rocha nos subindo àquela parte,
9 Que, a prumo ao centro, eleva-se alterosa.
Saber supremo! Que inefável arte
Mostras no céu, na terra e infernal mundo!
12 Oh! teu poder quão justo se reparte!
Por toda a cava, aos lados e no fundo
Furos na pedra lívida se abriam,
15 De igual largura e cada qual rotundo.
Semelhar na grandeza pareciam
Aos que em meu S. João belo e esplendente
18 Para batismo ministrar serviam.
Quebrei um, não há muito, mas somente
Para infante salvar, que ali morria:
21 Fique a verdade a todos bem patente.
De cada um orifício eu sair via
Os pés, até das pernas a grossura,

24 De um pecador: o resto se sumia.
‘Stavam ardendo as plantas na tortura,
E tanto as juntas rijo se estorciam,
27 Que romperiam a prisão mais dura.
Do calcanhar aos dedos percorriam
As chamas, como a superfície inteira.
30 Em corpo de óleo ungido morderiam.
— “Quem padece” — disse eu — “por tal maneira,
Que mais que os sócios estorcer-se vejo
33 Em mais rúbida flama e mais ligeira?
— “Se ao fundo eu te levar, por teu desejo,
Por declive, que jaz mais inclinado,
36 De ouvir-lhe o nome e os crimes dou-te ensejo”. —
— Aceito o que te praz, muito a meu grado:
Senhor do meu querer, és quem conhece
39 Quanto hei mister e a mente há reservado”. —
Passando à quarta borda, ali se desce
Para a esquerda voltando, até chegar-se
42 Lá onde tanto furo se oferece.
De mim não quis o Mestre aligeirar-se
Senão quando daquele, que gemia
45 Pelos pés, conseguiu aproximar-se.
— “Tu, és assim voltada” — eu lhe dizia —
“Como estaca plantada, ó alma opressa,
48 Responder-me possível te seria?” —
Eu ‘stava aí, qual monge, que confessa
Assassino, que em cova já fincado
51 O chama, pois, em tanto, a pena cessa.
— “Já tens” — gritou: já tens aqui chegado?
Já, Bonifácio, como tens descido?
54 Em anos muitos tenho a conta errado.
“Tão depressa desse ouro te hás enchido,
Pelo qual bela esposa atraídoando,
57 A tens por tantos crimes afligido?”
Eu fiquei como quem, não penetrando
No sentido do que outro respondera,

60 Enleado e corrido fica olhando.
Mas Virgílio: — “Depressa lhe assevera:
Eu não sou, eu não sou quem tu cogitas”. —
63 Respondi como o Vate prescrevera.
Ouvindo, as plantas estorceu malditas;
Depois a suspirar, com voz de pranto
66 — “Por que” — disse — “a falar assim me excitas?
Se conhecer quem sou anelas tanto,
Que assim baixaste ao vale tenebroso,
69 De Papa sabe que hei vestido o manto.
“Filho de Ursa, deveras, cobiçoso
Em bolsa tudo pus por meus Ursinhos,
72 Lá ouro, aqui o esp’rito criminoso.
“Sob a cabeça minha estão vizinhos,
Em simonia os que me antecederam,
75 Sobrepondo-se um no outro esses mesquinhos.
“Hei de ao fundo descer, como desceram,
Logo em chegando aquele, que eu cuidara
78 Seres tu, quando as vozes me romperam.
“Mas, ardendo-me os pés se me depara
Intervalo mais longo, assim voltado,
81 Do que em tormento igual se lhe prepara.
“Virás de mores culpas outro inçado,
Pastor sem lei, das partes do ocidente
84 Que há de ser sobre nós depositado.
“Jasão novo será: condescendente
Teve o outro seu Rei, diz a Escritura,
87 Da França este o senhor terá potente”.
“Não sei se ousado fui e se foi dura
A resposta, que dei ao condenado.
90 — “Tesouros exigira porventura
“Nosso Senhor de Pedro, ao seu cuidado
E zelo quando as chaves cometia?
93 — Segue-me — apenas lhe há recomendado.
“Dinheiro não tomaram de Matia
Pedro e os outros, por ser o preferido

96 Ao lugar, que o traidor perdido havia.
 “Pena, pois: mereceste ser punido;
 E guarda a que extorquiste, vil moeda
99 Que te fez contra Carlos atrevido.
 “Não fora a referência, que me veda,
 Das santas chaves, que empunhaste outrora,
102 No tempo, em que fruístes a vida leda,
 “Voz mais severa eu levantava agora
 Contra a avidez, que o mundo assaz contrista,
105 Que os bons oprime, o vício exalta e adora.
 “A voz vos figurava o Evangelista,
 Quando a que é sobre as águas assentada
108 Prostituir-se aos Reis foi dele vista:
 “Nascera de cabeças sete ornada,
 E o valor nos dez cornos possuía,
111 Enquanto ao esposo seu virtude agrada.
 “De ouro a vossa cobiça um Deus fazia:
 Por um dos que os gentios adoraram
114 Abrange cento a vossa idolatria.
 “Constantino! Ah! que males derivaram,
 Não do batismo teu, mas da riqueza
117 Que deste a um Papa e a que outras se juntaram!”
 Sentindo destas notas a aspereza,
 Ele tomado de remorso ou de ira,
120 Aagitava os dois pés com mor braveza.
 Virgílio, creio, com prazer me ouvira:
 Aplaudir seu semblante revelava
113 Verdades que eu, sincero, proferira.
 Jubiloso nos braços me levava,
 E, depois que apertara-me ao seu peito,
126 Por onde descendera, se tornava.
 Sempre cingido desse abraço estreito,
 Do arco ao cimo transportou-me o Guia:
129 Caminho à quinta cava era direito.
 Ali suavemente me descia
 Em rochedo tão íngreme e empinado,

133 Que às cabras ínvio ser me parecia.
De lá foi-me outro val descortinado.

1. *Simão Mago* queria comprar dos Apóstolos a virtude de chamar o Espírito Santo. O mercado das coisas sagradas é, por isso, chamado simonia. — 17. *São João*, pia na qual Dante foi batizado. — 53. *Bonifácio*, Bonifácio VIII, que o danado (Nicolau III) pensa seja vindo para substituí-lo. — 83. *Pastor sem lei*, Clemente V, ligado a Filipe, o Belo, rei de França e que mudou a sede do papado para Avinhão. — 85. *Jasão*, que comprou o sumo sacerdócio de Antíoco, rei da Síria. — 106. *O Evangelista*, S. João. — 115-117. *Constantino*, no tempo de Dante se acreditava que Constantino, ao mudar-se para Bizâncio, teria doado ao papa Roma e o domínio temporal.

CANTO XX

No quarto compartimento são punidos os impostores que se dedicaram à arte divinatória. Eles têm o rosto e o pescoço voltados para as costas, pelo que são obrigados a caminhar ao reverso. Virgílio mostra a Dante alguns entre os mais famosos, entre os quais a tebana Manto, da qual se origina Mântua, cidade natal de Virgílio.

Nova pena convém dizer em versos
E dar matéria ao meu vinteno canto,
3 Do cântico onde punem-se os perversos.
Eu era já disposto tanto, quanto
Fora preciso para ver o fundo
6 Da cava, que banhava amargo pranto.
De almas vi turba, pelo val rotundo,
Que taciturna vinha e lacrimosa
9 Ao passo usado em pocissões no mundo.
Mirei mais baixo e cada desditosa
Notei que fora o mento retorcido
12 Do colo ao começar: cousa espantosa!
Para o dorso em o rosto seu volvido:
Só recuando caminhar podia;
15 Que em frente olhar estava-lhe tolhido.
Talvez por força já de parlisia
De alguém o corpo ao todo se torcesse;
18 Não vi: crê-lo difícil me seria.
Que te seja, Leitor, a Deus prouvesse
Proveitosa a lição! Pensa, atilado,
21 Quanto em mim, vendo, a compaixão crescesse,
O parecer humano tão mudado,
Que o pranto, que dos olhos derivava

24 Banhava o tergo a cada condenado.
Do rochedo eu a um ângulo chorava
Com tanta dor, que o Mestre de repente
27 — “Insensato és também?” — me interrogava.
“Aqui piedade é morte em toda mente:
Quando Deus condenou, quem mais malvado
30 Do que esse, que ternura por maus sente?
“Alça a fronte, alça, atento ao condenado,
Que ante os Tebanos se abismou na terra
33 Gritavam-lhe: — Como andas apressado,
“Anfiarau? Como assim foges da guerra? —
Ele tombava entanto, ao val descendo,
36 Onde Minos os réprobos aferra.
“Pelo futuro penetrar querendo,
Tem o dorso adiante em vez do peito,
39 E a recuar caminha, atrás só vendo.
“Eis Tirésias, o que mudara o aspeito,
Femíneas formas e feições tomara,
42 Sendo-lhe o que era varonil desfeito.
“Ao sexo seu tornou, quando encontrara,
Inda uma vez, travadas serpes duas
45 E outra vez com bordão as separara.
“Volta-lhe Arons a ventre as costas nuas:
De Luni em monte, aos agros iminentes,
48 Onde o Carrara ergueu moradas suas,
“Teve em gruta marmórea permanente
Estância, donde contemplar podia
51 As estrelas, as ondas livremente.
“Essa mulher” — continuou meu Guia —
“Que o seio oculta em traça flutuante
54 E de velos a pele tem sombria,
“Foi Manto, que vagara incerta e errante
Até pousar na terra, em que hei nascido.
57 No que ora digo irei um pouco avante.
“Vendo o pai já da vida despedido
E a cidade de Baco em jugo triste,

60 O mundo largo tempo há percorrido.
“Junto aos Alpes na bela Itália existe,
Além Tirol, já perto da Alemanha,
63 Um lago, que chamar Benaco ouviste.
“Veia de fontes mil, que a plaga banha
Entre Garda, Camônica e Apenino,
66 De águas conduz ao lago cópia manha.
“Ilha há no meio, em que o Pastor trentino,
E com ele os de Bréscia e de Verona,
69 Possuem de benzer juro divino.
“Onde é mais baixa do Benaco a zona,
A Bérgamo fazendo e a Bréscia frente,
72 Pesqueira, forte em bastiões, se entona.
“É dali que das águas o excedente,
Que ter em si não pode o lago, brota
75 Em rio e cobre os prados largamente.
“Quando prossegue, outro apelido adota,
Chama-se Míncio, perde o nome antigo:
78 No Pó junto a Governol, há fim sua rota.
“No verão à saúde traz perigo;
Em vasto plaino o álveo dilatando,
81 Forma paul, das infeções amigo.
“Manto, a virgem selvage’ ali passando,
Terreno viu desabitado, inculto
84 Naquele pantanal, que o está cercando.
“Esquiva a humano trato e estranho vulto,
Fez ali de suas artes oficina
87 E viveu té sofrer da morte o insulto.
“Povo, ao diante, para ali se inclina,
Em torno esparsa, e abrigo, o julga forte:
90 De águas cercado com pauis confina.
“Onde aqui o elegeu colhera a morte,
A cidade erigiram, que chamaram
93 Mântua, do nome seu sem tirar sorte.
“Os habitantes lá mais avultaram,
Quando ainda os ardis de Pinamonte

96 De Casalódi a insânia não fraudaram.
 “Ciente fica, pois: se de outra fonte
 A pátria minha originar quiserem,
 99 A mentira à verdade nunca afronte”. —
 — “As cousas, que tuas vozes me referem,
 Tão certas são” — disse eu — “que me parece
 102 Carvão extinto o que outros me disserem.
 “Mais dize, ó Mestre: acaso não merece
 Dos que avançam nenhum reparo ou nota?
 105 Na mente de o saber desejo cresce”. —
 — “Aquele, a quem do mento ao dorso brota
 Barba esqualida, um áugur se dizia,
 108 Quando de homens a Grécia tal derrota
 Teve, que infantes só no berço havia.
 Em Áulide com Calcas indicara
 111 Tempo, em que a frota desferrar devia.
 “Eurípilo chamou-se: assim narrara
 Num dos seus cantos, a tragédia minha,
 114 Bem sabes, pois tua mente a arrecadara.
 “Esse, que, tão delgado, se avizinha,
 Miguel Escotto foi, que, certamente,
 117 Perícia em fraudes da magia tinha.
 “Olha Guido Bonati, encara Asdente
 Que cuidar só devera da sovela:
 120 Arrepende-se agora inutilmente.
 “Das tristes ora a turba se revela,
 Que, desdenhando a agulha, a horrível arte
 123 De encantos infernais acharam bela.
 “Mas no limite, que hemisférios parte,
 É Caim com seu fardo, o mar tocando,
 126 Lá de Sevilha além do baluarte.
 “A lua, a face plena já mostrando
 (Te lembrás”) ontem viste na sombria
 Selva, em que te ajudou seu fulgor brando”. —
 130 Assim falando, a passo igual seguia.

34. *Anfiarau*, que morreu no sítio de Tebas e, prevendo a sua morte, tentara esquivar-se de tomar parte nesse sítio. — 40. *Tirésias*, adivinho tebano, que foi transformado em mulher e depois retornou homem. — 46. *Arons*, adivinho lembrado na “Farsália” de Lucano. — 55. *Manto*, filha de Tirésias, que a tradição diz ter fundado a cidade natal de Virgílio, Mântua. — 63. *Benaco*, hoje lago de Garda. — 95-96. *Quando ainda* etc. Pinamonte dei Bonacolsi para apoderar-se de Mântua induziu o governador Alberto de Casalódi a praticar atos violentos que revoltaram o povo contra ele. — 110. *Calcas*, adivinho da antiguidade. — 112. *Eurípilo*, outro célebre adivinho. — 116. *Miguel Escotto*, célebre adivinho do tempo de Frederico II. — 118. *Guido Bonati*, astrólogo do conde Guido de Montefeltro. — *Asdente*, sapateiro e adivinho de Parma.



CANTO XXI

No quinto compartimento são punidos os trapaceiros que negociaram os cargos públicos ou roubaram aos seus amos. Eles estão mergulhados em piche fervendo. Os dois Poetas presenciam a tortura de um trapaceiro luquense por obra de um demônio. Virgílio domina os demônios que queriam avançar contra eles. Virgílio e Dante, escoltados por um bando de demônios, tomam o caminho ao longo do aterro.

Assim, de ponte em ponte, discursando
Do que nesta comédia se não cura,
3 De outro arco acima nos subimos, quando
Detemo-nos por ver a cava escura,
Por ouvir de outros prantos vão sonido;
6 Com pasmo olhei a hórrida negrura,
No arsenal de Veneza, derretido
Como referve o pez na estação fria
9 Para reparo ao lenho combalido,
Incapaz de vogar: qual com mestria
Baixel novo constrói; qual alcatroa
12 O que teve em viagens avaria;
Qual pregos bate à popa qual à proa;
Qual remos faz, qual linho torce ou parte;
15 Qual mezena e artemão aperfeiçoa:
Assim, por fogo não, por divina arte
Betume espesso, ao fundo refervia,
18 As bordas enviscando em toda parte.
Mas no pez só na tona eu distinguia
Borbulhão, que a fervura levantava,
21 Que ora inchava, ora rápido abatia.
No fundo enquanto os olhos eu fitava,
Exclamando Virgílio: — Eia! Cuidado! —
24 Para si donde eu era me tirava.
Voltei-me então como homem, que apressado
É por saber o que fugir convenha,

27 De súbito pavor sendo atalhado,
Olha sem que por isso se detenha.
E logo atrás de nós eu vi correndo
30 Negro demônio sobre aquela penha.
Ah! que aspecto feroz! Ah! quanto horrendo
Nos meneios parece e temeroso,
33 Veloz nos pés e as asas estendendo!
No dorso agudo e enorme um criminoso,
Escarranchado, em peso, carregava:
36 Dos pés prendia o nervo ao desditoso.
— “Malebranche!” já perto ele bradava —
— “Eis um dos anciões de S. Zita!
39 Mergulhai-o, pois torna à gente prava,
“Que nessa terra em grande soma habita.
Venais todos lá são menos Bonturo.
42 O *no*, por ouro, lá se muda em *ita*”.
Ao pez o arroja, e pelo escolho duro
Se torna: após ladrão tanto apressado
45 Não vai mastim, que estava antes seguro:
O maldito afundou; surdiu curvado.
Sob a ponte os demônios lhe gritaram:
48 — “Não acharás aqui Vulto Sagrado,
“Nem banhos, quais no Serchio se deparam.
Se não queres no pez’star irnergido.
51 A te espetar as físgas se preparam”. —
Com croques cem mordendo esse descrido
— “Bailar” — disseram — “deves bem coberto;
54 Se puderes furtar, furta escondido”. —
Tal ordena em cozinha o mestre experto
Aos ajudantes seus que na caldeira
57 Mergulhem naco à tona descoberto.
— “Por que” — falou-me o Guia — “alguém não queira
Molestar-te em te vendo, busca abrigo:
60 Num recanto o acharás desta pedreira.
“Não temas que me ofenda o bando imigo;
Muito bem sei como o furor lhe afronte;

63 Já venci de outra vez igual perigo”. —
Até o extremo então passou da ponte;
Mas, quando a sexta borda já subia,
66 Mister lhe foi mostrar serena frente.
Qual fremente matilha, que se envia
Ao pobre, quando para esbaforido
69 E pede alívio à fome que o crucia:
De baixo arremeteu-lhe o bando infido,
Aceso em ira, os croques seus brandindo.
72 Mas gritou-lhes: — “Nenhum seja atrevido!
“Os croques suspendei: até mim vindo
Me preste algum de vós atenção toda.
75 Feri, se ousais, porém antes me ouvindo”.
Clamaram todos: — “Ouça — o Malacoda!”
Enquanto os mais ficavam no seu posto,
78 — “Que queres?” — disse alguém que sai da roda;
E o Mestre: — “És, Malaconda, a crer disposto
Que as ameaças vossas superasse
81 Para aqui vir, se por celeste gosto
E supremo querer não caminhasse?
Deixa-me ir; pois a lei divina ordena
84 Que eu nesta agra jornada outrem guiasse”.
De Malacoda o orgulho já serena;
Aos pés lhe cai o croque; aos ais voltado
87 Lhes disse: — “Este não pode sofrer pena”.
E o Mestre me falou: — “Tu, que abrigado
Estás entre os penedos cauteloso,
90 Volve a mim, do temor descativado”.
Corri para Virgílio pressuroso.
Eis os demônios todos investiram:
93 Roto o concerto, pois, cria ansioso.
De Caprona os soldados, que saíram
A partido assim vi que estremeciam,
96 Quando envoltos de imigos se sentiram.
Nos sevos gestos seus se me prendiam
Os olhos, e a Virgílio vinculado

99 Os braços o meu corpo todo haviam.
Os croques inclinados: — “No costado
Fisguemo-lo” — entre si dois prorromperam.
102 E os outros: — “Oh! pois não! seja espetado!”
Ao que o Mestre falava desproveram
Palavra tais, e então bradou depressa:
105 “Sê quedo, Scarmiglione!” — Emudeceram.
Depois assim nos disse: — “Andar por essa
Rocha não podereis; jaz destruído
108 Todo arco sexto sem restar-lhe peça.
Se avante quereis ir, seja seguido
Desta borda o caminho: não distante
111 Está rochedo a passo apercebido.
“Ontem, cinco horas mais do que este instante
Mil e duzentos com sessenta e seis
114 Anos houve: é então a rocha hiante.
“Dos sócios meus na companhia ireis;
Vão ver se alguém ao banho quer furtar-se.
117 Ide em paz: molestados não sereis.
“Calcabrina, Alichino vão juntar-se
Com Cagnazzo, a decúria comandando
120 Barbariccia! E não podem separar-se
“Droghinaz, Libicocco, deste bando!
Graffiacane, o dentudo Ciriatto,
123 Farfarel, Rubicante vão marchando!
“Na ronda cada qual se mostre exato!
Sejam a salvo os dois encaminhados
126 Da ponte ao arco até agora intato!”
“Que vejo, ó Mestre!” — eu disse — “Acompanhados!”
Se sabes ir só, vamos prontamente;
129 De guias tais dispensam-se os cuidados.
“Se tu és, como sóis, Mestre, prudente,
Não vês que os dentes seus estão rangendo,
132 Que nos encaram com furor crescente?”
“Não temas” — disse o Mestre, respondendo —
“Ranger os dentes deixa-os a seu gosto:

135 É contra os que ardem lá no pez horrendo”.
 À sestra os dez então fizeram rosto;
 Nos dentes cada qual mostra primeiro,
 Por mofa a língua ao cabo já disposto;
139 E ele trompa fazia do traseiro.

38. *Anciões de S. Zita*, supremos magistrados de Lucca, cidade de que S. Zita é protetora. — 41. *Bonturo*, Bonturo Dati, magistrado mais venal do que os outros. — 42. *O no, por ouro*, etc., por dinheiro o não se transforma em sim. — 112-114. *Ontem*, etc., o demônio falava cinco horas antes do meio-dia de 26 de março de 1300. Ao meio-dia teriam transcorrido 1266 anos da morte de Cristo.



CANTO XXII

Andando os dois Poetas pelo aterro à esquerda, veem muitos trapaceiros que, por aliviar-se, boiam acima do piche fervendo. Sobrevêm os diabos e um deles é lacerado. É este Ciampolo, de Navarra, que consegue, depois, livrar-se das garras dos diabos, o que dá motivo a uma briga entre os demônios.

Marchar vi cavaleiros à peleja,
Travar luta, enlear-se no combate
3 E até pedir à fuga que os proteja;
Em vossa terra esquadras dar rebate
Vi, Aretinos; vi as cavalgadas,
6 Torneios, justas no mavórtico embate,
De tubas ao clangor, às badaladas,
Com sinais de castelos, de tambores,
9 Com artes novas ou entre nós usadas:
Não vi mover peões, nem corredores,
Nem baixéis, que regula a terra ou estrela,
12 De igual clarim aos sons atroadores.
Com dez demônios (que companha bela!)
Partimo-nos, porém rezar com santo,
15 Urrar com lobos discrição revela.
Minha atenção no pez se engolfa, entanto,
Por saber quanto encerra a negra cava,
18 Ali quem pena, quem derrama pranto,
Como o delfim, que da tormenta brava
O nauta avisa, o dorso recurvando,
21 Presságio do mau tempo, que se agrava.
Um lenitivo à pena, assim, buscando,
Mostrava o tergo algum dos condenados,
24 Qual relâmpago, logo se esquivando.
Como à borda de charcos enlodados
A fronte deixa à rã ver da água fora,
27 Pernas e corpo tendo resguardados:
Assim no pez a gente pecadora.

Mas, Barbariccia próximo já sendo,
30 Na resina se esconde abrasadora.
Eu vi (e ainda agora estou tremendo!)
Em cima retardar-se um desditoso
33 Qual rã, que fica, as mais desaparecendo.
Perto ali'stava Grafiacane iroso:
Fisgou-o na enviscada cabeleira,
36 E alçou, qual lontra, ao ar o criminoso.
Sabia os nomes da caterva inteira;
Ouvindo-os, atentei nos escolhidos:
39 Distingui-los podia de carreira.
“Eia! depressa os teus ferrões compridos
No costado lhe crava, ó Rubicante!” —
42 Os demônios gritaram-lhe incendidos.
— “Ó Mestre” — disse — “inquire insinuante
Quem seja aquele mísero e mesquinho
45 Que em mãos caiu da turba petulante”.
Moveu-se o Mestre e, à cava já vizinho,
Perguntou-lhe em que terra ele nascera.
48 — “Em Navarra” — tornou-lhe — eu tive o ninho.
“De um fidalgo ao serviço me pusera
Minha mãe, quando o pai meu devastara
51 Fazenda e a própria vida com mão fera.
“D’El-rei Tebaldo eu na privança entrara:
Vendia os seus favores fraudulento;
54 Sofro a pena do mal, que praticara”.
Então os dentes lhe cravou cruento,
De javardo quais presas, Ciriatto:
57 Armam-lhe a boca, servem de instrumento:
Nas mãos de imigo seu caíra o rato:
Barbariccia, entre os braços o estreitando,
60 — “Alto!” — lhe diz — “A mim cabe seu trato”.
E o rosto para o Mestre meu voltando,
Falou: — “Pergunta, se ainda mais desejas
63 Antes que o tenha lacerado o bando”.
“Algum dos pecadores, com quem ‘stejas” —

Virgílio interrogou — “Latino há sido?”
 66 Tornou: — “Vou contentar-te no que almejas.
 “No pez deixei alguém por tal havido...
 Ah! não temera, estando lá coberto,
 69 Ser de unhas e farpões ora ferido”.
 — “É demais!” — Libicocco diz, que perto
 Estava; e um braço ao triste dilacera,
 72 Do croque ao golpe, aquele algoz esperto.
 Às pernas Draghignaz também quisera
 Do mísero investir, o cabo iroso
 75 Acesos olhos volve e os dois modera.
 Cessa um pouco o rumor e pessuroso
 Pergunta o Mestre àquela sombra aflita,
 78 Que do golpe olha o efeito doloroso:
 “Quem foi essa alma, como tu prescita,
 Que, por vires à tona, hás lá deixado?”
 81 Responde o pecador: — “Foi Frei Gomita
 De Galura, nas fraudes consumado
 Que do seu amo a imigos poupou dano,
 84 E, traidor, foi por eles premiado.
 “Por ouro os deixou ri, como de plano
 Confessa, e em tudo o mais provou ter foro
 87 Nas tretas, ser nos dolos soberano.
 “Miguel Zanche, o Juiz de Logodoro,
 Com ele ostenta, em práticas frequentes
 90 De crimes, em Sardenha, o seu tesouro.
 “Ai! vede como esse outro range os dentes!
 Iria por diante; mas receio
 93 Na pele a fúria dos ferrões pungentes”.
 Atenta o cabo de olhos no meneio
 Com que a ferir se apresta Farfarello.
 96 “Vai daí!” — lhe gritou — “pássaro feio!”
 — “Se Toscanos, Lombardos tens anelo
 De ver e ouvir” — o triste prosseguia —
 99 “Traça darei, com que satisfazê-lo.
 Suspendam Malebranche essa porfia;

Não temam sócios meus dura vingança,
102 Que eu, sentado, um só não, muitos faria
“De lá surdir, segundo a nossa usança,
Ao sinal de assovio, que de ausente
105 Perigo ao vir à tona dá fiança”.
Cagnazzo alça o focinho, de repente,
E, abanando a cabeça, diz — “Cuidado!
108 Astúcia é por lançar-se ao pez fervente”.
Ele, que em cópia ardis tinha guardado,
Tornou: — “Sutil astúcia, na verdade,
111 Causar aos meus tormento redobrado!”
Dos outros contra o aviso, por vaidade,
Alichino lhe disse: — “Se abalares,
114 Não provarei de pés agilidade,
“Hei de, voando, te agarrar nos ares.
Vamos do cimo e à riba retiremos:
117 Maravilha, se a tantos enganares!”
Leitor, logração nova contemplemos.
Já todos volvem de outro lado a vista:
120 Quem mais avesso assim primeiro vemos,
O Navarro estudara-o como invista;
E arrancando, de súbito, ao betume
123 Se arroja e a liberdade então conquista.
Da afronta sentem todos o azedume,
Inda mais quem motivo dera ao feito,
126 Gritando: — “Preso estás!” — salta do cume,
Porém do medo se avanta o efeito
Ao das asas: um baixa ao fundo presto,
129 No ar sustém-se o outro, alçando o peito.
Assim mergulha o pato na água lesto,
Quando avista o falcão: perdida a presa,
132 Se torna o caçador cansado e mesto.
Calcabrina, da raiva na braveza,
Após o sócio voa, por ter briga,
135 Se a alma como deseja, vence empresa.
Vendo que ao fundo o malfeitor se abriga,

As garras volta contra o companheiro:
 138 Furor à luta sobre o lago o instiga.
 As unhas o outro, gavião ligeiro,
 Lhe crava e, entrelaçando-se espantosos,
 141 Tombam ambos no pez, de corpo inteiro.
 Separa o grão fervor os dois raivosos;
 Em vão, porém, subir-se pretenderam,
 144 Que as asas prendem borbulhões viçosos.
 Os outros vendo o caso, se doeram:
 Envia quatro o cabo diligente;
 147 E de croques armados acorreram.
 De um lado e de outro chegam velozmente.
 Tendem farpões aos sócios enviscados,
 Cozidos já naquela crusta ardente.
 151 E desta arte os deixamos atalhados.

48-54. *Em Navarra* etc., Ciampo de Navarra, o qual serviu na corte do rei Tebaldo II de Navarra. 81. *Frei Gomita*, vicário de Ugolino Visconti, por dinheiro deu liberdade aos inimigos do seu senhor. — 88. *Miguel Zanche*, vicário do rei Enzo em Logodoro.

CANTO XXIII

Prosseguem os dois Poetas o seu caminho, descartando-se dos diabos. Vendo-

-os, porém, voltar novamente, Virgílio abraça-se com Dante e deixam-se resvalar pelo declive do precipício. Encontram os hipócritas vestidos de pesadas capas de chumbo dourado. Falam com dois frades, Catalano e Loderigo, bolonheses. Um dos frades, inquirido por Virgílio, indica-lhe o modo de subir ao sétimo compartimento.

Em silêncio, a companha má deixada,
Seguíamos, após um do outro andando,
3 Como frades menores em jornada.
Meu pensamento à rixa se voltando,
A fábula de Esopo relembra,
6 Em que ao rato arma a rã laço nefando.
Se aqueles casos dois eu confrontava,
Como *issa e mo*, iguais me pareciam,
9 Quando o princípio e fim seus recordava.
E, como os pensamentos se associam,
Outros logo daquele me brotaram,
12 Que em dobrado temor a alma envolviam.
Pensava: — esses demônios que passaram,
Por causa nossa, tal vergonha e dano,
15 Do fato certamente se enojaram.
Se a maldade agravar rancor insano,
Eles no encalço nos virão ferozes,
18 Qual cão, que a lebre aboca enfim no plano.
Aguardando os horríficos algozes,
Arrepiam-se as carnes e o cabelo.
21 — “Ó Mestre meu, as garras temo atrozes!”

Exclamo. — “Ache depressa o teu desvelo
Para nós contra o bando amparo e abrigo.
24 Após os passos nossos cuida vê-lo”.
“Se espelho ou fora, a imagem tua, amigo,
Tanto não refletira claramente,
27 Quanto às ideias na tua alma sigo.
“Agora iguais me estão surgindo à mente,
Concordes tanto nas feições, em tudo,
30 Que um parecer entre ambos há somente.
“À destra inclina a encosta, ou eu me iludo:
Por lá baixando à mais vizinha cava,
33 Teremos contra assaltos seus escudo”.
Não acabava, quando a turba prava
Assoma: de asas pandas se enviando
36 Contra nós, não mui longe a divisava.
De súbito nos braços me tomando,
Qual mãe, que ao despertar se vê cercada
39 De furiosas flamas, e, apertando
Ao seio o filho, foge acelerada,
E ao pudor véus esquece angustiosa,
42 Só por salvar aquela prenda amada:
Lá do cimo da riba alta e fragosa
Resvala o Mestre pela penha dura,
45 Muralha de outra cava tenebrosa.
Água não corre mais veloz da altura
Por canal a impulsar de engenho a roda,
48 Quando, vizinha aos cubos, se apressura,
Do que a descer o Guia meu se açoda,
Como a filho estreitando-me ao seu peito,
51 Não como a companheiro a quem se engoda.
Da cava, apenas atingira o leito,
Quando ao cimo os demônios se mostraram:
54 Mas de iras suas malogrou-se o efeito.
Por lei da Providência terminaram
Funções, que exercem na caverna quinta,
57 Toda vez que o recinto seu deixaram.

Gente, que de brilhante cor se pinta
Vemos, que a tardo passo em torno andava;
60 Chorava e em forças parecia extinta.
Capa e capuz trazia, que ocultava
Seus olhos, dessa forma de vestidos
63 De Colônia entre os monges mais se usava.
De ouro por fora, dentro guarnecidos
De chumbo: comparando a peso tanto,
66 De palha os de Fred'rico eram tecidos.
Por toda a eternidade, ó duro manto!
Com tais almas, à sestra, caminhamos,
69 Atentos escutando o triste pranto.
Tanto as oprime o peso, que as passamos
No lento caminhar; e a cada instante
72 De nova companhia ao lado estamos.
“Mostra-me” — eu disse ao Guia, suplicante —
Algum por nome ou feitos afamado;
75 Busca, sem te deter, Mestre prestante!” —
Tendo vozes toscanas escutado,
Um atrás nos gritou: — “Cessai da pressa,
78 Com que ides a correr pelo ar cerrado!
“Cousa talvez direi, que te interessa”.
Volta-se o Mestre e diz-me: — “Agora espera;
81 Para o passo igualar-lhes não te apressa”.
Cessando, vejo um par que se acelera;
Seus gestos dizem que acercar-se aspiram,
84 Malgrado a estrada e o peso, que os onera.
Aqueles dois, já próximos, remiram
Com vesgos olhos, sem falar, meu rosto;
87 Depois entre eles vozes tais se ouviram:
“O que respira ainda em vida é o posto?
Se mortos ambos são, por que motivo
90 Da plúmbea capa evadem-se ao desgosto?”
E disseram: — “Toscano, que, inda vivo,
Vens de hipócritas ver o grêmio triste,
93 Dizer quem sejas, não recusa esquivo”.

— “Nasci na grã cidade, à qual assiste
 Com suas belas margens o Arno ameno,
 96 E o corpo, em que hei crescido, lá persiste.
 “Quem sois que da aflição tanto veneno
 Na face amargo pranto denuncia?
 99 Qual penar tendes de esplendor tão pleno?”
 “Tanto chumbo se encobre” — um me dizia —
 Destas capas sob o ouro, que oscilamos,
 102 Qual balança, que ao peso hesitaria.
 “De Bolonha e Godente, nos chamamos
 Um Loderigo e o outro Catalano:
 105 Juntos ambos Florença governamos,
 “Por que ficasse a paz livre de dano.
 Em vez de um regedor, do que hemos sido
 108 O Gardingo dá prova e desengano”.
 “Ó irmãos” — comecei — “o malnascido...”
 Atalhei-me: jazendo um condenado
 111 Com puas três em cruz via estendido.
 Em vendo-me estorceu-se angustiado,
 Altos suspiros arrancou do peito.
 114 Catalano acercou-se apressurado.
 “Este” — disse — “que geme em duro leito,
 Que a um homem dessem morte, aconselhara
 117 Aos Fariseus, do povo por proveito.
 “Através do caminho é nu, repara:
 De quem passa, desta arte, ele conhece
 120 O peso, quando por calcá-lo para.
 “Igual martírio o sogro seu padece,
 Assim como cada um desse concílio,
 123 Semente pra os Judeus de horrenda messe”.
 Maravilhar-se então mostrou Virgílio,
 Posto em cruz o prescito contemplando
 126 Com tanto opróbrio lá no eterno exílio,
 Voltou-se a Catalano assim falando:
 “Dizei, se voz apraz e é permitido,
 129 Se à direta há vereda, onde, passando,

Deste recinto vamo-nos temido,
 Sem que os anjos perversos obriguemos
 132 Caminho a nos mostrar não conhecido”.
 Tornou: — “Mais perto do que julgas temos
 Rochedo, que, do muro se estendendo,
 135 Dá ponte a cada val, em que gememos.
 “Este não cobre, outrora se rompendo;
 Mas subir podereis pela ruína,
 138 Que do declive ao fundo se está vendo”.
 Ouvindo, o Guia um pouco a fronte inclina
 E diz: — “Bem más explicações nos dava
 141 Quem tanto os pecadores amofina”.
 Logo o frade: “Em Bolonha me constava
 Que o demônio, entre os vícios com que’s tenta,
 144 De ser pai da mentira se ufanava”.
 A passo largo o Mestre já se ausenta;
 Ira ressumbra o rosto carregado.
 Deixa a turba, que em capas se atormenta,
 148 As pegadas seguindo-lhe apressado.

8. “Mo” e “issa” advérbios que, ambos, significam: agora. — 66. *De Frederico* etc., em comparação, as capas que Frederico II mandara colocar nos presos eram levíssimas. — 104. *Loderigo* e *Catalano*, frades que foram chamados a governar Florença, depois da derrota de Manfredo (1266) e que se aproveitaram da sua posição, causando um motim no qual foi incendiada a casa dos Uberti, perto do Gardingo. — 115. *Este* etc., Caifás, o sumo sacerdote de Israel, que aconselhou a morte de Jesus. — 121. *O sogro seu* etc., Anah, sogro de Caifás.



CANTO XXIV

Encaminham-se os Poetas pelo rochedo e chegam ao sétimo compartimento no qual estão os ladrões, os quais, picados por serpentes horríveis, inflamam-se, depois, ressurgem das cinzas. Entre eles Dante reconhece Vanni Fucci, o qual por desafogar o despeito de ser colhido em tal vergonha e miséria, prediz-lhe a derrota dos Brancos.

Naquela parte do ano incipiente,
Em que as comas do sol se fortalecem
3 No Aquário, e a noite iguala o dia ausente,
Quando as geadas matinais parecem
Da alva irmã figurar a imagem pura,
6 Mas tais feições em breve se esvaecem,
Campino, que a indigência já tortura,
Ergue-se, e vendo o prado embranquecido.
9 No coração calar sente a amargura.
Torna ao tugúrio e carpe-se abatido,
Como quem toda a esp'rança já perdera;
12 Mas vendo em breve o campo estar despido
Do triste manto, o alento recupera.
Revigorado então, corre ao cajado
15 E as ovelhas ao pascigo acelera.
De temor me senti, dessa arte, entrado
Do mestre merencóreo ante o semblante;
18 Mas logo ao mal foi bálsamo aplicado.
À ruína chegamos: nesse instante
Virgílio volve àquele doce gesto,
21 Que eu da colina ao pé vira ofegante.
Reflete um pouco, o estado manifesto
Da rocha examinando: eis-me, estendendo
24 Os braços, resolutos ergueu-me presto.
Como aquele que uma obra entre mãos tendo
Logo noutra tarefa põe o intento,
27 Num rochedo Virgílio me sustendo,

Já de outro acima me avisava atento.
 “Mais alto agora sobe” — me dizia —
30 “Vê se a rocha está firme! Toma tento!”
De capa ali ninguém transitaria;
 Pois nós, leves e eu sempre transportado,
33 Subíamos a custo a penedia.
Se mais alto o declive do outro lado
 Não fora do que esse outro, em que ora estamos,
36 — Dele não sei — ficara eu lá prostrado.
Que Malebolge inclina-se notamos
 À boca enorme do profundo poço;
39 As encostas, são tais — expr’imentamos —
Que uma é baixa, outra excelsa em cada fosso.
 Vimos, enfim, do topo à roca extrema,
42 Dessa ruína ao último destroço.
Lá chegado, afã tanto o peito prema,
 Que avante um passo dar eu mais não pude;
45 Sentei-me então na inanição suprema.
“Eia! toda a fraqueza em ti se mude!
 Em ócio” — disse o Mestre — “ou sobre a pluma
48 Prêmios ninguém conquista da virtude.
“Aquele que a existência assim consuma,
 Tal vestígio de si deixa na terra,
51 Como o fumo no ar e na água a espuma.
“Ergue-te, pois! Torpor de ti desterra!
 Recobra o esforço que os perigos vence!
54 Impere alma no corpo em que se encerra!
“Que vais subir muito alto a mente pense;
 Desse abismo não basta haver saído.
57 Será teu prol, se a minha voz convence”.
Alço-me então, mostrando-me impelido
 De alento, que não tinha; e ao Mestre digo:
60 “Avante! Forte já me sinto e ardido!”
Pela rocha asperíssima prossigo
 Mais estreita, inda menos acessível
63 Que a outra: os passos de Virgílio sigo.

Por provar-me às fadigas insensível
Falando andava, Eis ouço de outra cava
66 Ressoar voz bem pouco perceptível.
O que disse não sei, posto me achava
Da ponte sobre a parte culminante;
69 Mais parecia iroso quem falava.
Curvei-me para ver no fosso hiante,
Mas alcançar não pude o fundo escuro.
72 Ao Mestre disse então. “Se apraz-te, avante
Passando, desceremos deste muro;
Daqui ouço uma voz, mas não a entendo;
75 Fito os olhos, mas nada me afiguro”.
“Respondo aos teus desejos, acedendo;
Que o pedido discreto assim declaro
75 Se cumpre, não falando, mas fazendo”.
Fomos da ponte à parte, donde é claro
Que se vai ter à ribanceira oitava:
81 Ficou patente a cava ao meu reparo.
De serpes tal cardume se enroscava,
Horíficas na infinda variedade,
84 Que ao sangue, inda ao lembrar, terror me trava.
Não tenha a Líbia de criar vaidade,
De quersos, fares, cêncris no seu seio
87 E anfisbenas, tamanha quantidade.
Nem do mar Roxo em plagas, nem no meio
Da Etiópia, tropel tão pavoroso
90 De flagelos jamais a lume veio:
Por entre o enxame atroz e temeroso
Almas corriam nuas e transidas,
93 Heliotrópia não ‘sperando ou pouso.
Atrás as mãos por serpes são tolhidas,
Que, transpassando os rins, cauda e cabeça,
96 Lhes tinham por diante em laço unidas.
Eis uma de repente se arremessa
Ao prescito, que perto nos demora:
99 Morde-lhe o colo aonde a espádua cessa.

Um O traçar ou I mais custa agora
 Do que ser o mesquinho incendiado:
 102 Em cinzas cai o pecador, que chora.
 ‘Stando em terra desta arte derribado,
 Juntou-se a cinza e logo reformou-se,
 105 Como de antes, o triste condenado.
 Dos sábios na escritura já narrou-se
 Que a Fênix morre e logo após renasce,
 108 Quando aos anos quinhentos acercou-se.
 Viva, já nunca em cibo ela se pasce,
 Em lágrimas, porém, de incenso e amomo;
 111 De nardo e mirra em ninho extremo apraz-se.
 Como aquele que cai sem saber como,
 Do demônio ao poder, que à terra o tira,
 114 Ou de outra opilação sentindo o assomo;
 Levantando-se, em torno a si remira,
 Da angústia inda aturdido, que o mordera,
 117 E, em seu soçobro, pálido suspira:
 Assim parece o pecador, que ardera.
 Contra os pecados na final vingança,
 120 Ó Justiça de Deus, quanto és severa!
 Quem fora inquire o Mestre, e dele alcança
 Estas vozes: — “Há pouco, da Toscana
 123 Chovi no abismo, onde ninguém descansa.
 “Vida brutal vivi, não vida humana.
 Chamei-me Vanni Fucci, híbrida besta;
 126 Pistoia, meu covil, de mim se ufana”.
 Ao Mestre eu disse: — “Referir-nos resta
 O crime, que deu causa à morte sua:
 129 Sei que em sangue banhara a mão funesta”.
 O pecador, que me ouve, não se amua:
 Volta-me presto a cara, em que a tristeza
 132 Com sinais de vergonha se insinua
 E diz: — “Sinto da dor mais a aspereza,
 Porque em miséria tanta me vês posto,
 135 Do que quando da morte hei sido a presa.

“Ao que exiges respondo com desgosto:
 Por ter roubado alfaias e ornamento
 138 Da igreja, aqui estou, sendo meu gosto
 “Que pelo crime houvesse outro tormento.
 Se deste antro saíres algum dia,
 141 Por que não sejas do meu mal contento,
 “Ouve bem o que a voz minha anuncia:
 De si Pistoia os Negros expulsando,
 144 Povo, modos, Florença então cambia.
 “Vapor de Val de Magra Marte alçando,
 O traz em torvas nuvens envolvido;
 147 E, enquanto a tempestade está raivando,
 “No campo de Picén será ferido
 Combate; a névoa logo se esvaece;
 Dos Brancos cada qual será batido.
 151 “Sabe-o, pois: certo, a nova te entristece”.

125. *Vanni Fucci*, ribaldo que roubou o tesouro de S. Jacopo em Pistoia: —
 143-150. *De si Pistoia* etc., Vanni Fucci, sabendo que Dante era do partido
 dos Brancos, lhe prediz que os Brancos serão exilados de Florença e, depois,
 derrotados em Campopiano.

CANTO XXV

Vanni Fucci depois das negras predições desafia a Deus, pelo que o centauro Caco, todo coberto de serpentes, lhe corre atrás. Dante reconhece entre os danados alguns florentinos que, em Florença, desempenharam funções importantes, aproveitando-se dos dinheiros públicos, e descreve suas transformações de homens em serpentes e vice-versa.

Assim dizia o roubador e, alçando
Ambas as mãos, que figuravam figas:
3 “Toma, ó Deus” exclamou “o que eu te mando”.
Serpes me foram desde então amigas:
Porque logo uma ao colo se enroscava,
6 Como a dizer: — “Não quero que prossigas!”
Tolhendo-lhe outra os braços, se enlaçava
Diante sobre o peito, e o movimento
9 Com rebatido vínculo atalhava.
Ah! Pistoia! ah! Pistoia! o incendimento
Teu decreto, extinguido nome impuro,
12 Pois dás da extirpe tua ao vício aumento!
Tão soberbo não vi no abismo escuro,
Contra Deus outro esp’rito; nem o ousado,
15 Que de Tebas caiu morto do muro.
Sem mais dizer fugira o condenado.
Eis rábido centauro vi correndo
18 A gritar: — “onde está o celerado?”
Nem tem Marema de répteis horrendo
Bando igual ao que o dorso carregava
21 Té onde a humana forma está-se vendo.
Na espádua, abaixo da cerviz pousava,
As asas estendendo, atroce drago,

24 Que fogo a quanto encontra arrevestava.
“E’ Caco” — o Mestre diz — “que a imane estrago
Afeito do Aventino se aprazia,
27 Sob as penhas, de sangue em fazer lago.
“Dos seus irmãos não segue a companhia,
Por haver depredado, fraudulento,
30 Armentio, que próximo pascia.
“Tiveram fim seus crimes: golpes cento
Sobre ele desfechou de Alcide a clava:
33 Aos dez perdera já da vida o alento”. —
Foi-se o centauro enquanto assim falava.
Abaixo eis três espíritos chegando,
36 Nos quais nenhum de nós inda atentava,
“Quem sois?” — romperam súbito bradando.
A Narração então suspende o Guia;
39 E só eles curamos, escutando.
Nenhum dessa companhia eu conhecia;
Mas então, como às vezes acontece,
42 Um, chamando por outro, assim dizia:
“Onde é Cianfa, que assim desaparece?”
Dedo nos lábios fiz nesse momento
45 A Virgílio sinal, por que atendesse.
Em crer o que eu contar se fores lento,
Não há de ser, leitor, para estranhado;
48 Quase o que eu vi descrê meu pensamento.
Quando eu dos três a vista era engolfado,
Sobre seis pés se via uma serpente
51 Contra um deles e o tem todo enlaçado.
Abraçam-lhe os do meio rijamente
O ventre; aos braços aos de cima rendem,
54 Ambas as faces morde-lhe furente.
Os de baixo nas coxas já se estendem,
Interpondo-se a cauda, que, subindo
57 Por detrás, voltas dá que os rins lhe prendem.
Hera, de árvores os ramos recingindo,
Não os enleia tanto, como a fera

60 Alheios membros ao seu corpo unindo.
Fundiram-se depois, de quente cera
Com feitos; travando as suas cores,
63 Um nem outro parece o que antes era:
Como em papel, do fogo ante os ardores
Procede escura cor; inda não sendo
66 Negro, vão fenecendo os seus albores.
Os dois, a maravilha percebendo,
Gritavam-lhe: — “Ai! Agnel, quanto hás mudado!
69 Um já não és mas dois ser não podendo!”
Numa cabeça as duas se hão tornado;
Confundidos estavam dois semblantes
71 Num rosto, em que se haviam misturado.
São dois os braços, que eram quatro de antes,
Foram coxas e pernas, ventre e peito
75 Membros, que nunca hão tido semelhantes.
Perdeu-se assim todo o primeiro aspeito;
Seres dois e nenhum nessa figura
78 Se via; e o monstro foi-se a passo estreito.
Quando o fervor canicular se apura,
Cruza o lagarto, como o raio, a estrada,
81 E uma mouta deixando, outra procura.
Tal menor serpe, lívida, inflamada.
Negrejando, qual bago de pimenta,
84 Aos outros dois se arroja acelerada.
E na parte, por onde se alimenta
Primeiro a vida nossa, um os dois fere
87 E ante ele tomba em queda violenta.
Olha o ferido, mas nem voz profere;
E sobre os pés imóvel bocejava,
90 Como quem sono prenda ou febre onere.
Fitava olhos na serpe, e esta o encarava;
A chaga de um eu via, do outro a boca
93 Fumegar; e o seu fumo se encontrava.
Emudeça Lucano, quando toca
Em Sabelo infeliz mais em Nascídio.

96 Escute: mor portento ora se evoca.
De Cadmo e Aretusa cale Ovídio:
Se fonte a esta, àquela fez serpente,
99 Não o invejo: aqui há pior excídio,
Não converteu dois seres frente a frente,
Tanto que permutasse formas duas
102 Sua própria matéria de repente.
Desta sorte compõem-se as partes suas:
A cauda à serpe fende-se em forquilha,
105 Cerra o ferido em uma as plantas nuas.
Tal prisão coxas, pernas envencilha
Que em breve nem vestígio há de juntura,
108 Sinal, ou numa ou noutra, de partilha.
Fendida a cauda assume essa figura
Que perde o homem; numa é tão macia
111 A pele, quanto noutro fez-se dura.
Entrar os braços nas axilas via;
Tanto estendia os curtos pés a fera,
114 Quanto o outro os seus braços encolhia.
Os pés o drago extremos retorcera,
Na parte, que se esconde, se mudando,
117 Que em duas no mesquinho se fendera.
Enquanto o fumo os dois ia velando
De nova cor e a serpe o pelo empresta,
120 Que em todo perde o pecador nefando,
Ergue-se um, cai o outro e no chão resta,
Os ímpios olhos sem torcer, que viram
123 Dos gestos seus a conversão funesta.
Ao que era em pé às fronteiras lhe subiram
Do rosto as sobras: cada face afeita
126 Uma orelha, de duas, que saíram.
Quanto de mais ficara então se ajeita,
O nariz conformando-lhe na cara
129 E de lábios lhe ornando a boca estreita,
A beija o que jazia dilatara;
Qual caramujo, que as antenas cerra,

132 À cabeça as orelhas retirara.
 A língua unida e no falar não perra
 Partiu-se, enquanto a do outro, forquilhada,
 135 Uniu-se; o fumo desde então se encerra.
 Essa alma, que em réptil era mudada,
 Pelo vale arremete sibilando,
 138 Falando, a outra escarra e a segue irada.
 Depois, seu novo dorso lhe voltando,
 Disse à terceira sombra: “Corra o Buoso,
 141 Como eu, por esta senda rastejando”.
 Assim vi no antro sétimo espantoso
 Mútuas transformações: tanta estranheza
 144 Desculpe o canto rude e descuidoso.
 Posto empanar dos olhos a clareza
 Entrar o assombro no ânimo eu sentisse,
 147 Não fugiram com tanta sutileza,
 Nem tão prestes que eu bem não discernisse
 Puccio Sciancato, que dos três somente
 Fora o que transmutado se não visse,
 151 Deu-te o outro, Gavili, dor pungente.

14. *Nem o ousado* etc., Capaneu, V. Inf, XIV. — 25. *Caco*, ladrão, ao roubar o rebanho de Hércules, para despistar, puxou as ovelhas pela cauda. — 43. *Cianfa dei Donati*, ladrão florentino que veremos transformado em serpente. — 68. *Agnel*, Agnello Brunelleschi, ladrão florentino. — 95. *Sabelo e Nascídio*, personagens dos “Farsálias” de Lucano que, mordidos por cobras, mudam de aspecto. — 97. *Cadmio e Aretusa*, personagens das “Metamorfoses” de Ovídio que se transformam o primeiro em serpente e o segundo numa fonte. — 149. *Puccio Sciancato*, ladrão florentino.

CANTO XXVI

Chegando os Poetas ao oitavo compartimento, distinguem infinitas chamas, dentro das quais são punidos os maus conselheiros. Numa chama bipartida estão Diômedes e Ulisses. Este último, a pedido de Dante, narra a sua última navegação, na qual perdeu a vida com os seus companheiros.

Folga, ó Florença! A fama tens tão grande,
Que asas bates por terra e mar, vaidosa!
3 Até no inferno o nome teu se expande!
Entre os ladrões, ó cousa vergonhosa!
Principais cinco achei, que em ti nasceram:
6 Serás por honra tal, vangloriosa?
Se os veros sonhos por manhã se geram,
Em breve hás de sentir o que os de Prato,
9 Quanto mais outros, por teu dano esperam.
Presto que venha, será tarde o fato;
Se o mal tem de ferir, fira apressado:
12 Mais velho me há de ser mais grave e ingrato.
Partimos: do rochedo alcantilado
Os degraus, em que havíamos descido,
15 Sobe o Mestre e por ele eu fui levado.
Em nosso ermo caminho e desabrido
Prosseguimos por entre agras fraguras,
18 Pelas mãos sendo o pé favorecido.
Inda nalma exacerbam-se amarguras,
Do que hei visto lembranças avivando;
21 E, quanto posso, o coração nas puras
Veredas da virtude vou guiando,
Por que o bem, por bom astro ou Deus doado,
24 Eu próprio não converta em mal nefando.

O rústico, no outeiro reclinado,
Na estação, em que o sol o mundo aclara,
27 Mais lhe mostrando o seu semblante amado,
Já quando a mosca o sucessor depara,
Pirilampos não vê tão numerosos
30 No vale, onde vindima, ou ceifa ou ara,
Quando, no fosso oitavo, os temerosos
Fogos, que avisto, dos que, ao cimo alçado,
33 Fito no fundo os olhos curiosos.
Como aquele que de ursos foi vingado,
Quando voou de Elia o carro ardente,
36 Ao céu por frisões ígneos transportado,
Seguiu c'a vista o lume, que somente
Dos ares na extensão aparecia,
39 Qual nuvens se elevando velozmente;
Assim naquele abismo se agitando
As flamas via; em cada qual estava
42 Uma alma, em seus fulgores se ocultando.
Para ver, lá da ponte, me inclinava:
Se amparado da rocha eu não 'stivesse,
45 Tombara ao fundo dessa hiante cava.
O Mestre, ao ver que a mente se embevece,
"Em cada fogo" — diz-me — "um condenado,
48 Como em hábito, envolto, arde e padece".
"Sou, te ouvindo" — tornei — "certificado
Do que era, há pouco, em mim simples suspeita.
51 Pretendia inquirir, maravilhado,
Que significa o fogo, que endireita
A nós, e se partindo, iguala a pira,
54 Para imigos irmãos outrora feita".
— "Estão lá dentro dessa flama dira
Diômedes e Ulisses: em castigo
57 Sócios são, como outrora hão sido em ira.
"Lá dentro geme o pérfido inimigo,
Inventor do cavalo, que foi porta,
60 Por onde a Roma veio o início antigo;

“Chora-se a fraude, que Deidâmia morta,
Ainda exprobra a Aquiles, ressentida;
63 Pelo Palácio a pena se suporta”.
“Se à labareda, ó Mestre, é permitida
A fala” — eu disse — “te suplico e rogo
66 Com instância, mil vezes repetida,
“Aguardar me concedas esse fogo,
Que, bipartido para nós caminha.
69 Vês meu anelo: ah! dá-lhe o desaforo!”
“Merece toda a complacência minha
Teu rogo: eu de bom grado o atendo e aceito.
72 Mas cala-te; que hás de ser contente asinha.
“Falar me deixa; sei qual teu conceito,
Talvez que desses Gregos na alma esquiva
75 Produza o teu dizer ingrato efeito”.
Propínqua estando a nós a flama viva,
E, azado ao Mestre, parecendo o ensejo,
78 Nesta linguagem disse persuasiva:
“Ó vós, que nesse fogo eu juntos vejo,
Se por serviços meus, quando vivia,
81 Revelei de aprazer-vos o desejo,
“Nos sonoros versos que escrevia,
Detende-vos: benévolo um nos diga
84 Onde viu fenecer o extremo dia”.
A parte superior da flama antiga
A tremular começa murmurando,
87 Como a que o vento lhe assoprando instiga.
E a um lado e a outro o cimo meneando,
Como se língua fora, que falasse,
90 Estas vozes profere, e diz-nos: “Quando
“De Circe a encantos me esquivei fugace,
Em que um ano passei junto a Gaeta,
93 Antes que assim Eneias a chamasse,
“A saudade do filho, a mui diletta
Velhice de meu pai, de alta consorte
96 Santo amor, em que ardia sempre inquieta,

“Não dominaram esse anelo forte
Que me impulsava a ser do mundo experto,
99 Das manhas das nações, da humana sorte.
“Lancei-me às vagas do alto-mar aberto;
Sobre um só lenho me seguiu companhia
102 De poucos, mas de afouto peito e certo.
“As ondas perlustrando, hei visto a Espanha,
Marrocos, logo a ínsula dos Sardos
105 E as outras que o cerúleo pego banha.
“Já da velhice nos sentidos tardos,
Alfim chegamos ao famoso estreito,
108 Onde Alcides aos nautas pôs resguardos,
“Que devem respeitar por seu proveito.
Deixei Septa, que jaz ao esquerdo lado.
111 E Sevilha, que ao lado está direito.
“Perigos mil vencendo e avesso fado”
Lhes disse — “irmãos, chegastes ao Ponente!
114 Da existência este resto, já minguado,
“Razão não seja, que vos tolha a mente
De além do sol, tentar nobre aventura,
117 E o mundo ver, que já órfão de gente.
“Da vossa raça refleti na altura!
Viver quais brutos veda-o vossa origem!
120 De glória vos impele ambição pura!
“Com tanto esforço os ânimos se erigem,
Falar me ouvindo assim, que ir por diante,
123 De entusiasmo sôfregos, exigem.
“Já, com popa ao Nascente flamejante,
As asas os remos são na empresa ousada,
126 E o lenho sempre à esquerda voga avante.
“Já do outro polo a noite levantada,
Via os astros brilhar: o nosso, entanto,
129 Na planície imergia-se salgada:
“Cinco vezes a luz do etéreo manto
A lua difundira e após minguara,
132 Depois que arrosto do oceano o espanto,

“Quando imensa montanha se depara:
 Envolta em cerração, longe aparece;
135 Na altiveza outra igual nunca avistara.
 “O prazer nosso em pranto se esvaece:
 Da nova terra eis súbito irrompendo
138 Contra o lenho um tufão medonho cresce.
 “Veze três em voragens o torcendo,
 A quarta a popa levantou-lhe ao alto,
 E a proa, ao querer de outrem, foi descendo”.
142 Cerrou-se o pego sobre nós de salto.

8. *Prato*, pequena cidade perto de Florença. — 56. *Diômedes* e *Ulisses*, heróis gregos que combateram juntos no assédio de Troia. — 58-63. *O Poeta* relembra três façanhas astuciosas de Ulisses: o cavalo de madeira para enganar os troianos; a descoberta de Aquiles disfarçado em mulher entre os companheiros de Deidâmia; e o roubo de uma estátua de Palas que tornava Troia inexpugnável. — 92. *Gaeta*, Eneias ao fundar a cidade de Gaeta deu-lhe o nome de sua nutriz. — 107. *Famoso estreito*, Gibraltar, cujos montes (as colunas de Hércules) eram consideradas como aviso para que não se passasse além.

CANTO XXVII

Outro danado entra a falar com Dante. É Guido de Montefeltro, o qual pede notícias da Romanha, sua terra natal. Conta, depois, que foi condenado por causa de um mau conselho que, fiado na prévia absolvição, dera ao papa Bonifácio VIII.

A flama já se erguia e estava quieta,
Não mais falando, e já se retirava
3 Com permissão do meu gentil Poeta,
Quando outra, que de perto caminhava,
Pelos confusos sons, que desprendia,
6 Olhar nos fez seu cimo, que oscilava.
Como o sículo touro, que mugia
A vez primeira, o pranto ressoando
9 Do inventor, que seu prêmio recebia;
Berrava pela voz do miserando,
Na brônzea forma, em dor tanto pungente,
12 Que parecia vivo estar penando:
Assim se convertia o som plangente
De flama no rumor, lhe falecendo
15 Caminho, em que irrompesse prontamente.
Mais se exalar pelo ápice em podendo
Dar-lhe impulso por ter já conseguido
18 Desse mesquinho a língua, se movendo,
“Tu, a quem me dirijo” — hemos ouvido —
“Que, inda há pouco, dizias em lombardo:
21 Podes ir, tens assaz já respondido.
“Posto em chegar um tanto eu fosse tardo,
De ouvir-me não despraza-te a demora;
24 Bem vês, me não despraz: entanto eu ardo.

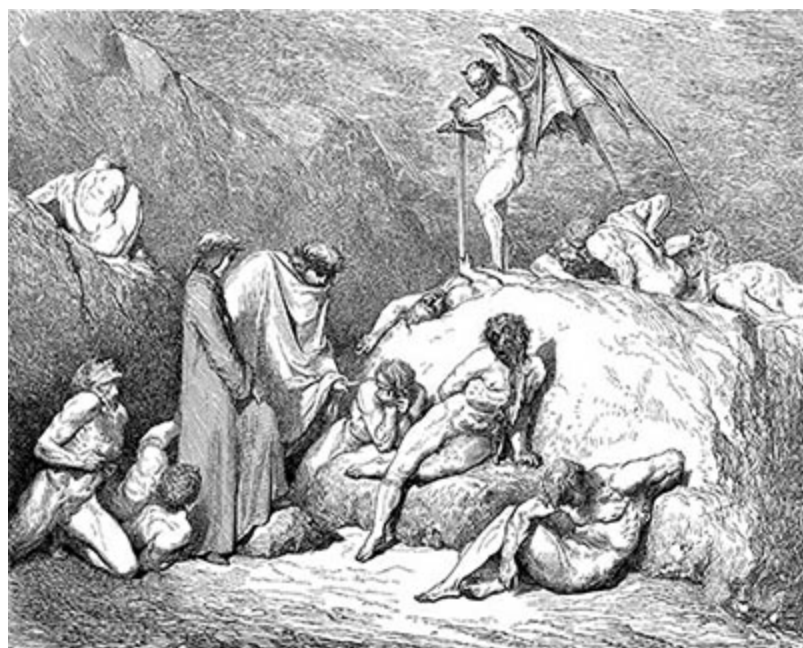
“Se a este abismo tenebroso agora
Tombas saudoso dessa doce terra
27 Latina, onde hei pecado tanto outrora,
“Se os Romanhóis têm paz, dize-me, se guerra,
Pois eu fui lá dos montes, entre Urbino
30 E essa, origem do Tibre, ativa serra”.
Para escutar atento a fronte inclino.
Eis, tocando-me a um lado, diz meu Guia:
33 “Podes ora falar, que este é Latino”.
Eu, que já prestes a resposta havia,
Tornei ao pecador incontinente:
36 “Alma, que o fogo assim veste e crucia,
“Tua Romanha em guerra permanente
Sempre é no coração dos seus tiranos.
39 Porém nenhuma agora tem patente.
“Hoje é Ravena o que era, há longos anos,
De Polenta a águia forte ali se aninha;
42 Com largas asas cobre à Cérvia os planos.
“A terra, que no tardo assédio tinha
Pelo sangue francês sido inundada
45 Sob verde leão, sofre mesquinha.
“Dos Mastins de Verruchio a subjugada
Gente os dentes cruéis inda sentia:
48 Morte a Montagna deram desapiedada.
“Em Lamone, em Santerno inda regia
Do alvo ninho o leão, se convertendo
51 De um pra outro partido cada dia.
“A cidade que o Sávio banha, sendo
Entre o plaino e a montanha, em liberdade
54 Ou vive ou sob o jugo vai sofrendo.
“Ora nos diz quem foste na verdade;
Condescendente sê, como hemos sido:
57 No mundo haja o teu nome longa idade”.
O fogo rumoreja e comovido
De um lado a outro a ponta aguda agita;
60 Depois emite a voz neste sentido:

“Se esta resposta minha fosse dita
A quem do mundo à luz daqui voltasse,
63 Queda ficara a minha língua aflita.
“Mas como é certo que jamais tornasse
Quem no inferno caiu, se não me engano,
66 De falar não hei medo, que embarace,
“Homem de armas, depois fui Franciscano,
Crendo pelo cordão ser emendado;
69 Por crê-lo certo, me esquivara ao dano,
“Se o Papa (todo o mal seja-lhe dado!)
Não me volvesse à primitiva estrada.
72 Como e por que te fique declarado.
“Enquanto a humana forma era habitada
Por mim, não provei ser leão por feitos,
75 Mas raposa, por astúcia abalizada.
“Estratégia sutil, ardis perfeitos
Tanto soube, que os âmbitos da terra
78 Eram à fama de meu nome estreitos.
“Da existência na quadra, em que muito erra
Quem, de surgir no porto eserançado,
81 Nem colhe os cabos nem as velas ferra,
“Odiei quanto houvera mais amado
E humilhei-me confesso e arrependido...
84 E o perdão, ai de mim! fora alcançado...
“Dos novos Fariseus Príncipe infido,
Em Latrão guerra crua declara:
87 Não contra Mouro, nem Judeu descrido,
“Contra cristãos as iras ateara;
Nenhum traidor contra Acre combatera
90 Ou do Soldão na terra traficara.
“Sacras ordens em si não considera,
Nem cargo excelso, em mim o da humildade
93 Cordão, que os penitentes seus macera.
“Como foi de Sirati à soledade
Constantino a Silvestre pedir cura
96 Da lepra: assim também à enfermidade

“De seu febril orgulho este procura
 Remédio em meu conselho. Escrupuloso
 99 Calei-me: de ébrio vi nele a loucura.
 “Fala — insistiu — não sejas temeroso!
 Absolto és desde já, se Palestrino
 102 A vencer me ensinares ardiloso.
 “Eu abro e fecho o céu: poder divino
 As duas chaves têm, a que há negado
 105 O meu antecessor preço condino.
 “Já destas razões graves abalado,
 Pior partido no silêncio vendo,
 108 Lhe tornei: — “Padre Santo, se o pecado,
 “Em que ora vou cair, ‘stás-me absolvendo,
 Darás ao sódio teu glória e conforto
 111 Prometendo demais, pouco fazendo.
 “Francisco me acudiu, quando fui morto;
 Mas clamou anjo negro apressurado:
 114 — Não mo tomes; assim me causas torto!
 “Lugar foi-lhe entre os meus assinalado:
 Dês que há dado o conselho fementido,
 117 Ficou pelos cabelos agarrado.
 “Perdão só tem quem geme arrependido;
 Pecado à penitência não se amanha,
 120 Não pode aquele andar a esta unido.
 “Ai! qual foi meu pavor, quando, com sanha
 Empolgando-me, disse: — Creste acaso
 123 Que me falta de lógico arte e manha?
 “A Minos me arrastou, que sem mais prazo,
 Da cauda em voltas oito o dorso enreda,
 126 Raivoso morde-a e diz: — É neste caso
 “Que aos maus prisão se dá na labareda.
 Assim onde me vês, fiquei perdido,
 129 Vou chorando, em tais vestes, minha queda”.
 Tendo, pois, desta sorte conluído,
 Aquela flama se partiu gemendo
 132 E agitando o seu vórtice estorcido.

Eu e Virgílio, então, seguido havendo
Pelo rochedo, ao arco nós subimos,
Que o nono fosso cobre, onde sofrendo
136 Os que sizânia semearam vimos.

7. *Sículo touro*, o touro de bronze de que Falarides, tirano de Agrigento, se servia para queimar os seus inimigos. — 29. *Fui lá dos montes* etc., Guido de Montefeltro, que, depois de valoroso guerreiro, fez-se franciscano. — 41. *De Polenta a águia forte* etc., a família de Polenta, que tinha uma águia por emblema, dominou Ravena e Cérvia. — 46. *Mastinos de Verruchio*, Malatesta e Malatestino de Verruchio, senhores de mini. — 48. *Montagna*, prisioneiro guelfo que Malatestino mandou matar. — 49. *Lamone e Santerno*, as cidade de Faenza e Imola. — 52. *A cidade* etc., Cesena. — 70. *O papa*, Bonifácio VIII. — 86. *Em Latrão* etc., os Colonenses moravam perto da igreja de S. João em Latrão. — 89. *Contra Acre*, que os Sarracenos tomaram aos cristãos em 1291. — 94. *Como foi de Sirati* etc., conforme uma lenda Constantino foi curado da lepra por São Silvestre, que morava numa gruta do monte Sirati. — 101. *Palestrina*, onde os Colonenses se tinham retirado. — 105. *O meu antecessor*, Celestino V.



CANTO XXVIII

No nono compartimento os Poetas encontram os semeadores de cismas e escândalos civis e religiosos. Dante vê Maomé, que o encarrega de uma embaixada para o herege frei Dolcinc; fala também com outros danados.

Dizer o sangue e as chagas espantosas,
Que eu vi neste lugar, quem poderia,
3 Em livre prosa e em vezes numerosas?
Nenhuma língua, certo, bastaria;
Frac a palavra, inábil nossa mente
6 Para horror tanto compreender seria.
Quando junta estivesse toda gente,
Que lá da Apúlia na infelice terra,
9 Perdera o sangue seu na luta ingente
Dos romanos por mãos; e em crua guerra
A que tantos de anéis deixou vencida,
12 Como refere Lívio, que não erra;
E a que fora por golpes abatida,
Quando a Roberto Guiscardo resistia;
15 E a que tem sua ossada inda espargida
De Ceperan no campo, onde traía
Cada Apulhês; e que no Tagliacozzo
18 O Velho Alard sem combater vencia:
Das feridas o aspecto lastimoso
Não fora, qual no fosso nono imundo
21 Apresentava o bando criminoso.
Qual tonel, que aduelas perde ao fundo,
Estava um pecador, que roto eu via
24 Das fauces ao lugar que é menos mundo.
As entranhas pendiam-lhe; trazia
Patentes os pulmões e o saco feio,
27 Onde o alimento de feição varia.
A contemplá-lo estava de horror cheio,
Eis me encara e me diz, abrindo o peito:

30 “Vê como eu tenho lacerado o seio!
“Mafoma sou, quase pedaços feito;
Antecede-me Ali, que se lamenta:
33 Do mento à testa o rosto lhe é desfeito.
“Todos, que a dor aqui tanto atormenta,
De escândalos, de cismas inventores,
36 Fendidos têm, qual vês, pena cruenta.
“Demônio deixa atrás que os pecadores
Aos fios passa de cruel espada.
39 Da multidão nenhum aos seus furores
“No grito escapa da afrontosa estrada.
Cerra-se em todo cada golpe horrendo
42 Antes que torne a olhar-lhe a face irada.
“Mas quem és, que, na rocha te detendo,
Estás dessa arte a dilatar a pena,
45 Que Minos te aplicou, teus crimes vendo?”
— “Não é morto; sentença o não condena” —
Torna o Mestre — “não vem por seu castigo,
48 Mas, para ter experiência plena.
“Descendo ao mais profundo vai comigo,
Que morto sou, dos círculos temidos:
51 Tão certo é como falo ora contigo”.
Ouvindo mais de cento dos punidos,
De espanto a me encarar se demoraram,
54 Dos seus próprios tormentos esquecidos.
— “A Frei Dolcino diz, pois não findaram
Teus dias e hás de ao sol tornar em breve,
57 Se desejos de ver-me o não tomaram,
“Que se aperceba; pois, cercando-o, a neve
Dará triunfo à gente de Novara,
60 A quem vencê-lo assim há de ser leve”.
Para partir um pé Mafoma alçara
Ao tempo, em que palavras tais dizia:
63 Baixou-o e foi-se, apenas rematara.
De goela golpeada outro acorria;
Té as celhas nariz tendo truncado,

66 Uma orelha somente possuía.
Como os mais, contemplando-me pasmado,
Aos mais se antecipou e, escancarando
69 O canal, que de sangue era inundado,
“Ó tu” — falou-me — “Que não’ stás penando,
Que outrora hei visto em região latina,
72 Se eu não erro, aparências aceitando,
“Recorda-te de Pier de Medicina
Se tornar-te for dado ao belo plano,
75 Que de Vercello a Marcabó se inclina.
“E aos dois nobres varões dize de Fano,
Misser Angiolello e Misser Guido,
78 Se o futuro antevendo, eu não me engano,
“Que do baixel, que os haja conduzido,
De Católica ao pé, ao mar lançados
81 Serão por ordem de um tirano infido.
“Por Gregos, por piratas perpetrados,
Entre Chipre e Maiorca ao infame feito
84 Não viu Netuno crimes igualados.
“O traidor, que de um olho tem defeito,
Dessa terra opressor, que um companheiro
87 Meu tivera em não vê-la mor proveito,
“Irão a seu convite prazenteiro
Para acordo; mas votos de Foscara
90 Não fará por temer vento ponteiro”.
“Revela-me” tornei-lhe — “e me declara,
Desse favor, que deprecaste, em troca,
93 Quem de ver essa terra se pesara”.
As mãos de um pecador alçando à boca,
Escancarou-a e disse-me gritando:
96 — “É este; a voz, porém, se lhe sufoca.
“Exulado, ele foi quem, dissipando
Hesitações de César, lhe afirmava
99 Que a ocasião perdia demorando”.
Oh! quão pávido Cúrio se mostrava,
Tendo cortada a língua na garganta,

102 Que outrora tanta audácia aconselhava!
Dos decepados braços alevanta
Outro os cotos ao ar caliginoso:
105 Banha-lhe o sangue a face, que me espanta.
Gritou: — “Memora Mosca desditoso!
Fui quem disse: — O seu fim tem cousa feita!
108 Fatal dito, à Toscana, ai! bem danoso!”
“E à tua raça, que à morte foi sujeita!”
Atalhei. Sobre a dor, dor se acendendo
111 Em desesp’rança se partiu desfeita.
Aquelela multidão ‘stava atendendo,
Cousa assombrosa eis vejo, que inda hesito
114 Em narrar, provas outras eu não tendo.
Da consciência já me alenta o grito,
Sócia fiel, que o homem torna forte,
117 Sob o arnês da verdade, sempre invicto.
Eu via, e cuido ver na mesma sorte
Apropinquare-se um corpo sem cabeça,
120 Por entre os outros da infeliz coorte,
Caminha, alçando-a pela coma espessa,
De mão pendente a modo de lanterna:
123 Gemendo, os olhos seus nos endereça.
Servia ele a si próprio de luzerna,
Eram duas em um, era um em duas:
126 Como ser pode, sabe o que governa.
Chegado ao pé da ponte, das mãos suas
Um ao alto a cabeça levantava
129 Para lhe ouvirmos as palavras cruas.
“Vê meu duro castigo!” — assim falava —
“Tu, que os mortos visitas, sendo em vida:
132 Outro já viste igual ao que me agrava?
“Eu sou — faz minha história conhecida,
Voltando à luz — Bertran de Born, que há dado
135 Ao jovem Rei consulta, em mal tecida.
“Pai e filho inimigos hei tornado:
As iras de Absalão mais não movera.

138 Contra Davi Aquitofel malvado.
 “Laços tais como eu, pérfido, rompera,
 Meu cérebro assim levo desunido
 Desse princípio, que no corpo impera:
142 Por lei sou, pois, de talião punido”.

14. *Roberto Guiscardo*, combatendo contra os Sarracenos, conquistou o reino de Nápoles. — 16. *De Ceperan*, onde Manfredo foi derrotado por Carlos d’Anjou. — 17. *Tagliacozzo*, onde morreu Corradino, — 31. *Mafoma*, Maomé, fundador do Islamismo. — 32. *Ali*, parente de Maomé. — 55. *Frei Dolcino*, cismático, pertencente à seita dos Irmãos Apostólicos. — 73. *Pier de Medicina*, por dinheiro fomentou a discórdia entre os senhores da Romanha. — 76-90. *E aos dois* etc., Pier de Medicina prediz a morte violenta de Messer Guido del Cassero e de Messer Angiolello de Carignano. — 106. *Mosca dei Lamberti*, induziu à matança de Buondelmonte dei Buondelmonti, dando início à luta em Florença entre guelfos e gibelinos. — 134. *Bertran de Born*, poeta e guerreiro francês, infiltrou a discórdia entre o rei Henrique II da Inglaterra e seu filho. — 137-38. *As iras de Absalão*, Arquito fel induziu Absalão a rebelar-se contra o seu pai, o rei Davi.

CANTO XXIX

Chegando ao décimo compartimento, os Poetas ouvem as lamentações dos falsários, que aí são punidos com úlceras fétidas e enfermidades nauseantes. Em primeiro lugar estão os alquimistas, entre os quais Griffolino e Capocchio.

Meus olhos tanto inebriado haviam
A turba enorme e o seu cruel tormento,
3 Que alívio em pranto procurar queriam.
“Por que assim” — diz Virgílio — “estás atento?
Por que a vista dos tristes mutilados
6 Prende-te ainda o duro sofrimento?
“Tal não fizeste em antros já passados.
Estão, se os resenhar é tenção tua,
9 Por milhas vinte e duas derramados.
“Já sob os nossos pés evolve a lua;
É-nos escasso o tempo concedido:
12 O que ainda hás de ver detença exclua”.
“Talvez se houveras” — torno — “conseguido
Ver o motivo, por que eu tanto olhava,
15 Mais demora tivesses permitido”.
Já se partia; e eu logo caminhava,
Enquanto assim falava-lhe em resposta,
18 Acrescentando: “Lá, naquela cava,
“Onde a vista cuidadosa estava posta,
Da’stirpe minha um‘spírito carpia
21 Por culpa, a que mor pena está disposta”.
“Não te confranças mais” — responde o Guia —
“Nos males, que padece, cogitando.
24 De al cuida; estar nesse antro merecia.

“Ao pé da ponte o vi, que, te indicando,
O dedo alçava em cominante gesto:
27 Geri del Bello estavam-no chamando.
“Eras absorto no semblante mesto
Daquele que senhor foi de Altaforte:
30 Quando atentaste, se ausentara presto”.
“Ó Mestre” — eu disse — “a violenta morte
Que ainda não puniu justa vingança
33 De quem naquela afronta era consorte,
“Deu causa a usar, ao ver-me, essa esquivança
Talvez e ao seu silêncio: assim pensando
36 Maior piedade do seu mal me alcança”.
Ao rochedo chegamos praticando,
Donde outro val divisa-se: o seu fundo
39 Todo se vira, a luz não lhe faltando.
Subidos do final claustro profundo
De Malebolge à ponte, onde os conversos
42 Já distinguia do recinto imundo.
Lamentos e ais feriram-me diversos;
De mágoa tanta o peito assetearam,
45 Que os ouvidos tapei aos sons adversos.
Tão penetrante dor denunciaram,
Como se da Marena e da Sardenha
48 Enfermos no verão se incorporaram.
De outros à turba, que remédio venha
Nos hospitais buscar de Valdichiana.
51 Odor surdia, igual ao que já tenha
Corrupto corpo, e se gangrena o dana.
Baixando à sestra até a riva extrema
54 Mais claramente da caverna insana
Então vimos o fundo, onde a Suprema
Infalível Justiça, a raça impia
57 Dos falsários em pena infinda prema.
“De Egina quando o povo adoecia,
E o ar maligno aos animais a morte
60 Trazendo, os próprios vermes extinguiu,

Deserta sendo a terra de tal sorte
 Que às formigas (poetas o afirmavam)
 63 Deveu a antiga gente o alento forte:
 Cenas tais mais tristeza não causavam
 Do que almas ver, que essa prisão sombria
 66 Em rumas várias lânguidas juncavam.
 Qual sobre a espalda de outro se estendia,
 Qual sobre o ventre seu, qual se arrastando
 69 Na dolorosa estrada se estorcia.
 Silentes, passo a passo caminhando,
 Vemos, ouvimos míseros prostrados,
 72 Em vão para se erguerem se esforçando.
 Sentados dois, um no outro recostados,
 Quais torteiras que juntas se aquecessem,
 75 Vi do alto aos pés de pústulas manchados
 Os criados, que os amos seus apressem,
 Ou que estejam velando de mau grado.
 78 Almofaça não vi que assim movessem,
 Como cada um se agita acelerado,
 Com implacáveis unhas se mordendo,
 81 De raivoso prurido atormentado.
 Iam da pele as crostas abatendo,
 Como a faca do sargo arranca a escama
 84 Ou de peixe, na casca mais horrendo.
 “Ó tu” contra um dos dois Virgílio exclama,
 Que os dedos teus convertes em tenazes
 87 Por desmalhar do corpo a extrema trama,
 “Diz-me se entre estas almas contumazes
 Existe algum Latino; eternamente
 90 Sejam-te as unhas de servir capazes!”
 “Latinos somos” — torna diligente
 Um dos dois padecentes lacrimoso,
 93 “Mas tu quem és? Em declarar consente”.
 — “Eu sou quem” — diz Virgílio ao desditoso
 “Do circ’lo em circ’lo este homem vivo guia
 96 Por lhe mostrar o abismo pavoroso”.

Já cessa o múto arrimo, que os unia:
 A mim volveu-se cada qual tremendo;
 99 Turba imitou-os, que em redor ouvia.
 Acercou-se-me o Guia assim dizendo:
 “Quanto quiseses tu agora dize”.
 102 Eu logo comecei lhe obedecendo:
 “Nunca a memória vossa finalize
 Na primeira mansão da humana raça
 105 Mas por sóis numerosos se abalize!
 “Quem sois? E donde? De o dizer a graça
 Fazei: a vossa pena, imunda é certo,
 108 De responder-nos pejo vos não faça.
 “De Arezzo fui” disse um “de Siena Alberto
 Morte me deu nas chamas, truculento,
 111 Por feito a que não fora o inferno aberto.
 “Dissera, em gracejar só pondo o intento.
 “Alçar-me aos ares posso velozmente”.
 114 Essa arte, por ter curto o entendimento,
 “Houve ele de saber desejo ardente.
 Como o não fiz um Dédalo, à fogueira
 117 Mandou-me quem seu pai foi certamente.
 “Mas das cavas caí na derradeira
 Por sentença de Minos rigorosa:
 120 Foi meu crime a alquimia traiçoeira”.
 E ao Vate eu disse: “Nunca tão vaidosa
 Gente, pôde alguém ver como a de Siena?
 123 Nem a de França há sido tão sestrosa!”
 O segundo leproso então me acena
 Dizendo: “Salvo Stricca, homem poupado,
 126 Que todo o excesso em desprender condena!
 “Salvo Nicoló, aquele que inventado
 Do cravo tinha a rica especiaria,
 129 O seu uso deixando enraizado!
 “Salvo Caccia de Ascian e a companhia,
 Com quem vinhas e bosques esbanjava
 132 E o Abbagliato as chanças esgrimia!

“Para que saibas quem desta arte agrava
Contra os de Siena o teu severo asserto,
135 No meu triste semblante os olhos crava.
“De que ora vês Capocchio já estás certo,
Que alquimista, os metais falsificara,
Sabes como eu, se em recordar acerto,
139 Natura, hábil bugio, arremedara”.

27. *Geri del Bello*, primo do pai de Dante, morto a traição por um da família Sachetti. — 58. *Egina* etc. Segundo Ovídio, Egina, despovoada por pestilência, foi repovoada pelas formigas que se transformaram em homens. — 109. *De Arezzo* etc., Griffolino de Arezzo, alquimista, que foi mandado queimar por Alberto de Siena. — 125-32. *Salvo* etc., por ironia — *Strica*, *Nicoló Salimbene*, *Caccio de Asciano* e *Bartolomeu dei Folcacchieri*, alcunhado *o Abbagliato* foram todos de Siena e conhecidos como dissipadores de dinheiro. — 136. *Capocchio* de Siena, alquimista que foi queimado vivo.



CANTO XXX

No décimo compartimento são punidas outras espécies de falsários. Os falsificadores de moedas, tornados hidrópicos, são constantemente atormentados por furiosa sede; entre eles está mestre Adão de Bréscia, o qual narra que, à instigação dos condes Guidi, falsificou o florim de Florença. Os que falaram falsamente são perseguidos por febre-ardentíssima. O canto termina com uma altercação entre mestre Adão e o grego Simon. Virgílio repreende Dante, pois este para, escutando as injúrias que os dois trocam entre si.

Quando Juno, de Sêmele ciosa,
Contra o sangue tebano se inflamava,
3 Como o provou por vezes impiedosa,
Tanta insânia Atamante perturbava,
Que a esposa ao ver, ao colo seu trazendo
6 Os filhos dois, que a ele encaminhava,
Gritou: “Redes tendamos! Já ‘stou vendo
Leoa e leõzinhos de embosacada!”
9 Disse e, raivoso, os braços estendendo
De um, Learco, travava e de pancada
Rodou-o e o percutiu em penedia.
12 Ao mar lançou-se a mãe com outro abraçada.
Quando a fortuna a cinzas reduzia
A pujança de Troia, em tudo ativa,
15 E com seu reino o morto rei jazia,
Hécuba triste, mísera, cativa,
Depois de morta Polixena vira,
18 Do Polidoro seu em plaga esquiva,
Súbito quando o corpo descobrira
Uivou qual cão, de angústia possuída.
21 Tanto a pungente dor nalma a ferira!
Mas em Tebas ou Troia destruída
Homens ou feras nunca revelaram
24 Raiva, em tantos extremos desmedida,

Como almas duas lívidas, que entraram
 Nuas correndo, os dentes amostrando,
 27 Quais cerdos, que à pocilga se esquivaram.
 Uma alcançou Capocchio e, lhe cravando
 No colo as presas, rabida, arrastava
 30 Sobre o ventre na rocha o miserando.
 Mas o de Arezzo, que tremendo estava
 “É Gianni Schicchi” — disse — esse raivoso:
 33 De outros a pena o seu furor agrava!”
 “Possas livrar-te do outro esp’rito iroso!”
 Falei — “Se não te causa assim fadiga,
 36 Diz quem seja, antes de ir-se o furioso”.
 “Aquele é” — respondeu — “uma alma antiga;
 É Mirra infame, que paixão impia
 39 Instigou ser do pai a sua amiga.
 “Para o seu crime consumir fingia
 De outra pessoa as formas e o semblante
 42 Igual ardil usara Schicchi um dia:
 “Para em prêmio alcançar égua farfante,
 Contrafez Buoso morto e ao testamento
 45 Falso a norma legal deu, que é prestante”.
 Aos dois raivosos estivera atento
 Até que de ante os olhos se apartaram;
 48 De outros volvi-me ao cru padecimento.
 Num do alaúde as formas se notaram
 Se as pernas lhe tivessem cerceado
 51 Na parte, em que do tronco se separam.
 Da grave hidropisia molestado,
 Que tanto o humor vicia e tanto ofende,
 54 Que o rosto estreita e faz o ventre inchado,
 A boca ter cerrada em vão pretende,
 Qual hético de sede ressequido.
 57 A quem um lábio se alça e o outro pende.
 “Ó vós, que ao negro abismo haveis descido
 (Não sei por que razão) de pena isentos,
 60 Olhai” — disse — “prestando atento ouvido,

“De mestre Adam miséria e sofrimentos
 Tive abundância; agora, ai! desejando
 63 De água uma gota, passo mil tormentos,
 “Dos ribeiros, que ao Arno, murmurando
 Do Casentino lá na verde encosta
 66 Se vão, por moles álveos inclinando,
 “Na mente a imagem sempre tenho posta.
 Não em vão: mais me seca e me fustiga
 69 Que o mal, de que esta face é descomposta.
 “Quer Justiça, que austera me castiga,
 Que o teatro, onde hei crimes cometido,
 72 Mais me acendendo anelos, me persiga.
 “Lá demora Romena, onde hei fingido
 Em falso cunho a imagem do Batista;
 75 Assim meu corpo o fogo há consumido.
 “Se a sombra achasse aqui, se aqui já exista,
 De Guido ou de Alexandre ou seu germano!
 78 Fonte-Branda esquecera ante essa vista.
 “Mas um já veio, se induzir-me a engano
 Os raivosos, que girem, não quiseram.
 81 Que importa? Para andar em vão me afano.
 “Se os meus pés transportar-me inda puderam,
 De um sec’lo, espaço de uma linha,
 84 Já postos a caminho se moveram,
 “A fim de o ver na multidão mesquinha
 Do val, que milhas onze em torno amplia,
 87 Com largura, que de uma avizinha.
 “Star lhes devo em tão triste companhia:
 Florins cunhei, aos três obedecendo,
 90 Nos quais quilates três de liga havia”.
 “Quem são” — lhe disse — os dois que ora estou vendo?
 Quais no inverno mãos úmidas fumegam,
 93 À destra tua próximos jazendo”.
 “Já’stavam quando vim: eles se entregam,
 Dêz que descí, a quietação completa;
 96 E creio, assim a eternidade empregam.

“Uma acusou José, falsária abjeta,
 Outro é Sinon, de Troia o Grego tredo:
 99 Lançam por febre essa fumaça infecta”.
 Anojado um do par, que estava quedo,
 Por ver em vozes tais afronta e ofensa,
 102 À pança o punho lhe vibrou sem medo:
 Soou, qual de zabumba a pele tensa.
 O braço Mestre Adam lhe envia à face
 105 E assim lhe dá condi’na recompensa.
 “Inda que” — disse — os membros meus enlace
 Moléstia, que me tolhe o movimento,
 108 Presteza a destra tem com que rechace”.
 “Foste” — o outro tornava — mais que lento
 Quando forçado ao fogo caminhavas.
 111 Só presto eras no ofício fraudulento”.
 “É certo; mas verdade não falavas”
 O hidrópico diz — “quando exigiram
 114 Em Troia essa verdade, que ocultavas”.
 “Se os lábios meus perjúrio proferiram,
 Tu falsaste moeda: eu fiz um crime,
 117 Aos teus nunca em demônio iguais se viram”.
 “Do cavalo a façanha inda te oprime”
 — Responde o que a barriga tinha inchada —
 120 Sobre o teu nome infâmia o mundo imprime”.
 “Arda em sede tua língua já gretada!”
 Grita o Grego — “Hajas de água saniosa
 123 O ventre impando, a vista embaraçada!”
 “Escancaras a boca venenosa”
 O moedeiro diz — “por mal somente;
 126 Se sede eu tenho e a pança volumosa
 “Ardes tu e a cabeça tens fervente.
 Por lamberes o espelho de Narciso
 129 A um aceno correrias de repente”.
 Atento estava aos dois mais do preciso,
 Eis Virgílio me fala: — “Oh! toma tento!
 132 Quase que eu contra ti me encolerizo!”

Iroso assim falar neste momento
 O Mestre ouvindo, voltei-me corrido:
 135 Ainda sinto rubor em pensamento.
 Como quem sonha danos ter sofrido,
 Que em sonho espera que sonhando esteja
 138 E anela que o que é já não tenha sido,
 A mente, sem dizer, falar deseja,
 Desculpas aspirando à falta sua;
 141 ‘Stá desculpada e cuida que o não seja.
 “Menos rubor lavara a culpa tua”
 Disse o Mestre — “se houvera mor graveza:
 144 Fique-te a mente da tristeza nua.
 “E quando queira o acaso que à torpeza
 De iguais debates se ofereça ensejo,
 De que eu ‘steja ao teu lado faz certeza.
 148 Que é ter querendo ouvi-los, vil desejo”.

1-2. *Juno* etc., por ciúme de Sêmele, tebana, mãe de Baco, vingou-se de toda a sua estirpe, tornando louco a Atamante, rei de Tebas, o qual matou um dos filhos, e no entanto a mulher com outro filho se lançou ao mar. — 16. *Hécuba*, viúva de Príamo, ao ver mortos todos os seus filhos, pela dor foi transformada em cadela. — 32. *Gianni Schicchi*, florentino, de acordo com o filho do morto, fingiu-se de Buoso Donati muribundo, ditando o testamento. — 38. *Mirra*, filha de Cinira, rei de Chipre, apaixonou-se pelo pai. — 61. *Adam*, de Bréscia, falsificador de moedas. — 77. *Guido* etc., dos condes Guidi, induziu mestre Adam a falsificar o dinheiro de Florença. — 97. *Falsária abjeta* etc., mulher de Putifar, que acusou injustamente a José. — 98. *Sinon de Troia*, que com as suas mentiras induziu os troianos a introduzirem na cidade o cavalo de madeira.

CANTO XXXI

Dando as costas ao oitavo círculo, caminham os Poetas para o centro, onde se abre o poço pelo qual se desce ao nono. Em torno do poço estão os gigantes rebeldes, cujas figuras horrendas Dante descreve. Um deles, Anteu, a pedido de Virgílio, toma nos braços os dois Poetas e suavemente os depõe sobre a orla do último reduto infernal.

A língua, que me havia vulnerado
E a vergonha nas faces me acendera,
3 O bálsamo aplicava ao mal causado:
Assim de Aquiles e seu pai fizera,
Dizem, outrora a lança portentosa:
6 Sarava o corpo, que cruel rompera.
Damos costas à estância desditosa,
Sem proferir palavra atravessando
9 Sobre a borda, que em torno jaz fragosa.
Noite não sendo e dia não reinando,
Pouco distante eu divisar podia,
12 Eis som de trompa escuto, retumbando
Tão alto, que o trovão transcenderia,
Donde irrompera contra a parte andava
15 E sôfrego a um só ponto olhos prendia.
A de Orlando tão forte não soava
Na derrota fatal, que a santa empresa
18 De Carlos Magno o desbarato dava.
Já assim por diante: eis a grandeza
De muitas e altas torres me aparece.
21 “Qual é” — digo — “essa vasta fortaleza?”
“Pois de tão longe e em trevas te apetece
Julgar” — Virgílio diz — um erro agora

24 Imaginando estejas acontece.
“Verás ali chegado, sem demora,
Quanto a distância a vista nos engana:
27 O passo acelerar convém por ora”.
Da mão travou-me e em voz suave e lhana
O Mestre prosseguiu: “Antes que avante
30 Passes, dessa ilusão te desengana.
“O que torre imaginas é gigante.
Da cinta aos pés imergem-se no poço,
33 E alçam bustos em torno ao espaço hiante”.
Quando o sol gasta o nevoeiro grosso,
Pouco a pouco se mostra e é discernido
36 Quanto oculta o vapor ao olhar nosso:
Vendo assim por esse ar escurecido,
Da borda mais e mais me apropinquando,
39 Fugia o erro, o horror tinha crescido.
Como torres em roda se elevando,
Montereggion guarnecem de coroa:
42 Assim do poço a margem circundando,
Torreiam com metade da pessoa
Os horríveis gigantes, que ameaça
45 Do céu ainda Jove, quando troa.
Distingo a cara de um (e me transpassa
O medo), logo os braços, peito e parte
48 Do ventre, que da borda a altura passa.
Bem fez a natureza, quando essa arte
De tais monstros criar há descurado,
51 De iguais agentes desarmando Marte.
Se ainda a selva e mar têm povoado
Do elefante e baleia, sutilmente
54 Quem pensa justa e sábia a tem julgado.
Mal seria aos humanos permanente,
Se perspicaz engenho encaminhasse
57 Maligno instinto em robustez ingente.
Larga e comprida, pareceu-me a face,
Qual de S. Pedro, em Roma, a brônzea pinha:

60 A proporção nas outras partes dá-se.
O corpo, que da borda acima vinha,
Tanto ao ar elevava a grã figura,
63 Que três Frisões, por lhe atingir a linha
Da cerviz, não fariam tanta altura,
Porquanto eu esmava em trinta grande palmos
66 Do colo a pescoço a válida estatura.
Rafael mai amech zabi almos
A pavorosa boca assim bradava;
69 Não podia entoar mais doces salmos.
Disse-lhe o Mestre: “Ó alma bruta e brava!
Tange a trompa, se queres lenitivo
72 A paixão, que te acende ardente lava.
“A roda busca do pescoço altivo
O loro, a que se prende alma confusa!
75 Vê que te cruza o vasto peito esquivo”.
Depois a mim: “De quanto fez se acusa,
É Nemrod; por tomar estulta empresa
78 O mundo uma linguagem só não usa.
“Deixemo-lo: falar-lhe é vã despesa.
Como idioma de outros não compreende,
81 A quem o escuta o seu move estranheza”.
Vamos então caminho, que se estende
À sestra. Outro, de besta quase a tiro,
84 Está mais fero, o ar mais alto fende.
Que mão cativa o monstro, que admiro
Dizer não sei: o seu direito braço
87 Ao dorso preso vi, e ao peito diro
O outro, de grilhão no estreito laço,
Que com círculos cinco lhe cercava
90 Do enorme corpo o descoberto espaço.
“Esse réprobo” — diz Virgílio — “ousava
Medir forças com Jove soberano:
93 Eis o fruto do orgulho, que o danava!
“Era Efialto: executou seu plano,
Quando aos Deuses gigantes aterraram.

96 Jamais os braços mover pode o insano”.
 “Os meus olhos, ó Mestre, assaz folgaram,
 De Briaréu se vissem desmarcado
99 As formas” vozes minhas lhe tornaram.
 “Anteu verás”, — me diz — muito afamado:
 ‘Stá solto, fala e nos demora perto,
102 Há de ao fundo levar-nos de bom grado.
 “Remoto esse outro fica, e tem por certo
 Que em grilhões e estatura àquele iguala:
105 Mais fero em vulto, em mal é mais experto”.
 Jamais um terremoto a torre abala
 Em convulsões tão rápido, tão forte,
108 Como Efialto a mover-se. Eu já sem fala,
 Assombrado, cuidei ter perto a morte;
 E de pavor sem dúvida expirara,
111 Se ele preso não fosse, e de tal sorte.
 Presto ao lugar seguimos, onde para
 Anteu: fora a cabeça, em cinco braços
114 À borda sobreleva, o que separa.
 “Tu, que no val feliz, aonde as graças
 E as palmas de Cipião colheu da glória,
117 Quando Aníbal vexavam só desgraças,
 “Mil leões apresaste por memória;
 Que, aos irmãos se ajudaras na alta guerra,
120 Se crê triunfo registrasse a história
 “Dos fortes filhos da fecunda Terra!
 Ao fundo transportar-nos sê servido,
123 Onde ao Cocito o frio as águas cerra:
 “Te hemos a Tifo e a Tício preferido.
 Dar pode este verão o que mais se ama:
126 Curvando-te compraz ao seu pedido.
 “No mundo pode restaurar-te a fama,
 Pois vive e ainda longa vida espera,
129 Salvo se a Graça antes do tempo o chama”.
 Falara o Mestre. Anteu não considera:
 Toma-o logo nas mãos, que lesto of’rece

132 E a que sentira Alcide a força fera.
 Quando entre os dedos seus Virgílio vê-se,
 Diz-me: “Faze-te prestes, que eu te abraço!”
 135 Ao Mestre o meu querer pronto obedece.
 Quem Carisenda, em seu pendor olhasse,
 Cuidara, ao passar nuvem, que iminente
 138 Ruína ao lado oposto ameaçasse:
 Tal Anteu parecia de repente
 Do corpo ao menear; quando o inclinava,
 141 Estrada eu preferia diferente.
 Mas de leve no fundo nos pousava,
 De Judas e de Lúcifer assento.
 A postura deixando, que o dobrava,
 145 Qual mastro empertigou-se num momento.

4-6. *Assim* etc., a lança de Peleu e do seu filho Aquiles curava as feridas que produzia. — 16-18. *A de Orlando* etc., a trompa de Orlando, ferido em Roncisvalle foi ouvida a oito milhas de distância por Carlos Magno. — 41. *Montereggion*, castelo do val d’Elsa. — 63. *Frisões*, habitantes da Frísia, de elevada estatura. — 67. *Rafael*, etc., palavras cujo significado é ignorado. — 77. *Nemrod*, que edificou a torre de Babel, da qual adveio a confusão das línguas. — 94. *Efialto*, um dos gigantes que moveram guerra aos deuses. — 98. *Briaréu*, gigante com cem mãos. — 100. *Anteu*, gigante que lutou com Hércules. — 124. *Tifo e Tício*, outros gigantes. — 136. *Carisenda*, torre pendente de Bolonha.



CANTO XXXII

Os dois Poetas se encontram no círculo, em cujo pavimento de duríssimo gelo estão presos os traidores. O círculo é dividido em quatro partes; na Caína, de Caim, que matou o irmão, estão os traidores do próprio sangue; na Antenora, de Antenor, troiano que ajudou os gregos a conquistar Troia, os traidores da pátria e do próprio partido; na Ptolomeia, de Ptolomeu, que traiu Pompeu, os traidores dos amigos, na Judeca, de Judas, traidor de Jesus, os traidores dos benfeitores e dos seus senhores. Dante fala com vários danados, enquanto atravessam o gelo procedendo para o centro.

Se usasse rimas ásperas, rouquenhas,
Próprias do poço lôbrego e tristonho,
3 Que do inferno sustém as outras penhas,
Melhor ideia do lugar medonho
Dera; mas tal vantagem me falece.
6 O meu conceito, pois, tímido exponho.
E árdua empresa, em que o ânimo esmorece
O centro descrever do mundo inteiro:
9 Para empenho infantil ser não parece.
Das Musas se ajudar poder fagueiro,
Como a Anfião em Tebas o mostraram,
12 Fiel serei dizendo e verdadeiro.
Ó malfadada turba, a quem tocaram
Deste abismo os castigos, bruto gado
15 Sendo, fados melhores te aguardaram.
Descidos nós ao poço negregado
Das plantas muito abaixo do gigante,
18 O alto muro mirava-lhe espantado,
Quando ouvi: “Tem cuidado, ó caminhante!
Não calques de irmãos teus desventurados
21 As fronte”. Eu, voltando-me, adiante
E sob os pés, de um lago vi gelados
Os planos tanto, que os dizer podia,
24 Não de água, de cristal, porém, formados.

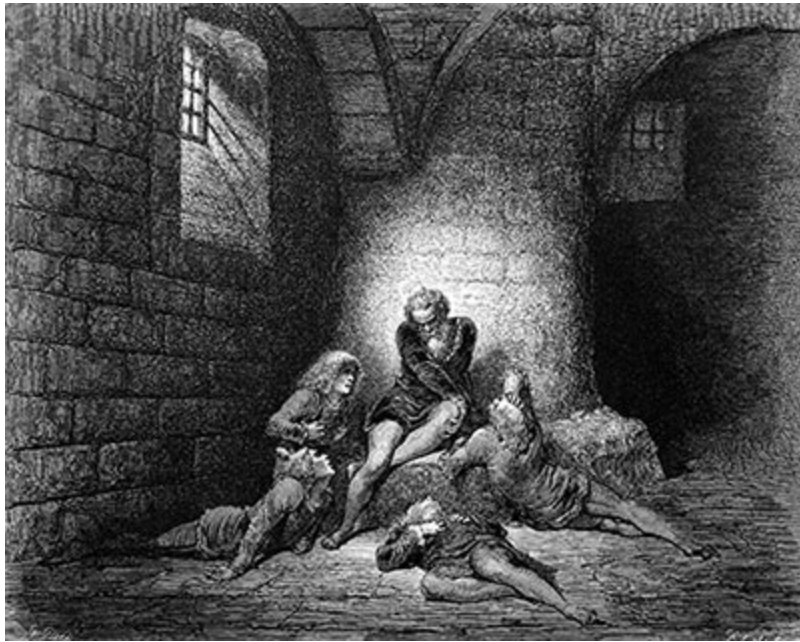
Do Danúbio a corrente não seria
Tanto em Áustria no inverno enrijecida,
27 Nem do Tanais, na zona sempre fria.
Do lago sobre a face empedernida
Caísse ou Tambernich ou Pietrana:
30 Não fora ao peso enorme combalida.
Qual rã, que no paul coaxando, ufana
Um pouco emerge; enquanto a camponesa
33 Sonhando está que a respigar se afana:
Tais gemiam as sombra na frieza
Té a cintura lívidas, batendo,
36 Como a cegonha, os queixos com presteza.
Para o seio a cabeça lhes pendendo,
Do frio a boca indícios claros dava,
39 Nos olhos a tristeza está-se vendo.
Quando atentei no quanto em roda estava,
Duas vi aos meus pés, em tal abraço,
42 Que, travado, o cabelo se enleava.
“Quem sois que os peitos nesse estreito laço
Apertais?” — perguntei. Então, voltando
45 Os colos para trás, um curto espaço
Me encararam; porém dos olhos quando
Lhes brotavam as lágrimas, a neve
48 Cerrou-os entre os cílios as coalhando.
Nunca dois lenhos tanto unidos teve
Cavilha: eles, de irados, se investiram,
51 Quais capros, que a marrar o furor leve.
Terceiro, a quem, geladas lhe caíram
As orelhas, com rosto baixo fala:
54 “Por que teus olhos sôfregos nos miram?
“O par desejas conhecer, que cala?
Próprio lhes fora e ao genitor Alberto
57 O vale, onde o Bisênio faz escala.
“De um só ventre nasceram; tu, por certo,
Não acharás mais di’nos em Caína,
60 De ter de gelo o vulto seu coberto,

“Nem esse, a quem de Artur destra assassina
De um bote o peito e a sombra transpassara;
63 Nem Focácia e o que a fronte agora inclina,
“A vista me tolhendo, e se chamara
Mascheroni Sassol, bem conhecido:
66 Se és Toceano, esse nome te bastara.
“Fique, por vozes escusar, sabido
Que Pazzi eu sou e que, em Carlin chegando,
69 Serei por menos criminoso havido”.
Mil outros via roxos tiritando:
Desde então de arrepios sou tomado
72 Ante gélidos vaus, este lembrando,
E o centro demandando, em que firmado
Do universo gravita todo o peso.
75 Trêmulo havia a treva eterna entrado,
Eis, sem querer, da sorte ou por desprezo,
Entre tantas cabeças caminhando,
78 A face de um calquei no gelo preso.
“Por que me pisas?” reclamou chorando,
“De Monte Aperti ao feito por vingança
81 Inda me estás desta arte molestando?
“Mestre, espera-me aqui” — disse — “Me lança
Em dúvida este mau: solvê-la quero.
84 Eu depois correrei, se houver tardança”.
Parou; e ao pecador falei, que fero,
Duras blasfêmias proferia agora:
87 “Quem és tu, que me increpas tão severo?”
“E tu mesmo quem és, que na Antenora”
Tornou — “dessa arte as faces me espezinhas?
90 Um vivo, certo, menos cru me fora”.
“Sou vivo e posso entre as memórias minhas
Do nome teu apregoar a fama”
93 Respondi — “se te aprazemlouvaminhas”.
“Só quer o olvido quem te fala” — exclama
“Vai-te! De sobra já me estás molesto.
96 Aqui não cabe da lisonja a trama”.

Travei da nuca ao pecador infesto
E disse: — “Ou perderás todo o cabelo,
99 Ou quem tu foste me declara presto!”
“Mil vezes podes arrancar-me o pelo,
De ver-me a face não terás o gosto
102 E de saber qual foi meu nome e apelo”.
As mãos lhe havia no cabelo posto;
Da guedelha uma parte arrepelara:
105 Ganindo ele abaixava sempre o rosto,
Quando outro brada: “Ó, Boca, isso não para?
Pois os queixos bater não te é bastante?
108 Já lates! Que demônio em ti dispara?
“Não mais, ímpio traidor” — no mesmo instante
Respondo — “exijo; o que de ti’estou vendo
111 Contarei por te ser mais infamante”.
“Vai! Se saíres deste abismo horrendo,
Quanto queiras refere, do apressado,
114 Que de língua assim foi, não te esquecendo.
“Ouro chora, que a França lhe há doado.
Eu vi — podes dizer — Boso Duera
117 De outros muitos no gelo acompanhado.
“Se perguntarem quem aqui mais era,
Olha e terás ao lado Beccaria,
120 A quem Florença degolar fizera.
“Gian del Soldanier, há pouco eu via
Além com Ganellon e Tribaldello.
123 Que abriu Faenza, enquanto se dormia”.
Deixamo-lo; mas súbito de gelo
Postos em fuma vi dois condenados:
126 Cabeça de uma a de outra era cabelo.
Como a pão se agarrando os esfaimados,
Por cima um no outro os dentes aferrava
129 Onde a cerviz e o crânio estão ligados.
Qual Tideu, que a dentadas lacerava
De Menalipo a fronte enraivecido,
132 Ele o cérebro e os ossos mastigava.

“Tu, que, de ódio tão sevo possuído,
Te encarniças feroce no inimigo,
135 “Dize — exclamo — por que foi produzido.
“Se eu souber que a justiça está contigo
E houver da culpa e réu conhecimento,
No mundo a compensar-te ora me obrigo,
139 Se não perder a língua o movimento”.

11. *Anfião* foi auxiliado pelas Musas na edificação dos muros de Tebas. —
27. *Tanais*, o rio Don, na Rússia. — 55-60. *O par* etc., filhos de Alberto degli
Alberti, os quais brigaram e se mataram reciprocamente. — 61. *Nem esse*
Mordrec, filho do rei Artur, morto pelo pai. — 63. *Focácia*, dei Cancellieri
matou alguns parentes do partido inimigo. — 65. *Mascheroni* Sassuol,
florentino, assassinou traiçoeiramente um seu primo. — 68. *Pazzi*, Comicion
dei Pazzi matou o seu primo Ubertino. — *Carlin*, Carlino dei Pazzi traiu os
seus companheiros, entregando várias fortalezas aos florentinos Negros. —
88. *Antenora*, onde são punidos os traidores da pátria, de Antenor, troiano,
que favoreceu os gregos que sitiavam Troia. — 106. *Boca*, Bocca degli
Abati, na batalha de Montaperti (1260) causou a derrota dos florentinos,
passando ao inimigo. — 116. *Boso Duera*, traiu o rei Manfredo, por ter
recebido dinheiro de Carlos d’Anjou. — 119. *Beccaria*, de Pavia, legado
pontifício na Toscana, foi decapitado pelos florentinos, na suposição de ter
favorecido os gibelinos. — 121. *Gian del Soldanier*, gibelino, que em 1266
chefiou uma rebelião em Florença. — 122. *Ganellon*, Gano de Mogunça,
traidor de Calos Magno. — *Tribaldello*, faentino, traiu a sua cidade natal
Faenza.



CANTO XXXIII

O conde Ugolino della Gherardesca conta a Dante a sua trágica morte na torre dos Gualandi. Na Ptolomeia o Poeta encontra o frade Alberico de Manfredi, o qual lhe explica que a alma dos traidores cai no Inferno logo depois de consumada a traição e que um diabo toma conta do corpo até chegar o tempo do seu fim no mundo.

- Do fero cevo os lábios desprendendo,
Na coma o pecador os enxugava
3 Desse crânio, a que estava atrás roendo.
“Queres de infanda mágoa” — começava —
Renove a dor, que, só pensando a mente,
6 Antes que falte, o coração me agrava.
“Mas se a voz minha deve ser semente,
Que ao traidor, que eu devoro a infâmia brote,
9 Falar, chorar, verás conjuntamente.
“Não sei quem sejas, não sei como note
Tua presença aqui, por Florentino
12 Te ouvindo a língua, é força que te adote.
“Saber deves que fui Conde Ugolino,
Que Arcebispo Rogério aquele há sido:
15 Direi qual nos juntou cruel destino.
“Contar não hei mister como iludido
Por minha confiança, em cárcer posto.
18 Fui morto por maldade deste infido.
“Não conheces, porém, que atroz desgosto
O meu fim precedera: atenção presta,
21 Quanto ofendido fui verás exposto.
“Por vezes da prisão por breve fresta,
Torre da fome — após o meu tormento,
24 Que há de a outros ainda ser funesta
“Brilhava a lua em pleno crescimento,
Quando o véu do futuro horrível sonho
27 Rasgou, do exício meu pressentimento.

“Este, como senhor, então suponho
Ao monte, que ver Lucca a Pisa obstava
30 Lobo e pequenos seus correr medonho.
“Magros cães, destros, feros açulava
Dos Galandis, Sismondís e Lanfrancos
33 A companha, que à frente cavalgava.
“Em breve o pai e os filhos, lassos, mancos,
Já dos famintos galgos malferidos,
36 Dar pareciam últimos arrancos.
“Desperto ao primo alvor; dos meus queridos
Filhos que eram comigo, choro soa:
39 Pedem pão, ‘stando ainda adormecidos.
“És cruel, se a tua alma não magoa
O prenúncio da dor, que me aguardava:
42 Se não choras, que pena há que te doa?
“Despertaram; e a hora já chegava
Em que alimento escasso nos traziam:
45 O sonho a cada qual nos aterrava.
“Da horrível torre à porta então se ouviam
Martelos cravejar: eu mudo e quedo
48 Nos filhos encarei, que esmoreciam.
“Não chorava; era o peito qual penedo.
Choravam eles, e Anselmuccio disse:
51 Assim nos olhas, pai? Do que hás tu medo?”
“Nem lágrimas, nem voz dei, que se ouvisse,
No dia e noite, que seguiu-se lenta,
54 Até que ao mundo novo sol surgisse.
“Quando a luz inda escassa se apresenta
No doloroso cárcer, meu semblante
57 Nos quatro rostos seus se representa.
“Mordi-me as mãos de angústia delirante.
Eles, cuidando ser a fome o efeito,
60 De súbito e com gesto suplicante,
Disseram: “Menos mal nos será feito
Nutrindo-te de nós, pai; nos vestiste
63 Desta carne: ora sirva em teu proveito”.

“Contendo-me, evitei lance mais triste.
Em silêncio dois dias se passaram...
66 Ah! por que, terra esquiva, não te abriste?
“Do quarto dia os lumes clarearam:
Gaddo caiu-me aos pés desfalecido:
69 “Pai me acode!” os seus lábios murmuraram.
“Morreu; e, qual me vês, eu vi, perdido
O sizo, os três, ao quinto e ao sexto dia,
72 Um por um se extinguir exinanido.
“Apalpando os busquei — cego os não via
Dois dias, os seus nomes repetindo:
75 Da fome mais que a dor, pôde a agonia”.
Calou-se e os torvos olhos retorquindo,
Como de antes cravou no crânio os dentes
78 E os ossos, qual mastim, foi destruindo.
Ah! Pisa, opróbrio aos povos residentes
Na bela terra, onde o *si* ressona!
81 Pois te não vêm punir vizinhas gentes.
Presto a Capraia mova-se e a Gorgona
Do Arno à foz, entupindo-lhe a saída
84 Teu povo assim pereça, que se entona.
E se foi a Ugolino atribuída
De entregar teus castelos à maldade,
87 Por que à prole em tal cruz tirar a vida?
Tebas moderna! Pela tenra idade
Ugoccione e Brigata insontes eram
90 E os irmãos, em que usaste a feridade.
Seguindo além, os olhos se of’receram
Outros, que em gelo têm duro tormento:
93 Destes os rostos para trás penderam.
Lhes causa o pranto ao pranto impedimento;
E a dor, que desafoço em vão procura,
96 Lhes cresce, recalcada, o sofrimento.
As lágrimas coalhando em neve dura
Formam nos olhos seus vítrea viseira,
99 E todo o espaço interior se obtura.

Conquanto quase a faculdade inteira
 De sentir no meu rosto se embotasse
 102 Dês que era nessa perenal geleira,
 Cuidei que um sopro me tocara a face.
 “Do que este sopro” — inquiri — “se origina?
 105 Se aqui não há vapor, donde ele nasce?”
 E o Mestre: “Irás onde a resposta di’na
 Os teus olhos darão; e ali chegando
 108 O que virem do sopro a causa ensina”.
 Dos tristes padecentes um gritando,
 Nos disse: “Almas cruéis, almas danadas
 111 (Pois que no extremo abismo estais penando)
 “Tirai-me aos olhos gélidas camadas,
 Por desafoço dar-me ao peito aflito,
 114 Antes de eu ter as lágrimas coalhadas”.
 “Se o lenitivo queres, que tens dito,
 Teu nome diz: se não me desobriço,
 117 Desça eu do gelo ao pélago maldito”.
 Respondeu logo: “Eu sou frei Alberigo,
 Pelos pomos famoso do mau horto:
 120 Aqui recebo tâmara por figo”.
 “Oh!” — disse — “porventura tu’stas morto?”
 “Não sei como é meu corpo lá no mundo”,
 123 Tornou “e se vivendo tem conforto.
 “Este condão possui sem ter segundo
 Ptolomeia: aqui’star alma é frequente
 126 Antes que a mande Atropos ao profundo.
 “E por que mais de grado e prontamente
 Estas vidradas lágrimas romovas,
 129 Sabe que apenas de traição a mente
 “Inquina-se, como eu, por funções novas
 Passa o corpo a demônio, que o governa
 132 Té completar da vida últimas provas:
 “Rui a alma, entanto, à lóbrega cisterna,
 Talvez na terra folgue o corpo ledó,
 135 Cujá sombra após mim trêmula inverte.

“Se és recém-vindo, sabe que esse tredo
 É Branca d’Ória: há prolongados anos
 138 Jaz enleado no infernal enredo”.
 “Este é” tornei “mais um dos teus enganos:
 Desfruta alegre Branca d’Ória a vida
 141 E come e bebe e dorme e veste panos”.
 “Dos Malebranche em cava denegrida,
 Não era” disse ainda “em pez viscoso
 144 Alma de Miguel Zanche submergida,
 “E um demônio esse infame criminoso
 Deixou no corpo; o mesmo um seu parente,
 147 Que de traição foi sócio proveitoso,
 “Das mãos auxílio presta ora clemente,
 Me abrindo os olhos!” Tal não fiz; que errara
 150 Com tal vilão me havendo cortesmente.
 Ah! Genoveses! raça impura e avara,
 Que nos costumes tem mancha tamanha!
 153 Quem da face da terra vos lançara!
 Junto ao pior esp’rito da Romanha
 De entre vós um traidor vi tanto imundo,
 Que a alma sua em Cocito já se banha,
 157 Enquanto o corpo vida finge ao mundo.

13. *Conde Ugolino*, della Gherardesca, de Pisa, foi acusado pelo arcebispo de Pisa, Ruggiero degli Ubaldini, de ter traído a sua cidade natal. Preso com dois filhos e dois netos numa torre, onde todos morreram de fome. — 29. *Monte*, San Giuliano, entre Pisa e Luca. — 32. *Galandis* etc., famílias pisanas. — 118. — *Frei Alberigo*, Manfredi, de Faenza, convidou dois parentes seus a comerem na sua casa e, no fim do jantar, ao pedir que trouxessem a fruta, os criados penetraram na sala e mataram os hóspedes. — 137. *Branca d’Ória*, genovês, convidou o sogro Miguel Zanche a comer em sua casa e matou-o para usurpar o castelo de Logodoro.

CANTO XXXIV

Na Judeca estão os traidores dos seus senhores e benfeitores. No meio está Lúcifer, que com três bocas dilacera três entre os mais horrendos pecadores: de um lado Judas, do outro Bruto e Cássio, que mataram a Júlio César. Virgílio, ao qual Dante se agarra, desce pelas costas peludas de Lúcifer até o centro da terra. Daí seguindo o murmúrio de um regato, saem e avistam as estrelas no outro hemisfério.

“*Vexilla regis prodeunt inferni*
Contra nós; pra diante os olhos tende
3 Disse o Mestre, se a vista já discerne”.
Como quando no ar névoa se estende,
Ou ao nosso hemisfério a noite desce,
6 Um moinho distante a atenção prende.
Um edifício igual verme parece.
Tanto era o vento, que eu busquei guarida
9 Atrás do Mestre, que outra não se of’rece.
À parte era chegado, onde imergida
Cada alma em gelo está (tremo escrevendo),
12 Bem como aresta no cristal contida.
Erguidas umas ‘stão, outras jazendo
Qual sobre a fronte ou sobre os pés firmada
15 Qual com seus pés o rosto arco fazendo.
Quando distância tal foi superada,
Que aprouve ao Mestre me tornar patente
18 A criatura bela ao ser formada,
Se afastando de mim, disse: “Detém-te!
Eis Satanás! Eis o lugar horrendo
21 Em que deves te armar de esforço ingente!
Quanto assombrei-me aquele aspecto vendo

Não inquiras leitor: não te expressara
24 Com verbo humano o que encarei tremendo.
Não morto, porém vivo não ficara.
Qual me achava te pinte a fantasia,
27 Se morte ou vida em mim se não depara!
Do aflito reino o imperador eu via:
Do gelo acima o seio levantava.
30 A um gigante igualar eu poderia,
Se um gigante a um seu braço eu comparava!
Do todo vede a proporção qual fora,
33 Quando tão vasta a parte se ostentava!
Quem foi tão belo, quanto é feio agora,
Contra o seu criador a fronte alçando
36 Vera causa é do mal, que o mundo chora.
Qual meu espanto há sido em contemplando
Três faces na estranhíssima figura!
39 Rubra cor na da frente está mostrando;
Das outras cada qual, da pádua escura
Surdindo, às mais ajunta-se e se ajeita
42 Sobre o crânio da infanda criatura.
Entre amarela e branca era a direita;
A cor a esquerda tem que enluta a gente
45 Do Nilo às margens a viver afeita.
Via asas duas sob cada frente,
Tão vastas, quanto em ave tal convinham:
48 Velas iguais não abre nau potente.
Plumas, como em morcego, elas não tinham;
De contínuo agitadas produziam
51 Os três gélidos ventos, que mantinham
Os frios, que o Cocito enrijeciam.
Chorava por seis olhos, por três mentos
54 Pranto e sanguínea espuma se espargiam.
Qual moinho, com dentes truculentos
Cada boca um prexito lacerava:
57 Padecem três a um tempo assim tormentos.
Mas ao da frente a pena se agravava,

Porque das garras o furor constante
60 Do dorso a pele ao pecador rasgava.
“O que esperneia em dor mais cruciante”
O Mestre disse: “É Juda Iscariote:
63 Prende a cabeça a boca devorante.
“Dos dois, que estão pendendo, coube em dote
A negra face Bruto: sem gemido
66 Se estorce da dentuça a cada bote.
“O outro é Cássio, de membros bem fornido.
Mas a partir a noite insta, assomando:
69 Aqui já tudo havemos conhecido”.
Do Mestre o colo enlaço por seu mando.
Ele em lugar e tempo apropriado,
72 De Lúcifer as asas se alargando,
Ao peito hirsuto havia-se agarrado;
Depois de velo em velo descendia
75 Entre os ilhais e o lago congelado.
Chegado àquela parte, em que se unia
Da coxa o extremo dos quadris à altura,
78 Com grande ofego e mor abalo o Guia
Pôr a fronte onde os pés firmou procura,
Como quem sobe às crinas agarrado:
81 Assim tornar cuidei do inferno à agrura.
“Segura-te! Por tais degraus alado”
Lasso Virgílio já disse anelante,
84 “Deste império do mal serás tirado”.
De uma rocha então sai por fresta hiante;
Sobre a borda me assenta cauteloso;
87 Depois a mim se acerca vigilante.
Olhos alcei julgando curioso
Ver Lúcifer, qual de antes o deixara;
90 De pernas para o ar vi-o em seu pouso!
Do que enleio a minha alma se tomara,
Deixo ao vulgo pensar pouco instruído,
93 Que o ponto não compreende, em que eu passara.
“Eia! Vamos!” o Mestre diz querido,

“Longa jornada e mau caminho temos;
96 E a meia terça o sol já tem corrido”.
De paço em salas nós de andar não temos;
Mas de antro natural em solo duro
99 Os passos nossos dirigir devemos.
“Antes que eu deixe em todo o abismo escuro
Erro, em que estou, meu Mestre, desvanece”
102 Disse erguendo-me um pouco mais seguro.
“Onde o gelo? Por que nos aparece
Assim Lúcifer posto? E já tão presto,
105 Cessando a noite, o sol nos esclarece?”
“Tu cuidas ser, do que ouço é manifesto
Lá no centro, onde ao pelo me prendera
108 Do que atravessa o mundo, verme infesto.
“Ali ‘stiveste, enquanto descendera
Ao voltar-me do ponto além tens sido,
111 Que o peso atraí na terreal esfera.
“Foste àquele hemisfério transferido,
Que se opõe ao que a terra está lançado,
114 Em cujo excelso cume há padecido;
“Quem nasceu, quem viveu sem ter pecado
Sobre uma esfera estreita os pés agora,
117 Da Judeca ao reverso, tens firmado.
“É noite lá; nós temos luz nesta hora;
E o que nos velos seus nos deu a escada
120 Na postura se firma, em que antes fora.
“Caiu aqui da altura sublimada,
E a terra, que se alçava intumesciente,
123 Do mar fez véu e veio de enfiada
“Para o nosso hemisfério de repente.
Também fugiu de medo, a que se avista:
126 Vácuo deixando aqui, fez monte ingente”.
Lá no profundo há um lugar, que dista
Tanto de Belzebu, quanto se estende
129 Seu sepulcro: ali não penetra a vista.
Revela-o som de arroio, que descende

Por brecha do rochedo, que escavara,
132 Em torno serpeando, e pouco pende.
Para voltar do mundo à face clara
Nessa vereda escusa penetramos:
135 De nós nenhum de repousar cuidara.
Virgílio e eu, logo após, nos elevamos,
Té que do ledó céu as cousas belas
Por circular aberta divisamos:
139 Saindo a ver tornamos as estrelas.

1. *Vexilla* etc. Aparecem os vexilos do rei do Inferno. É o primeiro verso de um hino da Igreja. — 38. *Três faces* etc., Lúcifer tem três faces em contraposição à Trindade divina. — 62. *Juda Iscariote*, que traiu Jesus. — 65-67. *Bruto e Cássio*, que mataram Júlio César. — 80. *Como quem sobe* etc. Passado o centro da terra, Virgílio para encaminhar-se ao hemisfério oposto deve subir e não mais descer. — 113-15. *Que se opõe* etc., ao hemisfério que cobre a terra em cujo cume (Jerusalém) foi crucificado Jesus Cristo. — 130. *Arroio*, o rio Lete que desce do Purgatório. — 137. *As cousas belas*, as estrelas que Dante percebia da pequena abertura a que chegaram.

Purgatório

A divina comédia

12ª edição

Dante Alighieri vol. 2 Purgatório

ilustrações
Gustave Doré

tradução
Xavier Pinheiro



Purgatório

CANTO I

Saindo do Inferno Dante respira novamente o ar puro e vê fulgentíssimas estrelas. Encontra-se na ilha do Purgatório. O guardião da ilha, Catão Uticense, pergunta aos dois Poetas qual é o motivo da sua jornada. Ele os instrui, depois, relativamente ao que devem fazer, antes de iniciar a subida do monte.

Do engenho meu a barca as velas solta
Para correr agora em mar jucundo,
3 E ao despiadoso pego a popa volta.
Aquele reino cantarei segundo,
Onde pela alma a dita é merecida
6 De ir ao céu livre do pecado imundo.
Ressurja ora a poesia amortecida,
Ó Santas Musas, a quem sou votado;
9 Unir ao canto meu seja servida
Calíope o som alto e sublimado,
Que às Pegas esperar não permitira
12 Lhes fosse o atrevimento perdoado.
Suave cor de oriental safira,
Que se esparzia no sereno aspeito
15 Do ar até onde o céu primeiro gira,
Recreia a vista; e eu ledó me deleito
Em surdindo da estância tenebrosa,
18 Que tanto os olhos contristara e o peito.
A bela estrela, a amor auspiciosa
Sorrir alegre faz todo o Oriente,
21 Vela os Peixes, que a seguem, luminosa.
Ao outro polo endereçando a mente,
Volto-me à destra, e os astros quatro vejo,

24 Que vira só a primitiva gente.
Folgar o céu parece ao seu lampejo.
Do Norte, ó região, viúva hás sido,
27 De os contemplar te não foi dado ensejo.
Depois de os remirar, já dirigido
Olhos havia para o polo oposto,
30 Donde a Carroça havia se partido,
Eis noto um velho, perto de mim posto,
Que reverência tanta merecia,
33 Que mais do pai não deve o filho ao rosto.
Nas longas barbas nívea cor saía,
Sendo na coma sua semelhante,
36 Que em dupla trança ao peito lhe caía.
A luz dos santos astros rutilante
De fulgor tanto lhe aclarava o gesto,
39 Que o vi, como se o sol lhe fosse adiante.
— “Quem sois que em contra o rio escuro e mesto
Do eterno cárcere heis fugido os laços?” —
42 Movendo as nobres plumas, disse presto.
“Quem vos guiou alumando os passos
Para a profunda noite haver deixado,
45 Que enluta sempre os infernais espaços?
“As leis do abismo acaso se hão quebrado?
O céu dá, seus decretos revogando,
48 Que dos maus seja o meu domínio entrado?” —
Travou de mim Virgílio, me exortando
Por voz, aceno e mãos: como queria
51 Os joelhos curvei, olhos baixando.
— “De moto meu não vim” — lhe respondia —
De Dama aos rogos, que do céu descera
54 Socorro este homem, sirvo-lhe de guia.
Pois que é desejo teu que a nossa vera
Condição definida mais te seja,
57 Prestar me cumpro explicação sincera.
“Aura da vida este home’inda bafeja,
Mas tanto, de imprudente, se arriscara,

60 Que é maravilha vivo ainda esteja.
“Disse como a salvá-lo me apressara:
 Por onde os passos dirigir pudesse
63 Essa vereda só se deparara.
“Mostrei-lhe a gente, que por má padece,
 Mostrar-lhe intento os que ora estão purgando
66 Pecados no lugar, que te obedece.
“Longo seria como o vou guiando
 Dizer-te: é força do alto a que me impele,
69 Para te ver e ouvir o encaminhando,
“Digna-te, pois, beni’no ser com ele:
 A liberdade anela, que é tão cara:
72 Sabe-o bem quem por ela a vida expele.
“Por ela a morte não te há sido amara
 Em Útica, onde a veste foi deixada,
75 Que em Juízo há de ser de luz tão clara.
“Por nós eterna lei não é violada:
 Ele inda vive; Minos não me empece;
78 No círc’lo estou, onde acha-se encerrada
“Tua Márcia, que em casto olhar parece
 Rogar-te ainda que por tua a tenhas:
81 Lembrando-a em favor nosso te enternece.
“Ir deixa aos reinos teus, não nos retenhas;
 Hei de a Márcia dizê-lo agradecido,
84 Se lá de ti falar-se não desdenhas”. —
— “Márcia, a meus olhos tão jucunda há sido
 Que — tornou-lhe Catão — eu de bom grado
87 No mundo quanto quis lhe hei concedido.
“Estando além do rio detestado,
 Mover-me ora não pode: este preceito
90 Me foi, deixando o Limbo, decretado.
“Se por dama celeste hás sido eleito,
 Como disseste, é vã lisonja agora;
93 O que requeres em seu nome aceito.
“Vai, pois: cingindo este homem sem demora
 De liso junco, lava-lhe o semblante;

96 Toda a impureza seja posta fora.
“Cumpre que, quando ele estiver perante
O anjo, que do céu vier, primeiro,
99 Névoa nenhuma os olhos lhe quebrante.
“Lá onde baixa o ponto derradeiro
Do mar batido, esta ilha tem viçoso
102 Juncal que alastra todo o seu nateiro.
“Não pode vegetal rijo ou frondoso
Ter vida ali; porque não dobraria
105 Ao embate das ondas caprichoso.
“Aqui tornar inútil vos seria.
Vereis ao sol, que surge, o melhor passo
108 Para subir do monte à penedia”. —
Sumiu-se. Ergui-me, então, sem mais espaço,
E em silêncio; olhos fitos no semblante
111 De Virgílio, amparei-me com seu braço.
— “Comigo, ó filho” — diz-me — “segue avante.
Atrás voltemos; pois daqui se inclina
114 O plano para o mar, que jaz distante”. —
Fugia ante a alva a sombra matutina;
Já nos ficava aos olhos descoberta,
117 Posto remota, a oscilação marina.
Pela planície andávamos deserta,
Como quem trilha a estrada, que perdera,
120 E teme não achar vereda certa.
Chegando à parte, onde não pudera
Do rocio triunfar o sol nascente,
123 Porque à sombra o frescor pouco modera,
Sobre a relva meu Mestre brandamente
As mãos ambas abriu: o movimento
126 Lhe noto e, o compreendo, diligente.
As lacrimosas faces lhe apresento.
Virgílio as cores restaurou-me ao gesto,
129 Que desbotara o inferno nevoento.
Vimos à erma praia a passo lesto:
Nunca sobre águas suas navegara

132 Homem que o mundo torne a ver molesto.
Cindigo fui, como Catão mandara.
Portento! A humilde planta renascida,
Qual antes vi no solo, onde a arrancara,
136 Sem diferença, de súbito crescida.

10. *Calíope*, musa da epopeia. — 11. *Pegas*, as filhas de Piérides, desafiaram as Musas para cantar com elas e, vencidas, foram transformadas em pegas. — 19. *A bela estrela*, Vênus. — 21. *Os Peixes*, a constelação dos Peixes. — 31. *Um velho* etc., Catão Uticense, que, para não se entregar a Júlio César, suicidou-se em Útica. — 40. *Rio escuro e mesto*, o Aqueronte. — 79. *Márcia*, esposa de Catão.



CANTO II

Estão os Poetas ainda na praia, incertos em relação ao câmbio, quando chega uma barca, guiada por um Anjo, da qual saem almas destinadas ao Purgatório. Uma delas, o músico Casella, amigo de Dante, a convite do Poeta, começa a cantar uma sua canção. Os dois Poetas e as almas ficam a ouvir o canto harmonioso. Sobrevém, porém, o severo Catão, que as repreende, e as almas fogem para o monte.

Resplendecia o sol já no horizonte
Que tem meridiano, onde iminente
3 O zênite fica de Solima ao monte.
Na parte oposta a noite diligente
Do Ganges co'as Balanças se elevava,
6 Que lhe caem da mão, quando é excedente.
Já nesse tempo a idade transformava
A branca e rósea cor da bela Aurora
9 Noutra, que a de áureos pomos simulava.
Do mar ao longo inda éramos nessa hora,
Como quem, na jornada embevecido,
12 Se apressa em mente, os pés, porém, demora:
Eis, qual sobre manhã, enrubescido,
Das névoas através, Marte chameja
15 No ponente das ondas refletido,
Uma luz (praza a Deus de novo a veja!)
Tão veloz pelo mar vi deslizando,
18 Que não há voo de ave, que igual seja.
Maior mostrou-se e mais fulgente, quando,
Depois de ter-me ao Guia meu voltado,
21 De novo olhei o seu brilho contemplando.
Nívea forma também, a cada lado,
Lhe divisei; abaixo aparecia
24 De igual cor outro vulto assinalado.
Té asas discernir permanecia
O sábio Mestre meu silencioso.

27 Mas então, como o nauta conhecia,
 Bradou: “Curva os joelhos respeitoso,
 Junta as mãos: eis de Deus um mensageiro!
 30 De ora avante hás de ver outros ditoso.
 “Vê que, aos humanos meios sobranceiro,
 Para vir de tão longe velas, remos
 33 Possui das asas no volver ligeiro.
 “Como ele as alça para o céu já vemos,
 Eternas plumas suas agitando;
 36 Não mudam como dos mortais sabemos”. —
 Em tanto, mais e mais se apropinquando,
 Mais clara sobressai a ave divina:
 39 Olhos abaixo à luz me deslumbrando.
 O anjo logo à riba a nave inclina,
 Tão rápida, tão leve, que parece
 42 Voar somente na amplidão marina.
 Na popa erguido o nauta resplendece:
 Feliz quanto é lhe está na fronte escrito;
 45 Das almas turba ao mando lhe obedece.
In exitu Israel de Egypto
 A uma voz cantavam juntamente
 48 E o mais, que foi no santo salmo dito.
 Sinal da Cruz lhes fez devotamente:
 Todos então à riba se lançaram
 51 E tornou, como veio, incontinenti.
 Em volta remirando, os que ficaram
 Pareciam de espanto apoderados,
 54 Como quem a estranheza se acercaram.
 O sol frechava os lumes seus dourados,
 Lá do meio do céu tendo expelido
 57 O Capricórnio a tiros reiterados,
 Quando as almas, que haviam descendido,
 Perguntam-nos: — “Sabeis, para indicar-nos,
 60 Por onde o monte pode ser subido?”
 Tornou Virgílio: — “Vos apraz julgar-nos
 Do lugar sabedores; mas viandantes,

63 Como sois vós, deveis considerar-nos.
Chegáramos aqui, de vós, pouco antes,
 Por estrada tão árdua e temerosa,
66 Que esta subida a par, jogo é de infantes”. —
Notando aquela turba, curiosa,
 Que eu, pelo respirar, era homem vivo,
69 Enfiou ante a vista portentosa.
E como, a quem da paz ramo expressivo
 Presenta, o povo acerca-se cuidadoso
72 Em tropel de notícias por motivo:
O bando assim das almas venturoso
 Em meu rosto atentava alvoroçado,
75 Quase esquecido de ir a ser formoso.
Uma, tendo-se às mais adiantado
 A me abraçar correu com tanto afeito,
78 Que fui de impulso igual arrebatado.
Sombras vãs, verdadeiras só no aspeito!
 Três vezes quis nos braços estreitá-la,
81 Só as três vezes estreitei ao peito.
Ante o espanto, que o gesto me assinala,
 Sorriu-se; e, como já se retirasse,
84 Avançando, eu tentei acompanhá-la.
Suavemente disse que eu parasse,
 Pedi-lhe, com certeza a conhecendo,
87 Que um pouco a praticar se demorasse:
— “Como te amei — me respondeu — “vivendo
 No mortal corpo, assim eu te amo agora.
90 Por que vais? Dize: ao teu desejo atendo”. —
“Caro Casella” — disse-lhe — “hei de embora
 Tornar, ao fim desta jornada, à vida.
93 Por que de vir hás delongado a hora?” —
“Se a passagem negou-me requerida
 Anjo, que as almas, quando apraz-lhe, guia,
96 Ofensa não me fez imerecida;
“Pois a justo querer obedecia.
 Na barca em paz, três meses há somente,

99 A todos dá a entrada apetecida.
 “Eu, que na plaga então era presente,
 Onde no mar o Tibre as águas deita
 102 Por ele aceito fui benignamente,
 “A essa foz seus voos endireita;
 Pois sempre ali a grei ‘stá reunida,
 105 Às penas do Aqueronte não sujeita”. —
 — “Se não é por lei nova proibida
 Memória e usança do amoroso canto,
 108 Que as mágoas todas me adoçou da vida,
 “Praza-te amigo, confortar um tanto
 Minha alma, que molesta, que amofina
 111 ‘Star envolta no corpóreo manto”. —
 — “*Amor que em minha mente raciocina*” —
 Entoou ele então com tal doçura,
 114 Que o som donoso inda alma me domina.
 Ao Mestre, a mim, a todos a brandura
 Do saudoso cantar tanto elevava,
 117 Que de al a mente nossa então não cura.
 Na toada, absorvida, se engolfava,
 Eis de repente o velho venerando:
 120 — “Que fazeis, descuidosos?” — nos bradava.
 “Pois estais na indolência assim ficando?
 Ide ao monte, a despir essa impureza,
 123 Que a vista vos está de Deus vedando!” —
 Quais pombos, que dos agros na largueza,
 Em desejado páscigo embebidos,
 126 Como olvidada a natural braveza,
 Súbito arrancaram, de temor pungidos,
 Se algum mal iminente lhes parece,
 129 De cuidados maiores possuídos:
 Tal a recente grei o canto esquece,
 E, como homem, que vai sem ter roteiro,
 Corre à costa, que aos olhos se oferece:
 133 Não foi nosso partir menos ligeiro.

1-3. *Resplendecia* etc., colocando o Purgatório num hemisfério antípoda àquele da terra, o Poeta nota que onde ele estava o sol despontava e, na mesma hora, em Jerusalém (Solima), descia a noite. — 46. *In exitu* etc., primeiro verso do Salmo 114. — 91. *Casella*, músico florentino amigo de Dante e que havia musicado algumas canções dele. — 119. *O velho*, Catão.

CANTO III

Os dois Poetas se aprestam a subir o monte. Enquanto estão procurando o lugar onde a subida seja mais fácil, veem um grupo de almas que lhes vêm ao encontro. Perguntam a elas onde seja a subida. Uma das almas se dá a conhecer a Dante. É Manfredo, rei de Nápoles e da Sicília. Ele narra como morreu, pedindo a Deus, na hora extrema. Estão juntos com ele as almas dos que foram inimigos da Santa Igreja.

Enquanto aquela fuga repentina
Pela planície as sombras impelia
3 Ao monte, que a razão a amar ensina,
Ao sócio meu fiel eu me cingia:
Como sem ele houvera prosseguido?
6 Quem para alçar-me esforço me daria?
De remorsos parece possuído.
Ó consciência pura e sublimada,
9 Leve falta pesar te dá subido!
Quando atalhava a pressa, que é vedada
A quem dos atos no decoro atente,
12 Eu, que sentira a mente angustiada,
Tornando ao meu intento afoitamente
Os olhos à eminência levantava,
15 Que para o céu mais alto eleva a frente.
Nas espaldas o sol nos dardejava
Rubra luz, que o meu corpo interrompia,
18 Pois aos seus raios óbice formava.
Escuro ante mim só aparecia
O solo: eu, de abandono receoso,
21 Voltei-me ao lado onde era o sábio Guia.
Virgílio então me encara. — “Suspeitoso

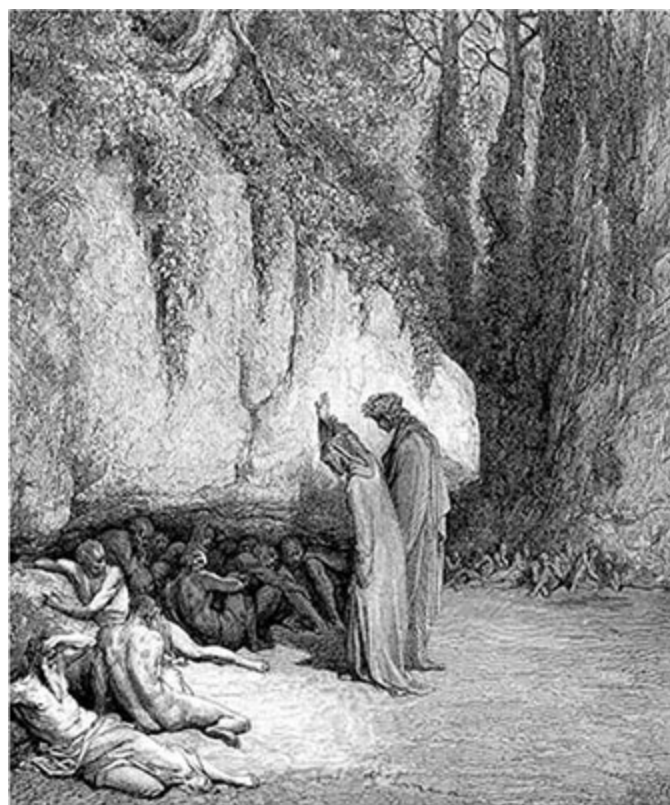
Te mostras?” — diz — “Cuidavas, porventura,
24 Que eu não mais te acompanhe cuidadoso?
“Surge Vésper lá onde a sepultura
Guarda o corpo em que sombra já fizera
27 Tomando-o a Brindes, Nápoles o assegura.
“Se ante mim não a vês, não te devera
Dar pasmo como lá no firmamento
30 Se a luz a luz não tolhe e não movera.
“Para calma sentir, frio ou tormento
Dispôs-nos corpo a suma Potestade.
33 Como o fez? Não nos deu conhecimento.
“Fátuo é quem julga à humana faculdade
Franco o infindo caminho e sempiterno,
36 Por onde segue o Ente Uno em Trindade.
“Homem, vos baste o guia: se ao superno
Saber alevantar-vos fosse dado,
39 Da Virgem ao seio não baixara o Eterno.
“Já viste porfiar sem resultado
Os que, cevar podendo seu desejo,
42 Em perpétua aflição o têm tornado.
“De Aristóteles falo neste ensejo,
De Platão, de outros mais”. — Baixando a fronte,
45 Calou; mostrava torvação e pejo.
Chegamos nós em tanto ao pé do monte
Onde era a rocha de tal modo erguida,
48 Que de subir capaz ninguém se conte.
A vereda mais erma e desabrida,
Que de Léria a Túrbia se encaminha,
51 Dá, confrontada, cômoda subida.
E o Mestre, assim falando, os pés detinha:
“Quem sabe onde a este monte o passo ascende?
54 Como aqui sem ter asas se caminha?”
Enquanto, baixo o rosto, o Mestre entende
Na jornada, em sua mente interrogando,
57 E pela altura a vista se me estende,
Divisei turba a nós endireitando

Da mão destra; o seu passo era tão lento,
60 Que não me parecia estar andando.
— “Aos que vêm” — disse ao Mestre — “mira atento;
Por eles pode ser conselho dado,
63 Se o não te of’rece o próprio pensamento...” —
Olhou-me, e com semblante asserenado
— “À turba vagarosa” — tornou — “vamos,
66 E a esperança te esforce, ó filho amado!” —
Passos mil para a grei nos caminhamos
E de tiro de pedra inda à distância,
69 Por mão destra arrojada, nos chamamos
Quando aqueles espíritos estância
Junto aos penhascos vi fazer, cerrados,
72 Qual transviado da incerteza em ânsia.
“Vós, eleitos ao bem, no bem finados” —
Disse Virgílio — “pela paz ditosa,
75 Em que sois todos, creio, esperançados,
“Dizei-me onde a montanha alta e fragosa
Subir permite, um pouco se inclinando:
78 Do tempo a perda ao sábio é desgostosa”. —
Como as ovelhas o redil deixando
A uma, duas, três e a cerviz tendo
81 Baixa as outras vão tímidas ficando;
Todas como a primeira, se movendo,
Conchegam-se-lhe ao dorso, se ela para,
84 O porquê, simples, quietas não sabendo:
Assim a demandar-nos se apressara
A venturosa grei, que no meneio
87 Traz a moléstia e o pudor na cara.
Tomada foi, porém, de tanto enleio,
Por minha sombra em vendo a luz cortada
90 A destra, em direção da rocha ao seio,
Que a vanguarda parou, como torvada:
Pelos mais sem detença foi seguida,
93 Mas sem lhes ‘star a causa revelada.
— “A explicação previno apetecida:

Que um vivo corpo vedes vos confesso
 96 E a luz do sol por este interrompida.
 “Não haja em vós de maravilha excesso;
 Do céu pela virtude socorrido,
 99 Da montanha atingir quer o cabeça”. —
 Disse Virgílio. — E foi-lhe respondido:
 — “Voltai-vos; caminhai de nós diante”. —
 102 E o lugar indicavam referido.
 — “Sem que um momento deixes ir avante,
 Quem quer que sejas, olha-me e declara”, —
 105 Disse um deles, — “se hás visto o meu semblante”. —
 Volvi-me, olhos fitando em quem falara.
 Formoso e louro, tinha heroico aspeito;
 108 Um golpe o seu sobrolho separara.
 Tornei-lhe — “não” — tomado de respeito.
 — “Olha!” — falou a sombra me indicando
 111 Larga ferida no alto do seu peito.
 “Vês Manfredo — sorriu-se me falando —
 Que neto foi da Imperatriz Constança.
 114 A minha bela filha diz, voltando,
 (Mãe daqueles por quem tanta honra alcança
 Aragão com Sicília) o que hás sabido,
 117 Qual a verdade seja lhe afiança.
 “Depois que foi o corpo meu ferido
 De golpes dois mortais, a Deus piedoso
 120 Alma entreguei, chorando arrependido.
 “Fui de horrendos pecados criminoso,
 Mas a Bondade Infinda acolhe e abraça
 123 Quem perdão lhe suplica pesaroso.
 “Se o Bispo que enviou Clemente à caça
 Do meu cadáver, respeitado houvesse
 126 Esse preceito da Divina Graça,
 “Do corpo meu os ossos me parece,
 Que em frente à ponte, ao pé de Benevento,
 129 Em guarda o grave acervo inda tivesse.
 “Agora os banha a chuva e açoita o vento,

Do reino meu distantes, junto ao Verde,
 132 Onde os lançou sem luz, sem saimento.
 “Mas anátema tanto alma não perde
 Que, quando verde a esp’rança lhe floresce,
 135 Do eterno amor do Criador deserde.
 “Por certo, em contumácia o que fenece
 Contra a Igreja, ainda quando se arrependa
 138 Na hora extrema sua, aqui padece
 “Tempo, que trinta vezes compreenda
 Da impenitência o espaço, se ao decreto
 141 Preces não trazem benfazeja emenda.
 “Vês, pois, que podes me tornar quieto:
 Revelando à piedade de Constança
 Que interdito me hás visto ainda exceto
 145 Pelas preces de lá muito se alcança”. —

25. *Surge Vésper* etc., o cadáver de Virgílio de Brindes foi transportado para Nápoles, onde, naquele momento, descia a noite. — 37. *Vos baste o guia*, chega saber o que é, sem procurar a razão. — 50. *De Léria a Túrbia*, o caminho entre essas duas aldeias da Ligúria. — 112. *Manfredo*, filho do imperador Frederico II e neto da imperatriz Constança. — 114-116. *A minha bela filha*, Constança, esposa de Pedro III de Aragão, teve dois filhos: Jaime, que sucedeu ao pai em Aragão, e Frederico, rei de Sicília. — 124. *Se o bispo* etc., Bartolomeu Pignatelli, bispo de Cosenza, por ordem do papa Clemente IV, desenterrou o corpo de Manfredo, que era excomungado, e o mandou jogar no Rio Verde. — 133. *Anátema*, excomunhão dos papas.



CANTO IV

Seguindo os conselhos recebidos, os Poetas, através de um caminho apertado e difícil, sobem ao primeiro salto. Virgílio explica a Dante que, encontrando-se em hemisfério antípoda àquela terra, o Sol gira em direção contrária. Vendo muitas almas recolhidas à sombra de um rochedo, e aproximando-se delas, Dante reconhece o seu amigo Belacqua. Aí estão os espíritos preguiçosos dos que esperaram para arrepender-se o termo da vida.

Quando ou pelo prazer ou por desgosto
Das faculdades uma é possuída,
3 Concentrando-se, o espírito indisposto
Se mostra à ação, de outra qualquer nascida;
Verdade, que refuta a crença errada
6 — Que em nós uma alma está noutra acendida.
E, pois, se vendo, ouvindo, alma engolfada,
Lia-se à coisa, que a atenção cativa,
9 Sem sentir vai-lhe o tempo à desfilada.
Pois faculdade só no ouvir ativa
Difere dessa, em que alma se domina:
12 Uma presa, outra a vínculos se esquiva.
Experiência ao claro isto me ensina.
Aquela sombra atônito escutando,
15 Já com cinquenta graus o sol se empina,
Sem que eu me apercebido houvesse, quando
Ao ponto fomos, onde a turba, unida,
18 — “Haveis o que anelais!” — disse, bradando.
Estando a vinha já madurecida,
Pelo aldeão de espinhos com braçada
21 Da sebe a estreita aberta é defendida.
Mais larga é que a vereda alcantilada
Por onde fui subindo após meu Guia,
24 Quando a grei nos deixou abençoada.
A Noli e a San Leo por árdua via
Com pés se vai, Bismântua assim se alcança;

27 Ter asas de ave aqui mister seria;
 Ou asas de um desejo, que não cansa,
 Para o vate seguir que, desvelado,
30 Me servia de luz, me dava esp'rança.
 Por carreiro entre penhas escavado,
 Sempre de agudas pontas empecido,
33 Pelas mãos cada passo era ajudado.
 Chegados da alta escharpa ao topo erguido
 Da eminência no dorso descoberto,
36 — “Por onde ir” — disse então — “Mestre querido?”
 — “Eia!” — tornou — “não dês um passo incerto!
 Vai subindo após mim pela montanha;
39 Guia acharemos no caminho esperto”. —
 Não mede a vista elevação tamanha:
 Linha que o centro corte de um quadrante,
42 Por certo a ingrimidez não lhe acompanha.
 Sem forças já, falei-lhe titubante:
 — “Volve a face, pai meu: olha piedoso
45 Que só me deixas, indo por diante” —
 — “Para ali, filho” — diz — “te alça animoso!” —
 E o seu braço indicava uma planura,
48 Que torneia o declive temeroso.
 Dessas vozes esforça-me a doçura
 Tanto, que a rastos lhe seguia o passo
51 Até meus pés tocarem nessa altura.
 Sentamo-nos a par, então, de espaço
 Ao nascente voltados, qual viajero
54 A estrada olhando, que calcara lasso;
 Abaixo os olhos dirigi primeiro,
 Ao sol voltei depois; notei pasmado
57 Da esquerda o lume vir desse luzeiro.
 Disse Virgílio ao ver quanto enleado
 ‘Stava, o carro da luz considerando
60 Que era entre nós e o Aquilão entrado:
 — “Se um e outro hemisfério alumando,
 Castor e Pólux junto a si tivera

63 O vasto espelho, que ora está brilhando,
“Da Ursa ainda mais propínqua à esfera,
A roda do Zodíaco observaras,
66 Se a costumada estrela não perdera.
“Meditando, a verdade logo acharas,
Se colocados de Sião o monte,
69 E este outro na terra imaginaras,
“Ambos guardando idêntico horizonte
E hemisférios diversos, onde passa
72 Estrada, em que tão mal correu Fetonte,
“E se a razão em ti não for escassa,
Verás que, enquanto a um vai por um lado,
75 Ao outro pelo oposto o sol perpassa”. —
— “Tanto ao claro jamais, ó Mestre amado,
Como ora, o meu esp’rito compreendera,
78 Quando estava por dúvida nublado.
“Que o círc’lo médio da mais alta esfera,
Que sempre Equador chama-se em certa arte
81 Entre o inverno e o sol se considera,
“Deve (se pude a mente penetrar-te)
Para o norte volver-se, e, no entretanto,
84 Viam-no Hebreus de Austro pela parte.
“Agora, se te apraz, dize-me quanto
Hemos de andar; que os olhos, da eminência
87 Não atingindo o fim, se enchem de espanto”. —
— “Da montanha” — responde — “é a excelência
Fadiga no começo causar grave;
90 Quem mais sobe acha menos resistência.
“Ao tempo, em que te parecer suave
Tanto, que a subas ágil e ligeiro,
93 Como descendo da água o curso a nave,
“No termo te acharás deste carreiro:
Após afã desfrutarás repouso:
96 Quanto digo hás de ver que é verdadeiro” —
Mal acabando o Mestre carinhoso,
Perto soa uma voz: — “Talvez te seja,

99 Antes de lá chegar, preciso um pouso”. —
 Volveu-se cada qual para que veja
 Quem falara; alta penha deparamos;
 102 Então só vemos que à mão sestra esteja.
 Multidão, cercando-nos, achamos
 Que à sombra demorava quietamente;
 105 Por desídia detidos os julgamos.
 Mostra-se um mais que os outros negligente:
 Sentado abraça as pernas, tendo o rosto
 108 Recostado aos joelhos, qual dormente.
 Disse então: — “Vê senhor, quanto disposto
 É à inércia o que ali ’stá parecendo:
 111 Como irmão da preguiça fica posto”. —
 Ele um pouco voltou-se olhos movendo
 Para o meu lado, sem mudar postura,
 114 — “Pois vai tu, que és valente!” — me dizendo.
 Reconheci quem era. Inda me dura
 Da agra ascensão em parte, o grande ofego;
 117 Mas endereço os passos à figura.
 A fronte mal ergueu, quando me achego.
 — “Como conduz o sol o carro à esquerda
 120 Tens reparado?” — disse com sossego.
 Por meneio tão lento e voz tão lerda
 Fui algum tanto a riso provocado.
 123 — “Belacqua” — disse eu — “mas a tua perda
 Não choro. Por que estás aqui sentado?
 Esperas guia? Acaso, como outrora,
 126 Da preguiça te sentes cativado?” —
 Tornou-me: — “Irmão, subir que importa agora?
 De Deus o anjo, que defende a entrada,
 129 Me deixaria dos martírios fora.
 “Tanto a porta me tem de ser vedada,
 Quanto no mundo me durara a vida:
 132 Pesei-me só a morte ao ver chegada.
 “Mas antes ser me pode permitida
 Pela oração de quem da Graça goza;

- 135 Que val'outra, do céu desatendida?" —
Mas o Vale seguia na penosa
Jornada. — "Vem!" — dizia — "Resplandece
O sol no meio-dia; e tenebrosa
139 Sobre Marrocos ora a Noite desce". —

5. *A crença errada* etc., de atribuir ao homem diversas almas, crença dos platônicos e dos maniqueus. — 15. *Já com cinquenta graus* etc., o Sol percorre 15 graus por hora; portanto, haviam passado quase três horas e meia. — 25-26. *Noli*, na Ligúria; *San Leo*, perto de Urbino; *Bismântua*, perto de Urbino. — 57. *Da esquerda* etc., o Purgatório se encontra num hemisfério antípoda, e portanto o sol aparecia a Dante pela esquerda quando no nosso hemisfério parece levantar-se à direita e caminhar à esquerda. — 68. *Sião*, Jerusalém, que é o lugar antípoda ao Purgatório. — 123. *Belacqua*, florentino, fabricante de instrumentos musicais, amigo de Dante. — 139. *Sobre Marrocos*, sendo meio-dia no Purgatório, em Jerusalém, no hemisfério oposto, era meia-noite, e a noite começava em Marrocos.



CANTO V

Prosseguindo os dois Poetas a sua viagem, encontram uma multidão de almas que se aproximam deles, depois de ter percebido que Dante é vivo. São espíritos de pessoas que saíram da vida por morte violenta, mas no fim se arrependeram e perdoaram a seus inimigos.

Os passos do meu Guia acompanhando,
Dessas almas um pouco era distante,
3 Quando uma, atrás de nós, o dedo alçando,
— “Vede! A luz” — exclamou — não é brilhante
À sestra do que vai mais demorado;
6 Pelo meneio a um vivo é semelhante”.
Olhos volvi daquela voz ao brado,
E as vi notar, de maravilha cheias,
9 Como eu, andando, a sombra tinha ao lado.
— “Por que tanto, ó meu filho, assim te enleias?”
Disse o Mestre. — “Por que deténs o passo?
12 Acaso o murmurar daqui receias?
“Segue-me: a vozes vãs ouvido escasso!
Qual torre, inabalável sê, dos ventos
15 À fúria opondo válido embaraço;
“Quem firmeza não tem nos pensamentos,
Do fim se aparta, a que alma se endereça
18 E, assim, malogra, instável, seus intentos.
— “Sigo-te” — ao Mestre meu tornei depressa.
Cumpria assim falar; meu voto incende
21 O rubor, que ao perdão a falta apressa.
Entanto por atalho a costa ascende
Adiante de nós turba cantando
24 Devota *Miserere*, e ao cimo tende.
Ao ver que estava o corpo meu vedando
Dos luminosos raios a passagem
27 O canto suspendeu, rouco “oh!” soltando
E dois dos seus em forma de mensagem

Correndo contra nós assim falaram:

30 “Quem sois, que assim fazeis esta viagem?”

Disse Virgílio: — “Aos que vos enviaram
Tornai que ao corpo do homem que estais vendo

33 Vitais alentos inda não deixaram.
“Se os passos, como cuido, estão detendo,
Por ver-lhe a sombra, a causa é conhecida;

36 Terão proveito, as honras lhe fazendo”. —
Mais prontos que os vapores à descida
Da noite, o ar sereno iluminando,

39 Ou névoa, ao pôr do sol, do céu varrida,
Partem, à grei de novo se ajuntando;
Como esquadrão, que corre à desfilada,

42 Voltam todos, a nós se arremessando.
“Ao nosso encontro vem turba avultada;
Pretensões todos têm” — disse-me o Guia

45 — “Andando, os ouve; não convém parada”.
— “Ó alma, que do céu vais à alegria
No próprio corpo, em que feliz nasceste,

48 Demora o passo um pouco” — a grei dizia,
“De entre nós vê se alguém reconheceste
Para ao mundo lebares a notícia;

51 Por que deter-te ainda não quiseste?
“Morte a todos causou cruel nequícia;
Pecamos sempre até que à final hora

54 Do céu a luz se nos mostrou propícia.
“Assim, contritos, perdoando, fora
Fomos da vida, a paz com Deus já feita;

57 De o ver desejo nos acende agora”.
— “A feição vossa” — eu disse — “é tão desfeita,
Que nenhum reconheço; mas, se acaso

60 Ser útil posso no que a vós respeita,
“Pela paz, a servir-vos já me emprazo,
Que busco, deste sábio acompanhado,

63 De mundo em mundo, no mais breve prazo”.
“Cada qual” — me tornou — “está confiado

Em ti, mister não há teu juramento,
66 Se não faltar poder ao teu bom grado.
“Aos outros me antecipo: ao rogo atento,
Tu se fores à terra que demora
69 Entre a Romanha e a que é de Carlo assento,
“Aos meus em Fano compassivo exora
Que com preces sufraguem-me piedosos
72 Para o mal expurgar que fiz outrora.
“Nasci lá, sofri golpes espantosos,
Que a existência cortaram-me tão cara,
75 De Antenórios nos planos pantanosos,
“Onde o funesto fim nunca esperara.
Assim o quis do Marquês d’Este a ira,
78 Que o exício meu injusto aparelhara.
“Ah! se, fugindo, me acolhesse a Mira
Quando alcançou-me de Oriais perto,
81 Eu fora inda hoje aonde se respira.
“Mas, correndo ao paul, sem rumo certo,
Caí, no ceno e juncos enleado:
84 De sangue um lago fez meu peito aberto”.
“Se for” — outro então disse — “executado
Desejo que te impele ao alto monte,
87 Sê por mim de piedade impressionado.
“De Montefeltro fui e fui Buonconte;
De mim Joana, e ninguém mais, não cura;
90 Entre todos por isso abaixo a frente”.
— “Que força — respondi — que má ventura
Tão longe te arrastou de Campaldino,
93 Que se ignora onde tens a sepultura?”
— “Oh!” — replicou-me — “Ao pé de Casentino
Um rio passa que se chama Arquiano,
96 Nascido lá sobre o Ermo, no Apenino.
“De dor lá onde o perde o nome, insano,
Cheguei: ao pé fugia, e, traspassado,
99 O colo meu ensanguentava o plano.
“Da vista e fala ao ser desamparado,

No suspiro final bradei — Maria! —
 102 E o corpo meu tombou, da alma deixado.
 “Direi verdade: aos vivos o anuncia.
 De Deus anjo tomando-me, o do inferno
 105 — “Servo do Céu, mo tomas?” lhe bramia.
 Dele me usurpas o princípio eterno
 Por uma tênue lágrima fingida;
 108 Mas do seu corpo cabe-me o governo.
 “Bem sabes que nos ares recolhida
 Vaporosa umidade em chuva desce,
 111 Quando é do frio às regiões subida
 “Como quem com maldade o engenho tece,
 Névoas e vento acumulava, usando
 114 Da pujança infernal que lhe obedece.
 “Depois, o dia terminado estando,
 Do Pratomagno à serra, o vale envolve
 117 Em treva, ao Céu a abóbada enlutando.
 “Túmido o ar, em catadupas volve,
 E a água que na terra não se entranha,
 120 Espumosa em torrentes se revolve.
 “Veloz os álveos aos arroios ganha,
 E para o régio rio se arrojando,
 123 Os óbices abate, que se assanha.
 “Junto à foz meu cadáver encontrando
 Levanta-o Arquiano impetuoso
 126 Ao Arno o impele, os braços desligando
 “Da cruz que fiz no transe doloroso.
 Por fundo e margens rola-o, sepultado
 129 Na areia o deixa, que arrastara iroso”. —
 — “Ah! quando à luz do mundo hajas tornado,
 Quando repouses da jornada extensa” —
 132 Foi por terceiro espírito impetrado:
 “De Pia recordando-te, em mim pensa;
 Siena fizera o que desfez Marema.
 Sabe-o quem me esposara e em recompensa
 136 No dedo pôs-me anel com rica gema”. —

24. *Miserere*, o salmo que começa com essa palavra. — 68-69. *A terra que demora* etc., a Marca de Ancona. — 73. *Nasci lá* etc., quem fala é Jacopo del Cassero, de Fano, que foi assassinado pelos sicários do Marquês Azzo III d'Este, quando se dirigia a Milão, em 1298. — 75. *De Antenórios* etc., no território de Pádua (cidade que se diz fundada por Antenor). — 88. *Buonconte* de Montefeltro, filho de Guido (Inf. XXVII), capitão gibelino, morreu na batalha de Campaldino. — 89. *Joana*, sua esposa. — 96. *Ermo* de Camaldoli. — 122. *Régio rio*, o Arno. — 133. *Pia del Guastelloni*, casada com um gentil-homem da família Tolomei, ficou viúva e casou novamente com Nello Pannocchieschi, que a fez matar, talvez desconfiado de sua fidelidade, num castelo da Marema, em 1295.

CANTO VI

Dante promete às almas que a eles se recomendaram que não se esquecerá delas quando voltar ao mundo dos vivos. Os dois Poetas encontram o Poeta Sordello, o qual, ao ouvir o nome da sua pátria, Mântua, abraça o mantuano Virgílio. Esse episódio move Dante a uma violenta invectiva contra as divisões e as guerras internas que devastam a Itália.

Quando o jogo da *zara* é terminado,
Na amargura, o que perde, só ficando,
3 Os bons lances ensaia contristado.
A turba o vencedor acompanhando,
Qual vai diante qual por trás o prende,
6 Ao lado qual se está recomendando:
A este e àquele sem deter-se atende;
O que lhe alcança a mão parte se apressa;
9 De importunos desta arte se defende.
Cerca-me assim a multidão espessa,
Ora a uns ora a outros me volvendo,
12 De cada qual me livro por promessa.
O Aretino aqui 'stava: golpe horrendo,
De Ghin Tacco por mau, cortou-lhe a vida,
15 E o que na fuga se afogou, horrendo.
Aqui rogou-me em súplica sentida,
Frederico Novello e esse Pisano
18 Por quem Mazucco ação fez tão subida.
Vi o Conde Orso e aquele que o seu dano
Mortal, pelo ódio e inveja, recebera,
21 Como dizia, não por feito insano.
Aludo a Pedro Brosse. A que ora impera,
Do Brabante, se apressa a ter cautela,

24 Se não, da grei maldita a estância a espera.
Quando enfim, pude me esquivar àquela
Turba, que preces sôfrega pedia
27 Para a entrada apressar na mansão bela,
— “Em texto expresso” — eu disse — “ó douto Guia,
Do teu livro afirmaste que a vontade
30 Do céu por orações não se movia.
“Mas pede-as essa grei com ansiedade:
Seria acaso vã sua esperança?
33 Ou compreender não pude essa verdade?” —
— “Seu sentido a tua mente” — disse — “alcança;
Por vã essa esperança não falece;
36 Quanto é certa a razão no-lo afiança:
“A Justiça do céu não desfalece,
Porque flama de amor num só momento
39 O devedor redime, que padece.
“Lá onde expus aquele pensamento
Não podia oração solver pecado,
42 Pois distante de Deus estava o intento.
“Porém neste problema sublimado
À mente por que há suma ciência
45 Te será puro lume revelado.
“Por quem? Por Beatriz. A continência
Feliz ridente lhe verás, ao viso
48 Quando houveres subido da eminência”. —
Tornei: — “Andar mais presto ora é preciso;
Como de antes, não sinto mor fadiga,
51 E da montanha a sombra já diviso”. —
— “Como podemos, é mister prossiga
O passo, enquanto o dia não se finda;
54 Mas te engana o desejo que te instiga.
“Antes do cimo aguardarás a vinda
Desse astro oculto agora pela encosta;
57 Não refranges os raios seus ainda.
“Aquela sombra vê, de parte posta,
Que, em soledade, atenta nos esguarda:

60 A vereda dirá melhor disposta”. —
Chegamo-nos. Ó nobre alma lombarda,
Como estavas ativa e desdenhosa
63 Dos olhos no meneio grave e tarda!
Ela em nós encarou silenciosa,
Mas deixava-nos vir, nos observando,
66 Qual leão no repouso, majestosa.
Virgílio aproximou-se, lhe rogando
Nos mostrasse a mais cômoda subida:
69 Respondeu-lhe, somente perguntando
Qual fora a pátria nossa e a nossa vida.
A falar o meu Guia começava:
72 “Em Mântua ...” quando a sombra, comovida,
A ele se enviou donde se achava,
“Sordello sou” — dizendo — “em Mântua amada
75 Nasci também”. — E amplexo os estreitava,
Ah! serva Itália, da aflição morada!
Nau sem piloto em pego tormentoso!
78 Rainha outrora em lupanar tornada!
Esse espírito nobre e deleitoso
Nome escutando só da doce terra,
81 Logo o patrício acolhe carinhoso:
Os vivos raivam no teu solo em guerra;
Se encarniça um no outro ferozmente
84 Os que um só muro, uma só cava encerra.
Busca, ó mísera Itália, diligente
No marítimo teu, busca em teu seio:
87 Onde acha paz a tua infausta gente?
Justiniano em vão te ajeitar veio
A brida; a sela fica abandonada:
90 Maior vergonha te há causado o freio.
Ah! Cúria! Aos teus deveres dedicada
Deixar-te cumpre a César todo o mundo,
93 Como a lei quer por Cristo decretada!
Vê como, aos maus instintos se entregando
Ira-se a fera por faltar-lhe espora,

96 Depois que inábil mão'stá governando.
 Alberto de Germânia! Atente agora
 Que é tornada indômita e bravia:
99 Cavalgado a deveras ter outrora!
 Do céu justo castigo deveria
 Os teus ferir — tão novo e tão sabido,
102 Que espante o sucessor da monarquia!
 Tu e o teu genitor heis consentido,
 Distantes, por cobiça, em terra estranha,
105 Que do Império o jardim'steja esquecido.
 Vê, descuidoso, na aflição tamanha,
 Cappelletti e Montecchi entristecidos.
108 Monaldi e Filippeschi, alvo de sanha.
 Vem, cruel, ver fiéis teus suprimidos:
 De tanto opróbrio seu toma vingança.
111 Vê como em Santaflor estão regidos!
 Vem ver tua Roma! De carpir não cansa!
 Viúva e só a todo o instante clama:
114 Vem, César! Vem! Não mates minha esp'rança!
 Vem ver como a si próprio o povo se ama!
 E se por nós piedade não te move,
117 Mova-te o zelo pela tua fama!
 Se me é dado dizer, Supremo Jove,
 Dos homens por amor sacrificado,
120 Mal tanto a nos olhar não te comove?
 Ou tens ao nosso mal aparelhado,
 Lá dos conselhos teus no abismo imenso,
123 Algum bem, ao saber nosso vedado?
 As cidades de Itália um tropel denso
 De tiranos subjuga e, qual Marcelo
126 Se aclama o faccioso, à pátria infenso.
 Hás de, Florença minha, haver por belo
 Este episódio a ti não referente,
129 Mercê do povo teu, de outros modelo.
 Muitos, justiça tendo em peito e mente,
 Por desfechar seu arco ensejo aguardam:

132 Teu povo a tem nos lábios permanente.
 Muitos de encargos públicos se guardam;
 Mas teu povo solícito se of'rece,
 135 Gritando: — “Pronto estou! em darmos tardam!” —
 Exulta! A causa o mundo bem conhece:
 Tens prudência, tens paz, possuis riqueza.
 138 Falo a verdade, e o efeito transparece.
 Atenas, Sparta, que a tão suma alteza
 Por leis e instituições se sublimaram,
 141 Sem governo viveram na incerteza,
 Se, Florença, contigo se comparam,
 Que em novembro tens visto revogadas
 144 Leis sutis, que em outubro se forjaram.
 Quantas vezes hão sido transformadas,
 Em breve tempo, lei, moeda, usança?
 147 Quantas índoles e formas renovadas?
 Se vês ao claro e tens viva a lembrança,
 Ao enfermo hás de achar que és semelhante,
 Que, no leito jazendo, não descansa;
 151 Em vão se agita, a dor vai por diante.

1. *Jogo da zara*, jogo de dados. — 13. *O Aretino* etc., o juiz Benincasa de Laterina, que foi assassinado pelo famoso bandoleiro Ghino del Tacco. — 15. *E o que* etc., Guccio Tarlati, de Pietramala, morreu afogado no Arno, perseguindo os inimigos derrotados numa batalha. — 17. *Frederico Novello*, morto ao socorrer os Tarlati de Pietramala; *Esse Pisano*, Farinata degli Scornigiani, morto a traição. Seu pai Mazzucco, que se fizera frade, perdoou o assassino do filho. — 19. *Conde Orso degli Alberti*, assassinado por um seu primo; *E aquele*, Pedro Brosse, médico de Filipe III de França, enforcado sob falsas acusações. — 28-30. *Em texto expresso* etc., Virgílio, na “Eneida” (livro VI), negou que pudessem modificar-se os decretos do Céu. — 42. *Pois distante* etc., a prece só foi aceita depois do advento do Cristianismo. — 74. *Sordello* de Visconti de Mântua, poeta, jurisconsulto e guerreiro do século XIII. — 88. *Justiniano*, que consolidou a legislação romana. — 97. *Alberto*

de Germânia, Alberto I, filho do imperador Rodolfo, eleito em 1296. — 107-109. *Cappelletti e Montecchi*, famílias de Verona; *Monaldi e Filippeschi*, famílias de Orvieto. — 111. *Santaflor*, feudo imperial nas vizinhanças de Siena. — 118. *Supremo Jove*, Jesus Cristo. — 125. *Qual Marcelo*, Cláudio Marcelo, adversário de Júlio César.

CANTO VII

Sordello, ao saber que aquele que abraçou é Virgílio, lhe faz novas e ainda maiores demonstrações de afeto. O Sol está próximo ao ocaso e ao Purgatório não se pode subir à noite. Guiados por Sordello, os dois Poetas param num vale, onde residem os espíritos de personagens que no mundo desfrutaram de grande consideração e que somente no fim da vida elevaram o seu pensamento a Deus.

De doce afeito as mútuas mostras sendo
Por três ou quatro vezes reiterado
3 — “Quem sois?” — Se retraiu Sordel dizendo.
— “Tinha Otávio os meus ossos sepultado
Já quando a este monte se elevaram
6 Almas que ao bem havia Deus chamado.
Virgílio sou: do céu não me afastaram
Pecados; me faltava a fé somente”. —
9 Do meu Guia estas vozes lhe tornaram.
Como quem ante si vê de repente
Maravilha: ora crê, ora duvida,
12 E diz: — É certo ou minha vista mente? —
Assim essa alma. Dobra a frente erguida
Humildemente, ao Vate se avizinha
15 E lhe abraça os joelhos comovida.
— “Ó glória dos Latinos!” — disse asinha —
Que ergueste a língua nossa a tanta altura!
18 Honra eterna da amada pátria minha!
“De ver-te o que me dá graça e ventura?
Dize, se di’no de te ouvir hei sido,
21 De qual círculo vens da estância escura”.
— “Tenho aqui” — Virgílio diz — “subido,

Do triste reino os círc'los visitando,
24 Sou do céu por virtude conduzido.
“Não por fazer, mas de fazer deixando,
Ver o sol, que desejas, me é vedado:
27 Conheci-o já tarde — ai miserando!
“Lá embaixo um lugar foi destinado
Não a martírio, à treva onde há somente
30 Suspiros, não gemer de angustiado.
“Ali'stou eu, no meio da inocente
Grei, que a morte cruel mordeu, enquanto
33 Da culpa humana inda era dependente.
“Com aqueles'stou eu, em quem seu manto
Três celestes virtudes não lançaram,
36 Lhes dando à vista o mais suave encanto,
“Mas sabes se veredas se deparam
Que ao Purgatório a entrada facilitem?
39 Os indícios nos diz, se te constaram”. —
Tornou: — “Lugar não há, que almas habitem
Aqui; na direção vou, que me agrada;
42 Guiarei quanto os passos me permitem.
“Mas vê: declina o dia; na jornada,
Que fazeis, caminhar a noite veda:
45 Busquemos sítio a cômoda pousada.
“À destra e à parte multidão'stá queda:
Iremos até lá, se acaso o queres,
48 Talvez te seja a sua vida leda”. —
E o Mestre: — “Como? Pelo que proferes,
Impossível será subir sem dia?
51 Ou a alguém, que o proíba, te referes?” —
Com seu dedo Sordel linha fazia
No chão e disse: — “Além ninguém passara
54 Se, ausente o sol, a noite principia.
“Mas óbice qualquer não deparara
Quem caminhar, subindo, pretendesse:
57 Para tolhê-lo a noite já bastara.
“Bem pudera baixar, se lhe aprouvesse,

Pelo declive em volta da montanha:
60 Enquanto o sol sob o horizonte desce”. —
Torna Virgílio, então, que ouvindo estranha:
— “Ao lugar, que nos dizes, pois, nos guia,
63 Onde a demora o júbilo acompanha”. —
Pouco longe dali notei que havia
Depressão na montanha, semelhante
66 À que na terra um vale formaria.
— “Iremos” — disse a sombra — “um pouco avante
Té onde a encosta encurva, se escavando:
69 De lá voltar vereis a luz brilhante”. —
Entre a escarpa e o plano se inclinando
Trilha ao vale conduz obliquamente,
72 O pendor mais que ao meio, se adoçando.
Preta, alvaiade, grão, ouro fulgente,
Índico lenho límpido e lustroso,
75 Pura esmeralda, ao lapidar, luzente,
Por flores e ervas desse val formoso
Se achariam na cor escurecidos
78 Como cede o mais fraco ao mais forçoso.
Aos donosos esmaltes espargidos
Mil suaves aromas se ajuntavam,
81 Em peregrino muito reunidos.
Sobre a relva entre as flores entoavam
Salve Regina, as almas, que da vista
84 Externa no recinto se ocultavam.
“Do sol enquanto a luz inda persista” —
O Mantuano disse, que nos guia,
87 “Ir não queiras à grei que de nós dista.
“Gestos e vultos seus conheceria
Qualquer de vós daqui mais claramente
90 Do que, de perto os vendo, o poderia.
“O que parece, aos outros, eminente.
Da quebra em seus deveres pesaroso
93 E a geral melodia ouve silente,
“É Rodolfo que fora poderoso.

Conta o mal que já tem a Itália morta:
 96 Quem lhe dará porvir esperançoso?
 “O que com seu semblante ora o conforta
 Governava esse reino onde a água brota,
 99 Que o Molta ao Álbia, o Álbia ao mar transporta.
 “É Otocar: na infância melhor nota
 Teve que o filho, Venceslau barbudo,
 102 Na luxúria e preguiça a vida esgota.
 “Morrendo, o que não tem nariz agudo
 E fala a esse outro de benino aspeito,
 105 Deixou dos lizes deslustrado o escudo
 “Atentai: como bate ele no peito!
 Vede aquele que ao ar suspiros lança
 108 Da mão fazendo à sua face um leito.
 “Sogro e pai do flagelo são da França;
 Cientes do viver seu vergonhoso,
 111 Dor’stão sentindo, que ora não descansa.
 “Esse membrudo, que o cantar piedoso
 Segue do que nariz tem desmarcado,
 114 Das virtudes no culto foi zeloso.
 “Se o mancebo, ora atrás dele assentado,
 Ao trono sucedera-lhe, subira
 117 Valor de um Rei por outro fora herdado.
 “Dos maus herdeiros qual pôs nisso a mira?
 Jaime Fred’rico havendo o reino tido,
 120 Nenhum a melhor parte possuíra.
 “Rara vez tem nas ramas ressurgido
 Primor alto da estirpe; assim o ordena
 123 Aquele, a quem ser deve o bem pedido.
 “Ao narigudo aplicação tem plena
 Meu dito e a Pedro, que ao seu lado canta:
 126 Apúlia com Provença, geme e pena.
 “Tanto ao seu fruto excede em preço a planta,
 Quanto, mais que Beatriz e Margarida,
 129 Constança ações do esposo seu decanta.
 “Ali vedes o Rei de simples vida

Sentado à parte, Henrique de Inglaterra:
132 Teve este em ramos seus melhor saída.
“Mais abaixo notai sentado em terra
Marquês Guilherme e para o alto olhando,
Por quem, sofrendo Alexandria guerra,
136 Montferrat, Canavese estão chorando”. —

4. *Otávio*, o imperador Augusto. — 94. *Rodolfo*, de Habsburgo, imperador de 1273 a 1291. — 96. *Quem* etc., o imperador Henrique VII, que tentou pôr ordem na Itália. — 98. *Esse reino* etc., a Boêmia, onde nasce o rio Moldava (Molta), que desemboca no Elba (Álbia). — 100. *Otocar II*, adversário de Rodolfo, foi de melhor índole que seu filho Venceslau. — 103. *O que não tem nariz agudo*. Filipe III de França, pai de Filipe o Belo e de Carlos de Valois. — 104. *Esse outro*, Henrique I de Navarra, sogro de d. Filipe o Belo e pai de Joana I. — 109. *Do flagelo da França*, Filipe o Belo. — 112. *Esse membrudo*, Pedro III de Aragão, que, depois da revolução das Vésperas, conquistou a Sicília. — 113. *Do que nariz tem desmarcado*, Carlos I de Anjou, que, vencendo Manfredo, conquistou a Sicília. — 115-120. *Se o mancebo*, Afonso III, primogênito de Pedro de Aragão, que morreu moço, foi melhor príncipe do que os seus sucessores, Jaime II no reino de Aragão e Frederico na Sicília. — 126. *Apúlia* etc., os reinos de Provença e de Nápoles lamentam a morte de Carlos I, pois são malgovernados pelo seu sucessor Carlos II. — 127-129. *O fruto* etc., tão inferior é Carlos II de Anjou a Carlos I quanto este foi inferior a Pedro III. — 131. *Henrique III*, da Inglaterra, o qual teve um bom sucessor na pessoa de Eduardo I. — 134. *Marquês Guilherme*, senhor de Monferrato cuja morte originou uma guerra desastrosa para os seus súditos.

CANTO VIII

No começo da noite dois anjos descem do Céu para expelir a serpe maligna que quer entrar no vale. Entre as sombras que se aproximam dos Poetas, Dante reconhece Nino Visconti, de Pisa. Conrado Malaspina pede a Dante notícias de Lunigiana, sua pátria; Dante responde elogiando a sua família.

Era o tempo, em que mais saudade sente
Do navegante o coração no dia
3 Do adeus a amigos, que relembra ausente;
E ao novel peregrino amor crucia,
Distante a voz do campanário ouvindo,
6 Que ao dia a morte, flébil, denuncia.
Não mais ouvia os olhos dirigindo
Perto um espírito vi que levantado,
9 Acenava, que ouvissem-no pedindo.
E, havendo as duas mãos juntas alçado,
Parecia, olhos fitos no Oriente,
12 A Deus dizer: És todo o meu cuidado!
Te lucis entoou devotamente
Com tão suave, tão piedoso canto,
15 Que me enlevava em êxtases a mente.
Com igual devoção e igual encanto,
Nas supernas esferas engolfados,
18 Repetiram os outros o hino santo.
Leitor, tem da alma os olhos afiados
Para os véus da verdade penetrares:
21 Fácil é, tão sutis são, tão delgados.
A nobre turba, após os seus cantares,
Calou-se; então notei que, como à espera,
24 Pálida e humilde a vista erguia aos ares.

E vi sair descendo, da alta esfera
 Anjos dois, empunhando flamejantes
 27 Gládios a que truncada a ponta era.
 Verdes quais folhas novas vicejantes
 As vestes suas são, as agitando
 30 As plumas das suas asas viridantes.
 Um acima de nós se colocando,
 Baixara o outro sobre o lado oposto,
 33 Desta arte as almas de permeio estando.
 A flava coma via-lhes: seu rosto
 Contemplar impossível me seria:
 36 Confunde a vista o lúcido composto.
 “Do sólio ambos descendem de Maria”
 Sordelo diz — a do vale por amparo,
 39 Onde a serpente vai chegar impia”.
 Por onde ela viesse estando ignaro
 Em torno olhei e, de terror tomado,
 42 Busquei refúgio ao pé do amigo caro.
 Sordel prossegue: — “É de falar chegado
 Àqueles grandes’spíritos o instante:
 45 Ledos serão de ver-nos ao seu lado”. —
 Para baixar ao val me foi bastante
 Três passos dar: um’spírito fitava
 48 Perscrutadora vista em meu semblante.
 Já de sombras o ar se carregava;
 Mas aos seus e aos meus olhos embaraço
 51 Não era para ver-se o que ali’stava.
 A mim vem, eu para ele aperto o passo:
 — “Nino exímio juiz quanto me agrada
 54 Ver-te liberto do infernal regaço!”
 De afeto após a mostra reiterada,
 Inquiriu: — “Por longínquas águas quando
 57 Chegaste ao pé da altura alcantilada?”
 — “Oh!” — lhe tornei — “esta manhã, passando
 Pela triste mansão: ainda a vida
 60 Primeiro gozo e a outra vou buscando”. —

Mal fora esta resposta proferida,
 Nino e Sordel, de pasmo, recuaram;
 63 Como se fora maravilha ouvida.
 Ao Vate este volveu-se; e se escutaram
 Vozes de Nino a outro: — “Vem, Conrado, —
 66 De Deus ver o que as leis determinaram!”
 — “Por essa gratidão” — a mim voltado
 Disse — “que ao Ente deves invisível,
 69 Cuja ação compreender nos é vedado.
 “Te imploro que, em passando o mar temível,
 Digas à filha minha que suplique
 72 Por mim: Deus à inocência é tão sensível!
 “Não creio que em prol meu a mãe se aplique
 Depois que os brancos véus tocou demente:
 75 Dor terá infeliz! — que mortifique.
 “Se conhece, por ela, facilmente
 Quanto em mulher de amor fogo perdura
 78 Se o caminho falece e o olhar frequente.
 “Não lhe fará tão bela sepultura
 A víbora com que Milão se ostenta,
 81 Como a fizera o galo de Galura”. —
 Assim dizia Nino. Ainda o alenta
 O justo zelo, que traduz, no rosto,
 84 Que brando ardendo, o ânimo aviventa.
 Ávido os olhos tinha eu no céu posto,
 À parte em que os luzeiros são mais lentos,
 87 Qual roda onde o seu eixo está disposto.
 E o Mestre: — “Os olhos ao que tens atentos?” —
 Respondi-lhe: — “Aos três astros luminosos,
 90 Que o polo acendem, célicos portentos”. —
 — “As quatro estrelas” — me tornou — “formosas,
 Que por manhã já vimos, se ocultaram.
 93 Aí mesmo estas surgem fulguerosas”. —
 Sordel, quando estas vozes me voaram,
 O tira a si dizendo: — “eis o inimigo!” —
 96 Os olhos o seu dedo acompanharam.

Do val na parte exposta ver consigo
 Uma Serpe, que a rastos coleava:
 99 Talvez o pomo deu, de Eva perigo.
 Entre as ervas e flores avançava,
 A um lado e a outro a fronte volteando;
 102 Lambendo o dorso, a língua dilatava.
 Não pude ver como ao reptil nefando
 Os celestes açores se enviaram;
 105 Mas atônito os vi ambos pairando.
 O sussurro que as asas no ar formaram,
 Em sentindo, fugiu presto a serpente:
 108 Os anjos logo aos postos seus tornaram.
 A sombra, que viera incontinenti
 Do juízo ao chamado enquanto o assalto
 111 Durou, me estava olhando atentamente
 — “Tenha o fanal, que te conduz ao alto
 No teu desejo válido alimento!
 114 De luz para subir não sejas falto!
 “Mas se houveste” — me diz — “conhecimento
 De Valdimagra ou terra que confina,
 117 Declara: eu de poder lá tive aumento.
 “Chamado fui Conrado Malaspina;
 Não o antigo, porém seu descendente:
 120 Amor, que tive aos meus aqui se afina”. —
 — “Lá não fui” — respondi-lhe reverente —
 “Mas da Europa em que parte a excelsa fama
 123 Dos feitos vossos não tem eco ingente?
 “A glória que o solar vosso proclama,
 Honra o domínio, honra os seus senhores
 126 Quem nunca os viu louvores seus aclama.
 “Juro, e tão certo eu veja os esplendores
 Do céu, que a vossa raça guarda intactos
 129 Da opulência e bravura altos primores.
 “Por sua índole egrégia, por seus atos,
 Enquanto ao mundo um chefe mau transvia,
 132 Só ela segue o bem e o prova em fatos”. —

— “Vai!” — disse — “Antes que o belo astro do dia
Sete vezes penetre nesse espaço,
135 Que o Áries cobre na celeste via,
“Tão boa opinião com fundo traço
Melhor será na tua fronte impressa
Do que de outro por voz a cada passo,
139 Se do Sumo Querer ordem não cessa”. —

1. *Era o tempo* etc., começava a cair a noite. — 13. *Te lucis* etc., começo de um hino da Igreja. — 19-21. *Leitor* etc., o Poeta adverte que, além do sentido literal, o que vai dizer tem um sentido alegórico. — 53. *Nino exímio juiz*, Ugolino Visconti, juiz de Galura, na Sardenha. — 65. *Conrado*, Conrado Malaspina, marquês de Lunigiana. 71. *À filha minha*, Joana, filha de Nino. — 73. *A mãe*, Beatriz d’Este, viúva de Nino, desposara em segundas núpcias a Galeazzo Visconti. — 80. *A víbora*, brasão da família Visconti. — 119. *O antigo*, o avô de Conrado Malaspina, do mesmo nome. — 136. *Tão boa opinião* etc., em 1306 Dante teve boa acolhida nos Castelos dos Malaspina, em Lunigiana.



CANTO IX

Ao despontar do novo dia Dante adormece e, no sono, é transportado por Luzia até a Porta do Purgatório. Aproximam-se da entrada e aqui um anjo abre-lhes a porta, depois de ter gravado na testa de Dante sete PP.

Já clareava de Titão antigo
A concubina as fímbrias do oriente,
3 Deixando os braços do seu doce amigo;
Era-lhe a fronte de astros refulgente,
Figura do animal frio formando,
6 Que vibra a cauda contra a humana gente.
No lugar, em que estávamos, se alçando
Dos passos seus havia a Noite andado,
9 E o terceiro ia as asas inclinando,
Quando eu, tendo o que Adão nos há legado,
De sono sobre a relva fui vencido,
12 Lá onde junto aos quatro era sentado.
Antemanhã, na hora, em que gemido
Triste a andorinha a soluçar começa,
15 Talvez na antiga dor pondo o sentido;
Já não ‘stando da carne mais opressa
A mente e livre do pensar terreno,
18 Quase divina por visões pareça,
Pairar sonhei que via no ar sereno
De áureas plumas uma águia, que mostrava
21 Querer baixar, das asas pelo aceno.
Estar eu na montanha imaginava,
Onde os seus Ganimede abandonara
24 Alado à corte excelsa, que o esperava.
E eu pensava: talvez esta ave rara,
Caçar aqui soindo, a nédia preia
27 Fazer noutros lugares desdenhara;
A traçar giros vários avistei-a:
Eis, terrível, qual raio, a mim se envia,

30 E lá do fogo à região me alteia.
Esta águia, então julguei, comigo ardia
Tanto, que foi o sonho meu quebrado
33 Pelo fingido incêndio, que eu sentia.
Como, acordando, Aquiles espantado
Ficou por não saber onde se achava
36 No lugar aos seus olhos devassado,
Quando a mãe que a Quíron o arrebatava,
O transportou a Sciro adormecido,
39 Onde astúcia depois lho retirava:
Assim fiquei ao ser desvanecido
Das pálpebras o sono, semelhante
42 A quem desmaia em cor de horror transido.
Junto a mim eu só vi naquele instante
Virgílio; o sol duas horas já media;
45 Ao mar tinha eu voltado inda o semblante.
— “Não teme!” — estas palavras proferia —
“Sê tranquilo, o bom porto não mais dista,
48 Alarga o coração, não entibia;
“O Purgatório já daqui se avista.
Onde a rocha é fendida está a entrada,
51 A rocha o cinge e tolhe o aspeto à vista.
“Ao romper da alva ao dia antecipada,
Quando no vale em sono eras jazendo
54 Sobre a ervinha de flores esmaltada,
“Eis mostrou-se uma Dama nos dizendo:
Sou Luzia; pois dorme, vou trazê-lo,
57 Leve assim a jornada lhe fazendo —
“Ficando as nobres almas com Sordelo,
Tomou-te; e como já raiasse o dia
60 Subiu: seguiu seus passos, com desvelo
“Depôs-te; e por seus olhos me dizia
Que próxima ali ‘stava a entrada aberta.
63 Ela se foi e o sono te fugia”. —
Como quem ‘stando em dúvida, se acerta,
Converte o seu temor em confiança,

66 Logo em sendo a verdade descoberta:
Assim me achei mudado. Ele que alcança
Que esforçado já ‘stou, vai por diante
69 Pela altura; o meu passo após avança.
Vês, leitor, que o assunto altissonante
Se faz; e não estranhes se mais arte
72 Mor lustre lhe acrescenta de ora avante.
Acercamo-nos, pois, da rocha à parte,
Onde eu antes rotura divisava
75 Como em muralha fenda que reparte;
Ora uma porta e degraus três notava
Para entrar, cada qual de cor dif’rente,
78 E um porteiro que tácito ficava.
E, de mais perto olhando, claramente
No mais alto degrau o vi sentado:
81 Ofuscava-me a face refulgente.
Na destra um gládio eu tinha empunhado,
que tão vivos lampejos refletia,
84 Que em vão fitava os olhos deslumbrado.
— “Parai e respondei-me” — principia —
“Que intentais? Quem vos guia na jornada?
87 Efeitos não temeis dessa ousadia?” —
— “Dama do céu, de tudo isso inteirada”
— Falou Virgílio — “disse-nos: — Avante!
90 Não longe fica a porta desejada”. —
— “Seja ela aos vossos passos luz brilhante”
— Logo beni’no o anjo nos tornava —
93 “Aos degraus nossos vinde por diante”. —
Chegamos: o degrau primeiro estava
De alvo mármore tão terso, tão polido,
96 Que a minha imagem nele se espelhava.
Era escuro o segundo e não brunido,
Tosca pedra o formava e calcinada;
99 Ao longo a via e de través fendido.
De pórfiro o terceiro e carregada
Tinha a cor de vermelho flamejante,

102 Qual sangue, que da veia flui rasgada.
Neste firmava o anjo rutilante
Os pés, ao limiar sentado estando,
105 Que ser me pareceu de um só diamante.
Tirado por Virgílio vou-me alçando
Jubiloso. Ele disse — “Humildemente
108 Requer, que te abra a porta deprecando”. —
Aos sacros pés dobrei devoto a frente;
Misericórdia, vezes três batendo
111 Nos peitos, para abrir pedi fervente.
Da espada a ponta sete PP me havendo
Na testa aberto, disse o anjo: — “Lava
114 Lá dentro estes sinais te arrependendo”. —
Chaves duas tomou quando acabava,
De sob as vestes, onde a cor, atento
117 De terra seca eu cinzas observava.
Uma era de ouro, a outra era de argento.
Primeiro a branca, após a flava aplica
120 À porta: foi completo o meu contento.
— “Se emperrada das duas uma fica
E não dá volta” — disse — “à fechadura,
123 Isto entrada defesa significa”.
“Se mais preço um tem, noutra se apura
Mais arte para abrir e mais engenho,
126 Das molas cede-lhe a prisão mais dura.
“Mandou Pedro de quem as chaves tenho
Que em abri-la antes erre que em cerrá-la
129 Aos que a exoram com ardente empenho”. —
Tocando a santa entrada, ainda nos fala:
— “Penetrai; mas, de agora, vos previno,
132 Quem olha para trás pra fora abala”. —
Os portões já se movem do divino
Recinto, e os espigões, rangendo, giram
135 Nos gonzos de metal sonoro e fino:
Quando, vãos de Metelo os esforços, viram
Roubado o erário, com estrondo tanto

138 As portas de Tarpeia não se abriram.
 Aos rumores atento, doce canto —
 Te Deum laudamus escutar julgava,
141 De conceitos unido ao meigo encanto.
 Ouvindo, em mim a sensação calava,
 Que a voz bem modulada nos motiva,
 Quando com ternos sons de órgão se trava;
145 Que uma voz emudece, outra se esquivava.

1. *De Titão antigo* etc., a concubina do velho Titão é a aurora. — 5-6. *Animal frio* etc., talvez a constelação dos Peixes ou do Escorpião. — 23. *Onde os seus Ganimede abandonara*, quando Júpiter o fez raptar para servir de copeiro aos deuses, no Olimpo. — 34. *Aquiles espantado* etc., Tétis, mãe de Aquiles, transportou-o para a ilha de Sciro, de onde os gregos Ulisses e Diômedes o conduziram à guerra de Troia. — 56. *Luzia*, Santa Luzia. — 112. *Sete PP*, os sete pecados mortais. — 136. *Quando, vãos de Metelo os esforços* etc., as portas do Purgatório se abriram com maior estrondo do que se abriram as portas da rocha Tarpeia quando, apesar da resistência de Cecílio Metelo, Júlio César as abriu para se apossar do dinheiro público.



CANTO X

Os dois Poetas sobem ao primeiro compartimento do Purgatório, cuja escarpa é de mármore, no qual estão esculpidos vários episódios de humildade. Eles os observam e no entanto vêm em sua direção várias almas curvadas sob o peso de grandes pedras. São as almas dos que no mundo foram soberbos.

Passado estando o limiar da porta,
Das paixões pelo excesso desusada,
3 Que reta faz supor a estrada torta,
Pelo estrondo senti que era cerrada.
Se atrás volvesse os olhos, qual seria
6 A desculpa da falta perpetrada?
Subíamos por fenda que se abria
Na rocha, a um lado e ao outro serpeando,
9 Qual onda, que ora acerca, ora desvia.
“Aqui ser destro cumpre, acompanhando” —
Disse o Mestre — “o caminho árduo, fragoso,
12 Que as sinuosas voltas vai formando”. —
A passo íamos, pois, tão vagaroso,
Que a lua o crescente reclinado
15 Era já no seu leito de repouso,
Quando aquela estreiteza hemos deixado
Espaços livres alcançando e abertos,
18 Onde o monte pra trás era inclinado;
Eu inanido e ambos nós incertos
Da vereda, em planura enfim paramos,
21 Mais solitária que áridos desertos.
Do precipício a borda calculamos
Distar da oposta, em que o rochedo alteia,
24 Comprimento que em homens três achamos.
Na extensão, que ante mim se patenteia,
Da direita ou da esquerda igual largura
27 Nessa cornija aos olhos se franqueia.
Não déramos um passo na planura,

Quando notei que a escarpa sobranceira,
30 Que ascender não permite a sua altura,
Era alvo mármore, tendo a face inteira
Talhada com primor, que a Policlete
33 Tomara e à natureza a dianteira.
O anjo, que da paz trouxe o decreto,
Tantos séc'los com lágrimas pedido,
36 Que o céu abriu, donde o homem'stava exceto,
Ao vivo ali mostrava-se inculpido,
No gesto e no meneio tão suave,
39 Que em pedra não parece estar fingido.
Quem não jurara que profere o Ave,
Pois juntamente figurada estava
42 Quem do supremo amor vovera a chave?
Seu semblante estas vozes expressava
Ecce ancilla Dei tão propriamente,
45 Como na cera imagem, que se grava.
“Num ponto só não prendas tanto a mente” —
Virgílio me falou, tendo-me ao lado,
48 Aonde o coração bater se sente.
Para mais longe olhei: maravilhado
Após Maria então vi que disposta,
51 Da parte, em que era o Mestre colocado,
Fora outra história em mármore composta.
Ao sábio adiantei-me: de mais perto
54 Aos meus olhos melhor ficara exposta.
O carro com seus bois na rocha aberto
E a Arca santa que conduz, mirava:
57 Lembra aos profanos o castigo certo.
Em coros sete o povo ali cantava:
Do olhar em mim o ouvido dissentia,
60 Pois se um dizia sim, outro negava:
De igual modo na pedra percebia
Ao ar o fumo se elevar do incenso:
63 Da vista o asserto o olfato desmentia.
Da Arca adiante, com fervor imenso,

Dançando humilde via-se o salmista,
66 Mais e menos que um Rei no zelo intenso.
Micol, do régio paço, em frente, a vista
No Rei fitava, o ato lhe estranhando,
69 Que lhe move desgosto e que a contrista.
Desse lugar depois eu me afastando,
De perto contemplar fui outra história,
72 Que além um pouco, estava branquejando.
Aqui brilhava a preminente glória
Desse famoso Imperador romano,
75 Por quem Gregório obteve alta vitória.
Ao natural tirado em Trajano:
Do freio do corcel mulher tratava;
78 Dizia o pranto sua dor, seu dano.
De cavalheiros tropa se apinhava,
E nas bandeiras a águia de ouro alçada
81 Acima dele aos ventos tremulava.
A infeliz, dos guerreiros rodeada,
Parecia dizer: — “Senhor, vingança!
84 Morto é meu filho e eu gemo atribulada”.
E Trajano tornar: — “Toma esperança
Até que eu volte”. — E a mísera pungida
87 Da dor que, em mãe, a tudo se abalança:
— “Senhor, se não voltares?” — Deferida
Serás de herdeiro meu. — “Bem que outro faça
90 Que val’ se a obrigação tens esquecida?” —
E ele: — “Ânimo esforça na desgraça.
Meu dever cumprirei sem mais espera,
93 Justiça o exige, compaixão me enlaça”. —
Quem novas coisas nunca vê, fizera
Visível sobre a pedra esta linguagem:
96 Arte não sobe a tão sublime esfera.
Enquanto me enleava em cada imagem,
Em que há dado aos extremos da humildade
99 De operário a perícia mor vantagem,
— “Eis almas lentamente em quantidade

Acercam-se; a mais alta” — disse o Guia —
102 “Nos pode encaminhar sua bondade”. —
A vista, que em portentos se embebia,
De olhar outros já sôfrega,volvendo,
105 Atentei no que o Mestre me advertia.
Mas, leitor, que esmoreças não pretendo,
Nem que os bons pensamentos te faleçam,
108 Como os pecados pune Deus sabendo.
Nem os martírios nímios te pareçam;
Pensa bem no porvir; pois, em chegando,
111 O grão Juízo, em caso extremo, cessam.
E eu disse: — “O que ora a nós vem caminhando
Não creio sombras ser: o que é portanto?
114 Não sei, a percepção turbada estando”. —
— “Do seu tormento, que te movo espanto
É condição à terra irem curados:
117 Também a vista dividiu-se um tanto.
“Olhos fita; imagina levantados
Os que vêm dessas pedras oprimidos:
120 Já vês quanto eles são atormentados”.
Cristãos soberbos, míseros, perdidos,
Cegos da alma, que haveis pra trás andado,
123 De tanta confiança possuídos,
Que vermes somos não vos ‘stá provado,
De que surge a celeste borboleta,
126 Que incerta voa ao tribunal sagrado?
Por que do orgulho assim passais a meta,
Se sois insetos no embrião somente,
129 Vermes de formação inda incompleta?
A modo de pilar ver-se é frequente,
Joelhos, peito unindo, uma figura
132 Cornija ou teto a sustentar ingente.
Da dor mera ficção move tristura
Em quem olha: senti então notando
135 Das almas penitentes a postura.
Mais umas, outras menos, se dobrando

Iam, segundo o fardo, que traziam;
E as que eram mais sofridas, pranteando,
139 Não posso mais! — dizer me pareciam.

32. *Policleto*, célebre escultor grego. — 34. *O anjo*, Gabriel. — 42. *Quem* etc., a virgem Maria. — 57. *Lembra aos profanos o castigo certo*, Oza caiu fulminado por ter se aproximado da Arca, que ameaçava cair (Samuel II-6). — 65-66. *Dançando humilde via-se o salmista*, Davi dançava precedendo a Arca. — 67. *Micol*, esposa de Davi, manifestava censura pelo ato humilde do esposo. — 74-75. *Desse famoso Imperador*, Trajano, que, segundo uma lenda, o papa Gregório I conseguiu, com suas preces, voltasse à vida terrena e, batizado, fosse para o Céu. — 124-126. *Que vermes somos* etc., como do verme nasce a borboleta, assim nós homens outra coisa não somos senão vermes dos quais devem surgir as borboletas dignas de subir ao Céu.

CANTO XI

Virgílio pergunta às almas que purgam o pecado da soberbia qual é o caminho para subir ao segundo compartimento, e uma delas dá a indicação requerida. Umberto Aldobrandeschi dá-se a conhecer e fala com Dante, que, depois, reconhece Oderisi de Gubbio, pintor e gravador. Oderisi dá-lhe notícia de Provenzano Salvani, que está junto com eles.

- “Vós, que nos céus estais, ó Padre nosso,
Não circunscrito, mas porque haveis dado
3 Mais aos primeiros seres o amor vosso,
“Vosso nome e poder seja louvado!
Graças à criatura jubilosa
6 Ao saber vosso renda sublimado!
“Do reino vosso a paz venha ditosa!
Que vão de havê-la o empenho nos seria,
9 Se não vier da vossa mão piedosa.
“Como a vós a vontade se humilha
Dos vossos anjos, entoando hosana,
12 Façam assim os homens cada dia!
“A substância nos dai quotidiana
Hoje: sem ela em áspero deserto
15 Se atrasa quem por ir além se afana!
“E como a quem nos faz mal descoberto
Damos perdão, nos perdoai clemente,
18 Indi’nos sendo nós, Senhor, por certo.
“Oh! não deixeis cair a defidente
Virtude nossa em tentação do imigo!
21 Livrai-nos dele, em nos pungir ardente!
“Não mais somos, Senhor, nesse perigo,
Em que precisa esta oração nos seja;

24 Mas não os que hão mister na terra abrigo”. —
Ao céu rogando que ao seu bem proveja
E ao nosso, as almas sob o peso andavam,
27 Como o que oprime a quem sonhando esteja.
Com desigual gravame se arrastavam
Ofegantes no círculo primeiro,
30 E do pecado as névoas expurgavam,
Se em bem nosso com zelo verdadeiro,
Oram, como em seu prol fará no mundo
33 Quem tem no bem querer seu peito useiro?
Ajudemo-las, pois, vestígio imundo
A lavar, por que leves, puras sejam,
36 Do céu se alando ao brilho sem segundo.
“Ah! compaixão, justiça vos consigam
Presto alívio, e possais, o voo erguendo,
39 Ir até onde os desejos vos instigam!
“Valei-nos a vereda nos dizendo
Mais curta ou a que é menos escarpada,
42 Mais de um caminho a se ascender havendo.
“Ao companheiro meu assaz pesada
É a carne de Adão, que inda o reveste:
45 Por mais que esforce, o afana esta jornada”. —
A voz, que respondeu ao Mestre a este
Dizer, não sei a que alma pertencia
48 Por indício qualquer, que o manifeste:
— “Vinde à direita em nossa companhia
Pela encosta, e vereis o passo estreito,
51 Que uma pessoa viva subiria.
“Se este penedo não tolhesse o jeito,
A cerviz orgulhosa me domando
54 E obrigando a juntar o rosto ao peito,
“Deste homem para a face, atento olhando,
(Não sei quem é) talvez o conhecera,
57 E assim me fora compassivo e brando.
“Toscano fui, ilustre pai tivera.
Guilherme Aldobrandeschi se chamava:

60 O nome seu algum de vós soubera?
 “Tanta arrogância a glória me inspirava
 Do meu solar e os feitos valorosos,
 63 Que a nossa mãe comum não mais pensava,
 “Olhos volvendo a todos desdenhosos.
 Perdi-me assim; os atos meus em Siena
 66 Foram em Campagnatico famosos.
 “Chamei-me Umberto; da soberba a pena
 A mim não coube só: de igual desgraça
 69 Vem a causa que aos meus todos condena.
 “Este fardo, que os passos me embaraça
 Mereço, por cumprir-se a lei divina:
 72 Vivo o não fiz, é justo que ora o faça”. —
 Enquanto, ouvindo, a fronte se me inclina,
 Uma das almas (não a que falava)
 75 Sob o peso se torce, que a amofina.
 E viu-me e, conhecendo-me, chamava,
 Os olhos seus fitando esbaforida
 78 Em mim, que, recurvado a acompanhava.
 — “Oderisi não foste” — eu disse — “em vida,
 Hora de Agubbio, honra daquela arte
 81 Que *iluminar* Paris ora apelida?” —
 — Tornou-me: — “Hoje o pincel (cumpre informar-te)
 De Franco de Bologna mais agrada:
 84 A honra é toda sua, minha em parte.
 “Por mim não fora em vida proclamada
 Esta verdade, quando esta alma ardia
 87 Na ambição de primar nessa arte amada.
 “Aqui de tal soberba o mal se expia;
 ‘Staria alhures; mas a Deus eu pude
 90 Mostrar que de pecar me arrependia.
 “Quanto a vaidade o peito humano ilude!
 Dessa flor como esvai-se a formosura,
 93 Se não seguir-se um séc’lo inculto e rude!
 “Cimabue cuidou ter na pintura
 A liça dominado: mas vencido

96 Ficou: a glória Giotto fez-lhe escura.
“Assim de estilo na arte cede um Guido,
A palma a outro: agora é bem provável
99 Seja de ambos o mestre já nascido.
“Rumor mundano é como vento instável
Que a direção varia de repente:
102 Conforme o lado, o nome tem mudável.
“De ti que fama ficará manente,
Se da velhice cais no extremo passo,
105 Ou se findas na infância inconsciente,
“De hoje a mil anos, tempo mais escasso,
Da eternidade em face, que um momento
108 Ante a esfera a mais tarda lá no espaço?
“Quem me precede e vai assim tão lento
Na Toscana entre todos foi famoso:
111 Apenas salvo está do esquecimento
“Em Siena, que há regido poderoso,
Quando perdeu-se a raiva florentina,
114 Soberba então, objeto hoje asqueroso.
“A fama vossa iguala-se à bonina,
Que flore e morre: o sol, por quem nascera
117 Na terra a prostra e a cor cresta à mofina”. —
Respondi-lhe: — “O dizer teu em mim gera
Saudável humildade e o orgulho mata.
120 Esse, que apontas, conta-me quem era”. —
“De Provenzan Salvani” — diz — “se trata:
Aqui’stá, porque Siena ele cuidara
123 Ter nas mãos — presunção de alma insensata!
“Caminha assim curvado, e nunca para
Des que a vida perdeu eis o castigo
126 De quem tanto à soberba se entregara!” —
— “Se o que demora até final perigo
A penitência” — eu disse — “e errado corre,
129 Subir não pode e aqui não acha abrigo
“Se uma oração piedosa o não socorre,
Durante prazo igual ao da existência,

132 Como ao martírio Provenzan concorre?” —
 “Quando era” — torna — “no auge da influência,
 Sobre a praça de Siena, suplicando,
135 Ter ante o povo humilde continência,
 “De um amigo o resgate procurando,
 Que era por Carlos em prisão detido,
138 Tremeu angustiado e miserando.
 “Não mais: não sou, de obscuro, compreendido,
 Mas te há de ser em breve isto explicado
 Por filhos dessa terra em que hás nascido. —
142 “Por tão bom feito o ingresso lhe foi dado”. —

59. *Guilherme Aldobrandeschi*, senhor de Grosseto. Quem fala é o filho Umberto, que guerreou contra Pisa. — 79. *Oderisi* de Gubbio, excelente pintor e miniaturista. — 83. *Franco de Bologna*, célebre miniaturista. — 94-96. *Giotto e Cimabue*, célebres pintores. Giotto, discípulo de Cimabue, superou o mestre em sua arte. — 97-98. *Um Guido a outro*, Guido Cavalcanti superou a Guido Guinicelli na arte da poesia. — 121. *Provenzano Salvani*, de Siena, senhor muito poderoso, morto na batalha de Cone em 1269. — 133-138. *Quando era* etc., para obter a libertação de um amigo prisioneiro de Carlos d’Anjou, ele se humilhou a pedir esmola aos seus concidadãos.



CANTO XII

Os dois Poetas continuam a viagem. No pavimento do círculo estão pintados vários exemplos de soberbia castigada. Um anjo vem junto dos Poetas e os guia até a escada que sobe ao compartimento sucessivo. Com a asa, depois, apaga da testa de Dante um dos PP.

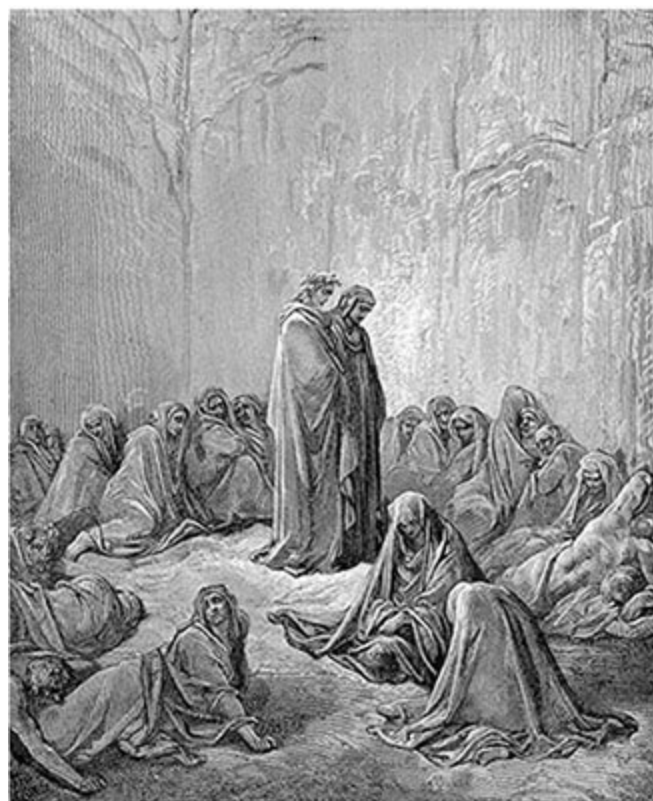
A par, como dois bois, que o jugo unira,
Eu com essa alma opressa e titubeante
3 Ia, enquanto Virgílio permitira.
Eis disse-me: — “Deixando-a, segue avante:
Deve fazer de vela e remos força
6 Quem quer à parca impulso dar constante”. —
A caminhar dispus-me à voz, que esforça,
Erguendo logo o corpo, inda que a mente
9 Na humildade a modéstia acurve e estorça,
Já os pés acelero e facilmente
A Virgílio acompanho: de porfia,
12 Se mostra cada qual mais diligente.
— “À terra olhos inclina” — então dizia —
“Para a jornada aligeirar atenta
15 No solo, onde o meu passo aos teus é guia”.
Assim como na campa se aviventa
A memória dos mortos, insculpindo
18 Imagem; que a existência representa,
Que de saudade os corações ferindo,
À piedade propensos e à ternura,
21 Os vai ao pranto muita vez pungindo:
Assim, com perfeição sublime e pura,
Figuras via sobre aquela estrada,
24 Que sobe, serpeando, pela altura.
Via, a um lado, dos céus precipitada
Das criaturas a mais bela e nobre,
27 Qual raio, pelo espaço arremessada.
A vista, o outro, Briaréu descobre

De projétil celeste transpassado:
30 Gélido a terra desmedido cobre.
Com Marte e Palas ‘stava figurado
Timbreu, em torno ao pai de armas fornidos,
33 Vendo o campo de imigos alastrado.
Nemrod olhos volvia espavoridos,
Junto à feitura imensa, aos companheiros,
36 Que a Sanaar seguiram-no, descridos.
Ó Níobe, com braços verdadeiros
Que dor nos olhos teus aparecia,
39 Os filhos mortos vendo, quais cordeiros!
Saul, a própria espada te extinguiu
Sobre a montanha Gelboé — maldita,
42 Orvalho ou chuva ali não mais caía.
Ó louca Aracne, tua face aflita,
De aranha parte entre os destroços ‘stava
45 Da teia, origem da fatal desdita.
Não mais a tua imagem cominava;
Num carro foges, Roboam cruento,
48 À fúria popular, que te assombrava.
Mostrava ainda o duro pavimento
Como fez Alcmeon pagar tão caro
51 À mãe o funestíssimo ornamento.
Mostrava mais como flagício raro
Senaqueribe no templo assassinado
54 Por filhos, que deveram ser-lhe amparo.
Mostrava também Ciro degolado
E Tamíris dizendo acesa em ira
57 — Sede tinhas de sangue, sê saciado! —
A multidão de Assírios que fugira,
Mostrava ao verem de Holofernes a morte,
60 E o castigo que os passos lhes seguira.
Via no pó, nas cinzas Troia forte:
Ó soberba Ílion, a pedra dura
63 Mostrava a tua lamentável sorte!
Que mestre no pincel ou na escultura

Posturas, sombras tais traçar pudera,
66 Pasma ao gênio, que atinja a suma altura?
Real ou morte ou vida aos olhos era:
A verdade não viu na própria cena
69 Melhor que eu quando a efígie a olhar ‘stivera.
A fronte entonai, pois, de orgulho plena,
Ó filhos de Eva, os olhos não baixando
72 Ao caminho, onde achais devida pena!
Mais íamos no monte caminhando
E no seu giro o Sol mais avançara
75 Do que eu cuidava, absorto contemplando,
Quando aquele, que sempre me guiara
Desvelado, me disse: — “Alça a cabeça!
78 Não te engolfes! atento sê! repara!
“Olha aquele anjo que caminha à pressa
Ao nosso encontro: acaba a terra sexta
81 Do dia o lavor certo e outra começa.
“Reverência em teu gesto manifesta
Para o anjo à viagem ser propício,
84 Não volta o dia de que pouco resta”. —
Aproveitar do tempo o benefício
Era do Mestre a regra; e, pois, naquela
87 Matéria não achei de obscuro o indício.
Já nos demanda a criatura bela:
Trajava branco, a face resplendia,
90 Qual, tremulando, matutina estrela.
Braços abria e asas estendia,
Dizendo: — “Vinde! que os degraus ‘stão perto:
93 A jornada já fácil se anuncia”. —
Raros escutam essa voz, por certo:
Ó gente humana, para o céu nascida,
96 Por que decais do vento a um sopro incerto?
Imos à rocha, por degraus partida:
De uma das asas me roçou na fronte,
99 Prometendo-me próspera subida.
Como à direita quem se erguer ao monte,

Donde se avista a igreja que domina
102 A bem regida ao pé de Rubaconte,
Sente que aos pés a ingremidade inclina
Pela escada talhada antes que houvesse
105 Em livros e medidas a rapina:
Adoça-se o pendor assim; pois desce
De um círc'lo a outro a rocha que alterosa
108 A um lado e ao outro augusto passo of'rece.
Subindo em melodia tão donosa
Beati pauperes spiritu escutamos,
111 Que a voz, que o diga é pouco vigorosa
Quão dif'rentes os áditos que entramos,
Dos infernais! Aqui suave canto,
114 Lá gritos de ira ouvindo caminhamos.
Vencendo esses degraus do monte santo
Mais ágil me sentia: lá no plano
117 Fácil nunca a jornada fora tanto.
Eu disse: — “Ó Mestre, de que peso insano
Sinto-me livre, pois no estreito passo,
120 Como de antes agora não afano!” —
— “Quando os PP que inda tens em vivo traço
Sobre a fronte” — tornou-me — “se apagarem,
123 Como não hás de ter mais embaraço,
“Segundo o teu desejo os pés andarem
Sentirás sem fadiga, e até gozando
126 Deleite, para a altura ao caminharem”.
Como o que traz, na praça passeando,
Coisa, que ignora, na cabeça posta,
129 E, por ver sinais de outrem, suspeitando,
À mão pede socorro; ela, em resposta,
Procura, acha, um serviço assim rendendo,
132 A que a vista não pode ser disposta:
Assim, da destra os dedos estendendo,
Conheci que das letras, que o anjo abrira,
‘Stavam somente seis remanescendo.
136 Sorriu-se o Mestre, que o meu gesto vira.

25-27. *Via, a um lado* etc., Lúcifer, o anjo que se rebelou contra Deus. — 28. *Briaréu*, gigante que se rebelou contra Júpiter e foi fulminado. — 31. *Marte, Palas e Timbreu (Apolo)*, que dominaram os gigantes rebeldes. — 34-35. *Nemrod* etc., que, na planície de Senaar, começou a construção da torre de Babel. — 37. *Níobe*, desprezando Latona por ter esta somente dois filhos, quando ela tinha doze, por castigo foram todos mortos por Apolo e Diana. — 40-41. *Saul*, rei de Israel, derrotado em Gelboé, suicidou-se. — 43-45. *Aracne*, tendo desafiado Minerva para saber quem melhor tecia, foi por esta transformada em aranha. — 47. *Roboam*, filho de Salomão, oprimiu o povo de Israel em seu reinado e foi obrigado a fugir em consequência de revolta popular. — 50. *Alcmeon*, matou a própria mãe, Erifile, pois esta, para ganhar um colar de ouro, havia revelado o esconderijo do marido, Anfiarau, aos inimigos. — 53. *Senaqueribe*, rei dos Assírios, foi morto pelos filhos. — 55-57. *Tamíris*, rainha dos Massagetas, tendo vencido Ciro, mandou-o matar num odre cheio de sangue, dizendo: Sacia-te de sangue, monstro. — 59-60. *Holofernes*, general assírio, morto por Judite durante o sítio da cidade de Betúlio. — 61-63. *Troia ou Ílion*, destruída pelos gregos. — 80. *A terra sexta*, a hora sexta, meio-dia. — 102. *Rubaconte*, ponte de Florença.



CANTO XIII

Chegam os Poetas ao segundo compartimento, no qual estão os pecadores que expiam o pecado da inveja. Os invejosos têm os olhos cosidos com fio de arame. Entre eles está Sápia, senhora de Siena, com a qual Dante fala.

Da escada ao topo havíamos chegado,
Onde, outra vez. cortado, o monte estreita,
3 Que alma sobe, expiando o seu pecado.
Como a primeira, outra cornija feita
Circundava a colina, só dif'rente
6 Em que a um arco menor ela se ajeita.
Relevo, formas, como a precedente,
Não mostra: e, lisa sobre a escarpa a entrada,
9 Lívida cor a pedra tem somente.
— “Se a presença de alguém fosse esperada,
Que nos preste conselho” — diz meu Guia —
12 “Temo que fique a escolha retardada”. —
Os olhos para o sol depois erguia,
E, sobre o pé direito se firmando,
15 Para a esquerda girava e se volvia.
“Tu, de quem tudo fio, ó lume brando
No caminho conduz-nos que se of'rece
18 Como o exige o lugar” — disse — “guiando!
“Raiando, o teu calor o mundo aquece:
Se motivo não surge de embaraço,
21 De conduzir-nos teu fulgor não cesse!”
Vencido em breve tínhamos espaço,
Que por milha na terra calculamos,
24 Porque o desejo estimulava o passo:
Em direitura a nós voar julgamos
Invisíveis espíritos, chamando
27 De amor à mesa em lépidos reclamos.
A voz primeira que passou voando,
Vinum non habent proferiu sonora

30 E ainda muito além foi reiterando.
Mas antes de perder-se pelo ar fora,
Outra acercou-se. — “Orestes sou!” — dizia;
33 E apartou-se igualmente sem demora.
— “Que vozes estas são, Mestre?” — inquiria.
Mas, apenas falara, eis vem terceira.
36 — “Amai imigos vossos!” — eu lhe ouvia.
— “Pune este círc’lo a culpa traiçoeira” —
O Mestre diz — “da inveja; o açoite aplica
39 O amor, que os rigores lhe aligeira.
“Contrário som, porém, o freio indica.
Antes que atinjas do perdão a entrada,
42 Terás de ouvi-lo; e disto certo fica.
“Tem ora a vista para além fitada;
De espíritos, ao longo do alto muro,
45 Assentados verás soma avultada”. —
Mais que de antes então a vista apuro;
Almas distingo, que envolviam mantos,
48 Que a cor imitam do penhasco duro.
Um pouco avante ouvi de esp’ritos tantos
A voz bradar: — “Por nós orai, Maria,
51 Pedro, Miguel e todos os mais Santos!”
Na terra homem tão fero não seria,
Que não sentisse o coração pungido
54 Em vendo o que aos meus olhos se of’recia.
Acerquei-me por ser mais distinguido
De cada sombra o menear e o gesto:
57 Pelos olhos à dor alívio hei tido.
Então foi claramente manifesto
Que entre si, uns aos outros se arrimavam,
60 Todos à pedra, em seu cilício mesto.
Assim os pobres cegos mendigavam
Nos dias de Perdão da igreja à porta,
63 Mutuamente as cabeças encostavam;
Pois a piedade o coração nos corta,
Quando ao som das palavras se acrescenta

66 Da vista a ação que o peito desconforta
E como o sol aos cegos não se ostenta,
Assim também às sombras que alivia,
69 Não mais do céu a luz olhos alenta.
Fio de ferro as pálpebras prendia
A todas, como ao gavião selvage
72 Para domar-lhe a condição bravaria.
Cuidei, se andasse, lhes fazer ultraje,
Lhes vendo as faces e ocultando a minha:
75 E o Mestre olhei em tácita language.
E o Mestre, bem sabendo o que convinha,
Antecipou-se logo ao meu desejo
78 E disse: — “Arguto sê, e fala asinha”. —
Virgílio caminhava neste ensejo
Do lado, onde à cornija falta amparo;
81 Dali cair se pode e o risco eu vejo.
As almas do outro lado eram; reparo
Que dos olhos a horrída costura
84 Provoca pranto copioso e amaro.
Voltei-me e disse: — “Ó almas, que a ventura
De ver tereis ao certo o excelso Lume;
87 De que somente o vosso anelo cura,
“Dissolva a Graça em vós todo o negrume
Da consciência e nela manar faça
90 Da mente o rio em límpido corrume!
“Concedei-me o que mais me satisfaça:
Dizei-me qual de vós latina há sido;
93 De eu sabê-lo algum bem talvez lhe nasça”. —
— “Por pátria, irmão, só hemos conhecido
A cidade de Deus: dizer quiseste
96 Peregrina na Itália haja vivido”. —
De mim remota a voz parece deste,
Que assim disse; e portanto, passo avante
99 Por saber certo a quem atenção preste.
E uma senhora entre as mais vi, que, distante,
Aguardava-me. E como eu a distinguia?

102 Qual cego, alçava o mento pra diante.
— “Tu, que para subir penas” — dizia —
“Quem foste, onde nasceste diz: te imploro,
105 Se é tua voz que, há pouco, respondia”.
— “Fui de Siena” — tornou — “com este choro
Os graves erros de perversa vida,
108 E a Deus que se nos dê, clemente, exoro.
“Chamei-me Sábia, mas não fui sabida.
Mais deleite me deu o alheio dano
111 Do que a dita a mim própria concedida.
“E por que não presumas que te engano,
Se fui louca verás pelo que digo.
114 Já no declínio do viver humano
“Eu era, quando a rebater o imigo
Em Colle os meus patrícios campearam;
117 A Deus roguei que lhes não fosse amigo.
“Destroçados, à fuga se lançaram,
E a mim, que estava aquele transe vendo,
120 Indizíveis prazeres me tornaram,
“Em modo, que atrevida, olhos erguendo,
— “Não mais Deus tenho!” — contra o céu gritava
123 Qual melro, instante de bonança tendo.
“Com Deus quis paz, mas quando já tocava
Da vida o termo; e ainda não pudera
126 A dívida solver, que me onerava,
“Se Pedro Pettininho não se houvera,
Nas santas orações de mim lembrado:
129 Em prol meu, caridade o comovera.
“Mas quem és, que nos tens interrogado,
Que estando, creio, de olhos não tolhidos
132 E respirando indagas nosso estado?” —
— “Olhos” — disse — “terei também cerzidos,
Porém por pouco tempo; que da inveja
135 No mundo hão sido rara vez torcidos,
“Maior receio o peito me dardeja
De outro tormento; e tanto me angustia,

- 138 Que o seu fardo a sentir cuido já ‘steja”. —
— “Mas quem ao monte” — me tornou — “te guia,
Pois de voltar ao mundo tens certeza?” —
141 — “Quem tenho ao lado e voz não pronuncia.
“Inda vivo; e, pois fala com franqueza,
Alma eleita, se queres que os pés mova
144 Em prol teu lá na terra com presteza”. —
— “O que dizendo estás, coisa é tão nova
Que por mim rogues fervorosa peço,
147 Pois da divina dileção dás prova.
“E pelo que te merecer mais preço
Suplico-te: ao pisar terra toscana
150 Ao meu nome entre os meus aviva o apreço.
“Terás de vê-los entre a gente insana,
Que espera em Talamone, mas como antes,
Quando buscava as águas do Diana:
154 Mor engano há de ser dos almirantes”. —

29. *Vinum non habent*, é a frase que Maria disse a Jesus para incitá-lo a fazer o milagre da transformação da água em vinho. — 32. *Orestes sou*, Orestes, para salvar Pílates, condenado à morte, apresentou-se em seu lugar. — 36. *Amai imigos vossos*, v. Evang. S. Mateus V. — 44-51. *Por nós orais* etc., prece. — 109. *Sápia*, senense, casada com Ghinigaldo Saraceni. — 116. *Em Colle*, onde os senenses foram derrotados pelo florentinos. Sápia rejubilou-se disso, pois era inimiga do senhor de Siena, Provenzano Salvani. — 127. Pedro *Pettininho*, morto em fama de santidade. — 151-154. *A gente insana*, os senenses. Tendo eles comprado Telamone, queriam transformar essa cidade em porto de mar, mas não foi possível em virtude da insalubridade do clima. Não tiveram êxito também na descoberta de um rio subterrâneo que devia passar debaixo de Siena e o qual chamaram de Diana. Mais do que outros serão enganados os almirantes.

CANTO XIV

Dante conversa com outras almas de invejosos. Respondendo o Poeta a uma pergunta de Rinieri de Calboli, intervém Guido del Duca, imprecando contra as cidades de Toscana e lamentando, depois, a degeneração das famílias nobres de Romanha. Os Poetas ouvem vozes que lembram episódios nos quais o pecado da inveja foi castigado.

- “Este quem é ao nosso monte vindo,
Sem ter-lhe a morte as asas desatado,
3 Os olhos, quando quer, fechando e abrindo?” —
— “Ignoro; mas vem de outro acompanhado.
Tu, que és mais perto, a perguntar começa,
6 E, para nos falar, mostra-lhe agrado”. —
De dois esp’ritos junto se endereça
A mim desta arte a voz: ‘stão-me à direita,
9 Cada um para trás alça a cabeça.
— “Ó alma” — disse-me uma — “que, na estreita
Prisão corpórea ainda, aos céus ascende,
12 Dá-nos consolo, à caridade afeita.
“Quem és e donde vens? Porque nos prende
Pasma notando a Graça, que te ampara,
15 Portento que ninguém viu, nem compreende”. —
Tornei-lhe: — “Na Toscana se depara
Rio, que brota em Falterona escasso
18 E nunca, milhas cem correndo, para:
“Este corpo dali conduzo lasso.
Dizer quem sou discurso vão seria:
21 Meu nome inda não soa em largo espaço”. —
— “Se bem te entendo” — assim me respondia
A sombra, que antes de outra eu tinha ouvido —

24 “Ao Arno o dizer teu se referia”. —
— “Por que” — lhe atalha a outra — “ele escondido
Nos tem do rio o nome verdadeiro?
27 Coisa horrível se encerra em seu sentido?” —
Disse-lhe a sombra, que falou primeiro:
— “Não sei: mas fora bem feliz o instante
30 Em que o nome pereça ao vale inteiro:
“Des que nasce lá onde é redundante
De águas a serra que o Peloro unira,
33 Noutras partes, porém, pouco abundante,
“Até que o mar do seu tributo aufira
Reparo ao que no seio o céu lhe suga,
36 E vida assim pra novos rios tira,
“Todos ali virtude hão posto em fuga,
Qual víbora inimiga, ou por efeito
39 Do clima, ou por moral, que o bem refuga.
“Natureza por vícios se há desfeito
Na gente desse vale impuro,
42 Como de Circe apascentada a jeito.
“Cava o rio primeiro o leito escuro
Entre porcos mais di’nos de bolota
45 Do que de cibo, em que haja humano apuro.
“Baixando, acha de gozos mó abjeta,
Em que o furor à força não se iguala,
48 E, como por desdém, busca outra meta.
“Essa maldita e desgraçada vala
Tantos mais cães em lobos vê tornados
51 Quanto mais corre e mais caudal resvala.
“Imerge em precipícios mais rasgados,
Onde encontra raposas tão manhosas,
54 Que os laços mais sutis ficam frustrados.
“Do porvir direi coisas espantosas,
E quem me ouvir conserve na lembrança
57 Verdades que há de ver bem dolorosas.
“Teu neto os lobos a caçar se lança
Desse rio maldito sobre a riva:

60 Enquanto os não destroça não descansa.
“A carne sua vende, estando viva,
Como reses depois mata-os cruento;
63 Muitos da vida e a si da glória priva.
“Da triste selva sai sanguinolento
E a deixa, tal que ainda após mil anos
66 Tornar não há de ao primitivo assento”. —
Como, ao presságio de futuros danos,
Merencório se mostra o interessado,
69 Onde quer que a fortuna urda os enganos;
Assim o outro espírito: voltado
Para escutar se havendo, se entristece,
72 Depois que teve o sócio terminado.
Como saber seus nomes eu quisesse,
Ouvindo aquele, ao outro o gesto vendo,
75 A pergunta entre rogos se oferece.
O que falara respondeu dizendo:
“Pedes que eu, pronto, quanto anelas faça,
78 A instância minha em pouco apreço tendo.
“Mas como em ti de Deus transluz a Graça,
Não te há de ser Guido del Duca esquivo
81 Tanto, que o teu querer não satisfaça.
“Da inveja o fogo ardeu em mim tão vivo,
Que ao ver sorriso de outrem no semblante,
84 Em meu rosto o livor era expressivo.
“Semeei: colho o fruto repugnante.
Oh! por que, raça humana, o que repele
87 Qualquer partilha almejas ofegante?
“Este foi Rinieri: estava nele
Dos Calboli o primor: ao nome honrado
90 Herdeiro não deixou que a glória zeze.
“Não só à prole sua tem faltado,
Entre o Pó e a montanha, o mar e o Reno
93 O bem para a verdade e o prazer dado;
“Pela extensa amplidão desse terreno
Alastram tudo abrolhos perigosos:

96 Quando extirpar se pode um tal veneno?
“Onde Mainardi e Lizio estão famosos?
Qual de Carpigna e Traversaro o fado?
99 Ó Romanhóis bastardos desbriosos!
“Quando um Fabro se tem nobilitado,
Como em Faenza um Fosco Bernardino,
102 Varas gentis de tronco definhado!
“O pranto meu não julgues pouco di’no,
Se com Guido de Prata rememoro
105 O companheiro nosso, Azzo Ugolino;
“Se Fred’rico Tignoso e a prole choro;
Solares de Anastagi e Traversara,
108 Sem herdeiros extintos, se eu deploro,
“Cavaleiros e damas, glória rara,
Que inspiravam amor e cortesia
111 Na terra, que a virtude desampara!
“Cai em ruínas, Brettinoro impia!
Em ti viver tua gente não quisera;
114 Com mais outras, temendo o mal, fugia.
“Bem faz Bagnacaval: prole não gera,
Castrocaro faz mal e pior Cônio
117 Que a tais condes da vida o lume dera.
“Os Pagani irão bem, quando o Demônio
Deixá-los; mais não podem nome puro
120 Já nunca possuir no solo ausônio”.
Ugolin Fantolin, ficou seguro
Da fama tua o lustre; pois já agora
123 Não terás filhos pra torná-lo escuro.
“Podes, Toscano, prosseguir embora:
Pranto, mais que discursos, me deleita;
126 Lembrando a pátria, o coração me chora”
O passo as almas na vereda estreita
Ouviam-nos, silêncio elas guardando.
129 Era a jornada com certeza feita.
Já ficáramos sós, avante andando,
Eis brada voz nos ares de repente;

132 Veloz, qual raio, vinha a nós chamando:
 — “Quem me encontrar me mate incontinenti”
 E fugiu qual trovão que distancia
 135 Se o vento a nuvem rasga de repente.
 O terrível clamor cessado havia,
 Com medonho fracasso eis outra brada,
 138 Como um trovão que a outro sucedia:
 — “Aglauro sou, em rocha transformada” —
 E a Virgílio acercar-me então querendo,
 141 Dei, não avenge, um passo atrás na estrada.
 Tranquilo o ar por toda parte vendo,
 — “Este é” — falou-me o Mestre — “o duro freio,
 144 Que os homens deve estar sempre contendo:
 “Mas vós mordeis a isca em triste enleio
 E o prístino inimigo do anzol tira:
 147 De conter ou pungir que vale o meio?
 “O céu vos chama, em torno de vós gira,
 Esplendores eternos vos mostrando;
 Mas a vista, enlevada, a terra mira,
 151 “E quem vê tudo então vai castigando”. —

17. *Rio que brota em Falterona*, o Arno. — 32. *Peloro*, promontório siciliano. — 42. *Circe*, sereia que transformava os homens em animais. — 58. *Teu neto*, Fulcieri de Calboli, neto de Rinieri, que foi “podestà” de Florença, perseguiu o partido dos Brancos, ao qual Dante pertencia. — 80. *Guido del Duca*, senhor de Bertinoro, na Romanha. — 88. *Rinieri dei Paolucci*, senhor de Calboli. — 97 e seg. *Mainardi e Lizio, Carpigna e Traversaro, Fabro, Fosco Bernardino, Guido de Prata, Azzo Ugolino, Frederico Tignoso, Anastagi e Traversara*, senhores e famílias da Romanha notáveis por cortesia e generosidade. — 115-117. *Bagnacaval, Castrocaro, Cônio*, cidades da Romanha cujos senhores eram maus. — 118. *Pagani*, nobre família de Faenza, da qual fazia parte Mainardo (Inf. XXVI, 49-51), alcunhado de demônio por suas crueldades. — 121. *Ugolin Fantolin*, gentil-homem de Faenza. — 133. *Quem me encontrar me mate incontinenti*,

palavras pronunciadas por Caim depois de ter assassinado o irmão, Abel. —
139. *Aglauro*, filha de Eretero, rei de Atenas, foi transformada em pedra por
Mercúrio, por ter inveja da irmã Erse, que era amada pelo deus.

CANTO XV

Caindo a noite, os dois Poetas chegam ao terceiro compartimento. Aí Dante, em êxtase, vê exemplos de mansuetude e misericórdia. Voltando a si, encontra-se imerso num fumo que obscurece o ar e impede a visão.

Quanto caminho faz da tércia hora,
No giro seu, a luminosa esfera,
3 — Sempre a mover-se qual criança — à aurora,
Tanto, para acabar o curso, espera
O sol, e para dar à tarde entrada:
6 Lá vésperas, aqui meia-noite era.
De luz me estava a face então banhada;
Porque, em torno à montanha prosseguindo,
9 Do ocaso em direção ia a jornada,
Quando, mais vivo resplendor fulgindo,
Ofuscado fiquei mais do que dantes:
12 Desse portento a ação pasmei sentindo.
Acima de meus olhos, por instantes,
As mãos alcei — sombreiro, que antepara
15 O mor excesso aos raios deslumbrantes.
Assim como de espelho ou linfa clara
Ressalta a luz de encontro à oposta parte,
18 Subindo logo após, como baixara;
Da linha vertical não se disparte,
Uma distância igual sempre mantendo,
21 Como nos mostra experiência e arte:
Em frente à luz, assim, se refrangendo,
Tão penetrante a vista me feria,
24 Que a dirigi a um lado, olhos volvendo.
— “Qual é” — ao mestre amado então dizia —

“Aquele objeto, que me ofusca tanto
27 E ao nosso encontro, ao parecer, se envia?” —
— “Que inda te ofusque não te mova espanto
A celeste família” — me há tornado: —
30 “Falar-te vem um mensageiro santo.
“A veres com delícia aparelhado
Serás em breve um lume refulgente,
33 Quanto ser pode ao ente humano dado”. —
Acercados ao anjo, alegremente
Nos disse: — “Aqui passai, menos penosa
36 Subida nesta escada está patente”.
Andando, atrás cantar em voz donosa
Beati Misericordes nós ouvimos
39 E “Exulta na vitória gloriosa”,
Para cima, portanto, nós subimos;
E eu das vozes do Vate cogitava
42 Colher proveito, enquanto sós nos imos.
E, me voltando, assim lhe perguntava:
“O que Guido del Duca nos dizia,
45 Quando em bens não partíveis nos falava?” —
— “Do seu vício pior” — tornou — “sabia
Os danos; não se estranhe, se o acusando,
48 Do mal que fazer possa prevenia;
“Porque, do mundo os bens vós desejando,
A que partilha todo o apreço tira,
51 Arde a inveja, suspiros provocando.
“Mas, se a esfera imortal vossa alma aspira,
Levantando-se o anelo àquela altura,
54 Esse temor no peito voz expira,
“Tanto mais lá cad’um goza ventura,
Quanto por muitos ela mais se estende,
57 Quanto mais caridade lá se apura”. —
— “O entendimento” — eu digo — “ora compreende
Menos do que antes de eu te haver falado;
60 À mente ora mor dúvida descende.
“Como um bem, que é de muitos partilhado,

A cada possessor da mais riqueza
63 Do que se a posse fora apropriado?” —
— “Teu’ spirito” — replica — “na rudeza
Das coisas terreaes’stando imergido,
66 Vê trevas onde a luz tem mais clareza.
“Esse inefável bem, no céu fruído,
Infundo, para o amor, correndo desce,
69 Qual raio a corpo lúcido e polido.
“Se ardor acha mais vivo, mais se of’rece;
Quanto mais caridade está fulgindo,
72 Virtude eterna mais sobre ela cresce.
“Quanto mais vai a multidão subindo,
Mais amar podem, mais a amor se aplicam,
75 Bem como espelhos, um no outro refletindo.
“Se persistindo as dúvidas te ficam,
Hás de ver Beatriz: da sábia mente
78 Razão escutarás, que tudo explicam.
“Para apagares, pois, sê diligente.
As chagas cinco, que inda em ti ‘stou vendo:
81 Há de cerrá-las contrição pungente”. —
Quando eu ia dizer — Mestre, compreendo —
No círculo eis penetro imediato:
84 Calei-me, a vista alucinada tendo.
Julgava então, de uma visão no rapto,
Extático, que em templo se mostrava
87 Multidão grande, de oração no ato.
Com piedoso semblante, à entrada estava
Meiga matrona. — “Ó filho meu querido,
90 Por que assim procedeste?” — interrogava.
“Eu e teu pai, com ânimo dorido,
Te buscamos”. — E como se calara,
93 Logo a visão fugiu-me do sentido.
Depois de outra no rosto se depara
Pranto acerbo, que mágoas anuncia
96 De quem de ira no incêndio se inflamara.
“Se mandas na cidade” — assim dizia —

“Por cujo nome os deuses contenderam
 99 E onde a luz da ciência se irradia,
 “Pune os braços, que ímpios, se atreveram,
 Pisístrato, a estreitar a filha tua!” —
 102 Ele, a quem vozes tais não comoveram,
 Tranquilo respondia à esposa sua:
 “O que faremos a quem mal nos queira,
 105 Se ira ao amor corresponder tão crua?”
 Vi depois multidão, que a raiva aceira:
 A pedradas mancebo assassinava,
 108 Bradando — morra! morra! — carniceira.
 A dolorida fronte debruçava,
 Já malferido, o mártir para a terra:
 111 Portas ao céu os olhos seus tornava,
 Pedindo a Deus, naquela horrível guerra,
 Que aos seus perseguidores perdoasse:
 114 Riso piedoso os olhos lhe descerra.
 Quando em minha alma o êxtase desfaz-se,
 Conheci que no sonho aparecia,
 117 Não da ficção mas da verdade a face.
 Virgílio, a quem talvez eu parecia
 Homem, que o sono deixa de repente,
 120 — “Por que estás vacilante?” — me inquiria.
 “Tens meia légua andado certamente
 Com titubante pé, de olhos caídos,
 123 Como quem desse ao vinho ou sono a mente”. —
 — “Vou expor, meu bom mestre, aos teus ouvidos” —
 Tornei — “quanto os meus olhos contemplaram,
 126 Quando os joelhos tinha enfraquecidos”.
 — “Se másc’ras cento a face te ocultaram” —
 Disse Virgílio — “ocultos não seriam
 129 Pensamentos, que, há pouco, te enlevaram.
 “As imagens, que hás visto, te induziam
 Águas da paz a receber no peito,
 132 Que as fontes perenais dos céus enviam.
 “Não perguntara, como quem de feito

Somente vê por olhos, obcecados
 135 Quando o corpo da morte jaz no leito;
 “Mas por serem teus pés mais apressados:
 Excitar assim cumpre os preguiçosos,
 138 Que se esquivam à ação ‘stando acordados’”.
 Nas horas vespertinas pressurosos
 Andávamos, os olhos alongando,
 141 Do sol cadente aos raios luminosos,
 Eis pouco a pouco, um fumo se elevando.
 Se condensa ante nós, qual noite, escuro;
 Abrigo ali de todo nos faltando,
 145 A vista nos tolheu, tolhendo o ar puro.

1-5. *Quanto caminho* etc., faltavam três horas para o ocaso, pois o Poeta nota que deveria transcorrer tanto tempo para o pôr do sol quanto transcorre entre o princípio do dia até a hora terça. — 6. *Lá vésperas* etc., no Purgatório faltavam três horas para o ocaso, eram vésperas; na Itália era meia-noite. — 16-21. *Assim como* etc., o poeta descreve o refletir da luz que bate sobre um espelho ou na água, no qual o ângulo de refração é igual ao ângulo de incidência. — 38. *Beati M isericordes*, Evang. S. Mateus V, 7. — 80. *As chagas cinco*, os cinco PP, que ainda Dante tem na testa. — 89. *Meiga matrona*, Maria Virgem, a qual tendo perdido o seu filho, encontrando-o depois de três dias, repreende-o com mansuetude. — 94. *De outra* etc., a mulher de Pisístrato, príncipe de Atenas, pediu ao marido vingança contra um jovem que beijara publicamente sua filha. — 107. *A pedradas mancebo assassinava*, Santo Estêvão, que foi apedrejado pela multidão.

CANTO XVI

Sempre ao lado de Virgílio, Dante continua a viagem. Denso fumo envolve os iracundos. Entre eles está Marco Lombardo, o qual lamenta os tempos que eram bons e agora ficaram maus. Dante pergunta de que depende essa mutação, e Marco responde a que corrupção dos tempos novos procede do mau governo do mundo e especialmente da confusão entre o poder espiritual e o poder temporal.

Sombra de inferno e noite carregada,
Em que o céu de um só astro não se aclara,
3 De nuvens, quanto o pode ser, toldada,
Véu tão grosso ao meu rosto não lançara,
Nem, ao contacto, fora tão pungente,
6 Como o fumo, que ali nos rodeara.
Fechados tinha os olhos totalmente:
Fiel o sábio sócio, me acudindo,
9 Deu-me em seu ombro arrimo diligente.
Qual cego, que ao seu guia vai seguindo
Por se não transviar, correr perigo,
12 Ou sofrer morte, de encontrão caindo,
Tal eu por aquele ar escuro sigo,
Atento ao Mestre meu, que repetia:
15 — “Cuidado! Não te afastes! Vem comigo!” —
Então vozes ouvi; me parecia,
Que paz, misericórdia suplicavam
18 Ao Cordeiro, que as culpas alivia.
Por *Agnus Dei* suaves começavam,
A letra era uma só como a toada,
21 Consonância entre si todas guardavam.
— “Por quem esta oração, que ouço, é cantada?” —

Perguntei. Disse o Mestre: — “É bom que o aprendas:
 24 Assim da ira a culpa é mitigada”.
 — “Quem és para que a névoa nossa fendas
 E assim fales, qual viva criatura,
 27 Que inda o tempo calcula por calendas?” —
 Disse uma voz do fundo na negrura.
 E Virgílio falou: — “Responde e exora
 30 Se por aqui se sobe para a altura”. —
 “Ó alma, que” — disse eu — “a graça implora
 De ir a Quem te criou mais pura e bela,
 33 Maravilha ouvirás, segue-me embora”. —
 — “Até onde for dado” — tornou-me ela —
 “Irei, e, se te ver não deixa o fumo,
 36 Nos tornará propínquos a loquela”. —
 “Nas mantilhas, que a morte acaba, ao sumo
 Assento” — comecei — “ora me alteio,
 39 Do inferno tendo vindo pelo rumo.
 “Se Deus permite, de bondade cheio,
 Que a dita eu goze de lhe ver a corte
 42 Por este, hoje de todo estranho, meio,
 “Revela-me quem foste antes da morte
 E qual nos deva ser a melhor via:
 45 Guiarás nossos passos desta sorte”. —
 — “Fui Lombardo e de Marco o nome havia;
 O mundo exp’rimentei, feitos amando,
 48 Pelos quais ninguém mais hoje porfia.
 A subir bom caminho vais trilhando”. —
 Falou-me assim e acrescentou: — “E rogo
 51 Intercedas por mim, ao Céu chegando”. —
 — “Quanto me pedes” — lhe replico logo —
 “Juro fazer, mas acho-me oprimido
 54 Por dúvida a que anelo desafogo.
 “Era simples; te ouvindo, tem subido
 A duplo grau, e assim me torna certo
 57 Do que hei aqui e noutra parte ouvido.
 “O mundo de virtude está deserto;

Tens sobeja razão, quando o lamentas,
60 Impa de mal, de vícios é coberto.
“Dize-me a causa, se na causa atentas?
Sabendo-a, aos outros revelá-la quero;
63 Virá do céu ou lá na terra a assentas?”
Suspiro em que se exprime dó sincero
Com *hui*, do peito exala. — “Irmão” — prossegue —
66 “Que o mundo é cego em ti bem considero.
“Vós, os vivos, julgais o céu entregue
De toda causa, a tudo assim movendo
69 Por necessária lei, que o mundo segue.
“Desta arte o livre arbítrio fenecendo,
Ao homem não coubera o que merece,
72 No bem prazer, no mal dor recebendo.
“Primeira inspiração aos atos desce
Do alto; a todos não; mas quando o diga,
75 No mal, no bem a luz não vos falece.
“Livre sendo o querer, quem se afadiga
E a primeira vitória do céu goza,
78 Vencerá tudo, se em querer prossiga.
“Natureza melhor, mais poderosa
Vos sujeita — a que cria e vos concede
81 Mente, que ao céu não prende-se humildosa.
“Se a causa, que do bom caminho arrede
O mundo em vós a tendes persistente;
84 Explorarei, fiel, o que sucede.
“Alma surge das mãos do Onipotente
Que, inda antes de nascida, lhe sorria
87 Qual menina, que ri, chora, inocente.
“Ingênua e simples, ela só sabia
De um Deus beni’no ser meiga feitura,
90 E a tudo, que a deleita, se volvia.
“Dos mais frívolos bens prende-a a doçura,
E, deles namorada, após lhe corre,
93 Se guia ou freio o amor lhe não segura.
“Nas leis consiste o freio, que a socorre;

Rei foi mister, que, ao menos, acertasse
 96 Da cidade de Deus em ver a torre.
 “Leis há, mas não quem leis executasse;
 Rumina esse pastor que os mais precede,
 99 Mas a unha fendida não lhe nasce.
 “E vendo a grei que o próprio guia a excede
 Em almejar os bens que mais deseja,
 102 Nestes se engolfa e mais nem quer nem pede.
 “Portanto, porque mau governo veja,
 Fica o mundo de culpas inquinado,
 105 Não porque em vós a corrupção esteja.
 “Bens sobre o mundo havendo derramado,
 Tinha Roma dois sóis, que alumiam
 108 O caminho de Deus e o do Estado.
 “Um ao outro apagou, e se ajuntaram
 Do Bispo o bago e do guerreiro a espada:
 111 Por viva força unidos, mal andaram.
 “Não mais se temem na junção forçada:
 Vê a espiga que prova estes efeitos;
 114 Pela semente é a planta avaliada.
 “Valor e cortesia altos proveitos
 Deram na terra que Ádige e Pó lavam,
 117 Antes que visse de Fred’rico os feitos.
 “Por ali os que outrora se pejavam
 De entrar dos bons na prática e na liga,
 120 Livres passam do quanto receavam.
 “Só três velhos opõe a idade antiga,
 Como censura, à nova: é-lhe já tardo
 123 Que Deus os chame dessa terra imiga:
 “Conrado de Palazzo, o bom Gherardo
 E Guido de Castel, que foi chamado,
 126 Ao estilo francês simples Lombardo.
 “De Roma a Igreja fique proclamado,
 Cai no ceno os poderes confundindo,
 129 Se enloda a si e o fardo seu pesado”.
 — “Tuas sábias razões, Marcos, ouvindo,

Vejo” — disse — “por que a Lei da herança
 132 Partiu, de Levi os filhos excluindo.
 “Mas qual Gherardo trazés à lembrança,
 Como glória e brasão da antiga gente,
 135 Que censura a este séc’lo impuro lança?” —
 — “Queres” — tornou — “tentar-me ou certamente
 Iludir-me? Em toscano me falando
 138 Do bom Gherardo dizes-te insciente?
 “Sobrenome de todo lhe ignorando,
 Dou-lhe o de Gaia, sua filha cara.
 141 Guarde-vos Deus, que eu vou-me, vos deixando.
 “Do fumo a densidão se torna rara,
 Branqueja o dia: devo já partir-me,
 Que a apresentar-se o anjo se prepara”. —
 145 Assim falando, mais não quis ouvir-me.

19. *Agnus Dei*, Jesus, símbolo de mansuetude, virtude contrária ao vício da ira. — 27. *Calendas*, uma das três partes em que o mês era dividido pelos romanos. — 46. *Fui Lombardo e de Marco o nome havia*, Marco de Veneza, chamado o Lombardo, homem sábio e prudente. — 98. *Rumina esse pastor* etc., a imagem deriva da lei mosaica pela qual se proibia que se comessem os animais não ruminantes e que não tivessem a unha partida. O ruminar exprime a sabedoria, a unha partida a ação. — 116. *Na terra* etc., a Lombardia e o Marca Trevisana. — 117. *De Frederico os feitos*, as guerras entre os papas e Frederico II da Suábia. — 124-125. *Conrado de Palazzo*, da Bréscia; *Gherardo* de Camino; e *Guido de Castel*, de Reggio. — 131-132. *Lei da herança* etc., segundo a lei mosaica, os descendentes de Levi, isto é, os levitas (os sacerdotes) não podiam possuir bens temporais.

CANTO XVII

Saindo do denso fumo, Dante, novamente em êxtase, vê exemplos de ira punida. Tornando a si, vê um anjo que está perto da escada do quarto compartimento. Os dois Poetas continuam a subir. Sobrevindo, porém, a noite, param e Virgílio explica ao discípulo que o amor é o princípio de todas as virtudes e de todos os vícios.

Leitor, se lá na alpina cordilheira
Te colheu névoa, que de ver tolhia,
3 Como se olhos tivemos de toupeira,
Lembra que, quando a úmida e sombria
Cortina a delgaçar começa, a esfera
6 Do sol escassa luz ao ar envia.
E mal tua mente imaginar pudera
Como de novo à vista se mostrava
9 O sol, que ao seu poente descendera.
Ao lume, que nos planos se finava,
Do Mestre os passos fido acompanhando
12 Saí da cerração, que me cercava.
Fantasia que, o espírito enlevando,
Tanto o homem dominas, que não sente
15 Clangor de tubas mil, juntas soando,
O que te move, estando o siso ausente?
Luz que desce por si, no céu formada,
18 Ou por querer do céu onipotente.
Cuidei súbito ver a que mudada,
Dos crimes seus em pena, foi nessa ave,
21 Que em trinar mais se mostra deleitada.
Tanto minha alma, na visão suave,
Extática ficou, que não sentia

24 Outra impressão qualquer que a prenda e trave.
Naquele êxtase logo após eu via
Em cruz um homem de feroz semblante:
27 Nem a morte a arrogância lhe abatia:
‘Stava o grande Assuero não distante,
Ester, a esposa e Mardoqueu prudente,
30 Justo nos feitos, no dizer prestante.
E fugiu-me esta imagem prontamente,
Como a bolha, que de água se formara
33 E à falta de água esvai-se de repente.
Donzela eis na visão se me depara
Que em prantos exclamava: — “Ó mãe querida
36 Por que tomaste irosa a morte amara?
“Perdes, por não perder Lavínia, a vida
E perdida me tens: teu fim deplora,
39 Mas não o de outro, a filha dolorida”. —
Como se rompe o sono, se de fora
Luz repentina as pálpebras nos desce;
42 Não morre logo, em luta se demora:
Minha visão assim se desvanece,
Quando as faces clarão tão vivo lava,
45 Que na terra outro igual nunca esclarece.
Volvi-me para ver onde me achava;
Mas, ouvindo uma voz — “Sobe esta escada” —
48 De qualquer outro intento me apartava.
Por saber quem falara foi tomada
Minha alma de um desejo tão veemente,
51 Que fora, se o não viesse, conturbada.
Como ao sol, que deslumbra em dia ardente,
Sendo-lhe véu seu lume flamejante,
54 Senti perdida a força incontinenti.
— “Espírito é celeste: vigilante
Sem rogos, o caminho nos indica:
57 O próprio brilho esconde-o fulgurante.
“Como o homem consigo, assim pratica;
Quem, mal extremo vendo, só rogado

60 Acode, esquivo ser já significa.
 “A tal convite o pé seja apressado!
 Antes da noite rápidos subamos;
63 Depois somente quando o sol for nado”. —
 Disse o meu Guia; e logo encaminhamos
 Os passos, de uma escada em direitura.
66 Ao primeiro degrau quando chegamos
 Mover de asas ao perto se afigura,
 Bafejo sinto; e ouço: — “É venturoso
69 Quem ama a paz, isento de ira impura!” —
 No alto já do céu o luminoso
 Rasto, da noite precursor, surgira,
72 De astros assoma o exército formoso.
 — “Ai de mim! Por que a força minha expira?” —
 Disse, entre mim, sentindo que, esgotada,
75 Súbito às pernas o vigor fugira.
 Tendo alcançado o topo já da escada,
 Imóveis nos quedamos, imitando
78 A nau, que aferra a praia desejada.
 A escutar ‘stive um pouco, interrogando
 Daquele novo círc’lo algum somido;
81 Depois ao Mestre me voltei falando:
 — “No lugar em que estamos, pai querido,
 Que pecado recebe a pena sua?
84 Parando os pés, teu verbo seja ouvido”.
 Tornou-me: — “Se do bem o amor recua
 No seu dever, aqui se retempera;
87 Sobre o remisso a expiação atua.
 “Por melhor compreenderes, considera
 No que digo: a detença, porventura,
90 Dará o fruto, que tua mente espera.
 “Ao Criador, meu filho, e à criatura
 Nunca falece amor — tens já sabido —
93 Ou venha da alma ou venha da natura.
 “O amor natural de erro é despido;
 Pode pecar o outro pelo objeto,

96 Por nímio ardor, por ‘star arrefecido.
“Quando aos bens principais ele é direto
E nos bens secundários moderado,
99 Causar não pode criminoso afeto.
“Se ao mal, porém, se torce ou, desregrado,
De menos ou de mais ao bem se move,
102 Ofende ao Criador quem foi criado.
“Tens, pois, o necessário, que te prove
Que amor em vós semente é de virtude,
105 Como é dos feitos, que o céu mais reprove.
“E como o amor o bem somente estude
Do seu sujeito, quando o amor domina,
108 Não pode ser que em ódio a si se mude.
“E porque nenhum ente se imagina
Sem ter no que criou a causa sua,
111 Ódio em nenhum contra este se origina:
“Contra o próximo é, pois, que se insinua
Do mal o amor, pecaminoso.
114 No humano limo em modos três atua.
“Qual, da grandeza, e glória cobiçoso,
As espera em ruína de outro, e anela
117 Vê-lo em terra prostrado e desditoso;
“Qual, temor de perder, triste, revela
Valia, honra e poder, se outro os partilha
120 E em querer-lhe o contrário se desvela;
“Mágoa sentindo de uma injúria filha,
Qual porfia em vingar-se, e, de ira ardendo,
123 De mal fazer os meios esmerilha.
“Do mal este amor tríplice nascendo,
Lá embaixo se expia; mas atende
126 Ao que vai desregrado, ao bem correndo.
“Confusamente cada qual se acende
Por certo bem e sôfrego o deseja:
129 Por ter-lhe a posse, afana-se e contende.
“O que do bem no amor inerte seja
Depois que do pesar sofrera agrura,

132 É justo que em martírio aqui se veja.
 “Há outro bem; não dá, porém, ventura.
 Felicidade não é, não é a essência
135 De todo o bem, o fruto, a raiz pura.
 “O amor, que a tal bem vota a existência,
 Acima em círc’los três há seu tormento:
 Por que assim se divide, a inteligência,
139 Sem te eu dizer, dar-te-á conhecimento”. —

20. *Nessa ave* etc., Filomena, por se vingar de ter sido ultrajada por Teseu, deu-lha de comer os próprios filhos e foi por isso transformada pelos deuses em rouxinol. — 26. *Em cruz um homem* etc., Aman, ministro do rei Assuero, foi crucificado na cruz que ele havia mandado levantar para o inocente Mardoqueu (Ester II, 5). — 34. *Donzela*, Lavínia, filha do rei Latino e da rainha Amata. — 37-39. *Perdes* etc., a rainha Amata, supondo que Turno, noivo de Lavínia, tivesse sido morto por Eneias, suicidou-se.

CANTO XVIII

Virgílio continua a falar sobre o amor. No entanto, as almas dos preguiçosos vão passando diante dos Poetas, lembrando exemplos da virtude contrária à preguiça, e, depois, de punição da preguiça. Uma das almas dá-se a conhecer a Dante. É o abade de S. Zeno, em Verona. Dante cai em profundo sono.

Palavras tais já proferido havia
O Vate excelso e, atento, me observava
3 Por ver se eu satisfeito parecia;
E eu, em maior sede me inflamava,
Calando-me, entre mim dizia: “O excesso,
6 Que nas perguntas há, talvez o agrava”. —
Mas o sincero pai, sempre indefeso,
Meu silêncio notando e o que o motiva
9 Logo animou-me a lho fazer expresso.
— “Minha vista” — falei — “tanto se aviva
À luz do verbo teu, Mestre, que ao claro
12 Vejo o que da razão tua deriva.
— “Rogo-te, pois, ó pai beni’no e caro,
Me ensines esse amor, de que descende
15 Todo o mal, todo o bem ao mundo ignaro”. —
— “Volve a mim” — disse — “a luz, que mais se acende
No espírito e há de ser-te bem patente
18 Quanto erra o cego que guiar pretende.
“Alma criada para amar ardente,
A tudo corre, que lhe dá contento,
21 Se despertada do prazer se sente.
“Do que é real o vosso entendimento
Colhe imagens que em modo tal desprega,
24 Que alma pra elas sente atraimento.

“Se alma, enlevada, ao seu pendor se entrega,
 Esse efeito é amor, própria natura,
 27 Em que o prazer novo liame emprega.
 “E, como o fogo se ala para a altura
 Por sua forma, que a elevar-se tende
 30 Ao foco, onde o elemento seu mais dura,
 “Assim pelo desejo a alma se acende,
 Ação esp’ritual que não se aquieta,
 33 Se não consegue a posse, que pretende.
 “Vê, pois, que da verdade excede a meta
 Quem acredita e aos outros assevera
 36 Que todo o amor de si é coisa reta.
 “Em gênero talvez se considera
 O amor sempre bom; mas todo selo
 39 É bom, inda que seja boa a cera?
 — “Se, te ouvindo” — tornei — “com mor desvelo
 Do que ser pode o amor fico inteirado,
 42 Dúvidas hei, que esclarecer anelo.
 “Pois que amor é de fora derivado,
 Pois que a alma de outra sorte não procede,
 45 No bem, no mal o mérito é frustrado”. —
 — “Dizer-te posso o que a razão concede” —
 Tornou — “do mais a Beatriz somente,
 48 Por ser ato de fé, solução pede.
 “Forma substancial, que não depende
 Da matéria, porém com ela unida,
 51 <Specífica virtude tem latente.
 “Só, quando atua, pode ser sentida;
 Denúncia do que seja dá no efeito,
 54 Como em planta a verdura indica a vida.
 “Das primeiras noções onde o conceito
 Nasceu? Donde apetites vêm primeiros,
 57 A que o homem no mundo está sujeito?
 “Como o instinto do mel na abelha, inteiros
 Em vós estão, louvor não merecendo,
 60 Nem censura também, íncios obreiros.

“Tudo desses pendores dependendo,
Inata a faculdade é que aconselha,
63 A porta do consenso em guarda tenho.
“Em tal princípio a causa se aparelha,
De que procede em vós merecimento:
66 Repele o mau amor, no bom se espelha.
“Os sábios, estudando o fundamento
Das coisas, vendo inata a liberdade,
69 Da moral vos tem dado o ensinamento.
“E, supondo que por necessidade
Nascesse todo o amor, que vos incende,
72 Tendes para contê-lo potestade.
“Nobre virtude ser Beatriz entende
O livre-arbítrio; e, quando lhe falares,
75 A isto mesma a memória atento prende”.
Como alcanzia a flamejar nos ares,
A lua à meia-noite, já ardia,
78 Escurecia os outros luminares;
E, contra o céu, caminho percorria,
Por onde o sol vai pôr-se, quando a Roma,
81 Entre Sardenha e Córsega, alumia.
Havia a sombra ilustre, por quem toma
A fama Ande à cidade mantuana,
84 Do peso meu aliviado a soma:
Quando eu, que explicação lúcida e plana
Sobre as minhas questões tinha alcançado,
87 Sinto que a mente sonolência empana.
Desse quebranto súbito arrancado
Por turba fui, que, após se encaminhando,
90 A nós vinha com passo acelerado.
E como o Ismeno e Asopo, outrora, em bando,
Correr viam Tebanos ofegantes,
93 Por noite Baco em alta voz cantando,
A multidão, assim, dos caminhanes,
De bom querer e justo amor tocados
96 Pelo círc’lo apressavam-se anelantes.

E, pois, tinham-se em breve aporreado;
 Na carreira chorando afadigosa,
 99 Assim gritavam dois mais avançados:
 — “Maria corre ao monte pressurosa;
 César rende Marselha, e contra Ilerda
 102 Rápido voa à Espanha revoltosa. —
 — “Pressa; pressa! De tempo já sem perda!
 Pouco zelo não haja!” — outros clamaram —
 105 “Não refloresce a Graça nalma lerda!” —
 — “Vós, em que tais fervores se deparam,
 Que talvez negligência ides remindo
 108 Dos tempos, que no bem não se empregaram,
 “Dizei a um vivo (estais verdade ouvindo),
 Que partir-se pretende à nova aurora.
 111 Se é perto a entrada, donde vá subindo”.
 A voz do Mestre meu desta arte exora.
 Dos espíritos um lhe respondia:
 114 — “Vem conosco: não longe ela demora.
 “Anelo de ir avante nos desvia
 De detença: perdoa, por bondade,
 117 Se há, cumprindo um dever, descortesia.
 “De S. Zeno em Verona fui abade
 De Barba roxa, o bom, sob o reinado
 120 De quem Milão se lembra sem saudade.
 “Alguém que à sepultura está curvado
 Há de em breve chorar esse mosteiro
 123 E o poder, com que o tinha dominado;
 “Pois, em dano ao pastor seu verdadeiro,
 Ao filho malnascido, o cometera,
 126 No corpo horrendo, na maldade useiro”.
 Não sei se inda falou, se emudecera,
 De nós já velozmente se alongara,
 129 Mas ouvi-lo e notá-lo me aprazara.
 Então disse-me quem me guia e ampara:
 — “Volve-te, atenta nestes dois: correndo
 132 Nos lentos mordem com censura amara”. —

— “Avante!” — os dois no coice vêm dizendo —
 Os que se abrir o mar viram, morreram,
 135 A herança do Jordão não recebendo,
 “E os que o filho de Anquises não quiseram
 Seguir até seu fim nas árdua jornada
 138 Fama e glória por gosto seu perderam”. —
 Depois, daquela grei ‘stando afastada
 Tanto, que eu divisá-la não podia,
 141 De nova ideia a mente foi tomada,
 Outras surgindo após de romaria;
 E tanto de uma em outra vagueava.
 Que pouco a pouco o sono me invadia,
 145 E o pensamento em sonho se mudava.

76. *Alcanzia*, bola de barro. — 77. *A lua à meia-noite* etc., a lua que demorava a surgir até quase meia-noite, com o seu fulgor, escurecia as outras estrelas. — 79. *E contra o céu* etc., corria de ponente para o levante por aquele caminho do Zodíaco no qual está o sol quando o habitante de Roma o vê descer entre a Sardenha e a Córsega. — 83. *Ande* (depois Pietola), aldeia perto de Mântua, na qual Virgílio nasceu. — 91. *Ismeno e Asopo*, rios da Beócia. — 100. *Maria corre ao monte* etc., a Virgem Maria, logo depois do anúncio do nascimento de Jesus, correu para visitar sua prima Isabel (Evang. S. Lucas I, 39). — 101. *César rende* etc., Júlio César, com grande celeridade, deixando parte do seu exército no assédio de Marselha, com a outra parte dirige-se para Ilerda. — 118. *De S. Zeno em Verona* etc., Geraldo, abade de S. Zeno. — 119. *Barba roxa* o imperador Frederico I, que em 1162 destruiu a cidade de Milão. — 121. *Alguém que à sepultura está curvado* etc., o velho Alberto della Scala, que destituiu Geraldo de seu cargo de abade, substituindo-o por um seu filho bastardo que, além de coxo, era malvado. — 134-135. *Os que se abrir o mar viram* etc., os filhos de Israel que, por sua preguiça, morreram no deserto, não alcançando a Terra Prometida. — 136. *E os que o filho de Anquise* etc., os Troianos que não tiveram a coragem de seguir Eneias (Eneida V, 604).



CANTO XIX

No sono, Dante tem uma visão misteriosa. Acordando, conta-a a Virgílio, o qual a explica. Sobem, depois, os Poetas ao Quinto compartimento, no qual se purificam os avarentos, debruçados no chão. Entre eles está o papa Adriano V, Ottobuono de Fieschi, que lhe pede que o recomende à sua sobrinha Alágia.

 Chegada essa hora, em que o calor diurno
 Não mais da lua a frigidez aquece,
3 Pela terra vencido ou por Saturno,
 Quando ao geomante fúlgida aparece
 A Fortuna Maior lá no Oriente,
6 Donde rápida a noite se esvaece,
 Sonhando vi mulher balbuciente,
 Que vesga era nos olhos, nos pés torta,
9 De mãos truncadas e de tez palente.
 Eu a encarava; e como o sol conforta
 Os membros a que a noite o frio agrava,
12 Ao meu olhar assim a quase morta
 Língua movia; o corpo já se alçava,
 E no terreno e lívido semblante
15 A cor, que amor estima, se mostrava.
 Soltando a voz, há pouco titubante,
 Doce canto entoava tão donosa,
18 Que me absorvia o enlevo inebriante.
 — “Sereia sou” — cantava — “deleitosa,
 Que da rota desvia os mareantes,
21 Tanto prazer lhes movo poderosa.
 “Detiveram meus cantos fascinantes
 Ulisses vago; e raros me deixaram,
24 A todos prende o som dos meus descantes”. —
 Junto a mim, mal seus lábios se fecharam,
 Eis se mostrava dama santa e presta:
27 A sereia os seus olhos conturbaram.

— “Dize, ó Virgílio: que mulher é esta?” —
 Bradava irosa; e o Vate lhe acorria,
 30 Respeitoso ante aquela face honesta.
 Dela a dama travava e prosseguia,
 Seus véus rasgava, o ventre desnudando:
 33 Desperto ao cheiro infando que saía.
 Olhos abri. Virgílio, me falando:
 — “Três vezes te chamei” — disse — “eia! asinha
 36 Vamos, o passo onde entres, procurando”. —
 Ergui-me logo. Alumiados tinha
 O dia os círculos todos do alto monte;
 39 Pelas costas surgindo o sol nos vinha.
 Após o Mestre se me inclina a fronte,
 Como a quem, de cuidados oprimido,
 42 Curva a cerviz, semelha arco de ponte,
 — “Aqui se passa: vinde!” — proferido
 Foi por voz tão suave, tão beni’na,
 45 Que não fora igual som na terra ouvido.
 Da rocha entre os dois muros nos desi’na
 Quem falara, o caminho, asas abrindo,
 48 Que tem do cisne a alvura purpurina.
 Depois as níveas plumas sacudindo,
 — “Os que choram” — bradou — “são venturosos
 51 De consolo a esperança possuindo!” —
 — “Por que os olhos no chão fitas cuidadosos?”
 O Mestre perguntou, depois que alçou-se
 54 Voando o anjo aos ares luminosos.
 — “Em recente visão, Senhor, mostrou-se
 Imagem” — respondi — “que tanto instiga
 57 Que inda a sua impressão não mitigou-se”. —
 — “A mágica” — me disse — “viste antiga,
 Que lá mais alto tanta dor motiva?
 60 Como o homem viste dela se desliga?
 “Não mais! Avante segue, o alento aviva!
 Olhos volve ao reclamo, com que gira
 63 Do Rei Eterno cada esfera altiva”. —

Como faz o falcão, que os pés remira,
 Depois ao grito acode e, acelerado,
 66 Contra a ralé, que avista, ao ar se atira:
 Assim eu; e por onde era cortado,
 Para trânsito dar ao monte erguido,
 69 Corri té outro círculo, apressado.
 Tendo ao círculo quinto já subido,
 Jazer vi turba inúmera em lamento:
 72 Para baixo era o rosto seu volvido.
 “*Adhaesit anima mea pavimento*” —
 Com tanta dor diziam suspirando,
 75 Que da voz mal caí no entendimento.
 — “Dizei, de Deus eleitos, que, penando,
 Colheis alívio na justiça e esp’rança,
 78 Por onde ao cimo iremos caminhando”. —
 — “Se a nossa punição não vos alcança
 E mais pronta quereis ter a subida,
 81 À direita e por fora que se avança”. —
 Do meu Guia a pergunta respondida
 Foi por uma alma, que adiante estava
 84 Ser outra ideia eu cri nisso escondida.
 Então, olhos voltando, interrogava
 Virgílio, que aprovou com ledó gesto
 87 O desejo, que o rosto denotava
 Da permissão do Mestre usando presto,
 Daquele ente acerquei-me doloroso,
 90 Que se fez por palavras manifesto.
 — “Tu, que, expiando as culpas lacrimoso,
 Apressas de te erguer à glória o dia,
 93 Por mim para em teu pranto fervoroso.
 “Quem foste? Por que assim jazeis?” — dizia —
 “No mundo, donde venho vivo, impetre
 96 Por teu bem querer coisa de valia?” —
 — “Convém que o teu espírito penetre
 Desta pena a razão; porém primeiro
 99 *Scias quod ego fui successor Petri.*

“Do meu solar o título altaneiro
 Origem teve nesse rio belo,
 102 Que entre Chiaveri e Siestre flui ligeiro
 “Em pouco mais de um mês vi que desvelo
 Custa guardar o grande manto puro:
 105 Todo outro fardo é pluma em paralelo.
 “Quanto — ai de mim! — de converter fui duro!
 Mas, apenas Pastor em Roma eleito,
 108 Eu soube quanto mente o mundo impuro.
 “Não gozou paz, nem quietação meu peito:
 Mais alto já subir se não pudera:
 111 Então da vida eterna ardi no afeito.
 “Minha alma, triste e mísera, perdera
 De Deus o amor em sórdida avareza:
 114 Esta pena, que vês, bem merecera
 “De tal pecado mostra-se a graveza
 Aqui pelo castigo, em que se expia:
 117 No monte outro não há de mor asp’reza.
 “Como ao céu nossa vista não se erguia,
 Nas coisas terreaux embevecida,
 120 Assim justiça à terra a prende e lia.
 “Como a avareza em nós tinha extinguida
 A propensão ao bem, aos santos feitos,
 123 Assim nos tem justiça a ação tolhida.
 “Pés e mãos ata em vínculos estreitos:
 Enquanto a Deus prouver, nós, estendidos,
 126 Imóveis estaremos nesses leitos”. —
 De joelhos e de olhos abatidos
 Quis falar-lhe; mas ele, conhecendo
 129 Esse meu ato só pelos ouvidos,
 — “Por que te curvas?” — me atalhou dizendo.
 — “Em reverência à vossa dignidade:
 132 Cumpro um dever dessa arte procedendo”. —
 — “Ergue-te, irmão! Não erres! Em verdade,
 Eu como tu, e o universo inteiro
 135 A lei seguimos de uma só vontade.

“Do Evangelho o sentido verdadeiro
 Que disse — *neque nubente* — se entendeste,
 138 Verás o meu pensar quanto é certo.
 “Vai-te agora, demais te detiveste.
 Saudável pranto empece a tua estada:
 141 Perdão apressam lágrimas, disseste.
 “Sobrinha tenho, Alágia foi chamada:
 É boa, se da raça tão funesta
 Não pervertê-la a tradição danada.
 145 Somente esta no mundo ora me resta”. —

1. *Essa hora etc.*, a manhã, pouco antes do alvorecer. — 5. *A Fortuna Maior*, uma das combinações que os geomantes desenhavam para adivinhar a sorte e que se parecia à constelação do Aquário e, em parte, à dos Peixes. — 7. *Mulher balbuciente etc.*, símbolo dos vícios. — 19-26. *Sereia*, metade mulher e metade peixe; *dama santa*, símbolo da prudência e das virtudes. — 62. *Reclamo*, instrumento com o qual o caçador atrai as aves. — 73. *Adhaesit anima mea pavimento*, minha alma esteve pregada ao chão (às coisas materiais), Salmo CXIX, 25. — 99. *Scias quod ego fui successor Petri*, saibas que fui sucessor de Pedro. É o espírito do papa Adriano V, Ottobuono de Fieschi, conde de Lavagna. — 137. *Neque nubent*, palavras de Jesus aos saduceus; no Céu não há núpcias. Com essa expressão, Adriano V quer que Dante entenda que ele não deve mais considerá-lo esposo ou chefe da Igreja. — 142. *Alágia* dei Fieschi, casada com Moroello Malaspina.



CANTO XX

Os dois Poetas ouvem uma alma recordar exemplos de pobreza honesta e da generosidade benfazeja. É Hugo Capeto, fundador da casa dos reis da França, o qual censura asperamente os seus descendentes. Ouve-se, no entanto, tremer o monte e cantar “Gloria in excelsis Deo”.

Em luta, o bem querer ao mau se alteia.
Por contentar essa alma, eu, descontente,
3 Da água tirei a esponja, inda cheia.
Sigo os passos do guia diligente,
Do monte à extrema borda caminhando,
6 Como em muro entre ameias, cautamente.
O espaço mais largo enchia o bando,
Que a avareza, do mundo atroz imiga,
9 Expurga, pranto em fio derramando.
Maldita sempre seja, Loba antiga,
Mais do que as outras feras cobiçosas!
12 Jamais a fome tua se mitiga!
Ó céu, cuja carreira portentosa
As condições se crê reger da vida,
15 Quando virá quem lance a besta ascosa?
A passo lento e escasso era a subida,
Atento eu indo à turba, que exprimia
18 Por carpir lamentoso a dor sentida.
Eis ante nós dizer: — “Doce Maria!” —
Uma voz escutei no amargo pranto,
21 Qual mulher que no parto a dor crucia.
Acrescentou: — “Bem pobre foste e tanto,
Que à luz trouxeste lá no humilde hospício
24 Do seio virginal o fruto santo”. —
E logo após ainda: — “O bom Fabrício,
Com virtude antes pobre ser quiseste
27 Do que a opulência possuir com vício”. —
De tal prazer meu coração se veste

Ouvindo, que avançava pressuroso
30 Por que ao perto, maior atenção preste.
Também contava esse ato generoso,
Que em prol das virgens Nicolau fizera
33 Para guardar-lhes puro o estado honroso.
“Alma, que tão bem falas, diz sincera,
— Quem foste?” — lhe disse eu — “Por que somente
36 A tua voz a virtude aqui venera?
“Se eu à vida tornar, que brevemente
Levar-me deve ao suspirado porto,
39 Em te ser grato ficarei contente”. —
E ele: — “Falarei, não por conforto
Lá do mundo esperar, mas porque tanta
42 Graça refulge em ti antes de morto.
“Estirpe fui dessa maligna planta
Que o solo esteriliza à cristandade:
45 Se frutos bons produz, fato é que espanta.
“A vingança, se houvessem faculdade,
Lilla, Bruges, Conai, Grandja tomaram;
48 Férvido a peço à Suma Potestade.
“Na terra Hugo Capeto me chamaram:
Dos Filipes fui tronco e dos Luíses,
51 Que novamente a França dominaram.
“Foi meu pai carnicheiro. Os infelizes
Antigos Reis progênie não deixando,
54 Exceto um monge, às minhas mãos felizes,
“Parar daquele reino veio o mando.
Tanto prestígio tinha, tal pujança
57 Dos povos na vontade fui ganhando,
“Que a c’roa o meu querer cingir alcança
Do filho meu à frente, em que começa
60 A prole ungida desses Reis de França.
“O provençal grã dote havendo, cessa
Na raça minha a prístina vergonha:
63 Somenos, mas aos bons não fora avessa.
“Rapinas pela força e ardis, que sonha

Começando, invadiu por penitência
66 Pontois, Normandia com Gasconha.
“Carlos, Itália entrando, em penitência
 Vitimou Conradino; e triunfante
69 Ao céu mandou Tomás, por penitência.
“Em tempo, do presente não distante,
 Inda outro Carlos vir de França vejo
72 E fama a si e aos seus dar mais sonante.
“Sai sem armas; traz só naquele ensejo
 Lança de Judas, que a Florença aponta:
75 Rasga-lhe o peito, como é seu desejo.
“Terás não terras, mas pecado e afronta,
 Que se lhe há de tornar tanto mais grave,
78 Quanto ele a tem de pouco preço em conta.
“Outro, que preso sai da própria nave,
 Vejo a filha vender, como fizera
81 Aos escravos pirata: ó pai suave!
“Avareza! o que mais de ti se espera,
 Se o meu sangue a tal raiva hás arrastado,
84 Que te deu sua carne em pasto, ó fera?
“Para o mal igualar, porvir, passado,
 Entrando Alagni flor-de-lis se ostenta,
87 E Cristo em seu Vigário é cativado.
“Injúrias vejo novas que exp’rimenta,
 Fel, vinagre sorver o vejo ainda
90 E entre vivos ladrões ter morte lenta.
“Vejo o novo Pilatos, que, não finda
 A sanha sua, sem decreto assalta
93 O Templo aceso na cobiça infinda.
“Senhor meu! Pois que excesso nenhum falta,
 Quando ante a punição serei ditoso,
96 Que oculta, o teu juízo adoça e exalta?
“Quanto ao que me inquiriste curioso,
 As palavras, que, há pouco, eu dirigia
99 Do ‘Spírito Santo à Esposa fervoroso,
“São nossas orações enquanto é dia.

Mas contrários exemplos invocamos,
 102 Quando a sombra da noite principia.
 “Então Pigmalião nós recordamos
 Que foi traidor, ladrão e parricida
 105 A sua sede de ouro condenamos.
 “E a miserável condição de Mida,
 Do rogo seu estulto resultado,
 108 Sempre do mundo inteiro escarnecida.
 “De Acam o louco feito é memorado.
 Que os despojos roubara, e ainda a ira
 111 De Josué receia amedrontado.
 “Com seu marido acusa-se Safira
 E louva-se o mau fim de Heliodoro.
 114 Por todo o monte imenso brado gira
 “Contra o que tirou vida a Polidoro.
 — Dize do ouro o sabor, Crasso avarento! —
 117 Também clamamos todos nós em coro.
 “Qual murmura, qual grita em seu lamento,
 Segundo o afeto que o estimula e agita,
 120 Segundo é fraco ou forte o sentimento.
 “Eu único não era, pois, que em grita
 O bem, que ao dia é próprio ia dizendo:
 123 Não alçava outro perto a voz bendita”. —
 Essa alma já deixáramos, fazendo
 Esforço por vencer a altura ingente,
 126 Que adiante se estava oferecendo,
 Eis tremer sinto o monte de repente.
 O coração no peito se me esfria,
 129 Qual réu, que à morte arrasta-se palente.
 Delos, por certo, assim não se movia,
 Quando por ninho a preferiu Latona,
 132 Que os dois olhos do céu parir queria.
 De toda parte um brado então ressona
 Tanto, que o Mestre, para mim voltando,
 135 — “Não há risco” — me diz — “teu Guia o abona!”
Gloria in excelsis Deo — era entoado,

Quanto a voz perceber foi permitido
 138 Do ponto, a que o rumor me foi levado.
 Quedos, como os pastores tendo ouvido
 À vez primeira outrora aquele canto,
 141 Ficamos té findar moto e soído.
 Depois seguimos no caminho santo,
 Vendo as almas prostradas sobre a terra.
 144 Sempre a verter o costumado pranto.
 E se a memória nisto em mim não erra,
 Jamais desejo, que a ignorância acende,
 147 Na mente me excitara tanta guerra,
 Quanto naquele instante em mim contende.
 Nem pela pressa, eu perguntar ousava,
 Nem o que ouvia o espírito compreende.
 151 Tímido assim e pensativo andava.

10. *Loba antiga*, a avareza. — 23. *Humilde hospício*, a gruta de Belém, onde nasceu Jesus. — 25. *Bom Fabrício*, C. Fabrício, general romano, recusou o dinheiro que o inimigo de Roma lhe oferecia. — 32. *Nicolau*, S. Nicolau, bispo de Mira, dotou várias jovens pobres. — 43. *Estirpe fui*, Hugo Capeto, fundador da dinastia dos reis de França. — 52. *Foi meu pai* etc. Segundo a tradição, Hugo Capeto, filho de um carnicheiro, desposou a filha do último rei carlovíngio. — 61. *O provençal*, Carlos I de Anjou, por casamento, herdou a Provença. — 67. *Carlos, Itália entrando*, Carlos I de Anjou conquistou o reino de Nápoles, mandou matar Conradino de Suábia e, segundo uma tradição, fez envenenar S. Tomás de Aquino quando este se dirigia para o concílio de Lião. — 71. *Outro Carlos*, de Valois, que foi a Florença em veste de pacificador e expulsou os Brancos, entre os quais Dante. — 86. *Entrando Alagni* etc., o papa Bonifácio VIII, em 1303, por ordem de Filipe o Belo, foi aprisionado em Alagni. — 103. *Pigmalião* matou seu tio Siqueu para roubá-lo. — 106. *Mida*, rei mitológico, recebeu a faculdade de transformar em ouro tudo o que tocava e morreu de fome. — 109. *Acam*, guerreiro israelita, depois da conquista de Jericó, desobedecendo às ordens de Josué, escondeu o que saqueou e foi condenado à morte. — 112. *Safira* e seu marido, Ananias,

querendo roubar o dinheiro pertencente à comunidade cristã, foram fulminados. — 113. *Heliodoro*, entrara no templo de Jerusalém para roubar, mas foi expulso por um cavalo a patadas. — 115. *O que tirou a vida a Polidoro*, Polinestor, rei da Trácia, matou Polidoro, filho de Príamo, para roubá-lo. — 116. *Crasso*, romano, homem muito rico e avarento. — 130. *Delos*, ilha do mar Egeu. Segundo a mitologia, era instável antes que nela se estabelecesse Latona, que deu à luz Apolo e Diana. — 136. *Gloria in excelsis Deo*, o canto dos anjos na noite em que nasceu Jesus.

CANTO XXI

Enquanto os dois Poetas continuam no seu caminho, uma alma se aproxima deles. É o poeta latino Estácio, o qual explica que o abalo do monte que se deu pouco antes foi o sinal de que, purificado dos seus pecados, ele pode subir ao Céu. Sabendo que está falando com Virgílio, Estácio demonstra-lhe o seu afeto.

A sede natural, que não sacia
Senão a água, que, súplice, implorava
3 Ao senhor a mulher de Samaria,
Molestando-me, os passos me apressava
Após meu Guia na impedida estrada,
6 E do justo castigo o dó me entrava.
Eis, como escreve Lucas na sagrada
História que Jesus aparecera,
9 Ressurgido, aos dois sócios na jornada,
Uma sombra surgiu; trás nós viera.
Andando aquela turba contemplava:
12 Dela fé nem o Mestre, nem eu dera.
— “Deus vos dê paz, irmãos!” — assim falava.
Voltamo-nos de súbito, e Virgílio,
15 Cortês no gesto, a saudação tornava
Logo dizendo: — “Do feliz concílio
Te receba na paz a santa corte,
18 Que a mim me desterrou no eterno exílio!”
— “Como andais” — respondeu — “com passo forte.
Se Deus no céu vos não permite a entrada?
21 Quem vos conduz na altura desta sorte?” —
— “Os sinais de que a fronte está marcada
Deste homem por um anjo” — diz meu Guia —

24 “To mostram di’no da eternal morada,
“Mas, como aquela, que, incessante fia,
Não lhe havia inda a estriga consumido,
27 Que impõe Cloto ao que a vida principia,
“Subir só não teria ao céu podido
A sua alma, irmã tua, como é minha,
30 Pois não há, como nós, ver conseguido.
“Do inferno às fauces fui tirado asinha
Para guiá-lo, e o guiarei contente
33 No que do meu saber não passe a linha.
“Se puderes, me diz, por que o emitente
Monte, há pouco, tremeu, e desde a c’roa
36 À base retumbou clamor ingente”. —
A pergunta ao desejo tão bem soa,
Que ouvi-la a sede ardente me alivia,
39 Somente uma esperança mitigou-a.
— “Quanto hás notado” — a sombra respondia —
“Em nada os ritos da montanha altera:
42 De estranheza motivo não seria.
“Mudança aqui supor se não pudera:
Subindo ao céu quem pertencer-lhe deve,
45 A causa dá-se que esse efeito opera.
“Nunca saraiva, chuva, orvalho ou neve
Nesta montanha cai, passando a altura
48 Dos três degraus que estão na escada breve.
“Aqui não vê-se nuvem clara ou escura,
Relâmpago não luz, nem de Taumante
51 Mostra-se a filha, que tão pouco dura.
“Jamais daqueles três degraus avante,
Em que de Pedro o sucessor domina,
54 Seco vapor se eleva um só instante.
“Tremor talvez a sua base inclina;
Mas não atua no alto oculto vento,
57 Que não sei como dentro se amotina.
“Quando já de estar puro o sentimento
Uma alma tem e se ala ao céu, que a chama,

60 Segue o tremor e o grito ao movimento.
“Seu querer a pureza lhe proclama,
Prova que tem de alçar-se a liberdade
63 Por força do desejo, em que se inflama.
“Antes o tem; mas contra essa vontade
A divina justiça ardor lhe inspira
66 Por pena, como o teve por maldade.
“Eu que em martírio decorridos vira
Anos quinhentos, à melhor morada,
69 Momentos poucos há, pus livre a mira.
“Eis do tremor a causa declarada!
Do Senhor eis por que, louvor cantando,
72 Rogou cada alma em breve ser chamada!” —
Calou-se. E como, a tanto mais gozando
Está quem bebe, quanto é mor a sede,
75 Indizível prazer tive escutando.
— “Vejo” — disse Virgílio — “agora a rede,
Que vos prende e depois dá liberdade,
78 Onde o tremor e o júbilo procede.
“Explicar-me te praza ainda, em verdade,
Quem tu foste e a razão por que hás jazido
81 Séc’los tantos em tanta asperidade”. —
— “No tempo em que o bom Tito, protegido
Por Deus, vingou as chagas que verteram
84 Sangue, por Judas” — replicou — “vendido,
“Na terra o nobre título me deram,
Que mais honra perdura, e fui famoso:
87 Inda os lumes da fé me não vieram.
“Dos meus cantos o som foi tão donoso,
Que de Tolosa a si me atraiu Roma:
90 C’roas me deu de mirto glorioso.
“De Estácio o nome ainda o tempo doma;
Tebas cantei e Aquiles esforçado:
93 Este das forças me exauriu a soma.
“Do vivo ardor, que a mente me há tomado,
Na flama divinal a causa estava,

96 Que em milhares de engenhos há brilhado.
 “Mãe e nutriz a Eneida me alentava;
 Estro bebi caudal no seio puro;
 99 Quanto vali da Eneida derivava.
 “Para viver no tempo (te asseguro)
 Em que existiu Virgílio, mais um ano
 102 Passara no, que deixo, exílio duro”. —
 Estas vozes ouvindo, o Mantuano
 Olhou-me. — Cal’-te! — sem falar dizia;
 105 Mas a vontade está sujeita a engano.
 Ou no pranto ou no riso se anuncia
 Tão rápida a paixão, quando se acende,
 108 Que o querer nos sinceros prende e lia.
 Sorri-me, como quem, sagaz, compreende.
 Calou-se o esp’rito; e me encarava atento
 111 Nos olhos onde a mente mais se entende.
 — “Sejas” — disse — “feliz no excelso intento!
 Explica-me, porém, por que em teu rosto
 114 Lampejar vi sorriso de momento”. —
 Entre os extremos dois estava eu posto:
 Um dia — silêncio! — outro a falar me instiga.
 117 Suspiro, e o Mestre atenta em meu desgosto.
 Responde, que ao silêncio nada obriga,
 “Fique” — disse — “a verdade bem patente,
 120 O que anela saber ele consiga”. —
 — “Maravilha causou provavelmente” —
 Tornei-lhe — “antigo espírito, o meu riso;
 123 Maior será me ouvindo, certamente.
 “Virgílio é quem me guia ao Paraíso:
 Para deuses e heróis cantar tiveste
 126 Por ele o esforço que lhe foi preciso.
 “Se outra causa em meu riso supuseste,
 Te enganaste: o motivo declarado
 129 Nas palavras está que lhe disseste”. —
 Quer os pés abraçar do Mestre amado,
 E o Mestre: — “Irmão, que fazes?” — lhe dizia —

- 132 Vê que és sombra e de sombra estás ao lado!”
Erguendo-se ele: — “Tanto me extasia
O amor” — disse — “em que por ti me acendo,
Que da nossa vaidade me esquecia,
136 Tratar sombras, quais corpos, pretendendo”. —

2-3. *Água, que, súplice* etc., a água simbólica que a Samaritana pediu a Jesus, isto é, a verdade. — 7. *Como escreve Lucas*, Evang. XXIV, 13-15. — 25. *Aquela que, incessante, fia* etc., Laquésis não fiara ainda todo o fio que Cloto juntou e que representa o decorrer da vida dos homens. — 48. *Dos três degraus*, onde está a porta do Purgatório. — 50. *De Taumante* a filha, Íris, mensageira de Juno, foi transformada em arco-íris. — 53. *De Pedro o sucessor*, o anjo. — 82-83. *O bom Tito [...] vingou as chagas* etc., Tito, destruindo Jerusalém, vingou a morte de Jesus Cristo. — 91. *Estácio*, o poeta latino Papínio Estácio, autor de “Tebaida”, morto no ano 96 d.C.

CANTO XXII

Subindo ao sexto compartimento, Estácio diz a Virgílio que, não pelo pecado da avareza, mas pela sua prodigalidade, teve de ficar muito tempo no quinto compartimento; e, por não ter declarado publicamente a sua conversão ao cristianismo, precisou ficar muito tempo no quarto compartimento. Virgílio o informa a respeito de muitos ilustres personagens da Antiguidade que estão no Limbo. Chegando os Poetas ao sexto compartimento, encontram uma árvore cheia de pomos perfumados, da qual saem vozes que louvam a virtude da temperança.

O anjo atrás já tínhamos deixado,
Que para o sexto círc'lo nos guiava,
3 Um P na fronte havendo-me apagado.
E à turba, que a justiça desejava,
Tinha dito *Beati* docemente
6 Com *sítio* e, após tais vozes, se calava.
Mais que em toda a jornada antecedente
Eu, ligeiro, seguia sem fadiga
9 Os Vates, que subiam velozmente.
— “Aquele amor, com que virtude instiga,
Reproduz” — disse o Mestre — “a própria chama
12 Mostras de si apenas dar consiga.
“Dês que, da vida terminada a trama,
Do inferno ao limbo, Juvenal descendo,
15 Saber me fez o afeto, que te inflama,
“Tão vivo bem-querer sabe te rendo,
Quanto haver pode a incógnita pessoa,
18 Contigo ora suave andar me sendo.
“Mas dize (e como amigo me perdoa,
Se em falar há nímia confiança

21 E em prática amigável arrazoa):
“Como avareza fez em ti liança
Com ciência, que o estudo te alcançava
24 E em que punhas cuidados e esperança?”
Às palavras do Mestre pronto estava
Estácio, e lhe sorrindo: — “O que me hás dito
27 Penhor caro é de afeto” — lhe tornava.
“Muitas vezes da dúvida o conflito
Por aparência errônea é suscitado,
30 Até que a exata causa surja ao esp’rito.
“Fica em tua pergunta declarado
Creres que eu fora avaro noutra vida,
33 Por ser no círc’lo a avaros destinado.
“Pois sabe que a avareza repelida
Por mim foi nimiamente, e a demasia
36 De luas em milhares foi punida.
“Minha alma eterno fardo volveria,
Se atenção tanta em mim não despertasse
39 A indi’nação, que nos teus versos via,
“Quando lançaste dos mortais à face:
— “A que extremos impeles os humanos,
42 Fome de ouro sacrílega e rapace!” —
“Então do excesso em despender, os danos
Aprender pude, agro pesar sentindo
45 Desse pecado e de outros tantos insanos.
“Chorarão, tosquiados ressurgindo,
Quantos não têm sabido à penitência
48 Dar-se em vida ou sua hora extrema em vindo!
“Cada culpa e a que tem contrária essência
Aqui a pena dão conjuntamente,
51 No martírio expurgando a virulência.
“Estive entre essa turba penitente,
Que o desvario chora da avareza
54 Por ter sido no oposto renitente”. —
— “Quando cantaste de armas a crueza,
Que duplamente molestou Jocasta” —

57 Disse o cantor da pastoril simpleza —
“Pois que de Clio então o ardor te arrasta,
Inda o fervor da fé não te incendia,
60 E o bem sem fé para salvar não basta:
“Que o sol, que estrela, em treva tão sombria
Te aclarou e dessa arte alçar pudeste
63 Velas após o pescador, que se ia?” —
— “Primeiro” — disse Estácio — “tu me deste
Do Parnaso a beber na doce fonte
66 E de Deus santa luz ver me fizeste.
“Hás sido, como à noite o guia insonte,
Que leva a luz, mas o seu bem não prova,
69 E aqueles serve, de quem vai na frente,
“Quando disseste — “O séc’lo se renova,
Volta a justiça, volta a idade de ouro,
72 E progênie do céu descende nova”. —
“Por ti ganhei a fé, de vate o louro:
Isto deve, porém, ser-te explicado;
75 Dê ao desenho a cor de claro o foro.
“Já ‘stava o mundo inteiro alumiado
Da vera crença que do reino eterno
78 Os mensageiros tinham propagado.
“O vaticínio teu, Mestre superno,
Aos predicantes novos se adaptava;
81 Por isso, os frequentando, o bem discerno.
“Tanto a virtude sua me enlevava,
Que, quando os perseguiu Domiciano,
84 Ao pranto seu meu pranto acompanhava.
“Enquanto estiver no viver humano,
Dei-lhes socorro e o seu exemplo austero
87 Ódio inspirou-me às seitas do erro insano.
“Antes já de cantar o cerco fero
De Tebas no batismo renascera:
90 Mas, de medo, ocultei meu crer sincero.
“Gentio largo tempo eu parecera;
Por isso hei tantos séc’los padecido

93 No círc'lo quarto; a pena merecera.
 "Tu a quem devo, pois, ter conseguido
 O véu rasgar, que tanto bem cobria
 96 Pois que tempo em subir é concedido,
 "Onde Terêncio diz-me ora estancia?
 Onde está Planto, Varro com Cecílio?
 99 À qual parte do inferno a culpa os lia?" —
 — "Aqueles, Pérsio e eu" — tornou Virgílio —
 E os outros mais o Grego acompanhamos
 102 Predileto das Musas; lá no exílio
 "Do círculo primeiro demoramos
 Veze frequentes do famoso monte,
 105 Das Camenas assento praticamos.
 "Eurípides é conosco e Anacreonte,
 Simônides, Agaton e outros inda
 108 Gregos, que cingem de laurel a fronte.
 "Stão heroínas, que cantaste: a linda
 Antígona, Dípila com Argia,
 111 Ismênia, em quem tristeza nunca finda;
 "Vê-se também a que mostrou Langia,
 Tétis se vê e de Tirésia a filha,
 114 E das irmãs Deidamia em companhia" —
 Os dois, da poesia maravilha,
 Calaram-se, ao que os cerca atentos 'stando,
 117 Vencida sendo da subida a trilha.
 Das ancilas do dia atrás ficando
 A quarta, logo a quinta se jungia
 120 Ao carro ardente, ao alto o encaminhando,
 "Quando o Mestre — "Eu suponho" — nos dizia —
 "Que nós à destra caminhar devemos,
 123 Volteando, como antes se fazia." —
 Desta arte na exp'riência a mestra havemos,
 E no andar prosseguimos confiados,
 126 Porque de Estácio o assenso recebemos.
 Iam diante os Vates afamados,
 E eu logo após, nas vozes escutando

- 129 Arcanos da poesia sublimados,
Eis rompe esse colóquio doce e brando
Uma árvore, que à estrada em meio achamos:
- 132 Lindos pomos na fronde estão cheirando.
Vão para cima decrescendo os ramos
De abeto; estes descendo diminuem:
- 135 Para alguém não subir — acreditamos.
Límpidos jorros do penedo ruem
Da parte, em que a montanha a entrada mura;
- 138 Sobre as folhas em rório as gotas fluem.
Estácio com Virgílio se apressura
Para essa árvore, quando voz, da fronde,
- 141 Gritou: — “Não gozareis desta doçura!
“Maria (e o seu desejo não se esconde)
Atende mais das bodas à grandeza
- 144 Que ao seu gosto; e por vós ora responde.
“Das Romanas à antiga singeleza
Água bastava; e Daniel ciência
- 147 Logrou, tendo em desprezo a régia mesa.
“Chamou-se de ouro a idade da inocência;
Fez as glandes a fome saborosas;
- 150 Água em néctar tornou da sede a ardência.
“Ao Batista iguarias bem gostosas
Mel, gafanhotos foram no deserto:
Assim fez grandes obras gloriosas,
- 154 “Como pelo Evangelho ficou certo”. —

5-6. *Beati* etc., S. Mateus V, 6: “Beati qui esuriunt et sitiunt justitiam”. — 14. *Juvenal*, poeta satírico latino. — 56. *Jocasta*, mãe de Etéocles e Polinices, irmãos inimigos que originaram a guerra de Tebas. — 58. *Clio*, musa da história. — 63. *O pescador*, S. Pedro. — 83. *Domiciano*, imperador romano que reinou do ano 81 ao 96 d.C. — 97-100. *Terêncio*, *Plauto*, *Varro*, *Cecílio*, *Pérsio*, poetas latinos. — 101-102. *O grego [...] predileto das Musas*, Homero. — 106-107. *Eurípedes*, *Simônides*, *Anacreonte*, *Agaton*, poetas

gregos. — 110. *Antígona*, filha de Édipo, rei de Tebas; *Dípila*, esposa de Tideu; *Argia*, esposa de Polinices. — 111. *Ismênia*, filha de Édipo. — 112. *A que mostrou Langia*, Isifiles, que mostrou o rio Langia às tropas sedentas de Adrasto. — 113. *Tétis*, mãe de Aquiles; *de Tirésia a filha*, Dafne. — 114. *Deidamia*, filha do rei Licomedes. — 142-144. *Maria* etc., a mãe de Jesus, para honrar a festa dos noivos de Caná, pediu ao filho que transformasse a água em vinho. — 146-147. *Daniel* etc., o profeta Daniel, que adquiriu sabedoria pela sua abstinência.

CANTO XXIII

No sexto compartimento estão as almas dos gulosos. Elas são atormentadas pela fome e pela sede; Dante descreve a sua horrível magreza. O Poeta reconhece o seu parente Forese Donati, o qual louva a sua viúva, Nella, e repreende a impudicícia das mulheres florentinas.

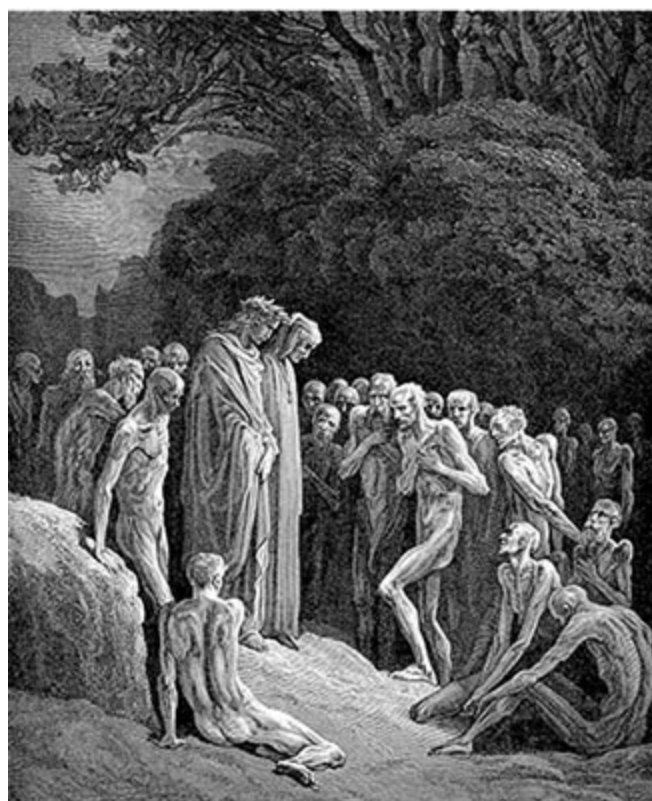
Fitava os olhos sobre a rama verde,
Qual caçador, que após um passarinho,
3 Correndo, parte da existência perde.
Quando o que me era mais que pai: — “Filhinho,
O tempo” — disse — “que nos está marcado,
6 Quer mais útil emprego. Eia! a caminho!” —
Voltando o rosto, a passo acelerado
Os sábios sigo e, atento ao que falavam,
9 Não me sentia, andando, fatigado.
Plangentes vozes súbito entoavam
Labia, Domine, mea por maneira,
12 Que piedade e prazer me provocaram.
— “Do que ouço” — disse então — “ó Pai, me inteira” —
— “Almas” — tornou — “talvez que o meio tentam,
15 Que o peso à sua dívida aligeira”. —
Peregrinos solícitos que atentam
Só na jornada, achando estranha gente,
18 Voltam-se apenas, mas o passo alentam:
Tal após nós vem turba diligente;
Em devoto silêncio se acercava;
21 Olhou-nos e afastou-se prestamente.
Os olhos encovados nos mostrava,
Pálida a face e o rosto descarnado,
24 Sobre os ossos a pele se estirava.

Não creio que Erisícton devastado
 Tanto da fome horrível estivesse
 27 Quando das forças viu-se abandonado.
 Eu cogitava: — “O povo aqui padece,
 Que Solima perdeu, quando Maria
 30 Carnes comeu ao filho, que perece”. —
 Cad’olho anel sem pedra parecia:
 O que na humana face lesse “omo”
 33 Bem claro o M aqui distinguiria.
 Quem crer pudera, não sabendo como,
 Efeito de desejo ser, nascido
 36 Do frescor de água, junto a odor de pomo?
 Atônito inquiria o que haja sido
 De tal fome a razão, não manifesta,
 39 Que tal magreza tenha produzido,
 Eis lá da profundidade da sua testa
 Uma alma olhos volvia e me encarava,
 42 Gritando: — “Mereci graça como esta?” —
 Quem fora o gesto seu não me indicava;
 Mas tive pela voz prova segura
 45 Do que o aspecto seu não revelava.
 Foi súbito clarão em noite escura,
 Do rosto avivou traços deformados
 48 Forese conheci nessa figura.
 — “Ai! não fiquem teus olhos assombrados”
 — Dizia — “a lepra ao ver que me descora,
 51 E estes ossos mesquinhos, descarnados!
 “Dize a verdade de ti próprio agora:
 De quais almas te vejo companheiro?
 54 Não haja, rogo, em responder demora”. —
 — “Como outrora é meu dó tão verdadeiro,
 Vendo-te o vulto que chorei já morto,
 57 Tão dif’rente do que era de primeiro,
 “Dize, por Deus, por que és tão sem conforto:
 Tolhe-me a fala a vista, que me espanta;
 60 Responder-te não posso, em mágoa absorto”.

— “De tal poder” — tornou — “essa água e planta
 Sabedoria eterna tem dotado,
 63 Que consunção em mim produziu tanta.
 “Os que o rosto, cantando, têm banhado
 De pranto, havendo entregue à gula a vida,
 66 Sobem, na fome e sede, o santo estado.
 “A fome, a sede sente-se incendiada
 Dos pomos pelo aroma e por frescura
 69 Das águas, sobre as ramas espargida.
 “Cada vez que giramos na fragura,
 Revive nossa pena e mais agrava;
 72 Erro chamando pena o que é doçura.
 “Esse desejo ardente de nós trava,
 Que fez Cristo dizer — Eli! contente,
 75 Quando o sangue em prol nosso na Cruz dava. —
 — “Forese” — hei respondido incontinenti —
 “Dês que deixaste a terreal morada
 78 Passaram-se anos cinco escassamente;
 “Se a força de pecar ‘stava esgotada
 Antes de vir da dor bendita a hora,
 81 Em que alma é com seu Deus conciliada,
 “Como te vejo nesta altura agora?
 Lá embaixo encontrar-te acreditara,
 84 Onde o tempo com tempo se melhora”. —
 — “Conduziu-me tão cedo Nela cara,
 Por pranto, que incessante há derramado
 87 Do martírio a tragar doçura amara.
 “De orações e suspiros sufragado
 Assim, me alcei da encosta, onde se espera,
 90 E fui dos outros círc’los resgatado.
 “Tanto mais Deus com dileção esmera
 Aquela, que extremoso amei na terra,
 93 Quanto, só, em virtude ela é sincera.
 “Pois a Barbágia de Sardenha encerra
 Mulheres por pudor bem mais notadas,
 96 Que a Barbágia, onde o vício acende guerra.

“Queres tu, doce irmão, manifestadas
 Ideias minhas? Pouco dista o dia
 99 Das vozes nesta prática empregadas,
 “Em que proíba o púlpito a ousadia
 Das impudentes damas florentinas,
 102 Que têm, mostrando os seios, ufanias.
 “Morais ou quaisquer outras disciplinas
 Hão mister para andarem bem cobertas
 105 As mulheres pagãs ou marroquinas?
 “Mas, se tais despejadas forem certas
 Do castigo, que está-lhes iminente
 108 Bocas teriam para urrar abertas.
 “E, se, antevendo, não me engana a mente,
 Grande angústia hão de ter antes que nasça
 111 Barba ao que em berço embala-se inocente.
 “Ah! de dizer quem sejas faz-me a graça!
 Não por mim; mas a turba atenta mira
 114 Teu corpo e a sombra, que com ele passa”. —
 — “Se agora à mente” — eu disse — “te surgira
 O que outrora um pra o outro havemos sido,
 117 Desprazer inda agudo te pungira.
 “Há pouco, me há do mundo conduzido
 Quem me precede; havia então rotunda
 120 A irmã do que vês aparecido”. —
 E o sol mostrei — “Por noite a mais profunda
 Dos verdadeiros mortos me há guiado,
 123 Quando a carne inda os ossos me circunda.
 “Tenho depois, por ele confortado,
 Desta montanha pelos círc’los vindo,
 126 Que em vós corrige o que trazeis errado.
 “Quanto disse, acompanha-me, cumprindo
 Té onde a Beatriz veja o semblante:
 129 Então sem ele avante irei seguindo.
 “Ei-lo! É Virgílio o guia meu constante!
 É aquele outro a sombra venturosa
 Por quem o vosso reino, vacilante,

11. *Labia, Domine, mea* etc., verso 17 do Salmo 50: “Abre-me os lábios, o Senhor, e a minha boca te louvará”. — 25. *Erisícton*, tendo injuriado Ceres, foi punido com fome insaciável. — 28-29. *O povo aqui padece, que Solima perdeu* etc., o povo de Jerusalém sofreu tanto a fome que, segundo o historiador hebreu Flávio José, uma mulher chamada Maria comeu o próprio filho. — 32. *O que na humana face lesse “omo”*, na face humana está escrita a palavra “omo” (homem), os olhos representando os dois ós, e o nariz com as sobrancelhas o eme. — 48. *Forese*, Donati, parente de Dante, morto em 1296. — 74. *Cristo dizer: — Eli!*, Cristo crucificado, pouco antes de morrer, disse: — *Eli, Eli, lamma sabactani*, isto é, “Meu Deus, meu Deus, por que me desamparaste?”



CANTO XXIV

Forese mostra a Dante outras almas de gulosos, entre as quais a de Bonagiunta de Lucca, que prediz ao Poeta que se enamorará de uma mulher da sua cidade, e lhe louva o estilo da Poesia. Procedendo, os Poetas encontram outra árvore e ouvem outros exemplos de intemperança castigada.

Não era o passo e o praticar mais lento
Um do que outro; igualmente prosseguiam,
3 Qual nau servida por galerno vento.
As sombras, que duas vezes pareciam
Mortas, nos cavos olhos grande espanto,
6 De estar eu vivo certas, exprimiam.
Eu, a falar continuando, entanto,
Disse: — “Conosco para ir retarda
9 Sua ascensão essa alma ao reino santo.
“Mas, rogo-te declara: onde é Picarda?
Afamada por feitos há pessoa
12 Entre a gente, que sôfrega me esguarda?” —
— “Tanto era minha irmã gentil e boa
Que não sei qual foi mais; triunfa leda
15 No Olimpo, onde alcançou formosa c’roa.
“Nomes dizer de mortos não se veda
Aqui” — Forese torna; e logo ajunta: —
18 “Tanto a fome as feições nossas depreda!”
“Este que vês de Lucca é Bonagiunta;
E aquela alma (seu dedo ia apontando),
21 Mais que todas desfeita, que lhe é junta,
“Foi Tours; já na Igreja exerceu mando.
‘Stá, por jejuns, anguilas de Bolsena,
24 Ver na ceia, afogadas, expurgando”. —
Muitos mais nomeou, que sofrem pena;
E todos demonstravam’star contentes
27 De ouvir dizer Forese o que os condena.
Em vão de fome vi mover os dentes

Ubaldino de Pila e Bonifácio,
 30 Que regeu com seu bago muitas gentes.
 Messer Marchese vi, que largo espaço
 Com menos sede em Forli consumia
 33 Em beber; mas julgava-o inda escasso.
 Mas, como o que repara e que aprecia
 Escolhendo, ao de Lucca eu me inclinava,
 36 Porque mais conhecer-me parecia.
 Submissa voz da boca lhe soava.
 Causa do mal, que trouxe-lhe o castigo:
 39 “Gentucca” ou não sei quê pronunciava.
 — “Ó alma” — disse — “que falar comigo
 Queres, ao claro te explicar procura:
 42 Satisfeita serás como contigo.
 — “Mulher nasceu, mas inda é virgem pura,
 Por quem” — torna — “hás de amar minha cidade,
 45 Posto assunto haja sido de censura.
 “Este prenúncio levas da verdade;
 Se por meu murmurar te hás enganado,
 48 Trazer-te há de o porvir à claridade.
 “Se vejo aquele diz, que à luz há dado
 Versos novos, que assim têm seu começo:
 51 *Damas que haveis de amor na mente entrado.*
 — “Que vês em mim” — lhe respondi — “confesso
 Quem ‘screve o que somente Amor lhe inspira:
 54 O que em meu peito diz falando expresso.
 “O óbice ora vejo que eu não vira
 Que ao Notário a Guittone a mim tolhia
 57 O doce estilo da moderna lira.
 “As vossas plumas vejo que à porfia
 Seguem de perto o inspirador potente;
 60 Tanto alcançar às nossas não cabia
 “Quem, por mais agradar, mais alto a mente
 Erguer que, não discerne um do outro estilo”.
 63 Disse e calou-se de o dizer contente.
 Como aves, que no inverno o noto asilo

Buscando ora num bando incorporadas,
66 Ora em fila apressadas vão-se ao Nilo,
Essas almas assim já demoradas,
Volvendo o rosto rápidas fugiram,
69 Da magreza e vontade auxiliadas.
Como aquele a quem forças se esvairam
Correndo afrouxa os passos para o alento
72 Cobrar, em quanto os sócios se retiram;
Forese assim que a passo andava lento
Deixou passar a santa grei dizendo:
75 — “Quando de ver-te inda terei contento?” —
— “Quanto haja de viver” — fui respondendo —
“Não sei; por menos que me dure a vida
78 Mais ao seu termo os meus desejos tendo.
“Que onde foi a existência concedida
Mais escassa a virtude é cada dia:
81 Ruína espera triste e desmedida.
— “O que mor culpa tem” — me retorquia
A cauda de um corcel vejo arrastado
84 Ao vale, onde o pecado não se expia:
“Vai sempre, sempre mais acelerado
Aquele bruto na carreira fera:
87 Fica vilmente o corpo lacerado.
“Não há de girar muito cada espera
(Para o céu se voltava) antes que seja
90 Claro o que te explicar eu não pudera.
“Adeus, porém: quem neste reino esteja
Ao tempo dê seu preço verdadeiro;
93 O que eu perco ao teu lado já sobeja”.
Como a campanha deixa um cavaleiro,
A galope veloz se arremessando,
96 Por ter na liça as honras de primeiro;
Forese assim de nós foi se alongando.
Fiquei dos dois espíritos ao lado,
99 Que o mundo está por mestres proclamando.
Quando em distância tanta era apartado,

Que as vistas nesse andar o acompanharam,
102 Como a mente ao que havia revelado.
Eis perto aos olhos meus, que se voltaram,
De outra árvore de pomos carregada
105 Os ramos vicejantes se mostraram.
As mãos alçava multidão cerrada
À fronde em brados; turba semelhava
108 De infantes, por desejos vãos turbada,
Um objeto implorando a quem negava,
E que o mostrando ainda mais acende
111 Desejo, que a cobiça lhes agrava.
Foi-se, porém, porque ninguém a atende.
Da grande árvore então nos acercamos,
114 Que a todo o rogo e pranto desatende.
Uma voz de entre as folhas escutamos:
— “Ide-vos logo; não chegueis ao perto!
117 Eva o fruto há mordido de outros ramos:
“Stão longe, estes de lá provêm de certo”. —
Então de lado os passos dirigimos,
120 Unidos no caminho, que era aberto.
— “Lembraí esses malditos” — inda ouvimos —
“Filhos das nuvens, duplos na figura,
123 Que atacaram Teseu, ébrios cadimos;
“E os que em beber acharam tal doçura,
Que os não quis Gedeão na companhia,
126 A Madiã marchando lá da altura”.
Por junto à borda o passo se volvia,
E as penas escutamos dos pecados
129 Mortais, que outrora a gula cometia.
Já pela estrada solitária entrados,
Demos mais de mil passos inda avante,
132 Contemplando, em silêncio mergulhados.
— “Em que cismais vós outros?” — retumbante
Soou voz. — Fiquei logo em sobressalto
135 Como o corcel de medo titubante.
Para ver levantei a fronte ao alto:

Aos olhos, em fusão, no forno ardente,
 138 Vidro ou metal não dera igual assalto,
 Como o anjo que eu vi resplandecente.
 Dizia: — “A volta dai para a subida!
 141 Quem quer paz para aqui vai certamente”. —
 Daquele aspecto a vista foi tolhida:
 Como quem pelo ouvido os passos guia,
 144 Fui caminhando, aos Vates em seguida.
 E qual aura de maio, que anuncia
 A alvorada, das flores espalhando
 147 E das ervas o aroma, que extasia,
 Tal sobre a fronte um sopro senti brando,
 Senti mover-se a pluma: então recende
 150 Odor celeste, o olfato me enlevando
 Dizer senti: — “Feliz o que se acende
 Na Graça o que, da gula desligado,
 Ao sabor do apetite não se prende,
 154 Comendo quanto é justo sem pecado!” —

10. *Picarda*, irmã de Forese Donati. — 19. *Bonagiunta* degli Orbicciani, poeta contemporâneo de Dante. — 22. *Tours*, o papa Martinho IV, que foi cônego da catedral de Tours. — 29. *Ubaldo de Pila*, de nobre família pisana; *Bonifácio*, Bonifazio dei Fieschi, arcebispo de Ravenna. — 31. *Messer Marchese* de Rigogliosi, gentil-homem de Forlì. — 39-43. *Gentucca*, senhora de Lucca, que Dante amou, quando em 1314 esteve em Lucca na casa de seu amigo Uguccio della Faggiuola. — 51. *Damas* etc., primeiro verso de uma canção de Dante em louvor de Beatriz. — 56. *O notário*, Jacopo de Lentini; *Guittone de Arezzo*. — 82. *O que mor culpa tem*, Corso Donati, irmão de Forese, chefe do partido dos Pretos, foi assassinado em 1308. — 121-123. *Esses malditos [...] filhos das nuvens* etc., os Centauros, que foram mortos por Teseu quando tentavam raptar Hipodâmia. — 124-126. *Que os não quis Gedeão* etc., os soldados hebreus que Gedeão, seguindo os conselhos de Deus, não quis por companheiros, porque beberam avidamente, ajoelhando-se na fonte.



CANTO XXV

Subindo por estreita senda, do sexto ao sétimo e último compartimento, Dante pergunta a Virgílio como podem emagrecer as almas, que não precisam de alimento. Respondem-lhe Virgílio, antes, e depois Estácio. Este fala da geração do corpo do homem, da alma que nele Deus infunde, e da maneira de existência depois da morte. O compartimento no qual acabam de chegar está cheio de flamas, nas quais estão-se purificando as almas dos luxuriosos.

Para subir o tempo nos urgia;
Meridiano ao Tauro o sol já dera,
3 Bem como a noite ao Scorpião cedia
Qual viajor, que o passo não modera,
Que em nada atenta e sempre segue avante,
6 Se em seu querer necessidade impera,
Nós penetramos no rochedo hiante,
Por escada estreitíssima subindo,
9 Que obriga um ir atrás outro adiante.
Da cegonha o filhinho, asas abrindo,
Por voar logo, encolhe-as e não tenta
12 Deixar o ninho, esforço não sentindo:
Tal o desejo em mim ferve e arrefenta
De perguntar chegando quase ao ato
15 De quem para dizer se experimenta.
O Mestre, sem parar, pressente o fato:
— “Tens da palavra o arco” — diz — “tendido,
18 Deixa a seta partir; não sê coato”. —
De confiança então já possuído,
Falei — “Como é possível fique magro
21 Quem não precisa mais de ser nutrido?” —
— “Se recordaras” — torna — “Meleagro
Que, em ardendo um tição se consumia
24 Isso não fora de entender tão agro.
“Também de fácil crença te seria,

Se no espelho notaras que o teu rosto,
27 Segundo te movesse, se movia.
“Por dissipar-se a dúvida ao teu gosto,
Eis Estácio, a quem rogo fervoroso
30 Seja a dar-te o remédio bem-disposto”. —
— “Se eu o eterno conselho explicar ousar”
— Disse Estácio — “quando és, Mestre, presente,
33 Ao teu querer me curvo respeitoso.
“Se, filho, o que eu disser guardas na mente,
Hás de ter — prosseguiu — “esclarecidas
36 Essas dúvidas tuas prontamente.
“Sangue puro, que as veias ressequidas
Não bebem, que de parte permanece
39 Quais viandas em mesas bem providas,
“Do coração tomou que lhe oferece
Virtude de que a forma aos membros veio,
42 Como o que às veias por fazê-los desce;
“Ainda, elaborado, desce ao seio
De canal que não digo; após, unido
45 Em vaso é natural com sangue alheio.
“É ali com outro confundido,
Paciente sendo um, sendo outro ativo,
48 Pela perfeita sede, em que há nascido.
“Trabalho então começa produtivo
Coagulando e depois vivificando
51 O condensado efeito primitivo:
“Em alma a força ativa se tornando,
Como em planta, é, no entanto, diferente:
54 Para a planta, vai a alma caminhando.
“Prosseguindo, já move-se, já sente,
Como o fungo marinho; e logo empreende
57 Os sentidos, que em si tem qual semente.
“Ora contrai-se, filho, ora se estende
A força genetriz, do peito vinda,
60 Onde natura em todo o corpo entende.
“Mas, filho meu, não sabes certo ainda

Como a ser vem um ente cogitante:
63 É ponto em que um mais sábio no erro finda;
“Pois, na doutrina sua extravagante,
Distinto da alma fez o entendimento
66 Possível, não lhe vendo órgão bastante.
“Abre à luz da verdade o pensamento:
Vê que, no feto os órgãos em chegando
69 Do cérebro ao perfeito acabamento
“O Primeiro Motor, ledo encarando
Da natureza tal primor, lhe inspira
72 Esp’rito, em que virtudes ‘stão brilhando,
“E que ativo alimento dali tira
Para a própria substância; e alma se forma,
75 Que vive e sente e pensa e em si regira.
“Com meu dizer tua mente se conforma,
Notando que do sol calor em vinho,
78 Da uva ao sumo unido, se transforma.
“O esp’rito, se Laquésis não tem linho,
Deixa a carne e virtude, traz consigo
81 Dotes, que teve no corpóreo ninho.
“Sobem de ponto no valor antigo
A memória, a vontade, o entendimento,
84 Da mudez o mais fica no jazigo.
“Cai logo, de espontâneo movimento,
Por maravilha, numa ou noutra riba,
87 Onde há do rumo seu conhecimento.
“Vindo a lugar, que o circunscreva e iniba,
Da força informativa é rodeado,
90 Como em membros que a morte nos derriba.
“Bem como o ar de chuva carregado,
Se dos raios solares é ferido,
93 De cores vários mostra-se adornado,
“O ar vizinho assim fica inserido
Nessa forma, que desde logo amanhã
96 Virtualmente o esp’rito ali contido;
“E semelhante ao fogo, que acompanha

Labareda, com ele se movendo,
 99 Cada alma segue aquela forma estranha.
 “Aparência de forma nela havendo
 Sombra se chama; e, após, ela organiza
 102 Sentidos, o da vista compreendendo.
 “Fala, ri-se, ama, odeia ou simpatiza,
 Exala dor, carpindo ou suspirando:
 105 Neste monte já tens prova precisa.
 “Segundo está sofrendo ou desejando,
 Da alma também altera-se a figura:
 108 Vê, pois, o que a magreza está causando”. —
 Voltando à mão direita, da tortura
 Entramos pela estância derradeira:
 111 Então preocupou-nos outra cura.
 Flamas brotava aqui a ribanceira,
 Aura ativa da estrada respirava:
 114 Subindo, as rechaçava sobranceira.
 Ao longe da árdua borda caminhava
 Um por um: precipício temoroso
 117 De um lado, e do outro o fogo eu receava.
 Disse Virgílio: — “Aqui bem cauteloso
 Deve aplicar aos olhos seus o freio
 120 Quem não quiser dar passo perigoso”. —
Summae clementiae Deus ‘stavam no seio
 Do grande incêndio as almas entoando,
 123 E de voltar-me o ardor então me veio.
 Vi nas chamas espíritos andando:
 Aos movimentos seus, aos meus estava
 126 Atento, a vista a uns e a outros dando.
 E quando aquele cântico findava
Virum non cognosco alto se ouvia,
 129 E o cântico em tom baixo renovava.
 E, terminando, o coro repetia:
 “Diana expulsa da floresta Hélice
 132 Que o veneno de amor tragado havia”. —
 Cantaram; cada qual como antes disse

Esposas e maridos, que hão guardado
135 A fé, que Deus mandou sempre os unisse:
Este modo há de ser, creio, alternado,
Enquanto os rodear a chama ardente:
A chaga por tal bálsamo e cuidado
139 Há de ser guarnecida finalmente.

2-3. *Meridiano ao Tauro* etc. No hemisfério do Purgatório, eram duas horas da tarde e, no hemisfério antípoda, duas horas depois da meia-noite. — 22. *Meleagro*, personagem de Ovídio, ao qual, ao nascer, as fadas predisseram que sua vida estava ligada a um tição. Sua mãe, Alteia, guardou o tição para preservar-lhe a vida; mas, depois, irada contra o filho, lançou-o ao fogo, no qual se consumiu, e Meleagro morreu. — 37-57. Nesses tercetos, é descrita a forma da geração humana. — 63. *Um mais sábio*, o filósofo Averroé, que, não encontrando no homem um órgão especial para o pensamento, como os olhos para ver, as orelhas para ouvir etc., concluiu que o intelecto era disjunto da alma do homem. — 70. *O Primeiro Motor*, Deus. — 79. *Laquésis*, a Parca que fia o estame da vida. — 121. *Summae Deus clementiae*, hino eclesiástico com o qual se roga a Deus que nos livre da luxúria. — 128. *Virum non cognosco*, palavras da Virgem Maria ao arcanjo Gabriel. — 131. *Hélice*, ou Calisto, que foi expulsa de sua companhia por Diana, que sempre se manteve virgem, por ter sido seduzida por Júpiter.

CANTO XXVI

Entre os luxuriosos e os que pecaram contra a natureza, Dante encontra o Poeta Guido Guinizelli, ao qual exprime sua profunda admiração. Guido lhe aponta o poeta provençal Arnaud Daniel, que o saúda em versos provençais.

Enquanto imos a borda costeando
Um após outro, o Mestre repetia:
3 “Eu te previno, vai com tento andando!”
O sol pela direita me feria;
Purpureava a luz todo o poente:
6 Do céu o azul de branco se tingia.
Co’a sombra minha ainda mais rubente
Parece a flama; e as almas, que passavam,
9 Notando-a davam-me atenção ingente.
Nessa estranheza ensejo deparavam
Para, entre si, conversação travarem.
12 “Não é fictício o corpo seu” — falavam.
Quanto podiam, mas tendo cuidado
Avançavam por mais certificarem,
15 O fogo expiatório em não deixarem.
— “Tu, que vais após outros colocado,
Mostrando ser, não tardo, respeitoso,
18 Responde: em fogo e sede ardo, abrasado.
“Não sou eu só de ouvir-te desejoso:
Quantos vês da resposta sentem sede
21 Mais que Etíope da água cobiçoso.
“Diz-nos como o corpo teu parede
Oponha desta sorte à luz do dia:
24 Não te colheu da morte acaso a rede?” —
Uma sombra falou-me. Eu pretendia

Logo explicar; porém fui distraído
27 Pelo que então de novo aparecia.
Pelo caminho andando escandecido,
Outra grei ao encontro veio desta:
30 Atalhei-me, em mirar pondo o sentido.
De parte a parte se dirige presta
Uma alma a outra; osculam-se e em seguida
33 Vão-se, contentes dessa breve festa.
Assim da negra legião saída,
Em marcha, toca em uma outra formiga,
36 Por saber do caminho ou sorte havida.
Separando-se após a mostra amiga,
Antes que o giro sólito transcorra
39 Cada uma grei em brados se afadiga.
— “Sodoma!” — clama a última – Gomorra!”
E a outra: — “Entrou Pasífae na vaca,
42 Por que à luxúria sua touro acorra”. —
Como grous, de que um bando se destaca
Para os Rifeus e o outro pra o deserto,
45 Pois calma ali e frio aqui se aplaca,
Uns se vão, outros vêm; voltando, ao perto
O hino se renova, e o pranto e o brado,
48 Que tem, qual mais convém, efeito certo.
Os mesmos, que me haviam perguntado,
De mim como inda há pouco, se acercaram:
51 ‘Stá desejo nos gestos desenhado.
Vendo ainda o que já manifestaram,
— “Sabeis vós, que tereis de glória em dia,
54 Paz que os vossos martírios vos preparam,
“Que inda não jaz meu corpo em terra fria;
Comigo vem na própria compostura,
57 Com seu sangue e seus membros” — lhe dizia.
“Minha cegueira aqui a luz procura:
Lá no céu santa Dama há conseguido
60 Que eu, vivo, por aqui me eleve à altura.
“Dizei-me (e seja em breve concedido)

Quando anelais, no céu, que é de amor cheio
 63 E em que espaço mais amplo está contido!
 “Para que eu tenha de narrá-lo o meio,
 Quem fostes e também que turba é aquela,
 66 Que como hei visto ao vosso encontro veio”. —
 Se o pasmo seu o montanhês revela,
 Quando rude e boçal vê de repente
 69 Quanto pode encerrar cidade bela,
 Na grei não foi o efeito diferente.
 Tornando sobre si, porém, do espanto,
 72 Que se esvai logo em peito preminente,
 — “Ditoso tu, que vendo o nosso pranto” —
 Respondeu quem primeiro há perguntado —
 75 “Alcanças ao viver ensino santo!
 “Inquinaram-se aqueles no pecado,
 Porque César outrora, triunfando,
 78 *Rainha*, em vitupério, foi chamado.
 “Eis por que se acusavam se apartando,
 Contra si de — Sodoma! alçando o brado,
 81 Do fogo à pena o opróbrio acrescentando.
 “Hermafrodito foi nosso pecado;
 Mas tendo as leis humanas transgredido
 84 De brutos no apetite desregrado,
 “Por nossa injúria o nome é repetido,
 Quando partimos, da mulher impura,
 87 Que em bestial figura besta há sido.
 “Se queres, vendo a nossa nódoa escura,
 Do nome de cada um ser instruído,
 90 Não sei, nem tempo para tal nos dura.
 “Mas o meu te farei bem conhecido;
 Vês Guido Guinizelli: o crime expia
 93 Por se haver inda a tempo arrependido”. —
 Quais, ante a fúria em que Licurgo ardia,
 Os filhos dois achando a mãe, ficaram,
 96 Tal senti, sem correr viva alegria,
 Quando o nome essas vozes declararam

Do pai meu e do pai de outros melhores,
99 Que em doce metro amores decantaram.
Sem falar, sem ouvir perscrutadores
Longamente olhos meus o contemplaram:
102 Vedavam-me acercar do fogo ardores.
Depois que em remirá-lo se enlevaram,
Ao seu serviço declarei-me presto,
105 E solenes promessas o afirmaram.
— “Imprimiu tal vestígio o teu protesto” —
Tornou — “no peito meu agradecido,
108 Que fora além do Letes manifesto.
“Se hei de ti a verdade agora ouvido,
O que di’no me fez do sentimento,
111 Que tens na voz, nos olhos insculpidos?” —
“E eu: — “Das rimas vossas o conento.
Que, enquanto usar-se do falar moderno,
114 Salvas hão de viver do esquecimento”. —
— “O que te indico, irmão” — tornou-me terno
(E seu dedo outra sombra me apontava)
117 Mais primor teve no falar materno.
“Nos versos, nos romances superava
A todos: ‘stultos só dizer ousaram
120 Que o Lemosim aquele avantajava.
“Pelo rumor verdade desprezaram,
E, como arte e razão desconhecaram,
123 Sem fundamento opinião formaram.
“Assim muitos outrora procederam
Com Guittone e o seu nome hão proclamado;
126 Mas verdade alfim todos conheceram.
“E pois que o privilégio hás alcançado
De entrar nesse mosteiro portentoso,
129 Por Cristo, como abade governado,
“Um *Pater Noster* diz por mim piedoso;
Quanto mister havemos neste mundo,
132 Onde ato algum não há pecaminoso”. —
“Por dar lugar ao ‘spírito segundo,

Já próximo, no fogo desaparece,
 135 Qual peixe, quando imerge de água ao fundo.
 Acerquei-me da sombra que aparece,
 E disse que ao seu nome apercebia
 138 Meu desejo o lugar que assaz merece.
 Logo assim livremente me dizia:
 — “Tão cortês vosso rogo é, que escutando,
 141 Me encobrir não quisera ou poderia.
 “Arnaldo sou, que choro e vou cantando,
 Triste os erros passados meus lamento,
 144 E o fausto dia estou ledó esperando.
 “E peço-vos pelo alto valimento,
 Que da escada a eminência ora vos guia,
 Que em tempo vos lembreis do meu tormento”.
 148 E, após, ao fogo apurador se envia.

40. *Sodoma [...] Gomorra*, V. Inferno, canto XI, 50; cidades que Deus destruiu por pecarem contra a natureza. — 41. *Pasífae*, V. Inferno, canto XII, 13; mulher do rei de Creta, para se unir com um touro se colocou numa vaca de madeira; e dessa união nasceu o Minotauro. — 44. *Rifeus*, montanhas da Moscóvia boreal. — 77. *César [...] rainha, em vitupério, foi chamado*, conta Suetônio que os soldados de César, no triunfo que lhe foi concedido por ter vencido os Galos, cantavam: “César submeteu as Gálias, Nicomedes a César”, aludindo a suas relações com o rei Nicomedes. — 92. *Guido Guinizelli*, célebre poeta bolonhês n. em 1230 e m. em 1276. — 94-95. *Quais, ante a fúria* etc., Ipsifile, condenada à morte por Licurgo, rei da Nemeida, mas foi salva pelos dois filhos que, antes, não a conheciam. — 115. *O que te indico* etc., o trovador Arnaud Daniel, que viveu na metade do século XII. — 120. *O Lemosim*, Girault de Borneil de Limoges, outro trovador provençal. — 125. *Guittone* de Arezzo, poeta aretino do século XII.

CANTO XXVII

Para chegar à escada que do sétimo e último compartimento leva ao cimo do monte, Dante é obrigado por um Anjo a atravessar as flamas. Pouco depois de ter começado a subir, o ar escurece e sobrevém a noite. Param e Dante, cansado, adormece. Despertados pela madrugada, os Poetas recomeçam a subir, chegando ao Paraíso Terrestre.

Como, quando os primeiros raios vibra
Lá onde Cristo sangue derramara
3 Sotopondo-se o Ebro à excelsa Libra,
E, ao meio-dia, o Gange aquece e aclara,
‘Stava o sol; declinando a luz já se ia:
6 Eis ledos os anjos de Deus se nos depara.
Fora da flama, à borda ele se erguia,
Beati mundo corde modulando.
9 Em tom de voz, que a humana precedia.
“Para avante passar” — acrescentando —
“Apurais-vos no fogo, almas piedosas!
12 Entrai, de além nos hinos atentando”.
Lhe ouvindo ao perto as vozes sonoras,
Soçobrei, como quem, perdido o alento,
15 Da tumba às trevas desce pavorosas.
Mãos cruzadas, quedei sem movimento;
De olhos na chama, os vivos relembra,
18 Que das fogueiras vira no tormento.
A mim cada um dos Vates se voltava.
— “Não temas, filho! Aqui dor se padece,
21 Mas não morte” — Virgílio me exortava.
“Lembra! Lembra ou memória em ti falece?
Já sobre Gerião levei-te a salvo:

24 De Deus mais perto, em mim virtude cresce.
“Se destas chamas, crê, tu foras alvo
Em todo o espaço de um milheiro de anos,
27 De um só cabelo ficarias calvo.
“Se cuidas no que digo haver enganos,
Te acerca e por ti próprio experimenta,
30 Ao fogo expondo de tua veste os panos.
“Todo o temor do ânimo afugenta!
Vem, pois! Mostra que tens peito seguro!” —
33 Ouvi, mas o valor meu não se aumenta.
Vendo-me ainda pertinace e duro,
Merencório me disse: — “Ó filho amado,
36 De Beatriz a ti só este muro!” —
De Tisbe ao nome, Píramo chegado
À morte, os olhos para vê-la abria,
39 Quando há seu sangue à amora cor mudado;
A resistência minha assim cedia.
A Virgílio volvi-me, o nome ouvindo,
42 Que sempre o pensamento me alumia.
Então a fronte meneou; sorrindo,
Como a infante, que um pomo há seduzido,
45 Disse: — “Aqui ficaremos persistindo?” —
Sou por ele no fogo antecedido;
Estácio, que antes sempre caminhara,
48 Depois de mim seguia a seu pedido.
Eu pelo fogo apenas penetrara,
Ardor tanto senti, que, pra recreio,
51 Em vidro derretido me lançara.
De confortar-me procurando o meio,
De Beatriz Virgílio assim falava:
54 — “Seu gesto julgo ver de fulgor cheio”. —
Voz peregrina ouvi, que ali cantava;
Fora saímos nós, dos sons guiados,
57 Na parte, onde a subida se mostrava.
— “Vinde, ó vós de meu Pai abençoado!” —
Do seio de um luzeiro retinia,

60 Tal que os olhos cerram-se ofuscados.
“Transmonta o sol, a noite segue ao dia,
Não vos detende; a passo andai ligeiro,
63 Que o Ponente já trevas anuncia”. —
A trilha no penhasco sobranceiro,
Direita sobe à parte em que tolhia
66 A sombra minha o lume derradeiro.
Vencido apenas nosso passo havia
Alguns degraus, a sombra, que fenece,
69 Mostra que o sol já luz não difundia.
Antes que em todo apresentado houvesse
O imenso horizonte igual aspeito,
72 E a noite os seus véus todos estendesse,
Um degrau cada qual tomou por leito;
Que nos tirara da montanha a agrura,
75 Mais que o desejo de subir o jeito,
Como as cabras das penhas sobre a altura,
Antes de fartas, rápidas e ardentes,
78 Têm, ruminando, mansidão, brandura;
Pousam à sombra, enquanto o sol candentes
Lumes despede, e as guarda o pegureiro
81 Com seu cajado e os olhos providentes;
E como o guardador, que no terreiro
Quedo pernoita em sentinela aos gados
84 Contra assaltos do lobo carniceiro:
Assim nós três estávamos pousados,
Eu como cabra, os Vates quais pastores,
87 Da rocha a um lado e a outro conchegados.
Escassa aberta deixa ver fulgores
De estrelas, que do céu naquela parte,
90 Contemplava mais lúcidas, maiores.
Nessa vista engolfei-me por tal arte,
Que o sono me prendeu, sono que à mente
93 Do que há de ser a provisão comparte.
Naquela hora em que Vênus do Oriente
Seus lumes sobre o monte difundia

96 Parecendo de amor ‘star sempre ardente,
 Jovem formosa em sonho ver eu cria,
 Dama que em veiga amena passeando,
 99 Flores colhendo, a modular dizia:
 — “Quem meu nome pedir, vá me escutando:
 Sou Lia e uma grinalda, cuidadosa,
 102 Co’as minhas belas mãos a tecer ando.
 “Mirar-me, hei de no espelho mais garbosa:
 De sua mana, Raquel se não separa,
 105 Sentada o inteiro dia descuidosa.
 “De ver os belos olhos seus não para,
 Como eu em me adornar sou diligente:
 108 Ela contempla, eu trabalhar tornara!”
 Já vem do dia o precursor ‘splendente,
 Que tanto alenta a esp’rança ao peregrino,
 111 Quando o seu lar já próximo pressente,
 Fugia a treva ao lume matutino
 — E com ela o meu sono: ergui-me ativo,
 114 Dos mestres tendo no exemplo o ensino.
 — “O pomo, que é tão doce, quanto esquivo,
 Que a ambição dos mortais procura ansiosa,
 117 Hoje à fome há de dar-te o lenitivo”. —
 Estas palavras proferiu donosa
 Do Mestre a voz: janeiras não dariam
 120 Jamais satisfação tão graciosa.
 Tão vívidos anelos me punham
 De alar-me ao cimo excelso, que julgava
 123 Que asas o passo meu favoreciam.
 Quando a comprida escada terminava
 E o pé firmamos no degrau superno,
 126 Virgílio, me encarando, assim falava:
 — “O fogo temporário e o fogo eterno
 Tens visto, filho, e a altura hás atingido
 129 Além de cuja extrema não discerno:
 “Te hei com engenho e arte conduzido:
 Seja-te agora o teu querer o guia;

132 Angústias e fraguras tens vencido.
 “Olha: o semblante o sol já te alumia;
 Flores, ervinhas, árvores virentes
135 Vê que a terra espontânea brota e cria.
 “Antes que os olhos venham refulgentes,
 Que em teu prol me enviaram por seu pranto,
138 Repousa, ou pelos prados vai florentes.
 “Não mais te falo, nem te aceno, entanto;
 Possuis vontade livre, reta e boa,
 Cumpre os ditames seus: a ti, portanto,
142 Pois de ti és senhor, dou mitra e c’roa.

1-5. *Como, quando os primeiros raios* etc. O sol surgia em Jerusalém; na Espanha, era meia-noite. No Purgatório, o sol tramontava. — 8. *Beati* etc., bem-aventurados os limpos de coração porque eles verão a Deus (S. Mateus, Evang. V, 8). — 23. *Gerião* etc., v. Inf XVII. — 101. *Lia*, filha de Labão e primeira mulher de Jacó, símbolo da vida ativa. — 104. *Raquel*, irmã de Lia e segunda mulher de Jacó, símbolo da vida contemplativa.



CANTO XXVIII

O Poeta descreve a beleza do Paraíso Terrestre. Chegam Dante, Virgílio e Estácio perto de um rio que os impede de prosseguir. Do outro lado do rio aparece uma mulher de maravilhosa beleza, que discorre a respeito da condição do lugar, resolvendo as dúvidas que Dante lhe propõe.

Vagar já nos recessos desejando
Da selva divinal, vívida, espessa,
3 Que ao novo dia o lume faz mais brando,
Daquela encosta a me afastar dou pressa.
Pela veiga me interno a passo lento,
6 Doce aroma sentindo, que não cessa.
Do ar, que circulava, o doce alento,
Mas sempre igual, a fronte me afagando,
9 Tinha o bafejo de suave vento.
As folhas, molemente balouçando.
Do santo monte à parte se inclinavam,
12 A que a sombra primeira vai baixando.
Mas, no meneio seu, não se acurvavam
Em modo, que na rama aos passarinhos
15 Os hinos perturbassem, que entoavam.
Pousados ledamente entre os raminhos
Saudavam com seus cantos a alvorada
18 Da fronde os acordando aos murmurinhos;
Assim de Chiassi no pinhal soada
De ramo em ramo corre quando a amara
21 Prisão, abre ao mestre Eolo a entrada.
Com demorado andar eu caminhara
Na selva antiga tanto, que não via
24 Mais o lugar, por onde penetrara.
Eis andar um ribeiro me tolhia,
Que, à sestra deslizando-se, beijava
27 A ervinha, que às margens lhe crescia:
O cristal dessa linfa superava

Da terra água a mais pura e transparente;
30 Quanto continha em si patente estava.
Entanto, pela sombra permanente,
Que luz da lua ou sol nunca atravessa,
33 Negreja aquela plácida corrente.
O pé detenho, e a vista se arremessa
Além do humilde rio, contemplando
36 Primores, com que maio se adereça,
Então se of'rece aos olhos, como quando
De súbito um portento surge à mente,
39 De outro pensar qualquer a desviando,
Uma dama sozinha de repente,
Que, cantando, escolhia, de entre as flores,
42 Que ao chão cobriam de matiz ridente.
— “Bela dama, que sentes os fervores
Do amor divino, se por teu semblante
45 Da tua alma julgar devo os ardores —
Assim falei — “se caminhar avante
Até perto do rio te aprouvera,
48 Te entendera esse canto inebriante.
“Tão linda, em tal lugar, lembras qual era
Prosérpina, ao perdê-la a mãe querida
51 E ao perder também ela a primavera”. —
Qual menina, que em danças entretida,
Gira ligeira em terra deslizando,
54 Os passos troca e volve-se garrida,
Sobre o esmalte das flores se voltando,
A mim se dirigiu, como donzela
57 Que vai, modesta, os olhos abaixando.
Quanto o desejo meu sôfrego anela
Acercou-se e da angélica toada
60 Distinta pude ouvir a letra bela.
Logo em chegando à borda em que banhada
A erva era da linfa cristalina,
63 De olhar-me fez a graça assinalada.
Não creio que na vista peregrina

De Vênus lume tal resplandecesse
 66 Ao feri-la de amor seta mali'na.
 De frente aos olhos a sorrir se of'rece.
 As mãos de lindas flores tendo plenas,
 69 De que espontâneo o solo se guarnece.
 A nós três passos interpõem apenas:
 O Helesponto que Xerxes transcedera,
 72 Lição em que há para os soberbos penas,
 Em Leandro mais ódio não movera,
 Quando entre Sesto e Ábidos nadava,
 75 Do que o rio que tanto estorvo me era.
 — “Sois recém-vindos” — ela assim falava —
 “Meu riso ao ver-vos no lugar eleito
 78 À humana raça, quando à luz brotava,
 “Talvez vos maravilhe por suspeito.
 Se lembrado o salmo *Delectasti*,
 81 De todo o engano vos será desfeito.
 “Tu, que estás adiante e me falaste
 Que mais ouvir desejas? Eis-me presta
 84 Explicação a dar-te, quanto baste”. —
 — “Esta água” — torno — “e o tom desta floresta
 Opõem-se à minha fé na maravilha
 87 Que eu tinha ouvido e que é contrária a esta”. —
 — “Eu te direi a causa, de que é filha
 A razão que te move essa estranheza;
 90 Terás, em vez de névoa, a luz que brilha.
 “O Bem, que em si somente se embeleza,
 Apto ao bem fez o home'; em arras deu-lhe
 93 De eterna paz à edênica riqueza.
 “A culpa sua este alto dom tolheu-lhe;
 A culpa sua em prantos, em desgostos
 96 Os prazeres, os risos converteu-lhe.
 “A fim de que efeitos, que, compostos
 São de eflúvios das águas e da terra,
 99 Para o calor acompanhar dispostos,
 “Ao homem não fizessem qualquer guerra,

Tão alta há se elevado esta montanha,
102 Que é livre desde o ponto onde se encerra.
“E porque todo o ar, por força manha,
Roda ao impulso do motor primeiro,
105 Quando estorvo nenhum seu giro acanha,
“Este cimo elevado e sobranceiro
Pelo éter vivo ao moto é tão batido,
108 Que o denso bosque remurmura inteiro:
“E sendo em cada um tronco percutido,
A virtude transmite fundamente
111 Ao ar, que a esparge, em torno revolvido.
“A terra, como é apta, circunstante
Por si ou por seu céu plantas concebe
114 De gênero e virtude variante.
“E pois, já claramente se percebe
Como planta há viçosa e florescente,
117 Quando o germe a terra não recebe.
“Sabe que até jardim toda semente
Do que a terra produz em si compreende
120 E contém fruto inoto à humana gente.
“Esta água de uma origem não depende,
Que alimente vapor que em chuva desça,
123 Como rio que seca ou que se estende.
“De fonte certa vem que nunca cessa,
Pois por querer que Deus tanta dimana,
126 Quanta aqui por canais dois se arremessa.
“A que neste álveo que ora vês, se encana
Memória do pecado desvanece,
129 Aviva a outra a da virtude humana.
“É Letes, se por ela o mal se esquece,
Eunoé quando lembra: atuam quando
132 O gosto de uma e de outro homem conhece.
“Saber igual aos outros comparando
Não existe ao desta água. Ao teu pedido
135 Satisfação hei dado assim falando
“Corolário, porém, lhe seja adido:

Não receio que assim te desagrade,
138 Indo além do que fora prometido.
“Poetas que cantavam de ouro a idade
E sua dita, em Parnaso, certamente
141 Sonharam desta estância a f’licidade.
“Estirpe humana aqui fora inocente;
Eterna primavera aqui domina;
144 Foi este néctar, que inventou sua mente.” —
Então a vista aos Vates se me inclina.
Um sorriso em seus lábios se revela,
Esse conceito ouvindo, em que termina.
148 Rosto volvi depois à dama bela.

19. *Chiassi*, localidade (hoje destruída) perto de Ravena, onde ainda há um grande pinheiral. — 21. *Éolo*, rei dos ventos. — 40. *Uma dama*, Matelda, como Dante dirá no Canto XXXIII, v. 119. Para a maior parte dos comentadores é Matilde, condessa de Canossa. — 50. *Prosérpina*, filha de Ceres que foi raptada por Pluto quando colhia flores no vale do Etna. — 71. *O Helesponto*, o estreito dos Dardanelos que Xerxes, rei da Pérsia, atravessara com uma ponte de barcos para invadir a Grécia e que, derrotado, teve de atravessar novamente. — 73. *Leandro* etc., Leandro todas as noites atravessava a nado o Helesponto, de sua cidade Ábido Sesto, onde morava a sua amante Heros. — 80. *Delectasti* etc., Salmo XCI, 5. — 130. *Letes*, o rio do esquecimento. — 131. *Eunoé*, o rio da boa recordação.



CANTO XXIX

Da floresta aparece um súbito esplendor. Dante vê avançar uma procissão de espíritos bem-aventurados em cândidas vestes, e, no final da procissão, um carro tirado por um grifo. Ouve-se um trovão e o carro e o grifo param.

As vozes, que eu lhe ouvia, ela remata,
Qual dama namorada, assim cantando:
3 *Beati quorum tecta sunt peccata!*
Como das ninfas o formoso bando,
Que nas umbrosas selvas sós andavam,
6 Qual ver, qual evitar o sol buscando:
Contra o ribeiro os passos a levavam,
Sobre a margem seguindo lentamente;
9 E pelos seus os meus se regulavam.
Cinquenta assim andáramos somente,
Quando o álveo curvou a linfa pura,
12 E, pois, da banda achei-me do oriente.
Pouco éramos avante na espessura,
Eis, voltando-se, a dama desta sorte
15 Falou-me: — “Escuta, irmão, e ver procura”. —
Refulge de repente uma luz forte,
Por todo o espaço imenso da floresta.
18 Relâmpago julguei, que os ares corte.
Mas luz após relâmpagos não resta;
E o fulgor mais e mais resplandecia.
21 Disse entre mim: — “Que maravilha é esta?” —
Pelo ar luminoso se esparzia
Dulcíssima harmonia: e em zelo ardendo
24 De Eva o feito imprudente eu repreendia,
Pois, céu e terra a Deus humildes vendo,
A mulher só, que a vida começara,
27 Violava o preceito, os véus rompendo.
Se fiel fora e as ordens respeitara,
Mais cedo e por mais tempo essa morada,

30 Em delícia inefável, eu gozara.
Prosseguia, tendo a alma transportada
Nas primícias da eterna f'licidade,
33 Em desejos mais vivos abrasada,
Quando vimos de intensa claridade
Sob a rama tornar-se o ar brilhante
36 E o som tomou de um hino a suavidade.
Ó Musas, santas virgens, se, constante
Fome, frio, vigílias hei sofrido,
39 Da mercê vos rogar assoma o instante:
Das águas de Hipocrene bem provido
Para em metro cantar ideia imensa
42 De Urânia e das irmãs seja eu valido!
De ver, um tanto além, eu tive a crença
Árvores sete de ouro: era aparência,
45 Emprestava a distância parecença,
Mas, quando me acerquei, quando a evidência
Provou-me quanto a semelhança engana,
48 Dando das coisas falsa inteligência,
A faculdade, que à razão aplanava
O discurso, fez ver distintamente
51 Candelabros e ouvir no hino: Hosana!
Cada qual flamejava refulgente,
Mais que no azul do céu rebrilha a lua
54 Da noite em meio, em seu maior crescente.
De pasmo, que no espírito me atua,
A Virgílio me volto; ele me encara:
57 Também revela espanto a vista sua.
Tomei-me ao lampadário, que não para,
Prosseguindo, porém, solene e lento:
60 Noiva no altar mais presta caminhar.
Eis a dama gritou-me: — “Por que atento
Às vivas luzes ‘stás com tanto excesso,
63 Que desvias do mais o pensamento?” —
Trajadas de alva cor a ver começo
Pessoas, que os luzeiros têm por guia:

66 Candor igual na terra não conheço.
Do rio a linfa à sestra resplendia:
Espelho, minha imagem, desse lado,
69 Oscilando, aos meus olhos refletia.
Dos lumes tanto estava aporpinquado,
Que pelo rio só fiquei distante:
72 Parei, por ver melhor, maravilhado.
Esses clarões eu vi passar avante;
Trás si no ar matiz vário espalhavam,
75 A pendões desfraldados semelhante.
Sete listras bem claras desenhavam,
As cores que contém de Délia o cinto
78 Ou ‘stão do sol no arco, figuravam.
Cada estandarte, atrás asas distinto,
Se perdia à vista; entre eles pareciam
81 Dez passos se no cálculo não minto.
Por baixo de tão belo céu seguiam
Vinte e quatro anciões emparelhados:
84 Brancos lírios as fronte lhes cingiam.
Todos cantavam juntos: compassados
— “Entre as filhas de Adão sejas bendita!
87 Benditos teus excelsos predicados”. —
Quando da margem bem de frente sita,
De fresca relva e flores guamecida,
90 A grei se foi que alçava a santa grita,
Como no céu a luz de outro é seguida,
Quatro animais após se apresentavam,
93 Coroados de fronde entretecida:
A cada qual seis asas adornavam,
Cobertas de olhos tantos, quantos Argo
96 Tinha, quando os seus vida então gozavam.
De descrevê-los não me faço cargo.
Leitor; a tanto ora me falta ensejo:
99 Nem posso neste ponto ser mais largo.
Contenta Ezequiel o teu desejo:
Ele os viu, que, do norte se arrojando,

102 Vinham com vento, nuve', ígneo lampejo.
Como os pintou, estava os contemplando:
Dif'rença quanto às asas há somente;
105 João eu sigo, Ezequiel deixando.
Entre os quatro volvia resplendente
Com dupla roda um carro triunfante,
108 Por um grifo tirado altivamente,
As asas estendendo ia pujante;
No meio às listras três de cada lado,
111 Sem nenhuma empecer seguia avante.
Não sobe a vista ao ponto sublimado
A que se erguem; são de ouro os membros de ave
114 No mais o róseo e o nível misturado.
Roma um plaustro não viu tão belo e grave
Do Africano em triunfo ou no de Augusto;
117 O do sol fora ante ele humilde trave:
Esse que, transviado, foi combusto,
Da Terra quando as súplicas bradaram
120 E em seus arcanos Júpiter foi justo.
Dançando à destra aos olhos se mostraram
Três damas: tão rubente uma parece,
123 Que chamas se a cercassem a ocultaram.
A segunda tão verde resplandece,
Como composta de esmeralda bela;
126 A candura da neve outra escurece.
A dança dirigindo, se desvela
Ora a branca ora a rubra: o canto desta
129 Detém, apressa o passo ao querer dela.
À sestra fazem outras quatro festa
De púrpura vestidas; uma guia
132 As outras e três olhos tem na testa.
Dois anciões no coice depois via
Dif'rentes no vestir; mas igualdade
135 Nos gestos seus e acatamento havia.
Aluno um parecia na verdade
De Hipócrates sublime que criado

138 Natura tem por bem da humanidade.
 Mostrava o companheiro outro cuidado
 Trazendo espada tão aguda e clara,
 141 Que onde eu'stava de susto fui tomado.
 De humilde aspeito a vista me depara
 Mais quatro: segue o velho, que, distante,
 144 Cerra os olhos mas luz a face aclara.
 Os sete como os quatro de diante
 Trajando a fronte sua têm cingida,
 147 Não de c'roa de lírios alvejante,
 Mas de purpúreas flores rubescida:
 Um tanto longe ao vê-los me parece,
 150 Que a testa a cada qual'stava incendida.
 E, quando o carro em face me aparece,
 Rompe um trovão e a santa companhia,
 Atendendo ao sinal pronta obedece:
 154 Para o cortejo e quanto o antecedia.

3. *Beati quorum tecta sunt peccata*, Salmo XXX, 1: “Bem-aventurados aqueles cujos pecados são perdoados”. — 42. *Urânia*, a musa da astronomia. — 51. *Candelabros*, S. João no Apocalipse vê sete candelabros de ouro; símbolos dos sete sacramentos ou dos sete dons do Espírito Santo. — 83-84. *Vinte e quatro anciões*, v. Apocalipse IV, 4; símbolo dos vinte e quatro livros do Velho Testamento. — 92-93. *Quatro animais*, símbolo dos quatro evangelhos. — 95. *Argo*, monstro mitológico, que possuía cem olhos. — 100. *Ezequiel*, profeta de Israel, autor de um livro do Velho Testamento, v. I, 4. — 105. *João*, Apocalipse IV, 6-8. — 107. *Com dupla roda um carro*, a Igreja Católica; as duas rodas simbolizam o Velho e o Novo Testamento. — 108. *Grifo*, animal mitológico, metade leão e metade águia; símbolo de Jesus Cristo, com as duas naturezas, humana e divina. — 118-120. *Esse que, transviado, foi combusto*, Fetonte, que tentou guiar o carro do Sol, porém, a rogos da Terra, foi fulminado por Júpiter. — 122-129. *Três damas*, as três virtudes teologais: fé, esperança e caridade. — 130-132. *Outras quatro*, as quatro virtudes cardiais: justiça, fortaleza, temperança e prudência. A

prudência tem três olhos (como diz Sêneca, vigia o presente, prevê o futuro e lembra o passado). — 133-135. *Dois anciões*, S. Lucas e S. Paulo. — 143. *Mais quatro*, S. Pedro, S. João, S. Tiago e S. Judas, escritores das Epístolas canônicas. — 143-144. *O velho*, S. João, que, parece, quando escreveu o Apocalipse estava perto dos noventa anos. (É preciso notar que os escritores sacros são apresentados em vários aspectos, conforme seus livros; por isso alguns entre eles são repetidos.)

CANTO XXX

Acolhida festivamente pelos anjos e bem-aventurados, desce do Céu Beatriz (a divina sabedoria) e pousa no carro. Nisso Virgílio (a humana sabedoria) desaparece. Ela dirige-se a Dante e lhe exproba seus desvios. Dante chora; e os anjos se compadecem dele. Beatriz, dirigindo-se a eles, expõe mais particularmente quais foram suas faltas depois de sua morte.

Quando o setentrião do céu primeiro,
Que, jamais tendo ocaso, nem nascente,
3 Da culpa só nublou-se em nevoeiro,
E ali fazia cada qual ciente
Do dever seu, bem como o deste mundo
6 Do nauta ao porto é guia permanente,
Parou, a santa grei, que ia em segundo
Lugar antes do Grifo, dirigia,
9 Como à paz sua ao carro olhar profundo.
Um, que do céu arauto parecia,
Veni, sponsa de Libano — cantando,
12 Três vezes disse, e a turba repetia.
Como, ao soar o derradeiro bando,
Hão de os eleitos ressurgir ligeiros,
15 Com renovada voz aleluiando,
Assim, da vida eterna mensageiros,
Cem anjos, *ad vocem tanti senis*
18 Elevaram-se ao carro sobranceiros
Diziam todos: — *Benedictus qui venis!*
Modulavam, lançando em torno flores:
21 *Manibus, oh, date lilia plenis!*
Já vi do dia aos lúcidos albores
Em parte o céu de rosicler tingido,

24 Estando em parte azul e sem vapores,
E o sol, nascendo em nuvens envolvido,
Permitir que se encare em seu semblante,
27 Entre véus nebulosos escondido:
Tal, em nuvem de flores odorante,
Que de angélicas mãos sobe fagueira
30 E cai no carro e em torno a cada instante,
De véu cingida e de oliveira,
Uma dama esguardei com verde manto
33 E veste em cor igual à da fogueira.
E o espírito meu que, tempo tanto
Havia já, não fora ao seu conspeito,
36 Trêmulo, entrando de soçobro e espanto,
Antes que aos olhos se mostrasse o aspeito,
Sentiu, por força oculta que desprende,
39 Do antigo amor, o poderoso efeito.
Quando essa alta influência em mim descende,
Que desde o alvor primeiro da existência
42 Da alma as potências me avassala e rende,
À sestra me voltei com diligência,
Qual infante da mãe correndo ao seio,
45 Se dor ou medo assalta-lhe a inocência,
Por dizer a Virgílio: — “Neste enleio,
Meu sangue em cada gota é convulsado,
48 De amor na antiga flama eu me incendeio”.
Mas ai! Virgílio havia se ausentado,
Virgílio, o pai dulcíssimo e amoroso,
51 Virgílio, a quem, por me salvar, fui dado!
Quanto perdeu neste lugar formoso
Eva, não tolhe as lágrimas no rosto,
54 Que o rocio me lavara milagroso.
— “Não haja por Virgílio ir-se, desgosto;
Não te entregues ao pranto agora, ó Dante;
57 Por dor mais viva ao pranto sê disposto”. —
Como em revista às naus sábio almirante
Nas manobras feroz a dura gente

60 E os corações esforça vigilante,
Do carro à borda, à esquerda, incontinente,
Quando voltei-me ao nome proferido,
63 Que por ser dito aqui vem simplesmente,
A dama vi que tinha aparecido
Velada em meio da divina festa,
66 Tendo, além-rio, o gesto a mim volvido.
Conquanto o véu, que lhe cingia a testa,
Que de Minerva fronde coroava,
69 A face não deixasse manifesta,
No régio continente que ostentava
Desta arte prosseguiu; porém dizendo
72 O mais acerto para o fim guardava:
— “Oh! Sou eu! Sim! Beatriz ‘stas vendo!
Pois te hás dignado de ascender ao monte
75 Ter aqui dita o homem já sabendo?” —
Os olhos inclinando à pura fonte
Vi minha imagem; logo os volto a um lado,
78 Tanta vergonha me acendia a fronte!
Qual mãe, que o filho increpa em tom magoado,
Pareceu-me: porque se torna amara,
81 A piedade que pune, ao castigado.
Calou-se ela e dos anjos a voz clara
— “*In te, Domine, speravi!*” — de repente
84 Entoa, mas em *pedes meos* para.
Da terra italiana em serra ingente
Da esclavônia por ventos contraída
87 Entre as selvas congela a neve algente;
Depois liquesce e corre derretida
Ao quente sopro, que do sul procede,
90 Como cera de flamas aquecida;
Tal o soçobro as lágrimas me impede
Antes de ouvir a angélica toada,
93 Que o hino dos eternos orbes mede.
Mas quando, em seus concentos expressada,
Compaixão vejo mais do que se houvessem

96 Dito: — “Senhora, por que és tanto irada?”,
No peito meu os gelos se amolecem;
Dos lábios e dos olhos irrompendo,
99 Com lágrimas soluços aparecem.
Firme no carro, à destra se volvendo,
Ela aos pios espíritos dizia,
102 Do cântico às palavras respondendo:
— “Vigilantes estais no eterno dia;
Jamais por noite ou sono distraída,
105 Do tempo os passos vossa vista espia.
“Minha resposta, pois, vai dirigida
Àquele, que ora ao pranto os olhos solta:
108 A culpa seja pela dor medida.
“Dos céus, não pela ação, na imensa volta,
Que para um fim conduz cada semente,
111 Segundo os astros, que lhe vão na escolta,
“Se não de graças por divina enchente,
Que chovem sobre nós dessa eminência,
114 A que se alar nem pode a nossa mente,
“Este homem foi na aurora da existência,
De tais dotes ornado, que pudera
117 Da virtude alcançar toda a excelência.
“Se, porém, a incultura se apodera
Ou semente ruim do bom terreno,
120 Plantas malinas, peçonhentas gera.
“Conservou-se ante mim puro e sereno:
Meus olhos, em menina, o conduziram
123 Pelo caminho mais seguro e ameno.
“Tanto que umbrais à vista se me abriram
Da idade segunda e desta vida,
126 Deixou-me; outros enlevos o atraíram.
“Quando em ‘spírito eu fora convertida
E beleza e virtude em mim crescera,
129 Em menos preço fui por ele havida.
“Por fraguras fugiu da estrada vera,
Em fingidas imagens enlevado,

- 132 De que jamais se alcança o que se espera.
“Inspirações em vão hei-lhe impetrado
Em sonhos, em vigília o bem mostrando:
135 Cego, correu pelo caminho errado.
“Já todo o esforço meu se malogrando,
Para salvá-lo do perigo eterno
138 Quis que baixasse ao reino miserando.
“Foi neste empenho que desci ao inferno,
E à sombra, que de guia lhe há servido,
141 Fiz o meu rogo lacrimoso eterno.
“O preceito de Deus fora infringido,
Se ele do Letes transcendesse as águas,
Se lhe fosse prová-las permitido,
145 Sem seu preço pagar em pranto e mágoas”. —

11. *Veni, sponsa* etc., convite do esposo à esposa no Cântico dos Cânticos de Salomão. — 17. *Ad vocem tanti senis*, à voz de velho tão venerando como era Salomão. — 19. *Benedictus qui venis*, cantavam os hebreus a Jesus quando entrou em Jerusalém, S. Mateus, Evang. XXI, 9. — 21. *Manibus, oh, date lilia plenis*, espalhai lírios às mãos cheias. — 39. *Do antigo amor* etc., Dante se enamorou de Beatriz quando tinha a idade de nove anos. — 83. *In te, Domine, speravi*, — Salmo XXX, até as palavras: *pedes meus*, exprime o arrependimento e a esperança na misericórdia de Deus.



CANTO XXXI

Beatriz continua repreendendo a Dante, o qual confessa os seus pecados. Matilde o mergulha, então, no rio Letes. Depois as sete damas que participavam da procissão (as quatro virtudes cardeais e as três virtudes teologais) o levam até Beatriz, pedindo a ela que se desvele diante do seu fiel. Beatriz tira o véu.

“Ó tu que estás além da água sagrada”
Prosseguiu Beatriz incontinenti,
3 A ponta a mim voltando dessa espada,
Que de revés já fora assaz pungente —
“Diz se é verdade, diz! À culpa unida
6 Esteja a confissão do penitente”. —
Tanta a força mental foi confrangida,
Que a voz desfaleceu, se erguer tentando,
9 Expirou-me nas fauces inanida.
Esperou; disse após: — “Que estás pensando?
Responde: inda não tens nágua apagado
12 Lembranças do passado miserando?” —
No meu enleio, de temor travado,
Um tão confuso sim, trêmulo, expresso,
15 Que houve mister dos olhos ajudado.
Como em besta entesada em grande excesso,
Quebrando-se arco e corda, parte a seta
18 E no alvo dá sem força do arremesso,
‘Stando minha alma em tanto extremo inquieta
E em suspiros e lágrimas, rompendo,
21 Perdeu a voz o som, que a língua enceta.
— “Se ao meu querer” — prossegue — “obedecendo
Tinhas fanal, que ao bem te conduzisse,
24 De anelos teus a mira ser devendo,
Onde o poder de estorvos, que impedisse
Teus passos? Quais grilhões que os retivessem
27 Na vereda, que avante ir permitisse?

Houve encantos, que a outros te prendessem,
 E delícias, que tanto te atraíram,
 30 Que a tua alma enlear assim pudessem?” —
 Do peito agros suspiros me saíram;
 Para falar-lhe apenas tive alento,
 33 E a voz a custo os lábios exprimiram.
 Tornei chorando: — “O engano, o fingimento
 Ao terreno prazer me hão transviado,
 36 Em vos nublando a face o passamento”. —
 — “Se ocultaras” — falou-me — “o teu pecado,
 A graveza da culpa ao claro vira
 39 Aquele, por quem deves ser julgado.
 “Mas se o réu, confessando, tem na mira
 O pesar do mau feito, em nossa corte
 42 Contra o fio da espada a mó se vira.
 “Entanto, por que seja em ti mais forte
 De errar o pejo e, no porvir ouvindo
 45 Sereias, não procedas de igual sorte,
 “Escuta-me, os teus prantos consumindo:
 Verás que, inda sepulta, eu te guiara,
 48 Pela contrária rota conduzindo.
 “Jamais arte ou natura te mostrara
 Enlevo, quanto a rara formosura
 51 Do corpo, em pó tornado, em que eu morara.
 “Se comigo baixara à sepultura
 Teu supremo prazer, como arrastar-te
 54 Pôde, após si, mortal delícia impura?
 “Engano tais sentindo saltar-te,
 Aos céus alçando a mente deverias
 57 Té minha eternidade sublimar-te,
 “E não baixar do voo, em que subias
 Te expondo a novos tiros, atraída
 60 Por jovem, por vaidades fugidias.
 “Será duas, três vezes iludida
 Ave inexperta; mas a seta, o laço
 63 Pássaro velho esquiva, apercebido”. —

Qual menino, que a mãe por largo espaço
Increpa; e, baixa a fronte, envergonhado
66 Reconhece em silêncio o errado passo,
Tal me achava. — “De ouvir se estás magoado
Levanta a barba! — ainda prosseguia —
69 “Olhando-me, hás de ser mais castigado!” —
Com menos resistência abateria
De Europa o vendaval carvalho altivo
72 Ou da terra, que a Jarba obedecia,
Do que eu alcei o rosto pensativo;
Quando ela disse barba e não semblante
75 A malícia notei e o seu motivo.
Olhos erguendo alfim, do mesmo instante
Aos ares vi que flores não lançava
78 A falange dos anjos radiante.
Tímida a vista a Beatriz achava
Voltada ao Grifo, que uma só pessoa
81 Em naturezas duas encerrava.
Além do rio sob o véu e a c’roa
Tanto excede a beleza sua antiga
84 Quanto em vida as que mais fama apregoa.
E do pesar punziu-me tanto a urtiga,
Que das cousas, que mais na terra amara
87 A mais cara odiei como inimiga.
Remorso tal a mente me assaltara,
Que vencido tombei: qual fiquei sendo
90 Sabe quem dor tão viva motivara.
Ao coração a força me volvendo
Notei a dama, que primeiro eu vira
93 Ao lado meu, — “Abraçai-me!” — dizendo.
Té ao colo no rio me imergira;
E correndo, qual leve lançadeira,
96 Das águas sobre a tona a si me tira.
Já próximo à beatífica ribeira,
Ouvi *Asperges me* tão docemente,
99 Que o não descrevo ou lembro, inda que o queira.

Matilde, abrindo os braços de repente,
 Cingiu-me a fronte e súbito afundou-me;
 102 Era dessa água haurir conveniente.
 Assim purificado, ela guiou-me
 Das damas quatro para a dança bela,
 105 E cada uma nos braços estreitou-me.
 — “Cada qual, ninfa aqui, nos céus estrela,
 Antes que Beatriz descesse ao mundo,
 108 Servas de ordem suprema somos dela.
 Os seus olhos verás; mas no jucundo
 Lume interno hás de ter vista aguçada
 111 Pelas três cujo olhar é mais profundo”. —
 Modulando na angélica toada,
 Ante o Grifo consigo me levaram:
 114 Lá Beatriz para nós era voltada.
 — “Em contemplar sacia-te!” — falaram —
 “As esmeraldas que ora tens presentes,
 117 Onde os farpões de amor te vulneraram”, —
 Mais que a flama desejos mil ardentes
 Prenderam olhos meus aos seus formosos,
 120 Na adoração do Grifo persistentes.
 Qual sol no espelho, nesses luminosos
 Astros o Grifo se alternando, eu via
 123 Seres dois refletir misteriosos:
 Meu espanto, ó leitor, qual não seria
 Vendo o objeto na imagem transmutado,
 126 Quando constante em si permanecia?
 Enquanto eu de prazer e pasmo entrado,
 Esse doce manjar ‘stava gozando,
 129 Que sacia mas sempre é desejado,
 De ordem mais alta ser manifestando
 Pelo meneio, as três se adiantaram,
 132 Por angélico estilo modulando.
 “Os olhos santos, Beatriz, — cantaram —
 “Oh! volve ao servo teu leal constante
 135 A quem por ver-te os passos não custaram.

“Nos dá por grã mercê que o fido amante
Sem véu uma segunda formosura
138 Contemple nesse divinal semblante!” —
Ó resplendor da luz eterna e pura!
Quem do Parnaso à sombra descorando
141 E da água sua haurindo alma doçura,
Aturdido não fora, se arrojando
A tentar descrever qual te mostraste,
Quando o céu de harmonias te cercando,
145 Ao ar patente a face revelaste?

71-72. *De Europa* etc., ao vento boreal que sopra na nossa região, ou ao vento meridional que sopra na África, onde reinou Jarbas. — 75. *A malícia notei* etc., Beatriz disse “barba”, e não semblante, querendo referir-se à idade madura de Dante.

CANTO XXXII

Dante olha com amor a Beatriz. No entanto, o carro, seguido pela procissão dos bem-aventurados, se move em direção a uma árvore elevadíssima e despida de folhagem. O grifo ata o carro à árvore e esta logo cobre-se de flores. O Poeta adormece. Ao despertar, vê Beatriz, rodeada das sete damas, sentada ao pé da árvore. Acontecem, depois no carro, fatos maravilhosos que causam ao Poeta surpresa e medo.

Com tão sôfregos olhos saciava
A sede, em que anos dez eu me incendia,
3 Que aos mais sentidos toda a ação cessava.
Quase murada a vista se imergia
No santo riso ao mais indiferente,
6 E nos laços de outrora me prendia.
Desse êxtase arrancou-me de repente
A voz das santas, que da esquerda soa:
9 — “Demais contemplativa tens a mente!” —
Os ofuscados olhos me nevoa
Torvação semelhante ao vivo efeito,
12 Que do sol causa a face em quem fitou-a.
Mas quando à pouca luz estive afeito
(Pouca em confronto ao lume deslumbrante,
15 Que por força deixara e a meu despeito),
Vi que à destra volvia o triunfante
Exército celeste à frente estando
18 Os candelabros sete e o sol flamante,
Qual hoste a se salvar broquéis alçando,
Se volta, e co’a bandeira não prossegue
21 Senão mudada a direção, girando;
A celeste milícia avante segue,

Na marcha procedendo desfilava.
24 Antes que o santo carro a volver chegue.
Cada coreia as rodas escoltava,
E o Grifo a carga santa removia
27 Sem parecer que as penas agitava.
Quem pelo rio me arrastado havia,
Estácio e eu a roda acompanhamos,
30 Que por arco menor volta fazia.
Na alta floresta caminhando vamos,
Erma por culpa da que a serpe ouvira:
33 Pelo cântico os passos regulamos
Andáramos espaço que medira
Uma seta três vezes disparada:
36 Desceu Beatriz do carro, em que eu a vira.
“Adam!” — disse em murmúrio a grei sagrada.
Todos depois uma árvore cercaram,
39 De folhas e de flores despojada.
Tanto aos lados seus ramos se alargaram,
Quanto erguiam-se ao céu: como portento
42 Índios nas selvas suas os mostraram.
“Ó Grifo! Glória a ti! De culpa isento,
Não provaste do lenho doce ao gosto,
45 Que tanta dor causou, tão cru tormento!” —
Daquele tronco excelso em torno posto,
Diz o préstito; e o Grifo lhe contesta:
48 — “Assim justiça é sempre no seu posto”. —
E ao carro que tirara na floresta,
Voltou-se e o conduziu ao tronco anoso:
51 Dele foi parte, a ele atado resta.
Quando o astro rebrilha poderoso,
Juntando os seus clarões aos que desprende,
54 Depois do Peixe o signo luminoso,
Brotando as plantas cada qual resplende
De esmalte novo, e ainda de outra estrela
57 Abaixo os seus frisões o sol não prende:
Súbito assim refloresceu aquela

Árvore nua, gradações formando
60 Entre rosa e violeta em cópia bela.
Então de um hino as notas escutando,
Quais nunca sobre a terra se cantaram,
63 Não pude resistir a som tão brando.
Se eu narrasse como olhos se fecharam
De Argo impiedosos, de Sírius ao conto
66 Que o seu nímio velar caro pagaram,
Pintor, tirara ao natural e em ponto
O sono em que engolfei-me docemente;
69 Mas faça-o quem nessa arte forma pronto!
Passo ao momento em que espertou-se a mente:
Fulgor ao sono intenso o véu rompia,
72 — “Eia! que fazes?” — ouço incontinenti.
Quais vendo que de flores se cobria
O linho cujo pomo apetecido
75 Na boda eterna os anjos extasia,
João, Pedro e Tiago ao seu sentido,
Depois da prostração à voz tornaram,
78 Que sono inda maior tinha vencido,
E a companhia decrescida acharam
De Elias e Moisés enquanto as cores
81 Sobre a estola do Mestre se mudaram:
Tal despertei da luz aos esplendores,
Vi perto a dama que me fora guia
84 Do rio à margem sobre a relva e as flores.
— “Onde é Beatriz?” — cuidadoso lhe dizia.
— “Da fronde nova à sombra a vês sentada,
87 Junto à raiz” — Matilde respondia.
“Da companhia sua é rodeada;
Ao céu após o Grifo os mais subiram,
90 Com mais doce canção, mais sublimada”. —
Não sei se as vozes suas prosseguiram
Pois aquela aos meus olhos se mostrara,
93 Em quem meus pensamentos se imergiram.
Sobre a terra bendita se assentara,

Só, como em guarda ao plaustro portentoso,
 96 Que ao tronco antigo o Grifo vinculara.
 Rodeiam-na, com círculo formoso,
 As ninfas sete, os lumes empunhando,
 99 Seguros de Austro e de Aquilão ruidoso.
 — “Na selva a tua estada abreviando,
 Serás comigo na eternal morada
 102 Da Roma, onde tem Cristo o régio mando.
 “Do mundo em prol, perdido em rota errada.
 O carro observa e cada cousa atento
 105 Guarda, por ser ao mundo registrada”. —
 Falou Beatriz; e eu, pois, que o entendimento
 Do seu querer aos pés tinha prostrado,
 108 Fitei no carro a vista e o pensamento.
 Dos etéreos confins arremessado,
 Não rasga o raio à densa nuve’ o seio,
 111 Com tanta rapidez precipitado,
 Como da alta ramada pelo meio,
 Córtese, fronde, flores destruindo,
 114 O pássaro de Jove irado veio.
 Com força imane o carro foi ferindo,
 Que aos golpes, qual navio, se agitava,
 117 Que o mar combate os bordos lhe investindo.
 E logo após eu vi que se enviava
 Ao carro triunfal uma raposa,
 120 Que bom cibo não ter manifestava.
 Increpando-lhe a vida criminosa,
 Beatriz pô-la em fuga, e em tanta pressa,
 123 Quanto sofreu-lhe a ossada cavernosa.
 Depois do carro à caixa a Águia se apressa
 A vir por onde, há pouco, descendera;
 126 De inçar de plumas seus coxins não cessa.
 Qual gemido que a dor no peito gera,
 Ouvi do céu baixar a voz, que dizia:
 129 — “Ó barca! bem má carga ora se onera!” —
 A terra então me pareceu se abria,

Entre as rodas um drago arrevestando
 132 Que pelo carro a cauda introduzia.
 Depois a cauda atroz retirando,
 Qual vespa o seu ferrão, feita a ferida,
 135 Arranca o fundo e vai-se coleando.
 Como em terra vivaz relva crescida,
 Cobre o resto plumagem de repente,
 138 Com tenção casta e pura oferecida;
 Timão e rodas vestem-se igualmente
 Tão presto, que um suspiro vem lançado
 141 À flor dos lábios menos prontamente.
 Daquele plaustro santo, assim mudado,
 Nos ângulos cabeças irromperam,
 144 Três no timão e uma em cada lado.
 Essas, como as de boi, armadas eram;
 Uma só ponta as quatro guarnecia:
 147 Monstros iguais já nunca apareceram.
 Qual penhasco em montanhas excelsa, eu via
 No carro nua meretriz sentada,
 150 Lascivos olhos em redor volvia.
 Como para não ser-lhe arrebatada
 Em pé ao lado seu ‘stava um gigante,
 153 Com quem trocava beijos despejada.
 Que os olhos requebrava a torpe amante
 Pra mim notando, fero a flagelava
 156 Dos pés a fronte o barregão farfante.
 No ciúme e na ira, que o inflamava
 Desprende o carro e à selva o vai tirando,
 Que depressa aos meus olhos ocultava
 160 A prostituta e o novo monstro infando.

38-39. *Uma árvore* etc., a árvore do bem e do mal, cujo fruto Adão comera, pelo que foi expulso do Paraíso. — 64-66. *Como os olhos se fecharam* etc., como adormeceu e se fecharam os olhos de Argos ao ouvir o conto de

Mercúrio a respeito de Sírío. — 73-81. *Quais vendo* etc., como os apóstolos João, Pedro e Tiago, ao assistirem à transfiguração de Jesus Cristo, no monte Tabor, e ao vê-lo em companhia de Moisés e Elias, desmaiaram e, despertando depois, o viram em sua forma natural, havendo os dois profetas desaparecido etc. — 102. *Da Rome, onde tem Cristo o régio mando*, o Paraíso. — 114. *O pássaro de Jove*, a águia, símbolo do império. — 119. *Uma raposa*, símbolo da heresia. — 126. *De inçar de plumas seus coxins não cessa*, provável alusão ao poder temporal outorgado por Constantino à Igreja Romana. — 142-147. *Daquele plaustro* etc., Dante, nessa visão, que imita as visões do Apocalipse, pretende simbolizar os funestos efeitos das riquezas que foram oferecidas à Igreja. As sete cabeças do monstro provavelmente simbolizam os sete pecados capitais originados pela corrupção. — 149. *Meretriz*, a Cúria Romana. — 152. *Um gigante*, a casa real de França e, talvez, mais particularmente, Felipe o Belo, que umas vezes foi amigo, outras inimigo dos Papas, conseguindo que o Papa Clemente V, em 1305, transportasse a Santa Sé para Avinhão.



CANTO XXXIII

Beatriz anuncia, com linguagem misteriosa, que brevemente aparecerá quem libertará a Igreja e a Itália da servidão e da corrupção. Impõe-lhe que escreva o que viu. Pede, depois, a Matilde que o mergulhe nas águas do rio Eunoé. Dante, depois da imersão, sente-se mais forte e disposto a subir às estrelas.

Deus, *venerunt gentes*, alternando,
Em coros dois, suave melodia
3 Cantam as ninfas, pranto derramando.
E Beatriz, a suspirar, ouvia
Tão dorida, que pouco mais, outrora
6 Junto da Cruz mostrara-se Maria.
Quando lhe coube alçar a voz canora,
Entre as formosas virgens posta em pé,
9 Com santo ardor, que as faces lhe colora:
“Modicum, et non videbitis me,
Caras irmãs, *et iterum”* — tornava —
12 *“Modicum et vos videbitis me”*.
Depois, antes de si as colocava,
E a mim e a dama e ao Vate, que restara,
15 Pra seguir os seus passos acenava.
Ia assim: que ela houvesse eu não julgara
O seu décimo passo em terra posto,
18 Eis sua vista na minha se depara.
— “Mais perto” — disse com sereno rosto —
“Caminha; pois falar quero contigo,
21 E o leves a me ouvir’star bem-disposto”. —
Beatriz, logo em tendo-me contigo,
— “Por que — prossegue — “irmão não hás querido
24 Me inquirir, quando vens assim comigo?” —
Fiquei, como o que o espírito aturdido,
Ao seu superior falando sente,
27 E apenas balbucia confundido.
Falei, com voz cortada, reverente:

— “Quanto hei mister sabeis muito bem, senhora,
30 O que seja em prol meu sabeis prudente”. —
— “De temor e vergonha desde agora” —
Tornou — “isento sê,’stando ao meu lado:
33 Como quem sonha as vozes não demora!
“A caixa, que a serpente há devastado,
Já foi: de Deus castigo aos criminosos
36 Ser não pode por sopa obliterada,
“Não faltarão herdeiros cuidadosos
Da águia, que ao carro as suas plumas dera,
39 E o tornou monstro e presa aos cobiçosos.
“Vejo o porvir e a voz minha assevera
O que propínquos astros anunciam:
42 Nada os estorva, nem seu curso altera.
“Um *quinhentos dez cinco* prenunciam,
Que o céu manda a punir a depravada
45 E o gigante: ambos juntos delinquiam.
“A narração, talvez, de treva içada,
Como as da Esfinge e Têmis não a entendas,
48 Por parecer-te ao ‘spírito enleada.
“Farão, porém, os fatos que a compreendas;
Quais Náíades, darão do enigma a chave,
51 Sem dano ao trigo, ao gado, sem contendias
“Que na memória tua isto se grave:
Como te falo, assim o ensina aos vivos
54 Que se afanam em buscar morte insuave.
“Lembra os que hás visto feitos aflitivos.
Da árvore o»stado narra, que te espanta,
57 Quanto sofreu assaltos dois esquivos.
“Quem despoja ou mutila a sacra planta
Blasfema a Deus, de fato o ofende ousado:
60 Para o seu uso só a criou santa.
“Sperou a primeira alma, que há provado
Do seu fruto, anos mil cinco gemendo
63 Por quem penas em si deu do pecado.
“Tua alma dorme, se não ‘stá sabendo

A causa singular, que a planta há feito
66 Tão alta, o cimo tal largura tendo.
“Se da água d’Elsa não trouxesse o efeito
O teu vão cogitar sobre essa mente,
69 Que escurece, qual sangue à amora o aspeito
“Fora o que eu disse já suficiente
Para o justo preceito compreenderes,
72 Que Deus há posto sobre o tronco ingente.
“Como te ofusca a luz dos meus dizeres,
Porque de pedra tens o entendimento,
75 Que, afeito à culpa, não permite veres,
“Uma imagem te guarde o pensamento,
Como palma ao bordão junta, voltando,
78 Peregrino, em remédio ao esquecimento”. —
— “No cérebro, qual cera conservando” —
Tornei — “a marca do sinete impresso,
81 Vosso verbo se irá perpetuando.
“Mas por que se sublima em tanto excesso
Vossa palavra, sempre apetecida,
84 Que, alcançá-la tentando, desfaleço?” —
— “Por veres” — diz — “que escola pervertida,
Hás cursado, o que, pois, sua doutrina
87 Ao verbo meu não pode ser erguida;
“Pois a vereda vossa da divina
É tão remota, quando está distante
90 Da terra o céu que ao alto mais se empina”. —
— “Não me lembro” — respondo à excelsa amante —
“De ter-me às vossas leis nunca esquivado:
93 Não diz-mo a consciência vigilante”. —
— “Possível é que estejas olvidado” —
Respondeu-me a sorrir — “tem na lembrança
96 Que inda há pouco, hás do Lete água tragado,
“E se de flama o fumo dá fiança,
Que o teu querer no erro andou perdido
99 Demonstra o olvido teu com segurança.
“Será da minha voz claro o sentido,

Por que mais facilmente de ora avante
 102 Da rude mente seja percebido”. —
 Mais demorado, entanto, e coruscante
 No círc’lo entrava o sol do meio-dia,
 105 Como os climas diversos variante,
 Quando as damas, bem como astuto espia,
 Que, precedendo a tropa, de andar cessa,
 108 Se acaso novidade se anuncia,
 Paravam, ao sair da sombra espessa,
 Qual aos frios arroios murmurantes
 111 Dos Alpes bosque verde-negro of’reça.
 Julguei ver Tigre e Eufrates não distantes
 Brotar da mesma fonte juntamente
 114 E separar-se lentos, quais amantes.
 — Ó glória! ó esplendor da humana gente!
 Qual é, disse-me, essa água, bipartida
 117 Depois de proceder de uma nascente?” —
 — “Ser-te deve a pergunta respondida
 Por Matilde” — tornou-me então, falando
 120 Em tom de quem por falta fosse arguída.
 A dama disse: — “Tudo lhe explicando
 Já ‘stive: não podia haver efeito
 123 Do Letes, a lembrança lhe apagando”. —
 E falou Beatriz: — “Pode ter feito
 Escura a mente sua o mor cuidado,
 126 Que o entendimento às vezes torna estreito.
 “Eis Eunoé, que o curso há derivado:
 Conduze-o e, como sabes, o imergindo,
 129 Seu coração alenta desmaiado”. —
 Como alma nobre, ao bem nunca fugindo,
 Faz do estranho querer própria vontade,
 132 Quando um simples sinal o está pedindo,
 A gentil dama, usando alta bondade,
 Guiou-me e a Estácio disse, que atendia:
 135 — “Segue-o também” — com garbo e majestade
 Esse doce licor, que não sacia,

Eu cantara, leitor, se desse ensejo
138 Da página uma parte inda vazia.
Mas, porque todas ocupadas vejo
E ao meu segundo Cântico aplicadas
141 Da arte o freio me tolhe esse desejo.
Como de planta as folhas renovadas
Mais frescas na hâstea mostram-se, mais belas,
Puro saí das águas consagradas
145 Pronto a me alar às lúcidas estrelas.

1. *Deus, venerunt gentes*, Salmo 78, no qual David lamenta a contaminação do templo de Jerusalém: “Senhor, as nações entraram no teu domínio, e contaminaram o teu templo”. — 10. *Modicum, et non videbitis me*, “pouco tempo passará e não me vereis mais”, S. João Ev. XVI, 16; Beatriz responde: “e novamente passará pouco tempo e me vereis”. Provável alusão ao pouco tempo que a Santa Sé teria ficado em Avinhão. — 36. *Sopa*, a sopa que, em sinal de expiação, o homicida comia sobre o túmulo do assassinado. — 43. *Um quinhentos dez cinco*, um DVX, isto é, um chefe, um capitão, enviado de Deus, o qual punirá a Cúria Romana e o rei da França. — 47. *Esfinge*, que propôs o enigma a Édipo; *Têmis*, que respondeu em forma obscura a Deucalião, que a foi consultar. — 49-51. *Náiades*, ninfas das fontes. — 61. *A primeira alma* etc., Adão esperou cinco mil anos a vinda de Jesus Cristo, que tomou sobre si o seu pecado. — 67. *Elsa*, confluenta do Arno. — 112. *Tigre e Eufrates* etc., o Letes e o Eunoé pareciam esses dois rios; pois nasciam na mesma fonte e, depois, se afastavam, aos poucos, um do outro.

Paraíso

A divina comédia

12ª edição

Dante
Alighieri

vol. 3
Paraíso

ilustrações
Gustave Doré

tradução
Xavier Pinheiro



Paraíso

CANTO I

Invocando Apolo, o Poeta conta como do Paraíso Terrestre ele e Beatriz se alçaram ao Céu, atravessando a esfera do fogo. Beatriz explica-lhe como possa vencer o próprio peso e subir. É atraído pelo invencível amor. Seguindo as teorias de Ptolomeu, Dante põe a terra imóvel no centro do Universo e, em redor dela, em órbitas concêntricas, os céus da Lua, de Mercúrio, de Vênus, do Sol, de Marte, de Júpiter, de Saturno, a oitava esfera, que é a das estrelas fixas, a nona, ou primeiro móvel, e finalmente o Empíreu, que é imóvel. Transportado pela força que faz rodar os céus e pela luz sempre crescente de Beatriz, Dante eleva-se de um céu para outro, e em cada um deles aparecem-lhe vivos os espíritos bem-aventurados que, quando vivos, possuíram a virtude própria do respectivo planeta.

A glória de quem tudo, aos seus acenos,
Move, o mundo penetra e resplandece,
3 Em umas partes mais em outras menos.
No céu onde sua luz mais aparece,
Portentos vi que referir, tornando,
6 Não sabe ou pode quem à terra desce;
Pois, ao excelso desejo se acercando,
A mente humana se aprofunda tanto
9 Que a memória se esvai, lembrar tentando.
Os tesouros, porém, do reino santo,
Que arrecadar-me pôde o entendimento,
12 Serão matéria agora de meu canto.
Faz-me neste final cometimento,
Bom Febo, do teu estro eleito vaso,
15 Que tenha ao louro amado valimento.
Fora-me assaz um cimo do Parnaso;
Daquele e do outro necessito agora

18 Para vencer na liça a que me emprazo.
Cala em meu peito, alenta o que te exora!
Sê como quando a Marsias arrancado
21 Hás do corpo a bainha protetora!
Se, divinal virtude, eu for entrado
Tanto de ti, que a sombra represente
24 Do reino que em minha alma está gravado,
Ao teu querido lenho eu, diligente,
Irei, por ter a c'roa merecida
27 De ti e deste assunto preminente.
Tão rara vez é, Padre, igual colhida
Quando triunfa César ou poeta
30 (Culpa e vergonha do querer nascida)
Que à Dêlfica Deidade a predileta
Fronde excitar devera alta alegria,
33 Se um coração por tê-la se inquieta.
Grande incêndio em centelha principia;
Voz, após mim, talvez, mais eloquente
36 Mais graça em Cirra alcance e mais valia!
Por várias portas surge refulgente
A lâmpada do mundo; mas daquela,
39 Onde orbes quatro brilham juntamente
Com três cruzes, caminha sob estrela
Melhor, em modo que a mundana cera
42 Mais ao seu jeito retempera e assela.
Dali nascia a luz; daqui viera
A noite; e um hemisfério branquejava
45 Enquanto ao outro a treva enegrecera,
Eis vi que à esquerda Beatriz fitava
Olhos no sol: jamais águia afrontara
48 Tanto desse astro o lume, que ofuscava.
Como o raio, que a luz de si dispara,
Reflete outro, que preto retrocede,
51 Qual romeiro, que à volta se prepara,
Esse ato, com que assim Beatriz procede,
Meu se tornou nos olhos infundido,

54 E o fitei mais que a um homem se concede.
Muito do que é na terra defendido,
No Paraíso é dado à humana gente,
57 A quem fora por dote prometido.
Fitar o sol não pude longamente,
Mas assaz para o ver fulgir no espaço,
60 Qual ferro, que do fogo sai candente.
Eis cuidei ver um dia, ao mesmo passo,
Luzir com outro, qual se Deus fizera
63 Do céu um sol segundo no regaço.
Sorvidos Beatriz na eterna esfera
Os olhos tinha; os meus que eu desviara
66 Dali no seu semblante embevecera.
Contemplando-a, o meu ser se transformara;
Tal Glauco, portentosa erva comendo,
69 Igual do mar aos Deuses se tornara.
Significar *per verba* não podendo
O que é transumanar o exemplo baste
72 Ao que o exp'rimente, a graça recebendo.
De ti, que por teu lume me exaltaste,
Amor do meu Senhor é conhecido,
75 Se em mim somente havia o que criaste.
Quando as 'Sferas, no giro, conduzido
Por ti no eterno anelo, me enlevaram
78 Com hino ao teu compasso dirigido,
Tantos etéreos plainos se mostraram
Inflamados do sol, que nunca os rios,
81 Nem as chuvas um lago igual formaram.
Essa luz, esses sons (jamais ouvi-os)
De saber tais desejos me acenderam
84 Que tão pungentes de antes não senti-os.
Ela em meu coração os viu como eram:
Por serenar-me o ânimo agitado,
87 Sem me escutar, seus lábios se moveram,
E disse: — "O teu espírito anda errado
Com falso imaginar: 'starias vendo

90 O que não vês, se houveras afastado.
“Te enganas, sobre a terra achar-te crendo:
O raio tão veloz do céu não desce,
93 Como tu que pra o céu vais ascendendo”. —
Se a dúvida primeira des’parece,
À voz que o riso segue, lhe escutando,
96 Inda mais outra a mente me escurece.
— “Modera-se o meu pasmo” — lhe tornando
Falei — “mas ora muito mais me admira
99 Como estes corpos leves vou passando”. —
Ouvindo, Beatriz terna suspira
E me encara piedosa, com semblante
102 De mãe que fala ao filho que delira.
— “Conservam — respondeu-me — ordem constante
As cousas entre si: esta é a figura
105 Que o universo ao Senhor faz semelhante.
“Ali vê cada uma alta criatura
Do Poder Sumo, bem ao claro, o selo,
108 Alvo sublime, que essa lei procura.
“Cada um entre na ordem, que eu revelo,
Se vai por modos vários inclinando,
111 Mais ou menos, ao seu princípio belo.
“Para portos dif’rentes navegando
No vasto mar do ser, cada qual segue
114 Os instintos que Deus lhe deu, criando.
“Por Ele a flama à lua alar consegue,
Por Ele o coração mortal se agita
117 E a terra em sua contração prossegue.
“Seu poder não somente se exercita,
Qual arco em seta, em bruto inconsciente,
120 Mas nos entes, que amor, razão concita.
“Tudo ordenando, o Autor Onipotente
Com sua luz tem o céu sempre aquietado,
123 Em que gira o que vai mais velozmente.
“Até lá, como a um alvo decretado,
Desse arco impele a força poderosa,

126 Quem conduz tudo a venturoso estado.
 “Mas, como, às mais das vezes, revoltosa
 A forma não responde ao intento da arte,
 129 Porque a matéria é na surdez teimosa,
 “Assim desta vereda se desparte
 A criatura, para o bem guiada,
 132 Que pode propender para outra parte,
 “Se, de falso prazer sendo arrastada,
 Baixa à terra, qual fogo desprendido,
 135 De súbito, da nuvem carregada.
 “Não seja mais de espanto possuído:
 Como ao val rio cai de monte altivo,
 138 Para a esfera estelífera és erguido.
 “De maravilha fora em ti motivo
 Não subindo; pois’stás de estorvo isento;
 Não fica imoto em terra o fogo vivo”. —
 142 Disse e os olhos fitou no firmamento.

14. *Febo*, Apolo. — 16. *Parnaso*, o monte Parnaso tinha dois cimos; num moravam as Musas com Baco, no outro (Elicão ou Cirra) morava Apolo. — 20. *Marsias*, o sátiro Marsias desafiou Apolo e foi esfolado pelo deus. — 31. *Délfica deidade*, Apolo. — 36. *Cirra*, parte do Parnaso consagrada a Apolo. — 38. *A lâmpada do mundo*, o sol. — 38-41. *Daquele onde orbes quatro*, etc. o ponto do céu no qual se conjuntam quatro círculos celestes, os quais entrecortando-se formam três cruces. *Caminha sob estrela melhor*, a constelação do Áries. — 41. *Mundana cera*, a matéria terrestre. — 43-45. *Dali nascia a luz; daqui viera a noite*, no hemisfério do Purgatório amanhecia; no nosso hemisfério caía a noite. — 68. *Glauco*, pescador mitológico, ao comer uma erva marinha transformou-se em deus do mar. — 122-123. *O Céu sempre aquietado, em que gira o que vai mais velozmente*, o Empireu imóvel, dentro ou embaixo do qual gira o primeiro móvel, que é o mais veloz dos céus.

CANTO II

Sobem à lua. Exortação aos leitores. Dante pergunta a Beatriz se as manchas da lua dependem da maior ou menor densidade do astro. Beatriz confuta o erro. Todos os astros são iluminados pela virtude que do primeiro móvel se difunde aos céus sotopostos. Na lua a virtude é menor que nos outros céus.

Vós, que em frágil barquinha navegando,
Desejosos de ouvir, haveis seguido
3 Meu baixel, que proeja e vai cantando,
Volvei à plaga, donde haveis partido,
O pélagos evitai; que, em me perdendo,
6 Vosso rumo talvez tereis perdido.
Ondas ninguém cortou, que vou correndo,
Sopra Minerva e me conduz Apolo
9 E o Norte as Musas mostram-me, a que eu tendo.
Vós, que, raros, a tempo haveis o colo
Erguido ao pão dos anjos, que alimenta,
12 Mas não sacia, no terráqueo solo,
A vossa nau guiai, de medo isenta,
No salso argento, após a minha esteira,
15 Enquanto água o seu sulco inda apresenta.
A que em Colcos surgiu gente guerreira,
Menos que vós, atônita ficara
18 Jasão vendo aplicado à sementeira.
Perpétua, inata sede nos tomara
Do império deiforme e nos levava
21 Quase bem como o céu, que jamais para.
Olhava o céu Beatriz, eu a encarava.
Tão depressa talvez, quanto arrojada
24 Ao ar, a seta do arco se destrava,

Cousa vi, que prendeu maravilhada
A vista minha súbito; e então ela,
27 Que do meu cogitar' stava inteirada,
Voltou-se e disse leda, quanto bela:
"A Deus eleva a mente, agradecido,
30 Chegados somos à primeira estrela".
Lúcido, espesso, sólido e polido
Vulto, qual nuvem, nos cobrir parece,
33 Quase diamante pelo sol ferido.
Na per'la eterna entramos: assim desce
Raio de luz pela água, que recebe
36 No seio, mas unida permanece.
Se eu era corpo, e aqui se não percebe
Como uma dimensão outra compreende,
39 Senão se um corpo em outro corpo embebe,
Com mais razão desejo em nós se acende
De ver aquela essência, que é patente
42 Como a nossa natura a Deus se prende.
Ali o que por fé se crê somente
Sem provas por si mesmo será noto,
45 Como a verdade prima o que o home' assente.
— "Ante o Senhor com ânimo devoto
Humilho-me" — tornei-lhe — "enternecido,
48 Pois do mundo mortal me tem remoto.
"Mas dizei: neste corpo o que têm sido
As manchas negras, com que lá na terra
51 Sobre Caim se hão fábulas urdido". —
Sorriu-se e respondeu: — "Se assim tanto erra
Dos mortais o juízo no que a chave
54 Dos sentidos verdade não descerra,
"Não mais depois o espanto em ti se agrave;
Pois vês como, aos sentidos se rendendo,
57 Nos curtos voos a razão se trave.
"Mas fala, ideias tuas me dizendo". —
— "O que parece aqui ser diferente
60 De corpo raro e denso vir'stou crendo". —

— “Tu verás” — replicou — “bem claramente
Ser falsa a crença tua, se escutares
63 Os argumentos, que lhe oponho em frente.
— “Na oitava esfera há muitos luminares,
Nos quais, por qualidade e por grandeza,
66 Notam-se aspetos vários, singulares.
“Se o denso e o raro atua, com certeza
Virtude única em todos tem regência,
69 Influindo com mais, menos graveza:
“São as virtudes várias consequência
Dos princípios formais que destruídos
72 Seriam, exceto esse: é de evidência.
“Se são por corpo raro produzidos
Tais sinais, ou neste astro muitos postos
75 De matéria estão eles destituídos,
“Ou, como o gordo e o magro sobrepostos
No corpo vês, quadernos diferentes
78 Este astro em seu volume tem dispostos.
“Nesse caso estariam bem patentes
Nos eclipses do sol da luz efeitos,
81 Que são, nos corpos raros, transparentes.
“Assim não é. No outro, se desfeitos
Forem seus fundamentos, demonstrado
84 Terei teu erro em ambos os respeitos.
“Não indo o raro de um ao outro lado
Limite deve haver onde, já denso,
87 Não possa o corpo ser atravessado;
“E sobre si o lume torne intenso,
Bem como a cor, por vidro refletida,
90 Ao qual o chumbo é por detrás apenso.
“Dirás que a luz se mostra escurecida
Aí, mais do que outra e em qualquer parte,
93 Por ser de mais distância refrangida.
“Desta instância consegue libertar-te
Experiência, se dela te ajudares,
96 Por ser soer a fonte de toda arte.

“De espelhos três se a dois tu colocares
Com igual intervalo, e o derradeiro
99 Mais longe, entre os primeiros encarares;
“Se houveres pelas costas um luzeiro,
Que os espelhos já ditos esclareça,
102 Dos dois repercutido e do terceiro:
Conquanto uma extensão menor pareça
No espelho que se avista mais distante,
105 Verás como igual luz o resplandeça.
“Como aquecida do astro rutilante,
A neve se derrete e se esvaece,
108 A frigidez perdendo e a cor brilhante,
“Assim, pois que o teu erro desaparece,
Mostrar-te clarão vou tão refulgente,
111 Que cintila qual luz que do céu desce.
“No céu da paz divina um corpo ingente
Gira: em sua virtude está guardado
114 O ser de quanto é ele o continente.
“O céu seguinte, de astros marchetado,
Aquele ser reparte por essências
117 Distintas, mas que tem nele encerrado.
“Os outros céus, por várias influências,
Distinções que contêm, dispõe, lhes dando
120 Quanto serve aos seus fins e consequências.
“Esses órgãos do mundo (estás notando)
Seguem, pois, gradação, que não varia;
123 Vêm de cima os que abaixo vão passando
“Compreendes já como é segura a via,
Por onde ir à verdade desejada:
126 Depois o vai tu passarás sem guia.
“Deve aos santos motores imputada
Ser, como ao fabro o efeito do martelo,
129 Dos céus a ação, desta arte revelada.
“E o céu, que tantos lumes fazem belo,
Do Ser Supremo, que no espaço o agita.
132 A imagem toma e a insculpe como selo.

“E como alma, que a humana argila habita,
 Por diferentes membros atuando,
 135 Faculdades diversas exercita,
 “A Inteligência assim multiplicando
 Dos astros nos milhões sua bondade,
 138 Sobre a Unidade sua vês girando.
 “Cada virtude, em sua variedade,
 A cada precioso corpo é unida
 141 A que dá, como em vós vitalidade.
 “A virtude, em tais corpos infundida
 Refulge, de um ser ledó procedente
 144 Qual ledice em pupila refletida.
 “Daí vem que uma luz de outra é dif’rente,
 Não por efeito do que é denso e raro:
 Esse é formal princípio eficiente
 148 Conforme a sua ação o turvo e o claro”. —

11. *Pão dos anjos*, teologia. — 14. *Salso argento*, o mar. — 16. *A que em Colcos surgiu gente guerreira*, os Argonautas que se espantaram quando Jasão arou o campo com dois touros que expeliam flamas pelas narinas e semeou os dentes do monstro que havia matado, do que surgiram guerreiros (Ovídio, Met. VII). — 34. *Per’la eterna*, a lua. — 51. *Sobre Caim se hão fábulas urdido*, segundo uma credice popular, as manchas da lua representavam Caim carregando um feixe de espinhos. — 60. *De corpo raro e denso*, Dante havia escrito no Convívio que as manchas lunares eram partes rarefeitas do astro. — 73-90. Se a lua tivesse algumas partes transparentes, não haveria possibilidade de verificar-se o eclipse do sol. Se as partes rarefeitas não são transparentes, deveria haver ao oposto delas, como num espelho, partes densas que impediriam a transparência. Nesse último caso, porém, os raios externos, como no espelho, deveriam refletir-se. — 112. *No céu da paz*, o Empíreo. — 112-113. *Um corpo ingente gira*, o primeiro móvel, que influencia os outros céus. — 127. *Santos motores*, os anjos que agem em cada um dos céus. — 130-132. *E o céu que tantos lumes fazem belo*

etc., aquele Céu que tantas estrelas fazem belo, recebe da divina inteligência a virtude e a imprime nos outros céus.



CANTO III

Na lua estão as almas daqueles que não cumpriram plenamente seus votos religiosos. Aparece ao Poeta a alma de Picarda Donati, que resolve uma sua dúvida sobre o contentamento dos espíritos bem-aventurados. Narra-lhe como foi violentamente tirada do mosteiro. Indica-lhe a alma da imperatriz Constança.

O sol por quem primeiro ardeu meu peito,
Provando e refutando, me mostrara
3 Da formosa verdade o doce aspeito.
Por confessar-me do erro, em que vagara,
Quanto possível fosse, convencido,
6 Mais alto a fronte para a sua alçara.
Eis fui de uma visão tal possuído,
Que olvidei meu desejo inteiramente
9 Ficando em contemplá-la submergido.
Bem como em cristal puro e transparente,
Ou nágua clara, límpida e tranquila,
12 Que deixa à vista o fundo seu patente,
A imagem nossa quase se aniquila,
Em modo, que uma per'la em nívea fronte
15 Se faz mais perceptível à pupila,
Assim, dispostas a falar defronte
Várias figuras vi: eu no erro oposto
18 De Narciso caí amando a fonte.
Eu, cuidando as feições do seu composto
Ver num espelho, súbito volvia,
21 Por bem saber quem fosse, atrás o rosto.
Ninguém vi. Logo o gesto me atraía
Da doce guia, que, a sorrir-me estando,
24 Dos santos olhos no esplendor ardia.
— “No sorriso, não pasmes, reparando,
A causa é” — diz — “teu pueril engano,
27 À verdade caminhas vacilando.

“Andas em falso, como sóis, de plano:
 Verdadeiras substâncias estás vendo;
 30 Trouxe-as aqui dos votos seus o dano.
 “Interroga, o que ouvires crer devendo;
 Pois da verdade a luz, que as esclarece,
 33 As conduz, de todo erro as defendendo”. —
 Volto-me então à sombra, que parece
 Mais desejosa de falar: torvado
 36 Começo, e a voz impaciência empece.
 — “Tu, espírito eleito, que, enlevado,
 Da vida eterna aqui fruis a doçura,
 39 Que entende só quem tem expr’imentado,
 “Grã mercê me farás, se porventura
 Disseres o teu nome e a sorte vossa”. —
 42 A responder-me leda se apressura.
 — “Ao bom desejo a caridade nossa,
 Como a que manda a corte sua inteira
 45 Imitá-la, defere quanto possa.
 “Eu era lá no mundo virgem freira:
 Diz-te a memória, se as feições me guarda,
 48 Que sou, posto mais bela, e verdadeira.
 “Atenta bem: verás que sou Picarda:
 Estou nesta bendita companhia,
 51 Venturosa na esfera, que é mais tarda.
 “As nossas afeições que inflama e guia
 Somente a inspiração do Esp’rito Santo,
 54 Enlevam-se em cumprir ordens que envia.
 “A sorte, ao parecer somenos tanto,
 Nos coube, por ter sido descurado
 57 O sacro voto e em parte posto a um canto”. —
 Respondi-lhe: — “No aspeito sublimado
 Vosso rebrilha um não sei que divino.
 60 Que o tem do que foi de antes transmutado,
 “Não fui, pois, em lembrar-me repentino;
 Porém, do que disseste me ajudando,
 63 Eu do que hás sido em recordar-me atino.

“Mas vós que estais aqui dita logrando
Não sentis de outro céu desejo ardente
66 Por ver mais alto mais amor gozando?” —
Sorriu-se a sombra e as outras docemente;
E disse da alegria radiante,
69 O seu primeiro amor como quem sente:
“Rege o nosso querer, em paz constante,
A caridade, irmão: só desejamos
72 O que ora temos e não mais avante.
“Anelando ir mais alto do que estamos,
Seríamos rebeldes à vontade,
75 A que aprouve esta estância, que habitamos.
“Pois nos cumpre existir na caridade,
Surgir não pode em nós tal pensamento,
78 Dessa virtude oposto à santidade.
“Condição de eternal contentamento
É preceito cumprir do Onipotente:
81 Um só com ele é logo o nosso intento.
“Do reino em cada plaga refulgente
Somos, do reino todo muito ao grado
84 E do Rei, que à sua lei nos molda a mente.
“Seu preceito a paz nossa se há tomado:
Ele é mar a que tudo precipita,
87 Que cria, ou faz natura ao seu mandado”. —
Conheço então que o Paraíso habita
Quem’s tá do céu em qualquer parte, e vejo
90 Não chover de um só modo a suma dita.
Mas, se um manjar sacia, dado o ensejo,
E de outro resta o apetite vivo,
93 Um se agradece, expondo-se o desejo.
Por gesto e voz assim fiz-me expressivo
Para a tela saber que a lançadeira
96 Não rematara com lavor ativo.
— “Perfeita em vida, em mérito altaneira
Acima santa está, que há regulado
99 Vestes e véus, com que professa freira,

“Até finir-se, vele ou durma ao lado
 Desse esposo, que todo voto aceita,
 102 Se lhe é por caridade consagrado.
 “Menina e moça, à sua regra estreita
 Submeti-me, e do mundo me apartando
 105 Jurei aos seus preceitos ser sujeita.
 “Roubou-me à paz do claustro iníquo bando,
 Mais à maldade do que ao bem afeito:
 108 Qual foi Deus sabe o meu viver, penando!
 “Este fúlgido espírito, em cujo aspeito
 (À direita demora-me) se acende
 111 Quanto lume o céu nosso tem perfeito,
 “O que digo de mim de si o entende;
 Sendo freira, como eu foi-lhe arrancado
 114 O santo véu, que o voto à frente prende.
 “Mas, ao mundo tornando de mau grado,
 Que os seus piedosos usos ofendia,
 117 Guardou fiel seu peito ao sacro estado.
 “É a excelsa Constância a que radia:
 Deu de Suábia ao Imperador segundo
 120 Herdeiro, em que extinguiu-se a dinastia”. —
 Calou-se; e logo do Ave o hino jucundo
 Cantou: cantando aos olhos desaparece,
 123 Qual peso, que mergulha em mar profundo.
 Segui-la a vista quis quanto pudesse;
 De desejo invencível atraída,
 126 Voltou-se, quando em todo se esvaece,
 E em Beatriz fitou-se embevecida.
 Mas era o rosto seu tão fulgurante,
 Que ante o lume sentiu-se esmorecida.
 130 Pelo efeito atalhei-me titubante.

1. *Sol da beleza, Beatriz — 17-18. No erro oposto de Narciso.* Narciso se enamorou da sua imagem na fonte, tomando-a por pessoa verdadeira. Dante

caiu no erro oposto. — 49. *Picarda* Donati, irmã de Forese e de Corso, freira de Santa Clara, foi obrigada pela sua família a casar-se com Rossellino della Tosa. — 95-96. *Para a tela a saber que a lançadeira* etc., o motivo pelo qual faltou aos votos que tomara. — 98. *Acima Santa está*, Santa Clara. — 118. *Constância*, filha de Rogério, rei das Apúlias e de Sicília, casada com Henrique VI e mãe de Frederico II.

CANTO IV

Duas dúvidas agitam o espírito do Poeta. A primeira é relativa à doutrina platônica segundo a qual todas as almas voltam para as estrelas donde saíram. A outra, se a violência tolhe a liberdade, como pode ser justo que as almas forçadas a romper os votos tenham desconto de glória. Beatriz responde à primeira dúvida, restringindo o sentido da doutrina platônica. Relativamente à segunda, diz que aquelas almas não consentiram no mal, mas não o repararam, voltando ao claustro, quando tiveram possibilidade de fazê-lo.

- De igual modo distantes e atraentes,
Homem livre entre cibos dois morrera
3 De fome, antes que num metesse os dentes.
Cordeiro assim, sem se mover, temera
No meio de dois lobos truculentos;
6 Um galgo entre dois gamos não correria.
Calando-me entre opostos pensamentos,
Louvor não merecia, nem censura;
9 Necessário era então nos meus intentos,
Mas no semblante o anelo se afigura;
Constrangido silêncio o denuncia
12 Melhor que a voz, quando expressão apura.
Fez Beatriz, qual Daniel fazia
Para os assomos moderar da ira,
15 Que ao mal Nabucodonosor movia.
— “Dos desejos cada um tua alma tira”
— Disse — “e estando em tais laços enleada,
18 Tolhido o raciocínio, não respira.
“Discorres: se a vontade contrastada
No bem persiste, pode porventura
21 Em méritos julgar-se amesquinhada?

“Turbar-te inda outra dúvida procura:
Se das estrelas a alma torna ao meio,
24 Como Platão filósofo assegura.
“Destes problemas dois te nasce o enleio.
No derradeiro o exame principia
27 Porque do erro mais fel há no seu seio.
“Não tem anjo, que em Deus mais se extasia
Moisés e Samuel, João Batista,
30 O Evangelista, nem também Maria,
“Lugar em céu dif’rente do que a vista
De espíritos te deu que hão se mostrado:
33 Num só têm todos a eternal conquista.
“O Empíreo é por todos adornado,
Hão todos doce vida variamente
36 Conforme o eterno sopro é facultado.
“Se nesta esfera os viste, certamente,
Não foi por destinada lhes ter sido,
39 Grau só denota menos eminente.
“Assim por mente humana compreendido
Será, pois se eleva ao entendimento
42 Do que é pelos sentidos percebido.
“Por ter do que sois vós conhecimento
A Escritura atribui, mas al entende,
45 Pés e mãos ao Senhor do firmamento.
“Em figurar a Igreja condescende
Gabriel e Miguel e o que a Tobia
48 Curou, sob a feição, que à humana tende.
“Timeu esta verdade contraria
No que acerca das almas argumenta;
51 Parece crer à letra o que anuncia.
“Ao seu astro voltar a alma sustenta,
Supondo que ela à terra descendera,
54 Quando, por forma ao corpo unida, o alenta.
“Talvez diversa ideia concebera
Do que nas vozes suas emitira,
57 Escarnecida ser não merecera.

“Se a honra ou vitupério atribuía
Aos astros de influir na vida humana,
60 Na verdade talvez firmasse a mira.
“Mal-entendido, o seu princípio dana
O mundo quase inteiro, que prestara
63 A Jove e a Marte adoração insana.
“A dúvida segunda te depara
Menos veneno, pois o mal, que encerra
66 Para longe de mim não te afastara.
“Que a Justiça Divina lá na terra
Pareça injusta é, de péssima heresia,
69 Argumento de fé, que jamais erra.
“Mas, como a humana mente poderia
Às alturas alar-se da verdade,
72 Vou dar-te o que o desejo te sacia.
“Constrangimento havendo, se, à maldade
A vítima se opondo, em luta insiste,
75 Desculpa elas não têm, sem dubiedade.
“Não se abate a vontade, se persiste;
Sempre se ergue, qual flama cintilante:
78 A força a estorce, vezes mil resiste.
“Por menos que se dobre vacilante,
Cede à força: voltar ao santo abrigo
81 Puderam, tendo o ânimo constante.
“Se o querer fosse inteiro no perigo,
Como Lourenço no braseiro ardente,
84 Ou Múcio, que à mão sua deu castigo,
“Em livres sendo, a estrada incontinente
Do dever seguiriam pressurosas;
87 Mas raro é tal valor na humana gente.
“Se atendeste, razões dei poderosas
Para ficar tua dúvida solvida:
90 Causa te fora a angústias afanosas.
“Mas ante os olhos ora vês erguida
Outra ainda mais grave, que, por certo,
93 Não fora por ti só desvanecida.

“Já te hei bem claramente descoberto
Que não pôde mentir alma ditosa
96 Pois da Suma Verdade é sempre perto.
“Narrou depois Picarda que extremosa
No seu amor ao véu fora Constância,
99 Ao revés do que eu disse cautelosa.
“Na existência há mais de uma circunstância,
Em que se faz, perigos receando,
102 O que é vedado ou move repugnância.
“Do pai ardentes rogos respeitando,
A sua mãe Alcmeon cortava a vida,
105 Por piedade impiedoso se tornando.
“Fique, pois, a tua mente convencida
De que ao querer se a força anda ajustada,
108 Não há desculpa à falta cometida.
“A vontade absoluta é declarada
Inimiga do mal: cede temendo
111 Ser, pela oposição, mais lastimada.
“A verdade absoluta em mira tendo,
Picarda discorreu: de outra eu falava.
114 Verdade ambas estamos defendendo”. —
Do santo rio a luz assim manava,
Da Fonte da verdade é derivada:
117 Cada um dos meus desejos contentava.
— “Ó do Primeiro Amante excelsa amada!
Ó santa” — eu disse — “cuja voz me anima,
120 Me inunda e a força aviva à alma abrasada!
“Afeto meu que ao extremo se sublima,
Não basta por tornar graça por graça:
123 Que o Senhor minha dívida redima!
“Não há, bem sei, não há quem satisfaça
A mente, se a Verdade não compreende
126 Fora da qual outra nenhuma passa.
“A mente ali se refocila e prende,
Qual fera, que em seu antro empolga a presa:
129 De outra sorte o desejo em vão se acende.

“E por isso ao pé nasce da certeza,
 Como vergôntea, a dúvida e nos leva
 132 De cimo em cimo até sublime alteza.
 “Com toda a reverência que vos deva,
 Ouso pedir-vos me expliqueis, Senhora,
 135 Outra verdade, que me está na treva:
 “Os rotos votos, que homem sente e chora,
 Pode suprir com mérito dif’rente,
 138 Que iguale em peso o que perdera outrora?” —
 Beatriz me encarou: tão refulgente
 Lhe rebrilhava o olhar e tão divino,
 Que me volto, sentindo a força ausente,
 142 E, quase aniquilado, a fronte inclino.

13. *Qual Daniel* etc., Beatriz interpretou o pensamento de Dante, como Daniel o sonho de Nabucodonosor, que queria mandar matar os seus sábios por não terem podido interpretá-lo. — 24. *Como Platão filósofo assegura*, segundo a teoria platônica, as almas são criadas antes dos corpos e habitam as estrelas, a elas voltando, depois da morte do corpo. — 28-32. *Não tem anjo* etc., todos os anjos e santos não têm, no céu, lugar diferente daquele dos espíritos que agora apareceram. — 47. *O que a Tobia curou*, o Arcanjo Gabriel que curou a cegueira de Tobias. — 49. *Timeu*, diálogo de Platão no qual se fala da imortalidade da alma. — 61-63. *Mal-entendido, o seu princípio dana*, etc., a opinião, mal-entendida, da ação das estrelas sobre a alma, talvez, leva ao erro, e, por isso, deram-se aos planetas os nomes de Jove e Marte e foram eles adorados. — 83. *Lourenço*, condenado a morrer queimado vivo. — 84. *Muzio*, Scevola, para punir-se, fez queimar sua mão sobre um braseiro. — 104. *Alcmeon*, filho de Anfiarau, matou a mãe Erifiles, v. Purgatório, XII, 50.



CANTO V

Continuando no discurso do canto anterior, Beatriz explica a Dante que o voto é um pacto entre o homem e Deus. Pode mudar-se a matéria do voto, mas deve ser substituída com oferecimentos de maior mérito. Beatriz lamenta a leviandade dos cristãos. Beatriz e Dante voam depois para a esfera de Mercúrio, onde estão as almas dos homens que viveram uma vida digna, adquirindo fama no mundo. Um espírito fala ao Poeta.

Se no fogo do amor te resplandeço
Em modo, que o terreno amor precede;
3 Se aos olhos teus a força desfaleço;
“Não te espantes: efeito é que procede
Desse perfeito ver, que o bem compreende,
6 E, o compreendendo, em se apurar progrede.
“Já patente me está quanto resplende
Na inteligência tua a Luz eterna,
9 Que, apenas vista, sempre amor acende;
“E, se outro objeto humano amor governa,
Vestígio dela é só mal percebido,
12 Só transluzindo em sua forma externa.
“Saber queres se um voto não cumprido
É de outras obras resgatado, e tanto,
15 Que em juízo de Deus fique absolvido”. —
Começou Beatriz desta arte o canto;
E, como quem no discorrer não para,
18 Seguiu assim no seu elóquio santo:
“O amor bem que ao universo Deus doara,
O que indicara mais sua bondade
21 O que em preço mais alto avaliara,
“Foi do querer, por certo, a liberdade,
Que a toda criatura inteligente
24 Há dado em privativa faculdade.
“Daqui, por dedução, fica evidente
Do voto a alta valia, quando é feito

27 Por acordo entre Deus e a humana mente.
“Por contrato, entre Deus e o home’ aceito,
Esse tesouro é vítima imolada,
30 Que ao sacrifício vai com ledor aspeito.
“Pode ser porventura compensada?
Se cuidas usar bem do que ofertaste,
33 Crês fazer bem com prata mal ganhada.
“Certo do ponto capital ficaste;
Com a dispensa a Igreja, parecendo
36 Em tal caso contrário ao que escutaste,
“Convém, que um pouco à mesa te detendo,
Para o rijo manjar, que hás ingerido,
39 Socorro aguardes, que te dar pretendo.
“Ao que te explico atento presta ouvido
E guarda-o na alma; pois não dá ciência
42 Ouvir o que depois fica no olvido.
“Exige do sagrado voto a essência
Aquele objeto em sacrifício dado
45 E do próprio contrato a consistência.
“Jamais pode ser este obliterado,
Ainda que infringido: já bem clara
48 Demonstração sobre este ponto hei dado.
“Lei rigorosa a Hebreus determinara
Fazer pia oblação; mas concedida
51 A permuta da oferta lhes ficara.
“Da matéria do voto é permitida
Conversão quando ensejo se oferece,
54 Sem ser por isso falta cometida.
“Mas não se muda, quando bem parece,
O fardo; só se a Igreja, tendo usado
57 Das chaves de ouro e prata, o concedesse.
“Crê que toda permuta é passo errado,
Quando o antigo no novo não se inclua,
60 Bem como quatro em seis vês encerrado.
“Se o voto é tal na gravidade sua,
Que obrigue a se inclinar toda balança,

63 Outro voto não há, que o substitua.
 “Não contraí, mortais, votos por chança!
 Cumpri-os, mas não Jefté imitando,
66 A quem deu louco voto a desp’rança.
 — “Fiz mal! — dissesse ao voto seu faltando,
 Por não fazer pior cumprindo-o. Estulto
69 Foi o potente Rei dos gregos, quando
 “À filha fez chorar seu belo vulto
 E à piedade moveu quantos ouviram
72 Falar daquele abominável culto.
 “A razões pesai bem, que vos inspiram,
 Cristãos! não sede pluma a qualquer vento!
75 As nódoas com toda a água se não tiram!
 “Tendes o Velho e o Novo Testamento
 E da Igreja o pastor, que os passos guia:
78 Que mais quereis por vosso salvamento?
 “Se má cobiça o peito vos vicia,
 Homens sede e não brutos animais:
81 Que entre vós o Judeu de vós não ria.
 “Como o cordeiro simples não fazais,
 Que contra si combate petulante,
84 Da mãe o leite não querendo mais”. —
 Beatriz assim disse. Eis anelante
 E arrebatada em êxtase voltou-se
87 À parte, onde o universo é mais brilhante.
 Ante o enlevo em que o gesto transmutou-se,
 Calou-se o meu desejo impaciente:
90 De outras questões, já prestes, refreou-se.
 Como a seta, que o alvo de repente
 Atinge antes que a corda esteja quieta,
93 No céu segundo entramos velozmente.
 Tão leda eu via Beatriz dileta,
 Daquele céu nas luzes penetrando,
96 Que mais vivo esplendor mostra o planeta.
 E se a estrela sorriu, se transformando,
 Como não fiquei eu, que fez natura

99 Mudável, impressões todas tomando?
 Como viveiro de água mansa e pura,
 Pela esp'rança, de pasto, que se of'reça,
102 Sofregamente o peixe o anzol procura,
 Mais de mil esplendores vindo à pressa,
 — “Eis aí quem nos traz de amor aumento” —
105 A voz de cada qual nos endereça.
 De cada sombra o alegre sentimento,
 Em se acercando a nós, se denuncia
108 No fulgor do seu claro luzimento.
 Quão sôfrego o desejo não seria
 Em ti leitor, se acaso interrompesse
111 A narração de quanto então se via?
 Imaginas, portanto, o que eu tivesse
 De conhecer aquela grei formosa,
114 Tanto que ante os meus olhos aparece.
 — “Ó criatura, que assim vês ditosa
 Os tronos do eternal triunfo, inda antes
117 De finda a terreal guerra afanosa,
 “Nos lumes, que no céu há mais brilhantes,
 Ardemos: te darei, se as pretenderes,
120 Ao teu desejo informações bastantes”. —
 Assim falou. — “Responde que assim queres”. —
 A Beatriz ouvi — “diz com franqueza,
123 E crê como divino o que entenderes”.
 — “O ninho tens, já vejo com certeza,
 Na luz eterna: o seu fulgor revela
126 Dos olhos teus, sorrindo-te a viveza.
 “Mas não sei quem tu és, ó alma bela,
 Nem por que por degraus tens esta esfera,
129 Que aos mortais nos clarões de outra se vela”. —
 Assim disse, voltado à luz que houvera
 Primeira a voz alçado: refulgindo,
132 Mais coruscante a vi ao que antes era.
 Bem como o sol os lumes encobrindo
 No seu próprio esplendor quando esvaece

135 As cortinas que estavam-nos cingindo,
 Da alegria no excesso desaparece
 Nos próprios raios a figura santa.
 Na sua luz envolta que recresce,
139 Disse o que o canto que se segue canta.

56-57. *Só se a Igreja* etc., só se a Igreja, que possui a chave de prata (da ciência) e de ouro (da autoridade), o permitir. — 65. *Jefté*, juiz de Israel, fez o voto, se vencesse os Amonitas, de sacrificar a primeira pessoa que encontrasse no caminho; e esta foi a sua filha. — 69. *O potente rei dos Gregos*, Agamenon prometeu aos deuses o que possuía de mais belo. Chorou depois a beleza da sua filha Ifigênia.

CANTO VI

A alma do imperador Justiniano fala ao Poeta. Narra-lhe a história do Império, de Eneias a César, a Tibério, a Tito, a Carlos Magno, para mostrar-lhe a santidade da autoridade imperial. Diz-lhe que no Céu de Mercúrio estão os espíritos daqueles que se esforçaram para conseguir fama imortal. Discorre-lhe acerca de Romeu, que administrou a corte de Raimundo Berlinguer, conde de Provença.

Depois que Constantino a Águia voltara
Contra o curso do céu, que ela seguira
3 Pós o herói, que Lavínia conquistara,
“Duzentos anos já passados vira
Da Europa em confins de Deus essa ave,
6 Vizinha aos montes, donde se partira;
“Das plumas sob a sombra ampla e suave,
De mão em mão o mundo há dominado,
9 Té comigo reger do Império a nave.
“César, Justiniano fui chamado.
Do Amor, que sinto, por querer movido,
12 O supérfluo das leis hei cerceado.
“Antes de ter a empresa cometido,
Uma só natureza acreditava
15 Ter Cristo e andava nessa fé perdido.
“Mas de Agapeto santo que mandava
De Roma Santa Igreja, a voz potente
18 Levou-me à crença pura, que eu deixava.
“O que então disse, eu vejo claramente,
Pois, como vês, contradição implica
21 Uma falsa asserção e outra evidente.
“Quando eu cri no que a Igreja certifica,

Minha mente, de Deus por alta graça,
24 Logo à sublime empresa se dedica.
“Belisário a reger as armas passa;
No favor, que lhe deu poder divino
27 Sinal vi que me ordena a paz se faça. —
“A responder-te, o que ouves tem destino;
Mais o que hei dito agora a tanto obriga,
30 Que a mor explicação dar-te me inclino.
“Verás que sem razão vontade imiga
Move-se contra esse estandarte santo,
33 Quando o tenta usurpar, quando o profliga.
“Pelos fatos verás respeito quanto
Mereceu desde a honra em que Palante
36 Morreu por dar-lhe de sobrano o manto.
“Em Alba sabes como foi constante
Por mais de anos trezentos té lutarem
39 Três contra três por que ele fosse avante.
“Sabes quanto ele fez por se curvarem
Vizinhos desde o roubo das Sabinas
42 Té Lucrecia expirar e os Reis findarem.
“Sabes que glória teve nas mãos dinas
De heróis, que Breno e Pirro combateram,
45 E de outros reis coligações mali’nas;
“Décios, Fábios, Torquatos lhe deveram
E Quíncio Cincinato, que amo e louvo
48 A fama das vitórias, que tiveram;
“Calcou o orgulho do Africano povo,
Que por fraguras, donde, o Pó, te envias,
51 Sob Aníbal, abriu caminho novo.
“Fez triunfar da juventude em dias
Cipião e Pompeu, e assaz desgosto
54 Causou às tuas pátrias serranias.
“Perto dos tempos, em que o céu disposto
Havia, por seus fins, dar paz ao mundo.
57 Em mãos de César Roma o teve posto.
“O que ele fez do Var ao Rin profundo

Isara há visto e o Era, há o Sena
60 E esse vale, onde o Rone é sem segundo.
“Passando o Rubicon, após Ravena,
Com César a Águia tanto em voo alçou-se,
63 Que o não pôde seguir nem voz, nem pena.
“Depois que para a Espanha remontou-se,
A Durazzo e a Farsália acometia:
66 Do efeito o ardente Nilo perturbou-se.
“O Simoente e Antandro então revia,
Seu berço, em que a de Heitor cinza descansa;
69 E sem detença a Ptolomeu se envia.
“Dali, qual raio, logo Juba alcança;
Depois volve-se às terras do Ocidente,
72 Onde os sons de Pompeu a tuba lança.
“Nãos mãos de outro o que fez essa ave ingente
No inferno Bruto e Cássio estão sentindo,
75 Sofrem Perúgia e Módena tremente.
“Cleópatra inda vai triste carpindo
Atroce morte, que da serpe toma,
78 Da Águia os assaltos pávida fugindo.
“Até o Roxo mar tudo a Águia toma,
E ao mundo tão serena a paz se inclina,
81 Que em fim de Jano as portas fecha Roma.
“O que fez e faria a ave divina
Para trazer à fama sua aumento
84 Nesse império mortal, em que domina,
“Parece escasso em seu merecimento,
Quando em mãos de Tibério a contemplamos
87 Com puro afeto e claro entendimento;
“Pois que a viva justiça, que adoramos
Lhe há nessas mãos a glória concedido
90 De dar vingança às iras, que incitamos.
“Sê, me ouvindo, de espanto possuído:
Águia a vingança do pecado antigo
93 Depois com Tito há por tornar corrido.
“Quando, mordida por lombardo imigo,

Gemia a Santa Igreja, à sombra da ave
96 Salvou-a Carlos Magno do perigo.
“Podes julgar, portanto, do erro grave
Daqueles, cujas faltas hei notado,
99 Causa do mal que vês quanto se agrave.
“Contra o sacro estandarte um tem hasteado
Áureo lírio, outro o quer por seu partido:
102 Custa dizer qual seja o mais culpado.
“Gibelinos, no iníquo andar sabido
Outra bandeira sigam; que à justiça
105 Culto esta exige nunca interrompido.
“Carlos novo a batê-la em vão cobiça
Com Guelfos; teme as garras, que arrancaram
108 A mais forte leão juba inteiriça.
“Mais de uma vez os filhos já choraram
Pelas culpas do pai: é louca a esp’rança, —
111 De que de Deus favor lírios ganharam.
“O planeta, em que habito agora, estança
É de almas generosas que honra e fama
114 Aspiraram do mundo na lembrança.
“Quando os desejos deste modo inflama
O incentivo da glória, aos céus ascende
117 Do vero amor menos ativa a chama.
“Mas nossa dita em parte compreende
Dos méritos e prêmio no confronto:
120 Nem menor, nem maior nenhum se entende
“Pois da viva justiça o feito pronto
Tanto os afetos nos ameiga e apura,
123 Que nequícia os não torce em nenhum ponto.
“Vozes várias de sons formam doçura:
Assim os vários graus na eterna vida
126 Doce harmonia fazem nesta altura.
“Nesta per’la, em que estás, bela e polida,
Rebrilha de Romeu claro luzeiro,
129 Virtude ínclita e mal-agradecida.
“Os provençais, pelo ato traiçoeiro,

Não se rirem; caminho segue errado
 132 Quem o bem de outro inveja sobranceiro.
 “Às filhas grato de rainha o estado
 Conseguiu Beranguer: tal bem devia
 135 A Romeu, nome humilde e não falado.
 “Preso na trama que a calúnia urdia,
 Que aumentado no quinto o erário havia;
 138 Do erário contas exigiu do justo,
 “Romeu partiu-se então pobre e vetusto:
 Se o mundo o coração lhe aquilatara,
 Quando, mendigo, se mantinha a custo,
 142 Louvor muito maior lhe dispensara”. —

1-3. *Depois que Constantino a Águia voltara* etc., depois que Constantino transferiu o Império de Roma para Bizâncio. — 10. *Justiniano*, imperador romano e grande legislador, que reinou duzentos anos depois de Constantino, pois começou o seu reinado em 527. — 14. *Uma só natureza* etc., a doutrina de Eutíquio, segundo a qual Cristo tinha só a natureza humana. — 16. *Agapeto*, o papa Agabito. — 25. *Belisário*, grande capitão que combateu na Itália contra os Godos. — 32. *Esse estandarte sacro*, o emblema do Império, que representava a águia. — 35. *Palante*, companheiro de Eneias, morreu combatendo contra Turno. — 37. *Alba*, cidade fundada por Ascânio, filho de Eneias. — 39. *Três contra três*, combate dos Horácios contra os Curiácios. — 41. *O roubo das Sabinas*, o rapto das mulheres dos Sabinos, efetuado pelos Romanos. — 42. *Lucrecia*, mulher de Colatino, foi violentada por Tarquínio, daí resultando a rebelião dos Romanos contra a monarquia. — 44. *Breno e Pirro*, o primeiro general dos Galos, o segundo rei do Épiro, que invadiram a Itália. — 46-47. *Décios*, pai, filho e neto morreram pela pátria; *Fâbios*, ilustre família romana; *Torquatos*, T. Manlio Torquato; Quíncio, Q. Lúcio Cincinato. — 51. *Aníbal*, general cartaginês que invadiu a Itália. — 67. *Simoente*, rio perto de Troia; *Antandro*, cidade da Frísia. — 73. *Nas mãos do outro o que fez...* César Augusto vingou a morte de César. — 76. *Cleópatra*, rainha do Egito, suicidou-se. — 93. *Tito*, destruiu Jerusalém, cujos habitantes tinham crucificado a Jesus Cristo. — 94. *Lombardo imigo*, Desidério, último

rei longobardo que foi derrotado por Carlos Magno. — 101. *Áureo lírio*, as armas da Casa de França. — 106. *Carlos novo*, Carlos II de Anjou, chefe do partido guelfo. — 128. *Romeu*, segundo conta G. Villani, foi administrador de Raimundo Beranguer, conde de Provença, aumentando-lhe o patrimônio e conseguindo casar as filhas de Raimundo com quatro reis. Caluniado, não quis mais ficar na corte de Provença e, velho e pobre, desapareceu.

CANTO VII

Desaparecem os bem-aventurados cantando. Beatriz explica como a crucificação de Cristo restituiu ao homem a dignidade perdida, a liberdade que lhe foi conferida por Deus. Os anjos e os homens por sua natureza são livres e imortais. O homem porém, pecando, abusou da sua liberdade, e deformou a imagem de Deus que tinha de si. Não podia reparar a falta por si mesmo, pois não podia humilhar-se tanto quanto Adão, em seu orgulho, quis sumir. A Deus convinha ou perdoar ou punir. Na sua sabedoria infinita, Deus perdoou e puniu ao mesmo tempo. Puniu a humanidade em Jesus Cristo e Nele a fez novamente livre.

- “*Hosannah Sanctus Deus Sabaoth,
Superillustrans claritate tua*
3 *Felices ignes horum malacòth!*”
Assim, voltando à melodia sua,
Cantar ouvi essa alma venturosa
6 Em quem dúplice lume se acentua.
Tornam todas à dança jubilosa,
E súbito da vista se apartaram
9 Velozes, como flama fulguerosa.
Disse entre mim, pois dúvidas me entraram:
“Fala à senhora tua, fala; à sede
12 Rócio as palavras suas te deparam”.
Torvação me assenhora e a voz me impede,
Que apenas B com I C E conjugava:
15 Acurvei, como quem ao sono cede.
Mas Beatriz do enleio me tirava,
Com sorriso, que a mente me ilumina
18 E aditara entre as chamas começava:
— “Como bem vejo, dúvida domina

A tua alma: — a vingança, que foi justa,
21 Punição teve, da justiça di'na?
“Esclarecer-te o espírito não custa.
Atende bem: verdade preminente
24 Das vozes minhas co'a expressão se ajusta.
“Aceitar não querendo, obediente,
Saudável freio, o homem, sem mãe nado,
27 Perdeu-se a si, perdeu a humana gente.
“Muitos sec'los enferma do pecado,
Jazeu ela não erro engrandecido
30 Té que o Verbo de Deus fosse encarnado.
“Por ato só do Eterno Amor, unido
À natureza se há, que ao mal se dera,
33 Depois de esquivia ao Criador ter sido.
“No que vou te dizer bem considera.
A natureza, a que se uniu beni'no
36 Em pessoa, nasceu boa e sincera.
“Por si mesma, fugindo em desatino
Da vereda da vida e da verdade,
39 Do Paraíso se exilou divino.
“Da Cruz a pena, em face da maldade
Da natureza, a que Jesus baixara,
42 Foi a mais justa em sua gravidade.
“Nunca injustiça igual se praticara,
Atenta essa Pessoa, que há sofrido,
45 Que à natureza humana se ajuntara.
“Contrastes, pois, de um ato hão procedido:
Folgam Judeus da morte a Deus jucunda,
48 Foi ledos o céu e o mundo espavorido.
“E não te mova sensação profunda
Ouvir que uma vingança, que foi justa,
51 Vingada ser devia por segunda.
“Vejo-te a mente por vereda angusta
Levada a estreito nó de dubiedade,
54 Que solver mor esforço ora te custa.
“Dirás: — discerno o que ouço, na verdade;

Mas porque Deus nos desse está-me oculto,
57 Remindo-nos tal prova de bondade. —
“Este decreto, irmão, está sepulto
Aos olhos do que ainda o entendimento
60 Não tem de Amor na flama ainda adulto.
“É mistério em que luta o pensamento
Sem fruto conseguir de tal porfia,
63 Mas foi o melhor modo. Ouve-me atento!
“A Divina Bondade que desvia
De si o desamor, arde e flameja,
66 Por eternos primores se anuncia.
“Diretamente o que emanado seja
Dela é sem fim; eterna impressão fica
69 Do que no seu querer supremo esteja.
“O que assim nasce, não sujeito fica
Das causas secundárias à influência
72 E liberdade plena significa.
“Mais lhe apraz, se é conforme à sua essência:
Que o santo Amor que em toda cousa brilha,
75 Mais vivo é no que encerra esta excelência.
“Aos homens de tais bens cabe a partilha:
De tais predicamentos se um falece,
78 Sua nobreza já decai, se humilha.
“Só por pecado dessa altura desce;
Do Sumo Bem não mais reflete o lume,
81 Semelhança não mais dele oferece.
“E o grau sublime seu não mais assume,
Se não contrapuser ao do pecado
84 Deleite mau das penas o azedume.
“Quando o gênero humano, infeccionado
Todo no germe seu, foi dessa alteza
87 E do seu Paraíso deserdado,
“Reaver só pudera (com certeza
Verás, se bem cogitas), intervindo
90 Um dos meios, que aponto por clareza:
“Ou Deus, por graça infinda, remitindo;

Ou — porque, de si mesmo, se convença —
93 Das culpas suas o homem se remindo.
“Para sondar a profundidade imensa
Dos eternos conselhos, prende à mente
96 As razões que o discurso meu dispensa.
“O homem não podia, de indigente,
As dívidas solver: nunca pudera
99 Curvar-se tanto, humilde e reverente,
“Quanto, rebelde, se elevar quisera.
Eis por que redimir-se do pecado
102 Só por si mesmo ao homem não coubera.
“E, pois há sido do divino agrado,
Por clemência ou justiça e ambas juntando,
105 Ser ele à vida eterna aparelhado.
“A feitura do Autor ao gosto estando
Inda mais, quando a imagem nos oferece
108 Do peito, de quem vem piedoso e brando,
“A Bondade que em tudo transparece,
Em prol vosso os dois modos reunia:
111 Um somente bastar-lhe não parece.
“Entre a noite final e o primo dia
Ato igual não se fez alto e formoso
114 Desse modo por um, nem se faria.
“Dando-se, há sido Deus mais generoso,
Por que o home’ a se erguer se habilitasse,
117 Do que só perdoando carinhoso.
“Outro meio qualquer, que se empregasse
Não bastara à Justiça, se humilhando
120 De Deus o Filho à carne não baixasse.
“Para de todo seres doutrinado
Eu torno a um ponto, por que vejas claro,
123 Como eu, o que zelosa hei te explicado.
“Dizes: — no fogo e no ar, se bem reparo
Na terra e nágua vejo e em seus compostos
126 Corrupção que destrói sem anteparo.
“Na criação por Deus foram dispostos:

De corrupção isentos se deveram,
 129 Certos sendo os princípios por ti postos. —
 “Criados, meu irmão, se consideram
 Os anjos e dos céus o que há no espaço,
 132 Inteiros, puros sempre quais nasceram.
 “Elementos e quanto no regaço
 Da natura por eles se combina
 135 De virtude criada of’recem traço.
 “Criou-lhes a matéria a lei divina,
 Criando logo a força informativa,
 138 Que nos astros, que os cercam, predomina.
 “Dos lumes santos moto e luz deriva
 Dos brutos alma, e plantas igualmente,
 141 Por compleição potencial passiva.
 “A vida nossa vem diretamente
 De Deus, Supremo Bem, que em nós acende
 144 Amor tal, que o deseja eternamente:
 “Daí, por dedução, também descende
 Vossa ressurreição, se ao ser e à essência
 Da humana carne o teu esp’rito atende,
 148 Quando o primeiro par teve existência”. —

1-3. *Hosannah, sanctus Deus Sabaoth*, expressão constituída por palavras latinas e hebraicas: “Salve, Deus dos exércitos, que iluminas com a tua luz os felizes lumes deste reino”. — 18. *E aditara*, do verbo aditar, tornar feliz. — 26. *O homem sem mãe nado*, Adão. — 46-48. *Contrastes, pois, de um ato procedido* etc., a morte de Jesus Cristo deu satisfação a Deus, porque reparava a ofensa de Adão e deu satisfação aos Judeus pela raiva deles contra Jesus; a terra ficou espavorida pela crucificação de Deus e o Céu alegre porque se abria novamente à humanidade.



CANTO VIII

Dante e Beatriz elevam-se à estrela de Vênus, onde estão os espíritos daqueles que outrora foram propensos às paixões amorosas. Encontro com Carlos Martelo, o qual, referindo-se à índole mesquinha de seu irmão Roberto, explica-lhe como se dá que de um bom par possa nascer um filho mau e, enfim, quanto providencial é a Natureza nos seus decretos e quão vaidosos são os homens que não lhe seguem as indicações.

O mundo com perigo verdadeiro
Creu que Ciprina bela dardejava
3 Louco amor do epicilo que é terceiro.
Sacrifícios não só lhe consagrava,
Preces e votos essa antiga gente
6 No erro antigo fatal, que a transviava,
Mãe e filho adoravam juntamente,
Dione e o seu Cupido, que fingiram
9 De Dido reclinado ao seio ardente;
Dessa falsa deidade o nome uniram
Ao planeta, que o sol sempre namora,
12 Quando raíam seus lumes, quando expiram.
Como ao astro eu me alcei, a mente ignora,
Mas certo fui de haver lá penetrado,
15 Mais formosa por ver minha senhora.
Como se vê fagulha em fogo ateado,
Como uma voz é de outra discernida,
18 Firme o som de uma, o de outra variado,
Outros clarões notei na luz subida,
Mais ou menos velozes se volvendo,
21 Lá da eterna visão, creio, à medida.
Ou visíveis ou não, ventos rompendo,
Em rápida invasão, de nuve' escura,
24 Demorados 'stariam parecendo,
A quem pudesse ver cada luz pura,
Que ao nosso encontro vem deixando a dança

27 Que marcam serafins dos céus na altura.
Trás a grei, que primeiro nos alcança,
Tão doce hosana soa, que, incessante,
30 De inda ouvi-lo o desejo jamais cansa.
Dos espíritos um, que vem diante
Só principia: — “Todos nós queremos
33 Quanto para aprazer-te for prestante.
“Num só ardor e giro nos movemos
Cos Príncipes, celestes esplendores
36 De quem no mundo hás dito (bem sabemos):
— ‘Vós, do terceiro céu sábios motores!’ —
Por te agradar nos é doce o repouso
39 Tão vivos são do nosso amor fervores!” —
De Beatriz ao gesto luminoso
Depois que alcei os olhos reverente
42 E certo fui do seu querer donoso,
À luz, que se mostrou condescendente
Em tanto grau — “Quem és” — falei, de afeito
45 Estremecido possuída a mente.
Ó das palavras minhas raro efeito!
Maior a vi brilhar; nova delice
48 A alegria aumentou do claro aspeito.
— “Bem pouco o mundo” — a refulgir-me, disse —
“Me teve; se algum tempo mais vivesse,
51 Mal, que há de vir, por certo ninguém visse.
“O júbilo que em torno me esclarece,
Aos teus olhos me encobre, como inseto,
54 Que dos seus véus de seda se guarnece.
“Com razão me votaste o extremo afeto;
Pois, em mais longa vida, eu te mostrava
57 Por ações quanto me eras tu dileto.
“Aquela região, que o Rone lava
À sestra, quando ao Sorga corre unido,
60 Por senhor seu um dia me esperava.
“Como da Ausônia o litoral partido
Por Bari, por Gaeta e por Crotona.

63 Onde é do Tronto e Verde o mar nutrido.
“Da c’roa a fronte minha já se entona
Do vasto reino, que o Danúbio rega,
66 Quando as plagas tudescas abandona.
“Trinácia, a cujos céus névoa carrega
Sobre o golfo, em que mais Euro embravece,
69 De Paquino a Peloro, em mor refega,
“Que não Tifeu, mas sulfúro escurece,
O trono guardaria à prole minha,
72 Que de Carlo e Rodolfo antigos desce,
“Se o mau jugo, que os povos amesquinha,
A gritar — morra! morra! — não movesse
75 Palermo, a quem temor não mais continha.
“Se mais prudência meu irmão tivesse,
Dos Catalanos a indigência avara
78 Fugira, por que o mal seu não crescesse.
“Urgente, na verdade, se tomara
Que, por si ou por outrem, não deixasse
81 Mais onerar a barca, que adernara.
“Quando a índole nobre transtornasse
Avareza, milícia ter devia,
84 Que só de encher seus cofres não curasse”. —
— “Como creio” — tornei-lhe — “a essa alegria,
Que me infundes, Senhor, a origem tira
87 De Deus que todo bem finda e inicia.
“Comigo a sentes: mor prazer me inspira.
Quanto me hás dito, me é no extremo caro,
90 Pois vês, de Deus no espelho tendo a mira.
“Ledo me hás feito; assim tornar-me claro
O que por teu dizer ‘stá duvidoso:
93 Semente doce brota fruto amaro?” —
— “Vendo a verdade” — disse — “pressuroso
Darás o dorso ao que ora dás o rosto,
96 Verás claro o que julgas tenebroso.
“O Bem, que os céus, que sobes, há disposto,
Os move e alegre, sem pôr providência

99 Nestes corpos que vês virtude posto.
 “E não só com perfeita previdência
 Cousas terrestres acham-se ordenadas,
102 Mas as preserva a sua onipotência:
 “Porque as setas, deste arco arremessadas,
 Predestinadas são a um ponto certo,
105 Infalíveis ao alvo endereçadas.
 “O céu aliás, aos olhos teus aberto,
 Só feitura sem arte produzidas
108 Abrangera e ruínas no deserto.
 “Foram então de perfeição despidas
 As Substâncias, que regem as estrelas
111 E a mão, que as fez assim destituídas.
 “Verdades são: mais claras queres vê-las?” —
 — “Não” — repliquei — “supor não poderia
114 Natura escassa em suas obras belas”. —
 — “Um mal, dize-me, fora” — prosseguia —
 “Não ser o homem cidadão na terra?” —
117 — “Por certo; e a razão sei” — lhe respondia.
 — “Sociedade haverá, se não encerra
 Misteres vários, que cada um pratica?
120 Não, se o teu Mestre em seu pensar não erra”. —
 Deduzindo, a evidência significa,
 E logo concluiu: — “Causa dif’rente
123 Efeito diferente sempre indica.
 “Nasce um Sólon, e Xerxe outro é furente,
 Melquisedeque ou Dédalo perito,
126 Que no ar perdeu o filho seu demente.
 “Perfeito é o giro pelos céus descrito;
 Na cera humano o seu sinal fazendo,
129 Mas solar não distingue, nem distrito.
 “Daí vem que Esaú, logo em nascendo,
 Difere de Jacó; toma Quirino
132 Marte por genitor, seu pai vil sendo.
 “Natureza gerada, em seu destino
 Seria sempre igual à que a fizera,

135 Se não vencesse o decretar divino.
 “O rosto ora diriges à luz vera;
 Mas inda um corolário te ofereço,
138 Pois de agradar-te em mim desejo impera.
 “Sempre natura, se da sorte excesso
 A contraste, produz fruto danado,
141 Como semente posta em solo avesso.
 “Se meditasse o mundo, desvelado,
 Nos fundamentos, que natura lança,
144 De melhor gente fora povoado.
 “Mas quem próprio seria à militança
 Na soledade monacal definha,
 Bem pregara quem, Rei, em vão se cansa.
148 E fora assim da estrada se caminha”. —

2. *Ciprina bela*, Vênus. — 8. *Dione*, filha de Oceano e de Tétis, mãe de Vênus. — 9. *De Dido reclinado ao seio ardente*, no I Livro da Eneida, Cupido, sob a aparência de Ascânio, leva a Dido os presentes de Eneias. — 58 e seg. quem fala é Carlos Martelo, filho de Carlos II de Anjou e que Dante conheceu em Florença em 1294. — 61. *Ausônia*, a Itália. — 67. *Trinácia*, a Sicília. — 70. *Tifeu*, segundo a lenda o gigante Tifeu, sepultado na Sicília, expele fumo e caligem. — 72. *De Carlo e Rodolfo*, Carlos de Anjou e Rodolfo de Habsburgo. — 74. *A gritar — morra! morra! — não movesse Palermo*, alusão às Vésperas Sicilianas. — 76. *Meu irmão*, Roberto de Anjou. — 120. *O teu mestre*, Aristóteles. — 131. *Quirino Rômulo*, fundador de Roma.

CANTO IX

Depois de Carlos Martelo, fala a Dante Cunizza de Romano, irmã do tirano Ezzelino. Prediz-lhe iminentes desventuras na Marca de Treviso e de Pádua, e uma negra traição do bispo de Feltre. Folco de Marselha manifesta-se a Dante e lhe indica a alma resplendente de Raab, que favoreceu os hebreus na conquista da Terra Santa. Invectiva contra Florença e contra a Cúria Romana.

Depois que Carlos teu, bela Clemência
Instruiu-me, narrou traições e enganos,
3 Que ter devia a sua descendência;
Mas disse: — “Cal-te! Deixa o curso aos anos!” —
Dizer só posso, pois, que justo pranto
6 Há de vir por vingança aos vossos danos.
E voltou-se de novo o lume santo
Para o Sol que de júbilos o enchia.
9 Sendo ele o Bem que para tudo é tanto.
Ah! mortais iludidos! raça impia,
Que, em pensamentos fátuos se engolfando,
12 Do Bem Supremo os corações desvia!
Eis outro vi pra mim se encaminhando:
De aprazer-me a vontade anunciava,
15 O brilho da luz sua acrescentando.
Os olhos Beatriz em mim fitava,
Bem como de antes: grandioso assenso,
18 Ao meu desejo claramente dava.
— “Ó ser bendito, ao meu querer intenso
Defere logo “— exclamo —” e dá-me a prova
21 De que em ti se reflete o que ora penso”. —
A luz então, inda aos meus olhos nova,
Dês que a vi lá na altura onde cantava

24 Diz como quem cortês rogos aprova:
— “Nessa parte da Itália opressa e escrava,
Que situada entre o Rialto
27 E as nascentes do Brenta e do Piava,
“Colina vê-se que não surge ao alto:
Lá centelha, depois ígnea procela,
30 Que a toda a região deu grande assalto.
“De um só tronco brotamos eu com ela.
Cunizza me chamei: aqui resplendo,
33 Porque venceu-me a flama desta estrela.
“Da sorte minha a causa não me sendo
Desgosto, eu ma perdoo alegremente.
36 Talvez estranhe o vulto o como entendo.
“Da luz, que me está perto, refulgente,
Amada joia desta nossa esfera,
39 Revive grande a fama, e permanente
“De sec’los cinco mais será na era.
Vê se homem com razão à glória aspira,
42 Se extinta a vida, outra no mundo o espera!
“A este alvo, porém, não levam mira
Os que o Ádige cerca e o Tagliamento:
45 Nem dos seus erros o infortúnio os tira.
“Punido em breve, o povo truculento
De Pádua o lago tingirá, que banha
48 Co’as águas, de Vicência o fundamento;
“Onde o Cagnan do Sile se acompanha
Se trama o laço que fará cativo
51 Quem mostra no perder soberba estranha.
“Do ímpio Pastor procedimento esquivo
Há-de Feltro chorar, tal ribaldia
54 A Malta não levou nunca homem vivo.
“De enormes dimensões tonel seria,
Que o sangue recebesse de Ferrara,
57 Pesá-lo o esforço humano esgotaria,
“Em tal cópia o bom Padre o derramara
Em preito ao seu partido! Os dons malvados

60 Da terra sua a índole explicara.
“Espelhos no alto (Tronos são chamados)
A nós refletem quanto Deus indica:
63 Crê, pois, ora nos fatos revelados”. —
Calando-se Cunizza significa,
Ao giro seu anterior voltando,
66 Que em diverso cuidado imersa fica:
Aquele, a que aludira, rebrilhando,
Com preclaro esplendor, mostrou-se à vista
69 Como ao sol rubi fino flamejando.
Alegria no céu fulgor aquista,
Como a nossa no riso se declara;
72 Mas os gestos no inferno a dor contrista.
“Deus vê tudo, e o teu ver nele se aclara” —
Falei — “ditoso espírito: patente
75 Te é sempre quanto o seu querer depara.
“Porque a voz tua, enlevo permanente
Do céu, de anjos no canto a sócia sendo,
78 Que em seis asas têm veste resplendente,
“Não satisfaz desejos, em que ardendo
Estou? Falara, sem mais ser rogado,
81 Se eu visse em ti bem como em mim’ stás vendo”. —
— “O maior vale de águas inundado”
— Desta arte a responder-me começava —
84 “Do mar, em torno à terra derramando,
“Opostas plagas, se estendendo, lava
Contra o sol, e assim faz meridiano
87 Esse horizonte, em que primeiro estava.
“Nessa parte do val mediterrano
Nasci, entre Ebro e Macra, que separa
90 Do domínio de Gênova o Toscano.
“Quase um meridiano se depara
Para Bugia e o ninho meu querido:
93 Sangue dos seus seu porto avermelhara.
“Chamei-me Folco e assim fui conhecido:
Este céu da luz minha é penetrado

96 Como eu fora da sua possuído;
 “Pois Dido, que ciúmes há causado
 A Creusa e a Siquei, não mais ardera
99 Do que eu, enquanto à idade me foi dado;
 “Nem Rodópea infeliz, a quem perdera
 Demofonte; nem Hércules outrora,
102 Que o coração a Iole oferecera.
 “Não há remorso aqui; folga-se agora,
 Não pela culpa, já no esquecimento,
105 Pela Virtude, cuja lei se adora.
 “Arte aqui se contempla, em que portento
 Tão alto brilha; e o Bem se patenteia,
108 Que influir faz na terra o firmamento.
 “Para ser a medida toda cheia
 Dos teus desejos, nados nesta esfera,
111 Do meu discurso inda prossegue a teia.
 “Ora queres saber a luz quem era,
 Que aí perto de mim tanto cintila,
114 Como o sol, que na linfa reverbera.
 “Sabe, pois, que ali vês leda e tranquila
 Raab: à nossa ordem reunida
117 Em grau superior clara rutila.
 “Foi neste céu, que a sombra procedida
 Da terra não alcança, em triunfando
120 Jesus Cristo, a primeira recebida.
 “Devia dar-lhe um céu por palma, quando
 Assinalar lhe aprouve a alta vitória,
123 Que na Cruz teve, as palmas entregando;
 “Pois que por ela começara a glória,
 Que colheu Josué na Terra Santa,
126 Que se apagou do Papa na memória.
 “A tua pátria, que foi daquele a planta,
 Que ao Criador revel primeiro há sido
129 E causou pela inveja aflição tanta,
 “Tem flor maldiçoada produzido,
 Que, ovelhas e cordeiros transviando,

- 132 Traz o pastor em lobo convertido.
 “O Evangelho, por ela, abandonando
 E os Doutores, às páginas usadas
135 Das Decretais’stão muitos se aplicando.
 “O Papa e os Cardeais, nisto engolfadas
 Tendo as ideias, Nazaré esquecem,
138 Que viu do Arcanjo as asas desdobradas.
 “Mas Vaticano e os sítios que enobrecem
 A Roma e têm sido o cemitério
 Dos que, fiéis a Pedro, lhe obedecem,
142 Livres serão em breve do adultério”. —

25-28. *Nessa parte* etc., a Marca Trevisana. — 26. *Rialto*, Veneza. — 28. *Colina*, onde está situado o castelo da família de Ezzelino de Romano. — 32. *Cunizza*, irmã de Ezzelino III, mulher de fama duvidosa pela sua vida livre, morta em Florença, onde talvez se penitenciou. — 37. *Da luz* etc., é a alma de Folco de Marselha, trovador e poeta. — 44. *Os que* etc., os habitantes da Marca Trevisana. — 51. *Quem mostra no perder* etc., Ricardo de Camino, senhor de Treviso, que foi morto traiçoeiramente pelos seus inimigos. — 52-54. *Do ímpio Pastor* etc., Alexandre Novello, bispo de Feltre, entregou ao Papa, em 1314, vários gibelinos de Ferrara, que foram condenados à morte. — 67. *Aquele*, Folco. — 88-89. *Nessa parte* etc., Marselha onde Folco morou. — 97. *Dido*, rainha de Cartago, amando Eneias, ofendeu a Creusa, mulher de Eneias e ao seu marido Siqueu. — 100. *Rodópea*, matou-se ao ser abandonada por Demofonte. — 102. *Iole*, amante de Hércules, que, por ciúme, foi morto, por Dejanira. — 116. *Raab*, meretriz de Jericó, escondeu os espiões que Josué havia mandado a Jericó, facilitando a queda da cidade e, por isso, foi salva da morte, depois da vitória dos hebreus. — 118. *Neste céu* etc., segundo Tolomeu a sombra da Terra se projetava até o limite de Vênus. — 126. *Que se apagou do Papa na memória*. o Papa não se interessa pela Terra Santa, que está sob o domínio dos Sarracenos. — 127. *A tua pátria* etc., Florença teve origem demoníaca. — 130. *Flor maldiçoada*, o dinheiro, o florim de ouro de Florença. — 135. *Decretais*, os livros das leis canônicas, que asseguram vantagens aos eclesiásticos.

CANTO X

Depois de admirar a infinita sabedoria de Deus na criação do Universo, narra o Poeta como sem aperceber-se achou-se elevado ao Sol, em que estão as almas dos doutos na teologia. Doze espíritos mais reluzentes o circundam e um deles, S. Tomás de Aquino, revela o nome dos seus companheiros.

O poder inefável e primeiro,
O Filho a contemplar co Amor sublime,
3 De um e outro, eternal, vindo o terceiro,
Quanto à vista e à razão nossa se exprime
Com tal ordem criou, que, o efeito vendo,
6 De adorar seu Autor ninguém se exime.
As esferas, leitor, olhos erguendo
Nota a parte, onde estão dois movimentos
9 Um para o outro oposição fazendo.
E começa a mirar de arte os portentos,
Que tanto dentro em si o senhor ama,
12 Que lhes tem sempre os olhos seus atentos.
Vê como desse ponto se derrama
Em linha oblíqua, o circ'lo, que transporta
15 Os planetas que o mundo aguarda e chama.
Se lhes assim não fosse a estrada torta,
Muita força no céu fora perdida
18 E aqui potência quase toda morta.
Se fora essa vereda preterida
Mais ou menos, ficara transtornada
21 A ordem no universo estatuída.
Ora leitor, meditação pausada
Faz de quanto comigo prelibaste:
24 Leda a mente hás de ter, não saciada.

Dou-te iguaria: come, pois, se praz-te.
A matéria, em que escrevo, não consente,
27 Nem por instantes, que a atenção se afaste.
Da natura o ministro mais potente
Que a influência do céu na terra imprime
30 E o tempo mede com sua luz fulgente,
À parte, que outro verso acima exprime,
Se unindo, para o ponto se volvia,
33 Onde mais cedo as trevas nos dirime.
Já no seu seio estava e o não sabia,
Como não pode alguém seu pensamento
36 Saber, quando inda à mente não surgia.
E Beatriz, em quem notava aumento
De bem para melhor, tão de repente,
39 Que o tempo fora ante o seu ato lento,
De si mesma quanto era refulgente!
O que era lá no sol onde eu me entrara,
42 Não por cor, por seu brilho mais nitente,
Posto que arte, uso, engenho me ajudara
Descrever por imagens não pudera;
45 Mas crer se pode e ver-se desejava.
Não se estranhe, se baixa parecera,
Querendo a tanto alar-se, a fantasia;
48 Além do sol ninguém olhos erguera.
Quarta família aqui resplandecia
Do Sumo Pai, que sempre da Trindade
51 No inefável'spetáculo a sacia.
E disse Beatriz: — “Tanta Bondade
Humilde ao Sol dos anjos agradece,
54 Que ao sol sensível te alça à claridade”. —
Peito mortal jamais ardor aquece
De sentir tão devoto e tão piedoso,
57 Que a Deus a gratidão inteira expresse,
Quanto é meu ao convite carinhoso.
E em tanto enlevo o coração se acende,
60 Que a Beatriz olvida, fervoroso.

Não lhe despraz, e no seu riso esplende
Tanto brilho dos olhos expressivos,
63 Que do êxtase profundo me desprende.
Fulgores então vi claros e vivos,
De nós centro de si c'roa fazendo,
66 Mais suaves em voz que em luz ativos.
A filha de Latona se movendo
Vemos assim de um cinto rodeada,
69 No ar úmido as cores, se mantendo.
Dos céus a corte, donde volto, ornada
De joias'stá sublimes e formosas:
72 Só nos céus pode a estima lhes ser dada.
As vozes eram tais, que ouvi donosas.
Quem não tem plumas para ir lá voando
75 Pergunte a um mudo cousas portentosas.
Aqueles sóis, em torno a nós cantando,
Volveram-se três vezes: semelharam
78 Astros em roda aos polos circulando.
Damas imitam, que no baile param,
Em silêncio outras notas esperando
81 Para seguir na dança que encetaram.
E uma voz do seu seio disse: — “Quando
Da Graça o raio em que o amor se acende
84 Sublime, pelo amor se acrescentando,
“Multiplicando em ti tanto resplende,
Que te conduz pela celeste escada,
87 Que a subir torna quem de lá descende,
“O que à sede em que tens a alma abrasada
Vinho negasse, irmão, livre não fora,
90 Qual linfa de correr embaraçada.
“Saber desejas como a c'roa enflora,
Que cinge, contemplando-a a pulcra Dama,
93 Que para o céu te guia protetora.
“Um anho fui da santa grei que chama
De Domingos a voz pelo caminho,
96 Onde prospera só quem mal não trama.

“Tomás de Aquino sou; me está vizinho,
À destra de Colônia o grande Alberto
99 A quem de aluno e irmão devo o carinho.
“Se dos mais todos ser desejas certo,
Na santa c’roa atenta cuidadoso,
102 A tua vista a voz siga-me perto.
“Nesse esplendor sorri-se jubiloso
Graciano que num e noutro foro
105 Di’no se fez de ser no céu ditoso.
“Aquele outro ornamento deste coro
Foi Pedro: como a pobre a of’renda escassa,
108 À Santa Igreja deu rico tesouro.
“A quinta luz, que as mais em lustro passa
Se acende em tanta luz, que anela o mundo
111 Saber se goza da celeste Graça.
“O alto esp’rito encerra, tão profundo,
Que se o Verbo de Deus é verdadeiro,
114 De saber tanto não se alçou segundo.
“Ao lado seu lampeja esse luzeiro,
Que os anjos, seu mister, sua natura
117 Em conhecer na terra foi primeiro,
“Sorri na luz menor, serena e pura,
Dos séculos cristãos esse advogado
120 De Agostinho tão útil à escritura.
“Se os olhos da tua mente acompanhado
De luz em luz me tens nestes louvores
123 Saber já tens da oitava desejado.
“Do Sumo Bem se enleva nos fulgores
Essa alma santa, havendo demonstrado
126 As mentiras do mundo e os seus rigores;
“Jaz daquela alma o corpo despojado
Em Cieldauro; e ela veio à paz divina
129 Após martírio e exílio amargurado.
“Mais longe, em cada flama purpurina,
Beda, Isidoro estão, Ricardo esplende,
132 Que além do humano o pensamento afina.

“Esse, de quem tua vista se desprende
 A mim tornando, achou, grave e prudente
 135 Que morte pronta um grande bem compreende:
 “É Siger, que assim luz eternamente.
 Na rua de Fouare lera outrora
 138 Verdades, que ódio hão provocado ingente”. —
 E qual relógio, que nos chama em hora,
 Em que, desperta, do Senhor a Esposa
 141 Matinas canta e o seu amor implora;
 Que, no girar das rodas, tão donosa
 Nota faz retinir, de amor enchendo
 144 Devota alma, que o escuta fervorosa;
 O glorioso circ’lo, se movendo,
 Assim vi eu, com tal suavidade
 E doçura de vozes, que compreendo
 148 Só haja iguais do céu na eternidade.

49. *Quarta família*, as almas que estão no Sol, que é o quarto Céu. — 67. *A filha de Latona*, Diana ou a lua. — 97. *Tomás de Aquino*, Santo teólogo (1225-1274). — 98. *De Colônia o grande Alberto*, o célebre teólogo Alberto Magno. — 104. *Graciano*, de Chiusi, em Toscana, escreveu no século XII um volume de Cânones eclesiásticos, que foi chamado o Decreto de Graciano. — 107. *Pedro*, Pedro Lombardo, bispo de Paris, morto em 1164 que, ao oferecer à Igreja o seu livro “Sentenciaram”, comparava-se à viúva do Evangelho de S. Lucas, XXI. — 109. *A quinta luz*, o sapiente rei Salomão, filho de Davi. — 115-117. *Esse luzeiro* etc., Dionísio Aereopagita, que escreveu uma obra “De Coelesti Hierarchia”. — 119-120. *Esse advogado* etc., Paulo Osório, que, aconselhado por Santo Agostinho, escreveu a *História*, em defesa da religião cristã. — 125-128. *Essa alma santa* etc., Severino Boécio, autor do livro “De consolatione philosophiae”, aprisionado e, depois, morto por Teodorico em 524. — 131. *Beda*, bispo inglês, *Ricardo*, padre de Escócia, *Isidoro*, S. Isidoro de Sevilha, os três doutos teólogos. — 136. *Siger* de Brabante, professor de teologia na Universidade de Paris no século XIII, a qual tinha a sua sede na Rua Fouare.

CANTO XI

Dante elogia a vida contemplativa — As palavras proferidas no canto anterior por S. Tomás criam duas dúvidas no ânimo do poeta. O santo, tratando de resolver a primeira, esboça a vida de S. Francisco de Assis.

Ó dos mortais aspirações erradas!
Em que falsas razões vos enlevando
3 Tendes à terra as asas cativadas!
Qual seguia o direito; qual buscando
Já aforismos; qual o sacerdócio;
6 Qual reinava, sofisma ou força usando;
Qual roubo amava, qual civil negócio;
Qual, a salaz deleite entregue a vida,
9 Afanava-se; qual passava no ócio;
Enquanto eu, livre da terrena lida,
Ao céu com Beatriz me alevantava,
12 Aceito lá com glória tão subida.
Cada alma santa ao ponto já tornava
Do círculo em que de antes demorara;
15 E como círio em candelabro estava.
Então da luz, que de antes me falara
Voz suave escutei; e assim dizendo
18 Do seu brilho a pureza se aumentara:
— “O lume eterno, em que me inspiro e acendo,
Eu, contemplando, claramente leio
21 Teu pensamento e a origem lhe compreendo.
“Desejas tu, da dúvida no enleio,
Que eu aproprie da tua mente à esfera
24 O que dizer-te, há pouco, me conveio.
“Eu te disse — caminho onde prospera —

— De saber tanto não se alçou segundo: —
27 Aqui é, pois, que a explicação te espera.
“A Providência, que governa o mundo
 Com tão sábio conselho, que, torvada
30 Sente a vista quem quer sondar-lhe o fundo,
 “Por ser ao seu dileto encaminhada
 Casta Esposa daquele, que alto grito,
33 Desposando-a, soltou na Cruz Sagrada,
 “Com ânimo mais forte e à fé restrito,
 Dois príncipes, lhe deu, que, em seu desvelo,
36 O caminho mostrassem-lhe bendito.
 “Um seráfico foi no ardor do zelo,
 Outro ostentou, por seu saber na terra,
39 De querúbica luz esplendor belo.
 “De um só te falarei; pois num se encerra
 O que de outro aos louvores mais se estende:
42 Quem der aos dois o mesmo fim não erra.
 “Entre Tupino e o rio, que descende
 Do outeiro, que escolhera santo Ubaldo,
45 Fértil encosta de alto monte pende.
 “Dali baixa a Perúgia o frio e o caldo
 Pela porta do Sol; atrás padece
48 Em duro jugo Nócera com Gualdo.
 “Onde o declive menos agro desce
 Nasceu ao mundo um sol tão luminoso,
51 Como o que ao Gange às vezes esclarece.
 “Desse lugar quem fale portentoso
 Não diga Assis, que pouco declarara:
54 Chame Oriente o berço glorioso.
 “Do nascente este sol pouco distara,
 Quando o conforto a receber a terra
57 Já das virtudes suas começara.
 “Contra seu pai, adolescente, em guerra
 Entrou por dama, a quem bem como à morte,
60 Ninguém a porta com prazer descerra.
 “Então da Igreja a recebeu na corte,

E *coram patre*, por esposa amada
63 E amor votou-lhe cada vez mais forte.
“Vivera ela viúva e desprezada
Séculos onze e mais, e de outro amante,
66 Senão deste, não fora requestada;
“Em vão se disse que no lar, constante,
De Amiclas a encontrou esse guerreiro,
69 De quem tremera o mundo titubante;
“Em vão fiel, de coração inteiro,
Quando Maria ao pé da Cruz ficara,
72 Com Cristo ela subira-se ao madeiro.
“Para fazer minha linguagem clara,
Em suma, o nome sabe dos amantes:
75 Com pobreza Francisco se casara.
“Dos dois santa união, ledos semblantes,
Seu terno olhar e afeito milagroso
78 Dão a todos lições edificantes.
“Aquele paz anela cobiçoso
Venerável Bernardo que, primeiro,
81 Descalço corre e crê ser vagaroso.
“Riqueza inota! Ó Bem só verdadeiro!
Descalço vai Egídio, vai Silvestre,
84 Porque amam-na, do esposo no carreiro.
“Dali se parte aquele pai e mestre
Com terna esposa e com família santa
87 Que de corda o burel cinge campestre.
“Não baixa os olhos, nem se torna e espanta
Por filho ser de Bernadone obscuro,
90 Nem por sofrer desdém em cópia tanta.
“Mas afouto mostrou o intento duro
A Inocência de quem primeiro obteve
93 Assenso ao regimento austero e puro.
“E quando a pobre grei progresso teve,
Após aquele, a cuja heroica vida
96 Melhor no céu louvor de anjos se deve,
“Foi a c’roa segunda concedida

Por Honório, que o Santo Espírito alenta
99 Daquele arquimandrita a santa lida.
“Em breve a sede do martírio o tenta,
E do Soldão soberbo na presença
102 Cristo anuncia e a lei que o representa.
“Vendo rebelde o povo à nova crença,
Por não ficar seu zelo sem proveito
105 Da Itália volta para a messe extensa.
“Na dura penha, que se interpõe ao leito
Do Tibre e do Arno, o derradeiro selo
108 Cristo lhe pôs: dois anos dura o efeito.
Quando a Deus, que a bem tanto quis movê-lo,
O prêmio prouve dar-lhe merecido,
111 Na humildade cristã por seu desvelo,
“Essa esposa, que amara estremecido,
Aos irmãos confiou por justa herança.
114 Para afeto lhe terem sempre fido.
“Do seio da pobreza então se lança,
Tornando ao reino seu, a alma preclara:
117 Nesse jazigo o corpo seu descansa.
“Pensa, pois, o que foi quem Deus julgara
Di’no após ele, de reger a barca
120 Que Pedro, no alto mar encaminhara.
“Coube a tarefa ao nosso patriarca:
Quem, fiel, aos preceitos lhe obedece,
123 Sabe tesouros arrecadar na arca.
“Sua grei novo páscigo apetece,
E tanto é dos desejos impelida,
126 Que em diferentes campos aparece.
“Quanto mais cada ovelha é seduzida
Do mundo pelo pérfido atrativo,
129 Tanto mais ao redil volta inanida.
“Poucas temendo o lance decisivo,
Acolhem-se ao pastor: escasso pano
132 É já para vesti-las excessivo.
“Se claro te falei, livre de engano,

Se tens estado ao que te digo atento,
135 Se da memória não receias dano,
“Ao teu desejo, em parte, dei contento,
Pois da planta bem vês qual seja a rama;
E o corretivo está neste argumento:
139 *Onde prospera só quem mal não trama*”.

25. *Eu te disse* etc., V. Canto X, v. 95-96 e 114. — 37. *Um seráfico* etc., S. Francisco de Assis. — 38. *Outro ostentou* etc., São Domingos. — 43-48. *Entre Tupino* etc., descreve a situação geográfica da cidade de Assis, na qual S. Francisco nasceu. — 59. *Dama a quem* etc., a pobreza. — 64-66. *Viúva e desprezada* etc., o primeiro esposo da Pobreza foi Jesus e, por isso, ficou viúva mais de onze séculos. — 68. *Amiclas*, Júlio César ficou admirado pela alegre pobreza do pescador Amiclas (V. Lucano, *Farsálias* V, 519). — 80. *Bernardo*, primeiro companheiro de S. Francisco. — 83. *Egídio e Silvestre*, companheiros de S. Francisco. — 89. *Bernardone*, Pietro Bernardone, pai de S. Francisco. — 92. *Inocêncio III*, papa que deu autorização à Ordem Franciscana, em 1214. — 98. *Honório III*, que em 1223, pela segunda vez, aprovou a Ordem de S. Francisco. — 99. *Arquimandrita*, pastor. — 100-105. *Em breve* etc., S. Francisco em 1219 esteve no Egito tentando converter os infiéis, mas voltou logo para a Itália. — 106-108. *Na dura penha* etc., no monte Alvéria, no Casentino, S. Francisco recebeu os estigmas de Jesus crucificado e os manteve dois anos, pois depois de dois anos morreu.

CANTO XII

Acabando S. Tomás de falar, ajunta-se à primeira coroa de doze espíritos resplendentes, mais uma coroa de igual número de espíritos. Um destes, S. Boaventura, franciscano, tece louvores a S. Domingos. Depois dá notícia acerca dos seus companheiros.

Quando o lume bendito proferira
Do discurso a palavra derradeira,
3 A coreia girou, como eu já a vira.
Inda uma volta não fizera inteira,
Logo outra turma em círculo a encerrava
6 Em voz acordes ambas e em carreira.
Essa harmonia tanto superava
Das Musas e sereias a cadência,
9 Quanto ao reflexo a luz que rutilava.
Como arcos dois das nuvens na aparência
Curvam-se iguais na cor e equidistantes,
12 Se de Íris Juno exige diligência,
Nascendo um do outro, em forma semelhantes,
Qual voz da que de amor foi consumida
15 Como do sol as névoas alvejantes,
E crer fazendo que há de ser mantida
A promessa, a Noé por Deus firmada,
18 De não ser mais a terra submergida:
Assim de nós em torno ia agitada
Cada grinalda das perpétuas rosas,
21 Uma com outra em tudo conformada.
Tanto que a dança e festa jubilosas,
Por cantos e esplendores flamejantes
24 Dessas luzes suaves e amorosas,

Quedar eu vi nas rotações brilhantes,
Quais olhos, juntamente ao nosso grado,
27 Se abrindo e se fechando vigilantes,
De um dos novos clarões voz, que, enlevado,
Volver-me para si fez de repente,
30 Qual à estrela polar ímã voltado:
— “Amor” — diz — “que a beleza dá-me ingente
Me induz a te falar do Mestre Santo,
33 Que ao meu foi de louvor causa eminente.
“Um se memore onde outro brilha tanto:
Sob a mesma bandeira hão militado;
36 Brilha a glória dos dois também no canto.
De Cristo, a tanto custo restaurado,
O exército o estandarte seu seguia,
39 Já raro, lento, de temor tomado,
“Quando à milícia, que o valor perdia
O Eterno Imperador deu provimento,
42 Só por Graça: esse bem não merecia;
“E da Esposa enviou por salvamento
Dois campeões, de cuja voz movida,
45 A transviada gente cobra o alento.
“Na terra, em que, ao seu hábito, convida
O Zéfiro a se abrirem novas flores,
48 De que se vê a Europa revestida,
“Em plaga, onde se embate em seus furores
O mar, em que, o seu curso terminado,
51 O sol esconde às vezes seus ardores,
“Jaz Calaroga em solo afortunado,
Que o poderoso escudo protegera,
54 No qual leão subjuga e é subjugado.
“Ali o atleta heroico à luz viera,
Da fé cristã esse indefeso amante,
57 Que, aos seus beni’no, aos maus guerra fizera.
“Foi virtude em sua alma tão possante,
Que, ainda estando no materno seio,
60 Do porvir fez a mãe vaticinante.

“Quando a firmar-se o desposório veio
Entre ele e a Fé, na fonte consagrada,
63 De muita salvação seguro meio,
“De dar por ele o assento a encarregada
A messe viu em sonhos milagrosa,
66 Que dele e herdeiros seus era esperada.
“Do seu destino em prova portentosa,
Anjo baixou ao fim só de chamá-lo
69 Do Senhor de quem era a alma piedosa.
“Domínico foi dito e eu dele falo,
Como o operário, que elegera Cristo,
72 Da vinha no labor para ajudá-lo.
“Servo e enviado mostrou ser de Cristo
Por quanto o amor primeiro, que há mostrado,
75 Foi a primeira lei que nos deu Cristo.
“Muitas vezes a mãe o achou prostrado,
Em profundo silêncio e bem desperto,
78 Como a dizer: — A isto eu fui mandado.
“Oh! foi seu genitor feliz por certo!
Oh! sua mãe realmente foi Joana
81 Se há no sentido que lhe dão, acerto!
“Não pelo amor do mundo, que se engana,
Do Ostiense e Tadeu nos livros lendo,
84 Mas de Jesus pelo maná se afana,
“Sapiente doutor em breve sendo,
Da santa vinha guarda vigilante,
87 Que presto seca, pouco zelo havendo.
“De Roma à sede quando foi perante,
Que aos justos em compassiva outrora,
90 Hoje, por culpa do que a rege, errante,
“Onzenárias dispensas não lhe implora,
Nem primeira prebenda, que vagasse,
93 Nem dízimas, que são do pobre, exora,
“Mas contra o mundo, que no qual compraz-se,
Pede o favor de defender a planta,
96 Da qual tens flores vinte e quatro em face.

“Com seu querer e com doutrina santa,
Como a torrente, que da altura desce,
99 De apóstolo por zelo o mundo espanta.
“Dos hereges se arroja à infanda messe,
E onde a resistência mais porfia
102 Das forças suas o ímpeto recresce.
Dele brotarem rios, que hoje em dia
Tem o jardim católico regado
105 E aos seus arbustos dão viço e valia.
“Se tal foi uma roda do afamado
Carro, em que defendeu-se a Santa Igreja,
108 E a civil guerra em campo há superado,
“Da outra o alto mérito qual seja
Já te disse Tomás, eu ‘stando ausente:
111 Dele nas vozes seu louvor lampeja.
“Porém daquela roda o sulco ingente
Ficou em desamparo tal, que o lodo
114 Onde era a flor domina tristemente.
“Vê-se a família sua por tal modo
Da vereda de outrora transviada,
117 Que esqueceu-lhe as pegadas já de todo.
“Logo a cultura má será provada
Na seara, zizânia sendo ao vento,
120 Em vez de ir ao celeiro, arremessada.
“Que nosso livro folheasse atento
Veria, creio, página, em que lesse:
123 — Sou, como sempre, de impureza isento. —
“Em Casal e Água-Sparta igual não vê-se:
Lá de tal jeito estende-se a Escritura,
126 Que um túbio a foge, outro excessivo a empece.
“De Bargnorégio eu sou Boaventura,
Que, exercendo altos cargos, repelia
129 Dos interesses temporais a cura.
“Vê, dos irmãos descalços primazia,
Iluminato, de Agostinho ao lado:
132 Cada qual no burel por Deus ardia.

- “Hugo vê de S. Vítor premiado
 Com Pedro Mangiadore e Pedro Hispano
 135 Pelos seus doze livros celebrado.
 “Natã Profeta e o Metropolitano
 João Crisóstomo, Anselmo e o afamado
 138 Donato, na primeira arte sob’rano.
 “Vê Rabano, a brilhar vê ao meu lado
 O calabrês Abade Giovachino,
 141 De espírito profético dotado.
 “Aos louvores do excelso paladino
 Moveu-me a caridosa cortesia,
 O dizer sábio de Tomás de Aquino,
 145 E comigo a esta santa companhia”.

12. *Íris*, personificação mitológica do arco-íris. — 14. *Qual voz da que de amor foi consumida*, como voz da ninfa Eco que se consumiu pelo amor por Narciso. — 28. *Um dos novos clarões*, a alma de S. Boaventura. — 46. *Na terra* etc., na Espanha. — 53-54. *Escudo* etc., o escudo dos reis da Castela representava dois leões, um debaixo e outro em cima de um castelo. — 64-66. *A encarregada* etc., quando do batismo de S. Domingos, a madrinha o viu com uma estrela na testa. — 80. *Sua mãe realmente foi Joana*. Joana em hebraico tem o significado de “portadora de graças”. — 83. *Ostiense*, o cardeal Henrique de Susa, que comentou os “Decretais”; *Tadeu Aldreotti*, florentino, médico: ou, segundo outros comentadores, Tadeu dei Pepoli, jurista bolonhês. — 90. *Por culpa* etc., de Bonifácio VIII. — 95-96. *A planta* etc., a fé, de que se alimentaram os espíritos dos vinte e quatro teólogos que estão na presença de Dante. — 124-126. *Em Casal e Água-Sparta*, alude à divisão dos franciscanos em dois partidos, um chefiado por Ubertino de Casale e outro por Mateus d’Acquesparta. — 131. *Iluminato e Agostinho*, dois companheiros de S. Francisco. — 133-135. *Hugo de S. Vitore, Pedro Mangiatore e Pedro Hispano*, egrégios teólogos. — 136-139. *Natã*, o profeta que repreendeu Davi; *S. João Crisóstomo*, patriarca da Igreja; *Donato*, gramático latino; *S. Anselmo*, bispo de Canterbury. — 139-140. *Rabano* e o *abade Giovachino*, escritores sacros.

CANTO XIII

O Poeta descreve a dança das duas coroas de espíritos celestes. S. Tomás resolve a segunda dúvida de Dante. Adão e Jesus Cristo são seres perfeitíssimos, por serem obra imediata de Deus. Mas ele não pode ser comparado nem a Adão nem a Jesus Cristo. Conclui o Santo advertindo do perigo dos juízos precipitados, e de quando é sujeito a enganar-se quem julga das coisas pelas aparências.

O que hei visto e refiro quem deseja
Entender, imagine, (e bem'sculpida,
3 Como em rocha, na mente a imagem seja)
Quinze estrelas, que luz tanta espargida
Tem por celestes regiões dif'rentes,
6 Que é do ar a espessura esclarecida,
Da carroça imagine as refulgentes
Rodas, sempre girando, noite e dia,
9 Pelos espaços do céu nosso ingentes;
Da trompa a boca mostre a fantasia,
Que lá no extremo do axe, ao qual a esfera
12 Primeira contorneia, principia.
Se em signos dois tais astros considera,
Iguais à c'roa que no céu fulgura,
15 Dês que Ariadne à morte se rendera;
E, os raios misturando da luz pura,
Para lados contrários se movendo
18 Aqueles circ'los dois na etérea altura:
Imagine, mas quase a sombra tendo
Dos versos astros, dessa dupla dança,
21 Que em torno a nós estava se volvendo.
Que a verdade essa imagem tanto alcança,

Quanto a Chiana a rapidez imita
 24 Do céu, que a todos os mais céus se avança.
 Nem Pean cantam, nem de Baco a grita;
 Mas Três Pessoas com divina essência
 27 E numa o humano ser, que a Deus se adita.
 Os hinos tendo e a dança intermitência
 Em nós os santos lumes se fitaram;
 30 Compraz-lhes dos cuidados a sequência.
 O silêncio que os coros dois formaram,
 As vozes rompem, que a espantosa vida
 33 Do mendigo de Deus me recontaram.
 — “Quando a palha é do trigo dividida,
 Quando a colheita fica enceleirada,
 36 A bater outra doce Amor convida.
 “Crês que ao peito onde a costa foi tirada
 Para a boca gentil formar motivo
 39 Da pena ao mundo inteiro fulminada,
 “E ao da aguda lança o golpe esquivo
 Padeceu e a balança, em morte e vida,
 42 Da culpa alçou com peso decisivo,
 “Quanta ciência aos homens permitida
 Ser poderia pela mão divina,
 45 Que um e outro criou, fora infundida.
 “Tua mente, pois, a dúvidas se inclina
 Me ouvindo que em ciência sem segundo
 48 Subira quem a luz quinta domina.
 “Olhos abre à razão, em que me afundo:
 Com teu crer confundida tens de vê-la
 51 Na verdade, qual centro num rotundo.
 “O que não morre, o que por morte gela
 E’ só’splendor da ideia, que, nascendo
 54 Do Senhor nosso, o seu amor revela;
 “Porquanto essa luz viva, procedendo
 Do foco seu, do qual se não desune,
 57 Nem do Amor, que o terceiro fica sendo,
 “Só por Bondade sua, o fulgor une,

Como em' espelho, em céus nove, e o concentrando,
60 Tem a unidade eternamente imune.
"As últimas potências se abaixando,
Já de ato em ato enfraquecida fica,
63 As breves contingências vai formando.
"Contingências palavra é que te indica
Essas cousas, que o céu, no movimento,
66 Com semente ou sem ela multiplica.
"Não mostra arte ou substância um só intento
E modo, mais ou menos transluzindo
69 O selo do Supremo Entendimento.
"Vê-se, pois, a mesma arv're produzindo,
Segundo a espécie, ou bons ou ruins frutos;
72 E vós à luz com várias manhas vindo.
"Brilhava o selo inteiro nos produtos,
Se a cera em ponto apropriado fora,
75 E os influxos do céu nunca interromptos;
"Porém natura as impressões desdoura,
Procedendo, assim como faz o artista:
78 Treme-lhe a mão que é da arte sabedora.
"E, pois, se ardente amor a clara vista
Da virtude primeira imprime e adapta,
81 A perfeição aqui toda se aquista.
"Assim a argila foi condigna e apta
A toda perfeição da criatura,
84 E concebeu a Virgem pura, intacta.
"Segues, portanto, opinião segura:
Como nos dois jamais tão alia há sido,
87 Nem jamais há de ser vossa natura.
"Se eu porventura houvesse concluído,
Com razão me tiveras perguntado:
90 — Como disseste — igual não tem subido?
"Da verdade por seres informado,
No que era pensa e à sua escolha atende,
93 Quando — *Pede* — por Deus foi-lhe ordenado.
"Claro falei, tua mente bem compreende

Que foi Rei quem pediu sabedoria
96 Para fazer o que o bom Rei pretende.
“Não quis saber qual número seria
Dos motores ao céu, nem se *necesse*
99 Com contingente um seu igual faria.
“*Non si est dare primum motum esse,*
Ou se um triâng’lo sem ter âng’lo reto
102 Traçar em simicirc’lo se pudesse.
“E pois, o dizer meu que ora completo,
Quando falava na sem par ciência,
105 A prudência real ia direto.
“Dando ao — “Subiu” — devida inteligência,
Hás de ver que somente aos Reis se aplica,
108 Muitos na soma, poucos na excelência.
“E feita a distinção que exposta fica,
Meu dizer à tua fé no pai primeiro
111 E em nosso Redentor não contraindica.
“Prende assim chumbo ao pé sempre; ligeiro
Não vás, imita o caminhante lasso;
114 Ao não ao sim não corre aventureiro.
“Mostra ser dos estultos o mais crasso
Quem afirma, quem nega leviano
117 Sem distinção ou num ou noutro passo.
“Daí vem muitas vezes por seu dano,
Que o juízo do vulgo se transvia
120 E o entendimento enleia afeto insano.
“Mais do que em vão do porto se desvia:
Incólume não volta da jornada
123 Quem pós verdade da arte não seguia.
“A prova dão, por fatos confirmada
Parmênides, Melisso, Brisso e quantos
126 Partiram sem saber o rumo e a estrada.
“Assim Ário fez, Sabélio e tantos,
Que, como espadas, deram na Escritura,
129 Mutilando o sentido aos textos santos.
“Quem no julgar as cousas se apressura

Imita aquele, que estimasse o trigo,
 132 Quando a seara inda não ‘stá madura.
 “No inverno hei visto espinho dar castigo
 Ao que imprudente as ramas lhe tocara;
 135 Rosas depois oferecia amigo.
 “E nau vi, que segura navegara,
 Em viagem feliz, o salso argento,
 138 Soçobrar, quando o posto já tomara.
 “De Deus antecipar-se ao julgamento
 Não queiram Dona Berta e Dom Martinho:
 Se um rouba e é outro às oblações atento,
 142 Pode um se erguer, cair outro em caminho”.

15. *Ariadne*, filha de Minos, depois de morta, foi transformada por Baco numa constelação. — 23. *Chiana*, rio da Toscana. — 25. *Pean*, hino que os antigos cantavam nas festas de Apolo. — 33. *Mendigo de Deus*, S. Francisco. — 37-39. *Ao peito onde a costa gentil*, etc., Adão de cuja costa foi tirada Eva, a qual comeu a maçã que foi fatal para a humanidade. — 40. *Ao da aguda lança* etc., Jesus Cristo. — 47. *Em ciência sem segundo*, Salomão. — 98-99. *Se nescesse contingente* etc., se duas premissas, uma necessária e outra contingente tenham consequência necessária. — 100. *Si est dare* etc., se se deve admitir a existência de um movimento que não derive de outro. — 125. *Parmênides*, *Melisso*, *Brisso*, filósofos gregos, confutados por Aristóteles. — 127. *Ário e Sabélio*, hereges condenados pela Igreja. — 140. *Dona Berta e Dom Martinho*, nomes de pessoas comuns e ignorantes.



CANTO XIV

Beatriz pergunta a um espírito celeste, em nome de Dante, se depois da ressurreição dos corpos permanecerá a luz que emana de suas almas e se essa luz não prejudicará a sua vista. O espírito responde que, depois da ressurreição, a vista dos espíritos aumentará. Aparecem novos espíritos. Sem perceber, Dante encontra-se no planeta Marte, onde estão aqueles que defenderam com as armas a religião cristã. Aí o aspecto do céu vence toda beleza passada, porque quanto mais se sobe, mais cresce o esplendor dos céus.

Do centro à borda e assim da borda ao centro
Água num vaso circular se agita,
3 Se a comovem de fora, se de dentro.
Isto que digo a mente me visita
Súbito, quando o esp'rito glorioso
6 De Tomás suspendeu a voz bendita,
Por semelhar-se ao efeito poderoso
Da sua voz e ao que Beatriz causava,
9 Quando assim disse em tom grave e donoso:
“O que saber este homem precisava
Com voz não disse, e, se o cogita, o ignora:
12 De outra verdade com raiz se trava.
“A auréola, dissei-lhe, em que se inflora
A substância, que é vossa eternamente,
15 Convosco há de existir, bem como agora?
“Se este esplendor em vós é permanente,
Quando visíveis fordes, ressurgindo,
18 A vista sofrerá luz tão refulgente?” —
Como em coreia as vozes vão subindo
E recresce a alegria, algum motivo
21 De alvoroço aos dançantes sobrevivendo,
Assim aos santos círculos mais vivo
Júbilo mostram no girar, no canto
24 Ante o rogo piedoso e compassivo.

Quem, por chegar a morte, sente espanto,
Para lograr no céu viver divino,
27 Da eterna chuva desconhece o encanto.
Quem sempre reina, é uno, é duplo, é trino,
Em três, em dois, em um sempre perdura,
30 Não abrangido — e tudo abrange — em hino
De tão suave e cônsona doçura
Dos coros foi três vezes aclamado,
33 Que um prêmio fora da virtude pura.
No lume, de fulgor mais sinalado,
Ouvi, do menor circ'lo voz modesta,
36 Como a do arcanjo à Virgem deputado.
— “Quanto no Paraíso eterna a festa
Há de ser, tanto o nosso amor vestido
39 Será de luz em torno manifesta.
“O brilho seu do ardor há procedido
E o ardor da visão, que é tão gozosa,
42 Quanto a Graça o valor faz mais subido.
“E quando a carne santa e gloriosa
Revestirmos, será nossa pessoa
45 Completa e mais jucunda e mais ditosa.
“E o gratuito lume, que nos doa
O Sumo Bem, será mais rutilante:
48 A Glória sua a ver nos afeiçoa.
“A visão se fará mais penetrante,
Mor o ardor se fará que ali se acende,
51 E o esplendor, que este dá, mais coruscante.
“Qual carvão, que de si flamas desprende
E pelo vivo ardor as escurece
54 Tanto, que entre elas seu rubor resplende,
“Este doce fulgor, que em nós parece,
Ver deixará o corpo ressurgido,
57 Quando o sono, em que jaz um dia cesse.
“Nenhum será das luzes ofendido:
‘Starão corpóreos órgãos adaptados
60 A quanto a deleitar-nos for provido”. —

Os coros dois tão ledos e apressados.
Responderam — amém — que bem mostraram
63 Quanto os trajos carnavais são desejados.
Não por si sós talvez os cobiçaram,
Mas por amor dos pais, de entes queridos,
66 Antes que ternas flamas se tornaram.
Eis, em torno, de lumes incendiados
Novo círculo aos outros se acrescenta:
69 Qual nitente horizonte, os tem cingidos.
E como, quando à tarde a sombra aumenta,
No céu começam de assomar estrelas,
72 Cuja luz dúbia aos olhos se apresenta,
Assim me pareceu que via aquelas
Novas substâncias, que, também girando,
75 Moviam-se em redor das c'roas belas.
Vero fulgor do Esp'rito Santo! Oh! quando
Te mostraste de súbito, candente,
78 Os olhos meus venceste, deslumbrando.
Mas Beatriz tão bela e tão ridente
Rebrilhou, que a visão maravilhosa,
81 Bem como outras, seguir não pode a mente.
Aos olhos força deu tão poderosa,
Que se alçaram; e com ela transportado
84 Vi-me à esfera mais alta e luminosa.
Fui da minha ascensão certificado
Da purpurina estrela pelo gesto,
87 Em que rubor notei não costumado.
Nesse falar, a todos manifesto
Do coração, a Deus vivo holocausto,
90 Por sua nova graça, humilde presto.
Do peito meu não era ainda exausto
Do sacrifício o ardor, que convencido
93 De estar aceito fui, e ser-me fausto.
Tão lúcidas, tão rubras, confundido
Vi luzes em dois raios fulgurantes,
96 Que disse — Ó Hélios, como os tens vertido! —

Galáxia, em astros mais, menos brilhantes
Branqueja, entre dois polos colocados,
99 E os doutos deixa em dúvida hesitantes:
De igual maneira em Marte constelados
O signo os raios formam venerando,
102 Diâmetros iguais sendo cruzados.
Me está memória o engenho superando:
Se na cruz lampejar eu via Cristo,
105 Como acertar, exemplos procurando?
Quem toma a Cruz e na jornada Cristo
Segue, desculpe o que me falta em arte,
108 Vendo nesse esplendor rutilar Cristo.
Da cruz em cada braço, em toda parte
Cintilantes mil fogos se moviam;
111 Qual desce, qual se eleva, qual desparte.
Assim sutis argueiros se veriam,
Retos ou curvos, rápidos ou lentos,
114 De formas, que múltiplices variam,
De Sol em réstia que entra os aposentos,
Onde da calma o homem se repara
117 Apurando do engenho e da arte inventos;
E como da harpa e lira se depara
Nas cordas várias doce melodia
120 A quem notas ignora e não compara;
Assim desses luzeiros que ali via
Na Cruz formosa, extático escutava,
123 Sem compreendê-la, angélica harmonia.
Que eram altos louvores bem julgava
Ressuscita e triunfa — acaso ouvindo:
126 Confusamente o hino me soava.
Ouvia em tanto enlevo me sentindo,
Que inda não sinto cousa que mais queira,
129 A mente ao canto em doce enleio, unindo.
Ousado sou talvez desta maneira,
Parecendo pospor os olhos belos,
132 Em que a minha alma se embevece inteira.

Mas quem reflete que os eternos selos
Vão da beleza no alto se apurando,
135 E aos olhos não voltava-me por vê-los,
À falta me achará perdão, notando
A verdade que digo: o prazer santo
Não excluo que em vê-la ia gozando;
139 Com a altura, se eleva o puro encanto.

28-30. *Quem sempre reina, é uno, é duplo, é trino, etc.*, Deus. — 35. *Voz modesta*, Salomão. — 96. *Hélios*, o Sol. — 97. *Galáxia*, a Via Láctea, cuja cor deixa em dúvida os sábios, pois não sabem explicar qual seja a sua natureza.

CANTO XV

As almas dos combatentes pela fé em Cristo estão dispostas em forma de cruz, vexilo de martírio e de vitória. Do lado direito dessa cruz move-se um espírito e com paternal afeto saúda a Dante. É Cacciaguida, seu trisavô. Descreve ele a inocência dos costumes do seu tempo e lembra como morreu combatendo pelo sepulcro de Cristo, na segunda cruzada.

Benévolo querer, que significa
Sempre esse amor, que a caridade inspira,
3 Como a cobiça o mau querer indica,
Silêncio pondo àquela doce lira;
Os sons às cordas santas suspendida,
6 Que lá do céu a destra afrouxa e estira.
Como aos claros espíritos seria
Em vão meu justo rogo, se excitá-lo
9 De acordo se calando, lhes prazia?
Ah! pranteie sem tréguas e intervalo
Quem, do amor transitório cativado,
12 Pôde do amor eterno avantajá-lo!
Como o sereno azul, atravessado
Às vezes é por fogo repentino,
15 Que aos olhos nos salteia inesperado;
Disséreis astro a procurar destino,
Se algum faltasse à parte, onde se acende
18 Esse instantâneo lume peregrino:
Assim do braço, que à direita estende,
Da cruz ao pé vi deslizar um astro
21 Dessa constelação, que ali resplende.
Não desfiou-se a per'la do seu nastro;
Pela brilhante linha descendera,

24 Como fogo a luzir sob o alabastro.
De Anquise a sombra pia assim correrá,
Se fé merece a Mantuana Musa,
27 Quando Eneias do Elísio aparecera.
“*O sanguis meus! O superinfusa*
 Gratia Dei; sicut tibi cui
30 *Bis unquam coeli janua reclusa?*”
Minha atenção na luz, que o diz, se imbui;
Voltei depois pra Beatriz o viso;
33 Aqui e ali estupefato eu fui.
Nos olhos seus ardia um tal sorriso,
Que, encarando-a cuidei tocar o fundo
36 De ventura no eterno Paraíso,
E esse esp’rito, a se ver e ouvir jucundo,
Vozes aduz, que a mente não compreende,
39 Tanto o sentido seu era profundo.
Andrede a obscuro o seu dizer não tende;
Mas por necessidade o seu conceito
42 Além da esfera dos mortais ascende.
Quando o arco afrouxou do ardente afeito,
E em proporção do humano entendimento
45 Do seu falar manifestou-se o efeito,
Pude estas vozes distinguir, atento:
“Bendito sejas, Deus, Um na Trindade,
48 Que à prole minha dás tão alto alento!
“Meu longo e caro anelo, na verdade
Dês que no grande livro hei ler podido,
51 Imutável na sua eternidade,
“Cumpres, ó filho; e desta luz vestido
Aquela, que ao teu voo sublimado
54 Prestou asas, eu louvo agradecido.
“Tu crês que o teu pensar me é derivado
Do ser Primeiro, como da unidade
57 Sabida o cinco e o seis se vê formado.
“E pois, quem sou e a minha alacridade,
Maior que a de outros nesta grei contente,

60 Não mostras de saber curiosidade.
“Crês a verdade: o Espelho refulgente
Desta vida reflete o pensamento
63 Antes que nasça e a todos faz patente.
“Mas, para o sacro amor, que traz-me atento
Em perpétua visão, doce desejo
66 Me acendendo, alcançar contentamento,
“Com voz clara, segura e alegre, ensejo
De ouvir tua vontade me oferece:
69 Qual resposta hei de dar-te eu já antevejo”. —
Pra Beatriz voltei-me: já conhece
Quanto intento, e, acenando prazenteira,
72 Ao querer meu as asas engrandece.
— “A cada qual de vós dêis que a Primeira
Igualdade mostrou-se, amor, ciência
75 Se fizeram em vós de igual craveira;
“Pois ao Sol, que vos deu tão viva ardência
E luz tal dispensou, tanto se igualam,
78 Que não tem na igualdade competência.
“Mas nos mortais o afeito e o saber se alam,
Pela causa, a vós outros manifesta,
81 Com plumas, que, dif’rentes se assinalam.
“Eu, pois, que sou mortal, sujeito a esta
Desigualdade, de alma unicamente
84 Respondo à tua carinhosa festa.
“Suplico, assim, topázio resplendente,
Que adornas esta joia preciosa,
87 Me faças do teu nome ora ciente”. —
Falei. Com voz tornou-me maviosa:
— “Ó flor, que tanto eu, sôfrego, esperava,
90 Do tronco meu brotaste primorosa!
“Aquele, em quem teu nome começara,
Que, há mais de um sec’lo já, no monte erguido
93 Do primeiro degrau se não separa,
“Meu filho foi, teu bisavô há sido:
Por obras debes lhe encurtar fadiga,

96 Quando à vida mortal hajas volvido.
“Florença dentro em sua cerca antiga,
Onde ressoa ainda a Terça e a Noa,
99 Vivia honesta e sóbria em paz amiga.
“Não tinha áureos colares, nem coroa,
Chapins, cintos de damas em que havia
102 Mais que ver do que graças da pessoa.
“No pai, nascendo, a filha não movia
Temor; em tempo azado se casava
105 E o dote as proporções nunca excedia.
“Cada qual do seu lar se contentava;
Não alardava então Sardanapalo
108 Da alcova o que no encerro se ocultava.
“Não era inda vencido Montemalo
Por vosso Uccelatojo que, excedido
111 Na altura, há de, ao cair, dar mor abalo.
“Bellincion Berti eu vi andar cingido
De couro e de osso, e também vi-lhe a esposa
114 Voltar do espelho sem rubor fingido.
“Vestindo pele simples, não fastosa
Nerlis e Vecchios vi, no fuso e roca
117 Tendo as consortes vida deleitosa.
“Ditosas! A nenhuma a dor sufoca
‘Sperando o esposo, que roubou-lhe a França,
120 Nem o jazigo ignora, que lhe toca.
“Uma o berço do filho seu balança,
E o consola naquele doce idioma
123 Que aos pais o coração no enlevo lança;
“Outra, estirando do seu fuso a coma,
Reconta aos filhos o que houvera outrora
126 Em Fiésole, em Troia e antiga Roma.
“Nesse bom tempo maravilha fora
Uma Cianghella, um Lapo Salterello,
129 Como Cornélia e Cincinato agora.
“Da cidade naquele viver belo,
No seio dessa gente honrada e fida,

132 Nessa doce mansão, da paz modelo,
 “Deu-me Maria à minha mãe dorida,
 E em vosso Batistério hei recebido
 135 Os nomes de cristão e Cacciaguida.
 “Irmãos Moronto e Eliseu hei tido,
 Minha esposa nasceu em Val-di-Pado:
 138 Dessa origem provém teu apelido.
 “Segui na guerra Imperador Conrado,
 Que me armou cavaleiro na milícia,
 141 Altos feitos me tendo assinalado.
 “Com ele pelejei contra a nequícia
 Do infiel, que o direito vosso oprime
 144 De culpado Pastor pela malícia.
 “Da torpe gente o assalto lá me exime
 Dos enganosos vínculos do mundo,
 Cujo amor nódoas tantas na alma imprime:
 148 Mártir, vim ao repouso sem segundo”. —

25. *De Anquise a sombria pia* etc., Eneias visitou nos Campos Elísios a sombra do seu pai Anquise, como o descreve Virgílio, Eneida, VI. — 28-30. *O sanguis meus* etc., Ó sangue meu! Ó infinita graça de Deus! A quem senão a ti será aberta duas vezes a porta do Céu? — 90 e seg., *Do tronco meu* etc., É Cacciaguida quem fala, que foi bisavô de Dante, morto numa cruzada em 1173. Foi pai do primeiro Alighiero do qual derivou o nome dos Alighieri. — 97. *Florença dentro em sua cerca antiga* etc., no pequeno espaço, limitado por seus antigos muros, no qual se ouviam os sinos tocarem as horas. — 107. *Sardanapalo*, rei da Assíria, célebre pela sua luxúria. — 109-110. *Montemalo*, monte Mário de Roma; *Uccellatoio*, monte a cavaleiro de Florença. *Que excedido* etc., Florença superava Roma em magnificência; assim a superará na decadência. — 112. *Bellincion Berti* dei Ravignani, ilustre florentino. — 116. *Nerlis e Vecchio*, as nobres famílias florentinas Nerli e Del Vecchio. — 128. *Cianghella* dei Tosighi, mulher desonesta. — *Lapo Saltarello*, jurisconsulto florentino tido em conta de homem corrupto.

— 139. *Imperador Conrado* 3.º de Hohenstaufen, que chefiou a segunda cruzada. — 143. *Ao infiel*, os maometanos. — 144. *Culpado pastor*, o Papa.



CANTO XVI

O Poeta orgulha-se pela nobreza de sua família. Cacciaguida continua falando a respeito da própria família e da antiga Florença. Deplora a chegada em Florença de cidadãos de outras terras. Lembra as maiores famílias da cidade, muitas das quais, no tempo de Dante, eram empobrecidas ou maculadas de infâmia.

- Ó mesquinha nobreza de alto sangue!
Se tanto homem de haver-te se gloria
3 Neste mundo, em que o afeto enfermo langue,
Maravilhar-me já não poderia,
Pois me senti, por causa tal, ufano
6 No céu, onde o apetite não varia.
És manto exposto em breve a estrago e dano:
Se te faltar reparação constante,
9 A mão do tempo te cerceia o pano.
A responder começo à luz brilhante
Por “vós” de que, primeira, Roma usara,
12 Mas que em vulgar dicção não foi avante.
Beatriz, que algum tanto se afastara,
Fez, sorrindo-se, como a que tossira,
15 Quando a primeira vez Ginevra errara.
— “Vós sois meu pai” — disse eu — em vós se inspira
Para falar-vos do ânimo a ousadia,
18 Me alçais mais do que a mente própria aspira.
“Por tantos rios se enche de alegria
Minha alma que em ledice é transformada,
21 Pois do prazer não vence-a a demasia.
“Dizei-me, pois, minha primícia amada,
Os ascendentes vossos e em qual era
24 Foi a vossa puerícia assinalada.
“De São João a grei como vivera
Dizei-me e os que em seu seio se mostraram,
27 A quem mais alta distinção coubera”. —

Como ao sopro do vento mais se aclaram
As flamas no carvão, dessa arte àquela
30 Luz, me ouvindo, os fulgores se avivaram:
E quanto aos olhos se ostentou mais bela,
Tanto com voz mais doce e mais suave
33 Respondeu, sem falar vulgar loquela.
Disse: — “Do dia, em que se ouvia o Ave
Ao momento, em que ao mundo a mãe querida,
36 Hoje santa me deu no transe grave,
Do Leão foi aos pés reacendida
De Marte a luz quinhentos e cinquenta
39 Vezes mais trinta na incessante lida.
“O lugar, onde o *sesto* último assenta,
Dos jogos anuais termo à carreira,
42 Meu berço e o dos avós te representa.
Deles te baste esta noção primeira:
O que hão sido, onde é sua permanência
45 Calar prefiro a dar notícia inteira.
“Dos que haviam então suficiência
Para a guerra, entre Marte e João Batista,
48 São quíntuplos os que têm ora existência.
“Toda gente, porém, que se vê mista
Co’a de Campi, Certaldo, e mais Figghine
51 Pura estava, do nobre até o artista.
“Acerto fora do que bem combine
Tê-los vizinhos, linha demarcando,
54 Que com Trepiano e com Galuz confine,
“Em lugar de hospedar o infeto bando
Dos vilões de Aguglion junto aos de Signa,
57 Da fraude expertos no mister nefando.
“Se a gente, hoje no mundo a mais maligna,
A César não se houvesse declarado
60 Cruel madrasta em vez de mãe benigna,
“Quem se diz Florentino e à usura é dado,
Vende e merca, tornava a Simifonte,
63 Onde o avô mendigava esfarrapado.

“Ainda em Montemurli foram Conti,
 Os seus Cerchi ainda Acone conservara
 66 E, talvez, Valdigrieve os Buodelmonti.
 “Sempre de castas confusão depara,
 Como a de cibo em corpo mal disposto,
 69 Mal à cidade, e danos lhes prepara.
 “Touro cego primeiro em terra é posto
 Que anho cego; e melhor corta uma espada
 72 Do que cinco num feixe bem-composto.
 “Se de Urbisaglia a sorte desgraçada
 E a de Luni tu vês, se igual espera
 75 Chiusi e Sinigaglia malfadada:
 “Dos solares mau fim não pegera
 À tua mente estranheza ou caso forte,
 78 Pois no exício de Estados considera.
 “Terrenas cousas todas sofrem morte,
 Como vós; mas de algumas, perdurando,
 81 Quem curta vida tem não sabe a sorte.
 “E como a lua, sem cessar girando
 Cobre ou descobre as praias do oceano,
 84 De Florença a fortuna vai mudando;
 “Assim que não suponhas mais que humano
 O que eu disser de exímios florentinos,
 87 A cuja fama o tempo já fez dano.
 “Eu vi os Ughi, vi os Catellinos,
 Fillipe, Greci, Ornami e os Albericos
 90 Decadentes, mas ainda nobres, di’nos.
 “Grandes em fama, de virtudes ricos
 Os de Sanella vi; também os de Arca,
 93 Soldanieri, Ardingos e Bastichos.
 “À porta de São Pedro, que ora abarca
 Infâmia nova tanto em peso ingente,
 96 Que fará soçobrar em breve a barca,
 “Estavam Ravignans; seu descendente
 Foi Conde Guido e quantos ao diante
 99 De Bellincione o nome têm fulgente.

“Della Pressa em governo era prestante
 E Galligaio no solar dourara
 102 Punho e copos da espada fulgurante.
 “A Coluna do Esquilo se elevara,
 Sacchetti, Giuochi Fifanti e Barucci
 105 Galli e quem pelo alqueire se pejara.
 Era já grande o tronco dos Calfucci
 E às cadeiras curuis tinham subido,
 108 Assumindo o poder, Sizi e Arragucci.
 “Quanto lustre daqueles, que abatido
 Tem soberba! Que feito viu Florença
 111 Sem ser de *Esfera de Ouro* enobrecido?
 “Eram pais dos que julgam glória imensa
 No consistório, vago o episcopado,
 114 Cevan-se dos banquetes na licença.
 “Surgia o bando já sem pejo e ousado,
 Dragão que investe a quem lhe teme a ira,
 117 Cordeiro em vendo bolsa ou braço armado;
 “De princípio tão vil a origem tira,
 Que Donato Ubertino se afrontava,
 120 Quando a um desses o sogro a filha unira.
 “Já Caponsacco no Mercado estava,
 De Fiésolo vindo; e lá já era
 123 Giuda, Infangato: o nome os ilustrava.
 “Incrível cousa vou dizer, mas vera:
 No recinto uma porta outrora havia,
 126 À qual deu nome a gente della Pera.
 “Fidalgo, que o brasão belo trazia
 Do barão cujo nome, glória e vida
 129 De São Tomé celebra-se no dia;
 “Lhe deve o privilégio e honra subida;
 Mas hoje ao popular partido se une
 132 Trazendo de ouro a faixa guarnecida.
 “Já Gualterotti vian-se e Importuni;
 E em Borgo a paz de todo se perdera,
 135 Quando uma turba nova em si reúne.

“A casa, de que o mal vosso nascera,
 Que vos deu morte, justamente irada,
 138 E ao feliz viver vosso o fim pusera,
 “Em si, na prole sua fora honrada:
 Por que sua aliança recusaste
 141 Por sugestão, ó Buondelmonte, errada?
 “Quando à cidade a vez primeira entraste,
 Se do Ema às águas Deus te houvesse dado,
 144 Ledice fora o pranto, que causaste:
 “Forçado era que ao mármore quebrado,
 Da ponte guarda, vítima imolasse
 147 Florença, de sua paz o fim chegado.
 “Com esses e outros, que inda eu mais lembrasse,
 Florença vi gozar fausto repouso,
 150 Sem motivo que pranto lhe excitasse.
 Com esses e outros vi tão glorioso
 E junto o povo, que ao rever lançado
 Não era na hástea o lírio seu formoso,
 154 Nem por facções em rubro transformado”. —

11. Por “vós” etc., Dante falou a Cacciaguida com o “vós” em lugar de “tu”, como faziam os romanos quando falavam a pessoas de respeito e que não se usava mais no tempo de Dante. — 13-14. *Beatriz* etc., sorriu como maliciosamente sorriu a camareira de Ginevra, no romance de Lancelot, quando a sua dona foi beijada pela primeira vez pelo amante. — 33. *Sem falar vulgar loquela*, em latim. — 37-39. *Do Leão* etc., Marte aproximou-se 580 vezes da constelação do Leão, isto é, passaram 1091 anos a começar pela anunciação do nascimento de Jesus. — 40. *O lugar* etc., a casa de Cacciaguida estava situada no bairro (sesto) que ficava por último nas corridas de S. João, isto é, no bairro de S. Pedro. — 47. *Entre Marte e João Batista*, entre a estátua de Marte e a igreja de S. João Batista. — 49-51. *Toda gente* etc., os cidadãos de Florença não se haviam mesclado aos camponeses das redondezas. — 58. *Se a gente hoje no mundo a mais maligna*, a Cúria Romana. — 61. *Quem se diz* etc., alusão a personagem que não foi possível

identificar. — 62. *Simifonte*, castelo no vale do Rio Elsa. — 94. *À porta de S. Pedro que ora abarca infâmia nova*, no bairro de S. Pedro morava a família dos Cerchi. — 101. *Dourara punho e copos etc.*, havia recebido insígnias de nobreza. — 103. *A coluna do Esquilo*, no brasão da família Pigli havia uma coluna. — 105. *E quem pelo alqueire se pejara*, a nobre família Chiaromonti usava pesos e medidas falsas. — 111. *Esferas de ouro*, no brasão da família Lamberti havia esferas de ouro. — 112. *Eram pais etc.*, dos Visdomini e dos Tosinghi, os quais administravam fraudulentamente as rendas episcopais. — 115. *O bando sem pejo e ousado etc.*, a família dos Amidei. — 118-120. *De princípio tão vil etc.*, de origens tão baixas que Ubertino Donatti ficara ofendido quando o sogro deu em casamento uma das filhas a um Adimari. — 126. *Gente della Pera*, a família della Pera, extinta no tempo de Dante, era de origem ilustre. — 127. *Fidalgo, que o brasão belo trazia etc.*, o barão Hugo de Brandeburgo cujo brasão foi usado por diversas famílias. Hugo morreu no dia de S. Tomé e, nesse dia, a sua memória era honrada na igreja da Badia, onde fora sepultado. — 131. *Mas hoje ao popular partido etc.*, Giano della Bella, embora de família nobre, que usava o brasão de Hugo com faixa de ouro, chefiou em 1295 o partido popular. — 136-141. *A casa etc.*, os Amidei, indignados contra Buondelmonte dei Buondelmonti por haver faltado ao compromisso de casamento com uma moça da sua família, deram origem às lutas civis em Florença. — 143. *Se do Ema etc.*, teria sido melhor se os Buondelmonti se tivessem afogado no rio Ema, ao atravessá-lo, quando foram para Florença. — 145. *Ao mármore quebrado etc.*, Buondelmonti foi assassinado pelos Amidei perto da estátua de Marte.

CANTO XVII

Dante pede a Cacciaguida que lhe declare qual sorte lhe está reservada. Este prediz-lhe o exílio, a perseguição pelos inimigos e o seu refúgio na corte dos Scaligeros. Exorta-o a falar do que viu e ouviu na sua viagem, sem receio de ofender ninguém.

Qual a Climene explicações rogava
De quanto em desconceito próprio ouvira
3 O que austeros depois os pais tornava,
Tal fiquei, tal efeito pressentira
Com Beatriz a santa luz brilhante,
6 Que da Cruz eu da altura descer vira.
E disse Beatriz: — “Desse anelante
Desejo a flama exhibe e nela esteja
9 Ao que tens na alma imagem semelhante,
“Não, por que mais ao claro em ti se veja,
Mas porque, sendo a sede revelada,
12 Prestada em proporção água te seja”. —
— “Ó cara estirpe minha à Glória alçada! —
Como conhecem as terrenas mentes
15 Não dar a obtusos dois triang’lo entrada,
“Assim vês tu as cousas contingentes
Lá no porvir, o Centro contemplando,
18 A quem todos os tempos ‘stão presentes;
“Em quanto eu a Virgílio acompanhando,
Subia o monte, onde ao pecado há cura,
21 E também pelo inferno penetrando,
“Sobre a existência minha ouvi futura
Abras palavras, posto que me sinta
24 Impertérrito aos golpes da ventura.

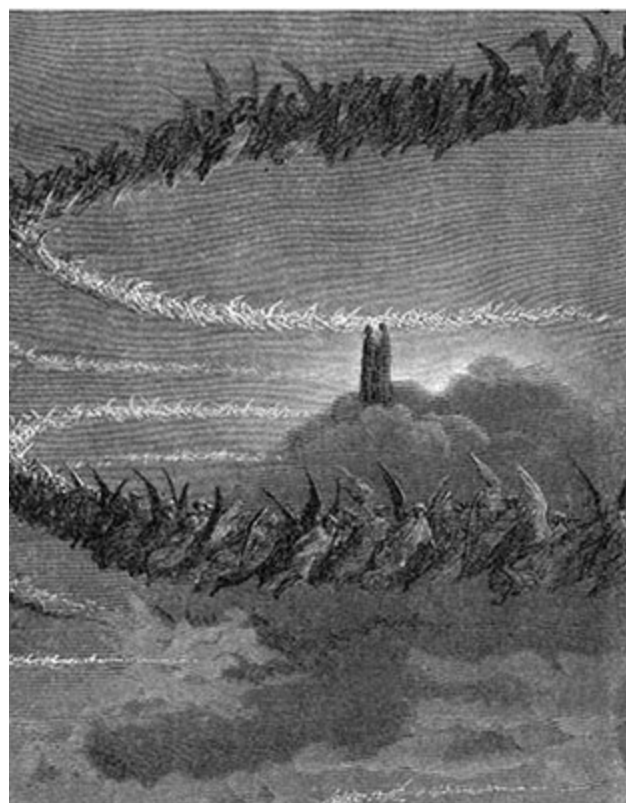
“Folgara em ter ciência bem distinta
Dos reveses, que a sorte me prepara:
27 Menos magoa a seta ao que a pressinta”.
Ao ‘spírito, que, há pouco me falara,
Meu desejo hei desta arte declarado,
30 Como a senhora minha me ordenara.
Sem ambages, que aos homens enviscado
Tinham, antes de Deus ser o Cordeiro,
33 Que os pecados remiu, sacrificado,
Mas em preciso estilo e verdadeiro,
Logo tornou-me o paternal afeito,
36 Velado e transparente em seu luzeiro:
— “A contingência, que do espaço estreito
Da matéria os limites não transcende,
39 Toda se pinta no eternal aspeito.
“Necessidade, entanto, não a prende,
Como não prende a vista em que se espelha
42 A nau, que as águas rápida descende.
“De lá bem como se transmite à orelha
Doce harmonia de órgão, refletido
45 O tempo me é que a ti já se aparelha.
“Qual de Atenas Hipólito há partido
Pela perfídia da madrasta ímpia,
48 Tal deixarás Florença perseguido.
“Assim se quer e a trama principia;
Será em breve executado o plano
51 Lá onde a Cristo vendem cada dia.
“A culpa o mundo a quem padece o dano
Dará; mas terá pena merecida,
54 Da verdade em vingança, o algoz insano.
“Deixarás toda a causa a mais querida,
Chaga primeira de tormentos cheia,
57 Do desterro pelo arco produzida.
“Sentirás quanto amarga; quanto anseia
O sal de estranho pão; que é dura estrada
60 Subir, descer degraus da escada alheia.

“Tua angústia há de ser mais agravada,
Te acompanhar no val do exílio vendo
63 Ignóbil gente, estólida, malvada.
“Ingrato, louco e mau te acometendo
O bando se há de unir: será corrido
66 Ele, não tu, o opróbrio merecendo.
“Seu bestial instinto conhecido
Terão seus feitos; glória consumada
69 Terás; tu só formando o teu partido.
“Te há de ser acolhida franqueada
Primeira pelo exímio e grã Lombardo
72 Que por brasão tem Águia sobre Escada.
“Terá contigo tão cortês resguardo,
Que, o rogo prevenindo, o dom se apresse,
75 Que sói entre outros, se mostrar mais tardo.
“Verás com ele o que ao nascer merece
Tanto deste astro bélico a influência,
78 Que a fama a glória ao nome lhe engrandece.
“Inda ignorada jaz tanta excelência:
Só voltas nove em torno lhe têm dado
81 Estas esferas na anual cadência.
“Mas antes que o Gascão tenha enganado
Henrique excelso já fará patentes
84 De ouro o desdém e o ânimo esforçado.
“Serão grandezas suas tão fulgentes,
Que inimigos malgrados as contemplando,
87 Terão de as proclamar por preminentes.
“Nele confia, o bem dele esperando;
A sorte mudará de muita gente,
90 Ricos, mendigos condição trocando.
“Dele o que eu digo inculcarás na mente,
Sem narrá-lo”. — E proezas predizia,
93 Incríveis inda a quem lhe for presente. —
— “Eis, filho, o comentário” — prosseguia —
Do que se foi já dito; eis a emboscada,
96 Que num período breve se encobria.

“Mas por ti dos vizinhos invejada
 Não seja a sorte; prolongada a vida,
 99 Verás sua perfídia castigada”. —
 Depois que essa alma santa concluída,
 Calcando-se, mostrou já ter a trama
 102 Da tela, que eu lhe oferecera urdida,
 Com tom de voz falei de homem, que clama
 Por bom conselho, ao recear perigo,
 105 De quem, sábio e discreto, o bem de outro ama.
 — “Vejo, ó pai, que, investindo, o tempo imigo
 Contra mim corre para o golpe dar-me,
 108 Mais grave, porque opor-me não consigo.
 “De prudência, portanto, é bem que me arme;
 Não suceda, ao perder pátria guarida,
 111 Dos meus versos por causa outra faltar-me.
 “No mundo, onde em perpétua dor se lida,
 Da montanha subindo o excelso cume,
 114 Donde elevou-me Beatriz querida,
 “E depois pelo céu de lume em lume
 Cousas tais aprendi, que, se as redigo,
 117 Travo terão a muitos de azedume.
 “Se da verdade eu for remisso amigo,
 Morrer temo dos homens pelo olvido,
 120 Que o tempo de hoje hão de chamar antigo”. —
 A luz, onde o tesouro era escondido,
 Que eu achara, se fez tão coruscante,
 123 Como o sol de áureo espelho refletido.
 E disse: — “A consciência vacilante
 Por próprios atos ou vergonha alheia
 126 Teu falar haverá por cruciante.
 “Mas deves repelir mentira feia;
 Toda a tua visão faz manifesta,
 129 Coce-se a pele, que é de lepra cheia.
 “Ao primeiro sabor será molesta
 Tua palavra; mas vital sustento
 132 Deixará depois, quando for digesta.

“Há de o teu braço assemelhar-se ao vento,
Que ao mais soberbo cimo ousado investe;
135 Há de isto ao nome teu dar lustre e aumento.
“Ante os olhos aqui, no céu, tiveste,
No santo monte e lá no val das dores
138 Almas, que a fama com seu brilho veste.
“Pois de ouvintes o ânimo ou leitores
Preço não dá ao exemplo derivado
De origem vil, sem nota, sem louvores,
142 Nem a outro argumento mal fundado”. —

1. *Qual a Climene* etc., Fetonte (que com o seu exemplo faz com que os pais sejam austeros com os filhos) perguntou à mãe Climene se ele era verdadeiramente filho do Sol. — 46. *Qual de Atenas* etc., Hipólito filho de Teseu, não querendo sujeitar-se aos desejos de sua madrasta Fedra, foi banido de Atenas, caluniado por ela. — 51. *Lá onde a Cristo vendem cada dia*, a Cúria Romana. — 71. *Grã Lombardo* etc., Bartolomeu della Scala, senhor de Verona. — 76-77. *O que ao nascer* etc., Cangrande della Scala, irmão de Bartolomeu, que foi notável capitão. Cangrande em 1300 tinha nove anos. — 82-83. *Mas antes que o Gascão tenha enganado* etc., Clemente V, papa de origem francesa, depois de ter prometido a Henrique VII que o reconheceria como imperador, quando Henrique chegou à Itália, em 1312, o adversou.



CANTO XVIII

Beatriz conforta o Poeta, Cacciaguida mostra-lhe espíritos que combateram pela fé cristã. Sobem depois a Júpiter, onde estão as almas dos príncipes que governaram com justiça. Os espíritos se dispõem de maneira a desenhar palavras de conselho aos que governam; por último se compõem na forma de uma águia.

Já gozava em silêncio do seu verbo
Essa alma venturosa e eu cogitava,
3 O doce temperando pelo acerbo;
Mas aquela, que a Deus me encaminhava,
— “Muda o pensar; que perto” — me dizia —
6 Eu sou do que injustiças desagrava”. —
Voltei-me à voz, que sempre me infundia
Valor: dos santos olhos a ternura
9 Descrever a palavra renuncia.
Não só a língua em vão dizer procura;
Mas sobre si tornando, desfalece
12 A mente sem socorro lá da altura.
Ora somente referir se of’rece
Que outro desejo, a santa contemplando,
15 Do coração, ao todo, desaparece.
Como a delícia eterna, rebrilhando
Direta em Beatriz, me extasiava
18 Do gesto seu por um reflexo brando,
Com riso, de que a luz me subjugava,
— “Volve-te, escuta ainda; o Paraíso
21 Não’stá só nos meus olhos” — me falava.
Como a paixão, no seu dizer conciso
Pelos olhos se exprime, na alma enquanto
24 Tolhe o prestígio seu todo o juízo,
Assim no flamejar do fulgor santo,
Voltando-me, o desejo vi patente
27 De aditar ao que disse ora algum tanto.

— “Na quinta estância da árvore, que, ingente,
Pelo cimo se nutre” — principia —
30 “Que frutos sempre dá, sempre é virente.
“Espíritos habiam, que algum dia
Nome tinham na terra tão famoso,
33 Que opimo assunto às Musas prestaria.
“Da cruz os braços olha cuidadoso:
Os que eu te nomear verás fulgindo,
36 Qual relâmpago em nuvem pressuroso”. —
Na Cruz vi perpassar, o nome ouvindo
De Josué, um traço rutilante,
39 Mal acabara a voz, presto surgindo.
Disse o grã Macabeu: no mesmo instante
Outro acorria, sobre si rodando,
42 Tange alegria esse pião brilhante;
Assim fez Carlos Magno, assim Orlando.
Atento, os movimentos seus esguardo,
45 Qual Monteiro ao falcão no ar voando.
Seguiram-se Guilherme e Rinoardo;
Distingue o duque Godofredo a vista,
48 E logo após se assinalou Guiscardo.
Depois com os outros esplendores mista
Provou-me a alma ditosa, que há falado,
51 Ser nos coros do céu sublime artista.
Voltei-me então para o direito lado
Por conhecer de Beatriz o intento,
54 Em palavras ou gestos declarado
Nos olhos puros seus vi tal contento,
Fulgor tal, que excedia o seu semblante
57 Quando de antes prendeu-me o pensamento.
Como, ao sentir prazer inebriante,
Cada vez que o bem faz homem conhece
60 Ir da virtude na vereda avante,
Assim mais amplo o arco me parece
Do círc’lo, em que vou co’o céu girando
63 Ao ver quanto prodígio tal recresce.

Tão presto, como em nívea face, quando
A chama do pudor se acende, volta
66 A cor a ser qual de antes, branqueando,
Pelo doce candor, que a vista envolta
Me teve, conheci que a sexta estrela
69 Nos recebera a mim e a minha escolta.
De Júpiter na esfera argêntea e bela
O cintilar de amor, que ali resplende,
72 Language' humana aos olhos me revela.
De aves qual bando, que se estreita ou estende,
Do rio junto à borda e que à verdura
75 Do pascigo, a folgar os voos tende,
Tal em seus lumes grei ditosa e pura,
Adejando, cantava e descrevia
78 De D, de I, de L uma figura.
Ao compasso dos hinos se movia
E em silêncio quedava, se detendo,
81 Quando alguma das letras concluía.
Pegásea Diva, ó tu, que, concedendo
A glória ao gênio, lhe dilatas vida,
84 Cidades, reinos imortais fazendo!
Brilha em mim! por que seja referida
Cada figura, qual me foi presente!
87 Faz tua força em meus versos conhecida!
E cinco vezes sete claramente
Vogais e consoantes vi, notando
90 Cada qual pelo traço refulgente:
“*DILIGITE IUSTITIAM*” indicando
Verbo e nome primeiros na escritura;
93 “*QUI IUDICATIS TERRAM*” terminando.
Colocando-se assim cada luz pura,
No fim pausaram no vocab'lo quinto:
96 Sobre o argento de Jove ouro fulgura.
De outros lumes, que descem, vi distinto
Do M o cimo: cantam, lá pousados,
99 Bem que os atraí ao divinal precinto.

Como carvões ardentes encontrados
 De centelhas um jorro de si lançam,
 102 Presságios por estultos venerados,
 Muitos mil fogos para o ar avançam,
 Subindo à altura, que lhes há marcado
 105 O Sol, de quem beleza e brilho alcançam.
 Já, cada qual ao seu lugar tornado,
 De Águia o colo a meus olhos se mostrava,
 108 Rematando em cabeça, desenhado.
 Guia não teve o artista que os traçava:
 E' seu todo o primor, toda a mestria,
 111 Que em cada ninho forma própria grava.
 A santa grei, porém, que parecia
 De ornar de c'roa o M estar contente,
 114 Movendo-se, a figura perfazia.
 Quantas joias, ó astro refulgente,
 Mostraram-me provir justiça humana
 117 Do céu de que és ornato permanente!
 À Mente, pois, suplico de que emana
 O moto e a força tua, atenta veja
 120 Da névoa a causa que o teu brilho empana;
 E de ira inda uma vez tomada seja
 Contra os que mercadejam no seu templo,
 123 Que do sangue dos mártires flameja.
 Celestial milícia, que eu contemplo,
 Roga por esses, que ora estão na terra
 126 Transviados, seguindo hórrido exemplo.
 Com gládio outrora se travava a guerra;
 Hoje em tirar o pão, que Deus tem dado,
 129 Dos combatentes o valor se encerra.
 Tu que escreves pra ser logo emendado
 Pensa que Pedro e Paulo hão ressurgido,
 132 Pela vinha morrendo que hás talado,
 Tu bens podes dizer: — “Devoto hei sido
 Do que, ao deserto danto tanto apreço,
 Sofreu martírio à dança oferecido:

28. *Da árvore que, ingente, pelo cimo se nutre*, o Paraíso que recebe vida de Deus. — 38. *Josué*, sucessor de Moisés na chefia do povo hebreu e que conquistou a Terra Prometida. — 40. *O grã Macabeu*, Judas Macabeu que combateu contra Antíoco. — 43-48. *Orlando*, paladino de Carlos Magno; *Guilherme*, d’Orange; combateu contra os infiéis; *Rinoardo*, companheiro de Guilherme; *Godofredo*, de Bouillon, conquistou a cidade de Jerusalém; *Roberto Guiscardo*, libertou as Apúlias dos Sarracenos, no século XI. — 49-51. *Depois com os outros etc.*, Cacciaguida cantou, provando que era um sublime artista. — 82. *Pegásea Diva*, a musa Calíope. — 91-93. *Diligite etc.*, amai a justiça vós que governais o mundo. — 107. *Águia etc.*, a águia é o símbolo da justiça e da monarquia. — 130. *Tu que escreves etc.*, alusão ao papa Bonifácio VIII, que escrevia as censuras para emendá-las depois de ter recebido dinheiro. — 134-136. *Do que etc.*, a moeda florentina, o florim, trazia a efígie de S. João Batista, que sofreu o martírio por causa da dança de Salomé.



CANTO XIX

Dante fala à Águia externando uma sua antiga dúvida se alguém possa salvar-se não tendo conhecimento da lei de Cristo. Respondendo, a Águia aproveita a ocasião para repreender os malvados reis cristãos do seu tempo que nunca obterão a graça de Deus.

De asas pandas formosa se ostentava
Essa imagem, que enlevos de alegria
3 Nas almas enlaçadas excitava,
E rubi cada qual me parecia,
Em que raio de sol, fúlgido ardendo,
6 Os lumes nos meus olhos refrangia.
O que eu agora descrever pretendo
Voz não contou, nem pena há referido,
9 Nem criou fantasia encarecendo.
O bico da Águia vi falar, e o ouvido
Eu e meu nas palavras distinguia,
12 Mas *nós e nosso* estava no sentido.
— “Porque fui justo e pio” — assim dizia —
“Exaltado me vejo a tanta glória,
15 Que excede a quanto o anelo aspiraria.
“De mim deixei na terra tal memória,
Que apregoam-na os homens pervertidos,
18 Sem exemplos seguir, que narra a história”. —
Como em pira dão lenhos incendidos
Um só calor, aqueles mil amores
21 Da imagem’stavam num falar contidos.
Então lhes disse: !!Ó vós, perpétuas flores
Do júbilo eternal, que num perfume
24 Sentir fazeis múltípliques olores,
“Esta fome fartai, que me consome,
Há largo tempo, na terrestre vida,
27 Onde alimento nunca achar presume.
“Se do céu noutro reino é refletida

A divina Justiça em claro espelho,
30 Sei que sem véus no vosso é percebida.
“Sabeis que, atento, a ouvir-vos me aparelho;
Sabeis também que, nunca saciado,
33 Ardo em desejo que se fez já velho”. —
Qual falcão, do capelo desvendado,
Que a fronte move, as asas exercita
36 E se apavona ledado e alvoroçado,
Tal vi a insígnia, que essa grei bendita,
Louvor da graça divinal, formara,
39 Com hinos próprios da mansão que habita.
Depois dizia: — “Aquele, que traçara
Com seu compasso o mundo e no começo
42 De ocultas, claras cousas o dotara,
“Não pôde tanto seu poder impresso
No universo deixar, que o Eterno Verbo
45 A criação não teve infundo excesso.
“Prova-o bem quem primeiro foi soberbo;
Pois, sendo ele perfeita criatura,
48 Não esperando a luz, caiu acerbo.
“Todo ente, pois, somenos em natura
Conter o Bem sem fim não circunscrito
51 Não pode e em si guarda a mensura.
“Nossa vista, de alcance tão finito,
Posto seja um dos raios dessa Mente,
54 Que as cousas todas enche no infinito,
“Não é, por natureza, tão potente,
Que não discirna a sua Causa Eterna,
57 Do que ela é na verdade diferente.
“Penetra na justiça sempiterna
A vista concedida ao vosso mundo,
60 Bem como o olhar, que pelo mar se interna:
“Se junto ao litoral lhe enxerga o fundo,
No pélago o não vê: certo é que existe,
63 Mas encoberto está por ser profundo.
“Se do Lume não vem, que só persiste

Sempre sereno, a luz torna-se em treva,
66 Ou da carne é veneno, ou sombra triste.
“Já compreendes que o véu romper se deva,
Que a Divina Justiça te escondia,
69 E a tão frequentes dúvidas te leva.
“Junto ao Indo — tua mente assim dizia —
Um varão vem à luz: de Cristo o nome
72 Nem por voz, nem por letras conhecia.
“Os feitos e desejos são desse home’
Bons no quanto julgar à razão cabe;
75 Em pecar ditos e atos não consome.
“Quando sem fé e sem batismo acabe,
Há justiça em ser ele condenado?
78 Pode ter culpa quem não crê, não sabe?
“Mas tu quem és, que, em tribunal sentado,
Julgas, de léguas em milhões distante,
81 Se mal vês o que a um palmo é colocado?
“Em duvidar, por certo, iria avante
Quem assim sutilezas apurara,
84 Sem a luz da Escritura triunfante.
“Terrenos vermes! raça estulta, ignara!
A primeira Vontade, por si boa,
87 De si, Supremo Bem, se não separa.
“Justo é somente o que com ela soa,
A si nenhum criado bem a tira,
90 Todo o bem, radiando, ela afeiçoa”. —
Como a cegonha, que o seu ninho gira,
Os filhotes já tendo apascentado,
93 Enquanto cada qual, farto, a remira,
Assim, os olhos quando eu tinha alçado
Fez o pássaro santo; e asas movia,
96 Por múltiplas vontades sustentado.
Volteando cantou; depois dizia:
“As notas não compreendes do meu canto
99 Como os mortais de Deus sabedoria”. —
As flamas quando já do Esp’rito Santo

Quedaram nessa imagem, que alcançara
102 Aos Romanos do mundo temor tanto,
Prosseguiu: — “Este reino não depara
Jamais quem não acompanhou a Cristo
105 Nem antes, nem depois que à Cruz se alçara.
“Dizem muitos em grita — Cristo! Cristo!
Menos perto, em juízo, do que o infido
108 Lhe hão de ser que jamais conheceu Cristo.
“Há de os danar o Etíope descrido,
Quando em grei rica e pobre eternamente
111 For o gênero humano repartido.
“Dos reis cristãos o que dirão em frente
Os Persas, lendo no volume aberto,
114 Onde tanto flagício está patente?
“Ali hão de se ver entre os de Alberto
Os que serão em breve registados:
117 De Praga o reino tornarão deserto.
Se hão de ver sobre o Sena acumulados
Os do Rei, que a moeda falsifica,
120 Da fera morto aos dentes afiados.
Se há de ver a soberba, atroz, inica
Que em demência o Escocês e o Bretão lançam:
123 Nenhum nos seus confins contente fica.
“E se há de ver quanto em luxúria avança
O Rei de Espanha e o que a Boêmia rege,
126 Que mostra ao seu dever tanta esquivança.
“Ninguém ao Coxo de Sião inveje:
Com I sua bondade se assinala,
129 Com M o que em contrário ama e protege
“Se há de ver que a avareza à ignávia iguala
No Rei da ilha, em que morreu Anquise,
132 E donde o fogo, a trovejar, se exala.
“Porque do seu valor mal se ajuíze,
Em cifra a história sua é resumida,
135 Que muito em pouco espaço localize,
“Será patente a vergonhosa vida

Do tio e desse irmão, que hão desonrado
 138 Dois cetros e a ascendência enobrecida.
 “O Rei de Portugal será notado
 E o Rei de Noruega e mais aquele,
 141 Que de Veneza os cunhos tem falsado.
 “Ditosa Hungria! que de si repele
 O jugo da opressão! Feliz Navarra,
 144 Quando em seus montes que defesa vele!
 “E creiam todos que já d’isto em arra
 Nicósia e Famagusta se lamentam,
 Bramindo de uma fera sob a garra:
 148 Os exemplos dos mais não o escarmentam”. —

28. *Noutro reino*, em outra ordem de bem-aventurados. — 34. *Qual falcão de capelo desvendado*, libertado pelo caçador que lhe tira a venda. — 46. *Quem primeiro foi soberbo*, Lúcifer. — 102. *Aos Romanos do mundo temor tanto* etc., a águia era a insígnia de Roma. — 110-111. *Quando em grei rica e pobre* etc., quando os justos e os pecadores serão divididos eternamente em duas partes, uma delas rica de todos os bens e a outra pobre e danada. — 115. *Alberto I*, de Áustria, que em 1304 devastou a Boêmia. — 119-120. *Rei que a moeda falsifica* etc., Filipe o Belo, que falsificou o dinheiro para pagar os mercenários, morrem em 1314 por efeito de uma queda de cavalo, numa caçada. — 122. *O Escocês e o Bretão* etc., os reis Roberto da Escócia e Eduardo da Inglaterra, em guerra entre si. — 125. *O rei de Espanha*, Fernando IV; e *o que a Boêmia rege*, Venceslau IV. — 127-129. *O coxo de Sião* etc., Carlos II de Anjou, rei de Apúlia e de Jerusalém, será marcado no livro da justiça divina com I pela sua bondade e com 1000 (M) pelas suas malvadezas. — 131. *O rei da ilha em que morreu Anquise*, Frederico II de Aragão, rei da Sicília. — 137-138. *Do tio*, Jaime, rei de Maiorca e Minorca; *desse irmão*, Jaime II, rei de Aragão. — 139. *O rei de Portugal*, D. Diniz, o lavrador. — 140-141. *O rei de Noruega*, Acon VII; e *mais aquele* etc., o rei de Ragusa, na Dalmácia, que falsificou a moeda de Veneza. — 143. *Feliz Navarra* etc., o Poeta faz votos para que a Navarra se defenda contra a opressão dos reis franceses para não cair na opressão como a ilha de Chipre

(Nicósia e Famagosta são cidades dessa ilha), que está sendo tiranizada por Henrique II.



CANTO XX

A Águia louva alguns reis antigos que foram justos e virtuosos. Depois solve a Dante uma dúvida, como possam estar no Céu alguns espíritos que, na sua opinião, quando em vida não tinham tido fé cristã.

Quando esse astro, que a todos alumia
Deste hemisfério nosso já descende
3 E se consome em toda parte o dia,
O céu, que dele só de antes se acende,
Cintilante se mostra de repente
6 Por mil luzeiros, em que um só resplende.
Do céu surgiu-me essa mudança à mente
Depois que o santo pássaro calou-se,
9 Dos reis, no mundo, insígnia refulgente;
Pois desses vivos lumes ateou-se
Inda mais o clarão, hino cantando,
12 Que na memória instável apagou-se.
Ó doce amor! num riso te velando,
Quanto indicas arder nos esplendores,
15 Que estão santo pensar só respirando!
Quando as gemas sublimes nos fulgores,
De que o sexto planeta se adornava
18 Findaram seus angélicos dulçores,
De rio o murmurar ouvir julgava,
Que, em claras espadanas debruçado
21 Com sua veia abundante as rochas lava.
Da cit'ra em braço como o som formado,
Como o sopro na avena penetrando
24 Em melódicas notas modulado,
Assim formou-se um murmúrio brando,
Que subiu, logo após, da ave formosa,
27 Pelo canal do colo, se exalando.
Então em voz tornou-me harmoniosa,
Que do bico em palavras irrompia:

30 Em minha alma insculpiram-se ansiosa,
— “Na parte atenta, que em mim vê” — dizia —
 “Que até na águia mortal afronta ousada
33 O sol, quando rutila ao meio-dia;
 “Porque dos fogos, de que sou formada,
 Aqueles, com que a vista me cintila,
36 No céu graduação tem sublimada,
 “Esse, que brilha em meio por pupila,
 Foi o régio cantor do Esp’rito Santo,
39 Que a Arca trasladou de vila em vila.
 “Conhece ora a valia de seu canto,
 Qual foi o efeito desse ardente zelo,
42 Galardão recebendo tal e tanto.
 “Dos cinco, que o sobrolho me ornar belo,
 Consolou o que ao bico está mais perto
45 Viúva em dó do filho, seu desvelo.
 “Quanto custa lhe está bem descoberto
 A Cristo não seguir, pela exp’riência
48 Do céu e do penar pungente e certo.
 “E o que está logo após na circunf’rência
 Do sobrolho, onde vês arco superno,
51 Morte adiou por vera penitência.
 “Conhece agora que o juízo eterno
 Não muda, se o rogar do arrependido
54 Em crástino tornar fato hodierno.
 “A mim e às leis esse outro há transferido
 À Grécia, do Pontífice em proveito:
57 Boa intenção mau fruto há produzido.
 “Conhece agora que o maligno efeito
 Dessa obra pia lhe não é nocivo,
60 Posto haja o mundo horrendo desproveito.
 “O que vês do sobrolho no declive
 Guilherme é, por quem chora o reino opresso
63 De Frederico e Carlo ao mando esquivo.
 “Conhece agora bem com quanto excesso
 Ao Rei justo ama o céu: do seu semblante

66 Ainda no fulgor se mostra expresso.
 “Quem crer pudera em vosso mundo errante
 Que entre estas luzes santas quinta seja
69 Rifeu Troiano, da justiça amante?
 “Conhece agora que mistério esteja
 Na Graça — aquilo, que inda o mundo ignora —
72 Bem que o fundo inefável não lhe veja”. —
 Qual codorniz que os voos seus demora,
 Paira cantando e cala-se, enlevada
75 Nas doçuras finais da voz sonora:
 Tal parece-me a imagem sinalada
 Pelo eterno prazer, que, a seu desejo,
78 Faz que seja quanto é cousa criada.
 Posto a dúvida minha neste ensejo,
 Como no vidro a cor, fosse patente,
81 Não mais espero a solução, que almejo,
 Cedendo à força do seu peso urgente.
 Prorrompo logo: — Que mistério imenso! —
84 Da águia o júbilo fez-se mais fulgente.
 Brilho tendo nos olhos mais intenso
 A sacrossanta forma respondia
87 Por não mais ter-me atônito e suspenso:
 — “Bem vejo que tu crês” — assim dizia —
 “Não porque entendas, mas porque assevero:
90 Ocultas cousas são, mas fé te guia.
 “És como quem da cousa o nome vero
 Aprende; mas inota fica a essência,
93 Se não a explica espírito sincero.
 “Dos céus o reino sofre um violência
 Do ardente amor e da esperança viva,
96 Que triunfam da própria Onipotência.
 “Mas não é, qual vitória humana, esquiva:
 Vencido é Deus por ser assim servido;
99 Tem, vencido, vitória decisiva.
 “Maravilhado, ao veres, te hás sentido,
 Do meu sobrolho a luz quinta e primeira

102 Nesse império aos eleitos concedido.
 “Não morreram gentios: crença inteira
 No Redentor futuro ou no já vindo
105 Tinham antes da hora derradeira.
 “À vida um, lá do inferno ressurgindo,
 Onde não se corrige o condenado,
108 A mercê recebeu anelo infindo,
 “Vivo anelo, que ardor tanto empenhado
 Em suplicar a Deus tal graça havia,
111 Que pôde o seu querer ser abalado.
 “Quando voltou à carne e à luz do dia,
 Em que não fez detença a alma ditosa,
114 Naquele há crido que a salvar podia;
 “E foi na fé, no amor tão fervorosa,
 Que ao passar nova morte há merecido
117 Sublimar-se à existência gloriosa.
 “E do outro, pela Graça protegido,
 Que provém de uma origem tão profunda,
120 Que a nascente olho algum não lhe há sabido,
 “Foi no amor à justiça sem segunda:
 De graça em graça a Redenção futura
123 Mostrou-lhe Deus revelação jucunda.
 “À fé se entrega; e a sua mente pura
 A perversão gentílica rejeita,
126 Do mundo repreendendo a vida impura
 “As damas três que achavam-se à direita,
 Do carro, o seu batismo efetuaram,
129 Anos mil precedendo a lei perfeita.
 “Ó predestinação! Não te alcançaram
 A raiz esses olhos, que a primeira
132 Cousa jamais ao todo interpretaram.
 “Mortais! Oh! não julgueis tão de carreira!
 Porque nós que Deus vemos não sabemos
135 Dos preferidos seus a grei inteira.
 “Esta ignorância por ditosa havemos;
 Que o nosso bem por este bem se afina,

138 De ser quanto Deus quer o que queremos”. —
Por essa imagem de feição divina
Assim, para aclarar-me a curta vista,
141 Dada me foi suave medicina:
E como a um bom cantor bom citarista
Acompanha, vibrar fazendo a corda,
144 E desta arte mais graça o canto aquista,
Assim a fala (a mente me recorda)
Da ave santa os luzeiros dois seguiam
Como dos olhos o bater concorda,
148 Com sua voz igualmente se moviam.

37. *Esse, que brilha* etc., Davi rei de Israel e autor dos Salmos. — 44. *Consolou o que*, o imperador Trajano, que foi justo com a viúva (V. Canto X, 82 do Purgatório). — 46-48. *Quanto custa* etc. Uma crença popular afirmava que Trajano tivesse sido libertado do Inferno pelas preces de S. Gregório. Por isso Trajano podia estabelecer uma comparação entre o Inferno e o Paraíso. — 49-51. *E o que está* etc., Esequias, rei de Judá, o qual, pela predição do profeta Isaías, soube que estava no fim da sua vida, mas, pedindo a Deus, obteve mais quinze anos de vida e expiou os seus pecados. — 55-57. *Esse outro* etc., Constantino que transferiu para Bizâncio a capital do Império Romano. — 62. *Guilherme II*, rei de Apúlia e da Sicília. — 63. *Frederico II* de Aragão e *Carlos II* Anjou. — 69. *Rifeu Troiano*, personagem da Eneida; homem justo e honesto, morreu combatendo pela sua pátria. — 101. *A luz quinta e primeira*, Rifeu e Trajano. — 103-105. *Crença inteira no Redentor futuro ou no já vindo*, Rifeu acreditou na futura paixão de Jesus, Trajano na paixão que Cristo já tinha sofrido. — 127. *As damas três*, as três virtudes teologais. — 129. *Anos mil* etc., mil anos antes que Cristo instituísse o batismo.



CANTO XXI

Dante sobe do céu de Júpiter ao de Saturno, no qual encontra as almas dos que se dedicaram na vida à celeste contemplação, onde vê uma escada altíssima pela qual vai subindo e descendo uma multidão de almas resplendentes. S. Pedro Damião vai ao encontro do poeta e lhe fala do dogma da predestinação.

De Beatriz no gesto o entendimento,
Acompanhando os olhos, embebia;
3 De al não cuidava absorto o pensamento.
Beatriz, sem sorrir-se, me dizia:
— “O sorriso contenho; de outra sorte,
6 Como Sêmele, em cinzas te veria.
“Minha beleza, viste já, mais forte
Refulge, quanto mais se eleva a escada,
9 Por onde ascende para a eterna corte.
“Teu vigor, se não fora moderada,
Ao seu fulgor, de todo fenecera,
12 Qual fronde, pelo raio espedaçada.
“À sétima chegamos clara esfera,
Que sob o peito do Leão ardente
15 Da luz mais viva do que de antes era.
“Teus olhos acompanhe pronta a mente;
Sejam-te espelho a quanto este astro belo,
18 Que um espelho é também, fará patente”. —
Quem bem coubesse a força do desvelo,
Com que a vista em seu gesto se pascia,
21 Quando voltei-me a impulso de outro anelo,
Quanto contente fui conheceria,
Minha guia celeste obedecendo,
24 Após uma gozando outra alegria.
No cristal, que, em seu giro se movendo,
O nome do Monarca tem querido,
27 Que a todo vício foi flagelo horrendo,

De áurea cor, em que o sol é refletido,
 Escada vi de tão sublime altura,
 30 Que o topo aos olhos'stava-me escondido.
 Pelos degraus brilhando com luz pura
 Descia soma tanta de esplendores,
 33 Que os clarões todos ver se me afigura.
 Como, ao seu modo, aos matinais albores,
 As gralhas, pelos ares se movendo,
 36 Aquecem-se, do frio nos rigores,
 Umas se vão não mais voltar querendo,
 Tornam outras, buscando o pouso amado,
 39 Rodam outras, os voos seus contendo:
 Tal dos lumes o bando sublimado
 Pela escada formosa parecia,
 42 Até certo degrau terem tocado.
 E o que parou mais perto resplendia
 Tão claro, que eu pensei: — Luz, que eu venero
 45 Em ti, amor, em que ardes, denuncia.
 Mas Beatriz de quem sinal espero
 Pra dizer ou calar, grave emudece:
 48 Eu pois o anelo meu, reprimir quero.
 Ela, que o meu pensar então conhece,
 Pois quem tudo prevê lho manifesta,
 51 — “Cumpre” — disse — “o que a mente ora apetece”.
 E comecei: — “Direito não me presta
 A resposta o meu mérito apoucado:
 54 Mas por aquela, que o valor me empresta,
 “Espírito ditoso, que velado
 ‘Stás por tua alegria, me declara
 57 Por que tão perto a mim te hás colocado;
 “E por que muda está na esfera clara
 Do paraíso a doce sinfonia,
 60 Que tão devota noutras escutara”. —
 — “Como os olhos o ouvido” — respondia —
 “Tens mortal: nesta esfera não se canta,
 63 Nem Beatriz sorri, como soía.

“Tantos degraus descí da escala santa
De prazer por te dar mostra evidente
66 Em vozes e na luz que me abrilhanta.
“Não que me apresse o afeto mais ardente,
Pois lá por cima igual ou mais se acende,
69 Como te prova o flamejar ingente.
“Mas alta caridade, que nos prende
A quem por seu querer tudo governa,
72 Quais vês, marca os lugares como entende”. —
— “Bem conheço” — tornei — “sacra luzerna,
Como é o livre amor do céu na corte
75 Basta para cumprir vontade eterna;
“Mas como, entre a dos teus santa coorte,
Tu só chamado a este cargo hás sido,
78 Por discernir não hei mente assaz forte”. —
A voz final não tendo proferido,
Qual veloz roda, sobre si girando,
81 Volveu-se o lume, súbito movido.
O amor, que encerrava, então falando
— “Em mim dardeja” — disse — “a luz divina,
84 Esta, que me circunda, penetrando.
“Com meu ver, sua ação, que assim combina,
Tanto me alteia, que a Suprema Essência,
87 Onde ela emana, a mim se descortina.
“Daí vem do meu júbilo esta ardência;
Pois a minha visão quanto é mais clara,
90 Da claridade em mim sobe a eminência.
“Alma, porém, que mais no céu se aclara,
O serafim, que em Deus mais se embevece,
93 Resposta ao teu dizer não deparara.
“Tanto o que me perguntas desaparece
Dos eternos conselhos no infinito,
96 Que a vista a todos pávida esmorece.
“Ao mundo isto por ti deve ser dito,
Que da verdade saiba quanto aberra,
99 Os pés movendo ao transcendente fito.

“Alma, que é flama aqui, fumo é na terra:
 O que no céu jamais saber alcança,
 102 Como ver pode, quando a cinza a encerra?” —
 Em tanto enleio o seu dizer me lança,
 Que humilde, outras perguntas evitando,
 105 Em lhe saber o nome pus a esp’rança.
 — “De mares dois no meio demorando,
 De Florença não longe, estão rochedos,
 108 Aos trovões sobranceiros se empinando.
 “Cátia chama-se a giba dos penedos:
 Ao pé se vê um claustro consagrado
 111 Da alma com Deus aos místicos segredos”. —
 Terceira vez o santo me há tornado.
 E disse, prosseguindo: — “Nessa ermida
 114 Somente a Deus servir me hei dedicado.
 “Com suco de oliveira por comida,
 Contente a calma e frio suportava,
 117 Passando ali contemplativo a vida.
 “Nesse retiro ao céu se aparelhava
 Ampla seara; estéril tanto agora,
 120 Que o véu já cai que o mal dissimulava.
 “Fui Pedro Damiano; um Pedro outrora
 Dito Pecador junto ao Ádria estive
 123 Na casa em que invocou Nossa Senhora.
 “Da vida me restava espaço breve,
 Quando ao claustro arrancado, me cingiram
 126 Chapéu, que a indignas fontes já se deve.
 “Magros descalços a missão cumpriram,
 O Vaso de Eleição e Cefas, tendo
 129 O pão de cada dia, que pediram.
 “Hoje o pastor, a custo se movendo,
 Anda de um lado ao do outro carregado,
 132 Quem o sustente por de trás querendo.
 “Seu manto, o palafrém tendo embuçado,
 Dois brutos numa pele está fingindo:
 135 Ó paciência, quanto hás suportado!” —

Calou-se. Luzes mil eu vi, fulgindo,
Descer em veloz giro a excelsa escada:
138 Seu brilho, em cada volta, ia subindo.
Parando em torno a essa alma afortunada,
A voz em som tão alto despediram,
Que não pudera ser de outro igualada.
142 Não sei, torvado, o que elas proferiram.

6. *Sêmele*, amada por Júpiter, a conselho da ciumenta Juno, pediu ao deus que se lhe mostrasse em todo o esplendor da sua majestade e morreu abrasada. — 25. *No cristal, que, em seu giro se movendo* etc., no lúcido planeta que, girando no universo, tem o nome de Saturno, o qual reinou no século de ouro, no qual foi banida do mundo qualquer malícia. — 121-123. *Pedro Damiano*, monge beneditino, foi prior do mosteiro de Santa Cruz; e, posteriormente, em 1057 foi nomeado cardeal pelo papa Estêvão IX. *Pedro Pecador*, S. Pedro degli Onesti, fundador do convento de Santa Maria do Porto, perto de Ravena. — 128. *O Vaso de Eleição*, S. Paulo; *Cefas*, S. Pedro.

CANTO XXII

Outros espíritos bem-aventurados aproximam-se do Poeta, entre eles S. Bento, o qual lhe indica alguns dos seus santos companheiros; depois lamenta profundamente a corrupção da ordem por ele fundada. Sobe daí o Poeta à oitava esfera, que é a das Estrelas Fixas.

Voltei-me a Beatriz, de espanto entrado,
Qual menino, que busca sempre o amparo
3 De pessoa, em quem mais há confiado.
Beatriz, como a mãe, que ao filho caro
Súbito acorre ao vê-lo espavorido,
6 Com voz, que sói lhe ser terno anteparo,
— “Ao céu” — disse — “não vês que foste erguido?
Ignoras tu que o céu em tudo é santo
9 E a caridade a tudo há presidido?
“Pois comover-te o grito pôde tanto,
Oh! quanto o meu sorriso te abalara
12 E dos celestes coros o alto canto!
“Se esse grito os seus rogos revelara,
Já de agora souberas a vingança,
15 Que inda antes de morrer, verás, amara.
“Do céu a espada pune sem tardança,
Mas sem pressa, conquanto o não pareça
18 A quem no medo aguarde e na esperança
“Mas por voltar o rosto ora começa:
Que tens de ver espíritos famosos,
21 Se a vista, como eu digo, se endereça”. —
Como ordenara, os olhos curiosos
Alcei: glóbulos vejo mais de cento,
24 Que os raios seus cruzavam luminosos.

Eu estava como quem reprime atento
Do desejo o aguilhão, e receava
27 Por perguntas mostrar molesto intento;
Eis uma dessas per'las, que ostentava
Entre as outras mais brilho, mais grandeza.
30 Para dar-me contento se acercava.
— “Se como eu” — disse a sua voz — “certeza
Da caridade houvesse, que em nós arde,
33 Teu desejo exprimiras com franqueza.
“Por que maior demora não retarde
Teu fim sublime, eu te darei resposta,
36 Posto em silêncio o teu pensar se aguarde.
“O monte, que o Cassino tem na encosta,
Estava, em seu cabeça, povoado
39 Por gente ignara, ao erro e ao mal disposta.
“Ali, primeiro, o Nome hei proclamado
Daquele, que aos humanos a verdade
42 Trouxe que humanos tanto há sublimado.
“Da Graça em mim luziu tal claridade,
Que salvar pude os povos circunstantes
45 Do culto, que perdera a humanidade.
“Eremitas hão sido esses brilhantes
Fogos, que vês: na flama se acenderam,
48 Que frutos brota e flores vicejantes.
“Macário e Romualdo aqueles eram,
Estes os meus irmãos, que, os pés firmando
51 No claustro, os corações ao Senhor deram”. —
— “Esse afeto, que mostras me falando” —
Tornei — “e o bem-querer, que tão patente
54 Nos esplendores vossos ‘stou notando.
“O ânimo dilata-me: igualmente
O sol faz, quando à rosa purpurina
57 O seio desabrocha rescendente.
“E, pois, te rogo, ó Padre meu, te inclina
A declarar-me se a mercê mereço
60 De ver-te a face, mas sem véu, beni’na”. —

— “O teu sublime anelo todo apreço
Há de achar” — disse — “irmão, na extrema esfera,
63 Onde todos e o meu terão seu apreço.
“Madura, inteira ali se considera
Perfeita a aspiração; ali somente
66 Demora cada parte sempre onde era.
“Sem polos, sem lugar é permanente;
Até lá nossa escada vai subindo;
69 Foge-te à vista a sua altura ingente.
“Viu-a Jacó, o topo lhe atingindo,
Quando em sua visão a contemplava
72 De inumeráveis anjos refulgindo.
“Mas ninguém por subi-la os pés destrava
Hoje da terra; e a minha regra escrita
75 Inutilmente nos papéis se grava.
“A morada monástica bendita
E’ covil; o capuz se há transformado
78 E farinha contém ruim, maldita.
“Não seja usura havida por pecado
Tão grave contra Deus, quanto a avareza,
81 Que aos monges tem os corações eivado;
“Pois quanto a Igreja poupa é da pobreza,
Que de Deus por amor seu pão mendiga,
84 Não pra cevo a parentes, ou a torpeza.
“Na terra a carne ao homem tanto obriga,
Que haver um bom princípio não bastara
87 Entre a planta em nascendo e a sua espiga
“Sem ouro e prata Pedro começara,
Eu com jejuns, com orações; convento
90 Francisco humildemente levantara.
“De cada qual à origem estando atento,
Verás o branco em negro transformado,
93 Se depois tens seu fim no pensamento.
“Maior milagre foi, quando tornado
Para trás, o Jordão do mar fugia,
96 Do que socorro a tanto mal levado”. —

Calou-se, e a santa grei logo se unia;
 Cerrou-se a grei, e o espírito com ela,
 99 Qual turbilhão, na altura se encobria.
 Na escada alcei-me após, da dama bela
 Ao oceano; por seu poder mudada
 102 A natureza minha se revela.
 Naturalmente nunca acelerada
 Descida houve na terra, nem subida
 105 Que possa ao meu voar ser igualada.
 Seja-me assim, leitores, concedida
 A glória, pela qual choro e suspiro,
 108 Bata nos peitos de alma compungida,
 Como eu, enquanto o dedo meto e tiro,
 Do fogo o signo, de que está seguido
 111 O Tauro, vi, e entrei logo em seu giro.
 Gloriosas estrelas, luz que hás sido
 Por grã virtude a causa de que emana
 114 Humilde engenho, que há em mim nascido,
 Convosco na carreira, em que se afana,
 Andava o que a mortal vida origina,
 117 Quando aspirei primeiro ar da Toscana.
 E quanto permitiu Graça Divina
 Nesse alto céu entrar, que vos compreende,
 120 Por vós passar me deu sorte beni'na.
 Por vós devoto anelo em mim se acende
 Para alcançar virtude nesse forte,
 123 Árduo passo que a si me atrai, me prende.
 — “Perto à ventura extrema és de tal sorte,
 Que a vista clara tens e penetrante” —
 126 Diz Beatriz, o meu formoso norte.
 “Mas antes de te ergueres mais avante,
 Remira abaixo, e vê, por mim guiado,
 129 Sob os pés quanto mundo está distante;
 “Por que teu peito, em júbilo inundado,
 Seja presente ao povo triunfante,
 132 Que nesta esfera avança extasiado”. —

Então, volvendo os olhos anelante
 Às sete esferas, nosso globo vejo
 135 Tal, que sorri-me do seu vil semblante.
 Quem lhe dá pouco apreço em todo ensejo
 Aplaudo, e grande sábio, em meu conceito,
 138 É quem põe noutra parte o seu desejo.
 Vejo da filha de Latona o aspeito
 Sem a sombra, que fosse em parte densa,
 141 Em parte rara imaginar me há feito.
 Do filho, Hiperião, a flama intensa
 Pude olhar; perto e em torno lhe giravam
 144 Maia e Dione em volta pouco extensa.
 Como aos do pai e filho temperavam
 De Jove os fogos, vi e o movimento
 147 Vário, que em roda ao centro seu formavam.
 Dos orbes sete eu contemplava atento
 Grandeza e rapidez, e compreendia
 150 Distância e postos seus no firmamento.
 Como o curso dos Gêmeos eu seguia
 De montes, mares via todo envolto
 O canto estreito, em que homem se gloria:
 154 Olhos depois aos belos olhos volto.

13-15. *Se esses gritos* etc., se tivesses ouvido o que foi dito, saberias a vingança de Deus sobre os maus padres, que virá bem cedo. — 37-39. *O monte que o Cassino* etc., Montecassino, sobre o qual S. Bento, no V século, fundou o célebre mosteiro, no local onde havia um templo a Apolo. — 49. *Macário* (S.), de Alexandria, que, no século IV, fundou vários mosteiros; *Ranualdo* (S.), monge do século X, nascido em Ravena, que fundou a ordem dos Camaldolenses. — 70. *Viu-a Jacó* etc., o patriarca Jacó viu em sonho uma escada que da terra subia até o Céu, Gen. XXVIII, 12. — 74. *A minha regra escrita* etc. Na terra ninguém observa a minha regra de viver religiosamente. — 94. *Maior milagre* etc., quando Deus fez com que o Jordão retirasse suas águas e o mar Vermelho deixasse seu leito descoberto

para o povo de Israel passar, Jos. III, 14. — 110-111. *O signo*, a constelação dos Gêmeos. — 115-117. *Convosco* etc., Dante nasceu no mês de maio, quando o Sol se encontra no signo dos Gêmeos. — 139. *Filha de Latona*, a Lua. — 142. *Hiperião*; alguns mitólogos fazem do Sol um nume diferente de Febo e filho de Hiperião. — 144. *Maia*, mãe de Mercúrio; *Dione*, mãe de Vênus. — 145-146. *Aos do pai* etc., Júpiter (Jove) temperava a frieza do pai (Saturno) e o calor do filho (Marte).

CANTO XXIII

Descem Cristo e Maria no meio de anjos e de almas bem-aventuradas. Cristo, porém, logo desaparece; e o arcanjo Gabriel, em forma de chama, coroa a Maria. Depois sobe no Empíreo reunindo-se ao seu divino filho.

Quando tudo em seus véus a noite esconde,
Sobre o ninho dos filhos seus amados
3 Ave, pousada entre a diletta fronde,
Para ver os seus gestos desejados
E buscar cibo que lhes dê sustento,
6 Desvelos, que lhes são bem compensados,
Da Rama espia o tempo de olho atento
E com sôfrego anelo espera o dia,
9 Da alvorada aguardando o nascimento;
Tal vigilante Beatriz eu via
Para a plaga voltada luminosa,
12 Onde mais lento o sol me parecia.
Vendo-a assim pronta em vista e cuidadosa,
Homem fiquei, que melhorar-se aspira
15 E na esperança alenta a alma cuidosa.
Porém, breve, a demora logo expira
Entre atentar e ver que o céu se aclara
18 Com luz, que, viva mais e mais, subira.
— “Eis a milícia” — a dama diz preclara —
“Da vitória de Cristo! Eis a colheita,
21 Que o giro entre as esferas nos deparar”
Parece a face ter flamas feita;
Arde nos olhos seus tanta alegria,
24 Que a palavra a dizê-la não se ajeita.
Qual Trívia em plenilúnios irradia

Entre as ninfas eternas se sumindo,
27 De que o céu nos recessos se alumia,
Sobre milhões de fogos refulgindo
Um sol vi, que os clarões seus lhes prestava,
30 Como aos astros o nosso a luz partindo.
Por entre o aceso lume fulgurava
A Divina Substância tão brilhante
33 Que a vista, contemplando-a, desmaiava.
— “Ó Beatriz! Ó guia doce e amante!” —
Tornou-me: — “O que te enleia a inteligência
36 Força invencível tem, sem semelhante.
“Aqui’stá o Saber e a Onipotência,
Que para o céu caminho abrindo à terra,
39 Cumpriu-lhe inextinguível apetência”.
Como o fogo da nuvem se descerra,
No seio, estreito já, se dilatando,
42 E, devendo subir, baixa e se aterra,
Assim, entre delícias se alargando,
Alma senti num êxtase arroubada;
45 Qual fui não sei, de todo me olvidando.
“Abre os olhos e vê qual sou tornada;
Pois te foi dado ver tanto portento
48 Já posso, ora a sorrir ser contemplada”. —
Estava eu como quem, no pensamento
De passada visão vestígio tendo
51 Salvá-los quer em vão do esquecimento,
Quando a sublime oferta recebendo,
De gratidão me entrei, que não se apaga
54 Do livro, em que o passado está vivendo.
Se quantos c’as irmãs Polínia afaga,
Com dulcíssimo leite os alentando,
57 Por eloquência me ajudassem maga,
Na milésima parte eu, me afanando,
Cantar não conseguira o santo riso,
60 Que raiava no aspeito venerando.
Desta arte, descrevendo o Paraíso

Saltar deve este meu sacro poema,
63 Como em caminho às vezes é preciso.
Mas quem pensar que é ponderoso o tema
E débil o ombro, que lhe está sujeito,
66 A mal não levará, se ao cargo eu trema.
Não é para baixel pequeno e estreito
O mar que a proa vai cortando agora,
69 Nem para nauta a se poupar afeito.
— “Porque tanto o meu gesto te enamora,
Que não contemplas o jardim formoso,
72 Que aos doces raios de Jesus se enflora?
“Tem a Rosa, em que o Verbo milagroso
Carne se fez; os lírios têm, que ensinam
75 O bom caminho pelo odor mimoso”. —
Assim diz Beatriz. Pois me dominam
Seus conselhos, aos transe se oferecem
78 Meus olhos, que ante a luz débeis se inclinam.
À sombra estando, às vezes me aparecem
Prados vestidos de formosas flores
81 Do sol aos raios que entre nuvens descem;
Assim turbas distingo de esplendores,
A que do alto baixaram mil ardentes
84 Clarões sem ver a causa dos fulgores.
Ó Virtude beni’na que esplendentes
Os fazes, deste espaço, assim subindo,
87 Aos meus olhos, pra ver-te inda impotentes.
Da bela flor o doce nome ouvindo,
Que noite e dia invoco sempre, atento
90 No lume, que maior’stava fulgindo,
Quando em sua grandeza e luzimento
Vi com meus olhos essa viva estrela,
93 Que vence, como aqui, no firmamento;
Do céu baixando flama se revela,
Que em forma circular, como coroa
96 Cingiu-a, se agitando em torno dela.
A melodia que mais branda soa

Na terra e as almas para si mais tira,
99 Trovão seria, que das nuvens troa,
Comparada à doçura dessa lira,
Que, do azul mais suave em céu vestido,
102 C’roava a bela, divinal safira.
— “Sou angélico amor, que, assim movido,
Mostro o prazer, que vem do seio santo,
105 Que ao Salvador do mundo albergue há sido.
“Hei de girar, do céu Senhora, enquanto
Deres, do filho entrando em companhia,
108 À suma esfera mais divino encanto”. —
Cantava assim da c’roa a melodia.
Dos outros lumes todos almo canto
111 O nome proclamava de Maria.
Dos orbes o primeiro, régio manto,
Que sente mais fervor, que mais se anima,
114 Do Supremo Senhor ao sopro, tanto
De nós distante se internava acima,
Que o aspecto seu na imensidade pura,
117 De distinguir a vista desanima.
Dos olhos meus a força em vão se apura,
Seguir querendo a flama coroada,
120 Que após seu Filho ergueu-se para a altura.
Qual criança, de leite saciada,
Que, ávida ainda, à mãe estende os braços,
123 No afeto seu mostrando-se inflamada,
Cada esplendor, subindo nos espaços,
Tendia-se, a Maria revelando
126 Quanto os prendem de amor excelso os laços.
Depois ver se fizeram modulando
“*Regina coeli*” em tanta consonância,
129 Que me perdura na alma esse hino brando.
Oh! dos celestes prêmios que abundância
Se contém nesses cofres, que hão guardado
132 Frutos colhidos na terrena estância!
No céu se frui tesouro acumulado,

No pranto e em Babilônia conseguido,
135 Onde o ouro ficara desdenhado.
Do filho de Maria conduzido,
Lá triunfa, por sua alta vitória,
Das duas leis aos santos reunido,
139 Quem guarda chaves da celeste glória.

25. *Trívia*, é um dos nomes de Diana, isto é, da lua. — 29. *Um sol*, Jesus Cristo. — 32. *A divina substância*, J. C. — 37. *O Saber e a Onipotência*, J. C. — 55. *Polínia*, a musa da poesia lírica. — 73. *Rosa*, a rosa mística, a Virgem Maria. — 74. *Os lírios*, os Apóstolos. — 88. *Da bela flor o nome* etc., a Virgem Maria. — 92. *Essa viva estrela*, a Virgem Maria. — 112. *Dos orbes o primeiro, régio manto*, o nono céu, isto é, o primeiro móvel, que envolve os oito céus inferiores. — 119. *A flama coroada*, a Virgem Maria, coroada pelo arcanjo Gabriel. — 138. *Das duas leis os santos*, os santos do Velho e do Novo Testamento. — 139. *Quem guarda as chaves* etc., S. Pedro.

CANTO XXIV

Beatriz roga aos santos que iluminem o intelecto de Dante. Eles manifestaram o seu assentimento. O mais luminoso entre os santos, São Pedro, aproxima-se mais do Poeta, o interroga sobre a Fé. O apóstolo aprova inteiramente as respostas de Dante e o abençoa, cingindo-o três vezes com o seu esplendor.

“Ó sodalício, à ceia convidado
Do cordeiro de Deus, que dá sustento
3 Tal, que o apetite heis sempre saciado,
Se inda antes de chegar ao passamento
Preliba este homem — assim Deus dispensa —
6 Da mesa, em que comeis, tênue fragmento:
Alívio dai-lhe em sua sede imensa.
Na fonte sempre hauris, de que deriva
9 Quanto ele, sôfrego aspirando, pensa”. —
Disse então Beatriz. Com flama viva,
À guisa de cometa, a grei contente,
12 Como esferas em polos, gira ativa.
Em relógio quem põe atenta a mente,
Das rodas uma cuida estar sem moto
15 E correndo estar outra velozmente:
Pelo vário compasso que lhes noto
Nas coreias, já lento, já apressado,
18 Da glória sua a estimativa adoto.
Do circ’lo em mor beleza assinalado
Um lume vi surgir tão venturoso,
21 Que outro nenhum ficam avantajado.
Em torno a Beatriz girou formoso
Por vezes três com tão divino canto,
24 Que trasladar não posso o som donoso.

‘Screver não cabe à pena enlevo tanto,
 Cores não tem palavra ou fantasia,
 27 Que exprimam propriamente o doce encanto.
 — “Santa irmã nossa, que dessa arte envia
 Devotos rogos, teu ardente afeito
 30 Dessa bela coreia me desvia”. —
 Parando, o bento lume ao claro aspeito
 De Beatriz o sopro há dirigido,
 33 Que falou do que eu disse pelo jeito.
 — “Eterna luz desse varão subido,
 Que de Deus” — torna — “as chaves da alegria
 36 Que infinda à terra deu, hás recebido,
 Deste homem como queiras avalia
 O saber sobre a Fé lhe perguntando,
 39 Pela qual sobre o mar andaste um dia.
 “Se bem crê, se bem>spera, terno amando,
 Certo sabeis, pois tens fitado a vista
 42 Onde tudo se está representando.
 “Mas como cidadãos o céu conquista
 Pela Fé verdadeira, para honrá-la
 45 Explique ele por que na Fé persista”. —
 O bacharel apresta-se e não fala
 Té que o Mestre a questão haja of>recido,
 48 Por aprová-la, não por terminá-la:
 Assim, de todas as razões munido,
 Dispus-me, enquanto Beatriz se explica,
 51 A tal assunto, por tal Mestre arguido.
 — “Teu pensar, bom cristão, me significa:
 O que é Fé?” — Presto, ouvindo, o rosto alçava
 54 Para a luz, que a questão desta arte indica.
 Voltei-me a Beatriz: já me acenava
 Para que sem detença água fizesse
 57 Brotar da interna fonte, onde a aguardava.
 — “A graça, que concede eu me confesse
 Ao sublime Primópilo” — assim digo —
 60 “Permita que os conceitos claro expresse!

“Como escrito, Pai meu,” — depois prossigo —
 “Foi com verdade pelo irmão amado,
 63 Que Roma em bom caminho pôs contigo,
 “É a Fé a substância do esperado
 E argumento evidente do invisível:
 66 Da Fé a essência assim tenho julgado”. —
 Tornou-me: — “O parecer teu é plausível,
 Se o porquê foi substância definida
 69 E argumento te fica inteligível”. —
 — “De mistérios” — disse eu — “soma acrescida,
 A mim nestas esferas revelada,
 72 Está na terra aos olhos escondida.
 “Sua existência em crença é só firmada,
 Em que se fundamenta alta Esperança:
 75 Substância, pois, tem sido intitulada.
 “E como em crença o raciocínio lança
 As premissas sem ter mais outra vista,
 78 Por isso de argumento o nome alcança”. —
 — “Se quanto lá na terra homem conquista
 Por doutrina, assim fosse compreendido,
 81 Lugar faltava ao engenho do sofista” —
 Daquele aceso amor foi respondido;
 E mais: — “Nesta moeda examinado
 84 Metal e peso muito bem tem sido.
 “Mas diz: na bolsa a tens arrecadado?” —
 — “Sim” — tornei — “tão redonda é, tão polida,
 87 Que do bom cunho estou certificado”. —
 A voz então, desse esplendor saída
 Perguntou-me: — “Essa pedra preciosa,
 90 Em que toda virtude se acha erguida
 “Donde a tens?” — Eu: — “A chuva copiosa,
 Pelo Espírito Santo derramada
 93 Na Lei antiga e nova portentosa,
 “Razão é, porque foi-me demonstrada
 Com agudeza tal, que outra seria
 96 Obtusa, se lhe fora comparada”. —

— “Porque divina lei pareceria
 A nova e a antiga” — a voz logo retorna —
 99 “Que a tão profunda convicção te guia?” —
 — “É prova que a verdade clara torna
 De obras a série” — eu disse — a que natura
 102 Nunca ferro aqueceu, bateu bigorna”. —
 A luz me replicou: — “Quem te assegura
 Que as obras fossem tais? Quem defendido
 105 Por provas deve ser. Quem mais to jura?
 Então falei: — “Se o mundo convertido
 Sem milagres de Cristo à lei se houvesse,
 108 Este o maior milagre houvera sido;
 “Porque pobre, em jejum, para ter messe
 Semeado há na terra ótima planta:
 111 Onde foi vinha, hoje espinhal só cresce”. —
 Mal concluía, quando a corte santa
 Nas esferas — Louvemos Deus! — entoa
 114 Nessa toada, em que no céu se canta.
 Do sublime Barão, que até a c’roa
 De ramo em ramo me elevado havia,
 117 Naquele exame, a voz de novo soa.
 — “A graça com tua mente consorcia
 Tanto, que por teus lábios tem falado:
 120 Té aqui respondeste o que cumpria.
 “Dou, pois, assenso ao que me tens tornado;
 Mas tua crença exprime, lhe crescendo
 123 De que fonte à tua alma ela há brotado”. —
 — “Ó Santo Padre, ó ‘Spírito, que vendo
 ‘Stás quanto creste, tanto que chegaste
 126 Ao Sepulcro, o mais moço antecedendo,
 “Direi” — lhe torno — “(assim determinaste)
 Da minha Fé a fórmula evidente,
 129 Sua origem direi como ordenaste.
 “Em um só Deus eu creio onipotente,
 Eterno, que, imutável, os céus move
 132 No desejo e no amor sempre clemente.

“São, para que tal crença se comprove,
 Metafísica e física discretas;
 135 Mas da verdade a prova também chove
 “Por Moisés, pelos salmos, por profetas,
 Pelo Evangelho e escritos, que inspirado
 138 Vos tem o Esp’rito Santo, almas seletas.
 “Nas Três Pessoas creio afervorado;
 Creio na essência delas Una e Trina,
 141 Tanto que é’stá com *são* bem conjugado.
 “O que de altos mistérios da divina
 Condição digo, em traços mil se assela
 144 Em mim pela evangélica doutrina.
 “Este o princípio, esta a fagulha bela,
 Que depois se dilata em flama ardente
 147 E em mim cintila, qual nos céus estrela”. —
 Qual patrão, que de servo diligente
 Aprazíveis notícias escutando,
 150 Feito o silêncio, o abraça de contente,
 Assim, quando acabei, me abençoando
 E cantando, três vezes me acercava
 O esplendor apostólico, mostrando
 154 Das respostas que eu dei quanto folgava.

20. *Um lume*, S. Pedro. — 39. *Pela qual sobre o mar andaste um dia*, sobre as águas do Mar de Tiberíade, S. Mateus, Ev. XIV. — 59. *Primópilo*, assim chamava-se, no exército romano, o centurião da primeira coorte; aqui indica S. Pedro. — 62. *Irmão amado*, S. Paulo. — 64-66. *A fé* etc., Dante repete a definição que da fé deu S. Paulo na Epist. aos Hebreus, XI, 1. — 98. *A nova e a antiga*, o novo e o velho testamento. — 106-108. *Se o mundo convertido* etc., Dante repete a argumentação de S. Agostinho, *De Civ. Dei*, livro XXIV, cap. 5. — 125-126. *Que chegaste ao sepulcro* etc., S. Pedro chegou ao sepulcro de Jesus, depois da ressurreição, antes de S. João Evang. João XX, 1-9.

CANTO XXV

S. Tiago examina o Poeta sobre a Esperança, perguntando em que ela consiste, se ele a possui, de onde veio nele. À segunda pergunta responde Beatriz; às outras duas responde Dante. Aproxima-se S. João Evangelista, e diz a Dante que o seu corpo, apesar da comum opinião, morrendo, ficara na Terra.

Se este sacro poema houver podido
 (Em que tem posto a mão o céu e a terra
3 E em que hei por tanto tempo emagrecido)
Aquele ódio abrandar que me desterra
 Do belo aprisco, onde eu dormi cordeiro,
6 Contrário aos lobos, que lhe movem guerra;
Com voz e lâ melhor que de primeiro
 Voltando, eu do batismo sobre a fonte
9 Hei de, vate, cingir-me de loureiro;
Pois lá entrei na fé, que uma alma insonte
 Aproxima de Deus e causa há sido
12 De girar Pedro em torno à minha frente.
Então a nós um lume vem saído
 Da grei, a que a primeira pertencia
15 Dos vigários, que há Cristo instituído.
Beatriz, resplendente de alegria,
 — “Olha!” — me disse — “Eis o Barão famoso
18 Por quem vai-se à Galízia em romaria!
Quando à consorte acerca-se amoroso
 O pombo, cada qual mostra, girando
21 Entre arrulhos o ardor seu amoroso:
Os dois Príncipes vi tão ledos, quando
 Da glória sua no esplendor se acolhem

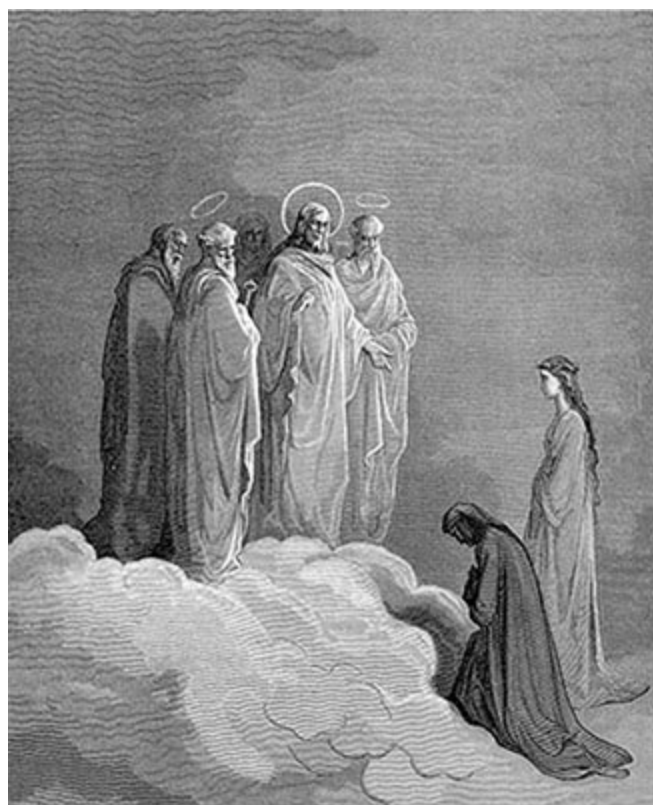
24 O manjar, que se frui no céu louvando.
Depois que as saudações entre si colhem
Coram me cada um tácito fica
27 Com tais clarões, que de os olhar me tolhem.
Sorrindo, Beatriz assim se explica:
— Ó alma egrégia, por quem foi descrita
30 Delícia, de que a nossa igreja é rica,
“Aqui a Esp’rança faz ouvir bendita:
Mostraste-a, toda vez que aos três há dado
33 Jesus de vê-lo em sua Glória a dita”. —
— “Ergue o rosto com ‘spírito esforçado,
Pois da terra quem sobe a tanta altura
36 Ser deve ao brilho nosso afeiçoado”. —
O ânimo desta arte me assegura
A luz segunda; a vista, pois, levanto
39 Aos montes, cujo lume a fez escura.
— “Se o nosso Rei te há dado favor tanto,
Que vês os condes seus antes da morte
42 Do seu palácio no recinto santo,
“Porque, vindo é verdade desta corte,
A Esperança, que tanto os homens prende,
45 Em ti, nos mais o coração conforte.
“O que ela seja diz, como se acende
Em tua alma; diz donde se origina”. —
48 Estas palavras inda o santo expende,
E quem as plumas conduziu beni’na
Das asas minhas neste voo ingente,
51 Tornou, por que a resposta me previna:
“A militante Igreja um mais ardente
Filho não tem na Esp’rança, como escrito
54 E’ no Sol, que alumia a nossa mente.
“Eis por que Deus permite que do Egito,
Para ver a Sião tinha chegado
57 Antes de estar o tempo seu prescrito.
“Os outros pontos dois lhe hás perguntado,
Somente por que à terra ele respira

60 Quanto és desta virtude deleitado.
“Lhos deixo, sem que assim vanglória aufira;
Poderá responder ao teu contento,
63 Se a Graça divinal o alenta e inspira.
“Como discip’lo, que a seu Mestre atento
De assunto fala, em que é perito e experto, —
66 Folgando de mostrar zelo e talento,
“Esperança é” — disse eu — “aguardar certo
Da Glória, pela Graça produzida
69 E mérito provado e descoberto.
“Sendo luz de astros muitos procedida,
Pelo sumo cantor do Sumo Guia
72 Foi-me primeiro na alma introduzida.
“Espere em ti — na excelsa Teodia
Disse — aquele, que o nome teu conhece.
75 Com fé como eu, quem não conheceria?
“Como seu rócio, também sobre mim desce
O da Epístola sacra e, redundante,
78 Outros inuda a chuva, que recresce”.
Falava assim: do seio coruscante
Daquele incêndio tremulava chama,
81 Qual relâmpago, súbita, incessante.
Respondeu-me: — “Esse amor que inda me inflama
Pela virtude, que me dera alento
84 No martírio, ao findar da vida a trama,
“Atrai-me a ti, que tens contentamento
Por ela; e, pois, me diz de qual ventura
87 A Esperança te fez prometimento”. —
E eu: — “Foi declarado na Escritura
O sinal (sua forma está sabida)
90 De almas, que, amigas, o Senhor apura.
“Disse Isaías: cada qual cingida
Em sua pátria será de dupla veste,
93 E a pátria sua é nesta doce vida.
“Por que mais a verdade manifeste,
Das cândidas estolas discorrendo

96 Mais claro teu irmão falou do que este”. —
Palavras tais eu proferido havendo,
“*Sperant in te*” ressoa lá da altura,
99 Ao hino os coros todos respondendo.
Lume entre eles depois tanto fulgura,
Que, se o Câncer tivesse igual estrela,
102 Fora do inverno um mês luz sem mistura.
Como Ieda no baile entra a donzela
E, para a noiva honrar, dança inocente
105 Sem que vício ou vaidade impere nela:
O clarão assim vi resplandecente
Aos dois se aproximar, que circulavam
108 Quanto convinha ao seu amor ardente.
Entrou no canto e dança, que formavam:
Qual sem voz’ esposa imota, aos três o aspecto
111 De Beatriz os olhos contemplavam.
— “O santo é este, que estreitava ao peito
O nosso Pelicano e dele há sido
114 Sobre a cruz à missão sublime eleito”. —
Assim diz Beatriz. Sempre embebido
O seu olhar está na luz terceira
117 Depois, como antes de eu a ter ouvido.
Quem do sol fita os olhos na carreira,
Crendo vê-lo de eclipse anuviado,
120 Para ver sente o efeito da cegueira:
Por esse lume assim fui deslumbrado.
— “Por que te afanas procurando” — fala —
123 O que no céu não pode ser achado?
“Na terra o corpo meu à terra iguala,
Até que o nosso número complete
126 O que eterno propósito assinala.
“Ter vestes duas só do céu compete
No claustro aos lumes dois, que se elevaram:
129 Esta verdade ao mundo teu repete”. —
Calou-se e os esplendores três pararam
E com eles a doce melodia,

132 De que os sons a coreia acompanharam.
O remo, assim, que o mar de antes feria,
Se há fadiga ou perigo, é bem que cesse,
135 Logo ao sinal do apito, que assobia:
Na mente ai! quanto a comoção recresce,
Quando o gesto não pude ver formoso
De Beatriz ainda que eu ‘stivesse
139 Ao seu lado e no mundo glorioso!

1-6. *Se este sacro poema* etc., Dante exprime a esperança que o seu Poema abrande os espíritos dos seus concidadãos e lhe seja concedida a volta a Florença. — 17-18. *O Barão* etc., S. Tiago, cujo corpo foi sepultado em Compostela, na Galícia. — 24. *O manjar*, Deus. — 29-30. *Por quem foi descrita* etc., refere-se Dante à chamada epístola católica que, porém, por muitos é atribuída a S. Tiago Zebedeu. — 32-33. *Toda vez* etc., no Evangelho os três apóstolos Pedro, João e Tiago figuram as três virtudes teológicas, a fé, a caridade e a esperança.



CANTO XXVI

O apóstolo S. João interroga Dante a respeito da terceira virtude teologal, a Caridade. Responde Dante e os seus conceitos são aplaudidos por toda a corte celeste. Beatriz reaviva no Poeta a vista que estava ofuscada. Aproxima-se Adão que lhe fala e esclarece alguns pontos duvidosos de Dante.

Fosse já morta a vista eu receava,
Eis da fúlgida flama, que ofuscara,
3 Atento fez-me a voz, que assim falava:
— “Enquanto a força a vista não repara,
Que em minha nímia luz hás consumido
6 Compensação no discursar depara.
“Começa e diz pra onde é dirigido
Teu espírito e sabe que, se escura
9 A vista sentes, não a tens perdido;
“Pois quem te guia na divina altura
Virtude tem no olhar, como Anania
12 Nas mãos tivera, que a cegueira cura”. —
— “Quando bem lhe aprouver” — eu respondia —
Remédio aos olhos dê, por onde a chama
15 Com ela entrou, que sempre me incendia.
“O Bem, que pelo céu prazer derrama
Alfa e Ômega há sido na escritura,
18 Que amor ou forte ou leve em mim proclama”.
Aquele mesma voz, que me assegura
Não haver eu de súbito cegado,
21 Inda excitar-me a lhe falar procura.
— “Por mais estreito crivo ser passado
Deves” — disse — “e portanto denuncia
24 O que ao fito há teu arco endereçado”. —
— “Razões” — tornei — “da sã filosofia
E autoridade, que daqui descende,
27 Me influem desse amor toda a energia.
“O bem, enquanto bem, quando se entende,

Ateia amor que é tanto mais ardente,
30 Quanto mais de bondade em si compreende.
“E’ pois, essência, em si tanto excelente,
Que todo bem, que ser lhe possa externo
33 Reflexo é só da sua luz fulgente;
“Atrai, mais que outra, o espírito, que, terno,
Amando, conhecer pode a verdade,
36 Que desta prova é o alicerce eterno.
“Dessa verdade eu vejo a claridade
Naquele, que demonstra o amor primeiro
39 De todo ente, a quem cabe eternidade.
“Vejo na voz do Autor, só e verdadeiro,
Que de si disse, a Moisés falando:
42 — O bem te hei de mostrar perfeito e inteiro. —
“Também tu mo revelas, começando
O sublime pregão, que à terra ensina,
45 Mais que os outros, o arcano venerando”. —
— “Pela razão” — ouvi — “pela divina
Autoridade, que com ela acorda,
48 O amor teu, mais que tudo a Deus destina.
“Diz-me, porém: não sentes outra corda,
Que para Deus te arrasta? Faz patente
51 Com quantos dentes esse amor te morda”. —
Da Águia de Cristo não me foi latente
O propósito santo e onde queria
54 Na profissão levar-me diligente.
— “Estímulos, que possam” — lhe eu dizia —
Para Deus impelir a humana essência,
57 Tem minha caridade noite e dia;
“Porque do mundo o ser; minha existência;
A morte que sofreu para que eu viva;
60 O que espera um cristão da fé na ardência;
“Do bem, que eu disse, a inteligência ativa,
Me afastaram do mar do amor culpado,
63 Do santo amor me conduzindo à vida.
“As flores, de que o horto é todo ornado,

Do Jardineiro eterno, eu amo tanto,
66 Quanto ele em perfeição lhes tem doado”. —
Calei-me e resoou melífluo canto
Pelo céu, que Beatriz acompanhava,
69 Dizendo todos: — Santo! Santo! Santo! —
Como pungente luz olhos destrava
Do sono, a vista, o brilho procurando,
72 Que as pálpebras descerra, invade, agrava;
E o desperto, os motivos ignorando
Da súbita vigília, olhos desvia,
75 Na mente, entanto, a reflexão calando:
Em mim, dessa arte, a névoa desfazia
De Beatriz o olhar, que pelo espaço
78 De mais de milhas mil resplendecia.
Então mais claro que antes a ver passo:
Quarta luz perto a nós, maravilhado,
81 Diviso e uma pergunta logo faço.
E ela: — “Nesse lume, ora chegado,
Seu Criador contempla a alma primeira
84 Que a Virtude primeira haja criado”. —
Qual fronde, que, ao soprar da aura ligeira,
O cimo curva e, logo após, se erguendo
87 Pela força, que a torna sobranceira,
Tal eu, essas palavras lhe entendendo
Atônito fiquei; depois seguro
90 Fez-me um desejo, que me estava ardendo.
— “Único pomo, que nasceu maduro!
Dos homens pai, que hás visto filho e nora
93 Em cada esposa então e no futuro!
“Devota e humilde a minha voz te exora!
Fala-me, pois! Do meu desejo és certo;
96 Almejo ouvir-te, e não to expresso agora”. —
Como de manto um animal coberto
Movimento, que os membros seus agita
99 Pelo envoltório, deixa descoberto:
Assim essa primeira alma bendita

Pelo tremor da sua luz mostrava
 102 O prazer de agradar-me quanto a excita.
 — “Não hei mister declares” — me tornava —
 “Teu desejo, melhor que tu sabendo
 105 Quanto a certeza em tua mente grava.
 “Nesse espelho infalível estou lendo,
 Em que é todo o visível refletido,
 108 Cousa nenhuma o refletir podendo.
 “Ouvir aspiras quando vindo hei sido
 Lá no santo jardim, donde, guiado
 111 Por tão comprida escada, tens subido;
 “Quanto tempo ali fui deliciado;
 Da cólera divina a causa vera;
 114 Que idioma falei, por mim formado.
 “O pomo, ó filho meu, não considera
 Motivo só por si do acerbo exílio,
 117 Mas ordens transgredir, que Deus me dera.
 “Lá donde Beatriz moveu Virgílio
 Quatro mil e trezentos e dois anos
 120 A ventura anelei deste concílio.
 “Do desterro senti na terra os danos,
 Enquanto vezes novecentas trinta
 123 Seu giro fez o sol do céu nos planos.
 “Antes que a gente de Nemrod consinta
 Em meter mãos à obra interminável,
 126 A língua, que falei, se achava extinta.
 “De homem feitura sempre perdurável
 Não é; vem do capricho e um dia cessa,
 129 Do céu segundo o influxo variável.
 “A humana fala a natureza expressa;
 Por ela o modo de falar deixado
 132 Ao homem está, segundo lhe interessa.
 “Antes de eu ter no inferno penetrado
El o supremo bem significava,
 135 Que desta leda luz me há circundado;
 “Depois em *Eli* o nome se mudava;

Qual rama dos mortais uso varia,
138 Sucedede a folha nova à que secava.
 “No monte, que mais alto ao ar se envia
 Santa vida vivi, depois culpada,
 Da hora prima à sétima do dia,
142 Noutro quadrante o sol fazendo entrada.

2. *Fúlgida flama*, S. João Evangelista. — 11. Anania; a mão de Ananias teve a virtude de restituir a vista a S. Paulo, que ficara cego pela luz do céu que o investiu (Atos dos Apost. IX, 10-17). — 38. *Naquele* etc., Dante se refere ou a Platão ou a Aristóteles, em algum ponto dos seus livros no qual declaram que Deus é a suprema causa. — 44-45. *O sublime pregão*, o Evangelho de São João. — 83-84. *Alma primeira*, Adão; *Virtude primeira*, Deus. 118-120. *Lá donde* etc. o limbo. — Dante, seguindo o cálculo d'Eusébio, crê que da criação do mundo até a morte de Jesus Cristo passaram 5232 anos, subtraindo dos quais os 950 que Adão viveu, ficam 4302 anos. — 139-141. *No monte* etc., Adão viveu no Paraíso Terrestre, isto é, na parte mais alta do monte Purgatório, apenas sete horas.

CANTO XXVII

S. Pedro exprobra os maus pastores da Igreja; e todos os santos manifestam a sua aprovação às palavras do Apóstolo. Novamente o Poeta contempla a Terra, e, depois, com Beatriz, eleva-se ao Primeiro Móvel.

Glória ao Pai! Glória ao Filho! ao Espírito Santo!
Uníssonos entoava o Paraíso:
3 Senti-me inebriado ao doce canto.
Pareceu-me o que eu via um doce riso
Do universo: tomava-me a ebriedade
6 Pelos olhos e ouvidos o juízo.
Ó júbilo! Ó inefável f'licidade!
De paz ó vida inteira e de ternura!
9 Riqueza certa, isenta de ansiedade!
Fulgia-me ante os olhos a luz pura
Dos esplendores quatro; mais brilhante
12 O que veio primeiro eis se afigura!
E tal se me apresenta o seu semblante,
Qual fora Jove, se, aves ele e Marte,
15 A plumagem trocassem rutilante.
A Providência, que no céu reparte
Tarefa a cada qual, calar fizera
18 O venturoso coro em toda parte,
Quando lhe ouvi: — “A cor se em mim se altera
Não o estranhes: enquanto estou falando
21 Mudança igual em todos ver espera.
“Quem, meu lugar na terra ora usurpando
Meu lugar, meu lugar vago em presença
24 De Cristo o deixa, converteu nefando
“Meu cemitério na sentina imensa

De sangue e podridão, com que o perverso,
27 Do céu lançado, frui delícia intensa”. —
O céu então eu vi todo submerso
Na cor, que por manhã e à tarde acende
30 Sobre as nuvens o sol do lado adverso.
Qual a dama, que à virtude cultos rende
E, de si bem segura, se enrubesce,
33 Quando torpezas de outra ouve e compreende,
Beatriz transmudada me parece,
Ao céu ante a paixão do Onipotente
36 Igual eclipse em seio que envolvesse.
Prosseguiu logo o Apóstolo eminente;
E tanto a voz lhe estava demudada,
39 Que mais não fora o vulto seu rubente.
— “Com sangue meu a Igreja alimentada
Não foi, nem Lino e Cleto o seu lhe deram
42 De ouro em ganância para ser mudada.
“Como Calixto e Pio mereceram,
Urbano e Sixto a sempiterna vida?
45 Pós muito pranto o sangue seu verteram.
“Por nossos sucessores dividida
Não quisemos a grei — parte chamada
48 À destra, parte à esquerda repelida;
“Nem que das chaves fosse a insígnia usada
Por estandarte em campo sanguinoso
51 Contra cristãos em guerra encarniçada.
“Nem que, por privilégio mentiroso
De traficância, em selo eu figurasse
54 Quanta vez de pudor me acendo iroso!
“Com vestes de pastor lobo rapace
Daqui em cada páscigo se avista:
57 Pra que não surgiu Deus, que os fulminasse?
“De Gasconha e Cahors raça malquista
Beber-nos sangue vem: belo começo,
60 O indi’no fim que tens, quanto contrista!
“Mas Deus que a Roma, do seu mal no excesso,

De mundo em glória os Cipiões mandava,
63 Dará socorro, como foi-me expresso.
“E tu, que o peso da matéria grava,
Voltando, ó filho, ao mundo lhe revela
66 Quanto eu te digo dessa gente prava.” —
Como o vapor nos ares se congela,
E em flocos baixa, quando o sol tocado
69 Pelas pontas está da Cabra bela;
Assim vi eu o éter adornado
De clarões triunfantes, que detido
72 Haviam-se na altura ao nosso lado.
Tinha-os a vista na ascensão seguido
E os seguiu té que enfim subir avante
75 Pelo espaço não foi-lhe permitido.
Que eu não podia ver mais adiante
Notando, Beatriz disse: — “Repara
78 Quanto agora, girando, estás distante”. —
Desde a hora, em que a terra eu contemplara,
Por todo o arco, que o clima faz primeiro,
81 Do meio até o fim, já me avançara.
A passagem, que Ulisses aventureiro
Além Gades tentou e a plaga via,
84 Em que Europa foi cargo prazenteiro.
Naquela área inda mais divisaria;
Porém sob os meus pés o sol andava
87 Distância, que a de um signo precedia.
A namorada mente, em que reinava
Sempre a Senhora minha, no incentivo,
90 Mais que nunca de olhá-la se inflamava.
Se de arte ou natureza almo atrativo
Pelos olhos prender nos pode a mente,
93 Seja em pintura, seja em corpo vivo,
Nada foram, conjuntas, certamente,
Ante o enlevo que o peito me ilumina,
96 Quando me volta ao gesto seu ridente.
Virtude, olhando-a em mim tanto se afina

Que do ninho de Leda me destrava
99 E ao céu velocíssimo me empina.
Tanto na altura e brilho se mostrava
Uniforme este céu, que eu não sabia
102 Qual pouso Beatriz me destinava.
Ela, porém, que o meu desejo via
No sorriso tão leda assim começa,
105 Que em seu rosto exultar Deus parecia.
— “O movimento, que no centro cessa,
Em torno ao qual, porém, tudo o mais gira,
108 Daqui partindo à roda se endereça.
“Somente a sua ação este céu tira
Da soberana Mente, em que se acende
111 O amor, que o move, o influxo, que respira.
“De luz e amor um círculo o compreende,
Assim como ele aos mais; deste precinto
114 Unicamente quem lho cinge entende.
“Seu movimento é por si só distinto,
Por ele os outros céus medidos sendo,
117 Como dez por metade e por seu quinto.
“Ficas, portanto, ao claro conhecendo
Como o tempo a raiz neste céu tenha,
120 As ramas pelos outros estendendo.
“Fatal cobiça; que os mortais despenha
Em tão profundo pélago, que alçar-se
123 Do abismo fora a vista em vão se empenha!
“Nos homens o querer pode enflorar-se,
Mas de chuvas contínuas açoutado
126 Bom fruto são não há de conservar-se.
“Fé, inocência, abrigo têm buscado
Nas crianças; mas cada qual se esquivava
129 Antes que à face o buço haja apontado.
“Quem balbucia de comer se priva;
Em tendo solta a língua, a qualquer hora
132 Mostra em toda iguaria fome ativa.
“Quem balbucia a mãe respeita e adora;

Mas, quando a voz já sente desprendida,
 135 Vê-la em mortalha o seu desejo exora.
 “Assim de alva se torna enegrecida
 A cútis da gentil filha daquele,
 138 Que traz manhã, da noite em despedida.
 “Estranheza, porém, de ti repele
 Vendo o gênero humano transviado:
 141 Quem há que em bem regê-lo se desvele?
 “Por força do centésimo olvidado
 Inda antes de deixar Janeiro o inverno,
 144 Hão de as esferas dar tão forte brado,
 “Que a fortuna, de esp’rança alvo hodierno
 Fará que as popas deem lugar às proas,
 A armada correrá com bom governo
 148 E após as flores virão frutas boas”. —

10-11. *A luz pura dos esplendores quatro*, as almas dos três apóstolos e de Adão. — 13-14. *O seu semblante, qual fosse Jove* etc., S. Pedro de branco que era ficou vermelho, como o planeta de Marte. — 22. *Quem, meu lugar na terra ora usurpando*, o papa Bonifácio VIII, que, segundo o Poeta, obteve o Papado usando de fraudes. — 25. *Meu cemitério*, Roma ou mesmo o Vaticano, onde segundo a tradição foi sepultado o corpo de S. Pedro. — 41. *Lino e Cleto*, S. Lino e S. Cleto foram sucessores de S. Pedro. — 43-44. *Sixto* foi elevado ao Papado no ano 128; *Pio* em 154; *Calixto* em 218 e *Urbano* em 231. — 58-59. *De Gasconha e Cahors*; o Poeta alude a João XXII de Cahors, elevado ao papado em 1316 e a Clemente V de Gasconha, papa em 1305. — 79-84. *Desde a hora* etc., desde a hora em que pela primeira vez eu olhara para a terra, notei que havia percorrido a quarta parte da esfera e, por isso, eram passadas seis horas. — 98-99. *Ninho de Leda*, constelação dos Gêmeos (Castor e Pólux nasceram dos amores de Leda com o cisne). — 142-144. *Por força do centésimo olvidado* etc., antes do mês de janeiro não mais pertencer ao inverno, e sim à primavera, pela acumulação das frações de tempo que não foram calculadas na reforma do calendário efetuada por Júlio César, que ainda vigorava no tempo do Poeta. — 147. *A armada*, a humanidade.



CANTO XXVIII

Dante volve os olhos para Beatriz, que estava atrás dele; depois mira para a frente e vê um ponto brilhantíssimo, em torno do qual se movem nove círculos de luz, que giram mais rapidamente e são mais brilhantes quanto mais próximos estão dele. Aquele ponto é Deus; os círculos são os corpos angélicos.

Depois que acerca do existir presente
Dos míseros mortais mostrou verdade
3 Aquela a quem emparaísa a mente,
Como quem vê no espelho a claridade
De tocha, que de trás esteja acesa,
6 Suspeita inda não tenho da verdade;
E, para olhar voltado, tem certeza
De que o vidro é fiel ao que apresenta,
9 Como o canto é do metro a natureza:
Assim minha memória representa
Que eu fiz, nos belos olhos me enlevando,
12 Com que amor cativou minha alma isenta.
De os contemplar, porém, os meus deixando
E no que esse orbe faz onipotente,
15 Quando em seu giro atenta-se os fitando,
Um ponto vi, que lume tão fulgente
Dardejava, que a vista deslumbrada,
18 Fechava-se ante o lume translucente;
Estrela, ao parecer, mais apoucada,
Junto dela, de lua figurada,
21 Como estrela ao pé de outra colocada.
Como a c'roa talvez, que se depara
Cingindo astro, que a torna luminosa,
24 Quando o vapor que a tem mais condensara,
Igneo circ'lo, em carreira impetuosa.
Distante, ao Ponto mais veloz cercava
27 Do que a esfera qua vai mais pressurosa.

Este circ'lo primeiro outro abraçava;
 Ao terceiro o segundo, outro ao terceiro,
 30 Ao quarto o quinto e o sexto o circundava.
 Tão largo o sétimo era, que, inda inteiro,
 Abrangido, por certo, o não teria
 33 Aquele, que de Juno é mensageiro.
 Oitavo e nono assim: mas se movia
 Mais lento cada qual, segundo ele era
 36 Mais longe do primeiro, que corria.
 E a flama rutilava mais sincera
 No que da Excelsa luz mais perto estava
 39 Creio que em fluxo seu mais recebera.
 Mas Beatriz, que o enleio meu notava
 — “Daquele Ponto o céu e a natureza
 42 Estão na dependência” — me falava.
 “Olha o circ'lo mais próximo e a presteza,
 Que tanto lhe acelera o movimento:
 45 De ardentíssimo amor punge-o a viveza”. —
 — “Se do mundo” — eu lhe disse — “o regimento
 Fosse qual nestes orbes aparece
 48 Do que ouço eu conseguira já contento;
 “Mas no mundo sensível me parece
 Ser cada esfera tanto mais divina,
 51 Quanto mais longe do seu centro desce,
 “Se instruir-me o querer teu determina
 Neste seráfico, estupendo templo,
 54 Que só com luz e com amor confina,
 “Explicar-me te digna, porque o exemplo
 Não se conforma em tudo ao seu modelo:
 57 Por saber a razão em vão contemplo”. —
 — “De desatar o nó se ardente anelo
 Teus dedos não contentam, não te espante:
 60 Tal é, porque ninguém tentou solvê-lo”. —
 “Tornou-me ela e seguiu: — “Terás bastante
 No que direi de luz ao entendimento:
 63 Aguça o engenho e escuta vigilante.

“Nos circ’los corporais o crescimento
Regula pelo influxo, que é ‘spargido
66 Nas partes que lhes formam complemento.
“Mor bondade, mor bem tem produzido
De mor bem foi mor corpo aquinhoado,
69 Se igual primor nas partes é contido.
“O circ’lo, pois, do qual arrebatado
Gira o alto universo, é referente
72 Ao de amor e ciência mais dotado.
“Se à virtude a medida propriamente
Adaptas, não regendo-te a aparência
75 Das substâncias, que em circ’los tens em frente,
“Mirífica hás de ver correspondência
Entre maior e mais, menor e menos
78 Em cada céu e a sua inteligência”. —
Com os ares são fúlgidos, serenos,
Se Bóreas sopra aquela face inchando,
81 Que os hálitos difunde mais amenos.
Resolvendo-se a névoa e se apagando
A sombra que o hemisfério enegrecia,
84 E o céu, a rir-se, as pompas ostentando:
Assim eu, quando aquela que me guia
Com sua explicação minha alma aclara,
87 E a verdade, qual astro, me alumia.
Depois que as vozes suas rematara,
Bem como ferro a faiscar fervente,
90 Dos círculos cad’um flamas dispara.
Cada centelha incêndio faz ingente
Em soma tal, que a do xadrez passava,
93 Dobrando-se o algarismo infindamente.
De coro em coro *hosana* ressoava
Ao Ponto, que ao seu *ubi*, onde têm ‘stado
96 E onde sempre estarão pra sempre os trava.
Ela, o espírito meu vendo atalhado,
Disse-me: — “Aqueles círculos primeiros
99 Te hão Serafins e Querubins mostrado.

Assim nos orbes seus volvem ligeiros
Por semelhar-se ao Ponto e o conseguindo,
102 Segundo a vê-lo estão mais altaneiros.
“Os Amores, que em torno estão, seguindo,
Tronos se chamam do divino aspeto
105 O primeiro ternário concluindo.
“Prazer, bem sabes, todos têm seletto,
Quanto mais sua vista se aprofunda
108 Na verdade, alto fito do intelecto.
“Desta arte se conhece que se funda
Mais na visão celestial ventura
111 Do que no amor, ação, que vem segunda.
“Da visão é a medida a mercê pura,
Por vontade e por graça produzida:
114 De grau em grau se enalça a criatura.
“Outro ternário, que do céu movida,
Germina em primavera sempiterna,
117 Pelo Áries noturno não despida,
“*Hosana* entoa na harmonia eterna
Com três coros, que soam de alegria
120 Em ordens três, em cujo seio interna.
“Ordens três compreende a jerarquia,
Dominações, Virtudes, ocupando
123 Potestades final categoria.
“Nos penúltimos círculos girando,
Principados e Arcanjos resplandecem;
126 E dos Anjos, após festivo bando.
“No Ponto as Ordens todas se embevecem,
De baixo a Deus são todas atraídas,
129 E uma das outras a atração padecem.
“Contemplando-as, ideias tão subidas
Dionísio formou com tanto zelo,
132 Que as fez, como eu, por nomes conhecidas,
“Não quis Gregório como norma tê-lo;
Neste céu quando entrou, porém, se ria
135 Do erro, em que estivera, ao percebê-lo.

“Mortal, que o grã mistério compreendia
E o disse à terra, não te mova espanto:
Quem tinha-o visto aqui lhe descobria
139 E mais verdade deste império santo”. —

33. *Aquele que de Juno é mensageiro*, Íride, o arco-íris. — 38. *Excelsa luz*, Deus. — 64. *Circ'los corporais*, os céus do mundo sensível. — 67-69. *Mor bondade* etc., os corpos que contêm em si maior bondade difundem maior bem. — 73-78. *Se à virtude* etc., medindo os Céus não pela aparência, mas pela virtude, verás que o menor que está mais perto de Deus corresponde ao maior no mundo sensível; e assim por diante. — 94-96. *De coro em coro* etc., os coros hosiavam a Deus que os mantém no seu lugar, onde estiveram e ficarão por toda a eternidade. — 109-111. *Desta arte se conhece* etc. Era uma questão da escolástica: a beatitude celeste consiste na visão ou no amor? Dante segue S. Tomás que a põe na visão de Deus. — 121-126. *Ordens três* etc. O Poeta colocou nos primeiros três círculos os Serafins, os Querubins e os Tronos; nos três círculos sucessivos estão as Dominações, que ensinam a arte de dominar para o bem, as Virtudes que operam os milagres, e as Potestades que ensinam a respeitar a autoridade. Nos últimos círculos estão os Principados e os Anjos e Arcanjos. — 131. *Dionísio*, o Aeropagita, que escreveu um livro sobre as hierarquias celestes. — 133. *Gregório*, o papa S. Gregório Magno que divergiu das opiniões de S. Dionísio sobre as hierarquias celestes. — 138. *Quem tinha-o visto* etc., S. Paulo, que em vida teve uma visão das cousas celestes e foi mestre de S. Dionísio.

CANTO XXIX

Beatriz esclarece a Dante que os anjos foram criados por Deus no mesmo tempo em que foram criados os céus. Fala-lhe dos anjos fiéis e dos anjos rebeldes, os quais foram precipitados no Inferno. Censura os falsos filósofos e os padres mentirosos que esquecem que o escopo da pregação é persuadir os homens a serem cristãos, e vendem as indulgências para obter bens materiais.

Quando aos dois gentis filhos de Latona,
Um por Áries coberto, outro por Libra,
3 A um tempo cinge do horizonte a zona,
Quanto espaço o zenite os equilibra,
Té que mude o hemisfério e, desprendido
6 Deste cinto um e outro se deslibra,
Tanto calou-se Beatriz, luzido
De riso tendo o rosto e olhos fitando
9 Nesse Ponto que os meus tinha vencido.
— “Teu desejo” — falou-me — “antecipando
Agora não te inquiri: já o hei visto
12 No centro de todo o *ubi* e todo o *quando*.
“Não para ter mais perfeição, pois isto
Fora impossível, mas porque fulgindo
15 O seu’ splendor dizer pudesse, — Existo, —
“Na Eternidade, o tempo não medindo
Nem o lugar, criar se há dignado
18 Amores nove o Eterno Amor se abrindo.
“Antes não tinha na inação ficado:
Nem *antes*, nem *depois* era existente,
21 Quando Deus sobre as águas foi levado.
“Matéria e forma puras, juntamente,

Quais setas de tricolorde arco voando
24 Saíram do ato da Infalível Mente.
“Como, em vidro, em cristal, em âmbar quando
Luz do sol toca, é logo refletida
27 Do vir ao ser distância não se dando,
“Tal a obra triforme, concluída
De uma só vez, no ser raiou perfeita
30 Sem’star parte por outra antecedita.
“Ordem foi concriada, a que é sujeita
Cada substância; o cimo foi marcado
33 No mundo a que por ato puro é feita;
“À força pura imo lugar’stá dado;
São no meio travados força e ato
36 Por nó que indissolúvel se há tornado.
“Jerônimo escreveu que longo trato
De sec’los antes de outro mundo feito
39 Fora dos anjos o império nato.
“A verdade, porém, ‘stá no conceito
De escritores, que influi o Espírito Santo
42 Verás, pensando, da verdade o efeito.
“Razão em parte o vê também, porquanto
Compreender não pudera que os motores
45 Inertes fossem por espaço tanto.
“Sabes, pois, onde e quando esses Amores
Criados foram e de qual maneira:
48 Do teu desejo apago três ardores.
“Em menos tempo do que a soma inteira
De um a vinte se faz, dos anjos parte
51 Turbou vosso elemento sobranceira.
“Fiel a outra emprega-se dessa arte,
Que vês: assim girando jubilosa,
54 Deste excelso mister se não disparte.
“O mal causou soberba criminosa
Do que hás visto no abismo do tormento,
57 Do mundo sob a mole ponderosa.
“Mas estes, com modesto pensamento,

Mostraram-se à Bondade agradecidos,
60 Que lhes deu tão sublime entendimento.
“Na vista se exaltando, enriquecidos
São de mérito e graça iluminante,
63 Por querer certo e firme dirigidos.
“Não duvides; e sabe, de ora avante,
Que receber a graça é meritório,
66 Segundo o afeto mostra-se constante.
“Já, pois, este celeste consistório.
Se quanto ora te hei dito a mente alcança,
69 Bem podes contemplar sem adjutório.
“Como em vossas escolas se afiança,
Na terra, que é da angélica natura
72 O querer, o entender, o ter lembrança,
“Eu devo ainda revelar-te a pura
Verdade, que entre vós se há confundido,
75 Sendo enleada por tão má leitura.
“Estas substâncias, o prazer obtido
De verem Deus, jamais rosto voltaram
78 Dos olhos a que nada oculto há sido.
“Seu ver, novos objetos não cortaram;
Não há razão, por que se lhes suponha
81 Rememorar ideias, que passaram.
“Assim na terra sem dormir se sonha,
Crendo e não crendo proferir verdade:
84 Neste caso há mais culpa e mais vergonha.
“De opiniões não tendes fixidade
Filosofando, tanto vos transporta
87 Da ostentação e de o pensar vaidade.
“No céu menos do que isto se suporta —
Ser a Santa Escritura desdenhada
90 Ou ter inteligência errada e torta.
“Para ser pelo mundo semeada
Quanto sangue custou pouco se atenta,
93 E quanto a crença humilde a Deus agrada.
“Qual para alardear engenho, inventa;

Quando o Santo Evangelho está calado
96 Tais invenções o púlpito comenta.
“Qual diz que a lua, tendo atrás voltado,
No ato da Paixão de Cristo, houvera,
99 Interpondo-se, a luz do Sol velado.
“Qual afirma que o lume se escondera
Por si mesmo; e o eclipse à Índia, à Espanha
102 Comum como à Judeia, se fizera.
“Em Florença não há cópia tamanha
De Lapi e Bindì quanto só num ano
105 O púlpito de contos desentranha.
“Desta arte a ovelha, que não sabe o engano,
Do passo volta tímida de vento,
108 Desculpa não lhe dá não vendo o dano.
“Não disse Jesus Cristo ao seu convento:
Parti e ao mundo apregoai mentira;
111 Mas deu-lhes da verdade o fundamento;
“Ele tão alto, em sua voz se ouvirá,
Que foi-lhes o Evangelho escudo e lança
114 Nos prélios, de que a Fé vitriz saíra.
“Ora em sermões o trocadilho, a chança
Estão na voga; o riso provocando
117 Incha o capuz; por nada mais se cança,
“Se o vulgo vira o pássaro nefando,
Que em cógula se aninha, não quisera
120 Indulgências, em que se anda confiando;
“Stultícia tal da terra se apodera,
Que, em prova e testemunho não firmado,
123 Qualquer a dá-las apto considera.
“De Santo Antônio assim medra o cevado
E outros muitos, que os porcos mais ascosos,
126 Que pagam com dinheiro não cunhado.
“Mas longa vai a digressão; cuidadosos
Os olhos volve à verdadeira estrada;
129 O tempo é curto, andemos pressurosos.
“E’ tanto a grei dos anjos avultada,

Que nem por voz, nem por humana mente
 132 Ser pode a conta sua calculada.
 “Bem te demonstra a reflexão prudente
 Que não diz dos milhares, que revela
 135 A soma Daniel precisamente.
 “A luz primeira, que irradia nela,
 “E’ por maneiras tantas recebida,
 138 Quantos fulgores são, que a fazem bela.
 “E, pois que a percepção logo é seguida
 Do amor, do afeto angélico a doçura
 141 Está em graus diversos aquecida.
 “Do Poder Eternal vê, pois, a altura
 E grandeza, que em espelhos tão brilhantes
 A sua imagem multiplica pura,
 145 Permanecendo *um* sempre como de antes”.

1-9. *Quando aos dois* etc. Quanto tempo o Sol e a Lua, quando essas duas estrelas estão — o Sol perto de Áries no poente, e a Lua perto da Libra no oriente — encontrando-se simultaneamente no mesmo horizonte por poucos momentos, tanto tempo Beatriz ficou calada, fixando o Ponto luminoso, isto é, Deus. — 18. *Amores nove*, os nove círculos de anjos. — 22. *Matéria e forma* etc., Deus criou no mesmo tempo a forma pura (os anjos), a matéria pura (os elementos), a forma conjunta à matéria (os corpos e as almas). — 31-36. *Ordem foi concriada* etc., na parte superior do Universo foram colocados os anjos (ato puro); na inferior a matéria pura; e no meio a forma conjunta à matéria. — 37-41. *Jerônimo* etc. S. Jerônimo escreveu que os anjos foram criados antes do mundo sensível; mas o Poeta está de acordo com outros escritores, que se baseiam sobre os livros sagrados. — 50-51. *Dos anjos parte* etc., os anjos rebeldes convulsionaram a Terra. — 56. *Do que hás visto* etc., Lúcifer. — 97-102. *Qual diz* etc. Os pregadores discutem sem base nenhuma sobre a origem do eclipse que se deu no dia da morte de Jesus. — 104. *Lapi e Bindì*, nomes comuns em Florença, no tempo de Dante. — 109. *Convento*, os Apóstolos. — 124. *De Santo Antônio* etc.; com essas fraudes os padres engordam.

CANTO XXX

Os nove coros angélicos aos poucos vão desaparecendo. Dante volve os seus olhos novamente para Beatriz, cuja beleza é agora maravilhosa a tal ponto que renuncia a descrevê-la. Eles estão no Empíreo, e Dante vê um rio de Luz, cujas ribas estão esmaltadas de flores. Do rio saem centelhas que formam flores e depois voltam para as ondas. Enfim vê uma grande rosa de luz na qual aparecem anjos e os bem-aventurados. No meio há um trono preparado para o imperador Henrique VII.

Talvez milhas seis mil de nós distando,
A hora sexta ferve e deste mundo
3 A sombra vai-se ao nível inclinando,
Quando o meio do céu, p'ra nós profundo,
Tal se faz que não mostra o seu semblante
6 Mais de uma estrela deste val ao fundo;
E enquanto vem do sol a radiante
Núncia, o céu olhos cerra, adormecido
9 Um após outro até o mais brilhante:
Tal o triunfo, sem cessar movido
De gáudio, em torno ao Ponto deslumbroso,
12 Que parece, contendo estar contido.
Extinguiu-se aos meus olhos vagaroso.
Não vendo a pompa mais, a amor cedendo,
15 A Beatriz voltei-me fervoroso.
Num só louvor eu, resumir querendo
Dela o que vezes mil tenho cantado,
18 Frustrara o intento. o esforço meu perdendo.
Pelo humano ideal imaginado
Não seria o primor, que vi mas, creio,
21 Gozá-lo todo, só a Deus é dado.

Neste árduo passo superado, anseio:
Vate jamais em trágico poema
24 Ou cômico sentiu tamanho enleio;
Quanto a vista ao clarão do sol mais trema.
Tanto a memória do seu doce riso
27 As potências do espírito me algema.
Dês que vi do seu gesto o paraíso
Na terra até me alçar a visão pura
30 Meu canto renovar não foi preciso.
Mas seguir-lhe a sublime formosura
Nos versos meus agora não me atrevo,
33 Como artista, que o extremo esforço apura.
Beatriz, sendo tal que a deixar devo
A tuba, mais que a minha, sonora,
36 Enquanto esta árdua empresa ao termo levo,
Com gesto e voz de guia cuidadosa,
— “Ao céu que é pura luz” — disse — “ao presente
39 Alçamo-nos da esfera mais vultosa,
“Luz intelectual, de amor ardente,
Amor do sumo bem, que enche a alegria;
42 Alegria em dulçores transcendente.
“Do céu verás, na santa bizzarria,
Uma e outra milícia: uma no aspeto
45 Que hás de ver do final Juízo em dia”.
Como aos visivos espíritos direto
Relâmpago, que a ação lhes tolhe e os priva
48 De discernir o mais patente objeto,
Circunfluiu-me assim uma luz viva
Com véu do seu fulgor, que me impedia
51 Em claridade ver tanto excessiva.
— “Sempre o Amor, que este céu tanto extasia,
Por ser o círio à flama aparelhado,
54 Este saudar a quem recebe envia” —
Bem não tinha estas vozes escutado,
Eis senti que virtude milagrosa
57 A força minha havia sublimado;

Senti vista mais que antes poderosa
E tal, que a luz mais penetrante e pura
60 Afrontar poderia valorosa.
Fúlvido lume um rio me afigura,
Entre margens correndo, que esmaltava
63 A primavera da celeste altura.
Do seio essa corrente arremessava
Centelhas; que entre as flores se espargiam
66 Como rubis, que o ouro circundava.
Quando ébrias de perfumes pareciam
Reprofundavam na ribeira bela:
69 Se umas entravam, outras emergiam.
— “O desejo, que te urge e te desvela,
De saber quanto vês maravilhado
72 Me agrada neste excesso que revela.
“Não serás em tal sede saciado
Senão dessa água tendo já bebido” —
75 Dos meus olhos o sol me há declarado.
“Os topázios, que movem-se, o luzido
Rio e das flores o matiz ridente
78 Prefácio umbroso da verdade hão sido.
“Não, por ser isto impenetrável à mente,
Mas por defeito da fraqueza tua,
81 Que te veda visão tanto eminente”. —
Não há criança, que tão presto rua
Ao seio maternal, em despertando
84 Mais tarde do que está na usança sua,
Como eu: melhor espelho desejando
Fazer dos olhos, à água me inclinava,
87 Que flui, pureza e perfeição nos dando.
Das pálpebras apenas se molhava
A borda, a forma, que antes vi comprida,
90 Do rio, circular se apresentava.
Como quem sob a máscara escondida
A face teve e logo diferente
93 Se mostra, essa aparência removida,

Assim flores, centelhas, mais fulgente
Alegria mostraram e eu já via
96 Do céu ambas as cortes claramente,
Ó de Deus esplendor, por quem já via
O triunfo do reino da verdade,
99 Dá-me valor; que eu diga o que já via.
Lá alto há luz de tanta claridade,
Que Deus visível faz à criatura,
102 Que em vê-lo tem da paz a f>licidade.
Ela se estende em circular figura,
Tão vasta que o seu âmbito faria
105 Ao sol desmarcadíssima cintura.
Um raio era o que dela aparecia
Refletido no Móbile Primeiro,
108 A que assim vida e influxo principia.
Qual em cristal do próximo ribeiro
Se espelha, como para ver as flores
111 E vedura, que o vestem, lindo outeiro,
Miravam-se, da luz aos esplendores,
De degraus em milhões almas tornadas
114 Da terra para os célicos fulgores.
Se claridades tantas derramadas
‘Stão no imo degrau, como da Rosa
117 No cimo hão de as grandezas ser esmadas?
Sem turbar-me, a amplitude portentosa,
Notava o qual e o quanto da alegria,
120 Em que se enleva aquela grei ditosa.
De perto, ao longe igual resplendecia;
Pois onde por si mesmo Deus governa
123 Da natureza a lei não mas regia.
Ao centro áureo da Rosa sempiterna,
Que em degraus dilatada rescendia
126 Louvor ao sol da primavera eterna,
Como quem cala, mas falar queria,
Beatriz, me atraindo, disse: — “Atenta
129 Dos brancos véus na imensa jerarquia,

“O espaço vê, que esta cidade ostenta!
 Quanto cada fileira está cerrada!
 132 A poucos lugar vago se apresenta.
 “Essa grande cadeira assinalada
 Já de coroa, que te move espanto,
 135 Antes de teres nesta boda entrada,
 “Será de Henrique excelso, que há de o manto
 Vestir de Augusto, para a Itália vindo
 138 Antes de afeita ao regimento santo.
 “Cega cobiça, a tantos iludindo,
 Iguais vos torna a infante, que sem tino
 141 De ama o seio não quer, fome sentindo.
 “Será então Prefeito no divino
 Foro aquele, que, oculto ou descoberto,
 144 Não há de ser de acompanhá-lo di’no.
 “A Deus, porém, apraz que esteja perto
 Tempo, em que perderá cargo sagrado!
 Terá com Simão Mago o lugar certo,
 148 E o de Anagni será mais soterrado”. —

1-6. O Poeta quer que se entenda como desapareceu aos seus olhos a visão de que é objeto o canto anterior; e compara o desaparecimento ao apagar-se das estrelas no começo do dia. — 7-8. *Do sol a radiante núncia*, a aurora. — 44. *Uma e outra milícia*, os santos que combateram contra os vícios e os anjos fiéis, que combateram contra os rebeldes. — 44-45. *Uma no aspecto* etc., os santos com os corpos com os quais aparecerão no Juízo Final. — 116. *Rosa*, o imenso círculo no qual se encontram os bem-aventurados tem a forma de uma rosa. — 136. *Henrique VII*, eleito imperador em 1308, coroado em Milão em 1311, e em Roma em 1312. Morreu em Buoncovento em 1313. — 142. *Prefeito no divino foro*, papa. — 143-144. *Aquele* etc., Clemente V que aparentemente será seu amigo, mas ocultamente será seu inimigo. — 147. *Terá com Simão Mago o lugar certo*, no Inferno entre os simoníacos.— 148. *O de Anagni*, Bonifácio VIII.



CANTO XXXI

Enquanto Dante contempla a rosa do Paraíso, Beatriz sobe e vai ocupar o lugar que lhe pertence, no meio dos bem-aventurados. S. Bernardo é o último guia de Dante. Ele lhe indica a Virgem Maria, toda brilhante de luz celeste.

Forma assumindo de uma branca rosa,
Tinha ante os olhos a milícia santa,
3 Que em seu sangue fez Cristo sua Esposa.
A outra, que, adejando, vê, decanta
Do Onipotente a glória, que a enamora,
6 E a bondade, que deu-lhe alteza tanta,
Bem como abelhas, cujo enxame agora
Nas flores se apascenta, agora torna
9 À colmeia, onde os favos elabora,
Descia à flor imensa que se adorna
De folhas tantas, e depois subia
12 Ao centro, onde o amor seu sempre sojorna.
Nas faces viva flama refulgia,
Nas asas ouro, em tudo mais alvura,
15 Que a candidez da neve escurecia.
De sólio em sólio entrando na flor pura
E as asas agitando, derramavam
18 Ardor e paz, colhidos lá na altura.
As multidões aladas, que giravam,
Ao Senhor se interpondo e à flor brilhante,
21 Nem vista, nem splendores atalhavam,
Que a luz divina cala penetrante
No universo, segundo ele merece;
24 Nada lhe empece o brilho triunfante.
O gaudioso império, onde aparece
A par da grei antiga a grei recente
27 De olhos, de amor num fito se embevece.
Trina luz, que, num astro unicamente,
Fulgindo, alma lhes tens inebriada,

30 Conosco nas procelas sê clemente!
Se os Bárbaros, da terra enregelada
Vindos, que Hélice cobre cada dia
33 No seu giro, do filho acompanhada,
A pompa ao ver, que a Roma enobrecia,
Pasmavam, quando já Latrão famoso
36 Do mundo as maravilhas precedia;
Da terra eu ido ao trono luminoso,
Exalçado do tempo à eterna vida
39 E de Florença ao reino virtuoso,
Quanto havia de ter a alma transida!
Nem ouvir, nem falar apetecera:
42 Tanta alegria ao passo estava unida!
Bem como o peregrino considera
O templo, a que seu voto o conduzira,
45 E o que vê recontar, tornando, espera,
Na ardente luz a minha vista gira
De degrau em degrau, e agora acima,
48 Abaixo logo e em derredor remira.
Rostos eu vi, que a caridade anima
Com lume divinal; seu doce riso
51 Por suave atrativo se sublima.
Sem deterem-se mais do que o preciso,
Os olhos meus haviam rodeado
54 Em sua forma geral o Paraíso:
Vivo desejo em mim ‘stando ateado,
A Beatriz voltei-me; ter queris
57 A solução do que era inexplicado
Ao que eu pensava o oposto respondia:
Nos gloriosos trajos de um eleito,
60 Em vez de Beatriz, um velho eu via.
Nos olhos transluzia-lhe e no aspeito
Alegria beni’na e o continente
63 De pai era, à ternura sempre afeito.
— “E Beatriz?” — exclamo eu de repente.
Tornou: — “Baixar me fez do meu assento

66 Por contentar o teu desejo ardente.
“Verás, do cimo ao circ’lo tércio atento,
Beatriz nesse trono colocada,
69 Que lhe há dado imortal merecimento”. —
Olhos alçando, à Dama sublimada,
Divisei que de c’roa era cingida,
72 Da eterna luz, em refração, formada.
Da região etérea a mais subida
Vista mortal, no pego profundando,
75 De tão longe não fora dirigida,
Como olhos meus, em Beatriz fitando.
Via-a, porém: a efígie livremente
78 Descia a mim do vulto venerando.
— “Senhora! Esp’rança minha permanente!
Que não temeste, por me dar saúde,
81 Teus vestígios deixar no inferno horrendo!
“De tantas cousas, quantas eu ver pude
Ao teu grande valor e alta bondade
84 A graça referir devo e virtude.
“Sendo eu servo, me deste a liberdade,
Pelos meios e vias conduzido,
87 De que dispunha a tua potestade.
“Seja eu do teu valor fortalecido,
Porque minha alma, que fizeste pura
90 Te agrade ao ser seu vínculo solvido”. —
Desta arte orei. Lá da sublime altura,
Em que estava sorrindo-se encarou-me;
93 Depois voltou-se à eterna Formosura.
— “Por chegares” — o velho assim falou-me —
“Ao termo da jornada, como anelas,
96 A que seu rogo e santo amor mandou-me,
“Teus olhos voem pelas flores belas:
Eles mais hão de se acender, no esguardo
99 Para alçar-se ao divino raio, em vê-las.
“E a Rainha do céu, por quem eu ardo
Cheio de amor, nos há de ser beni’na,

102 Pois sou seu servo, o seu fiel Bernardo”. —
 Como quem da Croácia se destina
 A ver Santo Sudário em romaria,
105 Por fama antiga da feição divina;
 Devoto a contemplar se não sacia,
 Dizendo em si: “ó Jesus! meu Deus piedoso!
108 Tal o semblante vosso parecia!”
 Assim notei o afeito caridoso
 Daquele, que em seus êxtases no mundo
111 A paz celeste prelibou ditoso.
 — “Filho da graça, este viver jucundo
 Ser-te não pode” — prosseguia — “noto,
114 Se os olhos teus não alças cá do fundo.
 “Dos círculos atenta ao mais remoto:
 Lá no trono a Rainha está sentada;
117 Seu reino, o céu, lhe é súdito e devoto”. —
 O rosto ergui. Bem como na alvorada
 A parte, em que o sol nasce no horizonte
120 Excede a que franqueia à noite entrada,
 Assim, quase a subir de vale a monte,
 No píncaro eminente parte eu via
123 Vencer em lume a qualquer outra frente.
 Como lá donde espera-se do dia
 O carro, que perdeu Fetonte, a flama
126 Aumenta e noutros pontos se embacia,
 Assim essa pacífica oriflama
 Se avivava no meio; e a cada lado
129 Por modo igual se enfraquecia a chama.
 De milhares o centro rodeado
 ‘Stava de anjos voando como em festa,
132 Cada um na arte e no brilho assinalado.
 De os ver e ouvir contento manifesta
 A Beldade: que extremos de alegria
135 A outros santos nos seus olhos presta.
 Se eu tivera opulenta fantasia
 E a eloquência não menos, desse encanto

138 Um só traço exprimir não poderia.
No vivo lume e ao ver Bernardo quanto
Os meus olhos, absortos, se fitavam,
Volveu-lhe os seus, acesos de ardor tanto,
142 Que a mais fervor meu êxtase enalçavam.

2. *A milícia santa*, os santos. — 32. *Hélice*, a ninfa Hélice ou Calixto que foi transformada por Júpiter na constelação da Ursa Maior. — 33. *Do filho acompanhada*, o filho de Hélice foi transformado na constelação da Ursa Menor. — 35. *Latrão*, foi por algum tempo a sede dos imperadores romanos. — 102. *Bernardo*, S. Bernardo, abade de Clairvaux, na Borgonha, que foi devotado ao culto da Virgem Maria. — 104. *Santo Sudário*, ou Verônica (imagem verdadeira), imagem de Jesus impressa num véu, relíquia que se conserva em Roma. — 116. *A rainha*, a virgem Maria. — 125. *O carro que perdeu Fetonte*, o sol. — 127. *Oriflama*, estandarte de guerra dos reis de França; aqui indica a Virgem.

CANTO XXXII

S. Bernardo esclarece a Dante a composição da rosa do Paraíso. De um lado estão os santos cristãos: do outro os hebreus, que acreditaram no Cristo que devia vir. Entre uns e outros a Virgem Maria. Embaixo de Maria, mulheres hebreias; mais embaixo as crianças mortas logo depois do batismo.

De contemplar no seu prazer sorvido,
De instruir-me, espontâneo, se incumbia,
3 E este santo discurso há proferido:
— “A chaga, que sarou e ungiu Maria
Abrira a bela, que aos seus pés sentada
6 Divisas, do homem no primeiro dia.
“Stá na tércia fileira entronizada
Logo abaixo Raquel; resplendente
9 Ao lado Beatriz vês colocada.
“Sara, Rebeca, Judite e a prudente
Bisavó do cantor, que lamentara,
12 *Miserere* clamando, a culpa ingente:
“Num degrau cada uma se depara
Da rosa, folha a folha, descendendo
15 Como seu nome a minha voz declara.
“Estão, do degrau sétimo descendo,
Como de lá subindo, em seguimento
18 Hebreias, dividida a Rosa sendo:
“Formam elas, assim, repartimento,
Segundo em Cristo a fé predominara,
21 Da santa escada em todo o comprimento.
“Da parte, em que da flor se completara
Em cada folha o número, exalçado
24 Vês quem a Cristo no porvir’sperara;

“Da parte, onde o hemiciclo é sinalado
De alguns lugares vagos, se apresenta
27 Quem creu em Cristo ao mundo já chegado.
“Como de um lado a divisão se ostenta,
Da Virgem pelo trono demarcada
30 E pelos mais, que a vista representa,
“Assim do oposto a sede destinada
Ao que no ermo e martírio sempre há sido
33 Santo e em dois anos da infernal estada,
“Lugar que, tem por conta, há precedido
Aos de Francisco, de Agostinho, Bento
36 E outros, de um degrau cada um descido.
“De Deus ora contempla o sábio intento:
Igualmente a fé nova e a antiga crença
39 Hão de encher o jardim do firmamento.
“Abaixo do degrau da escada imensa,
Que as divisões reparte, está sentado
42 Ninguém, porque ao seu mérito pertença,
“Mas pelo alheio, e ao modo decretado.
Seus corpos tais espíritos deixaram
45 Antes que discernir lhes fosse dado.
“Bem à luz da evidência to declaram
Pela voz infantil e pelo gesto:
48 Olha, escuta, e tuas dúvidas se aclaram.
“Duvidas e o não fazes manifesto;
Sutil pensar em nó te prende estreito;
51 Mas deste enleio vou livrar-te presto.
“Crer-se não pode em casual efeito
Do reino divinal no infindo espaço;
54 Nem há fome, nem sede ou triste aspeito.
“De eternas leis vincula tudo o laço,
E, como o anel no dedo, justamente
57 Da criação responde tudo ao traço.
“Portanto aquela prematura gente
Sine causa não sobe à vida eterna;
60 Mais ou menos, cada um entra excelente.

“Deste reino o Monarca, que o governa
De amor em tanto extremo, em tal ventura,
63 Que desejo nenhum além se interna,
“Criando, de sua face na doçura,
Os espíritos, dota-os a seu grado.
66 Isto basta saber: não mais apura.
“Ao claro está nos gêmeos demonstrado,
Que haviam, — na Escritura se refere, —
69 Já no materno ventre batalhado.
“Assim a luz altíssima confere
Agrinalda da Graça dignamente
72 Segundo a cor da coma, que prefere.
“Graduação, portanto, diferente
Lhes cabe sem ter méritos na vida:
75 Visão primeira os distinguiu somente.
“Nos primitivos tempos conseguida
Estava a salvação, quando a inocência
78 À fé dos pais se achava reunida.
“Às primeiras idades em sequência,
Dos filhos trouxe às asas inocentes
81 Circuncisão, virtude e permanência.
“Depois de anunciada a Graça às gentes.
Sem batismo perfeito haver de Cristo
84 Não valeu a inocência desses entes.
“Ora atento na face, que à de Cristo
Mais se assemelha; a sua luz tão pura
87 Só te pode dispor a veres Cristo”. —
Vi chover de alegria tal ternura,
Que a Maria os espíritos levavam
90 Para voar criados nessa altura,
Que quanto os olhos antes contemplavam
Tais portentos patentes não fizera:
93 Os assomos de Deus se revelavam.
Dos anjos o primeiro, que viera,
Cantando “*Ave, Maria, gratia plena*”,
96 Ante Maria as asas estendera.

Respondendo à divina cantilena
De toda parte a gloriosa corte,
99 Resplendeu cada face mais serena.
— “Ó santo Pai, que a caridade forte
Em prol meu fez deixar o doce assento,
102 A ti marcado por eterna sorte,
Diz-me que anjo com tal contentamento
Da soberana a fronte olha divina,
105 No amor mostra do fogo o incendimento”. —
Desta arte inda vali-me da doutrina
Daquele, que enlevava-se em Maria,
108 Como no sol a estrela matutina.
Tornou-me: — “Alacridade e bizarria,
Quanta em anjo haver possa e nalma humana,
111 Há nele; assim nos dá suma alegria:
“Foi ele o que à bendita Soberana
Levou a palma, o filho de Deus quando
114 Quis assumir a nossa carga insana.
“Minhas vozes tua vista acompanhando,
Do justíssimo império alça aos formosos
117 Patrícios, de alto nome, venerando.
“Os dois, que acima brilham, venturosos
Por’starem perto da Sob’rana Augusta,
120 São desta Flor princípios gloriosos:
“À sestra sua aquele, que se ajusta,
O Pai é que, tentado por mau gosto
123 Tanta amargura à sua prole custa.
À destra o Pai primeiro se acha posto
Da santa Igreja; as chaves lhe entregara
126 Da Rosa Cristo e o fez o seu preposto.
“E o que antes de morrer vaticinara.
Duros tempos daquela amada Esposa,
129 Que por lanças e cravos se alcançara,
“Fica-lhe a parte, junto, a glória goza.
O capitão da gente ingrata, insana,
132 Que viveu de maná, revel, teimosa.

“Em frente a Pedro vês que senta-se Ana,
 Tão leda a excelsa Filha contemplando,
 135 Que imóveis olhos tem, cantado *hosana*.
 “Em frente ao Pai dos homens venerando,
 E’ Luzia: a Beatriz há suplicado,
 138 Quando ias para o abismo te inclinando.
 “Mas da tua visão o assinalado
 Tempo foge: paremos, pois, fazendo
 141 Do pano, que há, vestido bem-talhado.
 “E para o Amor Primeiro olhos erguendo,
 Saibamos se do seu fulgor no seio
 144 Penetras, quanto possas te absorvendo.
 “Mas, de que retrocedas no receio,
 Movendo as asas, em vez de ir avante,
 147 Impetra graça, de piedade cheio,
 Daquela, que em valer é tão pujante.
 Em mente a voz me segue fervoroso,
 Com vivo afeto e coração amante”. —
 151 E esta santa oração disse piedoso:

5. *A bela que aos seus pés* etc., Eva. — 8. *Raquel*, mulher de Jacob. — 10-11. *Sara*, mulher de Abrão; *Rebeca*, mulher de Isaque; *Judite*, que livrou o povo de Israel, matando Olofernes; *a prudente bisavó* etc., Rute, bisavó de Davi. — 32. *Ao que* etc., S. João Batista. — 35. *Francisco, Agostinho e Bento*, santos fundadores de ordens religiosas. — 67-69. *Gêmeos*, Esaú e Jacob. — 79-81. *Às primeiras idades* etc., nos tempos que passaram de Abrão até Cristo, a circuncisão era requisito indispensável para a salvação. — 82-84. *Depois de anunciada* etc., depois de Cristo é indispensável o batismo. — 85. *Na face que à de Cristo* etc., Maria Virgem. — 112. *Foi ele o que* etc., Gabriel. — 122. *O pai* etc., Adão. — 124. *O pai primeiro* etc., S. Pedro. — 127-129. *E o que* etc., S. João Evangelista. — 131. *O capitão* etc., Moisés. — 133. *Ana*, mãe da Virgem. — 137. *Luzia*, Santa Luzia, virgem e mártir, v. Inf. II, 97-102.

CANTO XXXIII

S. Bernardo pede à Virgem Maria que conceda a Dante contemplar a Deus. O Poeta vê um tríplice círculo no qual está revelada a Trindade divina. No círculo médio vê figurada a efígie humana. No espírito de Dante se forma o desejo de conhecer o modo da união da natureza divina com a humana. Um repentino esplendor lhe revela o mistério da encarnação de Cristo; e aqui termina a sublime visão.

Virgem Mãe, por teu Filho procriada,
Humilde e sup'rior à criatura,
3 Por conselho eternal predestinada!
“Por ti se enobreceu tanto a natura
Humana, que o Senhor não desdenhou-se
6 De se fazer de quem criou, feitura.
“No seio teu o amor aviventou-se,
E ao seu ardor, na paz da eternidade,
9 O germe desta flor assim formou-se.
“Meridiana Luz da Caridade
És no céu! Viva fonte de esperança
12 Na terra és para a fraca humanidade!
“Há tal grandeza em ti, há tal pujança,
Que quer sem asas voe o seu anelo
15 Quem graça aspira em ti sem confiança.
“Ao mísero, que roga ao teu desvelo
Acode, e, às mais das vezes, por vontade
18 Livre, te praz sem súplica valê-lo.
“Em ti misericórdia, em ti piedade,
Em ti magnificência, em ti se aduna
21 Na criatura o que haja de bondade.
“Esse mortal, que da ínfima lacuna

Do mundo até o empíreo, passo a passo,
24 Viu quanto a vida esp̃ritual reúna,
“Te exora auxílio ao seu esforço escasso:
A mente sublunar lhe seja dado
27 A Suma Dita no celeste espaço.
“Eu que, no meu ardor, nunca aspirado
Hei mais por mim o que em prol dele peço
30 Meus rogos todos alço esperançado.
“Te digna conseguir que o véu espesso
Da humanidade sua desapareça,
33 E assim lhe seja o Sumo Bem concesso.
“Depois da alta visão dá que ainda eu peça
Que conserves, Rainha Onipotente,
36 Sempre pura sua alma e ao mal avessa.
“De perversas paixões guarda-o clemente:
Vê Beatriz e o céu inteiro unidos,
39 Juntando as mãos, ao voto meu fervente!” —
Os olhos, que por Deus são tão queridos
No santo orador fitos demonstraram
42 Que eram seus ternos rogos atendidos.
Após ao Lume eterno se elevaram,
Em que, se deve crer, da criatura
45 Olhos, em modo tal, não profundavam.
E dos desejos eu, que à mor altura
Suba, o ardor cessar, como devia,
48 Senti, me apropinquando da ventura.
Bernardo, me acenando, me sorria,
Que para cima olhasse; mas eu estava
51 Já por mim mesmo tal qual me queria.
A vista, que em pureza sublimava,
Do alto, que é por si toda a Verdade,
54 Mais e mais pelos raios penetrava.
E o que eu vi, desde então, na imensidade
Transcendeu quanto o verbo humano intente:
57 Cede a memória a tanta majestade.
Qual homem, que, a sonhar, vê claramente,

Depois só guarda a sensação impressa,
60 E o mais em todo lhe não volta à mente;
Tal eu; quase a visão inteira cessa.
Mas no meu coração quase destila
63 Doçura que em seu êxtase começa.
Assim ao sol a neve se aniquila,
Assim na leve folha, entregue ao vento,
66 Se dispersava o oraculo da Sibila.
Flama excelsa, que o humano pensamento
Excedes tanto, oh! presta ao meu, piedosa,
69 Um pouco de inefável luzimento.
E a língua minha faz tão poderosa,
Que uma centelha só da tua Glória
72 Aos pósteros transmita venturosa;
Pois que, em parte surgindo-me à memória
E sendo por meus versos celebrada,
75 Melhor se entenderá tua vitória.
Da luz pela agudeza suportada,
Eu me perdera, creio, com certeza,
78 Se da luz fora a vista desviada.
E, recordo-me, pois mor afouteza
Tomei, tanto, que face a face olhando,
81 Encarar pude na Infinita Alteza.
Tu ó Graça abundante, me animando,
Olhos fitar ousei na luz eterna,
84 A visão almejada consumando.
E lá na profundez vi que se interna
Unido pelo amor num só volume
87 O que pelo universo se esquaderna:
Acidente, substância e o seu costume,
Conjuntos entre si por tal maneira,
90 Que da verdade exprimo um frouxo lume.
Creio que a forma universal inteira
Vi desse nó; porquanto mais ao largo
93 Sinto, ao dizer, ledice verdadeira.
Um só instante à mente dá letargo

Maior, que sec'los vinte e cinco à empresa
96 Que admirar fez Netuno a sombra de Argo.
De êxtase assim minha alma toda presa,
Atenta, absorta, imóvel se imergia,
99 E sempre em contemplar mais'stava acesa.
E essa Luz tal efeito produzia,
Que em deixá-la por ver dif'rente aspeto
102 Consentir impossível me seria:
Que o Bem da sua aspiração objeto,
Todo está nela; é tudo lá perfeito,
105 Como fora de lá tudo é defeto.
Meu dizer de ora avante mais estreito
Será no que recorde que o do infante
108 Ainda ao seio maternal afeito;
Não porque presentasse outro semblante
A viva Luz, que a contemplar eu 'stava,
111 Antes, como depois, sempre constante;
Mas, como, olhando, a vista se alentava,
A Imutável Essência parecia
114 Mudar, quando só eu me transformava.
Na substância profunda e clara eu via
Da excelsa Luz três circ'los discernidos
117 Por cores três, de igual periferia.
Íris de Íris, um de outro refletidos
Estavam, flama o tercio parecia
120 'Spirando, por igual, de um, de outro unidos.
Quanto é curta expressão! Quanto a excedia
Meu pensar, ao que eu vi, este já sendo
123 Tal, que *pouco* bastante não diria.
Lume eterno, que a sede em ti só tendo,
Só te entendes, de ti sendo entendido,
126 E te amas e sorris só te entendendo!
O girar, que, dessa arte concebido
Via em ti como flama refletida,
129 Quanto foi dos meus olhos abrangido,
No seio seu da própria cor tingida

A própria efígie humana oferecia:
 132 Foi nela a vista minha submergida!
 Geômetra, que o espírito crucia
 Para o cir'lo medir, em vão procura
 135 Princípio, que ao seu fim mais conviria:
 Assim eu ante a nova visão pura
 Ver anelara como a image' humana
 138 Ao círculo se adapta e ali perdura.
 Às asas minhas fora empresa insana,
 Se clareado a mente não me houvesse
 141 Fulgor, que a posse da verdade aplanava.
 À fantasia aqui valor fenece;
 Mas a vontade minha a ideias belas,
 Qual roda, que ao motor pronta obedece,
 145 Volvia o Amor, que move sol e estrelas.

66. *O orac'lo da Sibila*, Virgílio (Eneida III) diz que a Sibila Cumana escrevia os seus oráculos sobre folhas soltas e depois as jogava no ar, sendo dispersadas pelo vento. — 94-96. *Um só instante* etc., um só instante do tempo transcorrido depois da visão me causa maior esquecimento que não aquele que vinte e cinco séculos causaram ao episódio dos Argonautas, o qual surpreendeu a Netuno. — 118-120. *Íris de íris* etc., o Filho parecia refletido no outro, no Pai como íris de íris; e o terceiro, o Espírito Santo parecia fogo procedente de um e de outro. — 127-131. *O girar que, dessa arte* etc., aquele dos círculos, isto é, o segundo, que parecia refletido do outro, pareceu-me tivesse efígie humana, tingida, porém, de cor divina. — 134. *Para o circ'lo medir*, para encontrar a quadratura do círculo, isto é, um quadrado cuja área seja igual à de um determinado círculo. — 143. *Mas a vontade minha* etc., mas o Amor, isto é, Deus, que move o Sol e as estrelas, movia a minha vontade, concordemente à sua, como uma roda que obedece ao motor.

DIREÇÃO GERAL
Antônio Araújo

DIREÇÃO EDITORIAL
Daniele Cajueiro

EDITORA RESPONSÁVEL
Ana Carla Sousa

PRODUÇÃO EDITORIAL
Adriana Torres
Mariana Teixeira

REVISÃO
Raquel Correa
Rita Godoy

DIAGRAMAÇÃO
Futura

CAPA
Thiago Lacaz

PRODUÇÃO DE EBOOK
[S2 Books](#)

A divina comédia

A divina comédia

Caderno extra com ilustrações
de Gustave Doré



PERFIL DE GUSTAVE DORÉ

por H. Hustin

Tradução de Almir de Andrade e Milton Amado

Gustave Doré nasceu a 10 de janeiro de 1833, em Estrasburgo, onde seu pai residia na qualidade de engenheiro do Departamento do Baixo-Reno. Se não veio ao mundo com um lápis na mão, dele pelo menos soube utilizar-se bem cedo para poder, aos cinco anos, glorificar no papel a tomada de Constantine. Os soldados talvez não tivessem aprumo nem arrumação dos fuzis, mas havia no conjunto uma vida e um movimento que impressionaram toda a gente. Por isso, não houve senão meia surpresa quando, alguns anos mais tarde, viram-no representar na pedra a inauguração da estátua de Bichat, e uma brincadeira de garotos.

Aos nove anos ingressou no liceu de Bourg, onde seu pai acabava de instalar-se como engenheiro-chefe do Ain. Aprendeu a história ilustrando-a, os clássicos cobrindo-os de croquis. Num dia de composição em que lhe deram como texto a morte de Clitus, substituiu a tradução francesa por um desenho que provava que só ele compreendera a história do narrador latino. Seu professor teve bastante espírito para classificá-lo em primeiro lugar.

Em novembro de 1847 Doré visitou Paris em companhia de seu pai, que conduzia um outro filho, candidato à Escola Politécnica e mais tarde oficial de artilharia. Doré sentiu-se empolgado, adivinhou o futuro e sonhou não mais deixar a capital francesa. Um belo dia encontrou-se no gabinete de Philippon, que dirigia então o *Jornal Para Rir*, e entregou-lhe uma série de assombrosos croquis onde contara com espírito os trabalhos de Hércules. Philippon entusiasmou-se, conversou com o jovem estudante e compreendeu bem depressa o partido que dele poderia tirar. Ofereceu-lhe um esboço de

contrato de cinco mil francos por ano e o incitou a submetê-lo ao pai, que veria sem dúvida naquela remuneração uma facilidade a mais para que ele continuasse os estudos em Paris. Com o apoio de sua mãe, Doré ganhou a questão e entrou como externo no Liceu Carlos Magno, onde fez amizade com Taine e About. Seus professores evitaram contrariar-lhe a vocação e, cada vez que M. Girard, seu professor de história, expunha o caráter de um imperador romano, pedia ao jovem discípulo que fosse ao quadro-negro esboçar-lhe a cabeça, a fim de que seus camaradas compreendessem melhor o retrato falado do professor. Depois da retórica, Doré achou inútil consagrar os estudos com um diploma de bacharel e entregou-se por completo à sua arte, sozinho, não consultando senão a natureza que ele reconhecia por seu único mestre. Ligou-se mais estreitamente ao *Jornal Para Rir*, e nele publicou uma adorável legenda de Polidoro Marasquin, que logo o colocou em evidência.

Foi disputado. O *Jornal Para Todos*, o Museu Franco-Inglês, Pierre Bry, que editava romances em fascículos, todos lhe pediam desenhos e croquis. Doré multiplicou-se, atendeu a todos os pedidos, despertando sobretudo a atenção pela sua maneira original e sombria de interpretar a Idade Média. Esses trabalhos cotidianos não podiam, entretanto, bastar à sua atividade e satisfazer às ideias grandiosas que ele acariciava. Nos bancos escolares Doré concebera o projeto de ilustrar os grandes escritores. Dedicou-se primeiro a Rabelais e compôs uma série de desenhos, de uma verve cintilante, de uma poderosa originalidade. Identificara-se de tal modo com as personagens, “rompera o osso e sugara a substancial medula” com tamanha consciência que não era mais uma ilustração mas uma verdadeira tradução. O livro obteve imenso sucesso, a despeito das hesitações do editor que, acreditando pouco no êxito da obra, só se decidira a publicá-la a instâncias de Paul Lacroix. Vieram em seguida a *Legenda do Judeu Errante*, com versos de Pierre Dupont, e em 1856 os *Contos Divertidos*, de Balzac, nos quais Doré superou-se a si mesmo. Em 1861 apareceram o *Inferno*, de Dante, os *Contos*, de Perrault, a *Viagem aos Pireneus*, de Taine. Em 1862, *Atala*. Em 1863, *Dom Quixote*. Em 1864, a *Bíblia*. Em 1865, Milton, que foi publicado em Londres. Em 1866, os *Ensaio*s, de Montaigne. Em 1867, *As Fábulas de La Fontaine*. Em 1868, *Elaine, Viviane e Geneviève*, de Tennyson. O *Purgatório* e o *Paraíso*, de Dante. Em 1875, a *Canção do Velho Marinheiro*, de Coleridge. Em 1877, *As Cruzadas*, de Michaud. Enfim, em 1870, *Orlando Furioso*, após

O Barão de Munchausen e A Viagem à Espanha. Além disso, Doré desenhara algumas composições de grande inspiração patriótica: a “Paz e a Guerra”, “Sadowa”, a “Marse-
lhesa”, o “Canto da Partida”, o “Reno Alemão”, a “Esfinge” e, por fim, a “Santa Rússia”, uma espécie de panfleto dos mais sarcásticos. Durante algum tempo trabalhou nas ilustrações de Shakespeare, que um editor de Londres encomendara, e, no momento em que a doença o atingiu, trabalhava nas últimas pranchas. Além do lápis, Doré manejava o pincel e, ao contrário do que geralmente se pensa, entregou-se à pintura com o mesmo ardor com que se entregava ao desenho, embora, acrescentamos, com menos felicidade e sucesso. Foi também em 1877 que Doré estreou como escultor, enviando ao Salão um grupo de vastas proporções: “A Parca e o Amor”. Quando a morte veio buscá-lo, Doré acompanhava a moldagem em bronze da estátua de Alexandre Dumas.

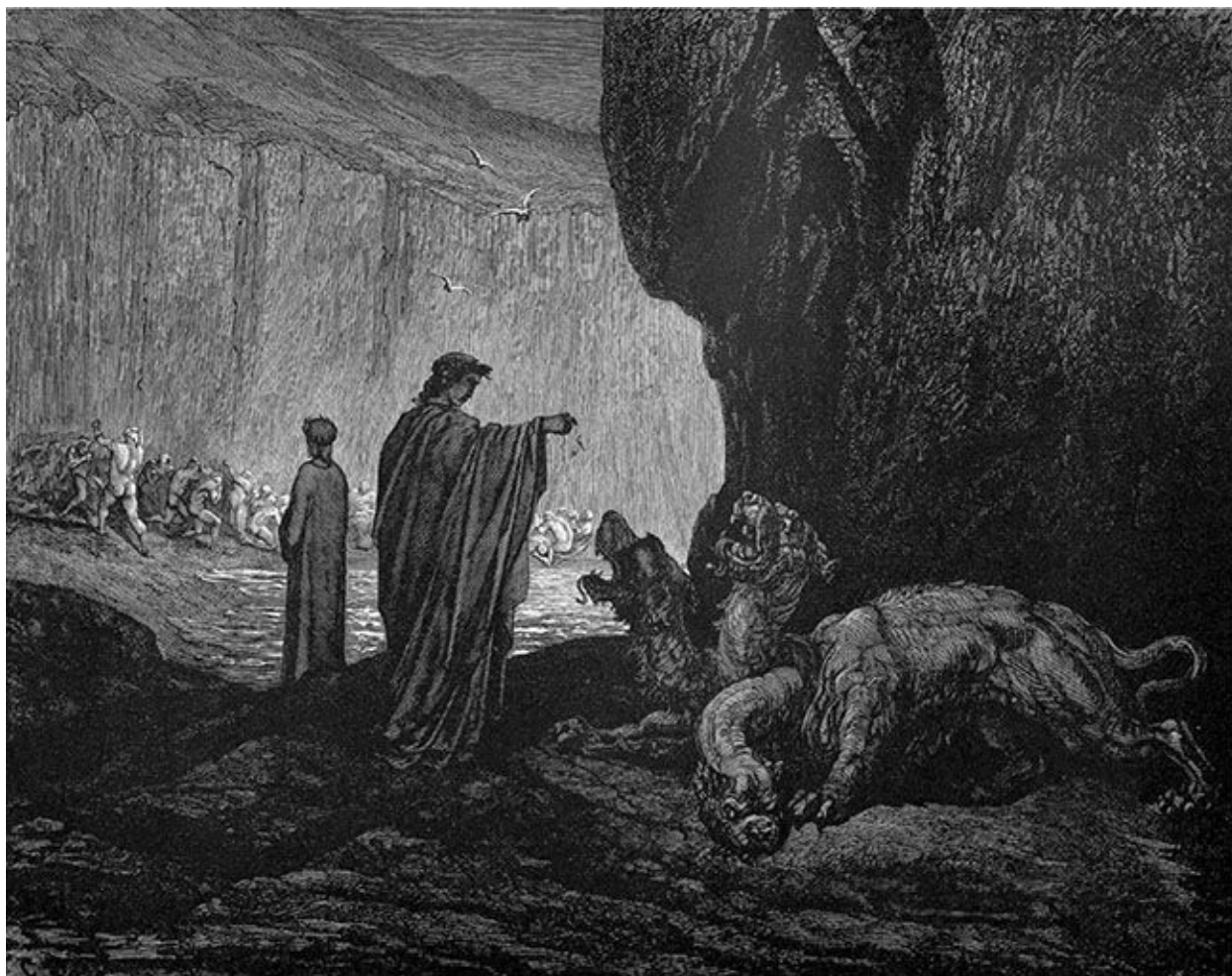
Qualquer um se convencerá facilmente, diante dessa rápida enumeração, da importância numérica das criações de Gustave Doré. Do ponto de vista da fecundidade, poucos artistas existiram que se tenham revelado mais bem dotados, e podem ser contados aqueles que ousaram abordar tão grandes superfícies. A exemplo dos mestres da Renascença, que eram ao mesmo tempo pintores, escultores, arquitetos e, nas ocasiões oportunas, poetas, médicos ou soldados, Doré deixou-se tentar por quase todas as maneiras de expressão que a arte pode colocar a serviço da ideia. Pintura, aquarela, desenho, água-forte, escultura, tudo o seduziu com a mesma paixão. Mas o êxito não lhe sorriu, em cada um desses gêneros, com a mesma felicidade. Foi pela ilustração que Doré permaneceu, pois nesse ramo da arte ele não teve rivais. Dotado de uma imaginação prodigiosamente fecunda, soube colocar em seu desenho a originalidade, a graça, um gosto real do arranjo temperando o conjunto com uma ponta de erudição muito segura e de espírito francamente gaulês. O autor interpretado por ele é realmente conhecido e compreendido e, excetuando-se La Fontaine, pode dizer-se que Rabelais, Dante, Cervantes ou Tennyson raramente tiveram intérprete tão feliz. O efeito, Doré sabe compreendê-lo maravilhosamente, e é na verdade o que dá às suas composições o sabor e a força. Examinai-as de perto: o quadro aí estará quase sempre, porque a luz está bem concentrada, porque ela penetra e sai com verdade, prendendo os objetos, à sua passagem, onde melhor convém. Além disso, se o traço é incorreto e acusa as falhas de uma educação

incompleta, é extenso, a linha é generosamente envolvida, o que colore o menor dos seus croquis. Pois, se de paleta na mão ele só desenvolve um talento secundário, pinta bem e com justeza com o lápis sobre o papel. E esse fato não será a menos curiosa das contradições que a história descobrirá nessa extraordinária e rica natureza.

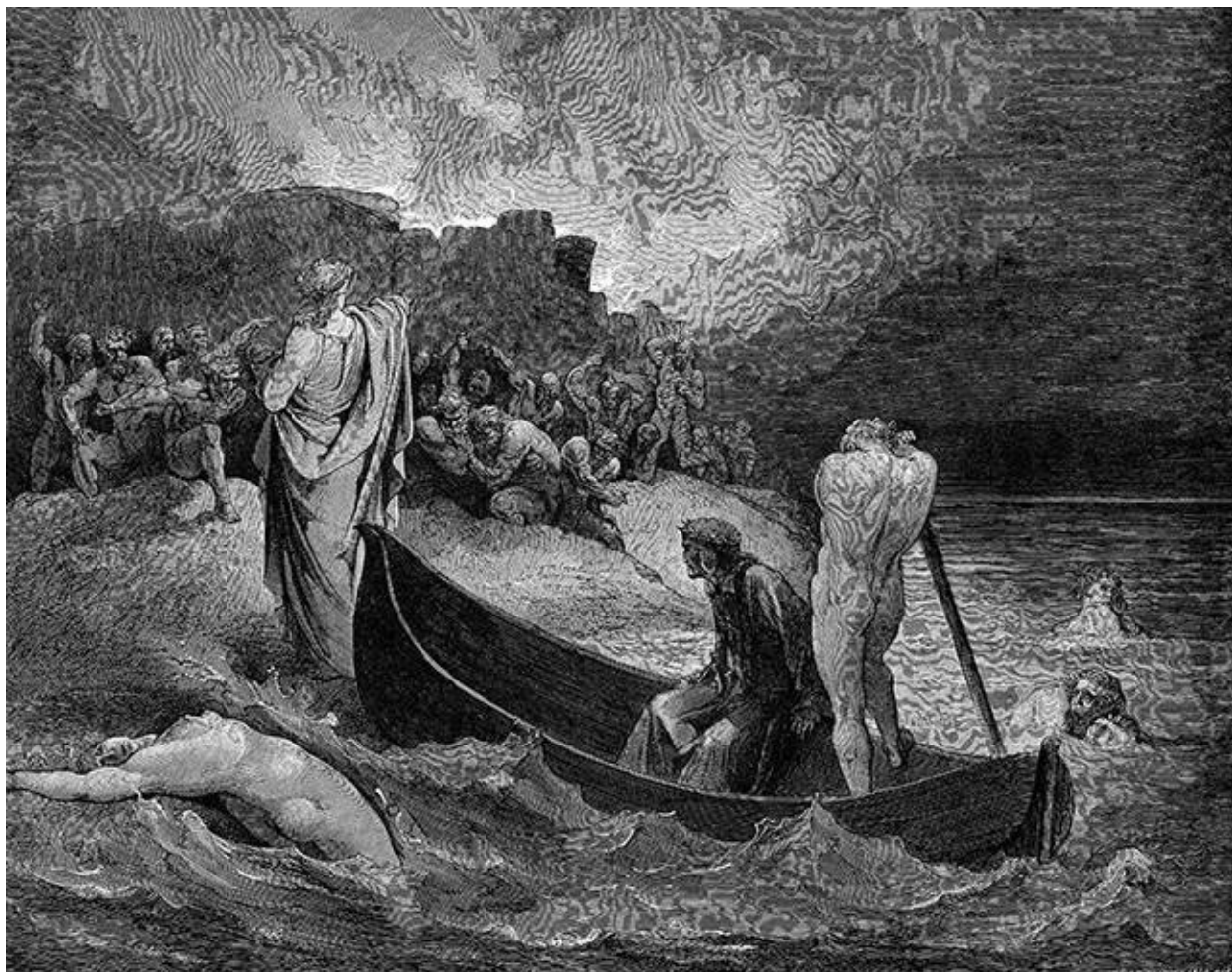
Doré morreu em 1883.



Inferno, canto V.



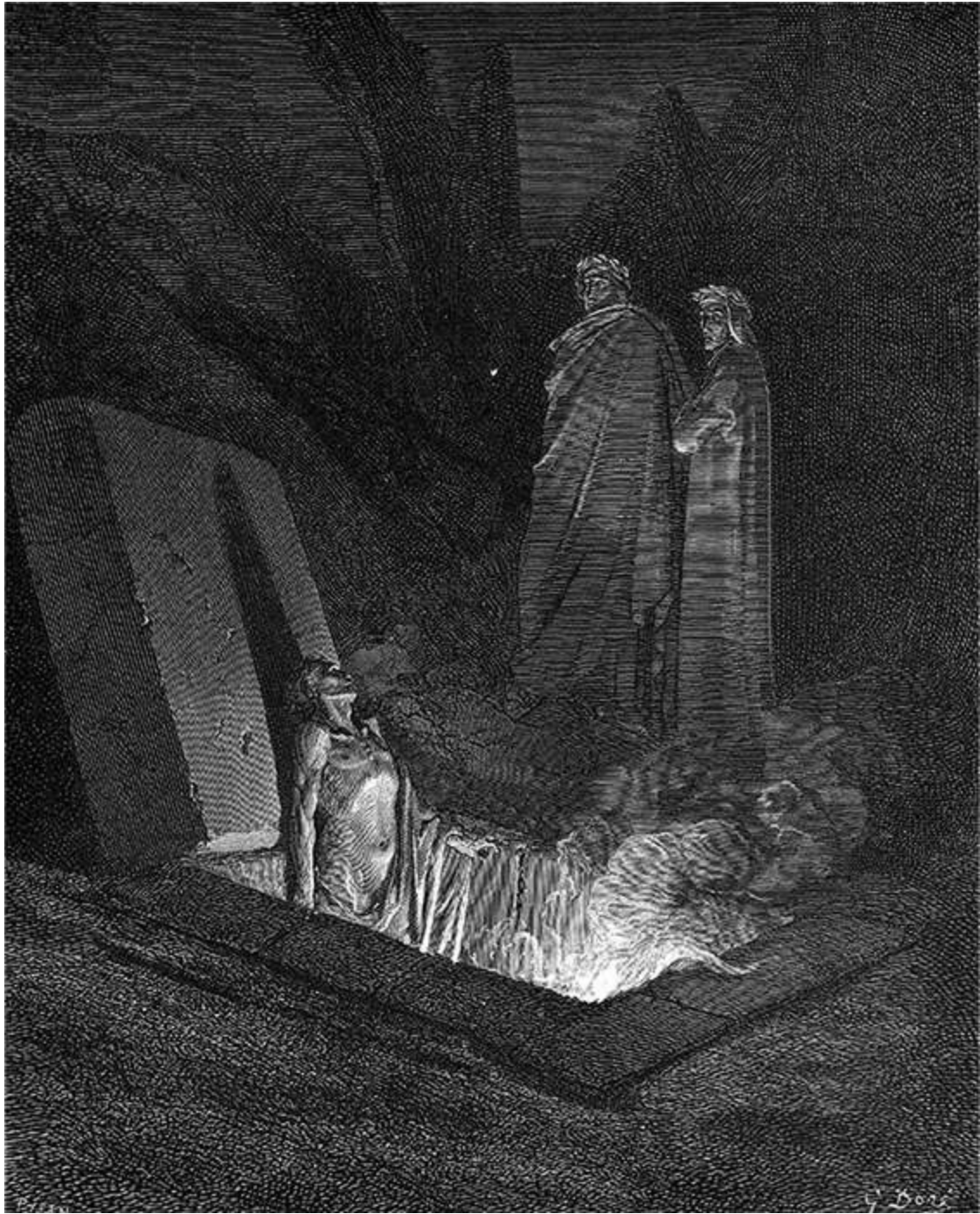
Inferno, canto VI.



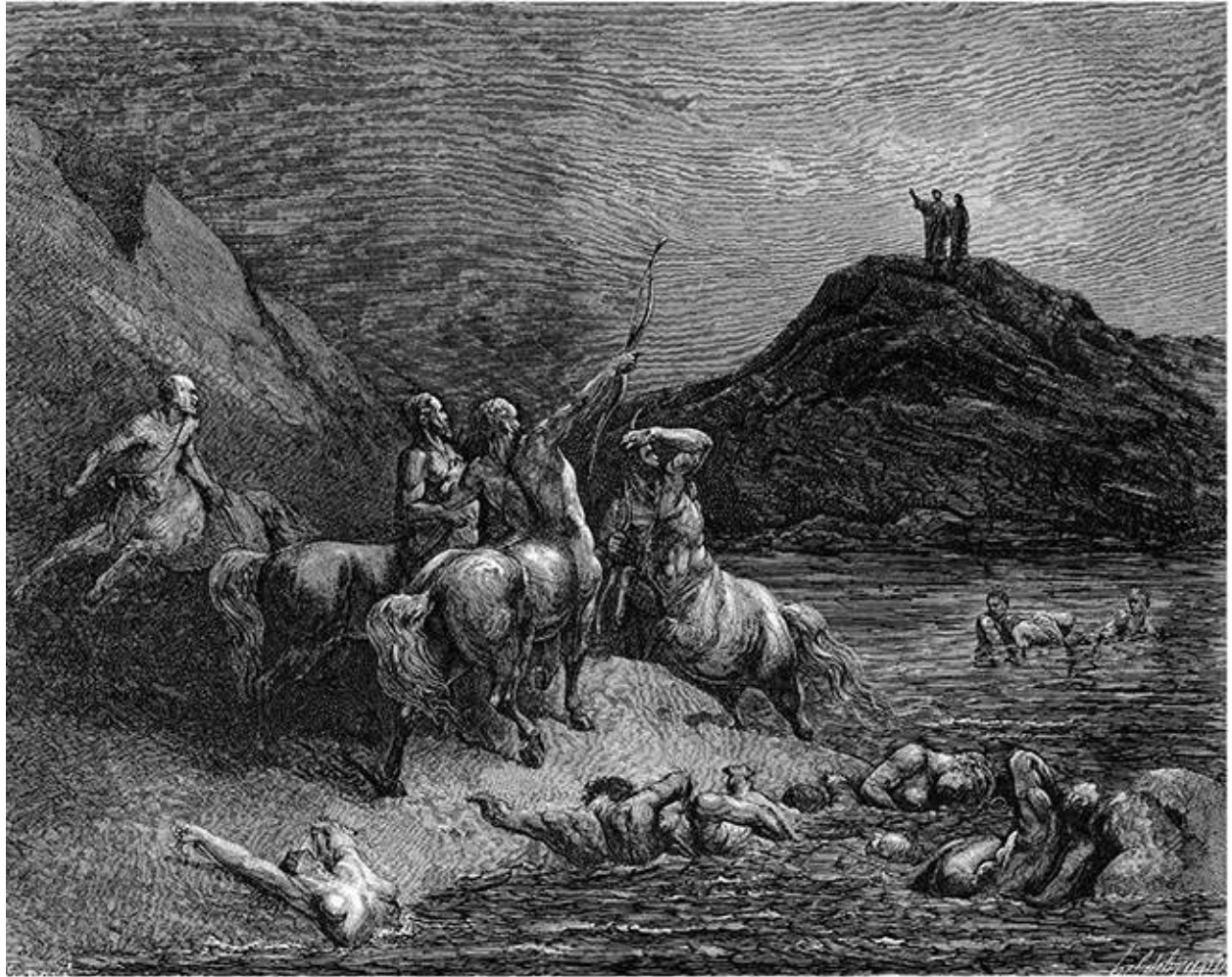
Inferno, canto VIII.



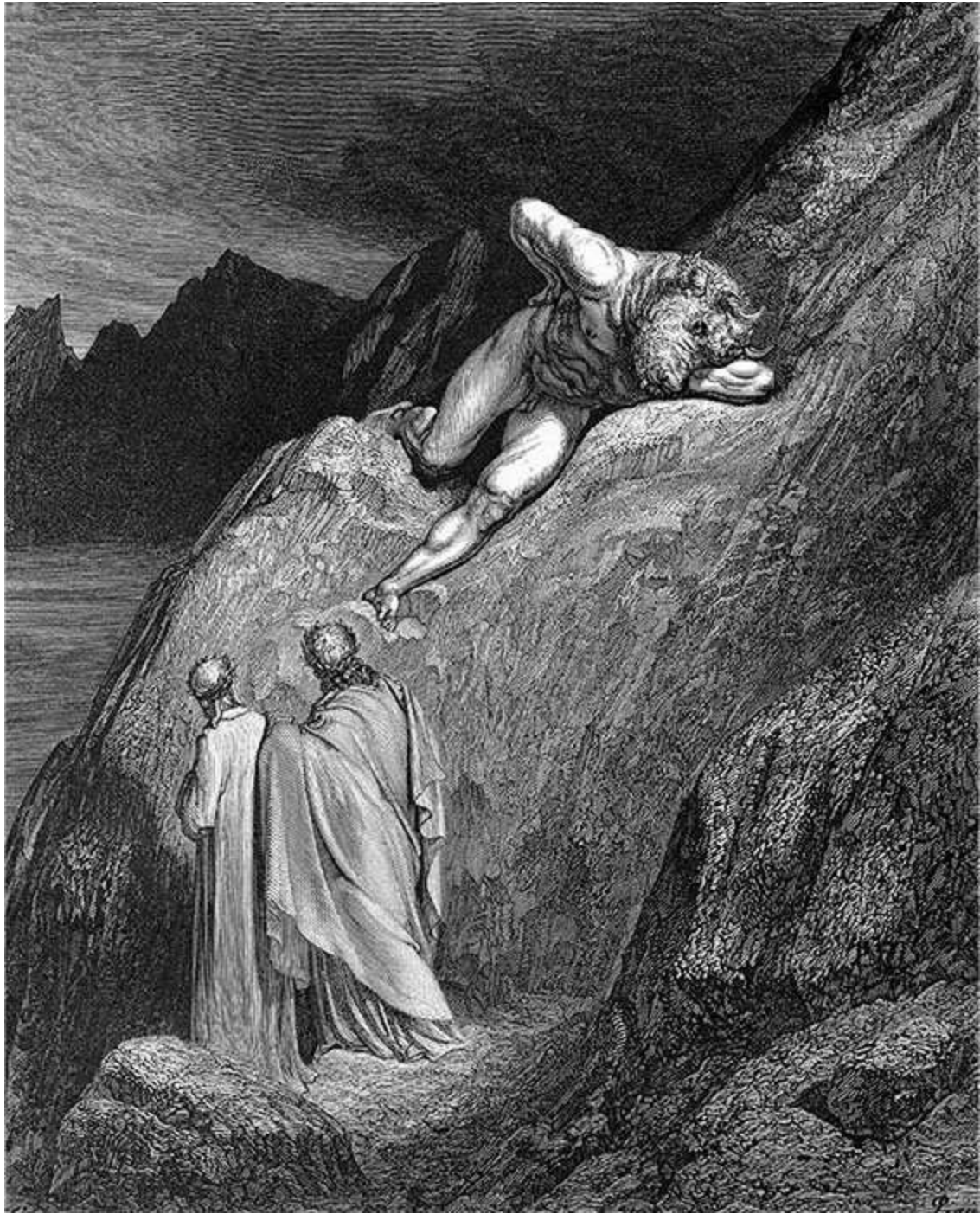
Inferno, canto IX.



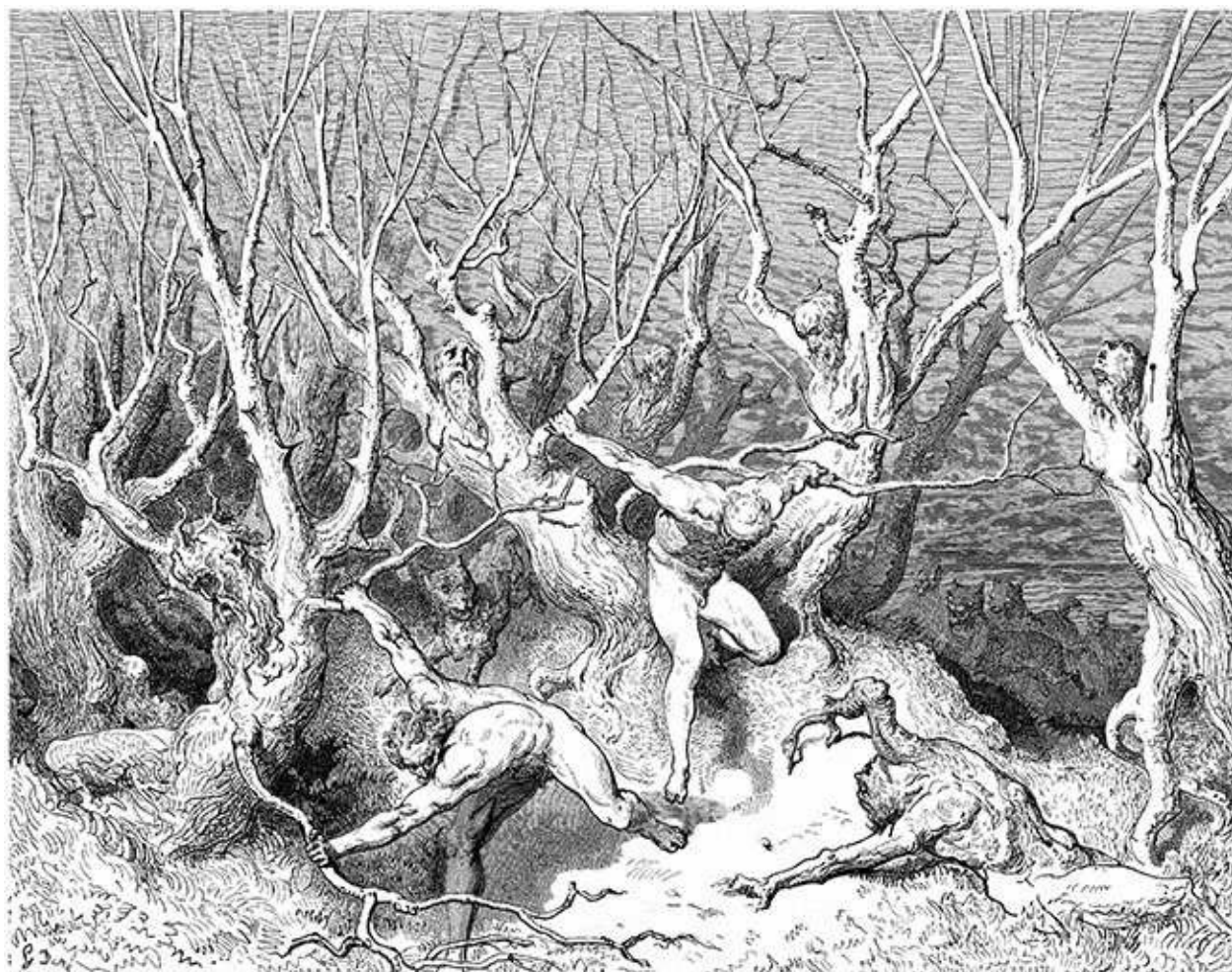
Inferno, canto X.



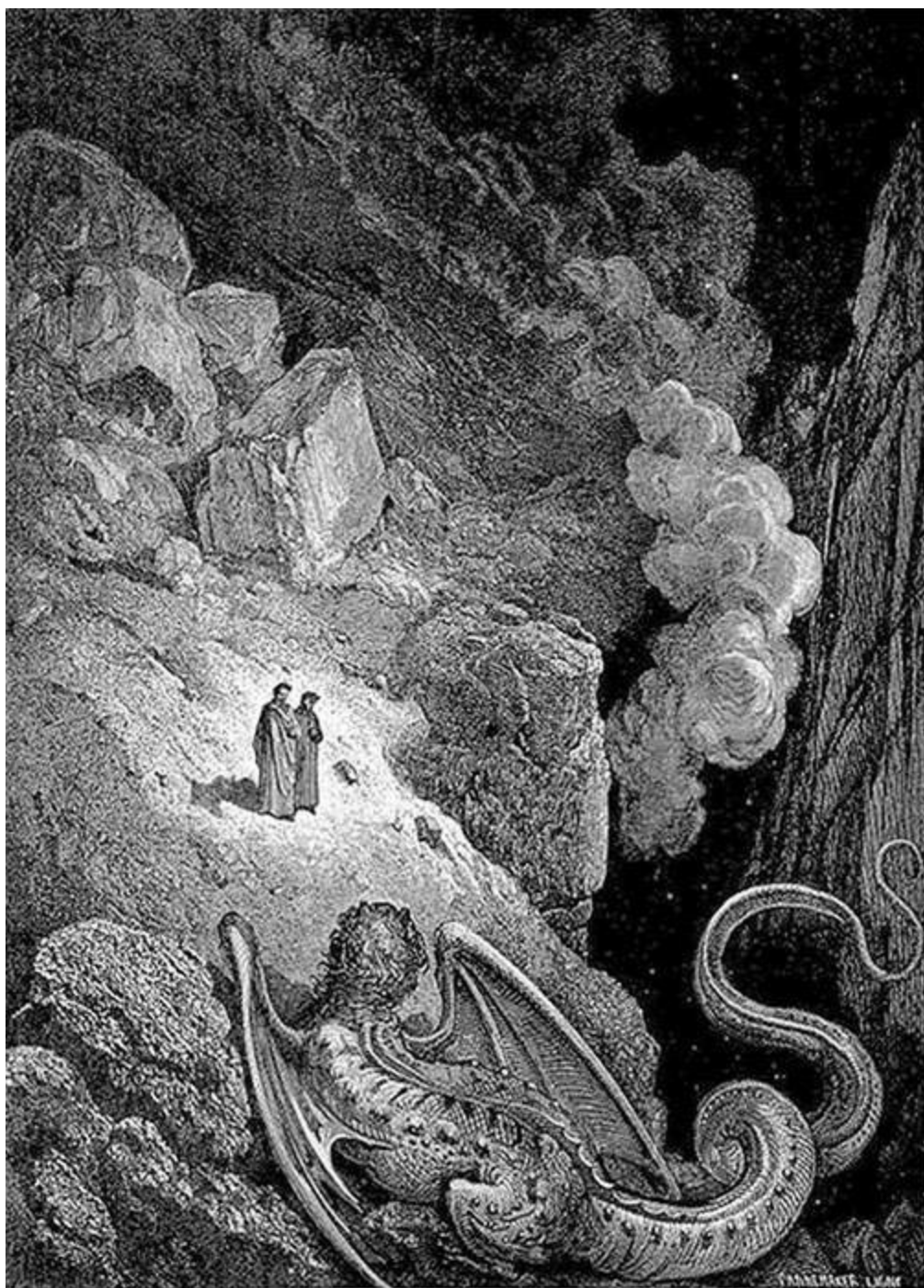
Inferno, canto XII.



Inferno, canto XII.



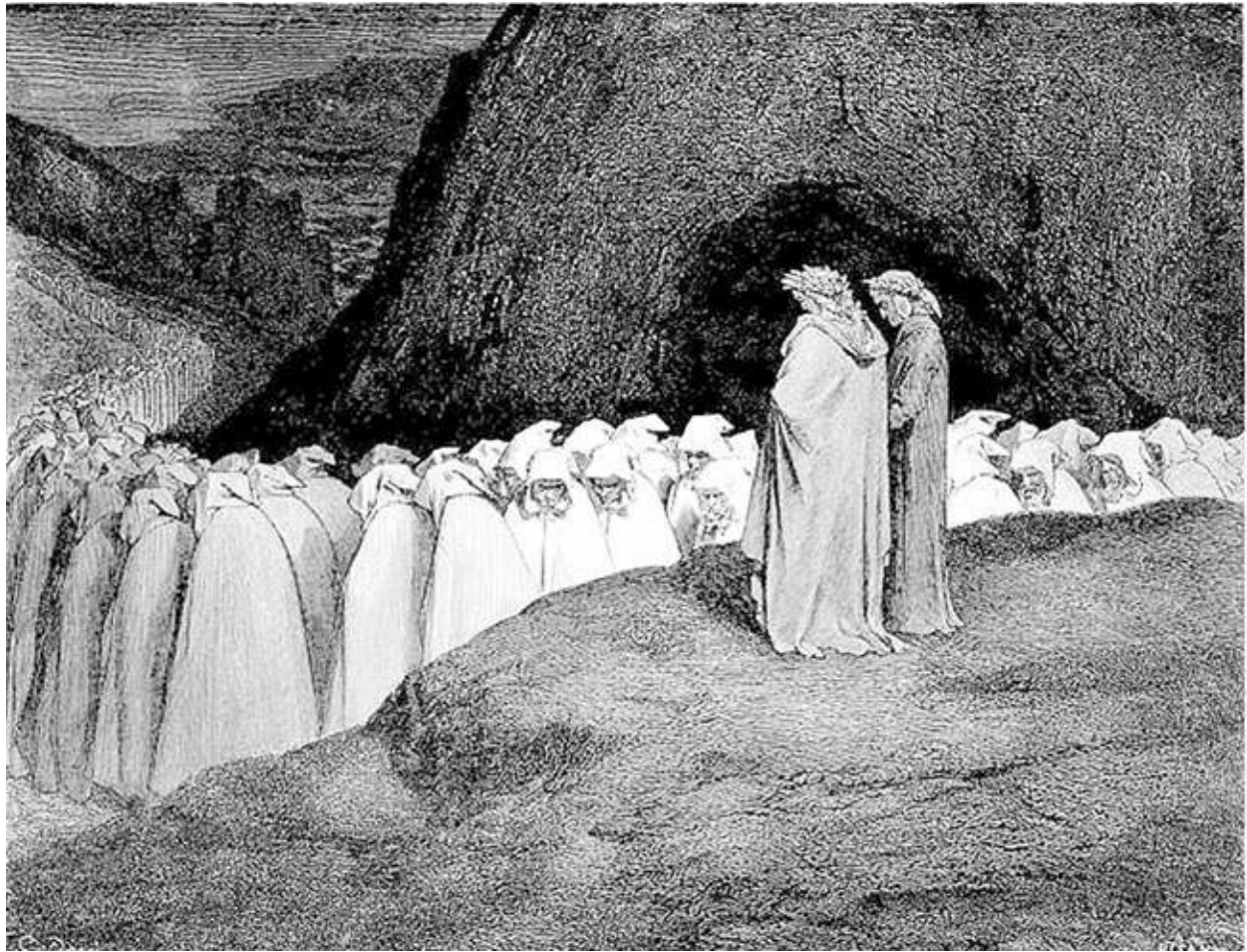
Inferno, canto XIII.



Inferno, canto XVII.



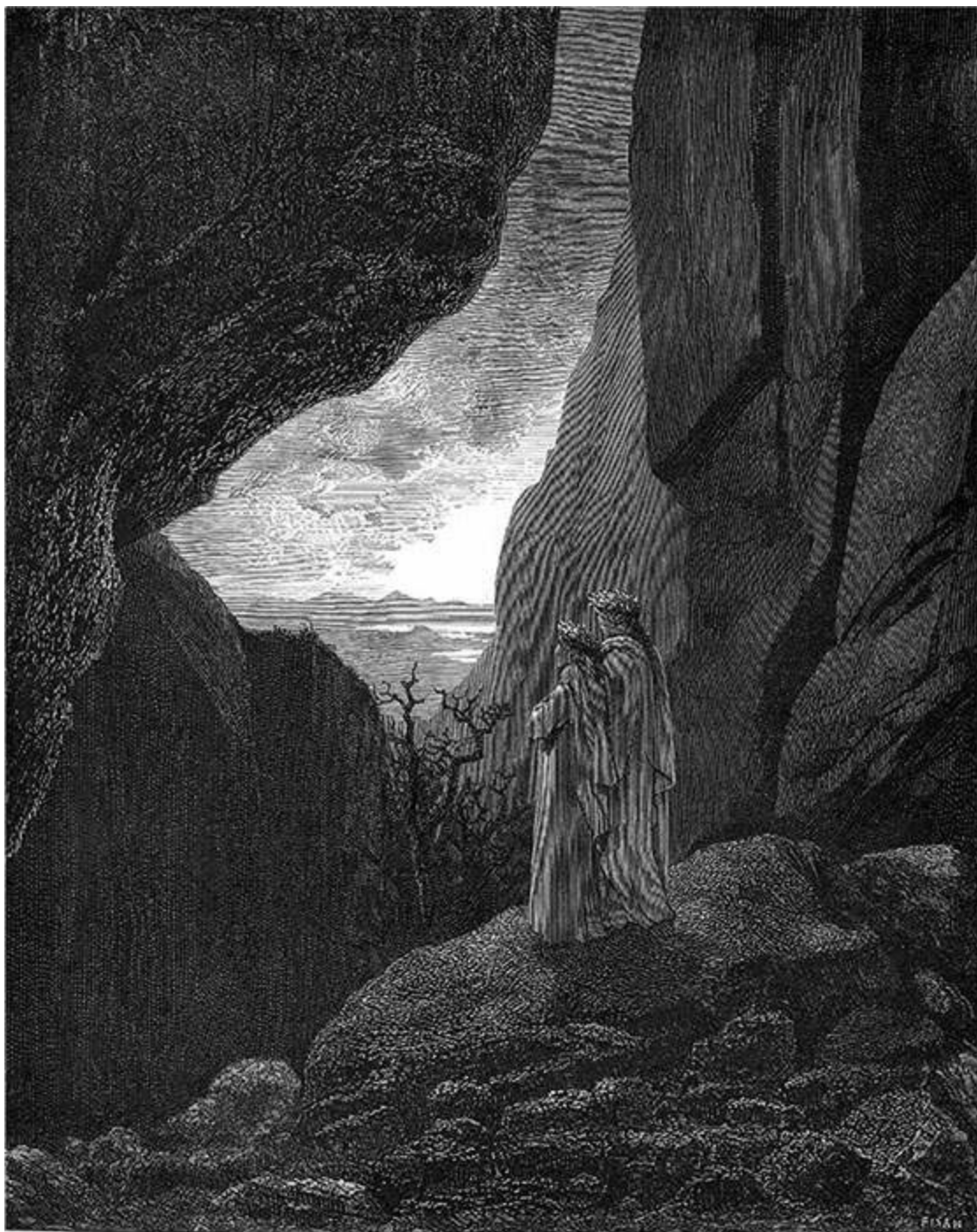
Inferno, canto XXII.



Inferno, canto XXIII.



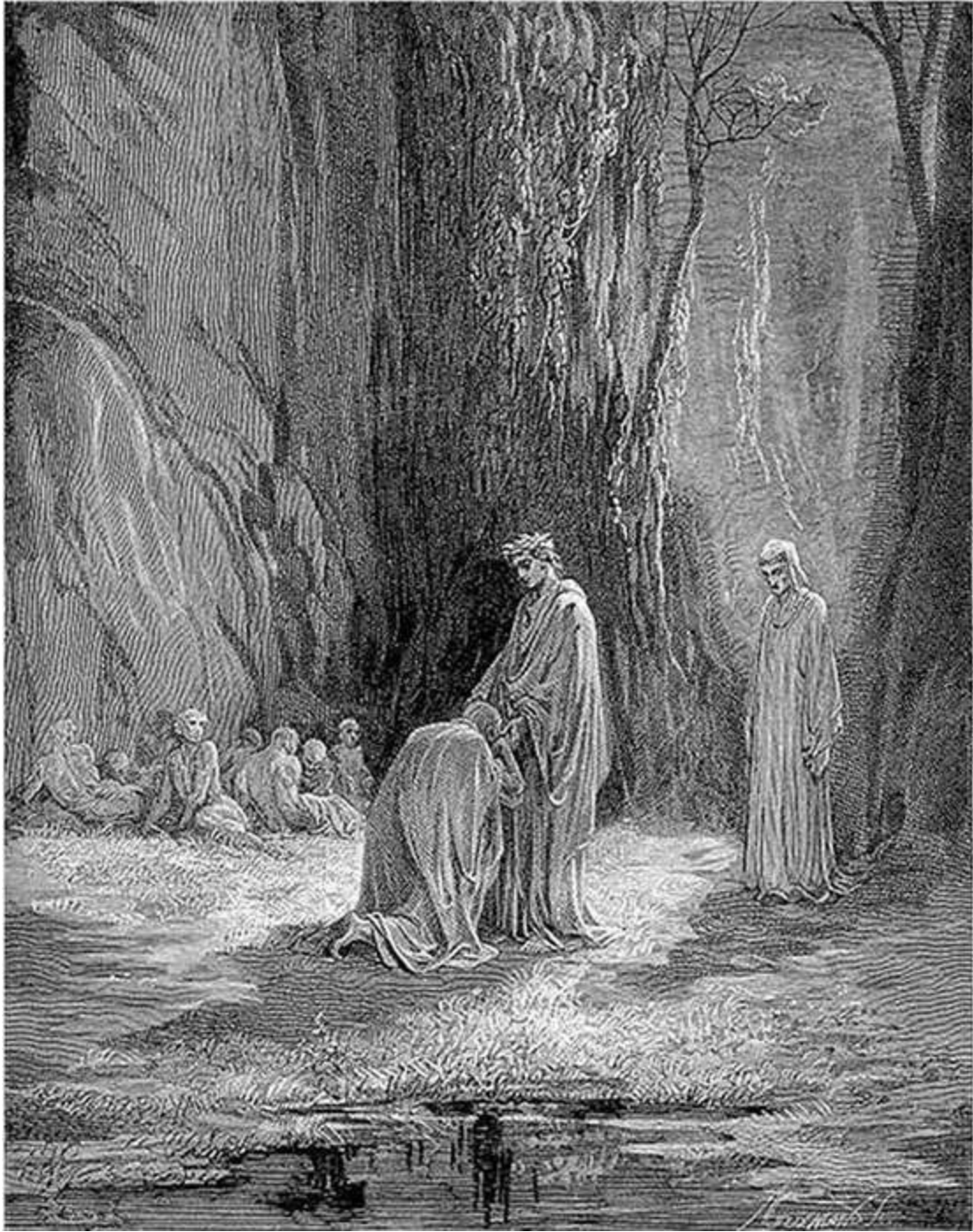
Inferno, canto XXXI.



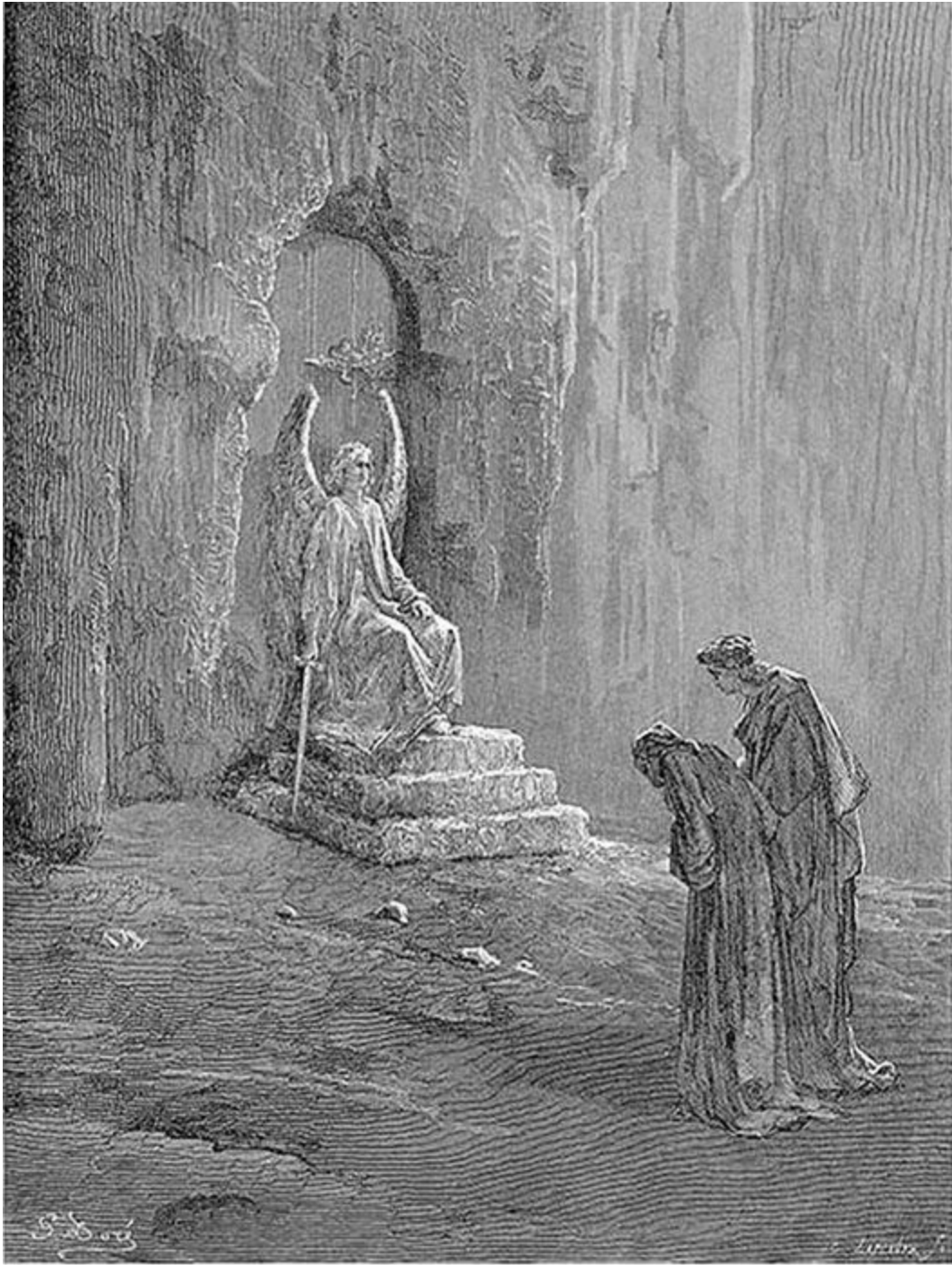
Inferno, canto XXXIV.



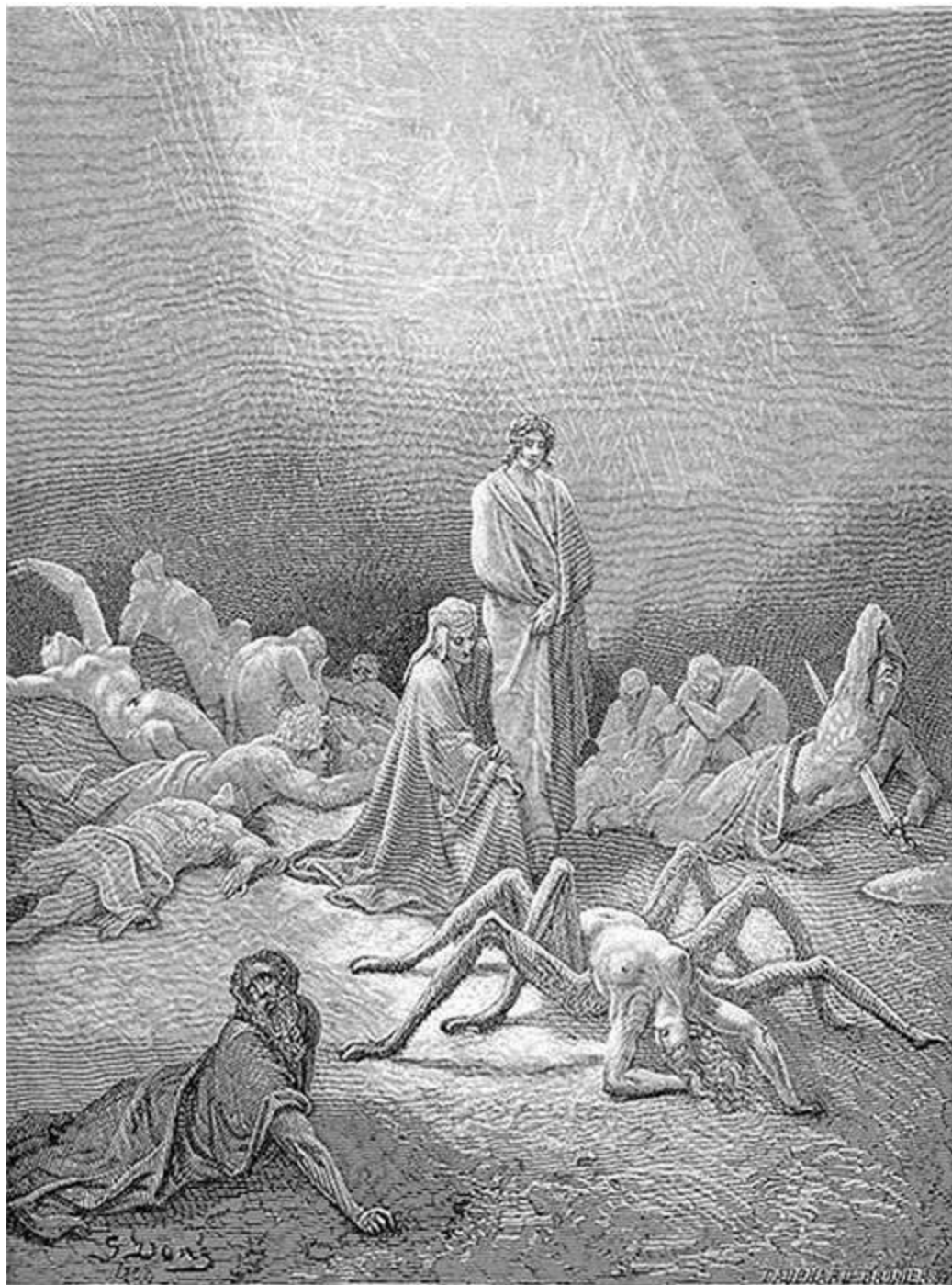
Purgatório, canto V.



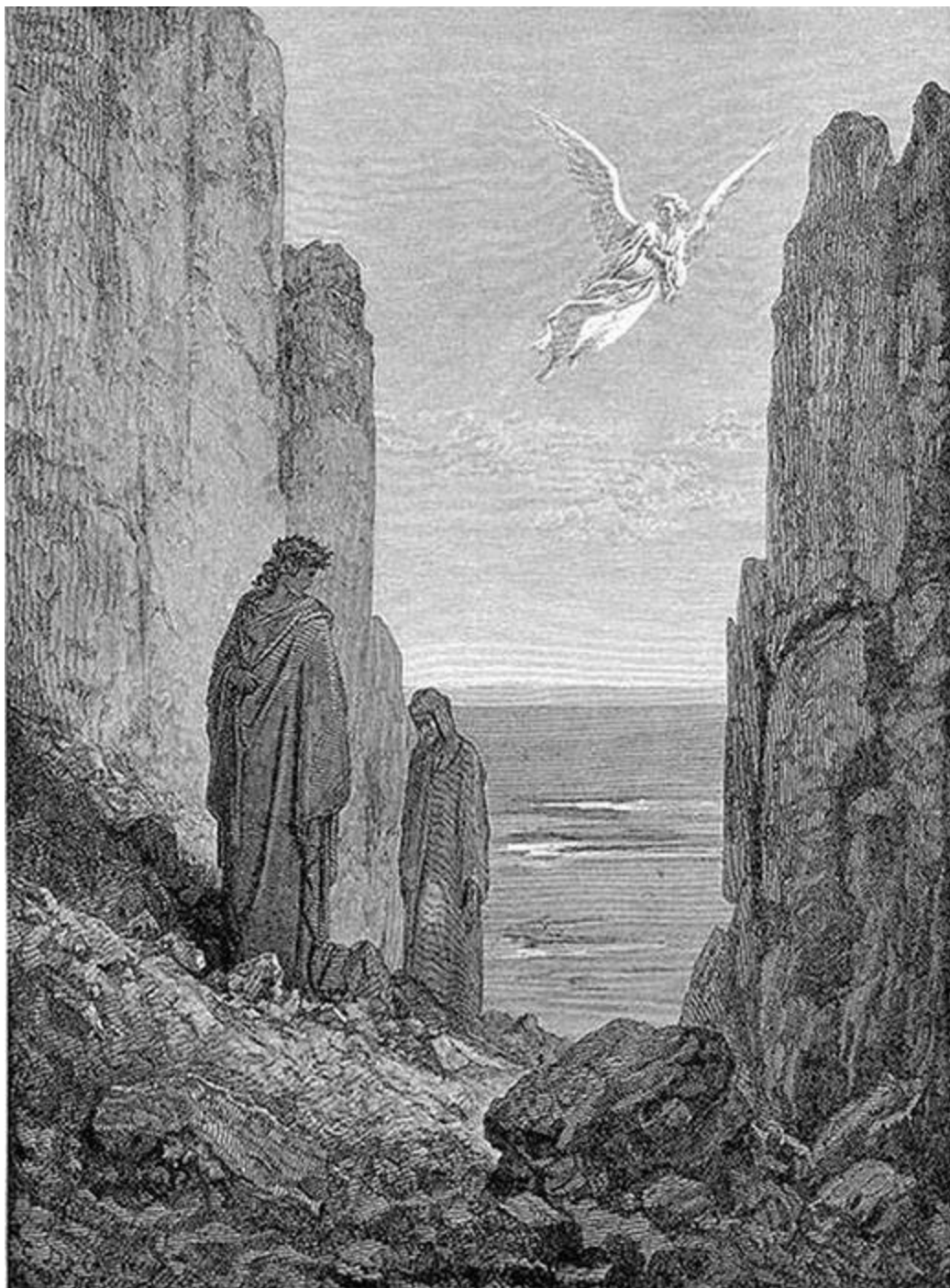
Purgatório, canto VII.



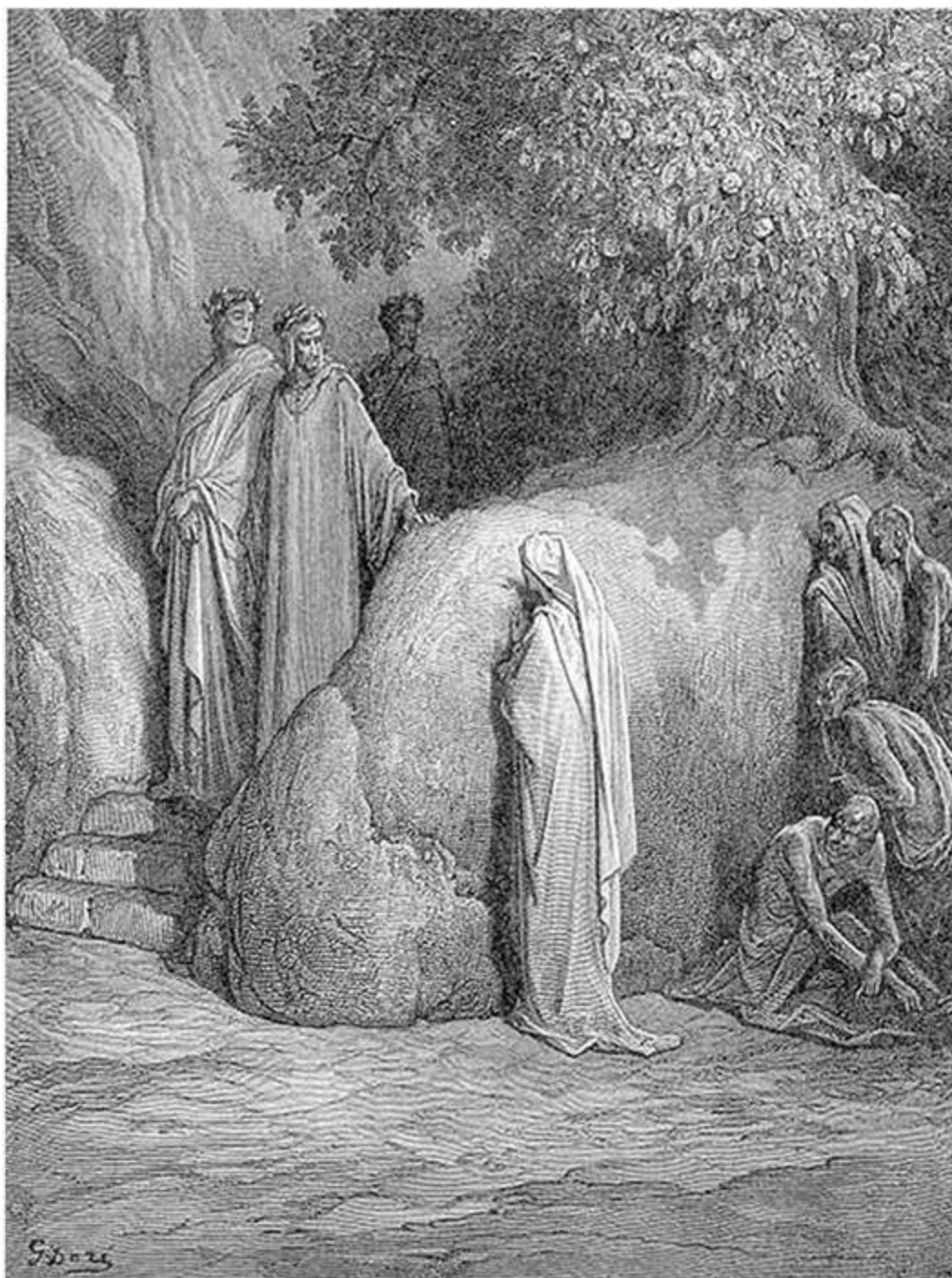
Purgatório, canto IX.



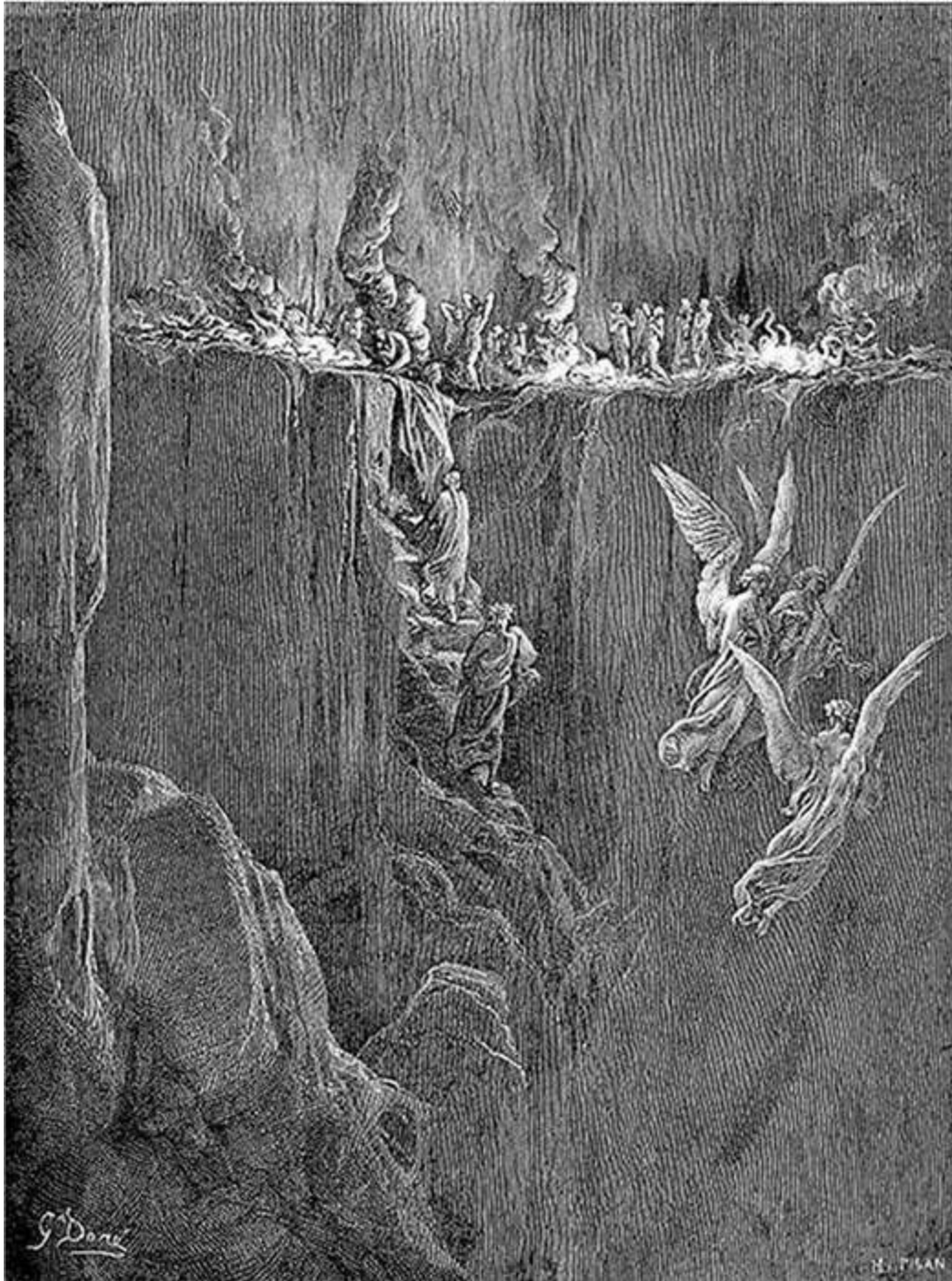
Purgatório, canto XII.



Purgatório, canto XIX.



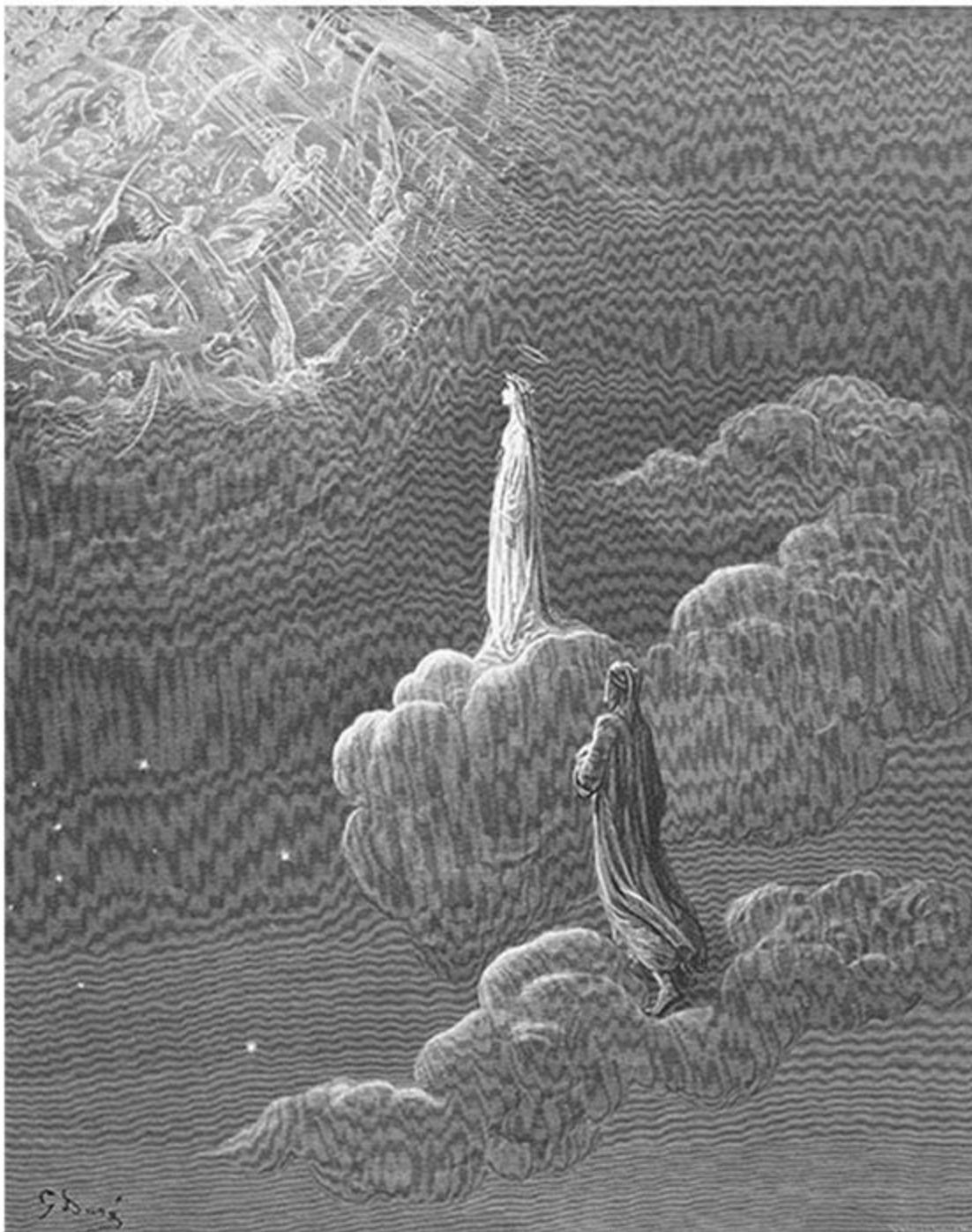
Purgatório, canto XXIII.



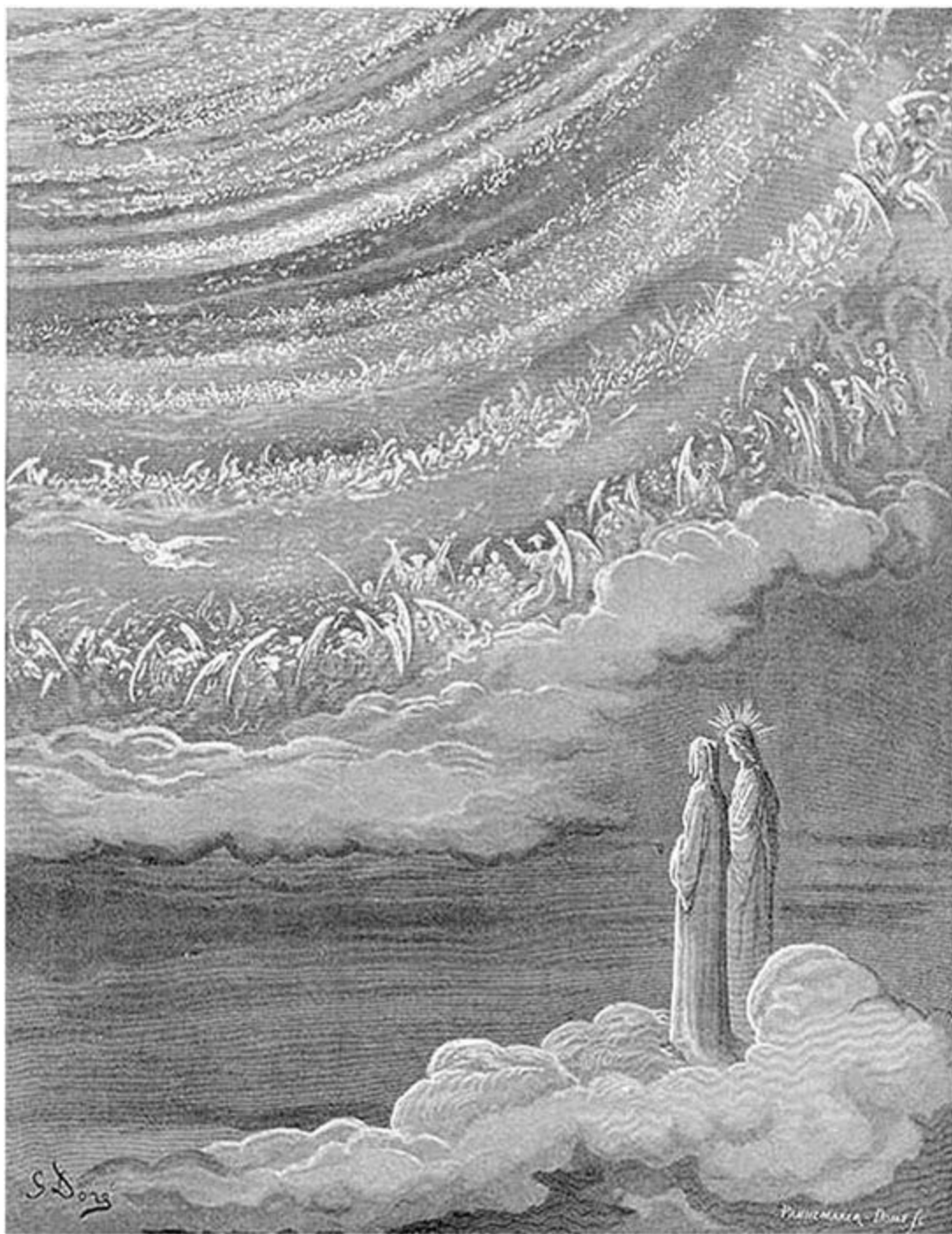
Purgatório, canto XXV.



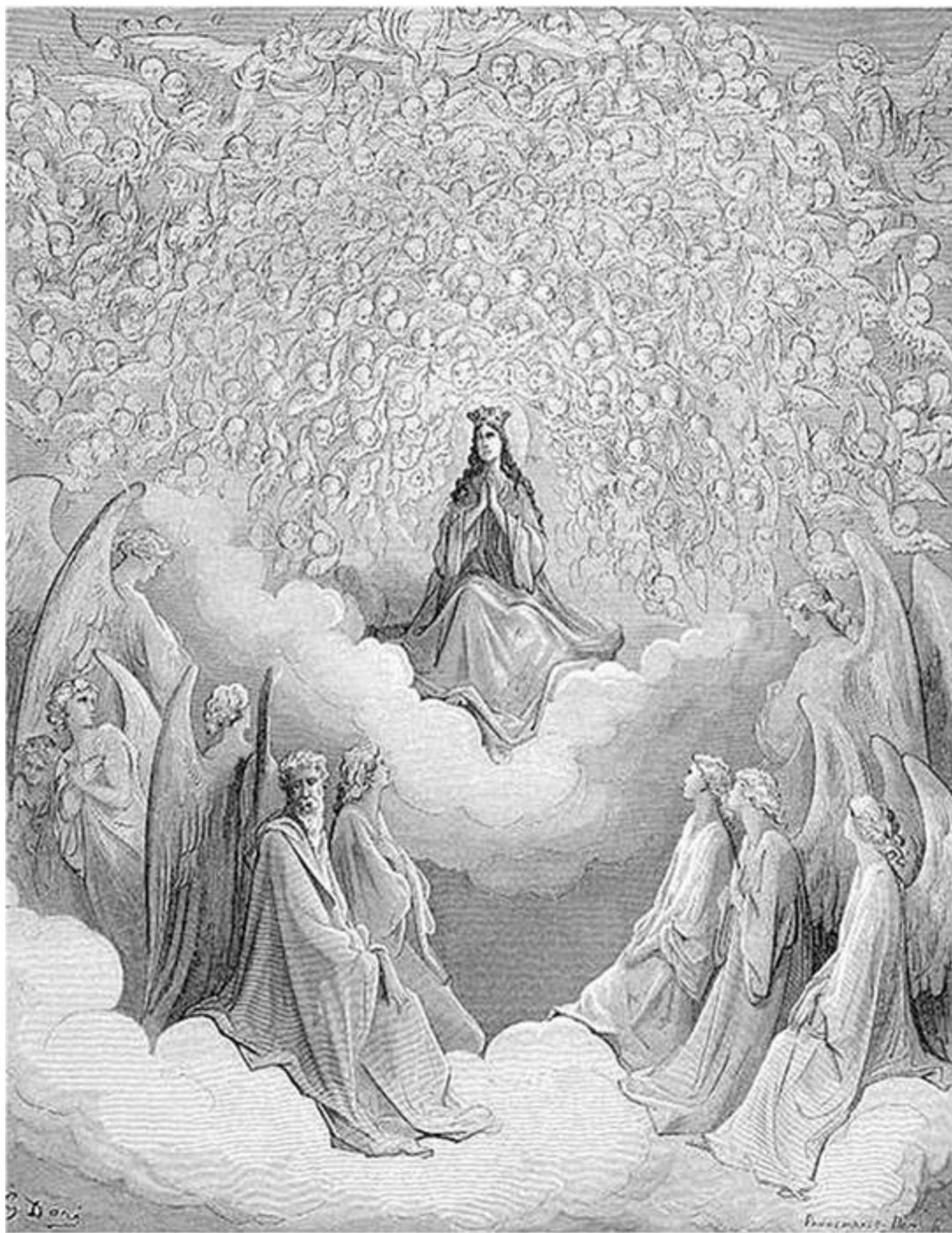
Purgatório, canto XXX.



Paraíso, canto XIV.



Paraíso, canto XXVIII.



Paraíso, canto XXXI.